

• BOX COMPLETO •

The background of the entire image is a photograph of a wide, empty city street with cars parked on the sides and buildings in the distance. Overlaid on the top half of the image are two women. The woman on the left has long, dark, wavy hair and is looking towards the camera with a slight smile. The woman on the right has long, vibrant red, wavy hair and her eyes are closed, looking upwards. The title 'Além DAS RUAS' is centered over the image, with 'Além' in a white script font and 'DAS RUAS' in a large, bold, dark red sans-serif font.

*Além*  
**DAS RUAS**

ROZZE OLLIVER



• BOX COMPLETO •

*Além*  
**DAS RUAS**

ROZZE OLLIVER



• BOX COMPLETO •

*Aleim*  
**DAS RUAS**

ROZZE OLLIVER

Copyright © 2021 Rozze Olliver

**ALÉM DAS RUAS**

**LIVRO 1**

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma meios eletrônicos ou mecânico sem o consentimento e autorização por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.  
Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo do código penal.

Para todas aquelas pessoas que se sentirem representadas de alguma, ou todas as formas.

## Sumário

[01 CAPITULO UM](#)

[02 CAPITULO DOIS](#)

[03 CAPITULO TRÊS](#)

[04 CAPITULO QUATRO](#)

[05 CAPITULO CINCO](#)

[06 CAPITULO SEIS](#)

[07 CAPITULO SETE](#)

[08 CAPITULO OITO](#)

[09 CAPITULO NOVE](#)

[10 CAPITULO DEZ](#)

[11 CAPITULO ONZE](#)

[12 CAPITULO DOZE](#)

[13 CAPITULO TREZE](#)

[14 CAPITULO QUATORZE](#)

[15 CAPITULO QUINZE](#)

[16 CAPITULO DEZESSEIS](#)

[17 CAPITULO DEZESSETE](#)

[18 CAPITULO DEZOITO](#)

[19 CAPITULO DEZENOVE](#)

[20 CAPITULO VINTE](#)

[21 CAPITULO VINTE E UM](#)

[22 CAPITULO VINTE E DOIS](#)

[23 CAPITULO VINTE E TRÊS](#)

[24 CAPITULO VINTE E QUATRO](#)

[25 CAPITULO VINTE E CINCO](#)

[26 CAPITULO VINTE E SEIS](#)

[27 CAPITULO VINTE E SETE](#)

[28 CAPITULO VINTE E OITO](#)

[29 CAPITULO VINTE E NOVE](#)

[30 CAPITULO TRINTA](#)

[30 CAPITULO TRINTA E UM](#)

[32 CAPITULO TRINTA E DOIS](#)  
[33 CAPITULO TRINTA E TRÊS](#)  
[34 CAPITULO TRINTA E QUATRO](#)  
[35 CAPITULO TRINTA E CINCO](#)  
[36 CAPITULO E TRINTA E SEIS](#)  
[37 CAPITULO TRINTA E SETE](#)  
[38 CAPITULO TRINTA E OITO](#)  
[39 CAPITULO TRINTA E NOVE](#)  
[40 CAPITULO QUARENTA](#)  
[41 CAPITULO QUARENTA UM](#)  
[42 CAPITULO QUARENTA E DOIS](#)  
[43 CAPITULO QUARENTA E TRÊS](#)  
[44 CAPÍTULO QUATRO](#)  
[45 CAPÍTULO QUARENTA E CINCO](#)  
[46 CAPITULO QUARENTA E SEIS](#)  
[47 CAPITULO QUARENTA E SETE](#)  
[48 CAPITULO QUARENTA E OITO](#)  
[49 CAPITULO QUARENTA E NOVE](#)  
[50 CAPITULO CINQUENTA](#)  
[51 CAPITULO CINQUENTA E UM](#)  
[52 CAPITULO CINQUENTA E DOIS](#)  
[53 CAPITULO CINQUENTA E TRÊS](#)  
[54 CAPITULO CINQUENTA E QUATRO](#)  
[55 CAPITULO CINQUENTA E CINCO.](#)  
[56 CAPITULO CINQUENTA E SEIS](#)  
[57 CAPITULO CINQUENTA E SETE](#)  
[58 CAPITULO CINQUENTA E OITO](#)  
[59 CAPITULO CINQUENTA E NOVE](#)  
[60 CAPITULO SESSENTA](#)  
[61 CAPITULO SESSENTA E UM](#)  
[62 CAPITULO SESSENTA E DOIS](#)  
[63 CAPITULO SESSENTA E TRÊS](#)  
[64 CAPITULO SESSENTA E QUATRO](#)



[65 CAPITULO SESENTAE CINCO](#)

[66 CAPITULO SESENTA E SEIS](#)

[67 CAPITULO SESENTA E SETE](#)

[68 CAPITULO SESENTA E OITO.](#)

[69 CAPITULO SESENTA E NOVE](#)

[70 CAPITULO SETENTA](#)

[71 CAPITULO TRINTA E UM](#)

[72 CAPITULO SETENTAE DOIS](#)

[73 CAPITULO SETENTA E TRÊS](#)

[74 CAPITULO SETENTA E QUATRO](#)

[35 CAPITULO SETENTA E CINCO](#)

[36 CAPITULO SETENTA E SEIS](#)

[77 CAPITULO TRINTA E SETE](#)

[78 CAPITULO TRINTA E OITO](#)

[79 CAPITULO TRINTA E NOVE](#)

[80 CAPITULO OITENTA](#)

[81 CAPITULO OITENTA E UM](#)

[82 CAPITULO OITENTA E DOIS](#)

[83 CAPITULO OITENTA E TRÊS](#)

[84 CAPITULO QUARENTA E QUATRO](#)

[Depois do fim – Epílogo](#)

## 01 CAPÍTULO UM

Rio de Janeiro. 2010.

NITA.

**QUANDO** meu pai me escorraçou de casa, decidi deixar tudo para trás e viver longe de São Paulo. Principalmente depois da tragédia que aconteceu com a Drica.

Dois anos andando sem rumo, vivendo nas ruas e peregrinando pela capital do Rio. E eu ainda não havia encontrado nem uma pista da Renatão.

Desgraçada miserável!

Não poderei viver em paz enquanto não dar um fim naquela filha da puta, fazer com ela o que fez com a minha namorada. A sede de vingança que me supria era como um combustível inesgotável da mais alta potência. Eu não conseguia pensar em absolutamente nada que pudesse me fazer parar, desviar.

Encolhi-me toda, castigada pelas rajadas de vento forte que vinham do mar naquela madrugada fria, e solitária, na praia da Tijuca. Estava lutando contra o frio e a fome. O único centavo que eu tinha na mochila, me roubaram em um arrastão no calçadão.

Deitei sobre a areia e encarei o céu, as mãos sobre o ventre distendido e os cabelos espalhados, cheios de dread.

Fechei os olhos e me imaginei apreciando uma fatia quente de pizza; o queijo derretendo, se esticando todo. Passei a língua nos lábios, a fome me agonizando, ferrando com meu estômago. Mirei o breu do céu; estava limpo, sem estrelas. Pensei que àquela hora talvez não existisse nada aberto por ali e, mesmo que tivesse, eu não teria grana para comprar uma bala sequer. Levantei e espanei a areia da roupa. Precisava ingerir alguma coisa, ou desmaiaria. Caminhei sem rumo, afundando os pés na areia, passando pelos quiosques à procura de uma lata de lixo onde eu pudesse ter a sorte de encontrar a metade de um sanduíche bom, pois nas últimas 24 horas só havia comido porcarias.

Continuei andando, me abraçando forte, protegendo-me do frio. Um pouco mais à frente avistei uma lixeira. Sondei os lados e não havia ninguém. Cheguei perto e dei uma checada primeiro. Olhei mais uma vez ao redor. Eu estava sozinha. Prendi os dread para o alto e mergulhei o braço procurando por qualquer resto de comida. Pelo menos ali não tinha nada pútrido, que cheirasse mal.

Encontrei mais da metade de um pão comido, com recheio de presunto e queijo, e meia garrafinha de suco artificial. Esfomeada, dei uma abocanhada no misto e continuei à procura de mais restos. Revirei, remexi, e meus dedos se depararam com algo que parecia uma joia. Uma pequena corrente. Trouxe para a vista; um cordão fino e bem delicado cintilava na luz compacta a céu aberto. Adornava um coração como pingente.

Tomei o resto do suco no fundo da garrafa, e terminei de comer o pão. Depois fiquei analisando o colarzinho. Perguntei-me se a peça tinha algum valor real. Se daria ao menos para vender o almoço pra comprar a janta. Abri o coração, e havia um nome grifado.

“Marcela”.

Um nome forte. Deslizei os dedos por cima, imaginando o rosto da dona daquela peça tão delicada. Aparentava ter um valor sentimental muito grande. Guardei no bolso e procurei por mais comida. Mas não havia mais nada que eu pudesse aproveitar. Caminhei um pouco mais, procurando um lugar camuflado do frio para descansar.

Acordei horas depois, com a claridade do sol cegando meus olhos e o calor ardendo por debaixo da minha roupa.

Que horas eram?

Maldição! Não deveria ter dormido tanto.

Gritos, risadas. Um mix de vozes chamou minha atenção, me fazendo despertar de vez. Ergui o corpo ficando sentada na areia. Olhei para o lado e um grupo de pessoas se organizavam, animadas, a poucos metros.

— Porra! Tanto espaço e essa gente veio boiar logo aqui?

Minha vontade era de ir lá, tirar satisfação e expulsar todos dali. Bufei, desviando a atenção. Olhei à minha frente, o mar estava incrivelmente lindo, convidativo. Crianças brincando, correndo por

todos os lados. Jovens, adultos, mulheres se lambuzando de protetor, vendedores ambulantes. Tudo muito bom, uma sintonia gostosa de assistir. Animei e fui lá me enfiar no meio deles, me sentir um pouco em família. Tirei a camiseta e fiquei somente de shortinho lycra e um tope sem alça, deixando em evidência minhas coxas bem malhadas e o abdômen trincado. Meu corpo era um pouco masculino pela rotina da luta de quando eu praticava, profissionalmente, artes marciais. Mas eu gostava do meu poste físico, não era nada muito exagerado, masculinizado.

Olhei em volta, tudo tropical. Em São Paulo não havia praias como no Rio. A maior metrópole do país se estende em prédios gigantes por todo lugar. Senti nostalgia ao lembrar da minha vida há dois anos, ou parte dela. Eu seria hipócrita em dizer que não sentia falta de todo o conforto e comodidade da casa dos meus pais. Desde que me entendia por gente, vivia arrodeada de luxo e ostentação.

E, desgraçadamente, sempre fui disputada pelos caras mais bad boy de Moema. Minha fama começou a se expandir, quando ganhei vários campeonatos de luta. Um seguido do outro. Nunca fiquei fora do pódio em nenhuma disputa.

Por outro lado, minha família carregava nas costas a velha tradição milenar de querer casar um filho com quem lhe parecesse mais correto e digno.

Meu pai tentou me casar com praticamente todos os seus amigos executivos, da mais alta elite. E minha mãe, sempre subserviente, concordava. Aceitava tudo.

Só que eu sempre dava um jeito de sair fora, inventava desculpas, pedia para minhas amigas darem em cima dos caras e meu pai flagrar tudo. Sempre dava certo. Só que, daquela vez, *daquela maldita vez*, não suportei a ousadia do meu velho em querer forçar a barra. Desejar me casar com um idoso de 58 anos, foi o ápice. E o pior, e mais revoltante, eu não sabia, estava alheia a tudo.

Cheguei do acampamento, naquele dia, e dei de cara com a festa armada. A sala receptiva, cheia de gente estranha, que eu nunca tinha visto nem de longe. Subi para meu quarto e me vesti, planejando tudo na cabeça. Parte da raiva e ódio foram se

dissolvendo em lágrimas, molhando meu rosto e minha boca. Chorei silenciosamente, sem soluçar. Deixei a revolta, os gritos e tudo o que estava entalado na garganta para a hora oportuna.

Desci as escadas e o montante de gente me contemplava como se eu fosse uma deusa, dona deles. Não tentei forçar um sorriso como das outras vezes. Meu pai veio logo na frente, me aparando, me dando a mão. Sorriu, me levando até ao que seria meu noivo e futuro marido, mas antes que eu chegasse até o velho, me soltei com brusquidão da mão do meu pai e parei no meio de toda aquela gente.

Olhei para minha mãe e na hora entendi seu olhar. Só que daquela vez eu não recuei. Antes de falar, meus olhos se inundaram. Lágrimas que nunca vieram em todas as vezes que estive ante àquela situação. Eu não era de chorar, me desmontar, mas naquele momento foi inevitável. Era o fim de um ciclo. Olhei para todos e comecei a extravasar.

Falei, gritei, confessei que eu não iria casar com o velho. Revoltado, meu pai se dirigiu até mim, mas antes que ele falasse qualquer coisa eu o empurrei, também revoltada. Gritei, tirando uma tonelada das costas:

— *Eu sou lésbica! Sapatão! Gosto de mulher, pai. E estou namorando uma. Uma mulher!*

Minha voz saiu muito embargada, a emoção à flor da pele. O alívio veio com a revelação, mas o medo também estava lá, lado a lado com a coragem. Ele agarrou meu braço com força, numa clara intenção de me machucar. Queria me humilhar. Retorci contra sua mão de aço, e a minha mãe se manifestou, trêmula, intercedendo por mim, pedindo para que me soltasse. Naquele momento, eu não era a lutadora, a incrível lutadora; a que tinha a força de um homem. Eu era a filha, um ser humano como qualquer outro desprovido de excepcionalidades e arrebatado de emoções.

Os convidados se entreolharam e a enorme sala da minha casa se encheu de burburinhos. Alguns pareciam até já saber ou desconfiar da minha orientação sexual, pois não reagiram, deram de ombro, bebendo de bebidas caras.

— *Se esse é o problema, não se preocupa. Eu vou fazer você gostar de homem, princesa.*

Olhei para trás e, enfim, conheci o rosto de quem seria meu noivo. Ele me olhava feito um abutre, me comendo com os olhos. Tive vontade de socá-lo até meu punho sangrar.

— *Nunca irá pôr essas mãos em mim, velho horrendo!*

O velho foi para tocar meu rosto, mas estapeei sua mão com força e raiva, enojada.

— *Não encosta!* — rosnei. Meus olhos fulminando-o, cheio de ódio, revolta pura.

Todos calaram-se parcialmente. Pareciam gostar do vexame, cheios de veneno no olhar, na voz baixa e discreta. Virei para a minha mãe. Ela estava chorando, contida e calada, mas daquela vez não senti pena.

— *Não vai falar nada? Não vai me defender?* — Olhei-a com profunda decepção.

Apenas abaixou a cabeça e chorou mais, se acomodando ao lado do marido carrasco.

Com muita selvageria, fui arrastada no meio da multidão e jogada do lado de fora. Sem pena, nem piedade. Como se eu fosse uma ratazana que tivesse sido encontrada no porão da casa.

— *Nunca mais apareça aqui! Não é mais minha filha! Esqueça o meu nome e, principalmente, esqueça que tem um pai!* — Esbravejou, no ápice da sua fúria.

Minha mãe ameaçou alguma reação a meu favor, mas foi puxada com indelicadeza por ele e levada para dentro de casa.

Sozinha, me permiti chorar tudo. Mas apesar da dor suprema de ter perdido meu lar, minha casa e meus pais, uma parte de mim estava aliviada. Eu seria dona de mim, sem máscaras.

Depois que me acalmei um pouco mais, fui atrás da minha namorada. Eu estava cheia de planos e expectativas, apesar da dor — que eu tratei de empurrar para bem longe. *Dri* era meu ponto forte, um amor real. Com ela eu queria viver uma vida, atar um elo. Estava apaixonada. Perdida e loucamente apaixonada.

Rasguei metade do vestido ridículo que eu usava, deixando apenas a parte superior do bojo, e fiquei somente com o short que havia colocado por baixo.

Fui atrás dela.



Cheguei em seu apartamento e achei estranho ela não atender a campainha. Eu não queria ligar, pois estragaria a surpresa. Desci e peguei uma cópia da chave no carro. Talvez estivesse dormindo, exausta da viagem do acampamento. Abri a porta e a chamei:

Uma. Duas. Três vezes.

Subi para o quarto e quando entrei a vi deitada, linda, de bruços, apenas de lingerie, com a almofada livre sobre a cabeça, como sempre gostava de dormir. Dei um riso malicioso, feliz, apesar de tudo. Mas o meu sorriso não vingou. Quando a virei para mim, Dri estava com o rosto todo deformado, ensanguentado. Recuei por puro espasmo, um reflexo gelado, espantoso. Senti que todo o sangue escapava do meu corpo ao me deparar com a imagem brutal estendida na minha frente. Não sei como consegui reagir, gritar seu nome.

— *Dri! Acorda! Acorda! Dri!*

Desesperada, a sacudi pelos ombros.

— *Acorda, Dri.*

Nada.

Apertei seu pulso três vezes. Estava morta. Morta!

Olhei em volta, louca, apavorada, sem saber o que fazer. Vi um envelope escorado, em um porta-retrato seu e o peguei. Minhas mãos tremiam com violência.

“Um presente para você e uma satisfação para mim.

*Renata Falcão.*”

Gritei, berrei, sai chutando tudo, cheia de dor. Minhas mãos tremiam sem parar. O ódio purgava como veneno nas minhas veias, nos meus olhos, no ranger dos dentes. Dei um soco na parede, sentindo os dedos craquelarem.

Não consegui olhar mais para Drica. Saí dali arrasada, em um turbilhão. Eu havia perdido minha família e minha namorada em questão de minutos. A sensação era de que o chão se abria debaixo dos meus pés e eu caía em um despenhadeiro negro, sem fim.

Sua morte saiu em todos os noticiários, jornais, imprensa marrom.

Não fui para o enterro. A única coisa que me movia, me regia, era encontrar Renatão e esfolar aquela filha de uma puta viva. Só

assim a paz me aliviaria, os pesadelos de todas as noites me deixariam em paz.

Fiz o que meu pai pediu. Não o procurei, não liguei, nem busquei saber deles. Há dois anos! Até meus amigos deixei para trás. Só gostavam das regalias que eu proporcionava com o meu dinheiro. *O dinheiro do meu pai*. Um bando de interesseiros. Exceto Priscila, que sempre me alertou sobre o caráter de todos.

— Oi, poderia tirar um foto nossa, por favor? — Um casal de namorados me chamou, já oferecendo o celular, trazendo-me de volta à realidade.

Levantei da areia molhada e bati uma sessão de fotos. Estavam bastante animados, felizes, parecia que haviam acabado de se conhecerem, no auge da paixão. Senti um pouco de inveja. Apreciei cada momento deles, cheios de sorrisos e boa energia. Lembrei da Drica, seu sorriso, seu jeito todo moleca. Aprendi a lidar com a dor, sem chamar a atenção das lágrimas. Elas quase nunca vinham, e eu preferia assim.

Entreguei o aparelho e dei mais um mergulho no mar.

O estômago já dava sinais de que eu precisava me alimentar. Fui pegar minhas coisas, me vestir e depois me mandar para o farol fazer malabarismo.

Cheguei no lugar onde eu tinha deixado minhas coisas e só encontrei minha mochila velha.

— Cadê minha bermuda? Minha blusa?

Revirei, olhei em volta e não achei. Escutei buchichos e risadinhas no grupo que tinha me tirado do sério.

Acerquei deles e exigi:

— Devolvam minhas coisas. Agora!

— Ou o quê? — Um deles revidou todo atrevido, cheio de graça.

Outra senhora só olhava, e mais um casal não dava a mínima, entretidos no celular. Uma moça ruiva, muitíssimo bela, cabelos cacheados, que aparentava ter minha idade, uns 26 anos, me encarou e depois desviou para o idiota.

— Entrega, Estéfan. Dá as coisas da moça.

Ela voltou a me olhar, tomando água de coco no canudo. Seus olhos me varreram de cima a baixo, bem azuis, demorando-se mais

do que o normal.

O cara escroto riu com desdém, tirou os óculos escuros e me olhou do alto da cabeça até a ponta dos pés. Senti o nojo tomando conta de mim antes mesmo que ele abrisse a boca.

— Você é bem gostosinha. Já pensou em fazer programa? Tem boas curvas, corpo bem torneado, pele lisinha, bronzada. Conheço uns amigos que gerenciam garo...

Não esperei que continuasse. Finquei o pé na mandíbula dele com um chute certo de karatê, a arte que eu sabia dominar bem. Embora a capoeira fosse meu verdadeiro dom.

Todos se levantaram, inclusive ele com os dentes cheios de sangue e o canto da boca partido.

— Sua vagabundinha de rua! — E veio pra cima. Dominei seus braços para trás, fazendo-o rosnar de dor.

— O que disse, escroto de merda? Fala de novo!

Ele trincou os dentes, rosnando, tentando se livrar, desvencilhar do aperto. Eu sentia seus braços tremerem de raiva. E de dor.

— Me solta, vadia!

Girei o corpo dele com tudo e soquei com força o joelho entre suas virilhas.

— Pronto. Pedido atendido. Mais alguma coisa? — Virei para todos. Ficaram mudos, me olhando assustados. E o patife se retorcendo no chão.

— E aí? Vão entregar minha roupa ou terei que chutar tudo isso aqui, porra?

Dei uma olhada geral para todas as coisas estendidas na areia: depósitos de comida, frutas, bolsas e pertences pessoais.

A ruiva me encarava de modo curiosamente estranho, insistente. Não aparentava estar com medo, pelo contrário.

— Ali.

— Ali aonde? — Virei para a direção ao qual ela apontou. Não vi nada, além de um amontoado de areia.

— Está cega, sua vadia?

Girei, dando outro chute no mala imbecil. O verme rolou de dor, esfregando as costelas.

Uma senhora o ajudou. E também o repreendeu. Grosseiro, mandou que ela calasse a boca, chamando-a de velha chata e intrometida. Cerrei os punhos, nauseada, suprimindo a vontade de continuar socando-o.

A ruiva levantou e caminhou para o monte de areia. Agachou-se, vi minha roupa surrada aparecer no meio do pó. Custei a acreditar que um adulto tivesse sido capaz de tanta infantilidade. Parecia até arte de crianças peraltas.

— Toma. E... desculpa por tudo. — Desculpou-se e manteve os olhos em mim, encarando-me com algum tipo de interesse. Estava impressionada, deslumbrada até. Era como se quisesse ir muito além de um pedido de desculpas.

Ignorei, não valia a pena me desgastar com essa gente. Dei as costas e ela me chamou.

— Ei?

Parei impaciente e virei.

— O que foi agora? Não bastou tudo isso? — Ergui as roupas cinzentas de areia.

Ela se aproximou. Sua expressão gentil, e passiva, me fez baixar a guarda.

— Tem uma moradia aqui próximo. Uma espécie de república. Não é um lugar cheio de luxo, pelo contrário. Você se hospeda e ainda podem te dar trabalho.

Estreitei os olhos, ligeiramente desconfiada.

— Pode confiar, apesar de tudo, é legal. Se quiser, passa lá e confere.

Falou o endereço e gravei na memória.

— Mora lá?

— Não, mas tenho amigas e conhecidos hospedados.

Eu ia perguntar mais, me informar, mas o cara sacana e cheio de marra se aproximou e a sacudiu pelo braço.

— Vamos! Pode se contaminar com essa ...

— Vê bem o que vai falar. Ou eu quebro esses dentes de uma vez.

Ele me olhou furioso, com uma vontade desmedida de vir pra cima.

— Vamos, Marcela! Está esperando o quê?

Marcela...? Na mesma hora associei o nome ao cordão que achei na lixeira.

O nome perambulou na minha mente e olhei com mais atenção para a tal Marcela.

Fiquei em alerta. Coincidência ou não, resolvi me calar. Não perguntei, não sondei. Afinal, existem uma massa de pessoas com o mesmo nome por aí. Fiquei na minha, assistindo a belíssima ruiva se distanciar. Ela também ficou me encarando, olhando para trás enquanto ia sendo praticamente arrastada pelo cretino grosseiro.

Fui embora com ela martelando na cabeça. Se a joia tinha alguma chance de ser sua, eu iria descobrir. Disse que tinha amigos na tal república. Eu não estava a fim de um lugar fixo para morar. Esse não era meu propósito, não ainda. Talvez eu mudasse de ideia mais para frente.

Caminhei pelas filas de camelô, bem distante da praia. Uma gama de jornais me chamou a atenção. Uma imagem de octógono se estampava na primeira folha.

O comerciante me olhou desconfiado, atento, como se eu fosse pegar o noticiário e correr.

— Estou só olhando. Relaxa. — Peguei o jornal e li o título gigante:

*Renata Falcão, ex rainha do octógono, está sendo investigada, oficialmente, pela polícia federal.*

Tentei me conter, ser fria, mas na mesma hora meu sangue tomou a intensão de uma erupção vulcânica. Minha respiração se alterou raivosa, dilacerante. A imagem da Drica na minha cabeça veio com tudo. O corpo mole, sem vida em cima da cama, o rosto maculado, quase irreconhecível, me trouxe uma lágrima que escorreu sem a minha permissão pelo canto do olho.

Era a primeira vez, em dois anos, que eu tinha notícias de Renata Falcão.

Agora eu iria até o fim. Nada e nem ninguém me faria parar. Por Drica.

## 02 CAPITULO DOIS

MARCELA.

**ENTRE** náuseas e sonolências, esse era o segundo desmaio que eu sofria na semana. Estéfan estava irritado, conjecturando uma possível gravidez. Pedi aos céus que estivesse enganado. Seria um castigo estar grávida de um marido como Estéfan Lins.

— Se estiver grávida vai tirar. Entendeu?

Não me surpreendi com suas palavras absurdas. Conhecia bem o homem com quem eu convivia. Era egoísta e insensível

— Nem morta! — Olhou-me ainda mais furioso, cheio de marra, como se fosse meu dono. Não me intimidei. — Eu também abomino a ideia de ter um filho contigo. Não pense que me agrada essa possibilidade de estar grávida, mas...

— Não tem "mas", porra! Vai tirar e pronto! — Firmou os olhos nos meus, sedento. Recuei um pouco. Estava fraca, ainda sob o efeito do desmaio. Tateei a parede e sentei. Veio mais perto e afagou minhas costas.

— O que foi, meu amor?

Eu odiava sua dupla personalidade. Parecia um louco psicopata. Em segundos mudava de comportamento como quem desvia o olhar de um lugar para o outro.

Empurrei-o, ele se alterou de novo.

— Quer morrer sozinha? Morre!

Ele já ia pegar o corredor à direita, quando a porta ao lado se abriu.

— Marcela Bellini.

Levantei, um pouco mareada, quando os olhos da mulher toda montada de branco bateram em mim.

— Quer ajuda? — Estéfan perguntou com uma preocupação fingida.

— Não!

— Vou com você.

— Não precisa!

A mulher, cujo nome no uniforme era Daniele, interferiu.

— É indispensável que esteja acompanhada. Seu estado praticamente exige. A doutora vai informar seu prognóstico e é recomendável que alguém esteja junto. Seu acompanhante parece preocupado.

O desconforto da tontura me impediu de sorrir ironicamente.

*Estéfan preocupado comigo? Nem em outras vidas.*

A moça fitou-me preocupada, penalizada. Eu estava realmente mal. O esforço que eu fazia para me manter de pé, era absurdamente grande.

Virei para Estéfan, ele chegou mais perto, com aquele olhar falso, manipulador.

Entramos e cumprimentamos a doutora antes de acomodarmos na cadeira.

— Me fala sobre o que sentiu nas últimas horas.

A voz gentil e plácida me deixou bem à vontade. Descrevi todos os sintomas que vinha sentindo nos últimos dias. A doutora me olhava com atenção, anuindo às vezes com a cabeça. Bem atenta.

Era a primeira vez que eu me sentia bem atendida em uma consulta médica, que um profissional parava para me olhar nos olhos e escutar o que eu falava. A doutora me deixou realmente bem à vontade com sua gentileza e ótimo atendimento.

Depois que acabei de falar, descrever todos os sintomas, ela levantou e pegou um aparelhinho, que eu não soube identificar, e espetou meu dedo indicador. Ergueu, incisivamente, a sobrancelha ao encarar o aparelho e sentou-se, puxando a caneta do seu jaleco branco. Começou a escrever em um receituário.

Relanceei para Estéfan e o vi entediado, a ponto de levantar-se e sair dali. Não dei bola, me concentrei na mão rápida da doutora. Fechei os olhos temendo realmente uma gravidez. Seria meu fim! Uma cruz que, naquele momento, me parecia pesada demais. Olhei de volta para meu marido e tive certeza que comentaria algo. Não demorou muito e interpelou.

— E aí doutora? Ela está de barriga?

A senhora simpática, de meia idade, não respondeu. Continuou escrevendo, deixando-o ainda mais impaciente. Insistiu mais uma vez.

— Se ela estiver, ainda dá tempo de interromper a grav...?

— Estéfan, por favor! — Alterei a voz, morrendo de vergonha.

No segundo seguinte, a médica ergueu o rosto, encarando-o. Sem espanto, sem alarde. Como se já estivesse acostumada a presenciar esse tipo de situação vergonhosa, infeliz e criminosa.

A doutora arriou os óculos na mesa e me deu a devida atenção, ignorando-o completamente.

— A partir de agora, terá que mudar seus hábitos alimentares, Senhora Belline.

— Estou grávida, doutora?

— Não.

— Não? — Eu e Estéfan indagamos juntos, em uníssono.

Ela se ajeitou melhor, na cadeira, cruzando as mãos sobre a mesa, se preparando para explicar.

— Você está com hipoglicemia. Nível baixo de glicose no sangue. Está abaixo de 35mg/dL. Por isso as tonturas, fraquezas e desmaios.

Estéfan e eu nos encaramos. Pareceu aliviado pelo falso alarde de uma possível gravidez. Recostou as costas na cadeira e cruzou os braços. Sua expressão foi suavizando, relaxando mais. E tive a terrível sensação de que, para ele, seria preferível um diagnóstico de um câncer terminal do que a confirmação de uma gravidez. Pisquei desnorteada, e voltei a concentrar no que realmente importava ali.

— É muito grave, doutora? E o processo de cura? É agressivo, tranquilo...? — Perguntei, ansiosa, preocupada.

— Ainda não há cura. A hipoglicemia, mais conhecida como diabetes, é apenas controlada. Você vai precisar, daqui para frente, entrar numa reeducação alimentar periódica. Do contrário, pode chegar ao estágio de coma.

— Coma?

— Sim. Mas calma. Como já expliquei, terá que mudar seus hábitos alimentares, comer periodicamente, se alimentar corretamente como exige a doença. Se obedecer, cuidando-se de



forma correta, não tem porquê se preocupar. Aqui estão prescritos alimentos ricos em carboidratos. - Empurrou o papel e estreitei a vista, pegando a receita ainda confusa. Eu não soube explicar como estava me sentindo. Talvez por não ter nenhum conhecimento da doença, a ficha ainda não tivesse caído totalmente.

— Não sei se entendi direito, doutora. Quer dizer que para evitar as tonturas, desmaios e outros sintomas, preciso me empanturrar de...açúcar? Coisas doces?

Ela sorriu, encostando-se no espaldar da cadeira.

— É basicamente isso.

— Não gosto de doces. Nada doce.

— Pois meu conselho é que abra uma doceria, se possível. Vai precisar.

Seu gracejo não me descontraiu, tampouco suavizou meu semblante carregado e preocupado.

— Pensei que diabete fosse o excesso de açúcar no sangue, e não o contrário.

A dourora, cujo nome era Cândida, abriu um sorriso e se arrastou mais para a borda da mesa, já explicando; simpática e atenciosa.

— Essa, ao qual se refere, se chama hiperglicemia. O que você tem é hipoglicemia.

Balancei a cabeça, sem entender absolutamente nada. Sem saber se deveria me preocupar em demasia ou se era apenas "exagero" médico.

Antes do fim da consulta, ainda conversamos mais detalhadamente sobre minha enfermidade, me explicou direitinho. Era uma doença traiçoeira, que exigia cuidados, disciplina, monitoramento o tempo todo.

Sáímos do consultório e Estéfan já estava no auge do seu mau humor. Paramos na farmácia e comprei todos os medicamentos, o que iria levar comigo aonde quer que eu fosse. Passamos na feira também, enchemos o porta malas de frutas, mel, e depois fomos ao mercado, comprar fardos de refrigerantes.

— Isso é um exagero! — reclamou como sempre.

Não liguei. Ao invés disso, me questionei do porquê eu ainda permanecia casada com um ser tão intragável, incapaz de se

sensibilizar com qualquer coisa. Eu já não o amava há tempos. Na verdade, cheguei à conclusão de que nunca atingimos esse ponto na relação: ao amor real, verdadeiro, e todos os seus complementos. Eu me via empurrando com a barriga, por comodidade, costume. Por não ter encontrado alguém genuíno, que me preenchesse de verdade, me fizesse plena. Um amor como os dos livros. Com tantas decepções e desgostos em minha vida conjugal, eu já duvidava que existisse um amor como os da ficção. *Será que existia? Será que algum dia eu seria agraciada com um amor arrebatador, de tirar o fôlego?* Era o que eu me perguntava e sonhava sempre.

Encostei a cabeça na lateral da porta do carro e meus pensamentos voaram longe ao passarmos pelo calçadão que dava visão para a praia.

Eu deveria ter perguntado o nome da moça morena. Alguma coisa nela me impressionou demais. Eu simplesmente não conseguia deixar de encará-la, desviar o olhar para nada. Ela era decidida, firme, parecia não temer a nada. Aquele tipo de pessoa que você quer sempre ter por perto, criar amizade, porque acredita que pode defender você de qualquer perigo. Inclusive de você mesmo.

Estéfan ainda estava insatisfeito; praguejava inconformado, quando a dor ardia em seu maxilar por causa da surra que levou da linda morena. Achei pouco. Poderia ter ganhado um dente quebrado para aprender a respeitar uma mulher.

Eu tinha consciência que meu marido me traía. Sempre gostou da farra e nunca fez questão de me privar das suas patifarias. Nunca se atreveu a aparecer com mulheres na minha frente, e se fizesse, eu também não levaria as coisas ao extremo como acontece em muitas relações. Engoliria, passaria por cima.

Minha sogra já chegou a comentar que passo a impressão de que estou apenas sobrevivendo, me tornando, emocionalmente, refém do filho dela. E era verdade. Já me aconselhou a deixá-lo, se eu quisesse, porque ela mesma tem consciência de que o próprio filho não me merece. Que é abusivo, um péssimo marido.

Chegamos em casa, ela veio logo ao meu encontro, preocupada. Perguntou ansiosa:

— Vou ganhar um netinho?

Sorri consternada. Era doida para ser avó.

— Vamos entrar dona Rebeca, estou com um pouco de mal-estar.

Assentiu me aparando pelo braço. Estéfán ficou para trás, a cargo das frutas e tudo o que compramos.

Quando contei a verdade, que não estava grávida, ela se acercou mais e afagou meus cabelos ruivos.

— Oh, filha. Vai ficar tudo bem. É só fazer o que a médica recomendou. Vou te ajudar. Pode contar comigo.

Balancei a cabeça, sentindo-me acolhida, como sempre, por ela.

Era um pouco assustador constatar, mas a única parte boa da minha relação com Estéfán, era a convivência com a mãe dele. Meus pais morreram afogados em um passeio de lancha aos meus dezessete anos. E, desde então, tive que me virar sozinha. Quando conheci Estéfán, eu havia acabado de completar dezoito anos. No começo, ele me tratava bem, sempre cheio de floreios. Depois começou a mostrar as garras, sua dupla personalidade irritante. Dona Rebeca me recebeu de braços abertos desde o início, e assim continuou.

Deitei em seu colo, e fui acarinhada pelas mãos meigas, repletas de ternura; seus cabelos curtos balançando no contorno do queixo. Ela vivia sempre com um sorriso espontâneo, cheia de atenção. Era também vítima das grosserias do filho, mas sempre estava ali, ao lado dele. Apesar de tudo.

Horas mais tarde, fiz várias pesquisas na internet, me familiarizando da doença. Passei horas no computador, ouvindo e lendo relatos de pessoas com a mesma deficiência. Fiquei mais tranquila, de certo modo. Dei uma pausa e medi minha glicose. Tudo aquilo era novo para mim. Dava uma certa expectativa, ansiedade. Era apenas questão de tempo para que eu me adaptasse e acostumassem com minha nova realidade.

Coloquei um casaco de moletom e fui para janela. Era quase meia noite e Estéfán ainda não havia chegado desde que retornamos do consultório médico. Suspirei uma indiferença, sem

me importar muito. Concentrei na lua cheia. Estava linda no céu, magnífica, reinando sozinha.

O frio incomodava àquela hora. Tranquei a janela e arrastei a cortina. Deitei soltando bocejos um seguido do outro. O sono já estava rondando, e fiquei um pouco surpresa que ainda estivesse acordada àquele horário. Devia ser a ansiedade pela descoberta da doença. Nos dias normais, eu adormecia quase sempre antes das 22h:00. Não demorou muito e apaguei, acordando no dia seguinte.

Dona Rebeca entrou no quarto e foi logo abrindo as cortinas e escancarando a janela, deixando o sol de verão entrar. Ela sempre amanhecia de bom humor, alegre, de bem com a vida.

— Acorda, filha. O dia está lindo. Vai à praia hoje?

— Que horas são?

— Hora de levantar. Vamos. Deixa de moleza. — Puxou o lençol em uma única arrancada, revelando meus trajes íntimos.

— Cadê Estéfân? — Minha pergunta merecia um troféu de, “A pergunta mais idiota do dia”. Claro que ele estava na rua. Não tinha voltado para casa desde o dia anterior.

Dona Rebeca sentou na beirada da cama e agachou a cabeça; suas mãos na minha perna.

— Deve estar na gandaia, bebendo, filha.

— E arrodado de mulheres — Acrescentei.

Olhou-me e não se atreveu a dizer nada. Sabia que o filho era indigno de qualquer defesa.

Também não dei importância ao fato de que meu marido tenha dormido fora e ainda não tivesse voltado. Aquela não era a primeira e nem seria a última vez. Animei e saltei da cama.

— Chega de falar do seu filho. Vamos, estou faminta. O que temos para o café da manhã?

Minha sogra voltou a pôr o sorriso gentil, ajeitando a perna dos óculos atrás da orelha.

— A mesa está linda. Vamos.

Vesti um hobby e saímos do quarto.

Estava tudo colorido. Frutas laminadas, sucos, doces e mel. Tudo no capricho, enfeitado por ela. Eu precisava ingerir 15mg/dL de carboidratos a cada hora. Não suportava doces, mas eu

precisava acostumar meu paladar, fazer um esforço para ingerir a quantidade necessária e não ficar desmaiando pelos cantos.

— Anda, senta.

— Mas nem escovei os dentes ainda.

— Depois escova, filha. Prova, vê se está bom.

Sentei e estendi os olhos pela mesa farta, sem saber por onde começar a comer. Ela sentou-se ao meu lado e ficou me observando, cheia de cuidados. Só tínhamos uma a outra, o dia todo, há 7 anos.

Depois que terminei, fiz minha higiene matinal e fomos para a *Fashion Star*. Nossa loja varejista de vestuários adulto e infantil.

O sol já ardia logo pela manhã. A claridade solar causava sensibilidade nos meus olhos que eram muito claros. Coloquei meus óculos escuros e preendi o cabelo para o alto, em um rabo-de-cavalo bem firme e volumoso.

Acomodei os manequins ao lado de fora e minha sogra ficou no balcão, atendendo uma cliente com um bebê de colo. Gentil como sempre.

Acenei para minhas colegas vendedoras, dando bom dia. E realmente prometia ser um belo e produtivo dia. Bom para pegar uma praia, se bronzear, escutar o barulho do mar, esquecer o cheiro da zona urbana.

Esperei por Estéfan. Ele ficava no caixa, cuidando do dinheiro. Fazia questão. Sempre dava desconto quando era uma mulher muito bonita, que chamasse atenção. Ficava cheio de charme e insinuações, oferecendo seu melhor sorriso cafajeste. Eu fingia que não via, que não enxergava, e a mãe dele também. Tirávamos por menos, prezando a tranquilidade do ambiente em respeito aos clientes que entravam e saíam.

A verdade era que eu já estava cansada, desgastada para brigas e satisfações. Não valia a pena. Seria inútil gastar saliva e fazer reclamações e exigências. Talvez, o fato de eu nunca ter deixado que Estéfan me agredisse fisicamente, fizesse de mim uma mulher que ainda preservasse uma faísca de amor próprio.

A manhã toda e boa parte da tarde, ficamos esperando por ele. Apareceu por volta das 14h:00. Veio até mim e me apertou pelos braços, dando-me um beijo rápido e estalado, como se nada tivesse

acontecido. Se comportava dessa forma, de maneira cínica e abusada. Esfreguei a boca no pulso e empurrei a raiva e o nojo para longe. Tentei me distrair, indo atender um cliente que entrou logo depois de ele. Dona Rebeca acercou-se do filho, cumprindo seu papel de mãe preocupada, perguntando se estava tudo bem e onde tinha passado a noite. Ele, como sempre, foi rude, mal educado e sumamente grosseiro.

Despachei o senhor de idade já avançada, pois o que ele procurava não vendíamos. Voltei-me para meu marido novamente.

— Um dia vou me cansar, Estéfán. Acha que vou ser trouxa até quando? — Iniciei a conversa sem alterar o tom de voz. Mas havia um despertar em minhas palavras, algo parecido com coragem.

— Não enche o saco, Marcela. Não vê que estou ocupado? Não venderam quase nada! Tem que ficar na frente da loja chamando cliente, porra.

— Calma, filho. Não se altere. Algum cliente pode entrar e ficar constrangido. Se comporte. — Doce e complacente, dona Rebeca tentou aplacar as grosserias do filho.

Fiquei irritada, condoída, a coragem vindo forte, querendo me impulsionar.

— Se quisesse ganhar mais, não ficaria a noite toda farreando, jogando, curtindo com mulheres e enchendo a cara. Vai você ficar no sol quente e chamar cliente.

Em um movimento rápido e raivoso, ele levantou e me pegou com brusquidão pela nuca. Seus olhos pareciam chamas vivas, fulminando-me. Rosnei, entredentes.

— Me solta!

— Uma próxima gracinha dessas, eu serei capaz de socar essa sua carinha de donzela, meu amor. Não me aborreça, ouviu bem? Eu não estou com bom humor para suas reclamações.

— Não ouviu a *mina*, malandro? Larga ela agora!

*Aquela voz...Aquela voz marrenta...*

— Eu disse agora! — Ouvi uma mão bater com força no tampo do balcão maciço.

Estéfán me soltou, sobressaltado. Vi a raiva e a indignação brilhar nos olhos dele antes que eu virasse e visse a dona daquela

VOZ.

E virei.

Era ela. A morena bonita e ousada da praia.

## 03 CAPÍTULO TRÊS

NITA.

**EU ESTAVA** quebrada! Os músculos do corpo todos doloridos. Tinha dormido em um banco de concreto, tendo como único cobertor o frio da noite sobre minhas costelas.

Ainda não tinha tomado nada, nem um café puro para esquentar o estômago.

O sol do Rio já raiava bem quente, tropical, o que obrigava os moradores de rua a levantarem dos bancos ao ar livre e correrem à procura de alguma sombra para aliviarem o mormaço escaldante.

Rodei, caminhei sem rumo, com minha mochila nas costas.

Uma loja um pouco espaçosa das outras, me chamou a atenção. Estava a poucos dias naquele bairro, e quase tudo me agradava ali. Aproximei da loja; havia uns manequins diferentes na fachada, que fugia daquele padrão de corpo perfeito. De um lado, o manequim masculino rechonchudo e, do outro, o que representava uma mulher plus size. Achei curiosamente interessante. Quase sorri com tudo aquilo. Achei bacana, chamativo. Fiquei interessada em conhecer mais da loja. Todas as outras ao lado e na frente daquela, exibiam seus manequins perfeitos, sofisticados. Mas aquela, em especial, enfatizava a realidade de uma grande maioria.

Quando me movi para tocar o boneco masculino, me surpreendi ao ouvi vozes alteradas e xingamentos vindo de dentro do estabelecimento. Subi um degrau e fiquei atenta, os punhos prontos para qualquer ação. Através do reflexo de alguma coisa espelhada, enxerguei uma mulher a ponto de ser agredida. Invadi o lugar com tudo, exigindo aos gritos que o covarde soltasse a vítima.

Mas ele não largou.

Bati no balcão com força, sendo ainda mais incisiva.

— Eu disse agora!

Olhou-me assustado, assombrado. Logo vincou a testa, me reconhecendo quando tirei os óculos esportivos.



Eu também o reconheci na hora. Aquele rosto era inesquecível. Uma senhora se juntou a ele, detrás do balcão, como a protegê-lo.

A ruiva virou para mim e, como no dia em que houve a discussão na praia, ficou estatelada, encarando-me com uma expressão de surpresa e algo mais que eu não soube decifrar; suas írises azuis se mantinham vidradas no meu olhar. Talvez eu estivesse enganada, ou tendo alguma impressão errada, mas seus olhos brilhavam ao me ver de novo.

*Gata estranha. Linda, mas estranha.*

Foquei no sujeito que me fuzilava com os olhos.

— Sai da minha loja sua porca, ou...

— Ou o quê? — Desafiei. — Vai chamar a polícia? Chama! Quero te ver dentro da viatura, levado em cana por tentativa de agressão.

— Estávamos apenas tendo um desentendimento. — Ouvi a ruiva falar.

— Um desentendimento? — Olhei-a pasma. Agora seu olhar para mim era preocupado, melindrado.

O cretino saiu de trás do balcão e se juntou a ela.

— Fora daqui sua arruaceira. Já não basta ter tido o desprazer de te encontrar e ter ferrado com minha cara? Não sou obrigado a aceitar vadias de rua aqui no *meu* estabelecimento.

Fiz menção de ir embora e girei, dando um soco na cara dele. Ele se desequilibrou para trás levando a ruiva junto, na tentativa de não ir ao chão.

— Merda! — Arriei a mochila e me agachei, ajudando-a levantar.

A senhora também se aproximou e ajudou o vacilão.

— Você está bem? — Perguntei para ela, ignorando os xingamentos do filho da puta que continuava enchendo o saco.

— Acho que sim. Estou bem.

Olhou-me de repente, bem dentro dos olhos. A intensidade do seu olhar, bem como toda a beleza do seu rosto, me deixou desconcertada, muda. Cuidei de levantá-la e me afastar. Ainda inconformada por ela ter classificado a tentativa de agressão apenas como um *desentendimento*, falei:

— Vejo que você vive um relacionamento abusivo. — Procurei alguma aliança no dedo dela, constatando que era mesmo casada — Como pode deixar esse verme te tratar assim?

Fiquei esperando uma resposta, mas ela desviou a mirada para um ponto qualquer e abaixou a cabeça. O infeliz não perdeu a oportunidade de me xingar; a raiva incinerando os olhos dele.

— Vaza daqui sua delinquente! Não está claro que não é Bem Vinda? Aposto que não tem dinheiro nem pra comprar uma calcinha barata, porque duvido que esteja usando uma.

Armei os punhos e ameacei avançar nele, mas a ruiva se interpôs no meio, pousando as mãos em cima do meu peito. Seu toque era cálido e reconfortante.

Desviei na hora para ela. Meus olhos se estreitaram, sem desvio, ao tê-la tão próxima, colada em mim. As íris azuis brilhavam tão intensamente, que fiquei perturbada.

— Qual é o seu problema? Por que me olha assim? — Ela sacudiu a cabeça, quase que recuperando-se de todo aquele estranho comportamento. Parecia confusa, não esperava minha pergunta.

Afastou-se sem me responder, novamente, e foi aninhar-se ao lado do marido.

— Acho melhor você ir embora. A não ser que tenha algum interesse em comprar algo.— Hesitante, ela teve todo o cuidado de me expulsar com polidez.

— Está louca, Marcela? Acha que essa mulambenta tem grana para comprar alguma coisa aqui?

— Por favor, Estéfán. Não fale assim, filho!

— Não se meta, mamãe!

Enquanto mãe e filho discutiam, ela pôs-se a mirar, fixa, no meu rosto, nos meus olhos. O modo como me encarava me incomodava e me confundia. Era como se não conseguisse, ou tivesse alguma dificuldade de desviar o olhar. Tive quase certeza que ela estava com algum interesse, deslumbre; ninguém encara alguém de forma tão estranhamente intensa, magnética, como ela insistia em fazer.

Meneei a cabeça, ignorando os pensamentos.

Cansada e com fome, bufei, querendo sumir dali. Eu precisava de um banho. Mirei no marido escroto e aponte o dedo em riste.

— Abre o olho, seu pulha. — Ameacei — Homem de verdade não trata uma mulher desse jeito.

— E você? — Me voltei de novo para ela, menos rígida, imperativa. — Gosta de ser tratada assim? É alguma espécie de fetiche?

— Eu vou chamar a polícia! Alguém tem que tirar essa porca daqui.

— Tira você seu arrombado!— Perdi a cabeça.— Mostra um pouco da sua macheza.

O imbecil arroudeou o balcão e tirou o monofone do interfone.

— Se eu fosse você não faria isso. — Espalmei a mão contra o telefone, intimidando-o.— Mas, por outro lado, estou louca para que disque esses números, porque tudo o que eu quero nesse momento, até mais do que comer alguma coisa, é ver a sirene cantar enquanto te levam no camburão.

O olhar dele me fuzilou.

Com pressa, peguei a mochila no chão e joguei nas costas. Olhei para todos antes de sair. Aproximei mais da ruiva bonita e adverti.

— Cuidado. Hoje foi somente uma pegada violenta na nuca, amanhã ele pode deixar essa pele lisinha toda roxa.

Os olhos azuis se arregalaram em alerta. Não foi minha intenção amedrontar, botar medo.

Dei as costas, ouvindo mais desaforos do infeliz. Segui meu caminho sem olhar para trás, sumindo da vista deles. Mas mais do que a fome espremendo, maltratando meu estômago, senti algo comprimindo, apertando meu peito ao deixar aquela loja. Uma sensação estranha, que se prolongou mais do que eu pude permitir.

Depois peguei minhas bolinhas e fui fazer arte no semáforo para conseguir ganhar uns trocados para comer. O que arrecadei foi o suficiente para comprar uma boa refeição e ainda sobrar umas moedas.

Já estava quase escurecendo, e eu só pensava no frio que eu teria que enfrentar.

Entrei em uma rua mais isolada, muito escura, chegando até o fim dela. E, antes de pegar a curva para outra viela, recuei quase como num reflexo quando me deparei com um trio de adolescente revirando lixo num contêiner velho. Pareciam esfomeados, jogando tudo para fora. Entre dois rapazes, havia uma juvenzinha. A luz minguate do lugar, limitava a visão de muitos detalhes, mas não ao de que estavam demasiadamente sujos; trajando roupas esfarrapadas, caindo aos pedaços, e pés descalços, castigados pelas ruas.

*Que desgraça de vida!* — Rosnei no mais íntimo do meu ser.

— Nunca vou me acostumar com isso.— desabafei baixinho, escorada no muro. Já estava há dois anos vivendo daquela forma e ainda me abalava com cenas tão corriqueiras como essas.

Fiquei irritada comigo mesma. Pois aquilo realmente me comovia, abria fendas para emoções que eu empurrava para longe, mascarando um lado meu, do passado, que só Drica conheceu.

Desencostei do muro alto, me revelando.

— Ei?

Os três viraram assustados, quase que ao mesmo tempo. A menina estava com os cabelos desgrehados, duros; a boca cheia de sujeira.

— É melhor saírem daqui. É muito perigoso.

— E você? O que faz aqui também? — Um deles indagou. Recuaram, à medida que eu chegava perto.

— Estão com fome?

— O que acha? — O outro ironizou, impolido, abrindo parcialmente os braços.

— Vocês já têm algum lugar para dormirem?

— Quem é você, moça? Por que está tão interessada? — Foi a menina quem perguntou. A voz dela era mansa, porém desconfiada.

Estavam todos escorregadios, atentos em cada gesto e passo que eu dava.

— Olhem só, eu também estou no mesmo barco que vocês. Sou nova por essas bandas, ainda não conheço nada e nem ninguém por aqui. Que tal...

— Não queremos formar um quarteto, moça. Se é comida que você quer, acho que ainda tem aí. — A garota se afastou abrindo espaço.

— Não estou com fome. Fiquem à vontade.

Entreolharam-se desconfiados.

— Sabem de algum lugar onde posso passar a noite? Pode ser por aqui mesmo.

Nesses dois anos, eu aprendi a discernir em quem eu podia confiar ou não. E aquele trio me passou muita segurança e placidez. Por isso me senti segura para interagir, papear.

— Tem uma casa abandonada atrás da rua 05, mas tem um velho que mora ao lado. Ele bota todos pra correr de lá com um cachorro vira-lata.

— Hmmm... — Murmurei, pensativa.

— Vocês já têm um lugar para dormir ou não? Se não tiverem, então vamos para lá.

Entreolharam-se novamente e um deles argumentou.

— Mas moça, você ouviu o que dissemos? O velho da casa ao...

— Não se preocupem com isso.

Aproximei do contêiner e comecei a revirar, procurar por restos de comida.

— O que está fazendo? Disse que não estava com fome.

— Não é para mim. — respondi à adolescente.— Se vocês me ajudarem a procurar qualquer restos, eu agradeço. É para o cachorro.

Momentos depois, já estávamos de tocaia em um canto, do outro lado da rua, observando um senhor alto, careca e um pouco corcunda. Estava com o cão na colera, na frente de uma casinha simples. A outra residência abandonada, ao lado, estava imersa na escuridão, sem um raio de luz. O senhor, já avançado em idade, caminhou para a casa emparelhada à sua, e entrou com o animal, deixando-o do lado de dentro, rés ao portão.

Esperemos ele sair e atravessamos.

O trio parecia bem mais tranquilo comigo, já haviam baixado a guarda, porém ainda desconfiados, o que era normal. Os dois

meninos se animaram quando comentei que sabia lutar artes maciais e que, se quisessem, eu poderia ensiná-los alguns golpes.

Quando nos aproximamos do portão, joguei por entre as frestas de madeira, todo tipo de sobras de comidas que não desse mais para aproveitar. Pelo menos não um ser humano.

Entretamos o cachorro que logo se debandou para nosso lado, todo interesseiro, com a língua de fora e oferecendo a pata, querendo comer mais. Parecia que não era alimentado há dias. A magreza, evidente, nas costelas, os olhos melancólicos e remelentos, eram apenas alguns dos sinais de que não era bem cuidado.

Entramos na surdina, tomando cuidado para não sermos descobertos. O cão ficou sentado, nos observando com o olhar atento e as orelhas em pé.

Abrimos a única janela dos fundos, deixando a pouca luz natural, da noite, entrar. A casa estava bem abandonada mesmo! Toda empoeirada, nuvens de teias de aranhas espalhadas por todo lugar. Demos uma limpeza básica, tudo em silêncio, sem barulho.

Depois que estava relativamente limpo, cada um ficou em um canto. Percebi o trio me observar. Olharam-se como que indagassem quem iria começar a falar primeiro.

Sentei numa cadeira velha, de macarrão, e iniciei a conversa.

— Qual o nome de vocês?

— Felipe.

— Lena.

— Lucas.

Balancei a cabeça e também me apresentei.

— O meu é Nita.

Houve um ligeiro silêncio e um deles perguntou.

— É verdade mesmo que sabe lutar?

— Sim. — Levantei e cheguei bem perto. Levei-o ao chão com facilidade. Um golpe rápido e veloz, sem chance de defesa ou qualquer ataque.

— Acredita agora?

Ele se levantou animado; olhos brilhantes, felizes, como se pedissem para que eu mostrasse mais.

Voltei para a cadeira; os macarrões quase todos se soltando. Continuei perguntando, interessada.

— E a idade de vocês? São de maior?

Todos anuíram em negação, como imaginei.

— Você, quantos anos têm?— Apontei para Lena.

— Quatorze.

— E você?— Foi a vez de Felipe.

— Dezesete.

Lucas não esperou que eu perguntasse e respondeu logo em seguida.

— Quinze.

Suspirei comprimindo os lábios.

Porra, poderiam estar na escola, aprendendo. Olhei de volta e perguntei muito curiosa e preocupada.

— Sabem ler?

Felipe e Lucas responderam que sim, apenas Lena ficou quieta, muda, os olhos pousados no chão.

— E você, Lena?

Ela meneou a cabeça, negando envergonhada. Encolheu-se entre os braços e escorregou pela parede velha, ficando de cócoras.

Levantei e me movi; os dois meninos me observando.

— Ei, você ainda pode aprender. — Agachei na frente dela, erguendo seu queixo pequeno.

Olhou-me, tímida, mas não disse nada. Sentei, dobrando as pernas.

— Conheço gente que aprendeu já na fase adulta. Outras, quando já nem tinham mais dentes.

Ela sorriu empurrando os cabelos duros para trás da orelha.

— Vai me ensinar?

— Claro, mesmo que você tentasse resistir.

Seu sorriso se ampliou e tudo o que eu quis foi abraçá-la e envolvê-la com um pouco de amor e carinho.

Mas levantei e ouvi a voz de Felipe perguntar.

— Vai me ensinar a lutar também, moça?

— Também quero aprender.— Lucas disse, muito animado.

— Faço tudo o que vocês quiserem, mas hoje não. Vamos nos ajeitar para dormir, porque amanhã vai ser um longo dia. Temos que

sair daqui antes do amanhecer, ou seremos pegos.

Assentiram e tranquei a janela.

Dormimos espalhados no chão mesmo, forrado com trapos de lençóis velhos e mofentos.



## 04 CAPÍTULO QUATRO

### MARCELA

**O CLIMA** estava ameno na noite de terça-feira. Não havia frio, apenas uma brisa gostosa que soprava, gentil, espanando meus cabelos. Eu adorava meus cachos, mas naquele dia resolvi fazer uma escova nele. Estava mais leve, fácil de domar; contudo, qualquer acessório escorregava dos fios lisos.

Da janela, dava para ver um pedaço da cidade. As luzes que se estendiam sobre as moradias pareciam piscar, mas era apenas uma falsa visão de ótica.

Despertando-me do transe assintomático, fui tomada por um sobressalto quando Estéfan chegou por trás, me agarrando pela cintura, beijando meu pescoço, esfregando seu pau em mim. Enojada, me virei desvencilhando-me dele, correndo para debaixo das cobertas.

— O que foi dessa vez? Não vai vir com a mesma desculpa de que está com dor de cabeça?— Abriu os braços, já desgostoso, irritado.

— Só não estou a fim.

Era muito difícil Estéfan sorrir, mesmo que fosse em tom escarnecedor, mas naquele momento ele deixou escapar um sorrisinho cínico, que o tornou ainda mais insuportável.

— Há muito tempo que você não está a fim, Marcela. Está me traindo com outro? Porque se for iss...

— Pode parar!

Joguei as cobertas para o lado, sentando-me na cama.

— Que mania deplorável dos homens deduzirem que sua mulher está se deitando com outro só porque não quer transar. — Falei revoltada, mas em um tom comedido, sem exageros. Apenas deixando claro minha chateação pela insinuação descabida. Se tinha algo do qual ele não poderia reclamar era de algum dia tê-lo traído. Nunca o fiz. Não que ele não tivesse merecido, ou que eu não tivesse tido oportunidades. Só não aconteceu.

Ele veio para mais perto e segurou meu rosto com rudeza, me olhando contrariado.

— Já estou perdendo a paciência, meu amor! Já faz duas semanas que você só me enrola.

Afastei suas mãos, que espremiavam minha mandíbula e levantei, elevando o tom de voz.

— Por que será, hein? Será porque você têm outras mulheres fora de casa? Pisoteia em cima de mim, por aí, me humilha em todos os lugares que vamos, me trai na maior cara dura!

— Não vai me dizer que se importa agora? Você nunca deixou de transar comigo por causa das vadias que eu como na rua. Qual é, Marcela?

— Estou me cansando, Estéfán. — Abri os braços, rendida, exausta.

— Eu sou homem, meu amor. É normal. — Ele veio com as mãos prontas para encaixar no meu rosto, mas desviei. Senti-me ridicularizada, subjugada a uma relação que era um fiasco, uma afronta ao meu amor próprio e dignidade.

O discurso machista que ele inseriu, me embrulhou o estômago, e na mesma hora senti aversão de mim mesma por ter permitido que nossa relação tivesse chegado àquele extremo.

— Sabe, Estéfán, a culpa não é sua. É minha! Eu sou a responsável por você me tratar com descaso, humilhações.

— O quê? Que papo é esse, minha branquinha? Deixa de drama e vem aqui, vem. Quero te foder até a exaustão.

— Chega! — Gritei, afastando com extrema indelicadeza, suas mãos que já apertavam a minha cintura. — Não encosta! Estou com nojo e vergonha de você! De ser sua mulher!

Ele travou em movimento, me observando, sondando minha expressão e até a minha alma. Depois tornou o olhar imperativo, numa clara intenção de me intimidar.

Embora não aparentasse, eu estava tremendo por dentro, intuindo o pior.

*“Cuidado. Hoje foi somente uma pegada violenta na nuca, amanhã ele pode deixar essa pele lisinha toda roxa”.*

As palavras da moradora de rua encheram a minha mente, alertando-me, afrouxando uma venda dos meus olhos.

Quando Estéfan se aproximou ainda mais, temi o pior, já me imaginando no chão, apanhando por causa das minhas palavras atrevidas. Nunca fui de responder, revidar, desafiá-lo. No entanto, senti a necessidade de falar mais alto, me defender, descobrir meu lugar naquela relação fracassada, deteriorada. Senti seus passos muito bem calculados, estratégicos, vindo até mim. Levou a costa da mão ao meu rosto e me acariciou com uma delicadeza áspera, fria. Travei a respiração; o coração palpitando forte no peito.

— Se você não quer, tudo bem, querida. Não vou insistir. — A voz saiu incongruente, sem emoção. Falsa.

Permaneceu me encarando, seus olhos insinuando coisas que eu não entendia, mas que me deixaram com a boca seca, em alerta total.

Ele deixou um beijo, seco, na minha testa e se retirou. Quase me veio a pergunta, idiota, de indagar para onde iria, mas daquela vez eu não gastei meu latim. Poupei palavras e mais aborrecimentos.

Algo no comportamento dele me provocou inquietações, deixou-me de sobreaviso. Mesmo que às vezes Estéfan manifestasse sua dupla personalidade, quase que instantaneamente, dessa vez não foi assim. Havia algo a mais que me causou calafrios. Respirei fundo, me apertando forte, tentando acreditar que era apenas exagero meu. Pensei em buscar o quarto ao lado, o de dona Rebeca, mas já era tarde, imaginei que ela já estivesse dormindo.

Dei mais uma esgueirada pela janela e enxerguei meu marido saindo no carro. E pela forma desenfreada com a qual os pneus cantaram na pista, deixando um nevoeiro de fumaças para trás, ele estava furioso, enraivecido. Eu poderia apostar que praguejava ao volante, com sangue nos olhos.

Deixei a vista do lado de fora e deitei. Fechei os olhos, mas minha mente derrapou na imagem da moradora de rua. A morena bonita e cheia de personalidade. Dei a dica de um sorriso ao tentar imaginar qual seria o seu nome. Greta? Mylla? Kira? Algo assim. Sorri lentamente, mas depois neguei com a cabeça, sentindo-me uma boba por estar pensando naquela desconhecida. Ajeitei-me melhor na cama, mirando o teto do quarto.

Sentia um calorzinho no peito todas as vezes em que eu me flagrava pensando nela. Uma sensação boa, diferente. Vontade de ser sua amiga, de querer conversar, saber mais de sua vida. Senti isso logo na primeira vez, na praia. E tudo se intensificou, tornou-se ainda mais forte, *estranhamente forte*, quando aparecera na loja. Seu jeito destemido e sua bravura me encantou, despertou algo que eu gostava de sentir, guardar pra mim. Talvez eu tenha visto nela o que eu gostaria de ver em mim mesma. Fortaleza, valentia, ousadia.

Quase morri de vergonha quando perguntou o porquê eu a olhava com tanta impertinência. A verdade, era que nem eu mesma saberia responder se, assim, me exigisse. Apenas me deixei levar por sua imagem materializada na minha frente mais uma vez.

Quando ela foi embora da loja, meu coração se apequenou dentro do peito. Desejei ter tido mais tempo. Conversar. Só não queria que tivesse partido. Eu tentava me convencer de que toda aquela cisma com ela, era a falta de uma amizade, carência talvez.

Havia me sobrado apenas duas amigas que viviam na república. Mas ultimamente eu tinha resolvido me afastar. Falávamos apenas por telefone, e às vezes, somente. Outras que surgiam, e que tentavam se aproximar, Estéfan traçava, as envolviam em sua teia de sedução.

Provavelmente eu nem veria mais a morena arretada. Não acredito em tantas coincidências. Nem em destino. Talvez, meu principal interesse em ir à praia, a partir de agora, fosse para tentar vê-la de novo. Ou ficar na frente da loja com a esperança de que passasse por ali novamente. Mas não acreditei na possibilidade. Talvez nem lembrasse mais da minha existência, e se lembrasse, carregava uma péssima impressão minha; a de uma mulher subjugada, dominada como uma mula celada por um marido mau caráter.

Sua cara de decepção ainda vinha muito clara na minha mente quando eu disse que a tentativa de Estéfan de quase me estrangular, tinha sido *apenas* um desentendimento.

Bufei em arrependimento, me repudiando.

Virei na cama me dobrando de lado. Coloquei o travesseiro entre as pernas, alimentando a mania de sempre. Eu gostava de dormir assim.

Voltei os pensamentos para a morena de novo. Eu a tinha visto apenas duas vezes, e já me incomodava a ideia de que tenha me achado uma otária, e que se deixava levar por um relacionamento que, notava-se à léguas, não era saudável.

Torci para que algum dia, não muito distante, eu esbarrasse com ela novamente. Mas sem Estéfan. Seria muita má sorte se em uma terceira vez a gente se cruzasse e ele estivesse junto. Ela certamente iria me repugnar para o resto da vida. Porque quando meu marido estava por perto, até respirar se tornava incômodo, insalubre.

No dia seguinte acordei com dona Rebeca no meu quarto, me chacoalhando pelo ombro.

— Acorda, filha. Isso que dá, ficar assistindo filme até altas horas. Vamos, precisamos abrir a loja. — Escutei a voz dela ao longe. Meu corpo e os olhos ainda estavam sob o gostoso efeito do sono.

Percebendo que eu não acordava, ela afastou as cortinas diáfanas e abriu a janela envidraçada. O sol limpo de verão entrou sem fazer cerimônia, como se fosse um membro íntimo da casa. Escondi o rosto com o braço, fazendo uma cara de esgar.

— Ah, dona Rebeca, temos mesmo que abrir hoje? — Minha voz manhosa arrancou uma risada dela, quase uma gargalhada.

Eu estava de bruços, o rosto afundado no travesseiro. Podia imaginar seu riso que tinha a graça de iluminar tudo à sua volta.

— Marcela, sabe quantas pessoas queriam estar trabalhando e não podem nesse exato momento?

Chamou pelo meu nome. Logo me remexi e a encarei; meus olhos se acostumando à claridade matinal. Quando me chamava de Marcela, queria chamar minha atenção. E sempre conseguia.

— A gente fica condoída de ver tantas pessoas necessitadas, procurando por uma vaga de emprego por aí. Na loja mesmo, sempre aparecem com currículos embaixo do braço, quase implorando por uma mísera oportunidade, e não podemos ajudar. — Lamentou.

Eu tinha certeza que dona Rebeca não duvidava da minha consciência sobre tudo o que pontuou. Suas palavras eram, na verdade, mais um desabafo; pois no dia anterior, se comoveu com

uma mulher grávida que havia aparecido na loja, pedindo, praticamente implorando uma vaga para trabalhar até chegar a hora do seu bebê nascer. Ela precisava comprar o enxoval da criança que estava sem nada.

Estéfan não estava no exato momento. Tinha saído para fornecer estoque.

Infelizmente não pudemos ajudá-la com contratação. Não tínhamos capital para empregar ninguém, pagar todos os direitos ou quaisquer benefícios. Minha Sogra ficou muito emocionada, compadecida. Também fiquei. Doamos pecinhas de bebês recém-nascidos e ela saiu muito agradecida e mais aliviada.

— A gente trabalha tanto, dona Rebeca, é normal, e sadio, se permitir um pouco de conforto.

— E conforto para você é ir dormir tarde e acordar mais tarde ainda, filha?

— Ah, sogra, ainda não passou das 08h:00.

Busquei pelo relóginho em cima da cômoda, ao lado, e estiquei o corpo para pegá-lo. Quase deixei cair, no vão entre o móvel e a cama, mas consegui ser ágil usando meu reflexo.

— Está bem, vamos. Sua mesa está pronta. Com todos os seus doces. — Deixou o quarto e foi me esperar na cozinha.

Dessa vez não perguntei por Estéfan. Ela também não o mencionou. Sabíamos onde provavelmente teria passado a noite. Na vadiagem.

Coloquei uma roupa, me arrumei, comi, e depois medi a glicose. Estava com 92mg/dl. Tudo tranquilo.

Dona Rebeca e eu seguimos nossa rotina de todos os dias. Fomos para a loja e ficamos esperando por Estéfan.

Eu estava com uma sensação estranha, uma intuição que me deixou à beira da ansiedade. Fiquei preocupada, mas não comentei nada com minha sogra.

Fui para a fachada da loja atrair clientes e panfletar, ver a movimentação na concorrência.

Observei um casal de moradores de rua passar de mãos dadas e, logo atrás, um jovem sem camisa e com um par de sandálias desgastadas, roídas nos calcanhares, deixando para trás o mau cheiro de dias sem tomar banho.

E, mais uma vez, a imagem da morena rondou minha mente, me distraindo, me fazendo olhar além. Ela também parecia viver em condições degradantes, indignas. Mas havia um ponto curioso, ela não tinha mau cheiro. Na última vez em que a vi, estava bem suada, um pouco suja, era verdade, mas não fedida.

Quando procurei, ao longe, pelos moradores de rua, já haviam sumido.

Joguei os cabelos para trás e voltei a ativa novamente, chamando a clientela. Ali era um ponto muito concorrido, com muitas opções, variações de roupas e afins. Pessoas entrando e saindo, e ficar somente dentro da loja, esperando cliente entrar, não rendia um dia muito produtivo. Excetos aos finais de semana. Confesso que não gostava muito desse papel. Sempre passava uns atrevidos fazendo gracinhas, dando em cima. Outros eram até mais ousados. Pediam meu número, perguntavam se eu tinha namorado ou se era casada. Já houve momentos bem constrangedores. Uma vez, um sujeito bêbado chegou por trás de mim e me abraçou, beijando-me pelo pescoço, me deixando impregnada de cachaça barata. contei para Estéfan e ele apenas riu, fazendo pouco caso. Na certa se identificou com o sujeito, pois, talvez, se comportasse da mesma forma desrespeitosa quando saía para beber e só voltava no dia seguinte.

Depois que os ponteiros marcaram 11h:00, entrei para a loja. O sol estava queimando, insuportavelmente quente.

— Já mediu sua glicose, filha? Percebi que não comeu nada em duas horas.— Dona Rebeca perguntou, preocupada, observando minha palidez explícita.

— É, não estou bem. Por favor, pegue minha bolsa. Dentro do bolso ao lado está o medidor.

Ela moveu-se, prestativa, e trouxe o que eu pedi.

Espetei o indicador e em 5 segundos o glicosímetro apontava 47mg/dl.

— Espera aqui. Vou atrás de mel e açúcar.— Minha sogra falou, agitada.

— Não precisa, dona Rebeca, tem um pote de mel dentro da minha bolsa.

E passados 15 minutos, eu estava bem novamente. Sem palpitações fortes e nem tonturas.

Levantei de trás do balcão e estranhei quando uma viatura parou em frente à loja. Estreitei os olhos e fiquei observando.

Não demorou muito e dois homens fardados saíram do veículo e entraram; os olhos de um vindo direto em mim.

— A senhora é Marcela Bellini?

— Sim. Sou eu.

— É a esposa de Estéfan...Lins?

— O que aconteceu? — Fiquei nervosa, meus olhos se sobressaltando ansiosos.

O outro policial se manteve sério, sobre uma postura rígida, atenta; a mão repousada na arma dentro do coldre.

— Por favor, policial, o que houve? O queacon...?

— Estéfan Lins encontra-se preso, em uma de nossas delegacias, por agressão.

— O quê? Preso? Por agressão?

Eu não deveria ter ficado tão alarmada. Conhecia meu marido do averso. Franzi a testa, incrédula, com a boca em choque.

— Co- como...?

— Os detalhes, a senhora, saberá na delegacia. Vem com a gente ou vai sozinha?

Não respondi de imediato. Fiquei sem ação, impactada, sem poder piscar direito.

— Senhora?

— Hã...? É...vou sozinha, seu policial.

Assentiram e saíram.

Logo, dona Rebeca apareceu, já indagando animada.

— Eu estava no almoxarifado, filha, espanando poeiras dos fardos. Vi que dois policiais acabaram de sair daqui. O que eles queriam? Não me diz que estavam à procura de uma dessas peças íntimas? — Gracejou, enquanto parou para ajeitar um manequim que vestia uma lingerie bem provocante.

Virei devagar, para ela, e minha expressão de espanto a espantou imediatamente.

— Você está mais pálida que a poucos minutos. Marcela, filha, o que aqueles policiais queriam?



Tive que piscar duas vezes para tomar coragem e falar.  
— Estéfan, Estéfan está... está preso, dona Rebeca.

## 05 CAPÍTULO CINCO

NITA.

**O SOL** havia dado uma trégua. Eram quase 14h:00 da tarde. Eu e o trio já tínhamos conseguido dinheiro suficiente para comer algo descente e digno. Eles estavam quase desfalecendo de fome.

A manhã foi bastante produtiva. Enquanto os meninos vendiam balas no semáforo, eu fazia malabarismos, alternando com bolas e bastões.

Nesses quatros dias convivendo com Felipe, Lena e Lucas, ensinei e aprendi muito com eles. Eu era nova naquela área, foi uma troca mútua. Nos tornamos aliados, companheiros e estamos encaminhando para uma bonita amizade. Claro, eu me policiava, tomando cuidado para não invadir a história e a intimidade dos três, querer saber demais. Eu tinha um carinho especial por Lena. Ela era muito sensível, e estava se apegando a mim de uma forma que me deixava preocupada, fazendo com que eu sentisse uma carga de responsabilidade muito grande.

Em todo esse tempo, vivendo uma vida paralela nas ruas, não criei amarras e nem raízes com ninguém. Meu foco era encontrar a covarde da Falcão e fazer justiça à morte de Drica. Nunca fiquei mais que três meses em um lugar. Agora, eu estava formando um elo com Felipe, Lena e Lucas. Eles precisavam de mim, mas percebi que eu também precisava deles.

Não desviei do foco principal, que era encontrar a assassina da minha ex-namorada. A vingança não passou para um plano secundário. Nem que fosse a última coisa que eu fizesse na vida, aquela mulher iria pagar por seu crime. E com juros!

Lena passou perto de mim, com a caixa de bombons e a chamei.

— Avisa Felipe e Lucas que podem deixar tudo comigo. Chama os dois para comprarem algo, sei que estão com fome. Eu vou ficar aqui por enquanto.

— Tem certeza?

— Tenho. Pode ir. Vou pegar mais duas paradas de carros e depois me junto a vocês.

Ela assentiu, risonha, e foi atrás dos amigos no engarrafamento.

Eu queria arrecadar um dinheiro extra para comprar materiais e treiná-los para fazermos performances artísticas de estátuas vivas. Fiz algumas vezes, depois desisti. Fiquei somente no malabarismo. Mas agora somos um quarteto, e precisamos nos arranjar para a chegada do inverno. Ainda falta alguns meses, mas até julho, já teríamos um lugarzinho para passar as noites frietas. Por enquanto, decidimos dormir na casa abandonada, com a cumplicidade de Bob. Era assim que o cão vira-lata se chamava. Já estava mais bonito, cheio de energia, com as costelas desaparecendo. Todos os dias levamos comida para ele, mas a dele ainda tínhamos que catar no lixo, não sobrava dinheiro para comprar ração.

Quando eu e o trio chegávamos na surdina, ele já nos recebia todo feliz, saltitante. Pulava, se esfregava na gente, me lambia grunhindo com alegria. Lena dizia que já não éramos mais um quarteto, e sim um quinteto. Tornou-se dona e cuidadora dele.

Ainda peguei mais que duas paradas de carro no farol. Já era a quinta. Lena acenava de longe, pedindo que eu parasse para ir comer alguma coisa.

A fome já estava me enfraquecendo, me deixando preguiçosa, mole.

Acenei de volta, dizendo que na próxima eu pararia.

Quando os carros pararam à frente da faixa, outra vez, caminhei entre os corredores e vãos, com as bolinhas em movimento. Estatizei na frente de um Fiat, concentrada, girando as bolas com graça e habilidade. O carro buzinou duas vezes, como se quisesse chamar a minha atenção. Aquilo me irritou. Julguei ser mais um daqueles motoristas querendo fazer propostas indecentes. Era o tipo de situação que me embrulhava o estômago e que sempre me fazia perder a cabeça, partindo, às vezes, para a violência física.

Buzinou outra vez e me irritei mais. Tirei os óculos escuros, abrindo os braços em reclamação, muito chateada.

Forcei a vista contra a parte frontal, e reconheci a dona daqueles cabelos avermelhados, que contornava o rosto marcante, dentro do carro. Era a ruiva. *Marcela*. A mulher do cara escroto que me xingou de *vadiazinha* de rua.

Soltei o ar pela boca, meu peito palpitando acima do normal. *Maldição*.

Caminhei até a porta do Fiat e, não precisei bater no vidro, ela baixou rapidamente. Encarou-me e eu não soube avaliar sua feição. Notei que estava pálida, as nuances do seu rosto pareciam carregadas de preocupação, agonia.

— É você mesma? — Indaguei. — Uma pergunta claramente estúpida. Não restava dúvidas de que era ela.

Ela não respondeu. Aquilo me deixou de certa forma irritada. Mais uma vez não respondia minhas perguntas. Quase estalei a língua para indagar se havia ficado muda. Mas saquei que não estava em uma boa tarde.

Os carros reclamaram e todo o farol foi tomado por um mix ensurdecedor de buzinas. Era a fileira atrás do Fiat dela. O semáforo estava liberado e os carros precisavam seguir. A ruiva continuou me encarando, como se precisasse falar algo, mas ao mesmo tempo não podia, não havia tempo. Seus olhos pareciam ter chorado. Estavam mareados, perturbados, e constatar aquilo me deixou surpreendentemente inquieta. Quis saber o que tinha acontecido, qual o motivo que a deixou daquela forma. As buzinas alardearam outra vez, adoecendo os ouvidos. Desgrudei as mãos do vidro e ela seguiu, deixando o carro correr. E pela velocidade com a qual partiu, parecia apressada para chegar em algum lugar.

E, mais uma vez, o destino, ou as coincidências, me colocaram diante daquela mulher. *Daquela linda mulher*. Três vezes em menos de uma semana. Eu não iria ficar queimando neurônios, me questionando o que isso significava. Saí do meio do fluxo de carros e procurei um lugar para descansar, sem poder evitar o quanto aquele terceiro encontro, inesperado, tinha me abalado. Instantes depois, Lucas e Felipe chegaram esbaforidos, e logo atrás veio Lena.

— Que cara são essas? O que comeram?

— Eu e Lucas comemos uma marmita com arroz, feijão e bife de fígado. — Foi Felipe quem falou.

Desviei para Lena e antes que eu perguntasse, ela se apressou em dizer:

— Ainda não comi. Como *Lipe* e Lucas dividiram uma entre eles, nós duas também vamos dividir essa.

— Não é bife de fígado, é?

Ela sorriu. Lucas também.

— Não. Eu não gosto de bife de fígado.

— Bate aqui, garota.

Ergui a mão espalmada e ela bateu, soltando uma risada divertida.

— O que foi, Felipe?— Perguntei, percebendo o quanto ele estava quieto, olhando o tempo todo para trás.

— Uma moça bateu com o carro na traseira de um caminhão. Dirigia numa velocidade louca. Está desacordada com a testa, no volante, escorrendo sangue.

— É, dirigir está cada vez mais perigoso. Mas também é uma questão de consciência. Talvez esteja até alcoolizada. Isso acontece muito. — Falei, levando a terceira colher cheia à boca.— Não adianta a pessoa que vai na frente ter cuidado se o outro irresponsável não está nem aí no trânsito.

E, antes de Felipe replicar, olhou para trás mais uma vez.

— Está certa. Não deu para ver o rosto dela, mas parecia uma boneca de porcelana. Toda delicada. O cabelo parecia peruca, de tão bonito, fofo.— Ele falava e eu escutava, enchendo a boca, matando a fome. Ainda completou: — Nunca vi uma ruiva tão bonita.

Quase engasguei na mesma hora. Engoli a comida com pressa, e larguei a marmita no colo de Lena.

— Você disse ruiva?

— Sim. Era uma mulher com cabelos vermelhos. Ou alaranjados. Sei lá.

— Cacheados?

— Cacheados.

Era a tal Marcela. Eu tinha certeza.

Levantei e Felipe perguntou:

— Vai lá?

— Vou. Fiquem aí, volto já — Dei as costas, mas depois pensei melhor. Virei e avisei:

— Se eu demorar, vão pra casa. Logo estarei com vocês.

Girei nos calcanhares e tive a impressão de que Lena quis falar alguma coisa. Tarde demais.

E, quando percebi, já estava no lugar do acidente.

*Merda!* Era a tal Marcela mesmo.

— Por favor, gente. Saem da porta, ela precisa respirar.

Acenei com a mão, pedindo que os curiosos se afastassem, abrissem espaço.

Olhei para o lado e para o outro e a dúvida veio amarga, cruel. Eu ficaria para ajudá-la ou ia embora, fingindo que nunca a tinha visto na vida?

Mas que merda!

*Se você não tivesse interessada, não teria deixado a marmitta de lado e corrido pra cá, Nita.* — A mente criticou.

Olhei para dentro do carro, a procura de algum celular, mas não vi nada. Fiquei mais aliviada quando ouvi o canto da sirene chegando perto.

O paramédico e auxiliares se movimentavam com agilidade e cuidado, removendo-a de dentro do Fiat. Ela estava desacordada, não movia uma pestana sequer.

— Alguém é da família da vítima? — Um deles perguntou à meia dúzia de curiosos no local.

Ninguém respondeu, se limitaram a trocar olhares, negando com a cabeça.

— É preciso mesmo que alguém acompanhe a moça? Ela pode acordar a qualquer momento e depois informar alguém da família. Deve ser apenas um desmaio.— Falei, me sentindo o pior dos seres humanos.

— Você é médica, enfermeira...? Entende de medicina?

Entendi a pergunta subversiva, do paramédico, e fiquei quieta. Depois revidei:

— Acontece que ninguém aqui é parente dela.

— Tudo bem. Não podemos perder tempo, temos que levá-la.

Ágeis e profissionais, a carregaram na maca até a ambulância.

Fiquei perturbada, acuada pela pertinente ideia de deixar a ruiva ir sozinha. Passeei a mão pelo dread; eu tinha apenas alguns segundos para decidir se ia ou a ignorava.

“ *हे भगवान* ” (*Meu Deus*)... — Questionei em hindi.— *O que está acontecendo?*

Eu nem conhecia a tal Marcela! Não tinha porquê me sentir responsável a ponto de acompanhá-la até ao hospital.

Pensei nos meninos; estavam me esperando. Mas eu iria me sentir como uma rocha dura e fria, uma filha da puta oca, sem alma e coração, se eu, simplesmente, abandonasse a criatura linda a própria sorte.

*E se não fosse somente um desmaio?*

Merda!

Antes que o paramédico fechasse a dupla porta, me atrevi a erguer a mão.

— Espera! Vou com ela. Eu acompanho a moça.

Apertei o passo e me enfiei dentro da ambulância.

Não demorou muito e já estávamos no hospital. Eu estava na sala de espera, pendente de alguma notícia. Mas se alguém não aparecesse para dar qualquer informação, eu estava decidida a ir embora. Lá fora já devia estar escuro e, provavelmente, os meninos já deviam ter chegado na casa abandonada. Ou não.

Quando sentei para descansar as pernas, uma senhora de cabelos medianos e traços orientais se aproximou e levantei.

— É você a acompanhante de...Marcela Bellini?

— Ela já acordou?

— Sim. Agora mesmo.

— E o que ela tem?

— O impacto do acidente gerou uma leve lesão na cabeça. Vai precisar passar por uma radiografia no crânio, mas está tudo bem, aparentemente. Ela teve sorte.

Anuí, esgueirando a cabeça para o corredor dos quartos, onde ela poderia estar.

— Bem, acredito que queira vê-la. É por aqui.— A senhora muito bem educada virou, dando-me as costas.

— É... Acho que não tem necessidade. Está tudo bem, não é? Logo, logo algum familiar vai vir vê-la. E eu tenho que ir.

A senhora me barrou deliberadamente. Seu olhar para mim era calmo e misterioso, como águas barracentas de um rio parado.

— Não vai querer ver como está a pessoa que você acompanhou até aqui?

Quase dei uma risada. Parecia que eu estava diante de uma cena de novela mexicana.

— Foi apenas um gesto, hã... altruísta. — Tentei me livrar da imagem de *“a salvadora dos necessitados e oprimidos”*.

A doutora, então, semicerrou os olhos e me espreitou como se mapeasse minha alma.

— Você se engana. Como Neurologista, e também Psicoterapeuta, posso afirmar que seu ato foi muito mais que um gesto de *altruísmo*.

O quê? *“MUITO MAIS que um gesto de altruísmo”*? Mas o que ela estava querendo dizer?

Reprimi um suspiro enfadonho, quase impaciente, e resvalei a mão pela testa.

Ela deu-me um sorriso enigmático, como se visse muito além. Como se soubesse algo oculto no mais recôndito do meu ser.

— Qual é o quarto dela? — Indaguei, querendo me livrar daquele olhar que chegou a me dar calafrios nas entranhas.

Seus olhos orientais brilharam, enquanto os lábios finos se curvaram em um sorriso débil e fugaz.

— Me acompanhe, por favor.— Liderou o corredor e eu fui atrás. Tive a sensação de que ela sorria feliz à minha frente.

Quando me deixou na porta do quarto, deu-me uma piscadela tocando meu ombro esquerdo. Só então percebi que ela exalava um cheiro estranho, matoso; um perfume que me fez lembrar ervas e especiarias.

Sacudi a cabeça, ignorando tudo o que tinha a ver com aquela médica esquisita.

E só então virei, fixando na maçaneta, me perguntando o que porra eu estava fazendo ali. Mas era tarde demais para arrependimentos ou recuos. Entrei de uma vez e o olhar da ruiva me recebeu sem delongas.

Era como se seus olhos estivessem pendentes da porta, esperando alguém entrar a qualquer momento.



Eu fui aproximando da cama alta, enquanto eu recebia sua expressão desorientada. Parecia não acreditar que eu estava ali. Saudei:

— Oi.

— Oi.— Piscou, atônita, confusa.— Você...foi você quem me trouxe?

— Não, a ambulância. — Disparei, me arrependendo logo em seguida, percebendo que meu senso de humor infeliz, não era propício para momento.

E para o meu alívio, ela pareceu não ter se abalado com o meu gracejo. As nuances do rosto dela suavizaram mais, ainda que dúvidas a sondassem.

— Como se sente? — Indaguei, afastando o silêncio.

— Mal. Minha cabeça dói.

— Não aplicaram nada em você? Nenhum analgésico?

Ela balançou a cabeça meio zonzinha, sem saber ao certo o que dizer.

Meti as mãos no bolso da bermuda, e seu olhar se ergueu de volta para mim.

— Meu marido... ele... está preso. E estou aqui, sem poder fazer nada.

Caramba. Aquele infeliz estava atrás das grades? Não consegui esconder a satisfação, afiei a língua e falei.

— Deve ter merecido. Na certa aprontou uma das boas.

Ela arriou os ombros, cansada, baixando o olhar para as mãos sobre o colo estendido.

— Os policiais disseram que ele foi preso por agressão. Mas...não sei, eu...

Vi lágrimas descendo por debaixo dos cílios ruivos e caindo na veste hospitalar.

Tive a impressão de que queria defender o verme do marido. Soltei o ar, meio decepcionada. Mas eu não quis colocar mais lenha na fogueira, me conscientizando de que eu não tinha nada a ver com sua vida. Interessada, sondei polida.

— Foi uma mulher?

— Sim. Em uma boate.

Tive vontade de praguejar o miserável. No entanto, desviei para uma pergunta mais importante, que fez meu corpo reter-se em apreensão.

— Ele já agrediu você alguma vez, Marcela? — Cheguei perto. *Bem perto.* — Responda para mim. — Não sei exatamente quais foram as sensações que se mesclaram no meu peito. Mas o que sim consegui assimilar, foi uma angústia quase palpável somente em imaginar que ela murmuraria um "*Sim*".

Ela me encarou imediatamente ao ouvir minha interpelação. Os olhos azuis se fixaram, bem vivos, nos meus. Garantiu:

— Não, nunca!

Ainda desconfiada, fui mais além, instigando-a.

— A palavra agressão é muito abrangente, Marcela.

Ela ergueu a sobrancelha me fazendo perceber que eu chamava por seu nome com intimidade. Mirava-me como se estivesse em desvantagem naquela conversa. Então me apresentei, antes que ela perguntasse.

— Nita.

— Oi?

— Meu nome. É Nita.

Seu olhar se comprimiu, me esquadrinhando.

— Greta é mais bonito.

— O quê? — Não entendi, mas dei um sorriso leve. Ela explicou:

— É... que, bom — Suas bochechas purpurearam. — Fiquei imaginando como seria seu nome. Cheguei a achar que fosse Mylla, Kira, Greta. Greta combina mais com você.— Ela quase sorriu. Seus olhos estavam mais intensos, bem conscientes de mim agora.

— É. Greta é mais bonito. — Concordei.

— Preciso sair daqui. Estava indo ver Estéfano quando bati na traseira do caminhão. Dona Rebeca deve estar aflita, esperando alguma notícia. Posso contar com sua ajuda...Nita?

— O que mais vai querer que eu faça? O que espera de mim, além de ter acompanhado você até aqui?— Só percebi a acidez na voz, quando as palavras saíram da minha boca.

Marcela pareceu dar-se conta de que estava abusando e se redimi.

— Esquece o que eu disse. Nem agradei por você ter vindo e ficado comigo. Desculpa. E...— Olhou-me de forma penetrante, me obrigando a desviar o olhar. — Como eu poderia agradecer você, Nita?

— Ficando boa, é claro. Senão, de nada teria adiantado eu ter deixado mais da metade de uma marmita de lado para estar aqui com você.

Ela crispou a testa para depois sorrir. Sorriu levemente e, depois, por algum motivo, o sorriso se ampliou largamente. Parada, na ilhargia dos seus pés, a contemplei em sigilo. Até em cima de uma cama hospitalar, arrodada de aparelhos e com a cabeça enfaixada, ela não perdia a beleza ímpar que se destacava em qualquer lugar.

— Poderia chegar mais perto, por favor? — A voz gentil pediu, e senti meu corpo enrijecer, cheio de recusas.

— Por favor. — Ela insistiu, preenchendo o silêncio da minha indecisão.

Mesmo arredia, acabei cedendo. Aproximei e Marcela foi logo agradecendo.

— Obrigada, Nita. — A voz terna e macia, foi como um convite irrecusável para olhá-la nos olhos.

— Tudo bem.

Decidida a me afastar, me movimentei para recuar, mas desisti quando ela ousou pôr os pés para fora do colchão.

— Me ajuda? Preciso ir ao banheiro. Minha bexiga está cheia e não consigo me manter de pé sozinha. Sinto-me zozza e muito fraca.

— Estou suja e suada. Devo estar fedendo. Não é melhor chamar alguma enfermeira? Vou ver se tem alguma por aqui, no corre...

— Eu quero você.

Entreabri os lábios, parando tudo o que estava fazendo. Fiquei estupidamente balançada pela dubiedade da frase.

*Mas que droga, Nita!* A mente ralhava, enquanto o coração se inquietava no peito.

Marcela era tão delicada que eu poderia carregá-la nos braços, e senti-la como se fosse uma pluma de um beija-flor.

Mas continuei insistindo.

— Já viu meu estado? — Abri os braços, passando o olhar pelo próprio corpo.— Quer mesmo que eu chegue perto?

— Quero.

*Porra!* A voz saiu gentil, macia, cheia de tensão sexual. Ela estava me provocando.

— Certo. — Me rendi.

Aproximei e coleí nela. Seu rosto se inclinou logo, buscando o meu olhar. Coloquei o braço dela sobre meus ombros e a sustentei pela cintura. Ignorei o contato insistente dos seus olhos, e seguimos para o banheiro anexado.

Abri a porta e antes de ela entrar, buscou incisivamente por meu olhar mais uma vez. Foi impossível não corresponder. As íris claras tinham um magnetismo perturbador, envolvente, quase fatal.

— Não está fedendo coisa nenhuma. — Ela disse quase em sussurro sedutor, provocante.

Num repente, me deixei envolver pela sedução das íris turmalinas. Dessa vez não recuei, não fugi. Tive que perguntar.

— Vai me dizer agora, por que me olha assim?

— Assim como?

Senti o cheiro do seu hálito entranhando nas minhas narinas, despertando, provocando todos os meus sentidos. Pisquei, toda arisca, criando uma barreira no meu subconsciente. Ela se virou bem mais, ficando de frente para mim. Meus braços a envolveram com firmeza, mantendo-a de pé.

— O que quer, Marcela? Diga de uma vez.

Seus olhos ficaram ainda mais intensos ante minha pergunta. Seu peito subia e descia, colada no meu.

— Por enquanto quero ir ao banheiro, somente.

— Já está aqui. Quer que eu ajude a tirar a roupa também?

Sorriu.

Ela ficava ainda mais bonita com o sorriso solto, mostrando as linhas perfeitas dos dentes, dos lábios bem desenhados.

— Poderia vestir mais esse sorriso. Você fica muito bem nele.

— Obrigada.— Sussurrou baixo, quente, muito próxima da minha boca.

Quase estremei, atingida. E só me dei conta de que meu coração batia forte, quando senti a respiração pesar no peito. Soltei-a rapidamente, como se toda aquela intrusa sensação fosse desaparecer também. Marcela teve que se apoiar na parede para não cair.

— Desculpa. — Balbuciei, voltando a ampará-la, ainda mexida, sentindo o corpo esquentar.— Acho melhor você entrar nesse banheiro.

Ela não desgrudou os olhos de mim.

— Vai entrar ou vai continuar me olhando assim?

— Incomoda você?

— Muito.

Sorriu devagar. Tinha uma inocência, uma ternura no sorriso solto que magnetizava.

Observei-a entrar, fechando a porta atrás de si. Fiquei ali do lado, caso precisasse de algo.

Respirei mais relaxada, desanuviando toda aquela tensão que comichava nas entranhas, inflava o peito.

Minhas suspeitas se confirmaram. Marcela tinha um frenesi por mim, ou pelo menos achava que tinha.

Pensei nos meninos e me perguntei se já estavam em casa. Enquanto Marcela usava o banheiro, saí para saber as horas. No começo do corredor, dois maqueiros se aproximavam, empurrando uma maca com alguém em cima.

E, ao passarem por mim, recuei completamente chocada, seguindo-os, ao reconhecer o rosto desacordado.

— Lena? Lena, o que aconteceu? Lena?

## 06 CAPÍTULO SEIS

### MARCELA.

**AO DEIXAR** o banheiro, me deparei com o quarto vazio. Nita não estava. Sondei o corredor, averigui, e nem sinal dela. Andei um pouco mais, chegando até recepção. Ela também não se encontrava ali. Pensei que pudesse ter ido tomar água, ou talvez precisado usar outro banheiro. Recusei a acreditar que tivesse ido embora sem se despedir. Aproveitei que já estava ali e pedi à recepcionista para usar o telefone e falar com dona Rebeca. Naquele momento, ela me preocupava bem mais que Estéfán. A presença de Nita o havia deixado para um plano terciário.

Liguei e avisei do acidente. Ela ficou preocupada, insistindo em querer ficar comigo. Tratei de tranquilizá-la, garantindo que estava tudo bem, que não tinha passado de um susto. Mas, ela desconfiou que eu estivesse falando meias verdades, escondendo algo mais sério. Avisou que na primeira hora do dia estaria comigo.

Não insisti; a conhecia bem. Ela era teimosa e cabeça dura.

Voltei para o quarto, sentindo-me melhor. A dor de cabeça estava passando, mas eu ainda sentia tonturas.

Voltei para o quarto e encontrei com a enfermeira.

— Não pode sair assim, senhora. Acabei de ver seu prontuário e ainda está em observação. — Ralhou.

— Desculpa. — Murmurei, sincera.— Eu precisava avisar alguém da minha família que estou aqui.

Ela tentou me ajudar a chegar até a cama, mas recusei.

— Não precisa. Estou bem.

— Esse é o meu trabalho. — Aparou-me com cuidado, mantendo o bom profissionalismo.

Deitei e, antes que ela se retirasse, trocou o soro e aumentou o grau do ar condicionado a pedido meu. Estava muito frio.

— Você parece com uma residente daqui, é nova na geriatria. Poderiam ser irmãs. — Comentou a enfermeira, de forma casual, antes de sair de vez.

Por um breve momento eu sorri, elevando os pensamentos longe. Sempre desejei ter irmãos, cresci sentindo-me muito sozinha, sobretudo, porque meus pais sempre viveram distantes, trabalhando com turismo em alto mar.

Afastei aquele desejo melancólico, da mente, e estiquei as pernas mirando o teto; os pensamentos indo nas duas únicas pessoas que dividiam a minha cabeça: Estéfan e Nita.

De um lado meu marido. Eu não fazia ideia de qual era sua situação, até que ponto era sério, comprometedor. Dona Rebeca sempre temeu que o filho aprontasse uma dessas. Na certa estava bêbado, entregue ao álcool. O que não justifica um ato de agressão.

Em sete anos de relacionamento, ele nunca me agrediu fisicamente. Não passaram de tentativas e muitas ameaças. Dona Rebeca sempre ficava de olho, sondando quando ele chegava alcoolizado, tropeçando no próprio passo. Sempre teve o gênio violento, e quando estava insuportavelmente bêbado, tornava-se ainda mais abusado, primitivo. Eu o evitava, sempre, nessas circunstâncias. Mas, felizmente, estava se tornando cada vez menos frequente as vezes em que chegava embriagado, pois nunca retornava para casa no mesmo dia, ou na mesma noite. Somente no dia seguinte. O que sobrava para mim, quase sempre, era ter que aguentar suas ressacas. Só faltava morrer passando mal. Estéfan era uma cruz muito pesada, e eu estava cada vez mais cansada do cônjuge fracassado em que eu vivia.

Inspirei enfadada, ignorando as lamúrias da mente. Já estava mais calma. Na hora em que recebi a notícia de sua prisão, fiquei impactada, com as ideias e pensamentos atordoados, me imaginando naquele trajeto de ir e vir da cadeia; do cansaço e as responsabilidades. Tudo sobreveio como um tornado querendo me engolir viva, me tirando a paz. A prisão de Estéfan me custou um acidente que poderia ter gerado consequências maiores, mas também me trouxe uma coisa boa. Nita. Fiquei dividida entre a angústia e a surpresa de tê-la visto mais uma vez.

Havia um sentimento forte e real de mim por ela. Eu a enxergava, e sentia, como uma luz no fim do túnel, renovando e acendendo minhas esperanças de escapar do breu escuro em que eu vivia imersa.

Quase não acreditei quando vi sua imagem materializada no farol, fazendo malabarismo. Notei que ela ficou irritada quando buzinei tentando chamar sua atenção, mas também percebi que logo suavizou a expressão ao dar-se conta de que era eu. Não queria que passasse aquela oportunidade sem dar pelo menos um "oi", fazer com que tomasse consciência da minha presença ali.

No instante em que a vi entrar pela porta do quarto, me vi confusa, descrente de que sua presença era mesmo real ou apenas fruto da minha imaginação.

Mas, no decorrer da conversa, assuntos primários se tornaram secundários e foquei somente nela. Estava mais do que claro que eu sentia algo diferente por Nita. Não dava mais para esconder ou fingir para mim mesma. Tudo entre a gente acontecia de forma inesperada, encontros tramados pela coincidência.

Meu corpo recordava feliz, aceso, ao lembrar do seu contato físico quando estivemos tão coladas; ela me segurando firme em seus braços, sem a mínima intenção de soltar. E, sem que eu sequer conseguisse dominar os efeitos que todas aquelas estranhas sensações me causavam, eu me flagrava sorrindo bobamente, inebriada por algo que, definitivamente, eu não era capaz de discernir com clareza. Eu apenas estava sentindo, e *gostando*.

Seu toque, o rosto tão perto do meu, me causou emoções nunca antes sentidas. Diferente de tudo. Meu desejo foi de permanecer ali, no amparo dos seus braços, sentindo o aconchego do seu calor. Senti uma vontade quase desesperadora de não largar tão cedo.

Sei que eu também não lhe era indiferente. Senti em seu olhar, em seus recuos; sua resistência à denunciava. Eu à perturbava tanto quanto ela a mim. Embora Nita lutasse ou fingisse não estar consciente da tensão sexual que pairava entre nós, eu sabia que ela sentia o mesmo que eu. Havia algo intenso, magnético entre a gente.

Busquei com o olhar a direção da porta; ela poderia voltar a qualquer momento. Era nisso que eu apostava, eu a esperava ansiosa. Não queria forçar nada, mas senti necessidade de criar um pouco de intimidade e ir apagando a má impressão que, com certeza, ela tinha sobre mim. Ficou claro na nossa conversa, que



me achava uma mulher subjugada, dominada por um homem torpe, por um relacionamento travoso. E, infelizmente, era a verdade. A realidade nua e crua. Mas eu estava disposta a mudar a situação aos poucos.

As horas foram se arrastando e foi amargoso constatar que ela tinha ido embora. Foi sem se despedir, sem dar *tchau*. Aquilo foi como um balde de água fria, que frustrou todas as minhas expectativas. A ideia de propor um primeiro encontro planejado, havia derrapado escadeira abaixo.

— Ah, Nita... — Lamentei profundamente, escorregando para o centro da cama.

Mas eu daria um jeito de achá-la. E já sabia por onde começar. Não iria me dar por vencida. Não depois de sentir seus braços envolvendo tão intensamente o meu corpo, me fazer amolecer por dentro.

Dormi pensando nela, e acordei com dona Rebeca ao meu lado, observando-me. Dessa vez sem puxar as cobertas de cima de mim e sem abrir as cortinas. Achei estranho e sorri devagar, sentindo o corpo reclamar ao me mover.

— Bom dia.— Saudei, animada, por vê-la ao meu lado.

— Como está, filha? Falei com a médica e ela me assegurou que está tudo bem. — Aproximou-se e me deu um beijo na bochecha.

— Mas a senhora não acreditou quando falei exatamente isso pelo telefone.

— Fiquei preocupada. Sei bem que se tivesse acontecido algo mais sério, você não pensaria duas vezes em me poupar só para não me deixar aflita. Estou errada?

Não respondi, sabendo que ela estava certa.

— Pode ir à delegacia comigo?

— Claro. E a senhora, se não quiser, ou não estiver se sentindo confortável pra ir, vá pra casa. Posso ir sozinha, não se preocupe.

— Impossível, filha. Não tem como não ficar preocupada. Vou com você. Quero ver meu filho.

Não era difícil entendê-la. Estéfán era seu filho. Seu único filho. Apesar de todas as suas falhas e desvio amplo de caráter, ela

jamais deixaria de estar com ele, ainda que não viesse a concordar ou aceitar suas condutas.

— Vamos esperar a doutora me liberar, e partimos.

Sorriu meiga como sempre, mas com a feição carregada, aflita. Ela estava tentando ser forte, mas notava-se que por dentro estava destruída, em frangalhos.

Logo fui liberada e rumamos para a delegacia. Mas antes, a doutora não deixou de prescrever uma larga recomendação.

A preocupação de dona Rebeca era tangível à medida que íamos chegando. Eu estava mais tranquila, minha real preocupação era ela, sua pressão que se alterava com as emoções em cume. Estéfán estava apenas colhendo o que plantou, era essa a minha visão depois de refletir muito sobre aquela cama de hospital. Concentrei no trânsito e tão logo minha mente se encheu dela. De Nita.

NITA.

Quando lembrei que tinha deixado Marcela sozinha, já era bem tarde. Quase 22h:00. Ainda fui vê-la, me desculpar, explicar o que tinha acontecido. Mas quando entrei no quarto, ela já estava dormindo. Não quis, e nem achei justo, acordá-la. Voltei no dia seguinte, ao amanhecer, mas ela também já havia partido. Sondei a enfermeira-chefe e ela informou que Marcela tinha sido liberada nas primeiras horas.

Eu estava exausta, muito cansada. Fiquei a noite toda com Lena na outra ala do hospital. Ela tinha sofrido um acidente em uma ciclovia, depois de haver tombado com um ciclista que também pedalava em alta velocidade. Lena, e os meninos, fugiam de outros moradores de rua que tentavam roubá-los, levar o pouco que conseguimos. Com o choque do impacto, ela acabou sofrendo uma fratura no colo do fêmur e teve que passar por uma cirurgia.

Não consegui ocupar a cabeça com mais nada. Minha preocupação passou a ser apenas ela. Pensava em sua recuperação. Sofrer um acidente nas duras condições em que vivíamos, sem moradia e sem o básico, era desesperador. Ela ficaria alguns dias internada, e eu faria de tudo para prolongar essa

internação. Estar sob cuidados médicos, e ter comida na hora certa e higienização adequada, era melhor do que ir para aquela casa maltrapilha, sem o mínimo de conforto, onde facilmente poderia pegar uma infecção.

Saí do quarto e fui atrás de um café bem quente, para fortalecer o estômago vazio. Minha última refeição tinha sido no dia anterior, quando aconteceu o acidente com Marcela.

— Marcela...

A menção do seu nome me deu um alerta no cérebro. Ela devia estar chateada por eu ter saído sem avisar, sem sequer me despedir. Peguei o café e sentei na ala do refeitório. Relaxei as pernas, as costas, e joguei a cabeça no espaldar; meus pensamentos insistindo nela. *Apenas* nela. Deduzi que toda a pressa para deixar o hospital, tinha sido para estar com o escroto do marido na delegacia. *Verme!* Deveria ficar uma boa temporada em cárcere, vendo o sol nascer quadrado para aprender a respeitar uma mulher.

Eu não conseguia entender, *e nem aceitar*, como alguém como Marcela se permitia viver sob tantas humilhações com um homem tão machista. Chegava a ser revoltante.

Ela era delicada. E apesar de toda a malícia do seu olhar, flamejava também uma pureza genuína, uma inocência apaixonante.

Para mim, não era fácil assimilar que ela nutria algum interesse afetivo por mim. Eu deveria levar em conta, que, talvez, fosse algum tipo de carência e a própria Marcela estivesse confundido as coisas. Era nisso que eu queria acreditar. Apostar.

Eu, uma pessoa que vivia situações indignas de rua e sem paradeiro certo, não poderia despertar nada mais que aversão e repugnância. Já estava acostumada com os olhares enojados das pessoas, da falta de empatia, de humanidade.

Mas não era isso que Marcela parecia sentir por mim.

Seria tolice negar que ela me perturbava também, que despertava sensações adormecidas dentro de mim. Drica ainda ocupava um espaço muito amplo em meu coração, mas Marcela estava mexendo com coisas que eu me recusava a sentir. Foi melhor assim, não termos nos despedido. Não era momento para

sentimentalismos, ceder às necessidades da carne e, menos ainda, do coração. Passaria bem longe daquela loja. Não tinha a pretensão de vê-la ou procurá-la. E torceria para que o destino ou as coincidências deixassem tudo como estava. Assim evitaria muitos problemas. O foco era acertar as contas pendentes com o passado, vingar o assassinato de Drica. Eu não podia me distrair com mais nada. Não podia e nem queria.

Tomei o resto de café no fundo do copo descartável e voltei para o quarto. Lena já estava acordada.

— Como está se sentindo?

— O que aconteceu comigo, Nita? Eu...lembra...ai.

— Calma, não mexe a perna. Você passou por uma cirurgia.

Olhou-me assustada e depois tateou o local da fratura.

— Não vou ficar aleijada, vou? Por favor, diz que não vou ficar manca. — Desesperou-se; os olhos amedrontados lacrimejando.

Fiz menção de tentar acalmá-la, mas alguém entrou falando, travando o movimento da minha mão.

— Não se desespere, mocinha. Vai ficar tudo bem.

— Jura doutor? Vou poder andar como antes?

O médico sorriu, sem apartar os lábios. Deixou o monitor de lado e virou-se para Lena.

— Não teria porquê você não voltar a andar. A fratura não ocasionou danos severos. É só cuidar direitinho no processo de recuperação e repousar muito quando estiver em casa.

Lena me encarou como se buscasse a certeza daquelas palavras nos meus olhos. Acenei levemente com a cabeça, garantindo que ficaria tudo bem. Ela sorriu confiante, acenando de volta para mim. O doutor deixou mais algumas orientações e saiu, nos deixando a sós.

Conversamos, tratei logo de assegurar que eu não iria abandoná-la, deixá-la sozinha no hospital. Mas pareceu não ter se convencido.

— Promete que vai voltar? Que não vai me abandonar aqui, sozinha, quando você sair por aquela porta? — Os olhos dela brilhavam, a ponto de chorar.

Comovida com suas palavras, sentei na borda da cama e a envolvi em um abraço cheio de promessas. Ficamos abraçadas,

uma envolvida demais com a outra.

E, só então percebi, me dei conta, que eu estava me apegando também. Tive medo de me envolver mais do que deveria, de que, por um relapso, eu deixasse de lado meu único objetivo de vingança e justiça contra a psicopata da Falcão. Mas Lena precisava de mim, da minha atenção e cuidados. E a carga de responsabilidades que eu já tinha com os três, só ia se multiplicando.

Acabei me afastando, sendo ainda mais segura em minha promessa de voltar.

— Na próxima visita, darei um jeito de trazer alguns materiais para você começar a aprender a ler e a escrever. O que acha?

Seus olhos se arregalaram animados, brilhantes, enquanto as mãos batiam palmas, muito feliz.

— É tudo o que mais quero.— Confessou, eufórica.— Quero aprender a ler e a escrever como todo mundo da minha idade.

— Amanhã, nesse mesmo horário, estarei aqui.— Falei, colocando a mochila nas costas.

Seu semblante mudou, rapidamente, ao notar que eu me preparava para partir. Aproximei e toquei seu queixo.

— Ei. Não quero te ver assim. Vou mas volto. Já prometi. Costumo cumprir com minha palavra, sabia?

Olhou-me e seus olhos voltaram a se alegrar, ternos.

— Sei que além de mim, ainda tem *Lipe* e Lucas. Devem estar preocupados, querendo notícias.

— Exatamente, mocinha.

Deixei um beijo na testa dela e saí.

Quando varei na porta da recepção, que dava frente para a avenida, dei de cara com Felipe e Lucas sentados em um gradil. Vieram apressados, no instante em que me viram. Felipe se afobou.

— E Lena? Como está? Vai ficar tudo bem com ela?

Estavam sujos, descalços, com olheiras e fedidos.

*Putá merda!*

Apertei o nariz, sem conseguir disfarçar o mau cheiro.

— Vocês estão precisando de um banho. Ainda existe banheiros públicos, sabiam?

Ignoraram minhas queixas, e perguntaram mais sobre a amiga.

— Responde logo. Queremos saber da nossa mascote, Nita.—  
Lucas quis saber, preocupado também.

— Ela está bem. Fiquem tranquilos.

Felipe soltou o ar, aliviado.

Expliquei, em detalhes, o que foram as últimas horas com Lena. Conforme eu ia explicando, ficavam mais calmos, com as expressões leves.

Atravessamos a faixa de pedestre e não deixei o assunto do banho para trás.

— Vamos atrás de um chuveiro público. Não quero trabalhar com ninguém fedendo desse jeito.

Os dois murmuraram reclamações, mas dei de ombros. Mudei de assunto:

— Como passaram a noite? Deram comida para o Bob?

Entreolharam-se e saquei logo.

— Onde dormiram?

— Na frente do hospital. — Foi Felipe quem respondeu.

Certo. Eu não iria discutir. A necessidade de um banho era mais urgente que qualquer coisa naquele momento.

O dia estava apenas começando, e ainda tínhamos muito trabalho no farol.

## 07 CAPITULO SETE

### MARCELA.

**DOIS DIAS** haviam se passado desde que eu estive no hospital. Minha rotina estava agitada, sem pausa. Corria de um lado para o outro atrás de advogado para Estéfan. Ele se recusou a aceitar a defesa de um defensor público.

Segundo informações, iria ficar aguardando o julgamento em regime fechado, pois mesmo sendo réu primário, foi pego em flagrante. Meu marido espancou uma prostituta, deixando-a à beira da morte, com a boca espocada, olhos roxos, saltados para fora, e corpo cheios de hematomas. A vítima, que trabalhava em uma casa noturna, registrou a agressão como uma tentativa de homicídio, o que deixou a situação dele bem mais complicada.

Era finalzinho de tarde de sexta-feira. Dona Rebeca e eu, havíamos resolvido fechar a loja mais cedo, antes das 17h:00

Ela andava angustiada, alheia às coisas a sua volta. Às vezes fazia confusão na hora de repassar troco aos clientes. Eu tinha que cuidar praticamente de tudo sozinha, por isso a exaustão estava me consumindo, tornando-se uma sobrecarga quase insuportável.

Tudo o que eu desejava, ao cair da tarde, era chegar em casa e relaxar, hibernar se possível fosse. Embora a situação de Estéfan me preocupasse, não era algo que minasse meu sono, tirasse minha tranquilidade para dormir. Eu estava fazendo tudo o que podia, tudo o que estava ao meu alcance para resolver sua situação, mas sem me agoniar, me desesperar tanto. E todo o meu esforço, era por causa do bem estar e sossego de dona Rebeca.

A noite chegou calma e melancólica, sem aquela brisa suave que costumava brincar com meus cachos na janela.

Voltei para a cama e antes de deitar, peguei o glicosímetro e medi glicose. Estava tudo normal. Não tinha como não estar. Passei quase meia hora me empanturrando com um pote de doce de leite, na cozinha. Depois sequei quase todas as jarras da geladeira, matando a sede que deu depois, o que resultaria em muitas idas ao banheiro durante a noite.

Desliguei o abajur e como sempre, desde os dois dias anteriores, meu pensamento esbarrou em Nita. Eu já havia decidido, iria procurá-la no dia seguinte. Queria vê-la, falar com ela de qualquer forma. Dona Rebeca e eu decidimos folgar no sábado, era o dia de visitas à cadeia, e ela fez questão de estar com o filho. Não achei ruim. Eu estava livre de ter que lidar com as grosserias e as reclamações de Estéfan. Mas nem por isso deixei de me sentir penalizada por minha sogra.

Acordei no dia seguinte e encontrei um aviso na tampa da geladeira.

*“Filha, acordei cedo e fiz a feira. Comprei frutas e mel para você. Se alimenta direitinho antes de sair para algum lugar. Mais tarde estarei em casa, vou passar o dia com meu filho. Se cuida.”*

Embolei o papel na mão e torci para que Estéfan não fosse desprezível, grosso com ela.

Olhei em volta, estava tudo bem arrumado, ornado, lindo de ver. Uvas, morangos, bananas e, bem no centro da mesa, uma cesta de maçãs argentina se destacava pelo tamanho e a cor bem avermelhada. Parecia artificial. Sentei e fiquei escutando o silêncio que enchia a cozinha. Não era a mesma coisa sem ela. Levantei e coloquei *we can't Stop* para tocar. O ambiente ficou mais animado e romântico. Do jeito que eu gostava.

Comi bastante, de tudo um pouco, para manter a hipoglicemia equilibrada. Guardei algumas coisas na geladeira para conservar, e outras mantive na mesa quando terminei.

Voltei para o quarto e decidi trocar a legue que eu usava, por uma jardineira jeans, curtinha, e um *cropped*.

O dia prometia ser quente, e o lugar onde eu começaria a procurar por Nita, era a céu aberto, de torrar os pelos. Prendi os cabelos em um rabo-de-cavalo, na nuca, passei protetor solar e saí, levando uma bolsinha a tiracolo.

Estava muito ansiosa para revê-la. Fiquei formulando conversas na mente, pensando no que eu diria quando estivéssemos frente a frente novamente. Eu não sabia como ela iria me receber depois que saiu do quarto de hospital sem se despedir. Perguntei-me se eu tinha feito ou falado algo que a tivesse chateado. Mas se havia alguém que deveria estar chateada, seria



eu. Pois fui largada dentro de um banheiro. Sozinha. No entanto, chateação era a última coisa que eu poderia estar sentindo.

Ainda sentia um leve desconforto na cabeça por causa do acidente. Precisava, por vezes, aderir a analgésicos para aliviar as dores inconstantes. Mas a melhora, significativa, vinha com o passar dos dias.

A manhã de verão estava linda; o sol invadindo os vidros dos carros, feixes dourados entrando em todos os lugares. Já passava das 9h:00. Resolvi parar no mercado e comprar algumas coisas para comer. Precisava ingerir açúcar a cada uma hora, pelo menos. Tive que enfrentar uma fila enorme no caixa rápido. Comprei e guardei as sacolas no banco do carona, e voltei para o fluxo na avenida.

Deduzi que em 15 minutos eu estaria no farol onde vi Nita fazendo malabarismo. A ideia de não a encontrar por lá, já me deixava frustrada, tensa. Aquele lugar era a minha única esperança de reencontrá-la. Mas me mantive cheia de esperança; meu sexto sentido alertando que eu estava indo no lugar certo.

Quando eu já estava bem próximo do semáforo, deixei o carro em um estacionamento rotativo e fui a pé. O mormaço incomodava, e minha pele branca já começava a ficar vermelha, pigmentada.

Parei um pouco para tomar ar e recuperar o fôlego. Eu não era acostumada àquele sol escaldante, nem quando ia à praia ficava tão exposta.

Comprei água de um vendedor ambulante, e me hidratei.

Segui pelo meio-fio, me escondendo do sol pelas sombras arborizadas.

A uma certa distância já dava para ver o farol onde a encontrei. Meu olhar ficou atento, explanando ao longe, buscando por ela em todos os cantos, em cada pessoa. E, quanto mais eu me aproximava, me dava conta que Nita não estava naquele meio. Havia apenas crianças e adolescentes com caixas e sacos de bombons, oferecendo na janela dos carros.

Aproximei da faixa de pedestre e chamei pelo menino que estava mais próximo de mim. Era um adolescente de estatura mediana, moreno, cabelo liso-escorrido. Gotículas de suor

escorriam do rosto dele. Ele resistiu quando acenei pela primeira vez, mas acabou cedendo quando o chamei novamente.

— Oi. É...você...

— Fala logo, moça. O que quer? Estou muito ocupado, não posso perder tempo.

— Desculpa incomodar. Só queria uma informação.

— Fala.

Hesitei um pouco, intimidada por sua impaciência, mas respirei com firmeza e indaguei logo, sem enrolação.

— Conhece uma mulher morena, corpo atlético, usa *dread* e anda sempre com uma mochila nas costas?

Ele me encarou com mais atenção, me espreitando com minúcias. Vi que resistia e acrescentei:

— Por favor, é importante.

O garoto ergueu a sobrancelha grossa e sondou-me desconfiado.

— O que quer com ela?

— Então você a conhece? — Meus olhos se ampliaram.

— Sim, conheço. Você deve estar falando da Nita.

— Isso! — Falei, animada.

Olhou-me de cima a baixo como se eu fosse de outro mundo. Não havia maldade ou má fé em seu olhar, apenas surpresa.

— Como posso encontrá-la? Ela está aqui? Preciso falar com ela. É importante.

— Você já disse que é importante. Mas não sei se poss...

— Não se preocupe. Não quero encrenca nem e confusão. Também não pretendo fazer nenhum mal a ela.

O menino soltou um riso baixo, esnobador, como se eu tivesse falado alguma estupidez. E só então me dei conta que Nita era lutadora. E que, portanto, eu não era páreo para ela se partisse para qualquer tipo de violência física.

— Ela não está aqui. — Respondeu, depois de se recompor.

— Isso eu já notei. — Não quis parecer rude, mas estava ansiosa, querendo saber dela.

— Se quiser pode voltar amanhã. Ela teve que sair.

— Vai demorar muito? Sabe se ainda volta?

Ele me encarou um pouco espantado, cada vez mais desconfiado.

— Esperaria por ela nesse calor do diabo?

— E qual o problema? —Empertiguei o corpo, altiva, vaidosa. Tive certeza que ele quis sorri mais uma vez, mas se esforçou para suprimir a risada.

— Boa sorte aí. Preciso voltar pra lá. — Apontou.

— Obrigada. E...hei? Posso saber seu nome?

— Lucas!

— Obrigada, Lucas!— Gritei, mas pareceu não ter escutado, focado em sua venda.

Ele continuou circulando entre os corredores dos carros, vendendo balas.

Os minutos se arrastavam como se estivessem programados em câmera lenta. Tive vontade de desistir. O calor se intensificava cada vez mais, e nada de Nita aparecer. Vasculhei um espelhinho dentro da pequena bolsa e me vi com o rosto todo rosado, a pele ardendo, queimando. Busquei a árvore mais próxima, que oferecia pouca sombra, e me recostei nela. Eu ainda guardava a esperança de que Nita surgiria a qualquer momento.

Passou uma. Duas. Três horas. Ela não apareceu. A baixa glicose já estava fazendo a minha cabeça rodar. Tive que sair dali ou desfaleceria naquele asfaltamento quente.

Lamentei, fiquei arrasada por não tê-la encontrado, falado com ela. Toda a minha espera tinha sido em vão. Não sei como consegui chegar ao carro. Ainda paguei uma multa alta, o horário ajustado para eu retirar o veículo do estacionamento havia se expirado. Eu deveria ter tirado em duas horas.

Além de entristecida, fiquei chateada, com a falsa sensação de que Nita sabia que eu à procuraria àquele dia, àquela hora, e resolveu não aparecer.

Cheguei em casa e corri para o chuveiro.

Passei, praticamente, três horas em um calor torrante! Não sei aonde eu estava com a cabeça para sair fazendo loucuras por aí. Ficar esperando, por horas, alguém que eu mal conhecia era sandice.

Mas não me arrependi.

Balancei a cabeça e sorri, custando a acreditar que eu havia passado por aquela situação.

Depois do banho, planejei para o resto da tarde, pôr a leitura em dia. Há tempos eu não pegava em um livro para ler. Só não soube se iria conseguir me concentrar, pensando na linda morena.

### NITA.

Deixei o hospital, já passavam das 15h:00 da tarde. Fiquei quase toda a manhã com Lena. Eu já tinha levado, em outro dia, livros didáticos e infantis. Inclusive, alguns mais especiais para que ela aprendesse mais rápido. Ela já era conhecedora de quase todas as letras alfabéticas, o que facilitaria muito as coisas.

Ela era inteligente, esforçada, dinâmica. Era muito fácil ensiná-la, apostar nela.

A fratura no colo do fêmur, ainda estava um pouco inchada. O médico disse que era normal, e que em breve ela estaria em casa.

Cheguei ao farol e Lucas me viu ao longe. Aproximou-se, cansado, suado.

— Por que demorou?

— Estava com Lena. Avisei que iria demorar, já que ontem passei rápido, só para deixar os livros. Por quê? Aconteceu alguma coisa? — Olhei em volta procurando por Felipe. — Cadê o Magrelo?

— Não aconteceu nada. Mas veio uma moça atrás de você.

— Moça?

— É. Ficou um tempão esperando, e quando percebeu que você não aparecia, foi embora.

Fiquei intrigada. Meus pensamentos foram logo na líder do grupo de garotas do bairro de onde eu tinha fugido. Acabamos brigando feio, lutamos e acabei levando a melhor. Soube que queriam se vingar.

— Como era essa garota? Tinha tatuagens? Usava piercing no nariz e na boca? Tinha cabelos curtos, e usava gorro? — Interpelei, quase certa de que era uma delas.

Fiquei preocupada. Já não era apenas eu. Agora tinha os meninos comigo e fiquei receosa por eles. Eu sabia me virar, mas se

aquelas filhas da puta soubessem que eu estava em grupo, iriam botar pra cima, me ferrar.

— Não, nada disso, Nita. — Ele riu, contraindo uma careta.— Era uma moça branca, baixinha. Ela já estava ficando igual um pimentão vermelho, te esperando no sol. Bem ali. — Lucas apontou e sorriu, se recordando ao contar.

Meus olhos buscaram o chão, as descrições físicas não batiam, nem de longe, com as da louca da Zaira. Olhei para Lucas; um nome veio como um choque na minha mente.

— Era ruiva?

— Era. E tinha olhos bem azuis também. Brilhavam no sol.

— Marcela...? — Balbuciei seu nome, atingida pela surpresa.

— Tem certeza, Lucas?

— De quê?

— Que a moça era ruiva, cara!

— Ah, sim. Mas é claro. Ainda sei diferenciar ruiva, loira, morenas. Aquela ali, por exemplo, é loira.

Caminhei para a calçada, ignorando sua piada sem graça. Ele voltou para a próxima parada de carros, e me afastei, meio mareada.

*O que ela queria? O que Marcela veio fazer aqui?*

Felipe apareceu, aplacando-me do transe ao tocar meu ombro. Acocorou-se do meu lado, na parede de um muro, observando-me.

— E Lena?

— Está cada vez melhor. Ficou toda animada com os livros. Mesmo usados, ela adorou. Precisava ver. Obrigada, Felipe, por também ter ajudado a correr atrás de tudo.

Ele ficou feliz, satisfeito, exibindo o sorriso largo. E enquanto ele repetia, pela milésima vez, como tinha arranjando os livros, minha mente voltou a se concentrar em Marcela novamente.

Que porra ela queria, afinal?

Tentei não ficar perturbada, ignorar, mas foi impossível.

Eu já tinha decidido que não queria saber nada dela. Nem sequer vê-la de longe, mesmo que tenha perturbado minha cabeça, mexido muito comigo.

E, novamente, Felipe me tirou de órbita, comentando:

— Precisamos arranjar mais dinheiro, Nita, trabalhar de verdade. Quem sabe a gente possa viver numa república, pagar por um quarto.

— É isso! — Exclamei, hiperbólica.

— Concorda?

— Não, não me refiro a isso. A república, cara.

Felipe encrespou o cenho sem entender absolutamente nada.

— Vou sair agora.

— Para onde? Precisamos que faça malabarismo. Hoje a grana foi pouca sem você.

Merda! Era verdade. A gente arrecadava muito mais quando eu me dedicava aos malabares.

— Tudo bem. Vou fazer uma hora, mas só com bolinhas. Depois eu saio.

— Ta.

Ele aceitou, satisfeito. Fomos para as ruas, Felipe com as caixas de bombons, uma em cada mão, e eu com as bolinhas.

Meus pensamentos não conseguiam se desvencilhar de Marcela nem por um minuto. Eu iria até a república, caçar o endereço dela. Disse, na primeira vez que nos esbarramos na praia, que tinha amigos por lá.

A minha intenção era acabar com aquilo de uma vez. Deixar as coisas bem claras. Desenhar, se fosse preciso. Pedir que não me procurasse mais. Nunca mais.

## 08 CAPÍTULO OITO

### NITA

**CHEGUEI** na república e fiquei estacionada bem na frente. Era um casarão comprido, e antigo, de dois andares. Não demorei e entrei, chegando em uma área bem espaçosa, ao ar livre. Já eram quase 18h:00 e a noite começava a engatinhar.

Analisei, observei o lugar e pensei no que Felipe havia comentado sobre vivermos em um lugar como esse. Só que a merreca que ganhávamos no farol, mal dava para comer.

Caminhei mais, para o aconchego do casarão, e notei que um homem me observava deliberadamente. Cocei logo a cabeça; eu não queria confusão.

Ele se moveu até mim, me devorando com um olhar pervertido e imoral. Impaciente, me armei logo.

— Qual é cara? Vai ficar me comendo com os olhos, assim, com essa cara de pau? — Olhei-o irritada, e ele sorriu cinicamente, parecendo excitar-se com minha revolta.

— Quer que eu coma você com outra coisa, delícia? — Ele levou a mão no pau duro e apertou sem pudor, me encarando, me desafiando.

— Babaca! Sai da frente se não quiser ficar com essa cara de merda toda rachada.

Desviei para a porta principal, e senti a mão dele se fechando no meu braço, me parando.

— *Hey*, calma gatinha. Está nervosa por quê? Acho que está precisando de um trato. Um bom trato! Garanto que vai ficar relaxada.

Enojada, me soltei com brusquidão e agarrei a camisa no peito dele, espremendo o tecido com violência. Empurrei-o contra a parede do muro alto e escarrei no rosto dele.

— Isso sim, me faz ficar relaxada. Seu babaca!

— Ei, sua vadia?! Está louca? — Empurrou-me.

— Não se mete comigo, infeliz!

Ele veio pra cima, com o punho duro, bem armado, cheio de valentia. Desviei o corpo com habilidade, quando ele fez a primeira tentativa de me acertar; passou direto à minha direita, esparramando-se de peito no chão.

— Vai aprender a respeitar cara de homem, sua cadela. — Avançou novamente e desviei com rapidez, deixando-o ainda mais irado.

Quando tentou me acertar pela terceira vez, eu não quis mais saber de brincadeira. Dominei os braços dele e apertei sua garganta numa chave de braço. Seu rosto ficou vermelho, e os olhos se arregalaram agoniados pela falta de ar.

Pessoas surgiram de todos os lados, amontoando-se numa meia lua. Olhavam curiosas, abismadas. Uma senhora baixa, bem encorpada, surgiu no meio do motim e interferiu.

— Parem com isso! Aqui não é casa de ringue. Parem!

Empurrei o panaca e ele caiu de quatro no chão, tossindo alto, massageando a garganta.

— O que está acontecendo aqui? — A senhora perguntou, alternando o olhar entre mim e o imbecil.

— Essa...essa vadi...

— Ainda não entendeu, dona Afrodite? — Uma garota magra e alta se aproximou.— O Pedro queria fazer mais uma vítima dos seus abusos. Só que dessa vez ele se deu mal.

A menina me encarou, com um sorriso aberto, fazendo um aceno com a cabeça, como um gesto de agradecimento e satisfação.

Todos me olhavam. Uns desconfiados, ariscos, outros pareciam querer saber quem eu era, o que estava fazendo ali. Olhei de forma generalizada para todos.

— Eu não queria confusão. *Okay?* Vim para ver o local por uma sugestão de alguém. Queria alugar um quarto.— Menti.

— Você? Uma mendiga morta de fome? — Um idiota zombou, entre risos de escárnio.

— Calado, André! Se não tem nada de útil pra falar, cala essa boca.

A turma vaiou o moleque. Ele deu de ombros e continuou com o ar escarnecedor, ignorando a bronca da Senhora.



— Moça, sinto muito, os quartos estão cheios. Infelizmen...

— Tudo bem. Sem problemas. — Interrompi.

— Mesmo que tivesse, aqui não é lugar para mendigos.

O pulha levantou-se do chão e acovardou-se atrás da tal Afrodite. Ela o ralhou por cima dos ombros e depois de lamentar e se desculpar comigo, por não ter vagas disponíveis, se retirou. Todos a seguiram para dentro da república, inclusive o patético do tal André. Foi um dos últimos. Fez questão de me lançar um olhar vingativo. Não me intimidei, pelo contrário. Parecia um pateta fazendo cara de machão. Tive que me conter para não rir quando ele finalmente atravessou a porta do casarão e sumiu da minha vista.

Quando me virei, dando as costas para tudo e praguejando por não ter conseguido o que desejava, uma voz feminina me chamou.

— Ei. Espera!

Olhei para trás e era a mesma garota alta e magra que falou na hora da confusão.

— Sei que não veio atrás de vaga coisa nenhuma. — Disparou, mostrando toda a sua esperteza.

— E por que tem tanta certeza?

Astuta, ela jogou os braços para trás, dando a volta por trás de mim, toda saltitante.

— Porque você desistiu rápido demais. Outra pessoa teria insistido se *realmente* estivesse interessada em alugar uma dessas espeluncas. O que veio fazer aqui, hein?

Ela estacou bem na minha frente, olhando-me curiosa, esperando eu abrir a boca e confessar. Eu não tinha nada a perder, então entrei na onda dela.

— Conhece uma ruiva que se chama Marcela? Ela não mora aqui, mas disse que tem amigos nessa república. Conhece?

— Conheço. É amiga da Anna e da Dedé. A gente se fala, vez ou outra também, mas não temos qualquer tipo de intimidade. — Falou com um certo desdém, dando de ombros.

— Sabe o endereço dela?

Desconfiada, a loira estreitou os olhos em cima de mim, me descortinando.

— Hmmm, quer dar uns *pegas* na ruiva, *né* safada? — Ela sorriu abertamente, de modo espalhafatoso. — Conheço bem o seu tipo. Não me engana.

Sorri também, na dúvida se ela tinha algum distúrbio, ou se era apenas muito sem noção. Neguei com a cabeça, esperando que se recompusesse.

— Não é nada disso, garota tola. O assunto é sério. Vai me dar o endereço ou não?

— Hmmm...

Ela pensou por um momento; o dedo tamborilando no rosto.

— Eu dou. Mas, com uma condição!

— Qual?

Ela chegou mais perto, cochichando ao pé do ouvido.

— Só se você der uma surra em Estéfan.

— O marido dela? De Marcela?

— Sim, esse safado mesmo.

Curiosa, a escrutinei tentando adivinhar o que ele poderia ter aprontado para a maluca. Embora não fosse preciso pensar muito para chegar a uma conclusão óbvia.

— O que ele te fez?

— Me seduziu e caiu fora. Disse que ia deixar a Marcela para ficar comigo. Ficamos várias vezes, e quando exigi que a abandonasse, me humilhou, dizendo que eu era uma burra idiota. Que seu único objetivo, desde o começo, era me usar, apenas se divertir.

Neguei com a cabeça, nada surpresa.

— É bem a cara daquele patife! Mas de uma coisa ele tem razão, somente uma burra idiota para cair na conversa daquele animal.

— *How!* Também não precisa sapatear em cima, *pow!* Estou aqui, me abrindo, e você fica pisando em cachorro morto?

Não me contive e sorri, achando a situação, toda, muito ridícula.

— Não se preocupa, garota maluca. Ele já está na pior. Foi preso por esses dias, acusado de agredir uma coitada. Você deveria agradecer de joelhos, pois se livrou de um agressor, um cara abusivo.

— Ele é uma delícia.

Torci o rosto, contendo a vontade de pular no pescoço da louca inconsequente.

— Mas vou te dar o endereço. Ainda não me disse o que quer com ela. Está só me enrolando. Acho que depois desse presentinho, eu mereço saber.

Ela era maluca, mas esperta. Pelo menos para algumas coisas.

Pensei rápido em alguma desculpa e me lembrei do cordão que eu havia achado na lixeira. Poderia não ser de Marcela, mas iria me livrar das interpelações da maluquinha.

— Quero entregar algo muito valioso, que tem um valor sentimental muito grande.

— O quê?

— Uma joia.

— Hmmm....

Os olhos verdes se comprimiram em desconfiança, mas ela não perguntou mais nada.

— Não sei exatamente o nome da rua e nem a numeração da casa, mas se você esperar, posso perguntar para as meninas.

— Eu espero.

E, em poucos instantes, ela voltou, me entregando o endereço. Agradei e me despedi.

Fui atrás de Marcela.

## MARCELA.

Passei o resto da tarde pondo a leitura em dia. Coloquei uma cesta de morango e uma caixa de leite condensado em cima do criado mudo e, entre uma pausa e outra, eu me alimentava, evitando a queda da glicose.

Li um pouco de tudo. Aventura, romance, fantasia urbana, ficção científica e uma distopia com um belo plano de fundo romântico. Tentei um de terror, que ganhei, mas não consegui. Deixei a leitura no meio do prólogo. Era o único gênero que eu não conseguia ler.

Entretida, não percebi quando a tarde minguou e a noite avançou. Pelas frestas da janela semiaberta, o vento entrava alegre, farfalhando o tecido da cortina.

Dona Rebeca já havia chegado, e contou o que eu já imaginava. Estéfán tinha dado o seu pior. Foi grosseiro, primitivo. Fez acusações desmedidas, como se tivéssemos culpa do buraco que ele mesmo cavou para se enterrar.

Ela chegou com os olhos inchados, tristes e cansados quando retornou da cadeia. E eu sabia que precisava descansar. Tive que obrigá-la a tomar um calmante para poder adormecer. Voltei a ler novamente, mas interrompi a leitura diversas vezes, preocupada com ela. Fiquei receosa, em alerta, com medo que adoecesse, que a prisão do filho afetasse seu psicológico. Minha concentração não fluiu cem por cento. Mas, ainda assim, resolvi continuar lendo.

Quando chegou no último capítulo de *Harry Potter e o prisioneiro de azkaban*, meus olhos começaram a arder. Pausei a leitura e olhei para os dois últimos morangos esquecidos dentro da cestinha. Comê-los lambuzados de leite condensado, significava ter que levantar para tomar mais água. Eu não estava sentindo tonturas, ou fraquezas, nem náuseas. Mesmo assim, resolvi saber em que nível estava minha glicose. Saber se valia a pena levantar ou não. Medi e 80mg/dl marcavam a telinha do glicosímetro.

Ainda estava cedo. A noite estava apenas começando. Então resolvi deixar a preguiça de lado e fazer algo mais consistente, que produzisse uma absorção mais lenta e prolongada. Decidi preparar uma comidinha vegana: Tofu, com arroz integral e vegetais.

Deixei o marcador na página inicial, do último capítulo, e fui para cozinha, me espreguiçando no caminho.

Mirei no tic tac do relógio e os ponteiros se aproximavam das 20h:00.

A geladeira estava sempre cheia, farta. Dona Rebeca nunca deixava faltar nada, principalmente depois que descobri que tinha hipoglicemia. Parecia uma mãezona, sempre preocupada, pendente o tempo todo.

Coloquei uma música animada, em volume baixo, para não correr o risco de acordá-la. O efeito do remédio era perdurável, duraria a noite toda e um pouco mais. Mas, preferi não arriscar.

Cortei o tofu em cubos pequenos e temperei com alho, azeite, pimenta-do-reino e shoyu. Untei a assadeira, e coloquei os cubinhos espaçosamente. Deixei reservado na geladeira por alguns minutos e, por último, levei ao forno por uma hora.

Preparei uma salada mista com vários vegetais. Folhas, flores e frutos. Estava tudo colorido, saudável e convidativo.

O arroz estava prontinho no fogão. Arrumei tudo em cima da mesa como se eu fosse servir pelo menos umas sete pessoas. Troquei a playlist, e coloquei músicas instrumentais que eu também curti bastante, me relaxava enquanto comia.

O cheiro bom da comida, atíçou a minha fome. Sentei e me servi. E, quando eu ia levar a primeira garfada à boca, escutei duas batidas na porta. Parei o garfo em movimento e esperei. Foi quando ouvi o terceiro e quarto toque. Levantei e dei pausa na música.

Relanceei para a parede, e o relógio demarcava 21h:40.

*Seria alguma das meninas da república?* — Me perguntei, muda.

Conversamos por mensagem pouco antes de eu maratonar os livros, disseram que me fariam uma visita surpresa a qualquer momento.

*Mas tinha que ser tão tarde?*

Desconfiada, coleí o rosto na porta para ver se escutava algo mais. Algum barulho, alguma voz que as identificassem. Nada. Havia apenas o sibilar do vento lá fora. Perguntei, arisca.

— Quem é?

— Nita.

*Nita?* — A mente repetiu, descrente, ao passo que o coração saltou loucamente, querendo pular para fora.

Cética, perguntei novamente, para ter certeza que eu não estava delirando, tendo algum tipo de alucinação.

— Quem?

— Nita. Abre, vim conversar.

Agarrei a maçaneta e puxei com tudo, sem me dar conta que estava apenas com um short-calcinha e uma blusinha larga, que mostrava quase todo o abdômen.

Não consegui disfarçar a emoção da surpresa boa. Minha boca se curvou em um largo sorriso, e senti que meus olhos brilhavam

emocionados.

Era ela. Parada na minha frente. De repente, me vi abraçada ao meu próprio corpo, pega pelo vento frio que regelava a pele. Nita me olhou de cima a baixo, muito rapidamente, e depois seus olhos voltaram a tomar conta dos meus.

— Costuma abrir a porta assim, nesses trajes?

— Não, claro que não. — Falei, meio tímida.

— Não é o que está parecendo.

Seu olhar desceu novamente pelas minhas curvas, e dessa vez pareceu prolongar-se mais que da primeira vez.

— Entra. E sinta-se à vontade. — Dei espaço e ela comentou:

— Estou suja, suada e grudenta. Não prefere vestir alguma coisa mais discreta? Espero você aqui.

— Não me importo que esteja grudenta ou suada. Estou pedindo que entre. Vamos ficar mais à vontade aqui dentro. Está frio aí fora.

Seu olhar vacilou, cheio de recusas.

— Está sozinha? Não corro o risco de dar de cara com o animal do seu marido?

— Ele ainda está preso. Estou só. Entre, ou vou congelar se eu ficar por mais um segundo aqui.

Ela pensou e repensou; sondou os lados e finalmente entrou. Fechei a porta e o calor do ambiente reconfortou meu corpo novamente.

Nita passou os olhos pela sala, enquanto arriava a mochila das costas e acomodava ao lado da poltrona. Mergulhou as mãos nos bolsos da bermuda e limitou-se a observar ao redor.

Logo, seu olhar encontrou o meu. Estava séria, misteriosa. Senti algo rebulir dentro do meu peito, descendo pelo ventre e acomodando-se ali. Uma sensação única, mas que dava medo, e que começava a ganhar forma cada vez que Nita estava tão perto. Fiquei ainda mais cheia de tensão na sua presença. Era bom, mas ao mesmo tempo muito perigoso, incerto. Senti-me nervosa, ansiosa. Encurtei um pouco mais a distância entre a gente, quebrando de vez a estranheza do silêncio.

— Estava me servindo quando você bateu na porta. Come comigo?

— Não vou negar. Estou mesmo com uma *puta* de uma fome.  
Dei uma risada leve, anuindo com a cabeça. Suas palavras sem filtro me causavam esse efeito.

— Também estou faminta. É por ali. Pode ir se acomodando à mesa, vou pôr uma roupa mais...descente.

Ela parou e me olhou:

— Não precisa. Está em sua casa.

— Está bom assim? — Provoquei, na mais pura das intenções. Ela apenas confirmou com a cabeça. E, a forma intensa como arqueou a sobrancelha, me fez pensar que eu estava sendo oferecida, atrevida demais. Tentei me redimir.

— Mesmo assim, vou colocar algo mais confortável.

— Você é quem sabe.

Assenti e me retirei.

Voltei com um vestidinho rodado, de alças finas, e que alcançava a metade das coxas. Prendi os cachos numa trança única-lateral, e joguei por cima do ombro.

Nita deu-me uma visualizada rápida, limitando-se a demorar os olhos em mim.

— Quer que eu sirva você? — Perguntei, solícita, querendo agradar.

— Não. Estava apenas te esperando. Posso? — Apontou para a refeição.

— Mas é claro. Fica à vontade.

Tirei o papel alumínio que cobria o refratário, revelando os tufos douradinhos.

Encarou-me de repente; a expressão se iluminando, surpresa.

— *wow!* Faz um tempão que eu não como tufos. Você quem fez?

— Sim, eu mesma. — Sentei, depositando o guardanapo no colo, acompanhando a forma elegante como ela segurava os talheres.

E só então percebi, que havia muitas coisas para saber sobre Nita. Eu não sabia nada da sua vida. O porquê vivia nas ruas, quais os motivos que a levaram a viver nelas. Tive uma vontade avassaladora de começar a perguntar, saber tudo.

Indaguei-me onde ela havia experimentado tufos pela primeira vez.

Parecia ter um paladar refinado, e embora estivesse montada em trajes maltrapilhos, percebia-se que tinha a compleição e uma postura classuda. Sabia conduzir muito bem os talheres, com fineza e leveza. Em contrapartida, seu modo de falar, contradizia esse detalhe que a tornava ainda mais atraente.

Ela comia depressa, parecia que a fome estava corroendo seu estômago a tal ponto que, não mascava a comida, engolia rápido, como se os tufos fossem fugir do prato. Acabei rindo, me divertindo um pouco. Eu estava cheia de expectativa boa para aquele encontro, fantasiando alto. Permaneci ansiosa, aguardando suas impressões, o que falaria sobre o sabor da comida. E, me preparei para ouvir, quando ela levou o último cubo de tufos à boca.

— Que delícia. Estava muito, muito bom Marcela.

— Obrigada. Fiz na pressa. — Sorri feliz, muito satisfeita.

E então, driblei as palpitações do peito e botei para terminar o meu também; sem tirar os olhos dela, prestando atenção em tudo.

Suspeitei que aquela noite mudaria minha vida para sempre. Mudaria meus sentimentos, minhas escolhas, o meu *eu*.



## 09 CAPÍTULO NOVE

NITA.

O **TOFU** de Marcela estava realmente muito saboroso. Não me fiz de rogada e repeti duas vezes. Talvez ela pensasse que eu fosse uma morta de fome, que não comesse há dias. Mas perder uma *boquinha* não era do meu feitio. Sempre fui comilona, de um apetite exacerbado. Mesmo nos tempos de vida boa, eu tinha que me alimentar bem, comer bastante, por conta dos treinos de lutas que me levavam a campeonatos regionais e estaduais.

A salada mista também estava uma delícia, com brócolis, pepino, alface e uma variedade colorida de vegetais. Ela organizou tudo em fileira, num recipiente semelhante a uma barca. Estava tudo bonito, irresistível.

Conversamos pouco na hora da refeição. Percebi seus olhares o tempo todo em mim, me observando. Em alguns momentos cheguei a olhá-la mais demoradamente, sem pressa de desviar. E ela estava sempre pronta para corresponder ao meu gesto, ansiosa por uma palavra minha. Percebi, claramente, que estava feliz ao me ter ali. O azul dos seus olhos, brilhavam mais vivos, intensos; expandiam-se alegres, cheios de vigor. Mas, eu não estava ali para fazer recíprocas. Concentrada, me mantive quase que o tempo todo neutra, distante, resistindo ao clima que, por vezes, serpenteava entre nossas trocas de olhares.

Eu não era tola, nem mesmo cega, em não notar que Marcela era atraente, linda, que tinha um *sex appeal* perturbador. Era espontânea, gentil, dona de uma beleza singular. Mas, havia algo ainda mais perturbador, que eu não me atreveria a negar para mim mesma; ela mexia comigo. E mexia muito!

Marcela se encantou por mim. Estava tão claro quanto o céu de verão.

Quando estivemos no hospital, tão colada, e também hoje, ao me procurar no farol, recusei a acreditar no óbvio, que estivesse nutrindo algo perigoso e que não poderíamos consumir, trazer à realidade. Eu não queria, não era esse o meu propósito. Ainda tinha

Drica muito bem presente em minhas lembranças. Já havia beijado, ficado de forma superficial com algumas mulheres, depois de Drica, mas não passou disso. Não vingou. Nunca levei adiante. Foi somente curtição, coisa passageira, de momento.

Terminei por fim, de comer, muito satisfeita. Há muito tempo eu não comia tão bem, e de forma saudável.

Marcela levantou e foi logo pegando meu prato para levar à pia.

— Vou lavar rapidinho e depois podemos conversar na sala.

— De forma alguma! — recusei, agarrando seu punho. Ela sustentou os olhos nos meus e completei. — Faço questão de lavar, afinal, comi de graça. Pago com a louça.

Ela sorriu, sem desviar do meu olhar.

Era incrível como o seu sorriso e seus olhos tinham um magnetismo que me paralisava, me prendia sem esforço. Pisquei, expulsando as sensações que me afrontavam, e desviei para o prato em sua mão.

— Deixa que eu cuido disso, só precisa me dizer onde vou guardando tudo.

Percebi que ela iria protestar e falei mais.

— Não adianta negar, porque não vou ficar te assistindo lavar tudo, depois de eu ter comido praticamente todo o tufos sozinha.

— Também comi duas vezes.

— Comida de passarinho.

Rimos. Eu mais comedida e ela mais à vontade, solta. Eu poderia congelar seu sorriso, se tivesse o poder para isso. Admirá-la, contemplá-la sem pressa, sem empecilhos. *Merda, Nita!* Ela ficava mais linda quando sorria abertamente, exibindo as covinhas nas bochechas.

— Então vem. Acho que temos coisas mais importantes para fazer agora, ao invés de ficar gastando tempo com louça. Não acha?

Ela manteve seu olhar no meu, por um breve instante, e depois me puxou, arrastando-me até a sala.

— Senta.

— Não quero sujar seu sofá. Estou bem em pé.

— Para com isso, por favor. Assim quem ficará constrangida sou eu.

— Não quero abusar. Ainda nem tomei banho hoje. Estou bem assim, já disse.

— Não, não.— Aproximou-se, ficando bem perto.— Ou senta nesse sofá, ou não respondo por mim.

— Ah, é? E o que pretende fazer com minha recusa? — A instiguei, desafiando-a.

— Isso!

Empurrou-me e caí sentada, colidindo contra o encosto do sofá. Tentei levantar, mas ela ajoelhou-se entre minhas pernas, espalmando as mãos no meu colo.

— Você tem outra opção também.

Fiquei muda, sensações dissonantes me invadindo, deixando-me atônita. Então emendou:

— Pode tomar um banho se quiser. Se isso for deixar você mais à vontade. Quer que eu separe uma toalha, e roupas limpas? Acho que na...

— O que você quer, Marcela? O que pretende? Fala de uma vez, sem Joguinhos.

Levantei com tudo, arrodando o sofá. Ela se ergueu também, me acompanhando.

— Você sabe o que eu quero. Nita, eu gosto de você. Não sei como, mas esse sentimento está aqui, crescendo como erva daninha. Eu durmo e acordo pensando em você! — Desabafou em um fôlego só.

— Você está confundindo as coisas. Está tão carente assim?

— Não, não é carência. É muito mais que isso. Muito mais.

Seus olhos emocionados quase me fizeram fraquejar, permitindo que o toque de sua mão chegasse até ao meu rosto. Desviei rápido, e me distanciei um pouco mais.

— Você é casada! Muito mal casada, mas não deixa de ser.

— Isso é um problema para você?

— Pra você não?

Ergueu a sobrancelha; uma lágrima melancólica descia lentamente por sua bochecha, perdendo-se em algum lugar quando

ela girou e sentou-se na poltrona. O silêncio tomou o espaço, mas logo se dissipou quando ela desabafou.

— Estéfan é uma cruz na minha vida.

— Acho que você está confusa, carente. Olha pra mim, Marcela! — Abri os braços e ela ergueu o rosto, me fitando. — Não estou querendo me diminuir, me vitimizar, longe disso, mas tenho consciência de que não passo de uma *zé ninguém*. — Ajoelhei-me no carpete, pousando a mão no braço da poltrona.— Vivo nas ruas e das ruas. Vivo me metendo em brigas e confusões. Estou aqui porque eu sabia que você iria me procurar novamente, e eu não queria que isso acontecesse.

— Não queria mesmo? — Ela escorregou do assento, ficando quase encaixada em mim, nas minhas coxas.

Seu cheiro, o olhar intenso e penetrante; a respiração quente, tudo me sacudiu, me deixou presa nela, vidrada, causando-me um alvoroço por dentro. Fui tomada por uma ânsia de querer envolvê-la em beijos e carícias. Prendê-la contra meu corpo, sentir sua pele, apertar, morder, gemer.

Seu olhar me implorava toques, e meu coração acelerava desgovernado, pedindo que eu me desarmasse e me entregasse. Ali naquele momento, sentindo e tendo Marcela tão perto de mim, percebi que a queria muito. Muito mais do que pensei. Mas reuni forças e levantei, me desequilibrando com a subida quase brusca, precisando de ar.

— Porra... não...isso não vai rolar!

Ela se ergueu, e naquele momento Marcela soube, teve certeza, que eu também a queria, que eu não era indiferente a nada do que ela sentia.

— Você quer também, você...você está fugindo. Por quê?

— Estou!

*Inferno...*

Virei para ela e não consegui formular palavras, dar desculpas; me perdi nas sensações que me engoliam, na fraqueza daquele sentimento indesejado e espontâneo.

Chegou mais perto e recuei, abalada, enlevada, tentando achar apoio em algum lugar atrás de mim.

— Você está complicando as coisas. Afasta, por favor! —  
Falei, odiando o leve tremor na minha voz.

Ela estatizou, entre o sofá e a mesa de centro:

— Quando vi você pela primeira vez, na praia, e foi com tudo pra cima de Estéfan, achei que não tivesse medo de nada, que encarasse qualquer coisa. Ali, te admirei, quis ter um pouco da sua coragem, da sua ousadia.

Fiquei atenta, observando, ouvindo. Emoções ainda bem fortes, mexendo comigo. Falou mais:

— E quando apareceu na loja, de repente, meu peito se encheu de coisas que na hora não compreendi, não fui capaz de nominar, assimilar com clareza. Só sabia que era bom, que eu não queria deixar de sentir.

Deu uma pausa e me olhou mais compenetrada, intensa. Continuou:

— Somente quando tive você tão perto de mim, naquele quarto de hospital, eu soube o que estava nascendo, se criando dentro de mim. Cada vez mais claro, nítido. E quando você me sustentou nos braços, para me levar ao banheiro, desejei que não me soltasse nunca mais. E, — Suas pupilas se movimentaram mais intensas. — Desejei com uma força tão, absurdamente, grande um beijo seu...

— Que loucura! — Reagi na defensiva, como se eu não tivesse sob o mesmo efeito, balançada demais. — Definitivamente você não deve saber o que está sentindo.

— Sei. — disse firme, categórica. — Ao contrário de você que sente o mesmo e nega, foge. Eu posso sentir, vejo nos teus olhos que me quer também. E me quer muito.

Estonteada, peguei minha mochila, esquecida em algum lugar e joguei nas costas, precisando fugir dali. Cheguei perto dela, não muito, apenas o suficiente para parecer incisiva, decidida.

— Não me procure mais, Marcela. Tira essa fantasia da cabeça.

— Não!

Seus olhos lacrimejaram, resistentes, determinados. Se acercou mais do meu queixo e olhou-me bem dentro dos olhos.

— Não vou fazer o que está me pedindo, Nita. Não vou desistir tão fácil de você.

— Vai perder seu tempo. De você e seu marido eu só quero distância!

— Está mentindo! — Ela exclamou, com as mãos em punho.— Vi como também me olhava no hospital e... — se aproximou, me envolvendo no seu olhar.— Vi também como ficou agora a pouco no chão. Está sentindo o mesmo que eu.

Era verdade! Havia uma atração muito forte, não tinha como negar. Mas...

— O fato de haver uma atração da minha parte, não significa muita coisa. Já senti o mesmo por algumas mulheres, mas foi só isso!

Ela limpou a expressão e perguntou curiosa:

— Também nunca se relacionou com mulheres?

— Sim. Mas é claro que sim. Amei com todas as forças que um ser humano é capaz. Íamos viver juntas. Estávamos no ápice de um grande amor, vivendo o pacote completo da felicidade.

Ela piscou duas vezes, mexida, parecia afetada, e até enciumada. Recuou, lentamente, dando-se um tempo.

— Você disse que amou. Não ama mais?

— Nunca vou deixar de amá-la.

Suas sobranceiras se ergueram.

— E por que não está com ela? O que aconteceu?

Ignorei sua pergunta, ajeitando a mochila nas costas, pronta para sair.

— É uma longa história. Não quero e nem vou mexer nela.

— Adeus! E obrigada pela comida.

Dei as costas, sem esperar qualquer réplica. Apenas segui em direção à saída, levando comigo o sentimento de que tinha feito a coisa certa, embora minha vontade fosse dar meia volta e fazer tudo ao contrário. Mas eu tinha um objetivo, um algoz a ser combatido. *Renatão*. E isso era a única coisa que me regia. Não poderia correr o risco de deixar qualquer pessoa entrar na minha vida e ocupar o espaço que sempre fora de Drica. Estragar tudo! Eu precisava me vingar, fazer justiça! Não permitiria me deixar levar por uma atração boba e passageira.

MARCELA.

Não consegui me segurar. Ficar parada, assistindo Nita ir embora. Tinha que fazer alguma coisa, e meu coração mandou que eu gritasse.

— Espera!

Ela parou, mas se recusou a olhar para trás.

— Você disse que sentiu atração por outras mulheres, e que não levou a sério, que não passou disso, de um...frenesi.

— Exato. Mas o que isso tem a...?

— Teve beijo, não teve?

Ela uniu as sobrancelhas, ligeiramente intrigada.

— Você beijou essas mulheres? Esteve com elas mais intimamente?

— O quê? — Pareceu chocada, adivinhando onde eu queria chegar.— Quer um beijo meu, Marcela? Quer que eu fique com você como fiquei com as outras? É isso?

— É. — Dei um passo à frente, quase colando meu peito contra o dela, chegando bem perto da sua boca.

Era mais forte que eu, não conseguia dominar o impulso.

Os lábios dela se apartaram e senti quando sua respiração acelerou pesada; seus olhos presos nos meus, confusos, mas muito convictos e consciente do que eu sentia e queria.

Senti meu corpo latejar, aceso como brasas vivas. A ânsia me embriagando, as pernas quase cedendo, ao imaginar tudo o que Nita poderia me oferecer em um único beijo.

Vi resistência em seus olhos. Ela batalhava contra suas próprias vontades. Meu corpo se contraiu quando as mãos dela pousaram na minha cintura. Foi um toque leve, mas o suficiente para fazer tudo se ouriçar, esquentar mais.

Pensei que iria me puxar para seus braços, me beijar como louca. Mas tudo o que ela fez, foi me afastar.

— Não vai ter beijo nenhum, Marcela. Quero que saiba, de uma vez por todas, que entre você e eu não vai ter nada. Nada!

— Mas...você quer. Qual é o problema?

— Problema? Muitos! E querer não é poder.

Não pude evitar um riso de frustração.

— Você é linda! Muito linda. Em outro momento, eu não pensaria duas vezes em ficar com você, como você quer,

como...como eu também quero. Mas não vai rolar. Desiste!

— Não vou desistir. Ainda mais sabendo que você também quer.

— Está no seu direito. Mas quer um conselho? Não insista em uma coisa que tem tudo para acabar mal.

— Vou arriscar.

— Quer se arriscar? Arrisque-se em se livrar do crápula do seu marido. Se ame primeiro para depois apostar em alguém, insistir em outra pessoa. E de preferência em uma que tenha um teto, para te convidar ao menos para tomar um copo d'água.

Não consegui contra-argumentar. Nita bateu à porta, desaparecendo da minha frente, me deixando ali, imóvel. Ainda ameacei correr atrás, inconformada com aquele desfecho, mas a voz de dona Rebeca, atrás de mim, acabou com qualquer chance que eu poderia ter.

— Filha, eu...eu...

Corri para ampará-la quando tentou se apoiar no braço do sofá.

— Dona Rebeca, era para senhora estar dormindo. O que houve?

— Eu...eu tive um pesadelo, filha. Meu filho... ele... vão fazer mal a ele naquele lugar.

Aflita, ela começou a chorar, passando mal, esfregando a mão no peito.

— Calma. Tudo vai se resolver. Estou aqui, do seu lado. A senhora não está sozinha.

— Eu...não sei se consigo ser forte.

— Mas é claro que consegue! — Levantei e sentei perto dela, abraçando-a muito forte.

E assim terminou minha noite, com o coração apertado, comprimido. E eu não sabia o que doía mais, se o desprezo, a resistência de Nita, ou ver dona Rebeca sofrendo, sucumbida a dor de ter seu filho preso.

Só continuei abraçando-a forte, me aninhando em seu colo também, dando e recebendo aconchego e calma.



## 10 CAPÍTULO DEZ

### MARCELA.

**DONA** Rebeca não passou bem durante a noite. Depois do pesadelo que teve com Estéfán, sua pressão caiu várias vezes durante a madrugada. Levei-a para seu quarto e cuidei dela, velando o pouco sono que conseguira ter, até o alvorecer. Depois que o dia clareou, fomos para o hospital mais próximo. Pedi logo uma bateria de exames; ela costumava fazer anualmente, logo nos primeiros meses. Aproveitei e adiantei logo.

A espera foi desconfortável e cansativa. Embora estivéssemos na fila de prioridade, não amenizava a irritação pelo atendimento demorado que ofereciam aos idosos, gestantes e deficientes. Ouvia-se burburinhos e reclamações incessantes na fila de triagem. E eu tentava confortá-la e mantê-la tranquila o tempo todo, repetindo que tudo iria ficar bem e que logo seria atendida.

Quando chegou a sua vez, uma enfermeira nos recebeu muito simpática.

— Quem mais está atendendo, além de você? — Perguntei, entendendo o motivo de tanta demora.

Tive a impressão de que ela ficou constrangida com minha pergunta. Foi sucinta ao responder que estava sozinha.

Ela fez os procedimentos básicos e nos direcionou para a sala de espera onde dona Rebeca seria atendida pelo médico. Naquele momento, praguejei Estéfán, mentalmente, por ter cancelado o plano de saúde. Reclamava insatisfeito, afirmando que não era necessário pagar, todos os meses, uma quantia absurda por algo que quase não fazíamos uso. E que ele estava só gastando dinheiro atoa, que éramos saudáveis e não precisávamos. Egoísta infeliz!

Fiquei com dona Rebeca quase toda a manhã, fazendo coleta de sangue e urina. Faltou somente a de fezes, mas ela estava se sentindo indisposta para esperar o intestino evacuar.

Chegamos em casa quase às 11h:00. Coloquei-a para descansar um pouco em sua cama, e fui para a janela. Apreciei o

dia que estava bom para pegar uma praia, esquecer a noite mal dormida, se divertir.

— O que foi, filha? O que tanto olha? — A voz frágil me despertou, imersa em meu mundo particular.

— Estou apenas admirando o sol lindo de domingo. — Respondi um pouco melancólica, me aproximando e sentando ao seu lado.

— Chama aquelas suas amigas da república, a Dedé e a Anna, e vai se divertir um pouco, pegar um bronze na praia. Eu estou bem, não precisa se preocupar.

— Nem pensar! — Levantei e fui fechar as cortinas, deixando o quarto na penumbra, apenas com o brilho da tevê. — Vamos assistir um filme curtinho como a senhora gosta.

Ela ia protestar, reclamar, mas fui categórica.

— Daqui não saio, daqui ninguém me tira.

Sorriu, negando com a cabeça, associando minhas palavras à canção de carnaval.

— Ah, filha, como eu queria ir em algum bloco esse ano. Mas a situação de Estéfan...

Deitei de lado, apoiando o cotovelo na almofada, sentindo-me penalizada. Eu ainda não tinha comentado nada sobre a visita que recebi de Nita. E durante o percurso de ida e vinda do hospital, só pensei na morena, no que me disse sobre me livrar da relação tóxica e abusiva que eu levava com Estéfan. Decidi que quando ele deixasse a cadeia, eu iria ter uma conversa séria sobre separação. Eu estava certa, decidida.

Acoplei minha mão sobre o seu dorso e acarinie a pele enrugada, marcada pela passagem dos anos, das décadas.

— Ele foi muito grosso? Muito grosso mesmo? — Indaguei, com uma esperança vazia, com uma ilusão bem distante da realidade.

Ela abaixou a cabeça e, no instante seguinte, ergui seu queixo, fazendo com que seus olhos não deixassem os meus.

— Me conte com detalhes como foi ontem com ele.

Aspirou, desanimada.

— Foi daquele jeito que você conhece, filha. Um pouco pior, até.

Anuí em concordância, imaginando como devia ter sido.

— Como podemos ter permitido que as coisas chegassem a esse ponto, dona Rebeca? De deixarmos Estéfan nos tratar como se, de repente, fosse o Senhor diante dos seus vassalos. Por que fomos tão liberais com ele, e negligentes com a gente?

Ela demonstrou estar sem forças para responder qualquer uma das minhas indagações. Baixou o rosto e ficou pensativa.

O que mais eu temia, e que me causava uma profunda dor, era a ideia de um dia ter que partir e deixá-la sozinha. Estéfan era seu único filho, e eu sabia que ela não sairia do seu lado antes de tentar, de todas as formas, fazer dele um ser humano melhor, descente. Embora eu duvidasse que isso, algum dia, fosse possível.

— Só quando meu filho te perder, filha, é que vai perceber todas as bobagens que fez e vem fazendo. Vai querer correr atrás do tempo perdido e será tarde demais.

Ao escutar suas palavras, tocou-me dizer que ele já tinha me perdido. Mas freei a língua a tempo. Talvez Estéfan nunca tivesse me ganhado. E ela, no fundo, sabia disso.

Ajeitei-me melhor na cama e a sondei.

Eu quis falar tudo o que estava acontecendo comigo, confessar meus sentimentos, o interesse genuíno que eu nutria por Nita. Eu considerava dona Rebeca como uma mãe, minha melhor amiga e confidente. Era para ela que eu contava tudo.

Minha boca fez a mímica de falar, mas me contive a tempo, melindrada, receosa. Eu confiava nela a ponto de me abrir, falar tudo. Mas julguei não ser a hora e nem o momento certo.

Acabei colocando um filme e ficamos ali, pendente uma da outra, curtindo o clima geladinho do ar condicionado, assistindo “*O Curioso Caso de Benjamin Button*”.

Tentei me concentrar no filme, mas a mente buscou pela imagem de Nita. Seu olhar, sua voz. Ela estava em cada recôndito da minha mente. O tempo todo. Perguntei-me o que estaria fazendo naquele momento, se tinha acordado pensando em mim, ou se, simplesmente, não conseguira dormir, mexida com tudo o que aconteceu. Se seu coração estava inquieto como o meu.

Meu peito pesava, tomado de ânsia e algo mais que era difícil nomear, explicar. Só de pensar nela tudo em mim ardia, tremia. Meu

corpo se enchia de expectativa, com a doce ilusão do toque de suas mãos, das pegadas firmes, encaixes perfeitos de corpos. Tudo! Meus seios se espetaram, de repente, e minha vagina abria e apertava, cheia de latejos. Apertei-me contra o travesseiro, tentando me livrar de todas aquelas sensações que roubavam minha concentração.

Busquei por dona Rebeca, ela parecia não estar muito concentrada também. Assim seguimos, tentando deixar de lado o que nos arrefecia.

### NITA.

Já estávamos há quase meia hora na surdina, atrás de uma pilha de eletrodomésticos caindo aos pedaços e enferrujados, esperando que o velho entrasse para dentro de sua residência para poder entrarmos na casa abandonada. Já passava das 20h:00. Os meninos e eu estávamos cansados, fadigados, maltratados pelo dia pesado que exigiu tudo de nós.

— Qual é a desse velho? Por que ele não vai embora? — Felipe comentou, chateado, fungando próximo ao meu pescoço.

— Toda noite é isso! — Lucas também reclamou.

Desinclinei e eles me imitaram:

— Ou é isso, ou dormiremos na rua. O que vocês preferem?

— Eu prefiro uma casa de verdade. Um lar. Prefiro uma vida comum, como qualquer outra pessoa, e não essa vida de miséria de todos os dias.

Engoli suas palavras, me sentindo impotente. Era uma vida miserável, humilhante. Toquei seu ombro e ele se virou; suas pupilas estavam dilatadas de cansaço.

— Nada do que eu diga agora, nenhuma palavra bonita, cheia de esperança, fará com que você se anime, ou de fato, fique esperançoso. Mas lembre-se, somos uma família agora. E não só isso, somos uma família *unida*. — Enfatizei. — Não sei o que o dia de amanhã nos reserva, Felipe, mas o que sim sei, é que estaremos juntos. Bom, é isso que eu quero. E vocês? — Olhei de um para o outro.

Lucas entrelaçou a mão grande na minha e apertou forte. Felipe me olhou com carinho e depois recostou sua têmpora na minha, me abraçando por cima dos ombros. Nem uma palavra foi dita.

Ao voltarmos a atenção para o velho, ele já não estava mais lá. O alívio veio com tudo, pois eu não aguentava mais ficar um minuto, sequer, atrás daquelas latarias velhas, com pernilongos pinicando minhas pernas.

Atravessamos, e quando Bob nos enxergou, ergueu as patas nas ripas, abanando o rabo sem parar. A língua comprida estava pendurada para fora da boca, e os olhos redondos brilhavam efusivos.

Felipe e Lucas cuidaram logo de pular o portão e sumirem para dentro da casa, cansados demais para dar atenção para o cão. Pulei e fiquei por ali, fazendo carinho nele.

— Lena está morrendo de saudades, seu vira-lata sortudo. Te mandou um abraço e pediu para se comportar e não nos entregar.

Pareceu ainda mais eufórico quando ouviu o nome dela. Puxei sua corrente levando-o para o canto do muro de cerca. Cansada, me joguei no chão mesmo. Ele lambia meus pés e tentava pular em mim, mas a corrente o impedia, chegando no limite. Apertei seu focinho, pedindo que não grunhissem, que fosse menos espalhafatoso.

— Quer que o velho descubra que estamos aqui, *man*?

Ele pareceu entender e se conteve mais, sentando-se de frente para mim, abanando o rabo no chão de terra. Dei dois assovios para os meninos. Era um código nosso. Lucas apareceu pelo corredor, entre a casa e o muro de ripas, trazendo os restos de comida que catamos durante todo o dia, entre uma pausa e outra. Bob saltitou feliz, tentando pegar o saco com as patas para o alto.

— Dá logo!

Lucas me ignorou e continuou castigando, zombando do animal, com a comida erguida na altura do seu rosto.

— Desculpa, cara, foi mal.— Desculpou-se, depois de ter arriado o saco cheio, quase borrando.

Mas Bob não ligou para suas desculpas. Pois a fome tratou de deixá-lo alheio a tudo a sua volta.

— Enche essa barriga, garotão. Passou o dia sem comer, não é?— Começou a abanar o rabo novamente, gostando do afago que minha mão fazia em suas costelas.

Engolia às pressas, e não demorou muito para a sacola ficar vazia, esquecida em um canto. Vez ou outra ele levantava e ia lambe o saco, como se não tivesse saciado a fome.

— Ei, cara. Chega, *né!* Não está vendo que não tem mais nada aí? — Ralhei quando ele levantou pela quarta vez.

Mirou-me intimidado, mas acabou não resistindo e voltou a lambe o saco limpo mais uma vez. Depois se aquietou, acomodando o focinho entre as duas patas; seus olhos redondos fixos em mim.

— Agora pode me ouvir? — Falei e ele piscou.

Estiquei o pescoço, me certificando de que Felipe e Lucas estivessem bem alheios ao meu delírio de querer iniciar uma conversa com um cachorro. Mas, naquele momento, eu precisava desabafar, e Bob parecia ser o ouvinte ideal.

— Te falei da Marcela? — Perguntei num tom de confiança, checando mais uma vez os lados.

Bob levantou a cabeça, bem como as orelhas. Também olhou para um lado e para o outro e voltou a me encarar, como se esperasse que eu desse continuidade.

— Primeiro tenho que te falar que ela é linda. Precisa ver.

O cachorro varreu o rabo no chão, mantendo as orelhas em pé.

— Acho que ela me deu um laço, cara. Passei o dia inteiro pensando naquela mulher. Em tudo que ela me disse na noite de ontem. — Aspirei meio nostálgica, recostando-me na parede de ripa.

— Se não fosse aquela filha da puta da Renatão, e tudo o que eu tenho que fazer com ela, esfolar aquela miserável, eu não pensaria duas vezes em ficar com Marcela. Ver no que ia dar, entende amigão?

Ele rastejou e lambeu-me no tornozelo.

— Devo isso à Drica, Bob. Não posso e nem devo desviar do foco. Qualquer distração, vou estar enterrando tudo que vivi com ela, sem ao menos ter feito justiça. E justiça para mim não é somente enfiar aquela cadela dentro de uma cadeia, eu quero mais,

Bob, quero muito mais! Meu sangue pulsa por justiça. E eu não posso me deixar levar. Não posso.— Desabafei, consternada, sentindo o peso das minhas próprias palavras.

Eu nutria um sentimento ruim, tóxico, dentro de mim, que purgava, me enchia de amargor ao lembrar de tudo o que acontecera, da forma maléfica em que tudo terminou. Do fim trágico que *Dri* teve.

Sem Drica eu fiquei sem chão, e eu não teria paz enquanto não vingasse, fizesse justiça à sua morte. Fiz um juramento que eu não pretendia deixar de cumprir. Por nada e nem ninguém.

Desejos e atrações sempre vêm e vão. Apesar de eu querer nomear o sentimento por Marcela como uma *simples atração*, meu coração dizia que era bem mais que isso. Perto dela tudo se tornava intenso, grande, tomava proporções que me desmontava. As curvas do seu sorriso eram as mais lindas que eu já tinha visto. E seus olhos tinham uma cor e um brilho que me fascinava. E o que falar da cor dos seus cabelos? Eram de um natural apaixonante. Não sei como consegui reunir forças para não destrançar e embrenhar meus dedos neles, traçá-los com as duas mãos e beijar sua boca, devorá-la, fazer as mais doces e selvagens loucuras com ela. Meu corpo pedia, cada pedaço de mim implorava por um momento com Marcela.

Mas, no fim das contas, não cedi. Saí de lá cumprindo o que fui fazer. Esquecê-la me daria um pouco de trabalho, mas eu contava com o alívio de já ter preocupações de sobra para distrair a mente e afastá-la dos pensamentos. E se ela insistisse em me procurar, não sei se eu teria forças para resistir mais uma vez.

Bob girava a cabeça como se estivesse processando tudo o que eu dizia. Passei a mão por baixo do seu focinho e ele se esparramou no chão, relaxando, pedindo mais carinho.

— Você também está carente, não é? Fica dia e noite preso, sem nenhuma companheira. Sei como é, amigão. Carência é foda.

Ele se manteve parado, não se movia; as pernas abertas no ar, só me escutando. Conversei mais um pouco com ele, falei mais detalhes de como tinha sido meu dia, e da preguiça que eu estava de levantar dali. Papeamos mais um pouco, me despedi e entrei.

Felipe e Lucas já estavam dormindo no chão forrado. E...  
sujos!?

*Putá merda!*

Olhei na geladeira velha, deitada no fundo do quintal, e ainda tinha água que derramava da caixa da casa ao lado. Tive vontade de acordar os dois com duas cuiadas na cara.

Levei em conta que estavam cansados, embora não fosse desculpa para não tomar banho.

*Cacete! Quando iriam aprender?*

Mas, ao invés de me aborrecer mais, me banhei e entrei, juntando-me a eles. Era tudo o que minhas costas e pernas precisavam: Descanso!

E, como em todas as noites, apaguei pensando em Marcela.



## 11 CAPÍTULO ONZE

### MARCELA.

**COM TODA** a confusão do acidente e compromissos com a loja, não tive tempo, e nem disposição, para correr atrás de um advogado para Estéfan. Entrei em contato com alguns escritórios, por telefone, mas não senti muita firmeza ou interesse por parte de nenhum. Outros vieram com a desculpa de que já estavam superlotados de processos. Mas suspeitei que, muitas das recusas que recebi, deram-se porque mencionei o dinheiro que estava curto e não poderia pagar por honorários muito justos. O próprio Estéfan deixara a loja no vermelho, gastando em bebidas, farras e jogos.

Foi quando encontrei a doutora Mônica, uma advogada recém-formada, que havia acabado de abrir seu consultório. Estava com todo gás, afoita para pegar seus primeiros casos. Entramos em um acordo contratual, que fosse bom para ambas as partes, e ela aceitou o caso.

Conversamos pessoalmente, e detalhei toda a situação. Informou que, possivelmente, ele aguardaria a primeira audiência na prisão, e só depois desta, o juiz iria decidir se meu marido responderia todo o processo em liberdade.

Ela entrou com toda a papelada e aguardamos a primeira audiência, que ficou marcada para o início do mês. Em trinta dias, o destino de Estéfan seria decidido. *E o meu também.*

Não quis pensar muito naquilo, me exigia uma sobrecarga desgastante de tensões e responsabilidades que eu definitivamente não estava preparada para arcar. Respirei fundo e dirigi rumo a loja. Dona Rebeca devia estar ansiosa, preocupada. Olhei a tela do celular e havia três chamadas perdidas. Enquanto eu tentava entrar na grande avenida, preendi o smartphone entre o ombro e a orelha, lamentando por meu fone não estar ali.

Eu fui bem evasiva em minhas explicações ao retornar as ligações. Deixei para dar todos os detalhes pessoalmente. E não demorou muito e meu Fiat curvou na rua da *Fashion Star*. Enxerguei

dona Rebeca ao longe, parecia ansiosa, me esperando. Parei o carro e ela foi logo me recebendo.

— Como foram as coisas, filha?

— Lá dentro eu explico tudo. Vamos? — Sorri um pouco cansada; o calor estava sufocante.

Ela me seguiu e entramos. Expliquei tudo, com paciência. E, embora eu tivesse quase certeza que ela fosse ficar afetada, recebeu a notícia muito bem, suspirando otimista, esperançosa.

— Todos os dias eu rezo, filha. Deus há de ajudar meu Estéfan, apesar de tudo.

Dei um sorriso ácido e não me importei em soar desagradável.

— Se não for pelo próprio Estéfan, Ele ajudará pela senhora, dona Rebeca, Ele sabe o quanto é boa, e não merece o filho que tem.— Pensei que fosse me reprimir ou pelo menos sentir-se magoada com meu comentário, mas me surpreendi quando me abraçou calorosamente.

— Obrigada, filhinha. Obrigada por estar ao lado dele, mesmo que ele não mereça.

Tudo o que eu estava fazendo, na verdade, não era nada perto do que ela já havia feito por mim. Seu apoio, sua amizade, seu amor e cuidados de mãe não tinham preço, nem comparações.

— Não espero que Estéfan se dê conta de que, ao me perder, reveja e tente consertar seus erros. — comentei, me apartando dela. — reconhecendo a mãe incrível que a senhora é, e sempre foi, já é o suficiente, já me deixará muito feliz.

Ela me abraçou novamente, apoiando o rosto no meu peito, minha altura sobrepujando a dela.

— Sinto que logo, logo você vai nos deixar e voar, sair dessa gaiola da qual vem mantendo-se presa por tantos anos. — Fitou-me, esperando que eu replicasse.

— Isso não vai acontecer. Não vamos nos separar nunca.

Ela curvou os lábios finos em um riso duvidoso, incerto. Expliquei melhor:

— Ainda que eu deixe seu filho, sempre vou querer manter contato com a senhora, e estar presente sempre que for possível, não vamos perder esse elo. Eu não quero que seja assim.

Ela anuiu, afagando meus cabelos. Nenhuma de nós duas dissemos mais nada.

Voltamos cada uma a ocupar seu devido postos naquela tardezinha de terça-feira. Depois que ficamos à frente das responsabilidades da loja, não só o ambiente ficou mais leve e saudável, como surgiram mais clientes, e com isso o aumento significativo dos lucros. Era como se a energia negativa de Estéfan, fosse alguma espécie de bloqueio, que impedisse a ascensão, o avanço das coisas.

A conversa com a doutora Mônica havia me deixado fadigada. A verdade era que eu me sentia tensa quando o assunto era o caso de Estéfan, e todo o seu imbróglio. Meu corpo e minha mente pediam somente uma coisa: Cama. Estava pedindo que aquele restinho de tarde acabasse logo, doida para deixar a *Fashion Star*. E assim aconteceu, os minutos seguintes passaram voando, e logo estávamos em casa. Só não gostei do vazio que pesava no peito quando entrei na solidão do meu quarto. E antes que eu corresse para o banheiro para me enfiar debaixo do chuveiro, fechei os olhos e pensei nela. No farol. No quarto de hospital. Na sala e a cozinha ali de casa.

### NITA.

— Pode falar. O que você tem, Nita? — Lena perguntou tirando-me do transe absoluto.

Pestanejei, buscando sua atenção.

— Por que acha que eu tenho alguma coisa? Está tão na cara?

Ela se ajeitou na cama hospitalar, arrastando mais o corpo para cima, encostando-se no espaldar. Observei como já se mexia bem, sem muitas dores e expressões de esgar.

— Já conheço muito bem você, sei que está estranha.

— Ah, é? Me conhece *muito bem*, é senhora sabichona? — Afoguei as mãos no bolso da bermuda, desafiando-a. Ela sorriu e confirmou com a cabeça.

— Sim. Já conheço seu olhar. E sei que estão diferentes, distantes agora. Por acaso... hum... estou dando muito trabalho?

— Ei! — Ralhei.— Mas é claro que não. De onde tirou isso, Milena?

Ela deu um sorriso largo, que me deixou confundida.

— Posso saber o motivo do sorriso?

— É que quando você chamou por meu nome, assim, me fez lembrar as mães quando estão chateadas com os filhos. Sempre chamam pelo nome inteiro, como você acabou de chamar. *Milena*. Não gosto, mas...gostei que você tenha chamado. Senti como se... como se fosse min-minha mãe.

— Mãe?

— Sim. — Sorriu, sonhadoramente.

— Lembra da sua mãe?

— Não. Mas é assim que acontece, não é? Quando as mães estão muito '*braba*' com os filhos, chamam eles assim. Eu sei.

Sim. Ela tinha razão. Lembrei de quando meus pais se mostravam *putos* comigo, e me chamavam pelo nome inteiro, o nome de registro. Nunca simpatizei com ele, por isso, quando vim para as ruas, escolhi o pseudônimo "Nita". É curto e de fácil pronúncia; nada esquisito e de difícil entonação, se comparado ao meu verdadeiro nome.

Olhei para Lena e ela permanecia com os olhos fitos em mim, parecia tentar adivinhar meus pensamentos, saber em que mundo vagava minha mente.

— Não quero que pense, nunca mais, que esteja me dando trabalho, porque essa ideia absurda passa bem longe da verdade.— Apertei sua mão, oferecendo-lhe um meio sorriso, seguido de uma piscadela.

Ela retribuiu o gesto e então sua expressão ficou mais séria, indagadora, chamando minha atenção novamente.

— Nita, por que está fazendo tudo isso? Por que está me ajudando? E não só a mim, mas aos dois também. Lucas e Felipe.

— Vocês também estão me ajudando.

— Mas você poderia estar tranquila agora, fazendo qualquer coisa que não fosse estar em um hospital, com uma pessoa que mal conhece.

Era verdade. Abri a boca para responder, mas percebi que não tinha nada para falar. Explicar o quê? Nem eu mesma sabia. Então

deixei escapar o que de fato eu sentia naquele momento.

— Quando vi vocês naquele contêiner, àquela hora tardia da noite, fiquei penalizada, me sentindo impotente. Tudo o que eu queria era ajudar de alguma forma, como eu sempre fiz durante esses dois anos.

— Você sempre faz isso? Ajudar as pessoas?

— Eu tento. Agora, nesse momento, não dá. Já tenho vocês comigo. Mas sempre que eu podia, arrumava um jeito de comprar comida com o pouco que eu ganhava no farol, ou fazendo troca de serviços por aí, para ajudar quem precisava se alimentar, comer alguma coisa. Mas Lena, — Aproximei, ficando bem perto do seu rosto.— Nunca me senti tão bem, tão útil como me sinto agora tendo vocês comigo. Já disse para os meninos e vou repetir para você. Agora somos uma família, estamos juntos, e quero ajudar vocês e tentar protegê-los do jeito que eu sei.

Seus olhos marejaram e, embora eu estivesse realmente feliz com aquilo, o fato de ter uma dívida pendente para acertar, me preocupava, gritava na minha mente como um aviso, algo que não poderia ser esquecido, deixado de lado. Renata não era perigosa, era *extremamente* perigosa, fria e calculista. O tipo de ser humano que não aceita perder sob hipótese alguma. Nunca aceitou que Drica tivesse me escolhido, por isso a assassinou premeditadamente, a sangue frio. No momento em que ficasse sabendo que eu estava à sua caça, iria querer vasculhar minha vida e tentar achar meu ponto fraco. E agora eu tinha um ponto fraco. Um não. Três.

Fechei os olhos, num relance, e pensei em tudo aquilo pesando na balança; lembranças começaram a encher minha mente, me sacudindo outra vez, voltando para o dia do assassinato da mulher que amei. Seu rosto desfigurado, o corpo mole, sem vida, o meu desespero, minha dor. Balancei a cabeça, expulsando aquele pesadelo que nunca me deixava em paz. E não iria me deixar enquanto eu não acertasse as contas com Renata Falcão. Fechei as mãos em punho, embevecida por aquela sede de vingança que fervia meu sangue; meu olhar incinerava de uma ira ferina.

A revolta era tanta, que até esqueci que Lena estava ali, observando tudo. Olhava-me intrigada, olhos meio assustados, sem

entender minha ira latente. Não tão latente assim, pois percebera, notara tudo. Estreitei os olhos, ela mal piscava, esperando que eu me justificasse. Não o fiz. Tudo o que eu queria, era me livrar de todo aquele furor interno. Preferi mudar de assunto, deixar quieto.

— Já sabe todas as letras do alfabeto? Já aprendeu alguma coisa? — Não sorri, mas serenei o semblante rijo, tenso demais.

— Como não aprender, se tenho a melhor professora do mundo? — Sorriu encantada, como se aquele assunto fosse o único capaz de adoçar qualquer conversa ruim.

Suas nuances eram tão doces, inocentes, que era quase impossível não se deixar levar, ficar indiferente. Decidi me absorver daquela carga pesada e corrosiva e me doar à sua meiguice.

— Já consegue soletrar, juntar alguma palavra?

— Algumas. Bem poucas. Quer ver? — Apanhou uma das cartilhas de alfabetização ao lado, e abriu. Olhou-me com os olhos brilhantes, feliz. Enchi-me de orgulho, me achegando mais, empolgada também.

Mostrou-me palavras com nível UM de soletração. Juntava as sílabas, soletrando muito vagarosamente, algumas vezes se atrapalhava, mas com paciência, eu ajudava. Senti-me maravilhada em estar participando de algo que parecia tão simples, frívola aos olhos de muitos. Estava fazendo parte dos seus primeiros passos na alfabetização; não imaginei que eu fosse ficar tão emocionada, me sentindo verdadeiramente útil.

Ela estava muito empenhada, determinada em aprender rápido, recuperar o tempo perdido. Seu olhar se ampliava em cada palavra desconhecida na cartilha, animada, querendo ler tudo. Meu orgulho só crescia, transcendia. Ergui-me, ficando ereta, e enquanto Lena falava, corria o dedo em cada canto do papel, entendi uma coisa: Já não conseguia imaginar minha vida sem ela. Sem Felipe e sem Lucas. Pela primeira vez senti medo. Mas um medo real, bem vivo, que poderia destruir a Nita dura na queda, resistente e valente que lapidei.

Acarinhei seus cabelos, e voltei a dar atenção à palavra que ela tentava soletrar. Ficamos o resto da tarde assim. Ao final, quando eu estava pronta para me despedir, ela voltou a insistir.

— Não vai me contar mesmo, não é?

— Contar o quê?

— O motivo do brilho que vi nesses olhos aí. De você ter ficado aérea um bom tempo logo que chegou.

Uni as pálpebras, numa expressão animalesca.

— Você é muito curiosa.

— Aposto que deve ser coisas do coração. — Sondou.

Fiquei séria, sem aquele ar descontraído.

— Acertei, não é?

— Sim. — Pisquei, sem desvencilhar do castanho dos olhos.

— E por que não traz ela aqui para eu conhecer? — Animou-se. — É bonita?

Crispei a testa, intrigada, curiosa.

— Por que se refere a essa pessoa como sendo uma mulher?

Desviou o olhar, suspirando. Parecia pensar com cuidado no que iria responder.

— Ah, não sei. Só acho que é uma mulher. Não consigo te imaginar com um homem. — Olhou-me, naturalmente, de cima a baixo. Senti que quis ir mais além.

— Me acha parecida com um homem?

— Hã...um pouco. — sorriu, tímida.

— Um pouco em que sentido?

— Assim, por exemplo, quando está com as mãos nos bolsos. E assim também dessa forma que acabou de fazer, cruzando os braços. Suas roupas também são...diferentes.

Sorri um pouco, gostando da *vibe* boa, gostosa.

— Quer que eu continue falando?

— Claro. Está sendo interessante suas impressões sobre mim. Ela assentiu, sorrindo.

— O seu ombro também é um pouco largo, igual de homem.

— Seu sorriso se tornou ainda mais amplo, achando tudo divertido.

— Fiz natação desde criança, por isso são largos. — Falei e me calei, atenta a algo mais que ela quisesse comentar ou indagar. Mas Lena não seguiu mais com o assunto. Ela não havia desistido de aliviar sua curiosidade.

— Pode trazer ela aqui? Quero conhecer.

Mordi o canto dos lábios e cheguei mais perto, ficando quase sentada na borda da cama.

— Não existe “ela”, Lena.

— Mas então...

— Foi apenas um momento. Como uma dessas falseadas no peito que faz a gente ofegar, desequilibrar os sentidos. Entende?

— Não.

— Mas permaneço firme! — Ignorei sua dúvida, e segui falando. — Meu foco agora é somente você e os meninos. E também outra coisa aí. Quero estar livre de problemas amorosos. Consegue entender?

Ela abaixou a cabeça encarando as próprias mãos entrelaçadas no colo.

— Então eu estava certa.

— Sobre...?

— Sobre eu e os meninos estar te atrapalhando.

Balancei a cabeça, com a mente aturdida. Lena então explicou:

— Você deu a entender que não quer ou não quis se comprometer com a tal moça por nossa causa. Minha e dos meninos.

— Já falei que não é nada disso.

Calou-se, me analisando com doçura.

— Ta bom. Posso ao menos saber o nome dela?

— Por que quer saber?

— Hmmm...curiosidade?

Pensei um pouco; um riso bobo quase surgiu na minha boca, denunciando minha simpatia pela conversa insistente, ao qual Lena me induzia. Olhei-a de forma penetrante e falei.

— Marcela.

Ela elevou o olhar sonhador para o teto, sorrindo, revelando-se uma eterna apaixonada.

— E como ela é? Por favor, fala, fala, fala. Fala tudo! — Desencostou-se do espaldar, unindo as mãos em súplicas.— Fala, Nita, como ela é?

— É linda.

— Só isso?

— O que mais quer saber?

— Como ela é! Tipo, se é morena, loi...



— É ruiva.

— Cabelo enrolado ou liso?

— Cacheado.

— Olhos verdes, azuis, castanhos ou...?

— Azuis. São os mais bonitos que já vi.

— Está apaixonada?

— Claro que não! — Levantei, tomando distância. Quando voltei a encará-la estava me olhando com os olhos apertados em desconfiança.

— E quais as chances disso ser uma tremenda mentira?

— Está me saindo uma bela de uma espertinha, hein dona Milena. Qual é, *man*! — Dei uma sacudida de leve na outra perna dela.

— Acho que você está apaixonada. — Supôs, toda segura de si.

— E eu acho que já está na hora de eu me mandar daqui, antes que uma certa adolescente *sabichona* invada meu subconsciente e consiga desvendar meus segredos mais obscuros.

— Essa conversa não terminou, dona Nita.

Não me deixei comover por seu fingido ressentimento. Encarou-me meio contrariada e disse mais:

— Vem amanhã?

Acomodei a mochila nas costas, deixando um curto silêncio permear pelo quarto. Só então falei:

— Talvez, amanhã, eu não venha. Como falei ontem pra você, quero fazer algo diferente com os meninos. Estátuas vivas. Lembra?

Manteve-se calada, cabisbaixa, e não precisei perguntar o porquê. Ela gostaria de estar com a gente na apresentação.

— Ei. Não quero ver essa carinha triste.

Lena anuiu, esforçando-se para não tornar a despedida mais melancólica.

Deixei uma série de atividade para ela fazer. Embora conhecesse bem as letras, e já conseguisse soletrar algumas palavras, sua coordenação motora merecia atenção.

Depois que nos despedimos, fui falar com o seu médico, perguntar quanto tempo mais ela ficaria internada. Eu precisava pensar em algum lugar, onde ela pudesse se recuperar

completamente depois que deixasse o hospital. Um lugar tranquilo, limpo, e não um ninho de insetos que era a casa abandonada onde nos enfiávamos todas as noites. Mas eu temia não conseguir em tão pouco tempo e com tão poucas perspectivas de recursos.

## 12 CAPÍTULO DOZE

MARCELA.

— **O QUE** está fazendo, filha? A última vez que você fez faxina nesse quarto, pegou uma alergia que te deixou acamada por quase uma semana. Deixa isso aí, Marcela!

Eu poderia ser filha de sangue de dona Rebeca. Assim como ela, eu era teimosa e não arredava o pé. Claro que não dei ouvidos para sua advertência. Continuei limpando o quarto desocupado, cheio de entulhos. Era o receptor de tralhas velhas, coisas que ao invés de serem jogadas no lixo, iam parar ali.

— Prende pelo menos esses cachos, estão todos nos seus olhos, deixa eu fazer um coque.

Ela foi por trás de mim e prendeu meus cabelos para o alto, em um rolo frouxo e volumoso. Minhas mãos estavam ocupadas, uma com espanador e a outra coberta de sujeira, poeira preta. Dispensei as luvas, pois me davam agonias.

— Pronto. Quer ajuda?

— Até parece que vou deixar a senhora no meio de toda essa poeira. Saia já daqui.

Ela sorriu como se eu tivesse dito algum absurdo. Ignorou-me por completo, se preparando para ajudar.

— Você limpa esse lado e eu limpo a parte da janela. Onde está a flanela e a outra vassoura de limpar teto?

Parei tudo o que estava fazendo e me virei para ela. E pela sua expressão teimosa, eu não iria conseguir convencê-la a sair dali. Era inútil gastar algum latim.

*Teimosa!*

Não tive outra escolha que não fosse pegar uma máscara e obrigá-la a usar. Ou era isso ou íamos ter que interromper a faxina. Ela e eu.

Vasculhei um depósito que continha avarias e itens esquecidos de proteção e higienização.

— O que você procura?

Dei de ombros para sua pergunta e continuei remexendo, enfiando o braço no meio de tantos objetos miúdos.

— Achei! — Exclamei animada.—Tome, pode usar isso aqui. Do contrário, pode esquecer a faxina. Nem eu e nem a senhora.

Encarou a máscara estendida em sua direção.

— Essa coisa me dá falta de ar.

— Não quero que adoeça, dona Rebeca. Por favor, pegue. Também vou usar essa. — Soergui o outro braço o suficiente para que ela visse a outra máscara lacrada.

A contragosto, ela aceitou.

Começamos a limpar. Cada uma ocupando um lado do quarto. Aquele seria o meu canto, onde eu dormiria e acordaria depois que Estéfan deixasse a cadeia. Estava decidida. Eu não iria mais dormir no mesmo cômodo, na mesma cama que ele; *com* ele. Principalmente depois de tudo o que aconteceu, das razões que o levaram à cárcere.

Dona Rebeca e eu decidimos tardar a ida à loja naquela quarta-feira. E para compensar, combinamos de ficar até mais tarde.

No dia anterior, dormi mais cedo e acordei passando mal no meio da madrugada; minha hipoglicemia estava muito baixa. Tomei uma copada de refrigerante, e depois uma colher de mel. Em menos de 15 minutos eu já estava bem novamente, sem tonturas e dor de cabeça. Depois não consegui mais dormir. Mas não foi a falta de sono, ou minhas preocupações com Estéfan. A insônia era resultado de um rosto, uma imagem bem específica.

Saí da cozinha para a sala e sentei na poltrona. *A cúmplice* poltrona. Minha mente começou a divagar, imaginando tudo o que poderia ter acontecido no dia em que escorreguei dela e fui parar quase no colo de Nita, ali, no piso acarpetado. A cena divagou na minha cabeça, provocando reações por toda a minha pele, acelerando minhas pulsações. Como era gostoso sentir todas aquelas sensações. Fechei os olhos, me absorvendo do impacto abstinente do prazer, da fantasia, do desejo que meu corpo não conseguia mais disfarçar. Imaginei como seria o gosto do beijo dela, das mãos subindo e descendo as curvas da minha cintura, explorando cada canto do meu corpo, sem deixar nenhuma parte enciumada da outra. Relaxei na poltrona e abri as pernas, pendendo

o pescoço para trás, ofegante; coração galopando forte. Lamentei ter que reprimir tudo aquilo, o frenesi violento que vinha de dentro para fora. Ali, jogada na poltrona, ansiei desesperadamente por um beijo que aplacasse a secura da minha boca, e acalmasse a sofreguidão dos meus sentidos que gritavam por ela.

Eu precisava vê-la, estar com ela. *Droga!*

Permaneci no assento macio, acolhedor, sob a pouca luz da madrugada. Ajeitei a postura e me encolhi. Abracei a mim mesma, afastando a solidão que permeava no vão da sala, e em cada esconderijo da minha alma. Não preguei os olhos, não consegui. Os pensamentos estavam em um turbilhão, e assim permaneceu até o amanhecer.

Quando me dei conta da claridade pálida do dia, fui direto para o quarto de entulhos, liberar energia. A ideia, também, era transformar todo aquele caos no meu novo espaço.

Já havia limpado e retirado muito lixo, quando olhei para trás e me deparei com dona Rebeca cantarolando baixinho, de forma tímida. Ela se esforçava para seguir sendo uma mulher durona, uma mãe resistente. No entanto, eu sabia que todas as noites seu travesseiro tornava-se o aparador dos rios de lágrimas que derramava. Havia dias em que seus olhos amanheciam com inchaços mais evidentes.

Admirada, a encarei por um momento. Ela permanecia cantando, de costas para mim, com os braços sustentando a vassoura para o alto.

— Cuidado. — Alerttei toda cuidadosa, com a dica de um sorriso orgulhoso.

E quando virei, para voltar a limpar o meu lado, enxerguei tudo turvo na minha frente. Pisquei várias vezes. Minhas mãos buscaram apoio em algum lugar; minha visão cada vez mais embaçada. Uma tontura nauseante me dominou e só senti um pouco de alívio quando meu corpo foi aparado pelos braços de dona Rebeca.

— Calma, filha. Está tudo bem. Senta aqui, vou pegar o glicosímetro.

Assenti, agachando a cabeça entre as pernas.

*Maldita hipoglicemia!*

O clima estava quente, o que só piorava minha situação. Em alguns instantes, minha sogra voltou e espetou o meu indicador. 48mg/dl de glicose.

— Marcela, por favor! Tem que se alimentar! — Ralhou, preocupada.

— Ainda não me acostumei com essa doença, dona Rebeca, às vezes esqueço. — Não sei se conseguiu me entender direito, minha voz saiu arrastada, completamente embriagada pelo efeito da tontura.

— Tudo bem. Acho que agora já chega de faxina. Vem, ajudo você a subir para o quarto. Depois arrumaremos essa bagunça.

Tentei apoiar em seu ombro, mas temi não conseguir me equilibrar. Percebeu meu receio e disparou.

— Acha que não consigo com uma pena como você?

Eu quis muito rir, entrar no clima da brincadeira, mas a fraqueza pertinente era meu algoz naquele momento. Ela sempre brincava, ao dizer que eu era como uma pena de passarinho.

Deitei na cama e ela saiu, me deixando sozinha, dizendo que ia preparar algo gostoso para eu comer.

Levei os pensamentos aos céus, e agradei a Ele, por ter me agraciado com a melhor sogra do mundo.

### NITA.

Não entendi a insistência de Lucas para fazermos a apresentação na outra zona da cidade. Praticamente me implorou para que fôssemos para o bairro de Botafogo. Revelou que o lugar tinha sido sua moradia antes de passar a viver nas ruas. Questionei-o por várias vezes antes de aceitar seu pedido e ir para tão longe. Mas ele não quis entrar em detalhes, foi conciso ao explicar. Mas, me permiti ser flexível e entendi que voltar àquele lugar, parecia ser de suma importância para ele.

A manhã de quarta-feira estava radiante, ensolarada; com o céu límpido, bem azul, sem aglomerações de nuvens cinzentas.

Felipe e Lucas estavam animados e ansiosos para nossa primeira apresentação, mas logo se consternaram ao sentirem a falta de Lena.

— Como que nossa mascotinha não está aqui? — Felipe Lamentou.

— Ela ia adorar tudo isso. — Lucas comentou também, entretanto, parecia mais animado, menos afetado com a ausência da amiga.

— Sei que o grupo está incompleto, meninos, mas vamos concentrar, *okay*? O que estamos fazendo é, principalmente, pela própria Lena. É através do dinheiro que conseguiremos dessa, e de outras apresentações, que iremos arranjar um lugar para ficarmos quando ela deixar o hospital.

— E aí, como estou?

Felipe mudou de assunto, girando de braços abertos. Seu corpo estava dourado da cabeça aos pés.

— Está igual uma menininha, toda brilhosa. — Lucas zoou e saiu de perto, com a mão em forma de concha na boca.

Felipe fez menção de jogar tinta na direção dele, mas me interpus entre os dois, evitando mais atritos.

— Chega! Estão parecendo duas garotinhas.

Lucas sorria enquanto Felipe o mirava zangado, querendo revidar de alguma forma.

— Não vê que ele está curtindo com tua cara, Magrelo? — Alertei.— Ei, vamos nos concentrar. — Bati palmas, incentivando-os, liderando o grupo.— E não esqueçam: Meditem na hora, sejam atletas da mente, caso contrário, tudo pode se tornar um sacrifício. Entenderam?

Assentiram. Dessa vez estavam atentos a mim, deixando brigas bobas e discussões de lado. Chegaram mais perto, ligados, dando atenção a tudo o que eu falava. Sabiam o quanto era importante nossa primeira performance. E, embora eu já tivesse um histórico com a arte urbana nas ruas, me senti como se fosse apresentar pela primeira vez. Tensa, nervosa. Mas camuflei tudo, sem deixar transparecer insegurança ou medo.

Nossas fantasias eram bem rasgadas, maltrapilhas, todas esburacadas. Estávamos a caráter.

Não foi fácil conseguir juntar dinheiro para comprar as maquiagens artísticas. Tive que me virar, me enfiando nos engarrafamentos, fazendo malabarismo até os braços latejarem,

queimarem, de cansaço e dor. Os meninos também se esforçaram bastante, vendendo balas, bombons. Foi um dinheiro suado, um corre-corre contra o tempo, tudo em prol de Lena.

Já estávamos quase prontos. Em um canto afastado, eu observava o movimento do lugar, avaliando o melhor ponto para ficarmos posicionados. A apresentação seria na praça Nicarágua. O fluxo de pessoas pelo perímetro era bastante intenso. Ansiosa, apressei Felipe e Lucas para começarmos logo.

— Você está parecendo mesmo um mendigo, cara.

— E você uma daquelas menininha indefesa. Devia cortar esse cabelo, de costas parece claramente uma garotinha. — Lucas revidou. Sabia muito bem como provocar, deixar Felipe nervoso.

— Ah, de novo não! — Reclamei; meu tom de voz quase beirando a irritação.

Os dois ergueram as mãos em rendição, simultaneamente. Cada um em seu canto, finalizando, retocando os últimos detalhes da produção.

Felipe estava montado em roupas brilhosas, quase em um tom de terra. E Lucas com maquiagens escuras; os retalhos de suas vestes esfarrapadas se despedaçavam, quase caindo ao chão. Eu estava numa mistura de azul claro com marinho. Meu dread estava preso para o alto e o meu rosto todo pintado, irreconhecível, bem como o dos meninos.

Treinamos em casa, algumas vezes, na calada da noite. O desafio maior para eles, era ficarem estáticos, e quando fossem usar de algum movimento, teriam que fazer com graça e leveza.

Lucas tinha mais dificuldade:

— Estou pronto.

— Eu também.

— Então vamos. A hora é agora.

Saímos do esconderijo e liderei rumo ao local. Era dia de feira na praça, portanto, seria bem movimentado, o vai-e-vem ajudaria muito, seria bastante satisfatório.

No decorrer do percurso até a praça, atraímos olhares curiosos, indagadores. Olhavam-nos como se fôssemos uma atração ambulante. E essa era basicamente a ideia. Felipe acenava algumas vezes, sentindo-se de fato um verdadeiro artista de rua,



seu sorriso se ampliava, todo vaidoso, quando seu aceno era retribuído. O Lucas de minutos atrás, já não era mais o mesmo, estava contido, observando com minúcias ao redor, como se buscasse ver algo específico. E eu era a âncora, a responsável por tudo, a que tinha que fazer tudo dar certo. Por um momento, senti orgulho de mim mesma. E até chegar no ponto escolhido, um resumo do que vivi, dos anos fora da rua, passou como um trailer na mente.

Tudo chegava em minhas mãos com facilidade. E na maioria das vezes, eu usufruía de forma banal, como se tudo, o mais caro que o dinheiro pudesse comprar, tivesse pouco ou nenhum valor. Nunca tive que lutar de verdade, com garra financeira, para conseguir algum objetivo. As aulas de lutas, as regalias, as viagens e momentos de curtidão com amigos e conhecidos, era tudo patrocinado pelo dinheiro do meu pai, que fazia todas as minhas vontades com a explícita intenção de querer me casar com um dos seus subordinados ou sócios.

Não entendia o valor das coisas simples da vida.

Olhei para Felipe e depois para Lucas; emoções inesperadas tomando de conta. Aqueles meninos apostavam em mim. E ainda tinha Lena, que eu sabia, estava torcendo, vibrando por nós naquela cama de hospital, desejando estar participando de todo aquele momento também.

Ao pararmos no pedaço escolhido, observei bem.

A praça era ladeada por árvores grandes, robustas, cheias de folhagens. Mesas de damas e bancos de concreto espalhavam-se por uma determinada parte. Um chafariz, colossal, ocupava o centro do espaço público. Cães passeando na colera, e pombos catando granitos no chão drenante, também eram atrações do lugar.

O vento que soprava das folhagens, batia suave e gostoso, causando um clima bom e acolhedor. Senti-me bem à vontade, com a finita ideia de que todo aquele espaço era nosso. Eu tinha que passar segurança e tranquilidade para os meninos e para mim mesma. Sorri, acenei, trouxe a atenção dos que se aproximavam e ficavam por ali. Com carisma e gentileza, eu tentava induzi-los a ficarem.

Colocamos a caixinha à nossa frente e todas as vezes que alguém se curvava para ajudar, com moedas ou notas, nos movíamos, tirando uma balinha de dentro da roupa e agradecíamos, com gestos gentis e graciosos.

Não era fácil ficar parado, imóvel, numa posição por muito tempo, principalmente com muitos olhos observando. Exigia uma concentração muito grande. Os meninos alternavam entre as posições. Ficavam de cócoras, curvados — em reverência — e de pé.

As pessoas se aproximavam e crianças chegavam perto, a centímetros, atraídas pelas roupas despedaçadas, pelas figuras em si. Algumas tentavam puxar retalhos, movidas pela curiosidade. E esta era a parte mais divertida para Lucas e Felipe. Todas as vezes que criancinhas tentavam bisbilhotar, arrancar partes das fantasias, os dois faziam movimentos sorrateiros e robóticos, assustando-as, fazendo com que corressem e se atacassem nas pernas de seus responsáveis.

Tudo correu bem durante todo o horário matutino. Pessoas iam e vinham, muitas paravam e só assistiam, outras deixavam donativos e seguiam em frente.

No horário do almoço, paramos e compramos uma refeição caprichada, nos hidratamos, e ficamos por ali mesmo, debaixo das árvores, recebendo o vento que soprava o tempo todo, refrescando.

Felipe comia animado, e embora reclamasse dos músculos, que estiveram muito tempo travado, não deixava de comemorar o sucesso que estava sendo a apresentação.

Preocupe-me um pouco com Lucas. Ele sondava o lugar o tempo todo, ansioso, inquieto. Tentava disfarçar, mas não tive dúvidas de que, no mínimo, esperava ver alguém conhecido. Olhei em volta, de forma discreta, buscando por *aquela* coisa desconhecida ao qual ele parecia procurar. Mas não vi nada estranho, que chamasse a atenção. E pela sua frustração, também não viu o que desejava. Não falei nada. Iria esperar o final do dia para ter uma conversa séria com ele. Teria que me dizer o motivo pelo qual quis tanto que estivéssemos especialmente ali.

Depois do descanso, voltamos a ativa. O restante do dia transcorreu bem. O movimento caiu um pouco na parte da tarde,

precisamente depois das 15h:00.

Pouco antes do anoitecer, paramos com a apresentação. Afoito, Lucas correu logo na frente para se livrar das roupas e maquiagens. Fiquei observando-o sumir rumo ao local onde havíamos preparado tudo para a exposição. Senti uma batida pesada no peito, como um aviso, uma premonição.

Depois ele desapareceu de vez da minha vista. Meu instinto pedia para eu manter os olhos o tempo todo nele, mas a alegria de Felipe distraiu minha atenção, quando comentou todo fanfarrão.

— Olha isso, Nita, nunca vi tanta grana! — Ergueu as moedas e as cédulas para o alto, aparando tudo na caixa de papelão novamente. Repetiu o gesto várias vezes.

— Nunca pegou em uma arara, Felipe?

— Arara?

— Sim.

— Claro que não. Nunca fui para a Amazônia. É só lá que elas vivem, não é? — Ele soergueu as sobrancelhas.

— Estou falando da nota de dez reais, que tem como símbolo uma arara, *man*. — Sorri, depois desviei na direção de Lucas.

Ele deu de ombros, ignorando meu comentário. Continuou farfalhando o dinheiro na caixa, jogando para cima, neurótico, feliz da vida. Eu não sabia quanto tínhamos arrecadado, mas fiquei impressionada por Felipe ter ficado abobado com as notas de pequeno valor. Cédulas de dois, cinco, dez reais. Sorri, imaginando a reação dele quando tivesse nas mãos uma garoupa azulinha.

— Para de ficar remexendo, fazendo barulho com as moedas, Magrelo. Estamos em público, cara, as pessoas ficam de olho. — Estendi os olhos pela redondeza, checando a movimentação.

— Você nunca iria deixar! Colocaria qualquer um pra correr.

— Não sou Deus, Felipe. As pessoas agem na covardia, você sabe.

Deslumbrado, me ignorou mais uma vez, muito feliz. Depois disse:

— Lena ia gostar de tudo isso. Não me conformo que ela não esteja aqui com a gente.

Dessa vez eu que o ignorei, preocupada com Lucas. Nem sinal dele.

— Vamos. Lucas deve estar esperando.

Ele acenou, agarrando a caixa contra o peito. Atravessamos para o outro lado, e ao entrar no lugar onde estava o restante das nossas coisas, não havia ninguém lá.

— Cadê o Lucas? — Perguntei; mesmo sabendo que não obteria resposta.

No chão grosso e íngreme, enxerguei uma fotografia 3x4 toda amassada. O rosto de uma mulher morena, enchia o quadrado da foto antiga.

Felipe e eu nos entreolhamos e depois encaramos a imagem da mulher que aparentava ter no mínimo uns 30 anos.

— Só pode ser a mãe dele. É a cara de um e focinho do outro.  
— Felipe gracejou em meio a preocupação que já espremia.

Apertamos o passo e começamos a procurar pela redondeza, de rua em rua.

E o dia que era para terminar em alegrias e comemorações, transformou-se em uma saga pela procura de Lucas.

Algo me dizia que ele se meteria em encrenca.

## 13 CAPITULO TREZE

MARCELA.

**O TRÂNSITO** estava irritantemente lento naquele finalzinho de tarde de quarta-feira. Não gostava de dirigir nas grandes avenidas porque odiava o caos dos congestionamentos.

Os minutos transcorreram enfadonhos; encarei o pulso e já passava das 18h:00.

Fiz uma contagem rápida, calculando o tempo em que eu chegaria em casa. 20h:00 no máximo. A prisão de Estéfan me trouxe mais trabalho, fiquei atrapalhada, e tive que correr atrás de tudo sozinha.

Talvez eu não estivesse tão estressada se não tivesse que me deslocar para outra zona da capital para fornecer fardos de peças.

Sem escolhas, recostei as costas no encosto e tentei relaxar, esperando a fila de carros andar.

A visão da enseada do Botafogo era uma das mais lindas. Ao longe, o vislumbre de um lugar tropical, paradisíaco, enchia os olhos. O bondinho do pão de açúcar se concentrava logo atrás, figurando como plano de fundo. Lamentei que as águas da enseada estivessem poluídas, impróprias para banhos; mas isso não diminuía toda a beleza do belíssimo cartão postal da cidade maravilhosa.

Concentrada na vista linda e iluminada, refleti sobre muitas coisas da minha vida. No tempo que perdi em uma relação que só feriu minha dignidade, me diminuiu como mulher e como pessoa. Pisquei, demoradamente; o trânsito ainda permanecia um caos.

Em uma piscadela, minha atenção foi desviada para duas mulheres que caminhavam de mãos dadas pela borda arborizada. Pareciam felizes, conversando amenidades. Uma delas inclinou a cabeça para trás desmontando-se em boas gargalhadas. Sorri também, pela vibe gostosa que ambas espiralavam. Fixei o olhar nelas, apreciando, tentando adivinhar o que conversavam. Fiquei feliz por elas. E foi inevitável não me imaginar em um momento daquele, tão íntimo, com Nita.

— Ah...— Fechei os olhos, suspirando baixinho.

Meu sorriso se ampliou quando voltei a recostar a cabeça no encosto. Abri os olhos e pisquei enamorada, mordendo o cantinho do lábio. E quando respirei profundamente, o desejo se abrasou em todo o meu corpo, distribuindo sensações por toda minha pele, no coração, na alma. Apertei as pernas, sentindo uma físgada latejante no sexo. Com o olhar languescido, mirando o teto do carro, fantasiei loucuras de amor com ela.

Eu só queria uma oportunidade, uma chance. A chance para me descobrir, de sentir, poder conhecer a boa felicidade e a felicidade plena. Mesmo com todo o caos em que se encontrava minha vida eu não desperdiçaria uma chance com Nita.

Aos poucos, meus sentidos foram voltando ao normal quando as fileiras infinitas começaram a andar. Mais à frente, uma ambulância e uma viatura policial se aglomeravam onde parecia ter acontecido um acidente; as luzes das sirenes refletindo umas contra as outras, cegavam meus olhos. Um guarda trabalhava sem descanso, organizando o tumulto no trânsito.

Fui liberada e segui pela avenida sentindo-me aliviada; o Fiat correndo livre pela pista.

Parei no posto seguinte para abastecer e fazer minhas necessidades. Não dava para aguentar até chegar em casa. Saí do carro e dei a chave para um dos frentistas abastecer.

Voltei instantes depois. Mas no caminho para o carro, um garoto me fez reduzir os passos ao caminhar cambaleante em minha direção. Parecia drogado; era como se fosse um boneco de pano sem vida própria. Um zumbi.

Fiquei em dúvidas se avançava para ajudá-lo ou se simplesmente o ignorava, desviando dele. Atento, um dos frentistas alteou a voz, comentando:

— Mais um delinquente perdido no mundo das drogas. — Olhei para o homem de meia idade e calvície bem aparente; ele meneava a cabeça em total reprovação e até certa revolta.

E quando me voltei para o garoto, ele já estava bem próximo, esforçando-se para chegar até mim, como se rogasse ajuda. O espaço escuro; um pouco afastado do posto, camuflava a identidade do rosto dele. Era baixo, pele morena, e não aparentava ter mais do

que quinze anos. Recuei um pouco mais, à medida que ele se aproximava, mal conseguindo manter-se de pé. Ainda lutou para dar mais dois passos, mas acabou desabando de joelhos, prostrando-se de quatro no chão.

Assustada, levei as mãos à boca. Não pensei muito e corri para ajudá-lo. Gesto que não foi imitado pelo frentista.

— Tudo bem, garoto?

Foi uma pergunta de protocolo, vulgo idiota. Pois notava-se que ele não estava nada bem.

Tentei ajudá-lo, erguer seu rosto para que eu pudesse vê-lo, mas o pescoço do adolescente parecia emperrado para baixo, e só dizia palavras desconexas.

— Mãe...Não. Ni-Nita... desculpa. Eu...eu...

*Eu estava ficando louca, ou ele havia mencionado Nita?*

Ignorei a frase sem nexos e foquei nele. Estava fora de si e precisando de ajuda. Dei de ombros para os olhares de censura do frentista e me esforcei para ajudá-lo a se apoiar na parede do banheiro. Dele vinha um cheiro forte de tinta, e algo mais que eu não soube identificar. Falava palavras desconexas, destoadas, sem sentido algum.

Ao me agachar para ficar na sua altura, a voz do frentista atrás de mim, atrapalhou.

— Senhora, o seu carro. Precisa tirar dali para liberar vaga. — Olhou com repúdio para o garoto no chão e completou.— Deixa esse vagabundo aí, não passa de um maltrapilho drogado. A senhora ainda pode se dar mal tentando ajudar esse indigente.

Olhei comovida para o garoto e suprimi a revolta pelo o que disse o frentista.

— Pode tirar para mim, por favor, deixa naquela área. — Apontei e o homem balançou a cabeça, como se discordasse da minha atitude em continuar ajudando o pobre rapaz.

— Como a senhora quiser. — Deu-me as costas e se distanciou.

Por fim, me agachei, dando atenção a quem realmente precisava.

— Pode me ouvir? Entende o que eu digo?

E, em mais uma tentativa, vã, de levantar a cabeça, ele gaguejou com muita dificuldade.

— Vo-você...Que-quem é?

— Alguém que está tentando te ajudar. Diga, onde posso te deixar? Eu...

— Eles...eles me bateram, *me-me ba...teram co-como* sempre fizeram.— Afundou a cabeça entre os joelhos dobrados e começou a chorar.

— Diz onde posso deixar você. É só falar que vamos direto pra lá. Vamos, reaja.

Não reagiu.

Era inútil conseguir alguma informação. Eu poderia deixá-lo ali, jogado, esquecido. Mas não o fiz. Se ele tinha um lugar para onde ir, uma casa, o que quer que fosse, eu o ajudaria a chegar até lá. Levantei e fui falar com os frentistas, colher qualquer informação que me ajudasse a tirá-lo daquela situação deprimente.

E para a minha má sorte, ou a do garoto, o mesmo frentista que me atendeu, viu que eu me aproximava e veio ao meu encontro, com uma ligeira satisfação, achando que eu tinha desistido.

— Aqui, senhora, sua chave. — Estendeu a mão e depois esticou o pescoço por cima do meu ombro, para o garoto caído no chão. — Falei que esse aí não valia a pena. São as escórias da humanidade. Inúteis à sociedade.

Fiquei incomodada com suas duras palavras. Acompanhei seu olhar e não senti nada além de pena e consternação por aquele pobre jovem infeliz. Sempre levava em conta que nunca se deve generalizar e que, por trás de uma tragédia, sempre há uma história triste a desnudar.

— Já o viu por aqui?

— Acho que sim, não tenho certeza. Esses vagabundos são todos parecidos. Vivem maltrapilhos, passam sempre fedendo perto da gente. Já deve ter passado por aqui sim. — Olhou-o de novo, sentindo-se bem à vontade em demonstrar todo seu desprezo.

Fiquei condoída com tanto rechaço em cima do adolescente. Tive vontade de defendê-lo. Talvez nem tivesse mesmo uma casa, um lugar fixo.



Vi que ele tentou se levantar e apressei o passo para não deixar que caísse; seus movimentos eram completamente embriagados, sem controle.

— Senhora, e o seu...?

Não dei ouvidos à voz atrás de mim. Continuei andando rápido.

— Cuidado para não cair e se machucar. Pode se lesionar com uma queda. — Cheguei a tempo, ajudando-o a se sustentar de pé.

— Meu pai...ele...não...

Estava delirando outra vez.

— Qual o seu nome?

Não respondeu. Não conseguia sustentar a cabeça de nenhuma maneira.

E, sem saber o que fazer, me vi desanimada, querendo ajudar, mas sem saber como.

*O deixaria ali? A própria sorte? Não. Eu não conseguiria.*

Minha consciência não me deixaria dormir àquela noite se eu o largasse à míngua. Não parecia um morador de rua. Estava até que bem vestido, não estava com mal odor como insinuou o frentista. Só senti um forte cheiro de tinta e de algo a mais que eu desconhecia. Algum tipo de droga que eu não sabia o nome; e que já havia encontrado em Estéfán.

— O que faço com você, hein? — Perguntei, mesmo consciente que ele não responderia.

Percebi o frentista me observar à distância, numa expressão de discordância e recriminação. Não liguei. Concentrei em ajudar o garoto, afinal, ele veio parar praticamente no meu colo. Senti-me na obrigação de oferecer ajuda. Preferia me arrepender de estar ajudando, do que o contrário.

Escorei-o novamente na parede, e lutei para trazê-lo à lucidez, tirar alguma informação, algo que realmente o ajudasse a tirá-lo daquela situação.

— Ei. Olha para mim. — Levantei o queixo dele na marra, tentando acordá-lo de alguma forma. Franzi os olhos ao perceber que aquele rosto parecia muito familiar. Apesar de estar lambuzado de tinta mal tirada, ele não me era estranho, só não conseguia lembrar, puxar na memória.

*De onde conheço você?* — A mente perguntou, esforçando-se para lembrar.

Seus olhos mareados piscaram, lutando para enxergar alguma coisa. Aproveitei o momento iminente de lucidez e fiz algumas perguntas.

— Você tem casa?

Ele negou com a cabeça.

— Mora nas ruas?

— Não-não...

Fiquei confusa. Não tinha casa, mas também não morava nas ruas.

— Mora aqui perto?

Negou mais uma vez, forçando a vista, piscando pesadamente.

Aspirei e inspirei, desanimada. Dei uma pausa e segui indagando:

— Em que bairro você mora?

Piscou ainda mais, fazendo menção de falar. Parecia que sua língua pesava, não tinha forças para responder.

— Tenta, vai. Diz pelo menos como você se chama. Consegue falar o seu nome? — Insisti, instigando-o a falar.

— Lu...Lu-Lucas.

— Lucas? Você...

*Lucas...*

*Meu Deus...*

Emoldurei as duas mãos no rosto dele, visualizando-o bem. Com os polegares, comecei a limpar a tinta remanescente de suas bochechas e...

*Céus...!*

Era o mesmo Lucas do farol. E a Nita que ele mencionara em seus devaneios só poderia ser a Nita que eu conhecia. *Minha* Nita.

Meu coração acelerou somente em imaginar que aquele menino estava ligado a ela, que tinham alguma relação.

*Seriam amigos? Tinham algum parentesco?*

— Por favor, fala onde você mora. — Questionei interessada; querendo, mais do que nunca, ajudá-lo, tirá-lo dali.

A língua dele enrolou:

— Tiju-juca. Na casa... Nita... ajuda.

— Vem, levanta, vou levar você comigo. — Falei decidida, sentindo um calor bom no coração.

E, com muito esforço, o ajudei a ficar de pé. Estava muito pesado, parecia um chumbo; o corpo sem nenhuma coordenação motora, languescido, sem equilíbrio. — O que você faz por essas bandas? O que houve com você?

Não esperava que respondesse. Estava imerso em completo estado de dormência e delírio. Não parava de rumorejar as palavras “pai” “mãe” e também “Nita”.

O frentista percebeu que eu o levava rumo ao carro, e se adiantou:

— Senhora, o que pretende fazer?

— Levá-lo comigo.

— Ma-mas ficou louca? Pode fazer algo com a senhora, atacá-la.

Parei irritada, com Lucas grudado em mim; seu braço por cima dos meus cabelos, em volta do pescoço.

— Olha bem para ele. Acha mesmo que ele está em condições de atacar alguém, senhor frentista?

— Não agora, mas...

— Por favor, devolva minhas chaves. Muito obrigada por sua preocupação, mas eu sei muito bem o que estou fazendo.

Ele suspirou, arriando os ombros, como se tivesse diante de uma batalha perdida. Entregou-me as chaves e por último disse:

— Cuidado.

Esperei que abrisse pelo menos a porta, para eu acomodar Lucas, mas não o fez. Ficou apenas olhando; talvez não quisesse ser cúmplice de uma loucura como aquela, como ele bem disse.

Segui para o bairro da barra, estávamos relativamente longe de casa, e torci muito para que, naquele meio tempo, ele reagisse e falasse.

Observava-o o tempo todo através do retrovisor, lembrando sempre do aviso do frentista “*cuidado*”. Por um momento, fiquei com receio de que acordasse subitamente e tivesse uma reação agressiva, não medi as consequências da minha boa vontade, mas não estava arrependida. Não ainda.

Coloquei o velocímetro para correr, querendo chegar logo na zona onde eu morava. Busquei desviar por vielas com menos engarrafamento para chegar rápido em casa.

Chegamos e já eram 19h:47. Já estávamos parados em frente de casa. Olhei para trás e ele ainda estava desmaiado, boca aberta e pescoço pendido para o lado. Mais inconsciente do que horas atrás.

Livre-me do cinto e fiz o mesmo com ele.

— Preciso que me ajude a descer com você. — Sacudi seu braço, tentando acordá-lo.

Travei uma luta grande para tirá-lo do carro, arrastando-o com todo cuidado. Cansada, joguei-o na calçada interna, ao lado da porta de entrada. Recobrei um pouco o fôlego; parecia que eu tinha carregado uma tonelada nos ombros.

Por um instante, ele pareceu querer acordar, mas foi apenas um espasmo seguido de mais um delírio. Logo voltou ao seu estado de total dormência.

Abri a porta, e ao escancará-la, dei de cara com dona Rebeca descendo a escada.

— Filha! Chegou cedo. Imaginei que chegaria um pouquinho mais tarde. Sei que o trânsito nesse horário não dá trégua. Como foi lá?

Veio até mim toda animada, como sempre. Senti-me como uma criança que acabara de ser pega com *a boca na botija*. Acuada, dividi o olhar entre a chegada dela e Lucas encostado na parede, bem ao lado das minhas pernas.

— O que está fazendo parada aí? Por que não entra? Parece cansada, filha. Passou mal? — Indagou preocupada; sua feição serenou, correndo os olhos pelo meu rosto.

— Está tudo bem dona Rebeca. E não passei mal em nem um momento. Comi algumas besteiras: doces, guloseimas.

— E por que não entra? O que faz aí parada? — Desconfiada, ela colocou o pescoço para o lado de fora.

— Senhor! Quem é? — Ela deu um salto para trás, estupefata, jogando a mão na boca.

— Também não sei.

— O quê?

— Quer dizer, não sei muito bem. — Entrelacei os dedos, atrapalhada. — Só o vi uma vez. Essa é a segunda.

Minha sogra olhou-me atônita, sem entender nada. Depois passou a encarar Lucas jogado na calçada.

— É uma história um pouco longa, dona Rebeca. Será que podemos conversar? — Falei, atraindo de volta seu olhar.

— Filha... Marcela...O que está havendo?

— Vou explicar tudo. Vem.

Ela me seguiu; os olhos por cima do ombro, atenta ao lado de fora. Estava confusa. Mais que isso, estava preocupada.

Expliquei toda a situação. Desde o dia em que conheci Lucas no farol, até o instante atual. Ela ouviu tudo calada, desconfiada; sempre buscando olhar na direção da porta.

Ao final, reclamou:

— Mas filha, trazer um desconhecido para dentro de casa? E um morador de rua! Não sei... — Levantou confusa, correndo os dedos pelos cabelos curtos.

— Não o trouxe para morar aqui, dona Rebeca, é só enquanto ele não acorda. Vamos tentar acordá-lo, depois o dispensamos. E mais, ele disse que é daqui da barra, por isso o trouxe comigo. Não podia deixá-lo na rua. Entenda, por favor.

Olhou-me com resistência, e só depois assentiu não muito convencida.

— Espero não me arrepender dessa loucura, filha. Não é normal trazer uma pessoa nessas condições para dentro de casa.

Sorri aliviada, dando-lhe dois beijos estalados nas bochechas.

— Vou buscá-lo.— E corri para a porta.

Vendo minha dificuldade em tentar colocá-lo para dentro, ela se apressou e ajudou. Acomodemos o corpo dele no estofado.

— E agora? O que vamos fazer?

— Acho que podíamos dar um café bem forte a ele. Pode ajudá-lo a acordar.

Dona Rebeca reagiu duvidosa às minhas palavras, no entanto, eu estava disposta a desarmá-la de vez.

— A senhora mesma diz que um café bem forte, levanta até defunto.

— Ou então fazemos como nas novelas, jogamos um balde d'água nele.

Minha boca se abriu para um sorriso, mas os gemidos em delírios vindo do sofá, bloqueou minha expressão.

— Nita...pai, não...

— Não quero deixar você sozinha aqui com ele. — Dona Rebeca olhou de Lucas para mim.

— Vá lá fazer o café, deixa que eu me viro por aqui. Ele não pode fazer nada, olha o estado em que se encontra.

Ela titubeou, mas acabou cedendo. Logo, já estava com o café pronto, e não perdemos tempo. Peguei a xícara e fui enfiando goela abaixo na boca dele, em temperatura morna.

Ele foi reagindo gradativamente.

Minha sogra somente observava; o tempo todo na defensiva, desconfiada, atenta ao que Lucas poderia fazer ao despertar completamente.

Aos poucos ele ia recobrando os sentidos, dando sinais mais reais de lucidez. Já abria os olhos e tentava olhar em volta, parecia assustado, dando-se conta do lugar que não conhecia. Mas ainda não tinha forças para falar, questionar.

— Calma, acho que você está ficando sóbrio. Consegue me ver bem?

Piscou várias vezes; esfregando os olhos enquanto se ajeitava no assento, buscando uma postura mais ereta.

Mais minutos se passaram, quase uma hora, e parecia que o café tinha causado o efeito esperado. Lucas já conseguia pronunciar bem as palavras.

— Onde estou? Quem são vocês duas? Co-como vim parar aqui? — Olhava em volta, desconfiado.

— Eu é que pergunto. Quem é você, garoto? Mora nesse bairro? — Dona Rebeca indagou, colocando-o contra a parede:

— Que bairro?

— Da tijuca. Barra da tijuca.

Balançou a cabeça confirmando sem demora; o tempo todo desconfiado, escorregadio.

— Cadê a Nita e Felipe?

— Quem?

Levantei; foi minha vez de agir, interromper os dois.

— Me deixa a sós um pouco com ele? — Pedi baixinho, quase numa rogativa.

— Claro que não! — Cochichou, exclamou minha sogra.— Ele pode te atacar, Marcela, pelo amor de Deus, filha. Já não basta ter corrido o risco de trazer esse menino e enfiar aqui, dentro de casa, agora quer ficar a sós com ele? Negativo! Não, não. Eu fico!

E querendo resolver logo, tudo aquilo, ela se voltou para Lucas, sendo mais incisiva.

— Tem que falar onde você mora, para que possamos te levar. Parece que ainda não está completamente bem.

Lucas levantou meio grogue, tonto, e foi para trás do sofá.

— Não precisa, vou sozinho. Mas...que lugar é esse? — Moveu-se até a janela, que dava frente para a rua e estendeu a vista para fora.

— Está próximo à praia. — Falei — Mora por aqui?

— Mais ou menos. É... tenho que ir. — Apressou-se em direção da porta e corri atrás.

— Ei, calma. Por que essa pressa toda?

— Deixa ele ir, Marcela.

Ignorei o pedido de dona Rebeca; eu só queria saber de uma coisa, além, também, de querer ajudá-lo. Parei-o antes que sua mão alcançasse a maçaneta.

— Me responde só uma coisa: Essa Nita do qual você fala, como ela é? É a mesma do farol?

— Do farol? — Ergueu a sobrelha grossa, desconfiado. Depois olhou para minha sogra, que permanecia no meio da sala, em alerta, sem aliviar a cara de tensão.

— Por favor, só responde. A Nita do qual você tanto falou, enquanto delirava, usa dread? — Perguntei, quase aflita, precisando cessar minhas dúvidas.

— Sim.

— Você mora com ela?

— Moro.

Fiquei muda, numa expressão que eu acreditava não ter outro nome que não fosse felicidade. Pisquei alegre, aliviada. A mente já tramando mil e um planos. Eu teria a oportunidade de vê-la

novamente, através de Lucas, e eu iria agarrar com unhas e dentes aquela chance. Dei um sorriso, mais do que eufórico, para Lucas, e completei.

— Levo você.

E, antes que ele recusasse, dona Rebeca arregalou os olhos, caminhando apressada.

— Como assim, Marcela? Por que vai levá-lo? Não acha que já fez o suficiente por ele? É perigoso, filha!

— Confia em mim. Pode ter certeza que estarei segura, sabendo agora quem é a responsável por ele. Conheço a Nita. E a senhora também.

— Eu?

— Sim, é a...

— Obrigado, moça — Lucas me cortou — Mas não precisa, eu vou andando. Já estou melhor e consigo ir sozinho.

— Não duvido, Lucas, mas faço questão de fazer o serviço completo. Vou te levar até aonde você mora.

Eu ainda não acreditava que veria Nita mais uma bendita vez. Meu coração já retumbava ansioso. Não dei ouvidos às tentativas de recusas do próprio Lucas e muito menos às reprimendas de dona Rebeca. Enfiei-o dentro do carro e dei partida, saindo dali louca para fazer *aquela entrega*. Ele ia me guiando, falando a direção.

Logo, entremos em uma área com pouca iluminação. A maioria dos postes não funcionava. Eram as luzes das residências e a escassa luz da lua minguante que clareavam as ruas.

— Para aqui. — Lucas pediu — É naquela casa abandonada. Invadimos a pouco tempo, mas o dono não sabe. Por isso temos que entrar escondidos todas as vezes.

Eu não deveria ter ficado tão surpresa com a confissão. Fiz menção de dizer algo, mas me calei, observando como ele levantava do banco do carona e se inclinava para frente, mirando na casa abandonada, averiguando alguma movimentação suspeita.

— É aquela ali. — Apontou para o lugar imerso na escuridão.

Não dava para enxergar quase nada. Mas notava-se que era uma casa extremamente envelhecida, descuidada, cercada por madeiras apodrecidas. Estava totalmente esquecida ali.



Queria perguntar muitas coisas. Como foram parar ali, com quem mais viviam naquela casa, desde quando ele conhecia Nita...

Mas guardei tudo para mim, deixando para sanar minhas curiosidades em outros momentos. Não iria faltar oportunidades para esclarecer todas as minhas dúvidas.

— E agora, o que vamos fazer? — Perguntei, ao que ele logo respondeu.

— Você, vai embora. Eu vou pular o muro e entrar.

Ele já ia saltar do carro, mas eu fui mais rápida e travei a porta.

— Quero ir com você.

— Está doida? — Assustou-se. — O que quer fazer lá? E você tem cara de quem não sabe pular nem uma vala pequena, que dirá uma cerca.

— Nem é tão alto. — Dei de ombros.

— Olha, moça, sei que nem te agradei por ter me trazido, por ter sido bacana comigo. Quero poder te agradecer em outro momento, mas agora não dá. Tudo que eu quero é poder me explicar para Nita, dizer o que aconteceu. Ela deve estar preocupada, ou querendo me matar. Desculpa te falar, mas não tem nenhuma necessidade de você...

— O que eu realmente quero é falar com a Nita. Será que não entendeu ainda? — Falei, placidamente, sem nenhuma irritação.

— Por que tanto interesse? Conhece ela de onde?

— De alguns lugares. Ela já esteve na minha casa, assim como você hoje.

Ele franziu o cenho, e passou para o banco da frente. Ficou interessado, curioso para indagar. Mas quando ele ensaiou uma pergunta, minha voz irrompeu dentro do carro.

— É ela! É a Nita. — Apontei.

Meu coração sacudiu dentro do peito, batendo enlouquecido. Senti o sangue correndo rápido, e me vi apertando o volante com força.

Minha boca se curvou em um sorriso bobo, inconsequente, ao vê-la atravessando a rua acompanhada de mais um garoto.

Sem pensar em mais nada, buzinei três vezes seguida, chamando imediatamente sua atenção

— Está louca?

— Sim, estou. Muito, muito louca. Mas não da forma que você está pensando.

— Abre a porta, quero sair.

— Não, deixa ela vir. Quero que venha até aqui.

Não tive certeza, mas pareceu que ele tinha dado um sorrisinho zombador. Cínico, talvez.

— Moça, ela não vai vir se não souber quem está dentro do carro.

Ele tinha razão.

Eu também não me aproximaria de um carro suspeito, ainda mais buzinando de tal forma.

— Deixo você ir, mas com uma condição.

— Qual?

— Que diga a ela quem está dentro desse carro.

— Se você me falar sua graça...

Encarei-o e só então me dei conta que ele não lembrava meu nome, mesmo dona Rebeca tendo repetido algumas vezes. E não lembrava de que estive no farol.

*Seria consequência do estado em que o encontrei? O efeito de alguma substância poderosa?*

Ele estava um pouco grogue, com os sentidos anestesiados, e talvez por isso estivesse com a memória adormecida.

Aproveitei-me do seu lapso de memória e não falei que eu me chamava Marcela, o que o deixou sem entender nada. Apenas passei o que deveria falar para Nita, para que ela viesse ao meu encontro.

Lucas assentiu querendo sair logo do carro. Pulou e correu na direção do outro garoto e de Nita. Os dois haviam recuado para a beirada da rua, desconfiados, quando buzei.

Fiquei assistindo tudo de dentro do Fiat. Nita e mais o outro rapaz correram, encontrando Lucas no meio do caminho. E se abraçaram demoradamente. Conversaram alguma coisa e depois enxerguei Lucas apontando para o meu carro. Minha respiração falhou e o sangue correu ansioso pelas veias.

Remexi nos cabelos, me arrumei, corei as maçãs do rosto, embora não fosse preciso, eu sentia que estava igual uma

malagueta. Respirei fundo, pela terceira vez, e me preparei para sair quando ela estivesse quase perto.

Minhas pernas bambearam ao vê-la se aproximando com cautela, arisca. Muito arrisca. Sorri nervosa.

Quando ela se acercou do capô, abri a porta e saí, me revelando. Nossos olhares se cruzaram; e foi o momento em que Nita parou abruptamente ao dar-se conta que era eu.

E diante de sua imagem materializada na minha frente, não desejei outra coisa que correr e me atracar em seus braços.

## 14 CAPÍTULO QUATORZE

NITA.

**A PREOCUPAÇÃO** e o desgosto foi tomando de conta à medida que, Felipe e eu, percebíamos que não íamos achar Lucas naquela noite.

Foi uma busca sem fim.

Atentos, procuramos por ele em cada rosto que víamos pelas redondezas. Procuramos até os pés pedirem arrego, uma migalha de descanso.

Se continuássemos procurando, não teríamos energia para voltar para a Barra. Fomos e voltamos várias vezes até a praça Nicaragua. Demos voltas, perguntamos em comércios e ninguém sabia de nada, ninguém o tinha visto.

Felipe e eu estávamos completamente esgotados.

Lucas nunca falara, abertamente, do seu passado. Às vezes, na prostração do olhar dele, eu conseguia captar, enxergar segredos, tristezas amargas e profundas. Mas nunca sondei a fundo, julguei ser cedo demais. Era muito reservado ao falar de si, e eu tinha a impressão de que mascarava sua história por trás do jeito espirituoso — implicante — que demonstrava sempre.

Felipe estava se sentindo culpado, e até comentou que talvez o desaparecimento, repentino, do amigo, tivesse se dado por conta da implicância constante dos dois. Mas tratei de persuadi-lo, fazê-lo entender que seu pensamento não tinha fundamento, e que Lucas, apesar de ser irritante às vezes, era um parceiro e amigo leal.

Fomos para casa com a ideia de voltar no dia seguinte e procurá-lo. Estava decidida e disposta a encontrar Lucas, saber tudo o que estava acontecendo, mesmo que, para isso, eu tivesse que mudar para aquele bairro, para aquela praça. Felipe concordou com a ideia. Claro que tinha a questão de Lena no meio da história, mas naquele momento, o sumiço de Lucas exigia um pouco mais de atenção. E com ela, tudo se ajeitaria.

Chegamos na surdina, como sempre, para invadir a casa abandonada e passarmos mais uma noite; tentar descansar sem

pensar muito em Lucas. *O que era quase impossível.* Quando chegamos por trás dos eletrodomésticos caindo aos pedaços, o alívio por não ver o velho enraizado na calçada, esvaziou parte da minha tensão.

Ao atravessar a rua, fomos surpreendidos por um barulho ensurdecedor de buzinas, fazendo meu coração disparar. Um Fiat, à distância, se destacava no breu da noite, parado na beirada da rua. Recuei no mesmo instante com Felipe. Quem quer que estivesse dentro daquele carro, queria chamar nossa atenção. Cerrei logo as mãos em punho, pronta para reagir se fosse preciso; Felipe ficou às minhas costas, a mão tesa no meu ombro.

Ficamos em alerta, observando. E eu tive quase certeza que a pessoa dentro do veículo ainda conseguia nos ver.

*Mas que porra! Eu só queria descansar!*

A porta do Uno se abriu e recuei um passo, tensa, armada. Alguém saltou para fora do carro, correndo em nossa direção. Aquela parte era muito escura, e não deu para identificar de imediato quem corria em disparada.

E o alívio veio; me invadindo de forma que todos os músculos do meu corpo relaxaram, tirando um peso enorme do meu peito, ombros e costas. Era Lucas vindo ao nosso encontro. Nada havia me preparado para vê-lo naquele momento, voltando para gente. A imagem dele correndo, removeu a sensação horrível e angustiante que eu havia trazido daquele lugar.

Felipe correu na frente e eu emendei logo atrás.

Antes de abraçá-lo, ter certeza de que estava tudo bem, tive vontade de dar uns socos nele, deixá-lo arriado um bom tempo no chão, puni-lo por ter me feito sentir tanta aflição.

Ele nos abraçou e começou a chorar, parecendo um bebê de colo. Naquelas lágrimas de alívio, deduzi que tinha passado por um mau momento. Pediu desculpas repetidas vezes enquanto secava o rosto abatido. Parecia ter apanhado, pois havia marcas roxas que, se observássemos bem, pareciam tintas restantes da fantasia.

— Sei que devo muitas explicações a vocês, e eu vou contar tudo! — Ouvi atentamente ao lado de Felipe, que demonstrava estar muito feliz com a volta do amigo.— Mas antes, acho que precisa resolver uma coisa.

— Eu?

— Sim. Foi a pessoa que está dentro daquele carro que me trouxe de volta. Disse que te conhece, e insistiu muito em falar contigo. — Apontou na direção do Fiat branco.

Eu deveria ter ficado feliz, agradecida antes mesmo de conhecer a tal pessoa dentro do carro, mas não foi assim. Fiquei intrigada, curiosa e desconfiada. O dom da desconfiança eu havia adquirido durante os dois anos nas ruas.

Eu conhecia muitas pessoas pelas quebradas do Rio, mas não me lembrava de ninguém de Botafogo. Frequentei pouco aquele lugar. Quase nada, na verdade.

— Fiquem atrás das sucatas velhas. Esperem lá.— Ordenei, sem esperar que assentissem. Caminhei com cautela em direção do carro, e não entendi o porquê meu coração se agitou subitamente, batendo mais acelerado, afoito.

E quando cheguei bem perto, a porta destravou e abriu. Meus passos travaram no segundo seguinte quando a ponta da cabeça ruiva apareceu ao sair do carro.

*Marcela.*

Conheceria aquela cor de cabelo até no breu mais escuro. Meu olhar se estreitou e ela sorriu linda, para mim, vibrando felicidade e sedução.

Tive que entreabrir os lábios para inalar o ar com força quando meu coração bateu enlouquecido, querendo se arrebentar dentro peito.

Ela se aproximou mais, para a claridade, recostando-se de lado no capô. Estava bem menininha como sempre. Usava um *cropped* ciganinha e uma jardineira curta, nada vulgar, mostrando partes das coxas naturalmente torneadas, e calçava rasteirinhas gladiadoras. Os cabelos cacheados se espalhavam, ruivos, pelos ombros, contornando os seios, deixando-a ainda mais provocantes. Desencostou-se do veículo e sem que eu pudesse evitar, sorri meio de canto, sem conseguir esconder a alegria da boa surpresa.

Finalmente pude piscar quando a tive tão perto, materializada na minha frente.

— Surpresa?

— Muito. — Minha voz saiu rouca, por causa da pulsação alterada.

Ela sorriu, daquela forma que me desmontava, me deixava presa no seu sorriso.

— Vamos ficar aqui ou pretende me levar para outro lugar?

Ela era muito ousada, atrevida de um jeito único. O que aflorava tudo dentro de mim. Era capaz de derreter todas as minhas armaduras, sem esforço algum.

— Imagino que esteja curiosa para saber como encontrei Lucas. Temos muito o que falar. Sobre *tudo*.

Obviamente eu havia entendido o seu *tudo*. Com tantas coincidências nos unindo, eu já não tinha tanta certeza se dava para continuar negando, resistindo ao que ela e eu, tanto desejávamos. A covardia, disfarçada de desculpa, veio logo em seguida.

— Estou cansada. Amanhã, cedo, procuro você. Ou na sua casa ou na loja. Onde prefere?

— Prefiro aqui, agora. — disse, firme. — Não me faça implorar, Nita. Acho que se eu chegar nesse nível, aí sim, eu nunca teria uma chance contigo. Você não parece ser do tipo que se atrai por pessoas que costumam passar por cima do seu amor próprio.

Olhei-a com minúcias por um breve instante; não era difícil se encantar por Marcela. Ela tinha uma luz única, especial, que encantava em apenas um relancear.

Não tive outra alternativa que me desarmar:

— Se você vai fazer alguma tentativa de me beijar, acho que, no mínimo, eu precisaria de um banho, coisa que ainda não fiz hoje.

Ela sorriu mais abertamente, e eu me permiti sorrir também, daquele jeito contido e moderado.

— Vamos à praia da barra, é pertinho. Você toma banho e ainda podemos conversar à vontade.

— Você não desiste, não é?

Ela se acercou, milimetricamente, quase colando em mim:

— Não, nunca.

Fiz um gesto com a cabeça e assenti:

— Muito bem, *Marcela*. Acho que hoje posso aliviar pra você. Espera eu conversar com os meninos e avisar do meu sequestro.

— Eu espero. — Sorriu de novo, jogando os cabelos para trás com graciosidade.

### MARCELA.

Fomos o percurso todo, até a praia, caladas. Nem uma palavra foi dita nem por mim, nem por Nita. Ela estava impassível, compenetrada, olhos pensativos o tempo todo. Deu-me um aperto no peito ao imaginar que pudesse estar arrependida de ter aceitado meu convite.

Mas, logo que deixamos o carro e passamos a sentir a massa de areia debaixo dos pés, tudo pareceu mudar. Ela atravessou na minha frente, rompendo aquela quietude que nos distanciava.

— Aceita? — Ela ajeitou a postura, oferecendo o braço.

Não havia mais dureza ou resistência em sua feição. Seu olhar suavizou e até brilhava, e sua boca se moveu em um breve sorriso.

— Aceito tudo o que você quiser.

Ela comprimiu os olhos, lentamente. Jurava que iria dizer alguma coisa, mas não o fez.

Às vezes eu tinha a impressão de que minhas palavras dúbias ainda a surpreendia. Não a culpava, eu também me via surpreendida comigo mesma. Era o sentimento por ela que me fazia ser espontânea, que me atiçava, me deixava louca, bem à vontade.

— Vamos dar uma volta pela praia. Confesso que estou bem curiosa para saber como Lucas foi parar em suas mãos.

— Vai querer falar somente da ovelha perdida?

Ela balançou a cabeça, quase sorrindo, como se já não pudesse mais ignorar meu jeito desinibido.

— Vem, me dá seu braço mulher assanhada.

Sorri. Algo dentro de mim se engrandeceu, maior do que a infinitude do mar.

Entrelaçamos nossos dedos e tudo o que eu desejei foi permanecer ali, grudada, colada nela, sem tempo e nem pressa para largar. Olhei-a enquanto me permiti ser conduzida para onde quisesse me levar. Iria até para o fundo daquelas águas se fosse para estar ao seu lado. Só queria curtir sua companhia, aquele momento bom, cheio de promessas. A noite não estava fria, o vento



sibilava manso, tímido, mas com força o suficiente para brincar com minhas mexas cacheadas.

Quase ninguém estava na praia àquele horário. Era como se todas as pessoas soubessem que precisávamos daquele momento a sós, de privacidade, da areia e do mar só para gente.

Resolvi romper o silêncio que quase sempre nos acompanhava. Queria ouvir sua voz, conversar, falar sobre tudo, qualquer coisa. Animada, falei.

— Vamos. Não queria tomar banho?

Ela se desgarrou do meu braço e se afastou; não muito.

— Estou fedendo?

Voltei, quase que com desespero, a me enlaçar nela novamente:

— Não, nunca! Como pode falar que tem mau cheiro e que fede? Não fala mais isso! — Adverti. — Adoro seu perfume natural, morena. — Levei a mão para acarinhá-la, mas ela bloqueou meu gesto antes que a carícia tocasse seu rosto.

— Acho que quem está precisando de um banho é você, ruivinha. Para apagar esse fogo.

Cheguei mais perto, quase encostando nela. Pisquei com os olhos embriagados.

— Nem as águas de todos os oceanos juntos, poderiam apagar esse fogo que queima dentro de mim, e que faz tudo latejar.

Nita piscou e senti quando sua respiração saiu quente e trêmula. Ela engoliu em seco, tentando manter algum equilíbrio. Continuei:

— Sabe o que poderia acalmar essa fogueira que me queima toda?

— Não. — Fez-se de desentendida.

— As suas mãos; essa sua boca. Você, Nita.

— Se isso acontecer, vai ser mais difícil dizer adeus depois, romper qualquer intimidade, laços emocionais.

— Não quero ficar pensando no amanhã, Morena. Não quero pensar no futuro. Pelo menos não hoje, não agora. Quero viver esse momento, o agora, com você. Penso nisso todos os dias. Todas as noites meu travesseiro ouve meus suspiros de paixão. Sei que você também quer!

— Não quero te magoar, te dar qualquer tipo de esperança. Vamos falar de outra coisa. Fala, como encontrou o fujão do Lucas?

Fiquei chateada com sua resistência e teimosia. Como queria falar de algo que poderia ser conversado e resolvido depois? Em *outra* hora. Nada, naquele momento, poderia ser mais importante, mais urgente do que falar de nós, do sentimento que, estava mais do que claro, era recíproco, mútuo.

— Quer mesmo falar sobre isso? Só sobre o Lucas?

— Foi para isso que viemos aqui.

Soltei um longo suspiro, cheio de frustração. Estava disposta a fazer com que aquela noite fosse incrível e inesquecível. Para nós duas. Mas eu não poderia fazer tudo sozinha. Afastei e falei, séria.

— Tinha razão. É melhor conversarmos amanhã. Também estou cansada. Te explico tudo outra hora. Aparece lá na loja. Vamos, deixo você e depois sigo para minha casa.— Parecia que eu havia copiado aquelas palavras de dentro de uma trama mexicana. Mas não consegui evitar o drama. Eu precisava aliviar, de alguma forma, minha frustração, o sentimento inóspito de rejeição.

Dei as costas, caminhando para o calçadão, ignorando, fazendo birra. Não estava disposta a desistir tão fácil, mas havia horas que o cansaço batia, e era preciso uma pausa; ou eu acabaria me desentendendo com meu amor próprio.

Mirei por cima dos ombros, não vi seus passos atrás de mim. *Será que exagerei?* Talvez eu a tenha deixado surpreendida, sem reação.

— É sério isso? — Ela gritou.

Não respondi. Continuei caminhando, pisando duro, até chegar ao meu carro. Aquele sorriso que me acompanhou na chegada, já não existia na saída.

E, quando abri a porta do Fiat, senti meu braço sendo puxado, travando meus movimentos.

— De que signo você é?

Encrespei a testa; por um momento achei que tivesse escutado errado:

— Hã?

— Deve ser canceriana com ascendente em leão.— Soltou-me.— Pois devo dizer que você tem o dom para as artes

dramáticas.

Continuei com o cenho franzido, numa expressão risonha e descrente. Pensei que mais ninguém nesse mundo, acreditasse em signos, e menos ainda Nita.

— Canceriana com ascendente em peixes. — Cruzei os braços, fingindo ignorá-la.

— É pior do que eu imaginava. — Ela suprimiu um riso, roçando o dedo mindinho na sobrancelha.

— Por quê? O que você tem con...

— Vem, vamos voltar que o mar nos espera. Deixa essa história de signos pra lá.

E me puxou com tudo, me levando para longe dali.

— Vai finalmente tomar banho?

— Nós vamos. Vai ser nosso primeiro banho de mar.

— Juntas! — Acrescentei.

“ Nosso *primeiro* banho de mar” Isso soou que teríamos outros mais. Não pude conter o sorriso que se avolumou na minha boca. Ela parou repentinamente e falou, olhando-me nos olhos.

— Como foram as coisas com Lucas? Conta tudo. Depois falaremos da gente. Está bem assim?

Assenti. Mas alguma coisa não me deixou sorrir com alegria. Talvez sua voz estivesse séria demais, ou porque a forma como falou deu a entender que era muito mais importante para mim, do que para ela, falar de nós. Ou foi apenas paranoia da minha cabeça.

O vento estava mais participativo, esvoaçando meus cabelos com mais intimidade, soprando a camiseta larga no corpo de Nita, e as pontas do seu *dread*.

Sentamos na areia; poucos metros, nos separava das águas. E, antes que eu começasse a falar de Lucas, apreciamos o farfalhar manso, das ondas, que iam e vinham, deixando espumas na areia.

Suspirei, absorvendo a brisa agradável, enchendo os pulmões de ar. Olhei para Nita, seu olhar se estendia por toda a imensidão escura, apreciando, amando tudo também. Eu não queria falar de outro assunto, de nada que aguasse aquele momento bom e gostoso.

Voltei a me concentrar na paisagem marítima, recostando a têmpora no ombro dela.

— Poderia ficar horas, olhando pra tudo isso. É lindo.

— Sim, é lindo! — Ela exclamou com paixão.— Dá a sensação de paz e medo ao mesmo tempo. — Seu olhar encontrou o meu; seu nariz roçando na pele do meu rosto em uma carícia lenta. Fechei os olhos, estremecida, quente. Ela continuou: — Costumo dizer que as ondas, sejam elas calmas ou ferozes, são como gotas de mistério no mar. As ondas mansas, são como um sussurro, um beijo calmo, que vem sem pressa de dizer onde quer chegar. Já as ondas ferozes e imponentes são como um grito, um clamor que vem do fundo e explode na superfície, esbravejando uma língua que ninguém pode compreender. O mar guarda muitos mistérios; segredos que Deus não permite descobrir, revelar, porque tudo o que o homem toca a mão, destrói. Ou usa de forma errônea, destrutiva, maléfica.

Fiquei escutando toda aquela filosofia metafórica, fascinada, sem tirar os olhos dela. O fato de não ter conseguido piscar em nenhum momento, deixava claro o quanto eu tinha ficado abobada e ainda mais deslumbrada, envolvida por ela.

Céus, como era bom sentir tudo aquilo, se permitir, não fugir.

Quase pulei em seu colo para beijar sua boca, roubar um beijo pra mim.

*Finalmente um beijo.*

Mas me contive, me remexendo na areia, procurando amainar o calor nas entranhas.

Respirei fundo e me preparei para falar de Lucas.

## 15 CAPÍTULO QUINZE

NITA.

**EU OUVIA** com atenção tudo o que Marcela contava e como narrava. Não fiquei surpresa em momento algum. Quando vi Lucas com hematomas no rosto, me preparei para o pior. Pressenti que, mesmo antes de ele sumir, havia algo estranho, solto no ar. E quando desapareceu, imaginei que fosse se meter em alguma encrenca.

Marcela ia narrando, falando todos os detalhes. Entendi que o drogaram com alguma substância pesada e ainda bateram nele.

Mas quem? E aquela mulher da fotografia 3x4? Quem era? E o que tinha a ver com o sumiço dele?

Certo. Eu não iria bater cabeça com essa gama de perguntas. Não nesse momento. Admirei ainda mais a mulher sentada a minha frente, tagarelando, gesticulando. Notei o quanto preocupou-se com Lucas, em querer ajudá-lo, mesmo sem saber quem ele era a princípio, mesmo correndo o risco de ser atacada em algum momento. Ela teve cuidado, se importou.

*Caralho, Nita! Deixa de ser idiota e tira esse brilho apaixonado dos olhos. Agora!* — A mente ordenou, alertando-me do perigo.

Mas não dei ouvidos. Não liguei.

Passei a adorá-la secretamente com o olhar.

Tive vontade de abraçá-la e apertá-la, fundi-la em meu corpo. E foi o que eu fiz.

E sem que ela esperasse, abracei-a, interrompendo sua fala. Foi um gesto terno, mas muito intenso, necessário. Marcela também se deixou abraçar, colando mais em mim, se encaixando por cima das minhas coxas. Apertei-a forte; meu rosto mergulhando em seus cabelos ruivos.

*Que delícia de cheiro bom!*

Absorvi seu perfume, embevecida, enterrando o rosto no vão do seu pescoço, sem poder resistir. Senti que ela amoleceu, esquentou também. E foi aí que me afastei:

— Obrigada.

Ela suspirou, arfante, colando sua testa na minha; apartou os lábios e sorriu.

— Se eu soubesse que ganharia um abraço desses, eu teria contado tudo antes. Que tonta eu fui!

Balancei a cabeça e sorri. Dessa vez sorri de verdade, com prazer.

— O que eu faço com você, hein?

— Pode fazer o que você quiser. — Ela soergueu as mãos no ar.

— Sério, obrigada por ter trazido aquele irresponsável de volta.

— Acho que foi ele quem me encontrou e me trouxe para você, Nita. Agora eu tenho certeza disso.

Abri a boca, mas a língua emudeceu, travou. Afastei, me dando conta que estávamos ultrapassando a linha do permitido, indo longe demais. Já estávamos muito envolvidas naquele enlace de conquista. Por mais que eu a quisesse muito, não tinha espaço para momentos amorosos na minha vida. Tinha a vingança. *A merda da vingança!*

Pisquei duas vezes, me abominando pelo o que eu ia fazer.

— Vamos conversar sobre a gente? —Falei séria demais, mortificada por dentro.

— É tudo o que eu mais quero. — A voz doce, cheia de ilusão, me fez engolir em seco.

— Não podemos ter nada, ruiva. Eu queria, juro que queria. Você é linda, espetacu...

— Pode parar com esse discurso ridículo! — Revoltou-se, afastando-se de mim.

Mantive-me firme, lutando para não fraquejar ao ver uma lágrima escorrendo pela lateral do rosto dela. Senti o impacto da sua decepção me sacudir, de forma que cerrei os punhos e tive vontade de voltar atrás nas minhas palavras.

Queria muito esquecer tudo e ter aquela chance com Marcela. Mas droga, eu não podia! E meu coração tinha que entender isso. E ela também. Estava à caça de uma maldita assassina, e quando a encontrasse, eu não queria ter um ponto fraco amoroso. Marcela seria meu ponto fraco, o qual Renatão poderia usar contra mim.

Ela levantou e levantei também.

Chegou bem perto e estreitou o olhar, mirando nos meus olhos, me intimidando. Ali vi uma mulher grandiosa, imponente, poderosa, capaz de me desmontar em um piscar.

*Que mulherão do caralho.*

— Não pretendo insistir mais. Eu estava disposta a fazê-lo. Insistir, insistir e insistir. Mas acho que vou estar dando murro em ponta de faca, só me machucando.

Não esperava aquela reação. Fiquei balançada, incomodada com suas palavras firmes e decididas.

— Mas antes que possamos acabar com o que nem ao menos começou, quero um beijo.

*O beijo. Claro. Ela queria um beijo. E...eu também.*

Ela se encostou em mim; não recuei. Seu olhar, sua boca, seu perfume, tudo era um convite irrecusável para beijá-la. Sem força alguma para resistir, me vi rendida, acuada por uma miríade de sensações. Trouxe Marcela pela cintura e a beijei. Comecei devagar, encaixando meus lábios nos seus, provando-os, me deliciando com a textura macia e quente. Tudo esquentou, latejou, ficou vicioso. Era terno e quente ao mesmo tempo. Quando explorei mais sua boca, ela gemeu baixinho, vibrando em meus braços, se apertando mais em mim, se entregando numa urgência de ser toda minha.

Minhas mãos deslizaram para dentro da jardineira, e me vi caindo em um despenhadeiro de desejo e paixão; lascívia e tesão. Sua cabeça pendeu para trás, quando minha boca buscou a curva do seu pescoço. Caímos quase que de joelhos na areia, encaixadas uma na outra, pulsantes, ardendo no mais puro fogo do desejo.

Não queria parar; eu não conseguia. Mas, alguém parecia querer conspirar contra aquele momento maravilhoso, extraordinário.

A contragosto, nossas bocas se desgrudaram quando sentimos uma lufada, forte, de areia no rosto, quebrando o momento de magia. Por um momento, pensei que fosse o vento soprando forte, mas soube que estava enganada quando ouvi risadinhas e vozes altas.

— Olha o que temos aqui: duas *Machorras*.

Era uma dupla de babacas héteros, metidos em trajes esportistas. Um muito alto e outro baixo. Continuaram rindo, impondo suas presenças desagradáveis. Olhei de relance para Marcela, ela parecia não entender muito bem; seus olhos ainda sob o entorpecimento do beijo.

*Os idiotas pagariam caro por terem interrompido aquele momento.*

Marcela e eu levantamos, rapidamente, quando outro monte de terra esvoaçou contra a gente, nos banhando de areia.

— Quer morrer, filho da puta? — Com uma raiva indomável, me movi ao encontro dos dois babacas, mas Marcela me puxou de alguma forma, impedindo que eu avançasse.

— Não! Nita, eles estão querendo confusão. Por favor...

— É? Só que agora eu também quero.

Os imbecis soltaram um mix de risadas, zombando das minhas palavras.

— Escuta sua coelhinha ruiva. Vazem daqui! Não queremos sapatão aqui.

Meu sangue ferveu, causando um rebuliço por dentro. Soltei-me com facilidade de Marcela, e mandei o infeliz repetir

— Não ouvi direito. Vocês não querem o quê aqui? — Empinei o queixo, desafiando-os cheia de revolta.

Se entreolharam:

— Acha que tem alguma chance contra a gente? — perguntaram entre gargalhadas.

— Nita....por favor...

Marcela implorou, querendo se aproximar.

— Afasta. — Fiz um gesto com a mão, pedindo que ela se mantivesse à distância.

— Quer lutar, oh...coisinha? Quer lutar com dois machos de verdade?

Meu estômago embrulhou. O sangue explodiu nas veias; pulsante, feroz, excitando a fúria. Um deles veio desarmado em minha direção, com punhos e peito aberto. Quase sorri vaidosa, por terem me subestimado.

— Nita...



Ainda ouvi a súplica tímida de Marcela. Tarde demais. Acelerei a pegada na areia e avancei no primeiro.

Aparei um golpe potente do mais alto, testando sua força e habilidade. Zero habilidade! Desviei mais uma vez deixando-o furioso. O outro só assistia, esperando sua vez de atacar. Desviei o rosto de outro soco e dei as costas, girando em um salto alto e acertando o pé na mandíbula dele.

O corpo musculoso e moreno ziguezagueou para o lado e caiu mole no chão. O outro veio pra cima, mal dando-me tempo para respirar. Marcela gritava, rogava. Meu sangue corria quente, cheio de adrenalina. Acertei o joelho no meio do abdômen trincado do mais baixo. Ele urrou, recuando para trás. Avancei de novo, colocando minha ira num golpe fatal. O corpo dele tombou no chão areento, jorrando sangue do canto da boca partida.

— Vadia!

— Vadia, é?

Girei nos calcanhares, mas ao me preparar para partir novamente, pra cima do vagabundo, o outro que estava esquecido no chão me surpreendeu, dando-me um soco atordoante. Minha vista falhou e cambaleei desequilibrada.

— Por favor, não... parem! — Marcela gritou, tomada pelo medo.

O filha da puta me acertou outra vez, nas costelas. Torci de dor, rolando na areia.

Em um ato impulsivo, Marcela saltou com tudo, dependurando-se no pescoço do mais alto, tentando pará-lo.

— Deixa ela... deixa ela...vão embora! — Ela bradava.

Suas pernas atracaram na cintura dele e os braços mantiveram-se agarrados no pescoço, como uma corrente inviolável.

Pisquei, tentando recobrar a razão, temendo que ela se machucasse. Reuni forças e equilíbrio, e levantei. Ele rodopiava com ela como se tentasse se livrar de um inseto peçonhento. Senti o medo me dar um soco no estômago quando o mais baixo levantou e caminhou na direção dos dois. Olhava com desejo para Marcela, sorrindo de forma asquerosa e traiçoeira.

Corri para ajudá-la, impedir que fosse jogada no chão com brutalidade; mas não cheguei a tempo, fui bloqueada pelo o que havia acabado de jogá-la sem pena contra a areia.

— Me solta! Me solta! — Marcela esperneava, tentando se livrar do outro infeliz que se aproveitou da sua debilidade e agarrou-a com violência pelos cabelos.

Melindrei, trinquei os dentes, assistindo-a sendo dominada, arrastada.

— Vamos levar sua ruivinha, sua cadela sarnenta. Ela vai saber o que é um homem de verdade. Um não, dois. — E riram.

Marcela deixou de gritar, espernear, mas vi o pânico em seus olhos e, lá no fundo, a esperança de que eu a socorresse, não a deixasse partir.

*O que eu faço? O que eu faço? Pensa, Nita, pensa!*

Recuei um passo e enchi os pulmões de ar; os dois riam envaidecidos.

Movida pelo impulso e a angústia, arrisquei:

— Um desafio! — Falei, atraindo a atenção dos dois. — Luto com os dois *héteros* de merda. Agora! Se eu perder, podem levá-la.

— Nita...o quê...? como você...? — Marcela tentou protestar, estupefata.

Não a encarei. Sabia que a descrença estava ali, em seu olhar, misturada ao terror e o medo.

*Merda, Nita, tem que dar certo! Ou você está ferrada.*

Encarava os dois, atenta, sem piscar, sem desviar a atenção para nada, preparada para lutar. Eles entreolharam-se:

— E se a gente perder? — Um deles perguntou, rindo com escárnio.

— *Infelizmente*, nenhum de vocês estarão acordados para verem eu sair daqui com ela. Mas, respondendo o escroto aí; se perderem, vão ter no histórico de *héteros machões*, uma bela surra de uma *SAPATÃO*. Que tal?

Incomodados com minha afronta, vieram afoitos, querendo mostrar macheza. Não passavam de dois ridículos fanfarrões.

Usei a única luta que nunca me fazia perder uma briga. A capoeira.

Saltei do chão, com maestria, subindo bem alto, acertando o mais alto. Ele caiu zozzo, segurando as costelas. O outro ficou em dúvidas se avançava ou não. Não esperei o mais alto se recuperar, fui até o mais baixo e o golpeei no centro do peito, com força. Ele caiu de bunda na areia.

— Chega! Por favor, parem com isso!

Resfolegante, procurei pela voz de Marcela no mesmo instante. O mais alto não perdoou minha distração e me agarrou por trás, sem me dar qualquer chance de defesa. Tentava recuperar o fôlego, mas o braço dele na minha garganta minguava minhas forças, minha respiração. Arregalei os olhos, quase sem ar. Foi então que ouvi a voz longínqua, de Marcela.

— Nita! Socorro!

Olhei na direção da voz desesperada; meus olhos quase desmaiando, se fechando. Ela estava sendo arrastada, levada à força. Tentava se desvencilhar; se sacudia, sapateava. Mas sua luta era em vão. Sua força era infinitamente inferior que a do seu algoz. Vê-la se distanciando, sendo arrastada com uma extrema indelicadeza, foi como um choque violento revitalizando minhas veias, me sacudindo, trazendo-me um pouco de lucidez. Puxei as últimas reservas de ar em meu diafragma, e tentei afastar o braço forte que me estrangulava. Curvei o corpo para frente, jogando o miserável para longe. Caiu de costas na areia; os olhos se arregalando pelo impacto da queda. Abri a boca necessitando desesperadamente de ar.

Não perdi tempo; virei o corpo dele, montei em cima do abdômen trincado e dei o golpe final, fazendo-o desmaiar. Exprimi um grito estridente de dor; os dois socos deferidos fizeram minha mão queimar.

Minha vontade era encher aquele cara de porrada, mesmo estando desmaiado. Mas eu precisava ajudar Marcela. Saí dali gritando o nome dela, girando, varrendo os olhos por todos os lugares.

— Nita?!

Atenta, escutei o grito se arrastando, ecoando ao longe. Estreitei os olhos para um ponto no escuro; enxerguei o mais baixo lutando para se aproximar do carro com Marcela.

Corri cansada, as pernas pesando na areia, gritando por ela.

Pensei que não fosse chegar a tempo e ajudá-la. *Deus, obrigada!* Quando o desgraçado ligou o carro e ameaçou dar partida, joguei o corpo na frente do capô vermelho e o *Chevrolet* freou bruscamente, quase me jogando no chão. Ali tive certeza que aquele imbecil era um covarde, refil de bandido.

Marcela aproveitou a distração do cretino e se jogou por cima do colo dele, liberando a destrava da porta. Corri e arranquei o malandro de dentro do carro e o arremessei para longe. Ele se esparramou no chão e recuou melindrado. Depois ergueu-se e fugiu. Marcela saiu assustada, e se atirou em meus braços. Dava pra sentir as batidas descompassadas do seu coração.

— Obrigada. Obrigada. — Sussurrou ao meu ouvido e me apertou mais, grudando-se em mim.

Olhei em volta; ninguém parecia ter notado nada. O homem mais alto continuava desmaiado, no mesmo lugar onde o deixei.

Saí com ela dali e fomos para outro pedaço, um mais perto da reserva; uma área mais aconchegante e calma.

E, só depois de uma certa distância, consegui respirar tranquila.

## 16 CAPÍTULO DEZESSEIS

MARCELA.

**AINDA SENTIA** meu corpo em choque, trêmulo com tudo o que tinha acontecido.

Depois que consegui digerir, pensar um pouco melhor, me desgrudei de Nita e sentei na areia, afundando a cabeça entre os joelhos. Meu coração ainda acelerava; respirei fundo, para que normalizasse aos poucos.

Estávamos longe de tudo; dos quiosques, do movimento urbano, das poucas pessoas que circulavam por perto. Longe do barulho humano e recebidas somente pelo calor da natureza.

— Calma. Passou.

O afago das mãos de Nita em minhas costas e suas palavras de consolo, não me acalmaram. Ao contrário. Meus olhos lacrimejaram; me permiti chorar um pouco, dissolvendo o resto de angústia que havia ficado no peito. Tudo aconteceu rápido demais. Passamos de um momento mágico ao pior da minha vida. Não somente pela violência, mas o que levou a ela.

— Meu Deus...—Murmurei; minha voz incrédula, meio chorosa. Nita sentou-se ao lado e me abraçou, acalmando-me. Aninhei a cabeça no vão do seu peito, quando senti o afago protetor de sua mão em meus cabelos. Subi um pouco mais, deitando o rosto em seu ombro. Ficamos assim, abraçadas pelo silêncio, escutando o ressoar marítimo das águas.

Depois de uma longa pausa, percebi o mar estranhamente quieto, tranquilo; tive a impressão de que tanta quietude, dava-se por conta de que a vasta imensidão escura, esperava que Nita e eu rompêssemos o silêncio prolongado. Então o fiz.

— Por que fez aquilo?

— Aquilo?

— Apostou a minha vida... Me apostou para ganhar uma luta...

— É assim que você vê? Que te apostei para ganhar uma briga?

Eu não esperava seu olhar intenso de recriminação, e algo a mais que eu não soube decifrar, dar nomes. Só sei que me deixou um pouco abalada. Senti-me como se eu estivesse sendo terrivelmente ingrata. Demoramos um tempo nos encarando, até ela se levantar para acender um cigarro.

*Ela fumava?*

Não suportava aquele cheiro. Estéfán sabia bem. Mas vindo dela eu poderia tolerar; ao menos naquele instante. Foquei em responder sua pergunta e me ergui.

— Só me explica. Quero muito entender, Nita. A gente poderia ter saído de lá, corrido. Afinal, eram dois homens e nós, duas...

— ...Mulheres! Duas. *Mulheres!* — Alterou-se.

Não soube, de imediato, como me comportar diante do seu tom irritado. Engoli em seco, julgando estar conduzindo aquela conversa de forma errônea. Confusa, me preparei para explicar melhor, mas ela seguiu falando:

— Acha que só porque somos mulheres, devemos fugir de homens babacas como aquela dupla de miseráveis? Que devemos nos submeter, nos calar para pessoas preconceituosas, que se julgam serem melhores que os outros por simplesmente serem héteros?

Revoltados, seus olhos não piscavam; e nem ameaçavam piscar. Eram uma mescla de raiva, decepção e infinitos sentimentos que iam contra tudo o que sentimos no beijo interrompido. Não me calei. Tentei me defender, placidamente.

— Só queria não ter passado por tudo aquilo. Dava para ter evitado. E evitar não é fugir, é ter senso.

— Senso? Senso de quê, Marcela? De covardia?

Ergui a sobrancelha, tensa.

Compreendia sua sede de justiça e sua indignação. Eu também havia ficado irritada e afetada quando os dois vieram pra cima com o preconceito escancarado, querendo brigar e mostrar que eram *fodões*. Mas eu não queria discutir, e se havia alguém que deveria estar chateada era eu. Fiquei horrorizada, no primeiro momento, por ter me colocado a prêmio. *E se tivesse perdido?*

Cansada, sentindo que nossa conversa terminaria em desavenças, resolvi ir embora, descansar a mente, de fato.

— Sabe dirigir? — Indaguei, polidamente.

Ela vincou a testa, muito levemente, como se não tivesse entendido minha pergunta.

— Sei, claro.

— Me leva daqui. Não quero discutir, Morena, não estou com ânimo para isso. A única coisa da qual eu teria toda disposição, se você quisesse, era de passar essa noite com você. Só nós duas. Com muitos beijos e momentos incríveis que eu, com certeza, desconheço, mas gostaria de conhecer com você.

Sua expressão mudou completamente, como da água para o vinho. Sempre acreditei que Nita fosse do tipo que tivesse um curriculum bastante extenso em experiências sexuais. Que dominava e não se deixava dominar, o que me deixava ainda mais doida por ela, mas o fato de eu estar sempre a um passo à frente na conquista, a deixava sem ação, como se fosse uma virgem diante do meu jeito atirado e um pouco atrevido, quando na verdade, a *virgem* era eu. Ela Jogou o cigarro na areia, pisou, e colocou no bolso da bermuda. Continuei falando:

— Acho que você já cumpriu com seu papel, não é mesmo? Já me beijou e agora cada uma segue seu rumo. Não é assim que funciona pra você? — Dramatizei, sem remorso.

— É.

Irritei-me com sua resposta seca, rasa demais. Mas o que eu sentia por aquela mulher, e principalmente o que eu acreditava que ela também sentia por mim, me fez seguir em frente, esticar assunto.

— Por que me salvou?

— Eu tinha uma dívida contigo Marcela. Você trouxe Lucas de volta, e foi nisso que pensei quando te resgatei daquele patife. Estamos quites.

*Mentirosa!*

Que tipo de pessoa nega até a morte o que sente?

Em um gesto quase raivoso, puxei seu queixo para me encarar e fiz a mímica de abrir a boca, despejar todas as minhas decepções; gritar, reclamar, xingar. Mas desisti de tudo, apenas murmurei baixo, com tudo entalado na garganta.

— Até nunca mais, Nita.

Saí caminhando às pressas, querendo sumir de sua vista. E, como se quisesse protestar, o vento uivou forte, espalhando meus cachos por todos os lados. Olhei para o mar e as águas pareciam enfurecidas, chacoalhando em ondas negras como se bramassem em unísono. Arrepios percorreram o meu corpo. Abracei-me forte, me encolhendo, pois, a sensação que tive era de que eu congelaria com as rajadas impetuosas trazidas pela maresia.

— Marcela?

Recusei a olhar para trás, para a voz que gritava meu nome.

— Marcelaaa?

Apressei os passos quando senti Nita quase me alcançando.

— Porra, Marcela, espera!

E corri. Corri para a areia molhada, onde eu teria mais apoio nos pés para dar velocidade à corrida.

— Porra! Não acredito. Marcelaaaa?

Nita passou a correr atrás de mim e continuei fugindo. Não acreditei quando tive vontade de rir de toda aquela palhaçada. Parecia uma adolescente correndo da namoradinha depois de uma discussão boba e idiota. Meus cabelos esvoaçavam para trás, como ondas vermelhas refletidas sob a luz da noite. Tive que ignorar o frio que regelava minha pele até por baixo das roupas. Continuei correndo sem parar, sendo perseguida; olhei por cima dos ombros; e, mesmo consciente de que Nita estivesse a ponto de me alcançar, não me dei por vencida. Corri mais. Até o meu limite. As águas na borda pareciam brincar, rir de tudo aquilo, iam e vinham em ondas graciosas, fazendo tapete para os meus pés, deixando espumas branquinhas. O mar inteiro servindo de plateia para minha pirraça.

Cansada, diminuí o ritmo dos passos e foi quando Nita me alcançou. Acabei me desequilibrando quando senti a mão dela no meu braço. Cai na areia encharcada, e a puxei junto comigo. Ela caiu por cima de mim, e agarrou meus punhos, afastando-os para os lados. Meu peito subia e descia, cansada pela adrenalina da corrida. Meu cabelo se esparramava, longo e cacheado, todo lambuzado de água e areia branca.

— Dessa vez, ninguém vai fugir de ninguém. Vamos conversar como adultas. — Nita ordenou ofegante, e eu não perdi a oportunidade de ser atrevida.



— E também como duas mulheres que se querem e se desejam muitíssimo. — Completei, sorrindo exausta, esbaforida.

Ela se despojou de toda e qualquer expressão carrancuda e exibiu nas linhas sexy dos lábios morenos, um sorriso provocativo, excitante. O mais atraente que já tinha visto em toda a minha vida.

— Vamos. Vamos apagar esse fogo todo entre essas pernas. — disse ela, escorregando por minha barriga, meu sexo e parando entre minhas coxas, afastando-as.

Inclinei o corpo para cima, ao imaginar que me tomaria em um beijo quente, cheio de paixão. Levantou-me pela nuca, deixando nossas bocas bem próximas. Sua respiração quente e cansada me deixou mais excitada, à mercê. Encostei meu peito em seus seios, já me desmanchando em uma vontade incontável de me dar, me entregar ali mesmo, na areia encharcada, todinha para ela.

Nita me levantou pela cintura, em um movimento rápido, preciso, fazendo-me arfar em um gemido trêmulo contra sua boca.

Fez menção de me beijar, mas não beijou. Carregou-me no colo como se eu fosse um fardo de pena, levando-me para dentro das ondas escuras.

*Mas que filha da mãe! Que merda!*

— Eu te mato, Nita! Eu te...

E mergulhou minha cabeça para o fundo, afogando o restante do meu protesto. Consegui me soltar e nadar por entre suas pernas. Abocanhei uma parte de sua coxa o suficiente para fazê-la sentir dor.

— Porra! — Ela gritou e ouvi sua risada gostosa, quando emergi na superfície.

— Vai ter troco, sua filha da mãe. — Ameacei.

— Apagou o fogo? — Ela continuou rindo.

Com uma revolta teatral, espatifei água em sua direção várias vezes seguidas. Ficamos assim, mergulhando e implicando uma com a outra, até eu sentir tudo ficar turvo e ver o rosto de Nita como um borrão.

*Merda! Merda! Merda! Minha hipoglicemia.*

Minhas pernas já não conseguiam se sustentar debaixo d'água. Nadei agoniada para a borda da praia, mas não cheguei a

tempo, e me vi sendo engolida para o fundo, antes que meus pés tocassem o chão.

### NITA.

Alcancei Marcela, facilmente, mas não consegui segurá-la quando a toquei. Deslizou da minha mão e caímos juntas, próximo as águas.

A ideia repentina de jogá-la no mar, foi apenas uma forma de adiar o inevitável. E, por mais ridículo que pudesse parecer, eu estava um pouco tensa, nervosa. Não queria que ela percebesse. Queria estar pelo menos de banho tomado, limpa, para então estarmos juntas.

Pela primeira vez em muito tempo, senti uma alegria verdadeira, plena. E o mais importante, não me privei de nada. Sorri, gargalhei, brinquei. Marcela tinha esse poder sobre mim. Ela conseguia me absorver do trauma do passado e viver apenas o presente; o momento. Vê-la feliz, fingindo me odiar, me deixou ainda mais pendente, querendo viver cada instante, cada segundo em sua companhia. Ali, dentro daquelas águas, não era a Nita, era o *eu* de a dois anos atrás. Rodamos em círculos, brincamos, farreamos naquele pedaço do mar; ela tentando me acertar com punhados de água e eu me defendendo, rindo em alta voz. Uma alegria finita, eu sabia, mas que não tinha pressa de acabar.

Nadei para tocá-la, senti-la perto de mim, beijar sua boca, mas percebi que ela estava estranha. Havia algo errado. Debatia-se contra as águas, tentando chegar à borda. Pensei que estivesse tentando fugir, ou apenas querendo que eu tentasse pegá-la. E foi o que eu fiz.

Nadei ao seu encontro, mas em um milésimo de segundo, ela desapareceu debaixo d'água, a poucos metros de mim. Pensei que fosse mais uma de suas trapaças para tentar me abocanhar por baixo, mas logo desconfiei que não era assim.

— Que merda! Marcela? Para com isso, vai.

Comecei a me preocupar com sua demora para responder.

— Marcela? Ei?

Enchi os pulmões de ar e mergulhei. Depois voltei para a superfície e nada de ela aparecer. O desespero veio com força, como uma onda feroz.

Mergulhei novamente; dessa vez mais para o fundo, no mesmo lugar onde ela havia sumido. Nadei rápido apalpando a escuridão com as mãos e pés.

Nada.

Nem um sinal debaixo d'água. Estava tudo escuro. Meu coração batia forte; um medo que nunca sentira antes, me apavorou. Eu não a encontrava.

*Deus, me ajuda!*

Eu precisava subir, não iria segurar o ar por muito tempo. O clarão da lua, no alto do céu, me guiava de volta. E, quando abri os braços, impulsionando-me para cima, senti algo tocar a minha mão. Parei, abruptamente; a falta de ar me incomodando. Revirei as águas; estava tudo breu. Senti novamente alguma coisa pegar nos dedos do meu pé, semelhante a fios de cabelo.

*Era ela! Droga, era ela.*

Nadei um pouco mais para o fundo e apalpei o rosto e a roupa.

*Sim, era ela.*

Reuni todas as forças possíveis, que ainda restavam, e nadei. Nadei sendo guiada pela luz do luar, colando Marcela em mim.

*Você consegue, Nita! Vamos, só mais um pouco.*

E, em mais três braçadas, explodi na superfície puxando o ar com desespero. Respirei quase sem forças; o peito pesava, ardia. Meu coração acelerava desproporcionalmente.

Nadei para fora do mar e ao encontrar terra firme debaixo dos pés, arrastei o corpo mole, de Marcela, para a borda molhada.

Comecei a fazer massagem em seu peito; parecia estar morta.

*Maldição!*

— Acorda, por favor. Acorda...

Eu estava ofegante demais, a ponto de desabar ao seu lado e descansar, recuperar o fôlego. Mas eu não podia parar.

Lágrimas escorreram por meu rosto, senti-me culpada, agoniada. Ela não acordava. Porraaaa! Ela não se mexia. Curvei e fiz respiração boca a boca.

— Marcela? Reage! — Cedi ao desespero, sacudindo-a com força pelos ombros, angustiada. Meus dedos tremiam.

— Acorda... *por favor...* Acorda, amor.

Montei em cima dela e intercalei entre respiração boca a boca e massagem cardíaca.

Nada.

Ela não reagia.

*Droga, droga, droga!*

Bati a mão espalmada, com extrema força, na areia molhada, muito aflita, com raiva.

— Não, você não vai morrer. Não vai!

Apertei seu pulso esquerdo; tinha pulsação. Pouca, mas tinha.

Ela estava viva. Mas por que não reagia?

Olhei em volta; não havia ninguém, nem uma sombra para ajudar. Estávamos longe de tudo.

Não pensei muito. Peguei sua bolsinha jogada na areia, para levá-la dali. Mas algo caiu de dentro da bolsa, e saiu rolando ao encontro do mar.

Uma seringa?

Sacudi a bolsinha e minhas suspeitas se confirmaram. Encontrei um frasco de insulina.

Ela tinha comentado, por alto, no jantar, que tinha “*hipo...*” *não sei do quê.*

— Claro! — Meus olhos se agitaram entendendo tudo.— Não deve ter se alimentado, por isso desmaiou dentro do mar, talvez por isso estivesse com dificuldade para acordar.

Abri o frasco, rapidamente, e a seringa sugou o líquido, numa luta contra o tempo. Tive que aplicar de qualquer jeito; torcendo para que desse tudo certo.

Abracei-a forte, colando seu corpo frágil no meu. Ela estava gelada, ensopada. Esfreguei minha palma em um de seus braços, tentando reconfortá-la com um pouco de calor. O tempo todo eu checava seu pulso. Ainda batia, pulsava. E iria permanecer assim, porque eu a queria, porque precisava dela.

*Meu Deus! Eu a queria!*

Tinha que tirá-la, resgatá-la dali. Carreguei-a no colo, meus olhos o tempo todo grudado em seu rosto, esperando alguma

reação. Andei até não aguentar mais. Parei para descansar, já estávamos em certa parte da praia, próximo do fluxo.

Sentei com Marcela entre meus braços e gritei por alguém. Gritei uma, duas, na terceira vez, alguém apareceu às minhas costas.

— Tá com problema aí moça?

Era um morador de rua, de meia idade; exibia a barba enorme por aparar, toda amarelada, parecia que fumava um maço de cigarro por dia.

— Preciso de ajuda com ela. Pode carregá-la e levá-la até ao carro? — Solícito, o homem não titubeou. Carregou-a nos braços e me seguiu.

Eu estava realmente muito cansada, quebrada. Havia gastado energia com os dois héteros de merda e o resgate da própria Marcela do fundo mar.

Agradei e dispensei o homem, acomodando-a em seu carro. Dei partida e fui direto para o hospital. Fazia tempo que eu não dirigia, mas não quis pensar naquilo.

No meio do trajeto, ao olhar de relance pelo retrovisor, me assustei ao assisti-la se sacudindo toda, vomitando água pela boca e nariz. Encostei o carro em qualquer lugar e me joguei para o banco do carona, soltando-a do cinto de segurança.

— Calma, calma.

Ela inclinava o corpo para frente, tossindo, liberando toda a água que engoliu.

— Vem aqui. Passou, passou. — Ajeitei-me melhor, acolhendo-a em meu peito. Fechei os olhos, sentindo o alívio que veio em doses cavalares.

E pela primeira vez, desde o início da atípica noite, consegui respirar de verdade.

*Obrigada, meu Deus. — Agradei em Hindi.*

## 17 CAPÍTULO DEZESSETE

MARCELA.

**ACORDEI** com uma dor horrível no peito. Tudo pesava, e a cabeça girava em uma confusão de cenas desconexas, embaralhadas na mente.

— Quer ir para um hospital?

Escutei Nita perguntar e só então as coisas começavam a se encaixar, fazendo algum sentido na cabeça. Aos poucos, minha memória trazia lembranças dos momentos na praia, nossa discussão, eu sendo jogada no mar por ela, até os últimos instantes em que desfaleci e vi um apagão.

Olhei-a sentindo-me zozza, fraca, como se uma manada de elefantes tivesse pisoteado em cima de mim.

— Acha necessário que eu te leve para o hospital? Você não está bem. Sente dor?

— Não. Só quero ir para casa.

Não tive certeza se ela havia entendido uma nota sequer do que eu disse. Minha voz saiu arrastada, malemolente, embriagada.

Senti seus braços me envolverem e seus lábios beijarem minha têmpora. Abraçou-me forte, como se eu fosse escapar dali. Deixei-me envolver por seu abraço quente, cheio de zelo. Senti-me acarinhada, protegida, bem cuidada. Ouvi quando suspirou aliviada e sorri de leve, mesmo sem entender o que de fato tinha acontecido no ínterim em que estive desacordada.

— O que aconteceu no mar quando perdi os sentidos?

— No caminho eu te conto. Enquanto isso, tenta recuperar as forças, okay?

Assenti, me sentindo bem com sua voz toda preocupada. Ajudou-me a pôr o cinto e ocupou o volante. O tempo todo me olhava pelo retrovisor, reparando, vigiando; seu olhar tomando conta de mim.

Não demorou muito e já estávamos em casa. Dona Rebeca pulou do sofá, quando me viu entrar ainda toda enlanguescida, com Nita me aparando.

— O que ouviu, filha? Meu Deus, está toda molhada! — Veio correndo, ajudando também, me acomodando na outra parte do sofá.

— Estou bem. Não se preocupe. O pior já passou.

— O pior? Que pior?

Não consegui evitar um riso mole, débil. Nunca iria me cansar de repetir que dona Rebeca era a melhor sogra. Esparramei no assento e suspirei aliviada por estar em casa, fora de perigo. Viva!

— Esta é Nita, quem me salvou hoje. Na terra e do mar.

Falei orgulhosa, com um brilho bobo no olhar, enquanto minha sogra varria os olhos pela morena dona do meu coração.

— Oi. — Nita acenou.

— Olá, filha. Não sei o que aconteceu, mas se salvou minha menina, como ela está afirmando, já tem em mim uma grande amiga.

Dividi o olhar entre as duas; quase pude sentir o desconforto na expressão de Nita enquanto fitava dona Rebeca. Minha sogra se aproximou e deu-lhe um abraço apertado, muito agradecida.

— Vocês têm muito o que explicar. Vou preparar um café para esquentar as duas, antes de contarem o que houve.

Nita acompanhou-a com o olhar, até ela sumir para a cozinha, com seu bom humor e boa vontade de sempre. A morena estava em pé, perto de mim; suas mãos imbuídas no bolso. Parecia acanhada, na defensiva.

— Por que essa timidez? Minha sogra não morde.

— Hmm. E nem late, parece.

Sorri, dolorida, enquanto ela se acomodava ao meu lado numa expressão risonha também. Depois tive uma crise de tosse, meus pulmões pareciam carregar toda a água do mar.

— Calma. Não força demais seu peito.

— A culpa é sua.

— Pra variar. — Riu.

— Acho que vou embora. Está na minha hora. Você parece bem melhor, os meninos estão sozinhos e...

— Dorme aqui hoje. *Comigo*. — A mente completou.

— É sério? — Moveu a cabeça, como se não acreditasse no meu pedido.

— Os meninos nem vão perceber que você não chegou. Já devem estar dormindo. Você pode sair cedo daqui. Te deixo antes que amanheça.

Percebi como seu olhar vacilou, se desviando rapidamente para depois voltar a me fitar.

— Você é louca. Você é bem louca.

— Louca sim, mas por você. Por nós.

— E sua sogra? A mãe do *seu* marido.

— Digo que você vai dormir aqui porque está cansada. Explico tudo. Ela vai entender. Mas que isso; vai aceitar. Ela é tranquila.

— Já percebi.

— E então? Aceita?

— Claro que não. Não quero encrenca, Marcela. E também é uma falta de respeito com essa senhora, que é mãe do...

— Shiil. — Soprei baixinho.— Vamos só dormir, não é mesmo? Não vamos fazer nada de mais.

Ela riu de canto, como se tivesse ouvido a mentira mais deslavada. Continuei sorrindo também.

— É...você dorme aqui, no sofá, se for se sentir mais à vontade.

— Estou cansada sim, mas não...

— Por favor, aceita, Nita. Amanhã, bem cedo, sairemos daqui. E agora não tenho condições de dirigir, e nem você vai conseguir andar quase cinco quilômetros.— Soei convencida.— E para sua desgraça, minha sogra não sabe nem girar a chave do carro pra levar você.

— É sério?

— Sim.

Rimos.

Ela passou a mão pelo *dread*, pensativa. E eu esperava ansiosa por sua decisão.

— Certo. Durmo aqui no sofá. Nada de quarto de hóspedes.

Arriei os ombros e assenti, sorrindo feliz.

— Tudo bem. Tudo isso é para que não saia daqui assim, cansada. Porque sei que está exausta. Lutou com dois doentes hipócritas, me salvou do fundo do mar, lutou comigo até o carro e ainda dirigiu até aqui. O mínimo que eu posso fazer é permitir que



tenha um pouco de conforto, te *obrigando* a dormir aqui. Mas isso ainda é muito pouco, quase nada. Ainda fico com uma dívida pendente com você. Diz, como posso te pagar, Nita?

Piscou arisca, afastando-se quando cheguei perto.

— Por enquanto fica fiado mesmo.

Sorri, e ela quase fez o mesmo.

— Estou falando sério.

— Marcela, vamos descansar. Outra hora resolvemos esse assunto.

Assenti, insatisfeita, mas tentando entender sua postura escorregadia.

Não demorou muito e dona Rebeca surgiu, carregando uma bandeja, farta, com biscoitos caseiros e duas xícaras de café.

— Agora me contem, o que aconteceu? — Perguntou, depois de nos servir.

Nita deu-me uma olhadela rápida e capitei algo em seu olhar. Depois ela balançou a cabeça em um pedido mudo, para que eu não contasse tudo à dona Rebeca, que a poupasse. Ofereci um sorriso para ela, bem ao meu lado, e o que eu sentia por essa mulher só se multiplicava.

Virei-me para minha sogra, tirando o sorriso bobo do rosto. contei o que aconteceu. Nita ia acompanhando tudo em silêncio, anuindo entre um gole e outro de café. Dona Rebeca levava as mãos à boca quase que o tempo todo. Assustada, incrédula.

— Filha, — ela deixou a poltrona e juntou-se a nós no sofá.— Graças a Deus você estava com essa moça. Você é um anjo, minha filha. Muito obrigada.

— Imagina.

— Avisei que estaria segura quando saí daqui. — Falei com os lábios na boca da xícara, o frio começando a me incomodar.— Nita é meu anjo da guarda. — Sorri para a morena ao meu lado, que retribuiu meu gesto de modo sutil.

Ouvimos dona Rebeca lamentar, praguejar, e agradecer Nita umas milhas de vezes mais, até não ter repertório para continuar falando.

— Agora está na hora de trocarem essas roupas molhadas. Podem pegar um resfriado. Meu Deus, que susto! Marcela, filha,

leva sua amiga para tomar um banho e, bom, — ela analisou Nita de cima a baixo.— Acho que nada do que você vista, vai servir nela.

— Não precisa se preocupar, dona.

Minha sogra moveu-se até Nita e falou algo baixinho em seu ouvido, que não consegui escutar.

Espantada, Nita recusou na hora, tirando boas risadas de dona Rebeca.

— Vai vestir sim. Ou é isso, ou vai ficar molhada. Depois você devolve. — Deu uma piscadela e nos deixou, subindo a escada.

— O que ela disse?

— Não vou dizer. Deixa de ser curiosa.— Acertou-me uma almofada fazendo-me deitar de mal jeito no sofá. Sorri e devolvi o carinho.

Sorrimos com a *vibe* boa, leve e divertida.

As risadas cessaram e houve um silêncio mútuo, cheio de tensão no ar. Uma tentando entender, absorver a conexão, a intimidade que crescia e que acabava magnetizando.

— Está vendo?

— O quê?

— Isso que há entre a gente. — Falei, mais boba do que nunca.

Prendi seu olhar no meu, envolvendo-a, chegando perto, sem ter a mínima noção do que era ter um momento de intimidade com uma mulher. Só sentia. Queria estar com Nita como quem quer devorar um manjar depois de dias sem comer; como quem precisa do ar para viver.

Ela endureceu a expressão, mas aquilo não me fez desistir de falar.

— Se quiser, pode dormir no meu quarto, na minha cama. Só dormir, Nita. Só dormir.

Dessa vez foi ela quem se aproximou, chegando perto, me queimando com o olhar, aumentando a tensão envolvente entre nós.

— Acha que se eu for deitar na sua cama eu vou querer só dormir? Vou querer fazer tudo com você, Marcela. Tudo!

Meus olhos marejaram de uma emoção que chegou a dar um frenesi entre as pernas.

— Então faz. — Pedi; minha voz espiralou rouca, bamba. — É tudo o que eu quero. Meu corpo quer.

— Você está brincando com fogo, mulher. Posso te chamuscar todinha.

Quase me desmontei ali mesmo, em sua frente.

— Eu na...

— Aqui está. Nem precisa devolver. Era de Estéfan, quando tinha 19 anos. Ainda está com cheirinho de guardado.

Minha sogra apareceu cortando o clima na hora. Estendeu o braço, oferecendo um short samba canção masculino.

Nita pegou a roupa, ainda dobrada, e mediu na cintura.

— Acho que vai servir.

— Que bom, filha.

Olhei para as duas, e observei como tinham se dado bem, embora Nita se comportasse o tempo todo com evasivas, retrações; tentando bloquear qualquer intimidade. E eu desconfiava que era por causa de Estéfan. Talvez pensasse que por ser a mãe dele, tivesse alguma falha de caráter como o filho. Ou por simplesmente estar em uma posição complicada.

— Dona Rebeca, Nita vai dormir aqui. Ela está cansada, e...

— Não precisa explicar, filha. Depois da noite difícil que teve nossa heroína ela poderia passar quantas noites quisesse nessa casa.

— Obrigada. Mas não exagere. — Nita agradeceu meio seca, parecia incomodada com tantos floreios.

— Obrigada por ser tão generosa, dona Rebeca. Eu...sou tão sortuda! Deus não me compensou com um bom marido, mas me presenteou com a melhor sogra do mundo.

Ela diminuiu o sorriso, entristecida, e me recriminei pela minha língua ácida dentro da boca.

— Vou deixar vocês sozinhas. Hoje vou ter que dormir com ajuda de calmante. Não quero passar vexame com sua amiga aqui, ao ter que acordá-la no meio da noite com meus pesadelos.

— Que isso?! Não precisa mesmo se preocupar. Assim vou achar que estou atrapalhando de verdade.

— Deixa disso, filha. Estou precisando mesmo ter uma boa noite de sono. Desde que meu filho...bom, foi preso, não sei o que é

dormir bem. Vou apelar para um remedinho. É pra isso que eles existem, não é?

Nita anuiu, sem ter muito o que falar. Dona Rebeca deu-me um beijo na testa e se retirou de vez.

— Vamos tomar banho? O café não deu muito resultado, estou com frio. Frio e fome. Tomamos banho e depois podemos fazer alguma coisa para comer. O que acha?

— Acho bom. Também estou com fome.

— Muita fome? — Joguei os cabelos molhados para trás, de forma insinuante.

— Marcela.

Ela recuou meio passo e cedi um, nos encaramos deliberadamente; ela o tempo todo arredia, olhar marcante, estreitado, dono de mim.

— Vai você ou eu primeiro?

— Pode ir. Está mais desconfortável do que eu, toda molhada.

— Sabe o que não entendo?

— O quê?

— Que uma hora você parece querer se entregar, expor seus sentimentos, se render de vez. E em outros momentos, como agora, fica total e completamente arisca, cheia de reservas. Avança um passo e retrocede dois, três.

— Não é fácil para mim, Marcela. Tenho outros objetivos, e me envolver efetivamente, romanticamente com alguém não é um deles. Pelo contrário. Entende?

— Não. Você fala e fala e não explica nada, Nita. Isso dá uma canseira, sabe. Mas sem dúvidas eu não vou desistir. Vem.

— Para onde?

— Para meu quarto, é lá o banheiro. E não me venha com desculpas, porque não vou aceitar nenhuma.

— Não, espero aqui. Quando você terminar, eu entro. E depois, enquanto eu tomo banho, você faz algo para a gente comer. Não é melhor assim?

— Não, não é melhor assim. Vem comigo, vem. — Estendi a mão e fiquei esperando que ela pegasse, apertasse.

— Não. Porque as chances de eu invadir o banheiro e tomar banho com você, são de 99,9%. É isso que você quer, não é?

— Exatamente!

— Safada.

Caí na risada; e ela limitou-se apenas em dar um leve riso.

Subi e a deixei sozinha. Tomei um banho caprichado, ansiosa para estar em sua presença de novo. Não demorei muito no chuveiro. Coloquei a roupa escolhida e voltei para a sala.

Mas Nita não estava lá.

## 18 CAPÍTULO DEZOITO

NITA.

**TUDO** estava calmo.

O vento que sibilava e a lua alta no céu, silenciosa e exuberante, foram um convite para estacionar na janela. Até a rua da casa de Marcela estava quieta, com pouca movimentação. Mas havia algo inquieto, impulsivo, ansioso demais. Meu coração. Aquela noite iria me custar muito caro, eu sabia. Iria me trazer muitas alegrias, sobretudo, lágrimas também, tristezas profundas. Meu peito apertava, pesava a cada batida acelerada.

Já havia decidido, embora meu racional ainda lutasse uma batalha sangrenta com meu emocional. Não iria mais fazer recusas, ignorar, fingir que eu não queria me envolver, me entregar também. Meu corpo todo reclamava, pedia, exigia para estar com Marcela, ser dela. Não podia reprimir mais. Tinha que aliviar aquele ardor que queimava, latejava também em mim. Eu a desejava, a queria.

Fechei os olhos por um momento, e minha mente foi buscar pelas imagens de Drica, precisamente a última imagem que tive dela. A pior, a mais cruel. Tremi um pouco, ignorando a mão que segurava meu ombro por trás das cortinas.

Antes de virar, inalei o perfume que chegou tomando conta das minhas narinas, entranhando, aticando meus sentidos. Virei encontrando os olhos *turmalinos* a pouca distância dos meus. Marcela estava linda, em uma saia curta, rodada, e uma blusa que deixava parte da barriga lisa à mostra. Os cabelos molhados, partidos para o lado, preenchendo os ombros nus. Seu olhar brilhava intensamente para mim, ternos e quente, uma mistura atordoante.

— Que isso?! Acha que sou de ferro?

— Vou saber agora.— respondeu, atrevida como sempre.

— Está linda! Linda e... cheirosa.

Ela desviou os olhos para o chão, e se afastou um pouco, pondo um punhado, generoso, de cabelo atrás das costas.

— Eu queria tanto que essa noite fosse perfeita.

— Vai ser, eu prometo.

Cheguei perto e ergui seu queixo. Nossos olhos se buscaram, se encaixaram num movimento lento, terno, hipnóticos. O silêncio abraçou aquele momento, e permanecemos assim. Depois falei:

— Posso?

Apontei para a escada que levava ao quarto, onde se anexava o banheiro.

— Deve. É a última porta.

Assenti e subi. Abri a porta do cômodo, e senti logo o frio gelado do ar-condicionado. O quarto estava à meia luz, as paredes decoradas em um tom azul royal e a lua do lado de fora emanava uma luminosidade naturalmente atrativa através da janela envidraçada. Meus olhos pousaram na cama vasta, bem arrumada, convidativa. Em cima da almofada, havia uma camisa polo, feminina, bem estendida. Voltei a concentrar na cama larga, me imaginando ali, com Marcela. Meu corpo reagiu logo, e precisei entrar de vez no banheiro para apaziguar o calor libertino.

Despi-me e liguei o chuveiro. A água deslizava quente, lavando meu corpo, limpando, renovando. Olhei no compartimento de produtos à minha frente, e peguei sabonete líquido. Espirrei um pouco, ensaboando-me, espalhando espuma por toda minha pele nua. Ao lado, bem no canto, entre uma variedade de cremes e afins, tinha uma tesoura. Era a hora de me livrar do dread que estava me incomodando, coçando meu coro cabeludo. Não queria abusar do tempo, sabia que iria demorar a sair dali, que Marcela estava esperando, mas eu não perderia aquela oportunidade. Seis meses usando dread, já estava bem surrado e a raiz mostrando partes do cabelo natural.

Comecei a cortar as pontas e desenrolar com cuidado e paciência. Todo o processo durou muitos minutos, não soube exatamente quanto tempo fiquei ali. Meus braços estavam doloridos, cansados, mas valeu a pena. Lavei o cabelo com shampoo e condicionador, e deixei hidratando por alguns minutinhos. Depois me olhei no espelho anexado ao compartimento de produtos de beleza e dei um sorriso satisfeito, feliz por voltar a ver meus fios lisos e curtos de novo. Senti-me mais leve, como se alguns quilos

tivessem sido levado pelo banho quente e gostoso; aliviando minha cabeça. Fiquei renovada, refrescante, pronta para qualquer coisa.

Cuidei de me apressar em sair do banho. Presumi que Marcela estivesse preocupada ou intrigada com tanta demora. Mirei uma última vez no meu reflexo e vi outra Nita, outra expressão, outra mulher, sem aquele montante de dread enrolado para cima, sugando minha beleza.

O samba calção serviu perfeitamente nas minhas coxas e cintura. Vesti a blusa polo, estendida na almofada e saí do quarto, levando um frio na barriga que há muito tempo eu não sentia.

*Porra! Eu vibrava por dentro.*

Cheguei na sala e Marcela estava na janela; logo sentiu minha presença. Virou-se chegando perto, mapeando seu olhar em mim, boquiaberta.

— *Wow!* Tirou o dread?— Olhou-me encantada, olhos reluzentes, lábios surpresos. Falou mais.— Está...está linda, linda, morena.

Sorri, recebendo seu chamego delicioso e um cheiro nos lábios. Meu corpo se contraiu; arrepios se escalando ao ter seu rosto na curva do meu pescoço. Ficou assim, abraçada, grudada, sentindo o perfume do banho.

— Gostou?

— Sim! Claro que sim. Amei demais. Está mais...

— Feminina?

— Isso. O dread camuflava toda a beleza do seu rosto. E, eram feios. —Riu, puxando-me para o sofá.

— Eu sei. Na verdade, nunca gostei muito. Mas combinava com a personagem, e a personalidade, que criei quando resolvi vir para as ruas.

— Como assim, *resolvi vir para as ruas*? Então é uma opção sua? — Piscou séria, buscando me entender de alguma forma. E eu fiquei em alerta, dando-me conta de que tinha falado demais.

— Um dia vou te contar um pouco da minha história. A vida que tive antes dessa, e a de agora. Estou com fome. Vamos fazer algo para comer?

Assentiu, mesmo querendo ir além, fazer perguntas sobre o assunto.



— O que quer comer? — perguntou, querendo me agradar.

— Com você, qualquer coisa deve ficar bom.

Seus olhos brilharam, mostrando a mulher quente que havia dentro dela e que queria sair. Apenas fiquei mirando-a, adorando sua expressão, esperando que falasse algo.

— Vem. Vamos decidir na cozinha. Nós duas.

Ela estendeu a mão e dei a minha também. Saiu me puxando por entre os móveis, olhando para trás, querendo manter os olhos o tempo todo nos meus.

Abriu o armário e mostrou as prateleiras cheias, fartas. Na hora lembrei dos meninos. Felipe, Lucas e Lana. Como iriam gostar de ver tudo isso! Biscoitos, bolachas recheadas, enlatados e outras variedades de alimentos crocantes. Mirei na cartela de ovos e decidi o cardápio.

— Vamos fazer uma omelete. É mais rápido e prático. Estou mesmo muito faminta. Corta as verduras, dessa vez eu vou cozinhar para você comer. Também mando bem na cozinha, ruiva.

Sorriu com leveza, e lamentei que não tivesse sorrido abertamente, mostrando-me sua curva mais linda, que me desmontava. Olhou-me concentrada, atraída por cada movimento, gestos simples meus.

— Estou adorando tudo isso. Adorando não, amando! Não posso acreditar que estamos assim, nesse clima, juntas. Pode me dizer que isso não é um sonho ou um delírio meu?

Era impressionante como Marcela tinha o poder de me envolver, me seduzir com seu jeito terno e ao mesmo tempo sedutor. Naturalmente sedutor de falar, me querer.

— Não, não é. — Minha mão acariciou seu rosto, então perguntei. — Como gosta do sexo?

— O quê? Como assim?

— Você entendeu — Sorri, divertindo-me com o rubor que cobriu suas bochechas — Não sou daquelas que romantiza o ato sexual.

— Quer dizer que gosta de sexo...hum... depravado?

— Quero dizer que gosto de sentir e dar prazer. Todas as formas de prazer. Gosto do sexo como ele é, nu e cru, sem reservas, sem privações. Com total entrega, sem pudores.

Seus olhos não piscavam, me olhando. Depois sua boca se curvou maliciosa:

— Você só me deixou mais curiosa — Mordeu o lábio, no meio de um sorriso excitante.

Envolvi a mão em seu rosto trazendo-a pela nuca, deixando-me seduzir de vez pelo seu olhar apaixonado, que implorava, em um pedido mudo, para beijá-la.

Encostei minha boca na sua, e senti seu corpo bambejar, ficar mole nos meus braços. Seus olhos se fechando, lábios se entreabrindo, narinas se dilatando, inalando o cheiro do meu hálito.

— O que faremos? Aprontamos a omelete agora e comemos? Ou deixamos para depois do que estamos prestes a fazer? — Perguntei, minha voz cheia de volúpia, quente, rendida também.

Ela afastou o rosto, e com os olhos enfeitiçados, sussurrou:

— Eu posso comer depois. Você, — empinou o queixo, sedutora — você pode comer agora.

*Caralho!*

Minha sobrancelha se ergueu, desejosa, e cedi de vez ao desejo que me consumia. Não desperdiçamos mais tempo; nos beijamos intensa e apaixonadamente, numa dança de lábios e línguas. Salivas se misturavam, peles reagiam a tremores, latejos e fusão. Marcela gemeu baixinho quando a encostei na parede e mapiei as mãos por debaixo de sua blusa; apertando, buscando, sentido seu calor, o fogo que derretia e me queimava. Meu corpo estava na maior fissura, colado ao seu; minha boca engolindo a sua.

E, num repente, recobrei um pouco a razão, quando ela me afastou com a voz arfante, abalada:

— Aqui não, vamos para a cama.

Não recusei, pelo contrário. Conduzi Marcela para fora da cozinha, esfomeada; nossas bocas encaixadas, se devorando em uma busca lenta e profunda, que agoniava, revirava as entranhas. Mantivemos nossos corpos grudados, rodopiando, desviando dos móveis até o caminho do quarto. Empurrei a porta com tudo, numa urgência louca, varrida.

— Espera. — Falei em um lapso de rouquidão; meus olhos entorpecidos, embriagados varrendo ela toda — Tira a roupa. Quero

te ver nua, te admirar. Te tocar primeiro com os olhos e depois com as mãos.

— Por que não tira você? — Ela rebateu, ardente — Vem. Tira minha roupa, Nita, veja o que tem aqui pra você. Tudo seu.

Avancei em cima dela dando-lhe um beijo estalado na boca, arfando contra seus lábios. Levei-a até o espelho grande, embutido na parede e me encaixei às suas costas, encarando seu reflexo enquanto levantava sua blusa, sem pressa, alimentando ainda mais o desejo que crescia, me preenchia. Marcela parecia dissolver-se com cada resvalar dos meus dedos em sua pele. A blusa mostrou uma lingerie clara, sexy. Deslizei a alça lilás, distribuindo carícias por seu ombro nu, me roçando lentamente contra sua bunda, atijando ainda mais o meu tesão e o seu.

— Aaah. — Choraminguou baixinho, com a voz bamba, excitada, me excitando também, espalhando arrepios por meu corpo. Minhas mãos encontraram o feixe frontal do sutiã e a librei de vez da peça. Fixei os olhos em seus seios, pelo reflexo, e apertei, acolhendo-os em minhas mãos, acariciando devagar os mamilos com os polegares. Ela jogou o pescoço para trás soltando miados trêmulos, se remexendo, se entregando toda. Senti que era minha, que eu poderia tê-la, comê-la, me enlouquecer.

Librei-me da saia rodada, deixando-a apenas de calcinha. Ao lado, havia um *puff* mediano.

— Coloca a perna aqui, e abre para mim. — Sussurrei, muito baixo, ao seu ouvido.

Marcela obedeceu na hora. Olhei-a através do espelho, estava linda, quase toda nua, quente, gostosa demais. Afastei o tecido de sua calcinha para o lado, revelando a boceta lisa, quente e pulsante.

— Céus, como eu quero foder você. — Gemi, mordendo um pedaço do seu ombro quando meus dedos sentiram a entrada molhada, lisa e latejante.

*Porra!*

Quase gritei, doida também, com um tesão que formigava, enlouquecia, ardia no meu âmago.

Marcela se contorcia, ofegante ao meu toque. Meus dedos deslizavam, indo e vindo brincando com sua lubrificação, de forma

lenta e torturante. Meti o dedo do meio em sua entrada e ela se esfregou, rebolou na minha mão, toda mole, insaciável.

— Calma. — Falei; minha voz entorpecida. — Assim você vai gozar e ainda não é a hora.

Tentei ter um pouco de auto controle, mas eu também estava no limite, corpo febril, latejante. Tirei toda minha roupa com pressa, ficando nua, sem nada.

— Vem.

Fomos para a cama, grudadas; seios se roçando, bocas se buscando com paixão, trocando respirações impacientes e arquejantes.

Marcela deitou-se entre os lençóis e passou o olhar afogueado pelo meu corpo nu; fiquei maravilhada com seus seios espalhados, subindo e descendo, fazendo um convite para mim.

Acomodei os quadris entre suas pernas e retomamos aos beijos e mordidas. Ela escorregou um pouco mais e sugou um dos meus mamilos. Lambeu e chupou, com fome e lentidão. Estremeci até a ponta dos pés, cantando gemidos que roubavam os meus sentidos. Senti meu sexo encharcado, babado, como larva quente.

Não aguentei e a puxei de volta, eu estava a ponto de gozar.

— Quero comer você, Marcela. Com meus dedos, minha língua, minha boca inteira. Abra mais. Abra para mim. — Pedi em um quase tom de ordem.

Ela se abriu. Soltei um arquejo cheio de tesão quando as pernas, lindas e sexy, se arreganharam. Deslizei o polegar, estava quente, melada, a carne macia palpitando na minha mão. A penetrei com dois dedos numa incursão lenta e profunda, metendo e tirando, fazendo-a se retorcer, acariciando os próprios seios. Depois acelerei as arremetidas, fodendo-a com força.

Meu tesão aumentou, me deleitei ao vê-la rendida, toda minha, gritando e gemendo, sucumbida em um despenhadeiro de desejo e emoções. Subi para cima e abocanhei seus mamilos, mamando-os, sugando-os, roubando seu poder de raciocínio.

— Nita... Aaahh meu Deus....

Ela ondulava, e percebi que um de seus pontos forte de prazer, eram os seios. Continuei ali, sem pressa, mamando à vontade, dando e recebendo prazer. Desci a mão para sua vagina, estava

mais lubrificada, inchada. Estava louca para meter a boca ali, explorar, beijar, beber tudo o que ela desse para mim. E foi o que fiz, deixei as mãos tomando conta dos seios durinhos e dei uma pincelada com língua na buceta babada. Senti o gosto salgado e fiquei louca por mais. Beijei, chupei, me delíciei, enquanto Marcela subia e descia os quadris, rebolando, se esfregando, desesperada, gemendo, agarrando-se pelos lençóis.

Chupei o nervo durinho, entumecido, enquanto meus dedos entravam e saíam de dentro dela. Comecei lentamente, para depois fodê-la com força, numa frequência rápida, deixando-a ainda mais escorregadia. Marcela não aguentou. Se abriu, se arreganhou toda quando sentiu o orgasmo explodir com força. Choramíngou, se tremeu, empurrando-se contra minha boca enquanto eu bebia todo seu gozo. Não aguentei e me masturbei, o orgasmo reprimido veio rápido e voraz, me aliviando.

Continuei ali, entre suas pernas, beijando, chupando devagar, esfregando a língua com delicadeza na carne macia e sensível. Ela ainda sentia os espasmos do prazer; seu corpo voltando aos poucos a encontrar a paz.

Subi e beijei sua boca, seu pescoço; suguei seu cheiro. Marcela ainda se encontrava de olhos fechados, mole, como se flutuasse.

— Meu Deus... — Sorriu, sem conseguir conter a emoção.

Depois finalmente seus olhos se abriram mirando o alto do teto. Estavam embriagados, e uma lágrima emocionada brotou no canto esquerdo, escorrendo por seu ombro nu.

— Gostou?

Virou o rosto, buscando meu olhar.

— Foi...foi a foda mais gostosa da minha vida.

Dito isso, ela se aninhou no meu peito e ficamos ali, nuas. Eu podia sentir o retumbe do seu coração contra meus seios, e aquilo me excitou.

— Quero gozar de novo. Quero gozar com você me fodendo com força.

Queria ver sua reação, o que falaria. Eu sabia que era inexperiente, mas ansiei, desejei muito ter seus dedos, sua boca,

língua, tudo dela dentro de mim. Comecei a latejar por baixo, ficar atijada.

Marcela se ergueu, quase ficando sentada, cotovelo apoiado na cama. Acarinhou o meu rosto, descendo por meu colo e deslizou até meu seio. Começou a acariciar em círculos.

— Também quero te fazer gozar. Mas tenho medo de não agradar e...

— Shh. Olha para mim. Estou aqui. Nua. Sou tua, pode fazer o que quiser.

Piscou. Veio pra cima e me abri mais para que se encaixasse entre minhas pernas. Seus seios encostaram nos meus fazendo compressa.

— Não sei se...consigo. Tenho medo de te decepcionar. Você foi tão perfeita comigo; me deixou doida, me fez sentir um tesão louco; me levou para outra dimensão.

— Posso fazer muito mais. Quer ver?

Encaixei as duas mãos no rosto dela e a trouxe para um beijo lento e langoroso. Não iria forçar nada, seria no seu tempo, no seu momento. Quando achasse que estivesse preparada, segura.

E ter Marcela em cima de mim, entre minhas coxas, mesmo sem penetração, já era por si só, um tremendo orgasmo.

## 19 CAPÍTULO DEZENOVE

### MARCELA.

**SE PERGUNTASSEM** quais sentimentos me preenchiam nesse momento, eu não saberia responder com total exatidão. A vontade que bramava dentro de mim, era de subir em um ponto bem alto e gritar aos quatro cantos do mundo o quanto eu, Marcela Belline, estava feliz. Meu corpo, minha boca, e o mais profundo do meu ser, ainda sentia o que tinha sido a transa, o sexo maravilhoso com Nita. As noites íntimas com Estéfán nunca me proporcionaram o que pude sentir nos braços, no toque delirante da mulher deitada ao meu lado.

Mal conseguia respirar, minha pele e meu íntimo estavam em êxtase, vibrando; o coração aos pulos. Ajeitei-me, encostando-me no espaldar da cama, e me vi admirando-a.

Deitada de bruços, Nita dormia com o rosto virado para mim. Estava enrolada somente em uma coberta, com a parte de cima nua; os cabelos curtos e lisos caíam displicentes, cobrindo os olhos. Afastei-os com cuidado, embora eu duvidasse que acordasse com meu toque. Ressonava tão gostosamente que tive vontade de me envolver, ficar por cima de suas costas e colar meu rosto no seu, ficar aconchegada, grudada.

Era a mulher mais linda, dormindo ao meu lado.

— Como eu poderia viver sem você, depois de tudo isso, morena? — Falei baixinho, num sussurro secreto.

Beijei o lóbulo da sua orelha e afastei os cabelos desalinhados que cobriam a região.

Nem se mexeu. Estava mesmo muito cansada. Ainda mais depois que voltamos para a cozinha e fizemos a omelete esquecida, deixada de lado.

Foi uma zona só. Altas risadas da minha parte, enquanto que ela, sorria sempre contida, refreada, importando-se apenas em apreciar meu riso. E eu fazia questão de dar o meu melhor sorriso, minha melhor risada, só para ver seus olhos atraídos, vidrados em mim. Era gostoso ver, sentir que eu era especial.

Comemos, raspemos a frigideira. Alaguei o estômago de refrigerantes e doces.

Não conseguia desgrudar os olhos dela, ficava o tempo todo com os lábios curvados em um sorriso feliz. Houve um momento desastroso em que minha mão esbarrou no copo cheio de refrigerante, só por estar atenta, obcecada, namorando-a em cada piscada, com cada movimento dos meus olhos. Em contrapartida, ela comia feito uma leoa em período de amamentação. Apesar de sempre manter uma boa postura ante a mesa, de saber sentar e manobrar bem os talheres, ela comia sempre de forma rústica, ligeira, afobada demais. Achei engraçado e cheguei a indagar:

— *Sempre come assim? Porque, da outra vez também não foi muito diferente.*

— *Incomoda você? — Perguntou com a boca cheia, limpando-se no dorso da mão.*

— *Não. — Sorri.—Acho... engraçado.*

— *Você quer dizer, "acho mal educado". Foi isso que quis falar.*

— *Não deixa de ser. — Dei de ombros, exibindo um riso suave.*

*Ela balançou a cabeça, concordando.*

— *Perdão. Não é nada elegante, eu sei. Mas quem liga? Estamos só nós duas. E bom,— Inseriu uma voz maliciosa, me olhando.— Acho que já tivemos intimidade o suficiente para que eu possa comer assim, sem frescuras, na sua frente.*

*Concordei. Mesmo que meu rosto tivesse ruborizado um pouco. Para mim, não tinha problema algum. Mas resolvi brincar, alongar o assunto e apimentar a conversa.*

— *Não. Ainda não tivemos intimidade o suficiente para que eu aceite esse seu comportamento rústico. Preciso que haja mais. Bem mais.*

— *Marcela.*

*Estreitou os olhos de maneira sedutora, sexy demais. Moveu os lábios de forma que tive vontade de levantar da cadeira e beijá-la, louca e ardentemente.*

Continuamos nos divertindo, conversando amenidades, assuntos paralelos; nada muito sério. Não enveredamos por



caminhos que amargasse nossa noite, fazendo perguntas desconfortáveis, que constrangesse uma a outra. Tinha muitas dúvidas sobre a vida de Nita. Eu era uma mulher casada com um homem que ela sentiu repúdio à primeira vista; e que sempre me fez mal. Também deixou claro que queria as coisas limpas, claras, entre a gente. Foi enfática e sucinta.

Depois de termos devorado a omelete, fomos para a cama. Ela deitou-se ao meu lado e ficou fazendo carinho em minha coxa, dedilhando para cima e para baixo, bem lentamente. Comecei a respirar ofegante; meu corpo sentindo tudo outra vez. Mas, nos segundos seguintes, a mão dela morreu, acomodando-se entre meu sexo. Dormiu, apagou.

Escorreguei para o centro da cama e joguei a perna direita por cima do seu traseiro e me aninhei ao seu lado, sentindo e ouvindo o som da sua respiração quente e espaçosa.

Dormimos assim, grudadas; minha boca adormeceu sorridente, feliz.

Acordei ao amanhecer, com raios solares atravessando a janela, incomodando meus olhos; forte, vivo, deixando bem claro que já era dia. Olhei para o lado e Nita não estava. Busquei pelo relóginho em cima da cômoda alta e dei um salto da cama, praguejando baixo. Eram 08h:00 cravado, os ponteiros alinhados, um em cima do outro.

— Merda! Prometi que a levaria antes do amanhecer. Não acredito nisso!

Procurei qualquer vestimenta no guarda roupa, jogando tudo no chão, e vesti. Saí apressada, descabelada do quarto, crente que Nita estaria em algum lugar da casa. *Era nisso que eu apostava.*

Desci as escadas, varrendo os olhos por todo o espaço da sala.

Ela não estava.

Minha última esperança era as cortinas da janela. Mas quando corri e varri o tecido para o lado, me deparei com o vazio que fez meus ombros esmaecerem. Ela também não estava ali.

*Ah, droga!*

— Ela foi embora. Foi embora e não vi.— Constatei lastimosa, sem perceber que dona Rebeca estava às minhas costas.

— Foi, filha. Saiu bem cedo, não era nem 04h:00 da madrugada.

— O quê? Sério?

Minha sogra anuiu.

Aproximou-se e deu uma esgueirada pela janela; o dia estava claro, céu bem azul, reluzindo.

— Sim. Eu tinha vindo na cozinha, pegar um copo d'água; acordei com a garganta seca. Ela já ia saindo na surdina, escondida. Tentei convencê-la a esperar que clareasse o dia, mas não consegui com que mudasse de ideia. Se despediu às pressas e saiu. Foi embora.

— Ela é turrona. Teimosa. E por que não me chamou, dona Rebeca?

— Pediu que não fizesse isso, que iria acordar você, que era melhor descansar depois de tudo que passou.

— Depois de tudo o que passou?— Fiquei em alerta, desconfiada, achando que Nita havia comentado algo, sobre nossa noite de paixão. Mas meu susto não durou muito, o alívio veio quando dona Rebeca começou a explicar.

— O que aconteceu com vocês na praia, filha; a briga com os dois homens e seu afogamento no mar. O que mais poderia ser? — Perguntou, muito ingenuamente, com a voz risonha.

— É. O que mais poderia ser? — Sorri retraída, encolhendo-me no sofá.

— Depois você passa lá com ela e conversam. — Minha sogra sentou-se ao meu lado, e explanou uma feição mais séria. Não enrolou:

— A advogada ligou.

— Hoje?

— Sim. Logo cedo. Disse que houve boatos de que presidiários estão armando uma rebelião.

— Mas rebeliões só acontecem na grande penitenciária, não é assim? E Estéfán ainda não foi condenado, está em uma área exclusiva para os que estão na mesma condição que ele.

Dona Rebeca confirmou com a cabeça e se levantou:

— Meu filho não pode ser condenado e ir para aquele lugar, filha. Se ele descer pra lá, vai sofrer, se juntando com todo tipo de

marginais. Você sabe como Estéfan é.

*Sei, um covarde e um tremendo frouxo.* Quase comentei.

Tive pena. Não dava para ficar indiferente à sua dor e preocupação. Apesar daquele cachorro estar no lugar que merece. Está pagando por seus erros. Mas ele tinha sorte. Havia uma mãe que estava disposta a tudo para salvá-lo da cadeia. E eu também estava fazendo minha parte para tirá-lo de lá. *Por dona Rebeca!*

— Nessas horas, eu sei, não tem como ser racional. A senhora é mãe e sofre com tudo isso. Mas estou do seu lado. Estou aqui, vamos confiar no trabalho da doutora Mônica.

Levantei e a confortei, ofereci meu consolo e compaixão.

— Como ele não viu a mulher sensacional que é você é? Como?

— Isso não importa mais, dona Rebeca. Vamos focar em conseguir com que ele saia daquele lugar. Pela senhora! E esperemos que ele aprenda com tudo o que está passando.

— Seria o mínimo, filha. O mínimo.

Não acreditei muito. Mas torceria para que assim fosse.

Depois da conversa tensa, fiz minhas higienes matinais e tomei café. Pão doce, frutas, mel. Tudo que ajudasse a manter a hipoglicemia estável, controlada.

No caminho para a loja, pensei o tempo todo em Nita, na noite maravilhosa, no sexo nunca experimentado, nas trocas quente de beijos e carícias. Dirigia com um sorriso bobo, feliz da vida, suspirante. Dona Rebeca ia calada; a têmpora encostada na porta do carro. Não puxei assunto, era ela no seu mundo de preocupação e eu no meu de felicidade.

Queria que o dia passasse em um estalar, para estar com Nita, ir vê-la. Sabia onde morava, iria bater lá. Fazer surpresa.

Quando já estávamos próximo a *Fashion Star*, meu celular tocou. Não atendi. Tocou mais uma vez e depois outra. Quem quer que fosse, estava numa urgência louca de falar comigo. Diminuí o velocímetro e coloquei a conversa no fone.

— Pronto.

— *Saudades, minha gatinha? Por que não veio me ver na visita?*

*Estéfan?*

Era ele. Mas como? Surpresa, dei uma desequilibrada ao volante, infração que acabou chamando a atenção de dona Rebeca.

— O que foi, filha. Quem é?

— Ninguém. Foi engano.

— *Minha mãe está perto, não é? Entendi. Retorna depois para esse número, querida. Quero falar com você. Papo reto, “falô”?*

Parecia outra pessoa falando. Encerrei a ligação sem confirmar nada. Puxei o ar com força, espantando aquela terrível sensação que foi ouvir a voz dele. Concentrei no trânsito. Dona Rebeca voltou à sua pertinente melancolia. Era penoso vê-la naquele marasmo. Vivia sempre sorrindo, de bom ânimo.

Estacionei o carro e abrimos a loja. Coloquei os manequins para fora, e começamos a trabalhar. Estava cheia de energia, vigor. Logo, entrou um casal de mulheres lésbicas. Dona Rebeca correu para atendê-las, mas eu a impedi de imediato. Fiz questão de fazer a recepção. Uma loira gorda, bem branca, metida em trajes masculinos, segurava na mão de outra mulher que me confundiu à primeira vista. Mas logo me dei conta que era uma índia. Ela era muito bonita, beleza inconfundível. Os olhos marcantes, de traços indígenas, delineados por uma maquiagem bem evidente e bem feita pelos contornos, era o ponto de atração do seu rosto. Usava apenas um brinco com penugens compridas, que acompanhava o cabelo incrivelmente liso e longo, cobrindo testa e ombros. Trajava um vestido floral, alongado, que chegava até às sandálias artesanais feitas à mão.

— Posso ajudar?

A loira passou os olhos pela loja; não me respondeu. Ao longe, enxergara algo que chamou sua atenção. Largou a mão acoplada à sua e apanhou uma lingerie azul escarlate. Aproximou-se, exibindo um sorriso pela primeira vez.

— Gosta, amor? — Ela soergueu a peça no ar; parecia satisfeita.

A moça indígena, assentiu timidamente e a loira encorpada dirigiu-se a mim.

Pouco simpática, ela pediu para embalar a peça íntima, voltando a segurar na mão da outra. Pagaram e ficaram um pouco

mais, observando, passeando pelas passarelas, entre uma arara e outra de roupas.

Fiquei de olho, observando de longe cada gesto de intimidade compartilhado entre as duas. Já havia atendido muitas vezes, com bastante frequência, casais de gays e de lésbicas, mas aquele momento era diferente, especial, inspirador.

Elas pareciam felizes, cada uma com seu jeito e formas de ser. Trocavam beijos na boca quase que o tempo todo. E cada vez que isso acontecia, eu sorria discretamente, como se fosse eu ali, vivendo aquele momento.

Logo, um casal bem mais velho, entrou animado, tirando minha concentração das duas mulheres. Um homem e uma mulher, exibindo sorrisos largos e vozes altas, encheram a loja com alegria e boa energia. Um cordão religioso, exposto no pescoço da mulher, chamava a atenção logo de cara.

Animada, ela estendeu os olhos pela loja, parecia buscar por algo específico. E, em uma fração de segundos, o que parecia ser um momento feliz e descontraído, se aguçou; transformou-se em um episódio de horror. Um pesadelo.

A mulher vivida, de cabelos grisalhos e pescoço longo, abandonou o vasto sorriso da boca e saiu do seu lugar caminhando em direção ao casal de lésbicas, falando em um tom alto e agressivo.

— Vocês vão para o inferno! — Esbravejou com o dedo em riste.— Vão queimar nas larvas de fogo, suas infames, vermes pecadoras. Não têm vergonha de ficarem espalhando o pecado? Suas safadas! Lixos!

O choque me deixou boquiaberta, paralisada em um só lugar, sem conseguir me mover, me mexer. A loira e sua namorada, foram terrivelmente desrespeitadas, mal tratadas e humilhadas por uma pessoa que parecia ter Deus no coração ao exibir sua religião em cima do peito. Meus olhos criaram uma bolha de água, e senti uma espécie de tremor, uma mistura de sentimentos que deram um nó na garganta, na alma, no meu subconsciente. Não pude acreditar no que eu via e ouvia. Era cruel, surreal, monstruoso. A mulher loira, de estatura baixa, avançou com tudo pra cima da senhora, e fechou a mão na garganta dela, ficando gigante à sua altura. O homem ao

meu lado correu às pressas, tirando a esposa descontrolada da loja, repreendendo-a, sacudindo-a pelos braços. Ela saiu xingando, possuída, disseminando ódio.

Minha sogra foi até as duas moças, oferecer-lhes apoio, e eu me esforcei para fazer o mesmo, deixando de lado toda a minha aversão e pavor.

Obviamente não quiseram se expor mais. Estavam inconformadas, mas também pareciam resilientes, como se tivessem acostumadas a passar por aquele tipo de situação. Agradeceram nossa solidariedade e deixaram a loja.

— Meu Deus, dona Rebeca! Por que tanto ódio?

— Também não entendo, filha.— Sua feição, assim como a minha, estava atordoada; ainda processando o que acabara de acontecer.— Estou morrendo de pena das duas. Pareciam tão felizes! Riam dessa fantasia aqui, de anja e demônia.

Abalada, neguei com a cabeça e me retirei, procurando o rumo do banheiro. Lavei o rosto; a cena traumática repassando na minha mente. Vi-me ali, com Nita. O tempo todo. Ela agarrando a mulher alta pelo pescoço e eu sem saber o que fazer; assustada, melindrada. Tive vontade de sair dali e gritar! Dizer que éramos seres humanos, e não monstros ou vermes para sermos tratados com tanta intolerância e preconceito. Já me sentia daquele universo gay; pelo simples e maravilhoso fato de sentir o que sentia por Nita, e pela consumação do sexo entre a gente.

Tentei me acalmar e voltar para a loja. Quando voltei, dona Rebeca atendia clientes no balcão. Aproveitei e fui para a frente da rua.

Só desejei que o dia terminasse logo, para poder ir atrás de Nita. Abraçá-la forte e garantir que apesar de qualquer coisa, tudo ficaria bem, tudo valeria a pena.

## 20 CAPÍTULO VINTE

NITA.

**LUCAS** abaixou a cabeça, mais uma vez, esquivando-se da minha pergunta. Felipe se agachou ao lado dele, pousando a mão em seu ombro; um gesto de apoio e encorajamento. Perguntei, placidamente, pela terceira vez:

— Para onde você foi quando fugiu ontem? Por que, Lucas? Por quê?

Ele meneou a cabeça como se não soubesse o que falar, argumentar.

— Fala, cara. A gente é um grupo, uma família agora. Um ajudando o outro. — Foi Felipe quem falou.

E, pela primeira vez, desde que introduzi a conversa, Lucas olhou-me nos olhos. Estava intimidado, com uma certa resistência; a culpa tracejando seu olhar.

— Não sei por onde começar.

— Pelo começo. — Eu e Felipe falamos em uníssono.

Ele desviou para as mãos inquietas, e se aprumou, puxando e soltando longamente a respiração.

— Meu pai e minha mãe são traficantes. Traficantes da pesada. Há dois anos me expulsaram de casa porque dei com a língua nos dentes. Falei para a polícia onde estavam escondidos depois de um mês fugindo de um estelionato que cometeram.

Eu e Felipe ouvíamos atentos, sem interromper. Lucas continuou:

— Fui enganado por policiais disfarçados, me enrolaram direitinho dentro da escola. Levei uma surra de criar bicho antes de ser jogado na rua. Só não morri por causa da minha mãe. Fiquei perambulando pelo bairro de botafogo na esperança dos meus pais, principalmente o meu pai, me perdoar e me aceitar de volta. Mas todas as vezes que eu me atrevia a procurar os dois, me enchiam de drogas, depois me batiam, me maltratavam e minha irmã me ajudava a fugir de novo.

Felipe o consolou esfregando a mão em seu ombro, horrorizado, assim como eu. Com um aceno de cabeça, pedi para que desse continuidade:

— No dia que aquela moça, sua amiga, me encontrou, eu estava drogado. Muito drogado! Mas meu pai não fez somente me bater e me drogar, ele me trancou em um lugar, tipo um porão, escondido entre uma parede cega da casa. Pretendia me deixar lá não sei por quanto tempo, mas minha irmã, que também faz parte de todos os esquemas dele, me ajudou a fugir com a ajuda do namorado dela, que é um dos seguranças da área. Anda armado até os dentes.

— E como entrou lá, se tudo é cercado? Homens vigiando e tudo mais.

— Minha mãe. Ela deixou. Meu pai não estava, mas minha mãe sim. Deram um toque pra ela e me mandou subir. Fria como sempre, igual uma pedra de gelo. Só me recebeu para pedir que eu sumisse de vez. Avisou que numa próxima vez que eu voltasse lá, iria deixar meu pai acabar comigo, não iria intervir, porque era essa a vontade dele desde que dei com a língua nos dentes para a polícia. Ela que pediu para que eu ficasse vivo.

— Pediu?

— Também nunca entendi.— Ele divagou.— Se ela não me queria, poderia ter deixado que me matassem.

Meti e retirei a mão do bolso, para estender em sua direção.

— Essa é sua mãe?

Ele pegou a foto 3x4 e encarou. Tristeza e decepção metamorfoseavam o brilho do seu olhar.

— Sim. Minha mãe. — A voz minguou, ainda mais decepcionada, entristecida.

— Essa família não te merece, cara. Tudo vai ficar bem. Estamos com você, amigo. — Felipe demonstrou apoio mais uma vez.

Percebi que havia muita coisa errada, podre, na família de Lucas. Fiquei compadecida, mas não totalmente surpresa. Já havia presenciado e convivido com pessoas de todas as classes sociais morando nas ruas. Muitas abandonadas pela família, por terem caído na dependência química; outros eram idosos que foram



esquecidos, desprezados pelos filhos ou outros familiares; e outras mais que gozavam de uma vida financeira estável e perderam tudo no vício do jogo. Mas o que mais me afetava, era ver crianças nesse mundo desumano, jogadas ali por descuido, porque foram indesejadas, ou mal tratadas. A história de Lucas era a que mais fugia do clichê, e a que tinha muito pano pra manga.

*Um pai e uma mãe, traficantes, que desprezavam o próprio filho...*

No meio de todo aquele drama familiar, percebi sua carência pela ausência da família. Parecia sentir necessidade de tê-los em sua vida a qualquer custo. Estava visivelmente abatido, infeliz.

Felipe continuava confortando-o com seu apoio moral e palavras sinceras; também estava bastante preocupado com o amigo. Absorvendo com empatia sua confissão, me limitei a dar opiniões e até sermões, por ter fugido, não ter confiado na gente. Prefери pensar, digerir melhor, para poder ajudá-lo de alguma forma.

Voltamos para o farol; eu com meus malabarismos e eles esvaziando caixas e sacos de bombons. Lucas esforçava-se para ser extrovertido, sorrir e esquecer o dia anterior.

As horas remanescente foram bastante cansativas, sob o calor do sol ardente, escaldante, mas também foram bastante produtivas. No fim da tarde fomos ver Lena. A dupla insistiu, principalmente Felipe, em querer vê-la; mesmo eu tendo repetido, como um mantra, que talvez não fosse possível a entrada de três pessoas, ao mesmo tempo, para visitá-la.

No caminho para o hospital, Lucas e Felipe foram liderando; agora de implicância um com o outro, falando o tempo todo. Fiquei um pouco mais atrás, com os pensamentos todos em Marcela, no que tinha sido nossa noite juntas. Embora eu estivesse envolvida no problema de Lucas, estava muito feliz, vibrante, contando as horas para estar com ela novamente. Nossa vida destoava de tudo. Ela tinha seus problemas conjugais e eu uma dívida com meu passado, enlaçada por uma sombra que me atormentava.

Acabou acontecendo o que eu mais temia e tentei evitar. Mas não havia mais como desviar, fugir. Pela primeira vez em muito tempo eu me sentia feliz, com planos futuros. Ainda era cedo para me comportar como a velha Nita de dois anos atrás, sonhadora,

utopista. Ignorar a transa que tivemos, sucumbidas pela magia do desejo e da paixão, era se auto flagelar. Foi bom, foi gostoso, foi como eu esperava. Era inevitável não pensar, não querer que as coisas se ajeitassem entre a gente.

Ela era como eu imaginava: Deliciosa, intensa. Entregou-se, se deu toda para mim. E tudo podia ficar melhor quando viesse a se sentir mais segura na hora do sexo, liderar, fazer acontecer. Mas não foi só o ato em si, foi tudo! O pacote completo: Ela, Marcela. Eu já considerava esquecer a vingança contra a filha da puta da Falcão. Poderia caçar a psicopata e a deixá-la a cargo da justiça, pois desta, ela não escaparia. Meus dedos ainda comichavam para acabar com Renatão, fazer justiça com as próprias mãos. Essa ideia me alimentou por dois anos, criou raízes profundas dentro de mim que, até ontem, achava que fossem inabaláveis, irrompíveis. Só que eu já não tinha mais certeza de nada. Dois lados meus se contradiziam, mediam forças. Com a mesma força, intensão, que eu gostaria de viver com Marcela, tudo o que eu estava sentindo por ela, eu ansiava vingar o assassinato de Drica. Eu estava dividida entre o amor e o ódio.

Suspirei, longa e profundamente, afastando aquela pressão negativa do meu peito.

Meus planos, para quando eu voltasse do hospital, era ir direto para a casa dela. Não quis chamá-la para me despedir quando saí na surdina quase às 04h:00 da madrugada. Embora vontade não tivesse me faltado. Mas iria querer me levar, achei desnecessário acordá-la. Ela estava ressonando, roncando baixinho, de bruços. Parecia uma pedra quando afastei os cachos ruivos e deixei um beijo em seu rosto. Nem se mexeu. Nem um espasmo sequer. Eu quis que continuasse descansando. Quando me afastei para ir embora, não pude deixar de notar sua bunda nua, boba, vestida apenas em uma calcinha de renda, toda exposta, como se me pedisse uma carícia. Foi quase impossível sair sem depositar um beijo ali. Não somente um. Beijeí uma, duas, três vezes. O bumbum era branquinho, empinado, com listras de estrias se destacando na pele alva. Arrastei um pedaço da coberta e a cobri. Estava muito frio, ar condicionado no 15°.

Na saída, me deparei com sua sogra, que insistiu para que eu ficasse, mas recusei e me mandei.

Com muita sorte, ainda peguei os dois dormindo. E ao amanhecer, percebi que não haviam se dado conta que passei a noite fora. Ainda assim, preferi falar a verdade, sem mencionar todos os detalhes. Nem sabia ao certo no que realmente iria dar a relação com Marcela, então resolvi omitir até as coisas tomarem um rumo, ou alguma solidez.

Chegamos ao hospital e, como imaginei, foi uma luta para que deixassem Lucas e Felipe entrar. Senti um pouco de resistência do médico quando olhou para os meninos e notou que estavam mal vestidos, quase maltrapilhos. Expliquei tudo e ele autorizou; ainda com certa relutância:

— Apenas dez minutos.

Assenti, querendo dar um soco nele.

Fomos para o corredor e deixei os garotos do lado de fora. Entrei e Lena já me recebeu com os olhos brilhantes, cheios de saudades.

— E aí minha garota? — Aproximei e abracei forte, sendo abraçada com o mesmo carinho.

— Ah, Nita, pensei que tivesse esquecido de mim.

— Deixa de palhaçada. Só não vim ontem. — Ralhei, dando um leve empurrão em seu ombro.

Ela soltou uma risada gostosa, que eu adorei ouvir.

— Tenho uma surpresa para você.

— O quê?

— Podem entrar.

Ela levou as mãos à boca sem poder evitar que um grito abafado escapasse, ao enxergar Felipe e Lucas atravessarem a porta.

— E aí, piveta? Dando muito trabalho por aqui?

Ela ignorou o comentário de zoação de Felipe e praticamente se jogou nos braços dele, que se mostrou efusivo de igual modo.

— Será que tem espaço para mim, também? — Lucas reclamou, enciumado.

Sorri e Lena mais ainda, sentindo-se vaidosa.

— Mas é claro seu bobo. — E o puxou pelo ombro abraçando-o da mesma forma.

Ficaram assim, curtindo o abraço demorado. Uma cena bonita de ver; emocionante e familiar.

— Pensa que eu não sei que você não quer sair daqui porque não quer trabalhar, é folgada? — Lucas falou, tirando sarro, implicando.

— Mas é claro! Quem não quer viver em um friozinho desses, com cobertas e livros para ler. — Lena entrou na brincadeira, construindo um clima divertido e descontraído entre eles.

— Hmmm. — Felipe murmurou, zombeteiro.— Já sabe soletrar, mascotinha?

— Eu tenho a melhor professora do mundo.

Olhou-me, seguida de Lucas e Felipe também.

Queria congelar aquela cena ou fazer um *gif* longo com áudio. Estava quase perfeito. Tive uma vontade imensa de que Marcela estivesse ali também, conhecesse as pessoas que eu havia adotado de forma displicente para minha vida, mas que agora, davam um sentido a ela.

Cheguei perto dos três e mirei em cada um. Lágrimas quiseram se amontoar em meus olhos, mas me mantive firme, trincando os dentes, suprimindo a vontade de chorar, me emocionar.

— Não fiz nada de mais. Você que é esforçada, já nasceu com uma inteligência nata. Aprende rápido. — Sacudi os cabelos dela, embaralhando-os.

— Nada disso. Você que explica direitinho. Não tem como não aprender. Parece até que é professora.

— Aprendi técnicas com minha mãe, ela foi professora particular por muito tempo e...

Dei uma pausa, tendo consciência de que estava falando demais. Não gostava de falar nada da minha vida, da minha família pra ninguém. Desde que vim parar nas ruas. Sempre deixei que pensassem que eu era de uma classe pobre, desvalida, e não a filha do dono de uma gloriosa Holding que se espalhava por todas as zonas de São Paulo.

— E...? — Lena quis saber.

— E, que eu acho que vocês têm muito o que conversar. Vou deixar os três sozinhos e dar uma volta pelo hospital, ver se ainda tem café quentinho.

Deixei o quarto e vaguei pelos corredores até chegar na recepção. No balcão, havia uma mulher grávida, com um barrigão enorme, parecia que daria à luz a qualquer momento. Mas não foi sua gravidez evidente que me chamou atenção. Foram suas características faciais muito familiares.

Era ruiva, olhos azuis, braços e coxas um pouco mais robustos que o de Marcela e quase pude jurar que fosse sua irmã gêmea. Eram idênticas! A única diferença era o rosto arredondado, talvez por conta da gravidez quase na reta final. Fiquei intrigada. Marcela não havia mencionado que tinha irmãos, principalmente uma irmã gêmea. Pelo contrário. Não disse com total transparência, mas deixou a entender que era filha única.

Calculei bem os passos, antes de chegar e puxar assunto.

— Que barrigão! — Elogiei, conseguindo alguma atenção. Ela virou-se para mim com os olhos vivos, radiantes, sorriso à disposição.

— Obrigada. Não imagina como pesa.

Acenei polidamente e fui direta, sem rodeios. Não sabia ser diferente, e se eu tentasse seria um desastre.

— Você é idêntica a alguém que conheço. Tem algum parentesco com Marcela?

— Não. Não conheço nenhuma Marcela.— Respondeu simpática e educada; alegre o tempo todo.

— Seria muito inconveniente da minha parte querer saber seu nome? É que você realmente se parece muito com alguém que eu conheço.

— Claro. Sem problemas. Ellen.

Estendeu a mão um pouco inchada, sem deixar o sorriso feliz morrer. Sorri de volta, me dando por satisfeita, achando que era paranoia minha ou apenas muita coincidência. Mas, logo a ideia de que a mulher e Marcela tinham algum parentesco, tornou-se ainda mais real:

— Na verdade é Marciellen. Mas é muito longo, sabe como é. Então prefiro somente Ellen. — E sorriu com simpatia outra vez.

*Marcela... Marciellen...*

Eram irmãs, passei a ter certeza. Apenas.... *Não sabiam? Será?*

Sondei, passei os olhos nela, procurando algo mais que se assemelhasse com o físico de Marcela. E, na curva do seu braço, havia um sinal amarronzado com a aparência de uma mancha.

— Você está bem? Ficou em silêncio de repente. — Ela perguntou depois de perceber meu desconcerto e minha mudez. Levou a mão para tocar em meu braço, em um gesto de amparo, mas espalmei minha destra no ar.

— Estou bem. É...como já expliquei, você é bem parecida com alguém que acabei de conhecer.

Ela anuiu, expondo o sorriso:

— Sei como é. Também já me deparei com alguém que se parecia com pessoas que eu conheço.

Até a voz também era parecida. Ela virou para a recepcionista que a chamava para entregar uma gama de papeis. Afastei-me dali, mas não deixei de reparar, de observar em como era idêntica à Marcela. Era parecida e diferente ao mesmo tempo. Efusiva demais. Alegre de forma quase superficial. Comecei a compará-las.

Não percebi quando Lucas e Felipe chegaram varrendo as mãos tesas na frente dos meus olhos, chamando minha atenção.

— Terra chamando terráqueo. Repito. Terra chamando.

Pisquei, me voltando para eles. E, em apenas um flash de distração, eu já havia perdido a moça de vista. Busquei por ela, explanando os olhos pelo local, contudo, ela já tinha sumido.

Ainda tentei a porta dupla, de saída, mas nem um sinal dos cabelos ruivos e a barriga enorme.

— O que foi, Nita? Quem você está procurando?

— Devo estar precisando de um psicólogo. Acho que acabei de ver uma miragem.

— Como assim? Explica.

— Esquece. E Lena?

— Ficou lá, toda triste, tadinha, querendo vir embora com a gente. E para piorar, a enfermeira tratou de jogar um balde de água fria, dizendo que iria ficar mais uns dias internada. Começou a chorar.

— Sim. — Lucas concordou.

Queria poder lamentar, mas diante do fato lastimável de Lena ainda não ter um lugar descente para onde ir, só agradei por isso. Precisava arranjar um jeito de pagar um local para que ela ficasse quando pegasse alta médica. Naquela casa velha ela não podia se recuperar.

Deixei os meninos na recepção e fui estar com ela; me despedir. Ela estava com os olhos marejados, tristonhos. E a vontade, súbita, que tive, foi de levá-la comigo.

Despedi-me e fui embora com Lucas e Felipe, louca para estar com Marcela.

Torci para que tivesse água aparada na geladeira velha, no fundo do quintal. Iria tomar um banho e correr para sua casa. Já era noite, talvez quase 19h:00 ou um pouco mais.

Fomos a pé mesmo. Os meninos encontravam-se esgotados, fadigados pelo sol e a luta diária no farol, mas também muito satisfeitos por terem ido visitar Lena. Notava-se que estavam mais falantes, comentando sobre o momento a sós dos três. Sempre de implicância um com o outro, se alfinetando.

Ao longe, ao dobrarmos para chegar à casa abandonada, entendi que não seria necessário ir ao encontro de Marcela. Enxerguei seu carro branco parado no ponto mais escuro da rua. Meu peito disparou. Não soube, no primeiro momento, se ficava feliz, ou preocupada por ela se expor daquela forma; sozinha na rua deserta e escura.

— Que maluca!

— Lena é mesmo. — Lucas comentou, rindo com Felipe, achando que eu concordava com alguma coisa que papeavam.

Apressei os passos, espreitando ao derredor, observando se havia algo suspeito, estranho. Sabia o quanto era perigoso aquele pedaço, e temi por ela. Vontade de esganá-la, ao mesmo tempo em que meu desejo era enchê-la de beijos, envolvê-la no mais apertado abraço.

Pedi para que os meninos passassem direto. E desconfiei que ela tivesse reconhecido Lucas, pois assim que a dupla passou rés ao veículo, a porta do carro se abriu.

Marcela correu e se jogou nos meus braços, quase me fazendo cair. Senti o cheiro delicioso dos seus cabelos entranhar no meu nariz. Fechei os olhos e agradei por seu ato impulsivo, cheio de significados. Só apertei ainda mais seu corpo contra o meu, envolvendo-a nos meus braços, no lugar onde desejei que ficasse para sempre.



## 21 CAPÍTULO VINTE E UM

### MARCELA.

**EU FUI** ao farol, quase de tardezinha, onde Nita costumava estar, mas não a encontrei. Não desanimei. Depois de deixar dona Rebeca em casa, só fiz tomar um banho rápido, para me livrar do calor. Comi algumas coisas, praticamente, obrigada por minha sogra e saí às pressas, louca para vê-la.

Estava me achando uma completa boba, rendida. Coloquei um sertanejo, “*Pra ter o seu amor*”, novo lançamento de Jorge e Mateus e aumentei o volume, curtindo o som bem alto. Fiquei ainda mais envolvida pela música, sorrindo com a letra que descrevia exatamente o momento que eu estava vivendo, descobrindo. Gostei tanto, que ouvi duas vezes seguidas, embalada pelo ritmo, pela voz apaixonante da dupla. E teria repetido, escutado mais, se eu não tivesse chegado ao meu destino.

Estacionei um pouco distante da casa, na dúvida se Nita estava ou se ainda não havia chegado.

Desliguei o som, para evitar qualquer tipo de atração, e me isolei dentro do carro, esperando, imersa nas lembranças da nossa primeira noite.

Eu tinha quase certeza que ela e os meninos ainda estavam na rua; me limitei apenas a observar, atenta dentro do Fiat. Não enxergava nem uma sombra se mover do lado de fora, na escassa luz daquele lugar.

Joguei a cabeça no encosto e tentei relaxar, dominar a ansiedade, as pernas inquietas, balançando. Contudo, ficava cada vez mais difícil com os minutos se passando e eu ansiando sua presença. Ela não aparecia. E, de repente, movida por uma astúcia lampejante, me vi amadurecendo a ideia de sair do carro e jogar pedrinhas na casa velha, me inspirando nos filmes e contos literários.

Meus olhos brilharam, os lábios se abriram para um sorriso peralta, como o de uma criança pronta para fazer traquinagem.

Mas não foi preciso nada disso. *Infelizmente*. Ao girar para checar mais uma vez o perímetro, vi dois adolescentes passando a centímetros do retrovisor e um deles eu reconheci na hora. Era Lucas. Olhei imediatamente para trás e enxerguei Nita, vindo mansamente, como se esperasse eu saltar do veículo a qualquer momento. E foi o que eu fiz. Corri para seus braços quase derrubando-a no chão. Ela conseguiu se equilibrar e me segurar também. Perdi a noção do tempo, do espaço, ao estar dentro do seu abraço. Suspirei, completamente atraída pelo cheiro do seu suor, do seu perfume natural.

— Precisava de tudo isso? — Afastou-me, tentando recuperar-se do susto.

— A culpa é sua, que não quis se despedir. Fiquei louca de saudades.

— Mas já?

Estreitei os olhos, fingindo indignação. Ela sorriu.

— Vem aqui, vem.

E me puxou pela cintura, para um beijo gostoso, intenso e profundo; fazendo-me dissolver em sua boca, em seus braços.

— Eu também estava com saudades.

— Ah, é? — Dei-lhe dois selinhos demorado.

— É. Ia tomar um banho e te procurar.

— Sério?

— Por que o espanto? Acha que eu ia sumir, depois de ter provado de tudo isso aqui? Claro que não, não sou louca.

Beijou-me de novo. Dessa vez bem mais lento, onde eu pude saborear com calma sua língua; os lábios polpudos. Ofeguei baixinho quando sua boca desceu na curva do meu pescoço, e suas mãos apertaram minha cintura, me grudando ainda mais em seu corpo.

— Tortura no escuro, é isso mesmo? — Minha voz saiu rouca, talhada pelo desejo que já latejava tudo.

— Tortura é você aparecer cheirosa assim, linda desse jeito. Acha que sou o quê? Entregador de pizza?

Sorri, em meio aos seus beijos pausados. Falou mais:

— Precisamos conversar. Você sabe, não é?

— Sim. Eu sei.

Paramos uma de frente para a outra, mas seus braços continuaram tomando conta da minha cintura, sem permitir que nos separássemos um milímetro sequer.

O ponto escuro e desabrigado, era cômodo e estratégico para quem queria se esconder, se manter longe de olhares curiosos.

Suspirei, trazendo uma expressão mais séria, lembrando que eu era uma mulher casada, *muito mal casada*, e ela tinha uma vida completamente diferente da minha.

— Quer conversar agora? Ou...se quiser podemos marcar um dia somente para isso. Deve estar cansada.

— Estou. Mas tem um lugarzinho e alguém, com quem passo horas conversando, que me relaxa sempre que estou me sentindo exaurida.

Encrespei o cenho, desconfiada. E, definitivamente, eu não esperava o ligeiro sentimento que me acometeu naquele momento. O ciúme. Senti-me ridícula.

— Alguém? Quem?— Não consegui esconder o desapontamento na voz. Ela me encarou e tentei disfarçar, suavizando a feição, mas não fui muito convincente.

— Ciúmes?

Apertei o lábio e mirei para frente, fugindo do seu olhar perscrutador.

— Claro que não.

Sorriu, confirmando com a cabeça, um gesto claro de que não havia acreditado na minha mentira.

— Precisamos ter essa conversa olho no olho. Aqui está escuro.

— E o que acha de sairmos? Tipo, um lugar mais afastado de tudo.

Ela pensou por um instante; meu olhar fixo nela.

— Tenho uma ideia melhor.

— Qual?

— Quero te apresentar alguém. O único que sabe de toda a minha vida. Que me ouve, e nunca me julga.

Fiquei realmente muito intrigada. Pensei até que fosse me levar a uma igreja e me apresentar um padre. Mas minha conjectura se dissipou quando paramos em frente ao portão da casa em

ruínas, que caía aos pedaços. Meu coração deu um salto, disparando contra o peito, quando as patas de um cachorro, subiu nas ripas e começou a ofegar, ganir, quando Nita encostou. Parecia querer falar.

— Te apresento o Bob. Faz parte da família. É o caçula.

Esforcei-me para não transparecer medo; eu ainda tentava me recuperar do susto. Cuidadosa e arisca, tentei acariciar o animal.

— Pode pegar. Não morde.

Fiquei mais segura com suas palavras. Agachei e acariciei por baixo do queixo peludo, escorregando para o pescoço; parei ali, acarinhando-o. Ficou quieto, relaxado, enquanto recebia meu afago.

— Oi, lindão. — Saudei e ele lambeu meu pulso, meus dedos, me deixando toda babada.

— Precisamos entrar. Alguém pode nos ver aqui e desconfiar. Nessa rua quase não aparece gente, mas é melhor não arriscar.

Levantei, e espreitei os lados, meio receosa:

— Como vamos entrar?

— Pulando.

— O quê? Ma-mas como? Não sei pular muro. E muito menos um de cerca, nesse estado, quase desabando, Nita. Não sei se consigo.

Ela riu.

— Presta atenção. Foca apenas em passar para o lado de dentro. Esquece a cerca, ou não vai conseguir.

—E-E como faço isso? — Gaguejei, melindrada.

— Eu ajudo você. — Ela se agachou e entrelaçou as mãos fazendo uma concha.— Coloca o pé aqui.

— Não consigo.

— Como sabe se não tentou? Vamos, estamos perdendo tempo e nos arriscando.

— Você é louca.

— É. Eu sei.

Meneei a cabeça, sorrindo nervosa, adrenalina do perigo e do proibido esquentando o meu sangue.

Tentei colocar uma perna e depois apoiar-me nas ripas. Não consegui. Acabei me desequilibrando e colidindo contra a cerca. Comecei a rir e Nita levou o dedo à boca, pedindo que eu me

calasse. Mas ela também estava se controlando, esforçando-se para não altear o riso.

— Vamos tentar meu ombro. Sobe.

Agachou-se de novo, de costas para a cerca. Sondei os lados e qualquer outro recôndito que alcançasse luz.

Segurei fixamente no muro de cerca e me concentrei em montar no ombro dela.

Foi com muita luta e esforço! Mas consegui passar para o lado de dentro. Minhas pernas tremiam por ter forçado os músculos, e pelo medo de uma queda. Mas confiei e deu tudo certo.

Enquanto ela se armava para pular, Bob me cercou de todos os lados, me cheirando, abanando o rabo, se familiarizando comigo.

Nita saltou perto de mim com muita facilidade. Parecia uma gata caindo de pé, sem fazer barulho.

— Gostou?

— De quê? De pular cerca? — Sorri.

— Sim.

— Digamos que não foi uma das minhas melhores experiências.

Com a voz marota e insinuante, ela indagou:

— E qual foi sua melhor experiência?

Fiquei séria; meu sorriso se estreitando.

— Quer que eu responda mesmo?

— Quero ouvir. Fale.

Coloquei as mãos no peito dela e encostei minha boca na sua, relando lentamente; meu nariz recostando no seu. Ela sentiu meu hálito e me apertou pelas costas, prendendo-me, me acochando em seus braços.

— Não vai responder?

— Não.

Inclinou um pouco a cabeça para trás e comprimiu os olhos daquele jeito atraente, excitante. A luz do luar sobre nós, era como um pedaço aberto do céu, entre um vão alto de uma floresta.

— Vem, senta aqui comigo.

Puxou-me para um cantinho da cerca e Bob veio junto.

— Vamos ficar aqui? No chão de terra?

— Algum problema?

Mirei o lado de fora, para um pedaço da rua deserta, sentindo um ligeiro desconforto.

— Não é arriscado que alguém passe e nos veja?

— Não se ficarmos juntinhas aqui, falando baixo. Não é Bob?

O cão piscou animado, abanando o rabo sem parar, como se tivesse entendido suas palavras.

Sorri, relaxando mais.

Nita sentou-se, bem no canto, e puxou-me, me acomodando entre suas pernas, envolvendo seus braços nos meus.

— Está bom assim?

— Qualquer lugar com você, estará perfeito.— Não perdi a chance de me declarar, virando o rosto em busca do seu olhar.

Encarou-me também e me deu um beijo doce, duas vezes seguidas.

— Te apresento meu ouvinte: Bob. Ele é quem me ouve quando estou na fossa. Nos dias de *deprê*.

Encarei o cão e, novamente, me virei para ela.

— Você desabafa com um cachorro? — Soltei um riso mudo.

— E pode acreditar, ele dá bons conselhos.

Sorri de verdade, obrigando-a a pôr a mão na minha boca, abafando o som da risada.

— Shhh! — Sussurrou baixinho próximo ao meu ouvido.— Alguém pode nos ouvir. Cala a boca.

Fiquei arrepiada com o sussurro quente, penetrante, deixando a pele do meu pescoço, ouriçada, sensível.

Soprei o ar pela boca, recuperando os sentidos. Começamos a conversar. Bob estava próximo, sentado à vontade; olhos alegres, expressão animalesca, mirando o tempo todo em Nita. Vez ou outra se levantava e cheirava minha perna, indo até onde a corrente permitia.

— Por que me trouxe aqui? O que vamos ficar fazendo nesse escuro?

— Está vendo, Bob? — Dirigiu-se ao cachorro que ficou ainda mais atento, varrendo o chão de terra com o rabo.— Ela disse que qualquer lugar comigo estaria bom. E agora fica reclamando.

— Ei! Não estou reclamando. — Fitei-a com falsa recriminação. Depois busquei pelo olhar do cachorro, defendendo-

me com veemência.— Não estou reclamando, Bob. Não acredita nela.

Nita sorriu, apertando-me contra seu corpo, caçoando por eu estar fazendo o mesmo que ela, falando com um animal.

— Ridícula. — Xinguei entre risos.

— Você também zombou de mim. Esqueceu?

— Eu não estava te zoando.

— Ah, não? E era o quê então?

— Fiquei surpresa, apenas.

— Sei.

O clima leve e gostoso foi se estendendo sem que déssemos conta das horas passando. Bob me conquistou, com seu entretenimento e fofura. Atencioso, prestava atenção em tudo. E quando eu e Nita ficávamos de chamego, ele colocava o focinho entre as patas estiradas, baixava o olhar e murchava as orelhas. Ríamos do seu ciúme bobo. Mas logo voltava a se animar quando dávamos atenção, interagíamos com ele.

A noite estava tranquila, preguiçosa. Resfriava gradativamente. A lua se escondia, manhosa, por de trás das nuvens cinzentas. E, apreciando o luar no alto do céu, bateu o interesse em saber como era a vida de Nita nas ruas, nas noites chuvosas; no frio impiedoso.

Girei, desgrudando minhas costas do seu peito. Encostei-me na cerca, me emparelhando com ela; minha perna por cima das suas.

— Já percebi que evita falar da sua vida, de como é a convivência nas ruas. Você nunca me disse nada. Sempre foge, escapole. Sai pela tangente. Mas quero saber.

— Pergunta.— Ela afastou meus cabelos avolumados, que escondia parte do meu rosto.

— São muitas perguntas. Mas, para começar, fala o que você puder e se sentir mais à vontade nesse momento. E se ainda restar alguma curiosidade, pergunto.

Senti como ficou um pouco tensa, mais séria. Como se tivesse escolhendo uma maneira de falar, ou arranjar uma grande desculpa.

— Marcela, prometo que vou falar *tudo* quando chegar a hora, o momento certo. Antes disso, temos outros assuntos para resolver.

— Outros?

— Outros. Estamos aqui, curtindo, nos envolvendo cada vez mais, sem saber no que vai dar tudo isso, quais serão as consequências. Eu vivo nas ruas. Você é casada. Aquele cara está preso e... Já pensou quando ele ficar sabendo?

— Assim que ele sair vou pedir a separação, o divórcio. Não quero mais saber desse casamento infeliz. Eu...eu só quero você.

Ela piscou, apartando os lábios; os olhos fitos nos meus.

— Já percebi que você e a mãe desse patife são muito ligadas, apegadas. E me pareceu que, além do filho, você é a única pessoa que ela tem por perto. Certo?

— Certo. A verdade é que, nessa história toda, a única coisa que vai me doer profundamente, é romper o laço que nos une. Dona Rebeca é como uma mãe para mim. Mas vou fazer de tudo para ficar sempre presente. O máximo possível.

Nita assentiu e mirou em algum ponto cego.

— Eu tenho pendências a resolver, Marcela. — Negou com a cabeça.— Por isso vim parar nas ruas; me envolver efetivamente pode ser muito perigoso para você.

— Pendências?

Ajeitando-se no chão, ela correu os dedos pelos cabelos curtos e me olhou.

— Vou te contando aos poucos. A única coisa que pode saber agora é que eu queria vingança; me vingar de uma pessoa que destruiu minha vida, minha vontade de viver. De tudo. O ódio foi me alimentando, purgando dentro de mim até me transformar em uma pessoa que dormia e acordava respirando vingança. Planejando vingança.

Continuei escutando, percebendo que Nita tinha um passado desolador, sombrio, cheio de mistérios.

Segui sem perguntar nada quando ela cedeu ao silêncio. Acarinhou o pescoço de Bob, com a ponta do pé, e depois recolheu a perna, retornando para mim.

— Eu estava disposta a me vingar, acabar com a vida de uma filha da puta que vive intocada, escondida em algum buraco aqui no Rio de Janeiro.

— Você não é daqui?

— Não. De São Paulo.



Fiquei surpresa, pois não havia sotaque paulista em sua voz. Eram tantas perguntas que eu ansiava fazer, uma dúvida levava à outra. Mas me controlei. Foquei apenas no que Nita dizia sobre vingança.

— Você disse que pretendia se vingar. Não vai mais? Desistiu?

Ela amainou a expressão e encaixou a mão esquerda entre minha nuca e o rosto. Olhou-me com profunda ternura, fazendo meu coração aquecer. Senti-me segura, protegida, com o toque cândido do seu olhar. Os escassos feixes de luz, que atravessavam as frestas das ripas, desenhou uma faixa dourada nos olhos dela quando seu corpo se moveu para frente. Parecia duas Nitas em uma só.

— Não. Não pretendo mais me vingar. Só fazer justiça.

Fiquei sem saber como reagir, me comportar. Eu não fazia a mínima ideia ao que ela se referia. O porquê teve a pretensão de se vingar.

*Que mal a fizeram para nascer tanto ódio?*

— E o que fez você mudar de ideia?

— Os meninos. Você. Nós.

O vinco entre minha testa desapareceu e minha boca se abriu em um sorriso lento, surpreso, abobado.

— Nita...

E e antes que eu me jogasse em seus braços, ela mesma o fez. Pegou-me com cuidado, me apertando, me acolhendo.

— Vamos ter muitos problemas se realmente quisermos levar tudo isso adiante. Está preparada?

— Não. Não estou. — Confessei a verdade — Mas vamos ter força e resistência para enfrentar tudo o que vier, tudo o que se opor contra nós duas.

Ela ficou muda por um momento, e eu quis muito saber quais eram seus pensamentos:

— Tenho medo.

— Você? Com medo?

Virei de novo, sua expressão era cheia de mistérios.

— Tenho medo pelo passado. Medo de...de acontecer tudo de novo, da história se repetir.

— Por favor, Nita. Abre o jogo. Não sou nenhuma menininha boba e ingênua. Não me deixa nessa angústia, nesse mar de dúvidas e preocupações. Não confia?

— Não se trata disso. Não é esse o problema. Só quero te poupar.

— Só está me deixando aflita com tanto suspense. Quero te ajudar, te confortar. Mas como vou fazer isso se não se abre, não fala nada? Bob sabe de tudo e eu não.

Dei atenção para o cãozinho quando ele lambeu meu tornozelo, ao ouvir seu nome. Afaguei sua testa e depois me virei para ela. E antes que eu continuasse, Nita enredou para um assunto que não tinha nada a ver com a conversa.

— Você tem irmãos?

— É assim que pretende fugir dessa conversa?

Longe de mim querer brigar. Não era nem de longe minha intenção, só queria impulsioná-la, fazer com que falasse. No entanto, não foi assim que aconteceu.

— Hoje vi uma mulher grávida, a ponto de dar à luz. Eu poderia jurar, apostar que era você.

— Pessoas se parecem uma com as outras. E não, não tenho irmãos. E muito menos uma irmã, como você acha que seja essa tal mulher.

— Eu não acho, eu tenho certeza. A mulher que eu vi, e que tem esse mesmo sinal na curva do seu braço, é sua irmã. E gêmea!

Algo dentro de mim estremeceu, reverberou em alerta. Flashes de lembranças passadas começaram a despertar na minha mente, vagarosamente.

Meu Deus...

*Seria possível que eu não estivesse sozinha no mundo? Que o laço sanguíneo que eu sempre quis ter, existia?*

## 22 CAPITULO VINTE E DOIS

NITA.

**MARCELA** ficou reflexiva. Sua mente parecia resgatar alguma lembrança esquecida na memória.

Por duas vezes ameaçou dizer algo, mas manteve-se calada, em transe, muito pensativa, perdida.

Instantes depois, menos abalada, segurou em meus dois braços; seus olhos eram um mar misto de agonia e dúvidas.

— Por favor, me fala mais sobre essa mulher.— Pediu aflita.

— Era exatamente como você. A mesma cor dos olhos, cabelos ruivos avolumados. Sardas no rosto, pele branca. Só que bem mais encorpada, acho que devido a gravidez.

— E o sinal? Fala mais do sinal.

Falei. Expliquei direitinho. E quando acabei, Marcela se levantou e começou a andar; a mão repousada na cintura e a outra no queixo, cirandando pelo espaço que nos acolhia.

— O que foi? Está lembrando de algo?

— Sim. Mas...não tenho certeza. Preciso investigar essa história. Se eu tenho uma irmã, quero muito saber, Nita. Ainda mais uma irmã gêmea. Ah, meu Deus. — Abraçou-me emocionada; sua respiração estava inquieta, e as mãos comprimiam minhas costas.

— Não quer saber como ela se chama? — Apartei seu corpo do meu.

— Como? Qual é o nome dela? — Os olhos turmalinos brilhavam, se destacando na pouca luz da noite.

— Marciellen.

— Marciellen?

Anuí.

Ela sorriu confusa e feliz ao mesmo tempo, desviando para o nada.

— É quase igual o meu. — Constatou. — Onde esteve com ela? Quero que me leve até lá. Por favor.

— No hospital. Onde Lena está internada.

— Quem?

— Não importa. Mas o fato, é que não sabemos nada dessa tal Marciellen. Tenta ficar tranquila. Vou te ajudar a investigar. Aos poucos, sem pressa. Okay?— Aparei seu rosto com minhas mãos e pisquei cúmplice, dando a entender que podia contar comigo.

— Só de imaginar que tenho uma irmã, que-que não estou sozinha no mundo, fico em êxtase. Já pensou? Uma irmã gêmea!— Sorriu daquele jeito que me derretia, iluminava meus olhos.

— Olha só. — Chamei sua atenção.— Mesmo que essa tal Marciellen não seja sua irmã, o que eu duvido muito, você já não está mais sozinha. Tem a mim agora.

— Ah, Nita. — Suspirou, sonhadoramente.— Se for verdade tudo isso que está acontecendo, não sei o que eu fiz para merecer essa enxurrada de coisas boas. Primeiro conheci você, que fez eu me descobrir, realmente. E para completar, tudo aponta que eu tenho uma irmã. E gêmea.

— O que te leva a crer que seja de fato sua irmã gêmea?

— Minha mãe. — Desviou o olhar, parecia buscar por lembranças passadas.— Sempre me sondava, perguntando se eu gostaria de ter tido uma irmã. E, sem querer, cheguei a ouvir conversas bem estranhas entre ela e minha tia-avó que atualmente mora no interior. Escutei coisas que agora se ligam, fazendo todo o sentido.

Assenti, dando todo o meu apoio e disposição para ajudá-la no que fosse preciso.

— Pode contar comigo para resolver essa história. Afinal, eu trouxe tudo isso até você.

— Agora tenho duas pendências. Estéfan, e essa história louca, mas que, se for verdade, me fará muito, muito feliz.

Concordei, me alegrando por seu momento de euforia.

— Vamos? Deixo você até a grande avenida. É perigoso por aqui. Têm um monte de vagabundos a solta, escondido, nessa área.

— Não, eu não queria ter que ir. Quero passar a noite com você.

— Quer dormir no piso duro, todo esburacado e frio? Gosta da ideia?

— Estou falando sério.

— Eu também. Ontem eu estive na sua casa, no conforto e no aconchego da sua cama, do seu quarto. Mas e você? Estaria disposta a passar uma noite aqui, comigo? Nessas condições?

Claro que eu não submeteria Marcela a dormir em condições absurdamente precárias. Mas era bom saber até onde ela estaria disposta a chegar para estar ao meu lado.

— Não duvide que, depois da noite de ontem, eu estaria disposta a viver até no himalaia com você.

— Muito fácil. Quem não gostaria de viver nas montanhas?

— Pessoas orofóbicas, por exemplo, que têm medo de altura.

— Muito espertinha você.

Ela sorriu e me diverti também. Eu ainda não conseguia acreditar que estava vivendo aquele momento tão sublime e, ao mesmo tempo, imenso e avassalador. Marcela era única, e exprimia uma beleza especial, que vinha de dentro pra fora, e que me causava êxtase até com um simples entreabrir de lábios.

— Eu também queria passar a noite contigo. — Deslizei o polegar pela boca dela, fazendo suas pálpebras tremerem.

— Tem espaço lá atrás?—Perguntou com a voz aveludada; a respiração ligeiramente agitada.

— Sim. Quer ir pra lá?

— Dá pra confiar no Bob? Ele pode sair falando coisas por aí.  
— Brincou.

Bob rosnou, quase como um protesto, uma reclamação. Eu e Marcela rimos abraçadas, e quando o encaramos, exibia uma expressão séria, fechada.

— Acha que ele se ofendeu?

— Tenho certeza.

Era claro que não. Mas resolvi seguir com o momento lúdico, de descontração. Marcela acreditou, aparentemente, e disse sentindo-se culpada.

— Foi mal, lindão.—Aproximou-se e se agachou, pondo os joelhos no chão areento. — Me desculpa?

Bob fez-se de difícil, virando a cara para o lado, atento à Marcela só com o rabo de olho.

— Ah, *man*. Ela não fez por mal. Leva em conta que vocês acabaram de se conhecer.

Também me juntei a eles, e Bob, aos poucos, voltava a ceder. Marcela passou a mão nele, acarinhando-o. Logo se amansou por completo, carente, deixando de fingir chateação. Dei uma piscadela para ela que retribuiu de forma marota.

— Então está tudo certo, não é? — Levantei e ergui Marcela também. — E falando em tudo certo, está na sua hora.

— Tem certeza? Quer que eu vá?

— Não me provoca, cacheada. Olha que faço loucuras com você aqui mesmo.

— Duvido. — Desafiou-me, dando-me beijos estalados na boca, as mãos macias e quentes se enfiando por debaixo da minha blusa folgada, chegando até ao meu top sem alça.

— Marcela...

Não deixou que eu falasse. Continuou tomando meus lábios, minha boca, beijando-me com uma ardência e urgência louca. Comecei a acreditar que seria meu momento de triunfo, onde eu seria toda dela, como ela tinha sido minha, que se deixaria levar por seus instintos e desejos. Marcela levantou minha blusa sem desgrudar sua boca da minha e conduziu-me até a cerca que se emparelhava com a casa do velho.

— Meu Deus, é isso mesmo? Vai usar e abusar de mim?

Não respondeu. E tampouco pretendia fazê-lo. A boca estava ocupada demais. No meu pescoço, queixo, depois subiu de volta para a orelha. Nem lenta, nem apressadamente.

O cheiro delicioso e viciante do seu perfume, inebriou-me os sentidos. Um alerta piscou na minha mente, trazendo um desconforto que foi tirando todo o meu tesão. Ela estava cheirosa, limpa, macia. E eu tinha passado o dia torrando no sol quente, suando. Tomei banho apenas pela manhã, e bem rápido.

*Maldição!*

— Marcela, estou toda suja, suada, grudenta. Para, vai. — Com muito esforço afastei-a pelos ombros; seu olhar cheio de volúpia, me desejando, me querendo.— Não gosto de transar sem antes estar limpa. É uma questão de higiene.

Ela piscou anestesiada, olhos oscilantes, sem saber o que dizer.

— É...tudo bem. É que... eu só queria você. Não vejo a hora de estarmos como ontem à noite, juntas outra vez, nos braços uma da outra.

— Vamos ter muito tempo para isso. Eu também quero. Quero muito!

Sorriu, embalada pelo desejo que ainda ardia em seus olhos, me deixando sem outra opção que não fosse a de beijar sua boca, chupar seus lábios, aproveitar aqueles últimos instantes antes de ela partir.

— Acho melhor eu ir. Ou vamos acabar chamando atenção.

— Vem, te ajudo a subir.

Ajudei-a a pular cerca; foi a mesma luta do começo, mas ela conseguiu passar sem nem um arranhão.

Um vento frio e forte se levantou, num repente, espiralando poeira no ar; folhas rolavam pelo asfaltamento e as luzes no alto dos postes se apagaram quase que totalmente. Parecia um vendaval fora de estação.

— Vamos rápido.

Peguei em sua mão e corremos na direção do Fiat. Olhei para trás; a intensidade do vento cada vez mais forte, chacoalhando, balançando tudo. Meu peito se comprimiu e temi o pior.

— Não precisa me deixar na avenida, somente até o carro.— A voz de Marcela se elevou, sobrepondo ao som uivante da ventania.

— Está louca? Agora é que faço questão de te levar até lá.

— Que teimosa! Como vai voltar com esse tempo? E a pé!

— Não se preocupa. Eu me viro. Já estou acostumada, esqueceu?

Entrou no carro e eu também. Os galhos das árvores, na frente e dentro das residências, farfalhavam, violentamente, ameaçando quebrar a qualquer momento. A noite que começara calma e silenciosa, transmutou-se num momento intempestivo e preocupante.

— Vamos, *toca*, vai.

— Tudo bem. Não vai adiantar eu falar nada, não é?

— Não.

Marcela fez a curva e acelerou. Íamos caladas; ela totalmente focada ao volante, pois a poeira de ciscos e areias que o vento

jogava contra os para-brisas, era demasiadamente forte.

— Cuidado.

— Pode deixar.

Olhei em volta, e o súbito vendaval só se intensificava. Eu não quis pensar o pior. Apenas me concentrei no momento ali, com Marcela. Meu peito estava apertado, sofrendo, antecipadamente, pela angústia que me acompanhou desde o momento em que corremos para o carro.

*Merda. Merda!*

Não demorou muito para curvamos a avenida bem movimentada. Paramos em um lugar qualquer e ouvi:

— Cuidado, por favor. — Marcela rogou, ao me ver tirando o cinto de segurança.

— Digo o mesmo. Amanhã eu procuro você; me espera?

Sorriu apaixonada.

— Vou contar as horas e os minutos.

Trocamos beijos e abri a porta para sair. E foi quando senti meu braço sendo puxado por ela.

— Eu amo você. Te amo, Nita.

Seus olhos azuis brilhavam intensos; e meu coração se encheu dela. Joguei-me dentro do carro, colidindo contra seu peito, apertando-a, como um ímã quando se choca contra o metal. Fechei os olhos, sobre seu ombro, desejando não abandonar tão cedo aquele abraço. Mas a ventania me chamava!

Desvencilhei-me e segurei seu rosto, ladeado pelo volume dos cachos ruivos:

— Me aguarda. Amanhã, estaremos assim de novo.

Piscou e sorriu, já se inclinando para me beijar.

Trocamos mais um beijo e saí do carro. Quando bati a porta, nuvens de poeiras se embolaram na minha frente. Protegi os olhos com o antebraço e me meti entre a fumaça tóxica.

Andei depressa, até avistar a casa velha.

*Aguenta firme, não ousa desabar agora!*

Apressei o passo, e o que eu temia estava quase acontecendo. Precisava tirar os meninos dali. As telhas velhas se levantavam, lutando para não serem jogadas para fora do telhado. O frio castigava, inflamava a pele. Corri e pulei o portão. Bob estava



acuado, melindrado, com o rabo entre as pernas. Entrei no beco escuro, entre a cerca e as paredes de ripas velhas, e pulei uma das janelas.

Entreí e, não foi preciso chamar Felipe, meu pé caiu em cima da mão dele. Ele levantou assustado, olhos arregalados, procurando além do que podia ver.

— Sou eu. — Sussurrei.

— Nita?

— Sim. — Abri a porta grande, de trás, o vento entrou com tudo.

— O que está acontecendo? Que ventania é essa?— Ele se aproximou para averiguar, mas ciscos entraram em seus olhos, obrigando-o a recuar.

— Precisamos sair daqui. A casa vai cair. Acorda o Lucas, vou arrumar nossas coisas.

Ao que eu terminei de falar, uma telha voou para longe, deixando uma lacuna no teto, em cima da minha cabeça.

— Rápido Felipe!

Bob começou a uivar, seguido de outros cachorros pelas redondezas. Mais duas telhas foram arremessadas pela tempestuosa ventania, destroçando-se em algum lugar.

Lucas acordou sonolento, perguntando o que estava acontecendo.

— Rápido, cara. Temos que sair daqui, não está vendo que a casa vai desabar?

Ele abriu a boca, bocejando, catando as coisas cheio de marasmo, todo mole, mal se dava conta do que realmente estava acontecendo.

Apressei os dois e saímos. O lado da parede rachada, ao qual o vento dava com força, caiu, partindo-se no meio. Bob começou a latir e uivar ao mesmo tempo.

— Vamos embora!

— E ele? Vai ficar? — Lucas se referia a Bob.

Felipe olhou para mim, buscando uma resposta.

Pensei em Lena, no quanto gostava do cão. Mas não sabíamos para onde iríamos. Eu havia guardado o que arrecadamos na apresentação de estátuas vivas, e mais os trocados no farol, mas

ainda assim, era muito pouco, apenas duas ou três diárias em algum lugar bem simples. Levar Bob poderia ser um atraso, ou um empecilho. Poderia se tornar um impedimento para que nos aceitassem em alguma hospedaria.

Mirei nele; me olhava com os olhos suplicantes, como se rogasse para ir também. Aquilo me doeu. Agachei, seu olhar pedinte mantinha-se fixo em mim.

— Não dá pra te levar agora, amigão. Mas prometo, assim que arranjarmos um lugar, venho te buscar. — Murchou os olhos e as orelhas, desviando para o lado.

Não havia nada que eu pudesse fazer naquele momento. Eu tinha consciência das consequências de andar com um animal por aí. Poderia ser batido por um carro, ou se perder da gente, já que não tinha o costume de passear, viver nas ruas; vivia preso, na corrente o tempo todo. Com a ajuda dos meninos, arranquei duas ripas do muro do velho e passamos Bob para o lado de lá. Ele começou a latir, nos acompanhando rés a cerca até o final do outro canto. Botou o focinho para fora, numa pequena falha e uivou na nossa direção.

Saímos logo dali, antes que o arrependimento batesse e eu o levasse junto. *Que Lena me perdoe*. Nem olhei para trás, para seus latidos em meio ao barulho da tempestade de ventania. Caminhei rápido, triste por ele, porque iria voltar a padecer de fome. Mas continuei alimentando a ideia de que seria por pouco tempo.

Apressamos os passos, fugindo do vento forte; com bolsas velhas nas costas, e todos os outros pertences que caçamos em lixeiras e afins.

Preocupei-me com Marcela, se já havia chegado em casa. Desejei muito ter um celular naquela hora para falar com ela, ouvi-la, me tranquilizar de que estava segura, bem.

E o vento forte não cessava.

Passar a noite nas ruas, prometia ser como nos velhos tempos. Perigoso, sem segurança, sem amparo algum. Caminhando no meio de Lucas e Felipe, olhei de um para o outro. Estavam calados, na certa como eu, se perguntando como seria aquela noite e os dias que se sucederiam.

Mas uma coisa era real, tanto quanto a ventania que se prolongava: Tínhamos um ao outro. Éramos uma família, um elo de força e resistência.

## 23 CAPÍTULO VINTE E TRÊS

MARCELA.

**A MANHÃ** estava de ressaca depois do vendaval violento que veio sacudindo e derrubando tudo na noite de ontem, causando destelhamentos em casas, quedas de árvores e prejuízos em patrimônios públicos.

Nos noticiários locais não se comentava outra coisa. Muitas moradias foram afetadas, pessoas dando entrevistas, falando do prejuízo que tiveram com carros, casas e pequenos comércios.

Baixei o volume do rádio e passei a dirigir mais calmamente; não aguentava mais ouvir tantas notícias ruins. Meu coração estava angustiado, e eu não conseguia parar de pensar em Nita, nos meninos, no que deixava a desejar a segurança da casa onde se abrigavam.

Eu havia levantado cedo para ir até lá, antes que saíssem para as ruas. Saber como tinham passado a noite depois da ventania que se alastrou. Mas o telefonema da doutora Mônica me fez desviar dos meus planos. Ela precisava que eu assinasse alguns papéis sobre seus honorários contratuais, pois iria passar o final de semana fora do Rio e não estaria na segunda, que fora o dia e data combinada para tratarmos dessa pendência.

O encontro não demorou muito. Falamos sobre o caso de Estéfan, seu comportamento nos dias de reclusão e sobre suas chances de sair ileso na primeira audiência. A Doutora Mônica já havia entrado com o habeas corpus, mas foi negado pela vara judicial.

Nas visitas que fizera para Estéfan, relatou que ele estava impaciente, reclamão, agressivo. Disse ter deixado orientações de comportamento e que seguisse à risca, para que tudo saísse em favor de sua soltura. Mas ele estava irredutível, fazendo cobranças, querendo sair de qualquer maneira.

A verdade, era que eu não estava dando a mínima para nada daquilo naquele momento. Meu foco era sair daquele escritório e saber como estava Nita. Só pensava nela, nos meninos. Estéfan

para mim era assunto morno, maçante. A minha vontade era ir na próxima visita e falar que já não o queria mais na minha vida, que não tinha mais espaço para ele. E que, se estava me empenhando em tirá-lo da cadeia, era por dona Rebeca. Nada mais além disso. Às vezes, chegava a praguejar a mim mesma, por tanto tempo perdido ao seu lado. Passei a me recriminar, me auto criticar por eu ter me subjugado a maus tratos e humilhações diárias, sustentando um ilusório fio de esperança de que um dia ele pudesse mudar. Mas não mudou.

Deixei o escritório e fui direto para o farol. Queria vê-la logo. Algo de ruim latejava em mim, me deixando aflita. Só ficaria tranquila quando eu tivesse certeza que tudo estava bem.

Acelerei, desviando por vias com menos fluxo, convicta de que a veria, de longe, fazendo malabarismos entre os carros. Eu queria poder ajudá-la a sair daquela situação penosa, mas não sabia como agir sem que se sentisse constrangida, ofendida, ou achando que eu estivesse querendo colocar arreio ou qualquer coisa boba, inverossímil. Ainda estávamos engatinhando na relação, e ainda não havíamos parado para conversar mais abertamente, de forma que tudo ficasse bem resolvido, sustentável.

Tão logo varei na avenida, esticando o pescoço para ver o farol mais a frente. Eu iria passar direto, fazer surpresa. Estacionaria o veículo em algum lugar e voltaria para falar rápido com ela; ainda teria que voltar para a *Fashion Star*, dona Rebeca tinha ficado sozinha.

E para a minha frustração e preocupação, Nita não estava ali. Nem ela e nem um dos meninos. A angústia foi tomando de conta, amassando o peito. Meu sexto sentido se apurando, alertando-me que algo ruim estava acontecendo. Não titubeei; numa velocidade que poderia me causar uma multa, arranquei com tudo para a casa onde se abrigavam. Mal conseguia sentir minha respiração, agoniada, querendo logo saber notícias suas e dos meninos.

Ao manobrar na rua estreita, que levava à moradia, diminuí a velocidade impactada pelo susto que me acometeu. Árvores caídas, fios elétricos rompidos e casas, simples, destelhadas, desenhavam um cenário caótico, que beirava a cenas de filmes apocalípticos. Senti meu peito inchar com as batidas desenfreadas; a tensão e o

medo me comprimindo, e me vi acelerando o carro, doida para avistar a tal casa. E quando finalmente avistei o lugar, meu pé fincou no freio, e colidi contra o volante; os pneus gritaram, arranhando bruscamente a pista. A casa estava toda desmontada, concreto sobre concreto, destruída no chão.

— Nita...! Por favor, não. — Murmurei, atordoada; as mãos quase tremendo sobre a boca assustada.

Dirigi até estacionar na frente, a aflição ficando cada vez maior, agonizante. Saí do carro e, sem que eu me desse conta, um senhor apareceu no portão da casa ao lado, me interpelando.

— O que quer aí, moça? Perdeu alguma coisa? — Perscrutou-me de cima a baixo, desconfiado, mal-humorado.

Sem me deixar afetar, ignorei seu tom grosseiro. Minha ânsia era perguntar se ele sabia de alguma coisa sobre Nita, do seu paradeiro. Se havia descoberto as noites clandestina dos três ali. Era quase certo que não soubesse de nada. Ainda assim, resolvi sondar.

— Desculpa, mas é que vi a casa destruída e resolvi parar para ver. Morava alguém aí?

— Não. — respondeu, rispidamente.— Ninguém morava aí. Era só isso?

Engoli em seco e anuí com a cabeça, sabendo que estava perdendo o meu tempo. Entrei com pressa no carro, meio chateada.

— Mal educado!

Revirei os olhos, sentindo-me frustrada, com pés e mãos atadas. O sentimento de impotência me abateu, e tive que fazer um esforço descomunal para chegar até a loja sem que o desaparecimento de Nita me afetasse tanto.

Cheguei e dona Rebeca, como sempre, veio logo querendo saber da conversa com a doutora Mônica; ansiosa por notícias do filho, de como havia se comportado durante toda a semana. Falei a verdade, fui até um pouco rude, direta demais. Eu não queria falar daquele assunto. De Estéfán. Minha cabeça, meus pensamentos rumavam em direção contrária. Respirei fundo, ao perceber que ela se recolheu, se esquivou do meu tom ácido, nada receptivo.

— Desculpa, dona Rebeca. Estou cansada... preocupada... Não merece que eu desconte tudo na senhora.

Forcei um riso cansado, melancólico. Ela sorriu também, compreensiva, calorosa comigo.

— Eu sei filha. Não deve ser fácil, para você, estar à frente disso tudo. Se o fardo estiver muito pesado, deixa que a partir de agora eu falo diretamente com a doutora Mônica. Não quero que meu filho te aborreça mais, te cause mais danos. Eu sou a mãe e, como tal, deveria estar ante essa situação.

Eu sabia o quanto ela estava sendo sincera, sem drama, sem chantagem emocional; não era disso, pelo contrário. Senti-me culpada por despejar minha angustia, meu mau humor em cima dela.

— Apesar da má relação que existe entre seu filho e eu, ainda sou a esposa dele, dona Rebeca. Tenho a obrigação de estar ao seu lado. Na alegria e na tristeza. Lembra?— Falei com pesar a verdade.

— Marcela. — Ela pegou em minha mão e me olhou bem dentro dos olhos, séria, experiente.— Já disse e repito, filha, não precisa viver assim, infeliz, por causa do meu filho. Eu sei que ele é um péssimo marido, um filho ruim, um homem mau. Você é jovem, linda, e tem um bom coração. Um coração gigante. Sabe que pode contar comigo independente de ir ou ficar, não sabe?

O esforço que eu fiz para não chorar, fora inútil. Debrucei o rosto em seu ombro, emocionada por suas palavras. Apertei-a contra mim, dissolvendo um pouco da tensão que eu sentia. Enchi-me de coragem e decidi falar tudo o que estava acontecendo comigo. Da existência de Nita em minha vida, meus sentimentos por ela e tudo o que ela representava.

— Preciso, e quero, contar tudo para a senhora. — Apartei-me, limpando as lágrimas.— Mas tem que ser agora, antes que eu perca a coragem.

Dona Rebeca me encarou em um misto de curiosidade e perturbação.

— O que foi filha? É alguma coisa com Estéfan?

— Digamos que sim. Afeta ele de qualquer forma. Mas tem a ver comigo, meus sentimentos, tudo o que aconteceu desde quando ele foi preso.

E como se minha glicose conspirasse contra, comecei passar mal. Sentir tontura e desconforto ao me manter de pé. Pedi para que buscasse minha bolsa trancada no carro e pegasse o glicosímetro. Eu não iria conseguir me alimentar, engolir nada naquele momento. Então injetaria a insulina, que era o último recurso que eu usava quando chegava àquela situação.

Senti-me vulnerável, estranha. Tudo acontecendo ao mesmo tempo, meu emocional e minha doença tomando de conta.

Normalmente minha glicose voltava ao normal em 15 minutos, no máximo. Mas dessa vez não foi assim. Havia se passado quase meia hora, e eu ainda me sentia fraca, lânguida. Desconfiei que meu estado emocional tivesse contribuído para a recuperação tardia. Mas permaneci quieta, sem fazer grandes esforços.

Instantes depois tudo se normalizou. Pedi para dona Rebeca abaixar a porta de alumínio para conversarmos à vontade. O movimento estava fraco, por conta dos desastres que o vendaval causara. Poucas pessoas circulavam nas ruas; não teríamos nem um grande prejuízo em manter a loja alguns minutos fechada.

Nervosa, comecei a fazer exercício na respiração, me preparando para desabafar, dizer tudo o que eu estava sentindo.

— Pronto filha, pode começar a falar.

Ela arrastou a cadeira de trás do balcão, e sentou-se de frente comigo, pronta para me ouvir. Olhava-me com seu costumeiro jeito calmo, solidário e gentil. Como um profissional de psicologia, disposto a ouvir e entender o problema do seu paciente.

Juntei as pernas, as mãos fechadas em punho sobre o colo.

— Não sei o que vai pensar de tudo isso quando souber o que está acontecendo, quando souber toda a verdade, dona Rebeca, — meu coração batia, ansioso, comprimindo o peito. — mas antes de qualquer coisa...

— Fala, filha. Está me assustando.

Tomei um longo suspiro e, ao invés de ficar mais relaxada, me senti como se uma carga pesasse sobre mim. O medo estava ali, crescendo como fogo em folhas secas. Peguei sua mão e envolvi nas minhas.

— Está tremendo, filha.



— Estou nervosa. Com medo de decepcionar, chatear a senhora.

Levantou o braço e acarinhou meu rosto.

— Não tenho porque ficar. Você seria a última pessoa capaz de me decepcionar.

Fiquei ainda mais tensa e melindrada com suas palavras. Comecei a suar de nervoso, coração a mil, batendo forte, acelerado. Levantei, me sentindo mal por tudo aquilo.

Como eu iria dizer que estava perdidamente apaixonada por outra pessoa? Uma mulher! Uma moradora de rua. E que transamos no quarto ao lado do seu, na cama de casal, minha e do filho dela?

A realidade pesou feito chumbo, âncora marítima. Perdi a coragem. Talvez não fosse a hora de falar a verdade. Talvez ainda fosse cedo demais. Talvez eu esperasse mais um pouco. Talvez. Talvez. Talvez!

*Droga.*

— Acho que não estou pronta para falar, dona Rebeca. Desculpa.

Apressei em sair de sua presença, como uma criança insegura, fugindo para o banheiro. Ela ficou paralisada na cadeira, sem entender absolutamente nada. Olhei-me no espelho redondo na parede, meus olhos estavam ainda mais vivos, azuis, era assim que ficavam quando eu estava emocionada de alguma forma. Minhas sardas pareciam mais evidentes diante do rosto pálido, abatido.

Peguei um prendedor de cabelo, na cabeça da torneira, e preendi os cachos avolumados, deixando apenas algumas madeixas livres. Nita adorava cheirá-lo, enfiar o rosto nele, chegava até a suspirar na maioria das vezes.

Dei um sorriso para o espelho. Um misto de alegria e tristeza tracejavam meus lábios, meus olhos, meu rosto inteiro.

Ela disse que vinha me ver, mas eu já não tinha tanta certeza. Fiquei insegura, a cabeça rodando o tempo todo, angustiada. Poderia ser exagero eu estar tão preocupada. Ela sabia se virar, vivia há muito tempo nas ruas, mas saber disso não aliviava minha preocupação, minha necessidade de saber onde estavam, se haviam se machucado, se precisavam de ajuda.

Passei água no rosto e me juntei à dona Rebeca. Ela se encontrava no balcão, escrevendo alguma coisa em blocos de papel.

— Como estou?

Olhou-me por cima dos óculos e voltou a atenção para o que estava fazendo.

— Prefiro solto. É mais bonito.— Estava séria, fora do normal.

— Desculpa. Sei que a deixei preocupada, mas prometo que vou lhe con...

— Filha, — Ela saiu de trás do balcão, se acercou e pegou no meu ombro.— Pode confiar e contar comigo. Sempre! Sei que é honesta, descente, e espero que um dia meu filho se dê conta, antes que seja tarde demais. Não quero que você vá embora, como eu sinto que vai acontecer a qualquer momento, mas se tiver que ir, não vou pedir, rogar para que fique.

*Mulher descente...*

Será que ela iria continuar achando o mesmo depois que soubesse de tudo? Não tinha como saber. Podia me tratar como uma filha, cuidar de mim, mas Estéfan era seu filho, e eu fiquei com uma mulher debaixo de sua casa, ao lado do seu quarto. *A mulher descente* traiu o filho dela, enquanto ele estava preso.

Dessa vez não falei nada. Não a abracei, não agradeci. Sentia-me mal, não só pela conversa, mas por tudo. Pelo desaparecimento de Nita, pela incerteza se ela iria vir me ver naquela noite ou não.

O dia morno passou se arrastando. As pessoas que entravam na loja, podia-se contar nos dedos de uma única mão. Dona Rebeca até lamentou ter saído de casa. Regressamos mais cedo; ela se entocou no quarto e eu fiquei na sala, assistindo tevê, me atualizando sobre o desastre do vendaval na cidade.

A tela enorme mostrou, logo de cara, um repórter fazendo uma matéria sobre os moradores de ruas que foram afetados pela intempestiva ventania. Prestei mais atenção, esmiuçando o televisor; meu coração se alterando, inquieto.

Barracas haviam sido arremessadas para longe, pertences sendo levados, perdidos, e fora o desconforto e a friagem causada pelo desastre.

Desliguei rápido a tevê, sem querer saber mais daquilo. Era como se Nita estivesse ali, no meio daquelas pessoas, com os dois meninos. Levantei e me movi até a janela. Afastei o tecido da cortina, na ilusão de que ela aparecesse a qualquer momento. Fechei os olhos, perturbada. Talvez eu tivesse algum poder de telepatia e conseguisse atraí-la até mim. Já eram 21h:00, ainda assim, um fio de esperança estava ali, vivo, não poderia se romper, ou eu estatelaria na tristeza e na mais pura desilusão.

## 24 CAPÍTULO VINTE E QUATRO

NITA.

Acordei assustada naquela manhã fria, olhando para os lados. Apertei os olhos; sentia-os inchados e doloridos pelo choro, pela forte emoção da madrugada toda. Um casal de velhinhos, que tinha perdido tudo na ventania, não conseguiu resistir ao frio trepidante e vieram a óbito. Tentamos ajudar de todas as formas. Fizemos massagem cardíaca, oferecemos cobertores velhos, mas os dois idosos também lutavam contra problemas cardíacos, o que dificultou que permanecessem vivos.

Eu estava muito cansada, consumida. Parecia que o mundo todo estava montado em minhas costas. Perturbada e sonolenta, me dei mais um tempo antes de me levantar; vapor de fumaça espiralava da minha boca. Depois, chamei Felipe e Lucas para sairmos do meio das demais pessoas, que haviam se amontoado para afastar o frio. Estávamos aglomerados na praça São Perpétuo.

Era o segundo dia que amanhecíamos ao relento, vagando de ponto em ponto, sendo massacrados pela neblina que castigava sem dó, resultando em noites sofridas, mal dormidas. As cobertas velhas e esburacadas, não davam conta de aquecer, aliviar a friagem extrema que regelava nossa pele.

Os viadutos, bem como lugares públicos acessíveis a moradores de rua, estavam superlotados. Sem contar os abrigos. Não tivemos outra saída que dormir a céu aberto. O ar gelado penetrava pelos buracos dos lençóis, gastos, causando tremores nos braços e pernas. Encolhemos até a curvatura máxima, buscando um pouco de calor no próprio corpo.

Depois da passagem violenta do vendaval, e dos quase dois dias que se passaram, o tempo estava úmido, sombrio; o céu carregado de nuvens cinzentas. Ameaçava chover o tempo todo.

Saímos ao amanhecer, precisávamos continuar atrás de algum lugar para ficar, passar uma boa temporada. Estávamos convencidos de que trabalhar diariamente como estátuas vivas, resolveria grande parte dos nossos problemas, pois ganhávamos

bem melhor. Logo, Lena seria liberada da observação e iria precisar de um teto e uma cama descente para se recuperar completamente.

Passamos as últimas 48 horas procurando um quartinho para alugar. Mas quando se deparavam com nossas condições, arrodeados de trapos, suados e vestidos em trajes caindo aos pedaços, negavam o aluguel. Alguns proprietários iam além: zombavam, espezinhavam, maltratavam como se fôssemos cães sarnentos implorando por míseras migalhas. Eu acabava perdendo a paciência e partia pra cima, xingava, saía praguejando alto, mostrando a Nita que eu estava acostumada a ser.

Parte da minha frustração e cansaço na mente, era por não ter conseguido ir ver Marcela como eu havia prometido. Passei as últimas infundáveis horas peregrinando com os meninos, sem rumo certo. Chegou a noite e me vi extremamente enfadada, fadigada, meus pés pedindo arrego, descanso; corpo e costas toda dolorida por carregar bagagens. Imaginei o quanto ela devia ter me esperado, toda linda, dengosa, cheirosa.

— Está pensando nela?— Lucas deu-me uma leve sacudida pelo ombro, me fazendo desgrudar as costas do poste. — Está pensando na ruivinha?

Olhei para ele e sorri desviando os olhos. Falou mais:

— Acha que não saquei que está rolando um clima entre vocês duas?

Ignorei-o, olhando o movimento do trânsito. Depois o interpelei.

— Desde quando sabe?

— Desde que você dormiu fora, na quarta-feira. Felipe é lerdo, não presta atenção em nada, mas eu saquei tudo. Conta, vai. Você não fez só dormir na casa dela, não é? —Sorriu.

— Deixa de ser atrevido moleque. Isso não é assunto para crianças.

Ele entortou a boca em um riso solto, galhofeiro.

— Relaxa. Eu aprovo. Ela é muito bonita. E percebi que está de quatro por você.

— Fecha esse bico. — Adverti.—Não quero que o Magrelo saiba. Não ainda.

Saí de perto dele e fui me juntar a Felipe, sentado em frente ao gramado externo de um patrimônio público.

— Pensando?

— É só o que dá pra fazer.— virou-se dando-me atenção. — Vamos passar mais essa noite nas ruas?

Inspirei e aspirei, cansada. Mirei para os carros, eram quase 14h:00 da tarde.

— Se a gente não continuar procurando um lugar onde nos aceitem e continuarmos aqui, à paisana, *sim*.

Bufou, agoniado, exausto também.

— Eu já estava acostumado a dormir debaixo de um teto. Mesmo no chão duro. Ao menos não era frio, perigoso. Estávamos protegidos pelo Bob.

— Eu sei.— Lamentei.— Vamos continuar procurando, Magrelo. Em algum lugar vão nos acolher.

Assentiu, não muito convicto. Lucas se acercou e agachou:

— E se a gente se espalhar? Se cada um procurasse em áreas diferentes? Depois nos encontramos aqui. O que acham?

Eu e Felipe nos entreolhamos. Ele explicou mais:

— Se fizermos do jeito que falei, as chances de encontrarmos um lugar ainda hoje, são maiores.

Pensei por um instante; ele tinha razão.

— Certo. Vamos nos espalhar. Em três horas nos encontramos aqui. *Okay?*

Assentiram.

Saímos, cada um em uma direção, e voltamos no tempo combinado. Assim como Felipe, eu não havia achado nada, nem uma tenda sequer. Quando cheguei, os dois já estavam me esperando. Felipe perguntou logo:

— E aí?

— Nada. — Respondi, jogando-me ao lado dele. — E você, Lucas, alguma novidade?

— Acho que sim. Têm três quartos a quatro ruas depois da avenida. É tudo muito simples, mas bem melhor que a casa velha caindo aos pedaços.

Anuí, inclinando os lábios:

— E o valor? Se informou?

— Recebem por quinzena.

— Quanto, cara?

— Não sei.

Felipe revirou os olhos; eu sabia que iria implicar, falar alguma coisa, mas me adiantei.

— Tudo bem. Vamos até lá. Pelo que entendi, não é longe daqui. Vamos!

Caminhei, pegando a frente, torcendo para que desse tudo certo. Não tinha mexido em nem um trocado do dinheiro guardado, justamente para esse fim. Felipe e Lucas seguiam atrás, conversando. Dessa vez menos implicantes um com o outro. Só desejavam descansar também. Falavam até em banho, comentando o quanto estavam com mal cheiro e que precisavam banhar.

Em poucos minutos, estávamos em frente ao local. Era bem simples, como Lucas tinha avisado. Um muro mediano se erguia inacabado, sem reboco, com sobras de ferragens das colunas espetando o ar. Havia uma placa de papelão, no canto, com a palavra ALUGA-SE, escrita numa caligrafia distorcida.

A moradia dividia-se em três andares. Também não era revestida por fora. Estava crua, sem reboco.

— Deve ser um forno aí dentro de dia.

— A gente querendo um teto pra dormir e você preocupado se é quente ou não, aí dentro, Lucas?— Felipe ralhou dando um empurrão no amigo.

— Foi só um comentário, cara. Não esquentar.

— Dá para parar, os dois? Ou é impossível?

Meu olhar endureceu, cansado. Queria resolver logo nossa situação, sem maiores aborrecimentos. Arriaram as mochilas velhas no chão e ficaram quietos.

Bati no portão enferrujado, todo moído na parte inferior, e aguardei. Logo, uma senhorinha apareceu, passando os olhos em mim e depois em Felipe. Desconfiada, perguntou quem eu era. Lucas saiu de trás das minhas costas, se revelando para ela. Ele ergueu a mão com restrição.

— Sou eu. O *carinha* que veio aqui agora a pouco.

A senhora, cuja idade aparentava ter uns 60 anos, não parecia convencida, segura. Arriei a mochila e falei.

— Preciso de um lugar para ficar uns dias. Eu e eles. O vendaval arruinou o lugar onde estávamos morando e, desde então,

não consigo alugar um lugar que dê para pagar

Mirou-nos sem pressa, observando, tirando suas impressões.

— O que vocês têm aí nessas mochilas? Não é nada de...

— Pode confiar, senhora. Podemos mostrar tudo o que temos aqui, se assim preferir. Não vai achar nada, além de coisas pessoais e velhas.

Encarou-me uma vez mais e abriu o portão, dando espaço.

— Podem entrar. Aqui é tudo muito simples, sem conforto algum. Acho que já devem ter reparado.

Entramos e varri os olhos em tudo. O terreno era chão de terra, bem espaçoso. Cordas de secar roupas se espalhavam pela área de uma ponta a outra. No quarto ao meio, no segundo andar, uma mulher nos observava.

— O único quarto vago é esse de baixo. Moro na parte de cima com meu velhinho. — Apontou para o alto e um senhor sem camisa, barba bem cheia e alva, nos olhava de uma varanda estreita, com as costas deitada numa cadeira de espaguete.

Acenei com a cabeça, mas não fui correspondida.

— Ele é meio cego, enxerga tudo nublado. Não deve ter visto seu cumprimento.— A senhora, de cabelos bem lisos e tingidos pela idade, contou. Ela olhava fixo nele.

Felipe e Lucas corriam os olhos em tudo também, calados, apenas esperando eu falar e tudo se acertar.

— Podemos conversar sobre o quarto vago?

— Claro. Sentem!

Ela estendeu a mão indicando para uma mesa sob uma pequena cobertura anexada à casa.

Sentamos e começamos a conversar. Ela ditou algumas regras e no final falou o preço.

— Só tenho a metade desse dinheiro. Podemos pagar em duas vezes? Daremos uma parte agora e daqui a 10 dias dou a outra.

Ela esboçou um suspiro, não muito longo.

— Tudo bem, moça.

— Pode me chamar de Nita. Esse é Lucas e Felipe.

Acenou para um e depois para o outro, sorrindo gentilmente, mostrando seus poucos dentes.



— Se seguirem as regras, além de pagarem direitinho, podem ficar o tempo que quiserem. Meu nome é Creuza.— Estendeu a mão e levantei, saudando-a.

Podem entrar e ficar à vontade. Aqui não precisam pagar água, só o consumo de luz.

— Certo.

Fiquei mais aliviada, com um peso a menos nas costas. Entramos e estava tudo abafado. Abrimos a única janela; a claridade e o ar fresco entraram com tudo, arejando o ambiente.

Colocamos as coisas tudo em um canto e Lucas se esparramou no piso vermelho, abrindo os braços e as pernas.

— Pra ficar perfeito só falta mesmo um prato de comida bem cheio e um colchão surrado pra descansar.

— Dessa vez tenho que concordar contigo, cara. — Felipe falou, com um *arzinho* implicante, deitando ao lado do amigo.

— Ficamos sem nem um centavo, meninos. Amanhã vamos ter que acordar cedo e ir para o farol. Descolar logo o do café da manhã e começar a nos preparar para trabalhar como estátuas vivas. Vocês sabem que só o dinheiro da venda das balas e meus malabares não vão dar pra pagar isso aqui.

— Estou com fome.— Lucas me ignorou.— Meu estômago está implorando por qualquer migalha.

— Todos estamos. — Felipe completou.

Vasculhei minha mochila e tirei de dentro um biscoito recheado, mexido de dias. Peguei um e joguei o pacote para eles. Mordi um pedaço e estava murcho, mole, com um gosto muito ruim.

— É só o que tem pra hoje. Bebam com água, o copo deve estar em uma das mochilas de vocês. Eu vou tomar banho.

Retirei-me e deixei os dois no meio do quarto, devorando o pacote.

Liguei o chuveiro e a água foi escorrendo quentinha, esfriando gradativamente.

Fiquei bastante tempo debaixo d'água, deixando a sujeira ser engolida pelo ralo. Fechei os olhos, meus músculos começaram a relaxar com a água refrescante, deslizando, fazendo o corpo e a mente acalmarem.

Sensações chegaram, ao me imaginar com Marcela ali, naquela água, naquele momento. Era tudo o que eu precisava, queria. Meus sentidos buscaram por ela, e tudo começou a se aquecer, fervilhar. Acaricieei meus seios bem lentamente, brincando com os bicos, lembrando, pensando nela.

Dois dias sem vê-la. Na certa, devia estar pensando que a esqueci, ou que a deixei de lado. Precisava ir ver minha linda ruiva, estar com ela, explicar tudo, receber boas energias em seus braços, me encher de sua companhia; ficar de chamego; ver seu sorriso me desmontar.

Indo contra a exaustão do meu corpo, decidi que sairia do banho e partiria para lá, mesmo com o cansaço corroendo todos os meus ossos. A distância, agora, era um empecilho a mais, mas valeria a pena só para vê-la, me embriagar com seu cheiro bom.

A noite chegou rápido, como se quisesse partir logo para o dia seguinte.

Lucas e Felipe dormiam no chão, de peito aberto. Os dois roncavam feito dois animais. Acordei um e depois o outro.

— Agora tem água para tomar banho. E de chuveiro! Qual vai ser a desculpa da vez?

— O cansaço. Serve? — Felipe protestou.

— Não. Não serve.— Rebatí. E por fim se levantaram, seguindo para o banheiro. Os dois ao mesmo tempo.

Vesti meu outro par de bermuda surrada e minha camiseta folgada. Embaralhei os cabelos curtos para o lado, explanando uma aparência bem displicente.

Os meninos saíram do banheiro e avisei que iria sair. Lucas se apressou logo, fazendo piada.

— Pelo menos a noite vai ser boa para alguém aqui, não é?

— Cala essa boca.

Ele riu.

Felipe arranhou a cabeça, perdido na conversa:

— Posso saber do que estão falando?

— Nada. Você não vai entender mesmo, Magrelo. Você não tem cérebro o suficiente para capitar certas coisas.

— Vão começar? Não conseguem ficar um instante sem implicar um com o outro? Vocês são foda, viu.

Felipe avançou em Lucas, de surpresa, jogando-o no chão, mostrando um dos golpes que eu havia ensinado.

Ele gargalhou, zombando da cara pálida e assustada do outro. Lucas reagiu e fez o mesmo, derrubando-o no chão em um contragolpe.

Estirado no piso, Felipe assistiu o amigo exhibir um ar de vitória e satisfação.

— Desisto de vocês. Daqui a pouco estou de volta. Comportem-se! Não se matem.

Saí, deixando-os naquele clima de competição. Nem se deram conta quando encostei a porta.

Parti, rumo a minha ruiva gata. A mais linda e gostosa da tijuca. Meus pés reclamaram quando apressei o passo, querendo chegar rápido, sem perder tempo. No decorrer do caminho, avistei uma roseira alta que se inclinava para fora de um muro muito imponente, carregada de rosas brancas, lindas, bem vivas; as pétalas alvas como algodão. Sorri, buscando pela mais bonita. Apanhei uma e segui em frente, ansiosa, guardando a flor na mão.

E, ignorando os latejos nos pés, não reduzi os passos, tampouco parei para um descanso. A vontade de estar nos braços de Marcela, era maior e mais urgente que tudo.

## 25 CAPITULO VINTE E CINCO

MARCELA.

**MAIS UM** dia esperando por Nita.

Meu sábado tinha sido horrível! Depois da ligação que retornei para Estéfán, fiquei me sentindo mal o restante da tarde. Suas imposições e ameaças me deixaram de sobreaviso; além de abalada, preocupada e tensa.

Queria esquecer, deixar de lado aquele assunto, a ligação tóxica que, por mais que eu me esforçasse para não pensar, era inútil. Meus pensamentos se dividiam entre Estéfán e Nita.

Do lado de dentro da casa, recostada no muro alto de ferro, eu observava o movimento fraco da rua. Da planta florida, plantada rés ao gradil, pétalas de flores despencavam sobre meus cabelos, resvalando pelos ombros e pousando na ilharga dos pés.

Ergui o pulso e o relógio demarcava exatas 20h:00. A noite estava silenciosa, com um ar misterioso, conspirador. O sibilo sorrateiro do vento, ciciava ao derredor, brincando com meus cabelos e esvoaçando as mangas do meu roupão de seda e os galhos floridos acima de mim.

Abracei-me ao próprio corpo; o cheiro da brisa gostosa me fez fechar os olhos e relaxar um pouco. *Apenas um pouco.* Dei as costas para a rua e continuei escorada na ferragem. Deixei Estéfán de lado e pensei somente em Nita.

Dois dias e duas noites sem vê-la, sem saber nenhuma notícia sua. E estar à mercê dessa espera angustiante tinha sido uma das razões que deixara meu dia péssimo. Lidar com a ideia de que não a veria mais, estava me deixando louca, sem conseguir raciocinar direito. Não pude deixar de pensar, que talvez estivessem em apuros e por isso Nita não estava conseguindo vir ao meu encontro. Mais uma vez eu estava cercada de "talvez's", de dúvidas, incertezas que deixavam minha mente adoecida. Eu só queria saber se estavam bem, mesmo que ela não pudesse vir me ver.

Deslizei pelo gradil, ficando de cócoras, sustentando o corpo sobre as pernas.

— Cadê você, minha morena? Por favor, venha. Estou à sua espera.— Falei baixinho, no desespero da saudade.

Segurei a respiração, sentindo algo diferente no ar, uma presença bem íntima. E, pela minha visão periférica, o canto dos meus olhos tatearam uma mão atravessando o gradil. Paralisei. O braço se esticou oferecendo uma rosa branca, que estatizou bem na frente do meu rosto. Meu coração acelerou e soltei o ar quase como um suspiro de alívio.

— Estou aqui, minha ruiva.

— Nita?! — Gritei feliz, constatando o óbvio.

Corri para o portão e abri, sem me importar que estava somente com um roupão íntimo. Cravei bem na frente dela; meu coração em êxtase. Ampliei logo um sorriso bobo, tocando seu rosto, correndo os olhos por seus cabelos curtos e úmidos. Depois de ter certeza que sua imagem não era uma fantasia da minha cabeça, me lancei em seus braços, dissolvendo parte da saudade que me sucumbia. Depois minha boca se aninhou em seu pescoço e por último percorreu o caminho dos seus lábios, demorando-se ali sem pressa, me inebriando com seu cheiro e o delicioso sabor do seu beijo. Desgrudamos em um estalar de lábios, muito conscientes da sofreguidão uma da outra.

— Tudo isso é saudade? — Ela sorriu feliz; nossas testas estavam coladas, sorrisos abertos, bocas a milímetros.

Sua mão subiu para minha nuca e permaneceu ali, numa pegada firme; me vi amolecer só com seu toque, sua respiração quente, excitante.

Beijamos outra vez, cheias de saudades.

— Desculpa o sumiço. Minha vida foi uma correria, uma tormenta incessante nesses dois dias.

— Não fala nada, só me abraça mais forte. Muito forte, amor meu.

Mantivemos o abraço ainda mais intenso e envolvente. Ela inalou o cheiro do meu cabelo e me arrepiei, suprimindo um arquejo quando afastou os cachos ruivos e sugou o perfume no meu pescoço, deixando dois beijos na minha pele. Sorri feliz, com o queixo no seu ombro.

— Foram só dois dias, mas o suficiente para eu ficar doente de saudades, preocupação, pensando besteira o tempo todo. Não faz mais isso. — Minhas mãos moldaram seu rosto; ela buscou uma com a boca e a beijou. Depois ergueu a rosa para mim, cerrei os olhos e inalei o perfume das pétalas brancas, segura entre seus dedos.

— Não deu pra vir. Imaginei que estivesse preocupada, por isso fiz um esforço e vim te ver, apesar dos meus pés estarem me odiando.— Sorriu levemente, os olhos não largavam os meus.

— Não vai me convidar para entrar?— Olhou-me de cima a baixo; depois repetiu o gesto mais uma vez.— E essa roupa?

— Ciúmes?

— Não. — Negou, elevando a sobrancelha.— Cuidado, apenas.

Sorri.

Entramos juntas, mas logo me adiantei para me certificar de que dona Rebeca não estava acordada, ou em algum lugar do piso inferior.

A sala estava vazia, livre, nos esperando. Tranquei a porta e nos acomodamos.

— E sua sogra?

— Está dormindo. Não acorda tão cedo. — Aproximei e dei um beijo em sua boca. Curto, estalado.

Ajeitei-me no sofá e, sob a luz fluorescente que irradiava pela atmosfera da sala, percebi o quanto seu semblante estava cansado, abatido. Com carinho e leveza, levei a mão para acariciar seu rosto.

— Me conta o que aconteceu com você durante esses dois dias.

— Foi barra, Marcela.

Aparentava estar realmente muito cansada. Afastei-me, até o outro braço do estofado, e estiquei suas pernas colocando-as sobre meu colo. Seu rosto se contraiu numa expressão de dor e alívio quando apalpei a palma do pé.

— Vou fazer uma massagem. E enquanto você me explica, me conta tudo, vou aliviando a tensão dos seus pés.

Ela aceitou na hora, acomodando bem as costas no assento. Relaxou e fechou os olhos quando sentiu o toque terapêutico dos

meus dedos, das mãos apalpando, fazendo movimentos leves e relaxantes.

Nita tomou uma longa respiração; suas mãos repousadas no ventre.

— Aaah... — Gemeu, em alívio. E eu tive vontade de me jogar em cima dela, e abafar seu suspiro com meu beijo, aliviar seu cansaço, mas de outra forma. Mas controlei meus instintos e me mantive focada na massagem. Seus pés estavam tensos, rígidos, iam amolecendo e relaxando aos poucos com minhas mãos dedicadas.

Ela deu início às explicações, falou tudo o que aconteceu nas últimas horas, as mudanças em sua rotina após a passagem da ventania destruidora.

Escutava com atenção, comovida pelas condições em que estava sobrevivendo com os meninos. Conteí da minha ida até a casa abandonada; ficou calada, só me ouvindo, escutando-me narrar todos os detalhes da minha agonia após seu sumiço.

Levantou-se e se ajeitou ao meu lado, me trazendo para si, sentando-me atravessada em seu colo.

— Imaginei que você tivesse me procurado. E fiquei agoniada por isso. Não queria que pensasse que eu tinha dado no pé, sumido propositalmente. Marcela — Ela ficou séria, muito séria, e olhou-me profundamente — Poderia ser a desculpa perfeita, para mim, tudo o que acabou de acontecer. Eu poderia ter sumido para bem longe, ter fugido de tudo isso. Fugir de você e de toda a encrenca em que vou me envolver insistindo nessa loucura. — Comprimiu o olhar, passeando as costas dos dedos pelo contorno do meu rosto. — Me sinto uma tola idiota por estar me contradizendo de tudo o que eu vinha sustentando durante esses dois anos. De me deixar levar por algo que não devia existir. Pelo menos não agora.

Eu ouvia tudo, atenta a ela, no seu olhar que não piscava e nem desviava dos meus. Continuou:

— Mas estou aqui. Com você! E... acho que agora é hora de falarmos sobre a gente, Marcela. Sobre isso que ainda não sei se devo chamar de *relação*.

— Só tem um detalhe nessa história toda, que não me agrada. — Foi minha vez de falar. — Que você não tenha aparecido antes

na minha vida. Nita — Fiquei séria também, transbordando através do olhar, toda a verdade dos meus sentimentos.— Eu sou tua. Unicamente tua.

Encarou-me, comprimindo os olhos, a boca se abrindo, buscando a minha.

Deu-me outro beijo gostoso, ao qual eu correspondi à altura, causando arrepios e latejos. Meus seios se espetaram através do roupão, quando ela meteu a mão ali, acariciando, me fazendo contrair. Abri mais as pernas já arfando contra sua boca, seu beijo.

— Que saudades que eu estava dessa boca, do cheiro desse cabelo, desses olhos, assim, cheios de paixão.

— Nita. Quero você pra sempre. Quero ser sua mulher! — declarei, em meio a respiração que pesava.

— Eu também já desejo muito isso. Você pode imaginar o quanto?

— Posso, posso muito.

Ela deslizou a mão pela minha coxa, subindo o tecido de seda; seu olhar acompanhando todo o movimento sensual. Minha calcinha apareceu e seus olhos escuros subiram, encontrando os meus; quentes e experientes.

Curvei-me sobre sua boca e encaixamos lábios e línguas, senti meu roupão se afrouxando e suas mãos livres, percorrendo minha pele, tomando conta dos meus seios, me atijando toda.

Gemi, já muito excitada, inchada, querendo ser aliviada, tocada em todas as partes

Nita levantou, com minhas pernas enlaçadas em sua cintura. Jogou-me contra o sofá, com urgência, tudo muito rápido, impaciente. Girei para ficar por cima dela, sobre seu colo novamente; ela gostou, e senti pelo fogo ardente em seu olhar, o quanto tinha ficado excitada.

Logo lembrei que estávamos na sala, onde dona Rebeca poderia acordar a qualquer momento e nos flagrar. Seria um choque, uma surpresa abissal.

Algum ponto no meu cérebro piscou, me alertando do perigo. Mas o desejo da paixão corrompia qualquer mínima possibilidade de lucidez, razão. E foi o meu fim.



Quando tudo parecia se encaminhar para um tórrido momento de amor e paixão, as coisas desandaram, minha intuição tornou-se absurdamente real. Nita estatelou, seu olhar estava petrificado, olhando acima do meu ombro. Olhei para trás e me deparei com dona Rebeca materializada na nossa frente, abismada, surpresa como eu nunca havia visto em toda a minha miserável vida.

Pulei do seu colo, surpreendida também. E meu sangue gelou. fiquei dura, tesa, de forma que achei que não conseguiria me mover do lugar nem por um guincho. Encarei minha sogra; sua mudez e olhos descrente me fizeram desejar que um buraco se abrisse sob meus pés e me engolissem viva.

Ela tirou os óculos num movimento muito lento, dividindo a perplexidade do olhar entre Nita e eu. Seus olhos piscaram atônitos, como se tivessem diante de algo surreal, improvável, impossível. Sua mão bateu a poltrona e ela desabou no assento.

— Vo-vocês...? Então...então era isso? — Olhou-me abalada, desorientada.

Comecei a lacrimejar, envergonhada. Ajoelhei-me, espalmando as mãos em seus joelhos. Nita ficou imóvel, tensa, mas permaneceu calada, quieta. Limitou-se apenas a observar.

— Não tive coragem de falar ontem, dona Rebeca. — Minha voz se sustentou rouca, embargada pelo choro iminente e a vergonha entalada na garganta.

— Aqui, Marcela? Aqui? — Em seu olhar havia decepção, recriminação, e outras coisas mais que me fizeram sentir pior do que eu já estava.

— Desculpa; perdão... — recostei o rosto em seu colo, sem saber mais o que falar.

— Pode sair, por favor? — Ergui a cabeça ao perceber que ela se referia à Nita. — Essa conversa tem que ser entre mim e Marcela.

Levantei e ela fez o mesmo; sua expressão estava ligeiramente alterada, sem aquele olhar gentil com o qual costumava tratar a todos.

— Acho que Nita pode participar dessa conversa também.— Dividi a atenção entre ambas. — Afinal, ela tem tanto interesse quanto eu, dona Rebeca. Não a expulse. Por favor.

— Por favor peço eu, Marcela! Não estou expulsando ninguém. A casa também é sua, eu jamais faria isso. Só quero que ela espere lá fora, que tenhamos privacidade. Não vou me sentir bem depois do que vi aqui, com essa moça presente.— Alterou-se um pouco mais, dando as costas para apoiar as mãos no aparador.

Encarei Nita e ela me encarou de volta; anuiu em uma leve reverência, sem dizer uma só palavra. Deixou a sala, pondo-se do lado de fora; mas antes, beijou o alto da minha testa, deslizando a mão pelos caracóis dos meus cabelos.

— Estamos a sós. Podemos falar.

Virou-se, chegando perto e sentando:

— Estou ouvindo.

Pisquei duas vezes seguidas, engolindo toda a saliva da garganta. Sentei ao seu lado e desejei muito que Nita estivesse ali, me dando forças. Mas ela não estava. Era só eu e minha pouca coragem.

— Desde quando? — A voz cheia de decepção e vergonha, impediu que eu sustentasse meu olhar ao seu.

— Desde quando a vi pela primeira vez na praia.

— Está com essa moça mesmo antes de Estéfán ir preso?

— Não! Claro que não! — Olhei-a bem dentro dos olhos, para ter certeza que eu não mentia.

— Desde quando, Marcela?

— Desde que achei o menino Lucas.

Pensou por um instante, mirando para a um pedaço do lado de fora, através da janela. Depois voltou-se para mim; perguntou assustada:

— Na noite em que ela dormiu aqui, vocês...?

— Sim.

— Meu Deus...!

Levantou-se; a mão cobrindo a boca, espantada, incrédula.

Tomei coragem e levantei, sem me intimidar, buscando seu olhar. Decidi falar de uma vez, dispensando o medo.

— Nita é a mulher que eu amo, dona Rebeca. Nunca fui tão feliz como nesses poucos dias em que estive com ela. Eu ia contar tudo. Ontem mesmo, mas...

— Esperou que eu ficasse sabendo de outra forma, assim, descaradamente? Preferiu assim?

— Não. Não preferia assim. Eu queria ter contado, desabafado. Mas não tive coragem, porque...

— Porque no fundo, você sabe que está fazendo tudo errado. Está se igualando ao meu filho, a quem você critica tanto!— Interrompeu-me mais uma vez.

Não desmenti. Suas palavras não destoavam da verdade.

— Sente aqui, por favor, e me olhe nos olhos. Escute tudo o que tenho para falar. Primeiro só ouça. Peço para que não me escute como a mãe de Estéfan, e sim como amiga, como mulher.

Ela colocou os óculos e assentiu, tentando relaxar na medida do possível.

— Está bem. Vamos começar desde o princípio.

Amainei a expressão, concordando, me aliviando por dentro.

Enrolei o cabelo para o alto, em um coque bem frouxo, deixando mechas cacheadas roçando o pescoço.

— Confesso que eu também estou um pouco assustada, surpresa com tudo o que está acontecendo. — Ela não piscou, mas sua feição havia suavizado parcialmente. — Desde aquele bendito dia que eu vi Nita na praia da barra, o qual a senhora também estava, senti algo diferente. Uma admiração, uma vontade inexplicável de estar perto dela, de querer saber de onde estava vindo, quem era, seu nome. Tudo! Tudo nela me atraiu naquele momento, naquela confusão toda. — Dei uma respirada e continuei; ela mantinha-se compenetrada, atenta em cada palavra minha. — A coincidência, ou destino, foi nos unindo, e nos colocou frente a frente por três vezes. Pensei que todo o sentimento que estava crescendo, tomando proporções gigantes, fosse apenas carência. Mas chegou um momento em que não tive mais como mentir para mim mesma, negar o que reboia aqui dentro, querendo saltar, sair.

Ela desviou o olhar, mexida, tentando não demonstrar demais. Seus olhos se estreitaram por trás das lentes de grau e continuei:

— Não esperava gostar e, principalmente, me envolver com uma mulher, mas aconteceu, o sentimento que Nita despertou em mim me renovou, me incitou a querer viver, explorar o mundo, e as coisas mais simples, ao seu lado. Sinto-me feliz, cheia de energia,

vontade de sorrir o tempo todo — Dei uma pausa; as emoções revolvendo muito forte no meu peito. Ao contar e ao sentir.

— Se sente feliz como nunca foi com o meu filho.

— Sim. — Confirmei a verdade. — Com seu filho nunca me senti realmente feliz. A senhora sabe.

Ela balançou a cabeça, em afirmação. Parecia travada, como se tudo estivesse entalado e não quisesse sair. Então indagou:

— O que espera de mim, Marcela?

Estiquei o braço e segurei sua mão.

— Que não me odeie. Que não vire as costas para mim.

— Eu não odeio você. Eu só não...não esperava. Estou decepcionada... triste...Eu ainda guardava a esperança de que quando Estéfan saísse da prisão tudo se ajeitasse, que ele pudesse mudar com você, por conta do seu erro.

Lamentei profundamente sua desilusão. Eu já não conseguia imaginar o toque das mãos de Estéfan sobre mim. Dava-me asco. Nem seu olhar lascivo, predador e carnal. Vi lágrimas deixarem os olhos de dona Rebeca e a culpa me assolou.

— Não posso acreditar que vai embora das nossas vidas, *da minha vida*, que vai voar pra longe, sair desse inferno que é e sempre foi sua vida.— O choro se intensificou e ela se viu obrigada retirar os óculos.

— Não chore. Nunca vou deixá-la, abandoná-la. Se eu pudesse, e a senhora quisesse, a levaria para aonde eu fosse.

Chorou mais, se amparando em meus braços. Ainda que dona Rebeca fosse uma pessoa de personalidade calma, passiva, eu não esperava uma reação tão emotiva de sua parte. Sinceramente? Nunca esperei que me ofendesse, me humilhasse, e tampouco passasse a me odiar, mas também não esperava que se desmontasse como fez. Quando ficou mais calma, ela levantou e pediu para que eu chamasse Nita. Fiquei surpresa e preocupada. Mas quando olhei bem nas írises dos seus olhos, me acalmei, senti que não poderia temer a nada. Seus olhos transmitiam paz, calma, apesar da decepção estar ali também, bem presente.

Assenti para ela e encurtei a distância até a grande porta. Talvez eu tivesse ganhado uma aliada, ou talvez somente alguém que não iria atrapalhar ou julgar minha escolha.

Qualquer uma das duas opções, era um grande alívio para um coração que só queria amar. Amar. E amar.

## 26 CAPÍTULO VINTE E SEIS

NITA.

**EU ESTAVA** muito ansiosa a caminho do hospital. Lucas e Felipe iam acomodados no banco traseiro, cochichando, tagarelas como sempre. Eu ia na frente, junto com Marcela que dirigia ao volante.

Sempre muito concentrada no trânsito, ela não desviava para nada. Apreciei cada movimento seu, muito feliz por ela estar ali comigo, para participar de um momento importante: A volta da nossa mascote para casa.

A semana passou voando; quase não acreditei quando o médico havia assinado a alta de Lena antes do que eu previa. Marcela estava na expectativa para conhecê-la, por isso fez questão de nos acompanhar, buscá-la naquele sábado.

Chegamos, passamos pela recepção e pegamos os crachás.

— Será que ela vai gostar mesmo de mim? Porque já simpatizo com essa menina antes mesmo de tê-la visto uma única vez, de tanto que você fala nela — Marcela me parou pelo braço, antes de dobrarmos o último corredor que levava ao quarto de Lena.

— Vem. — Continuamos encurtando o espaço e, na entrada da porta, emendei. — Entra e veja você mesma.

Deu-me um sorriso nervoso, mas não assentiu:

— Entrem primeiro. Depois vocês me anunciam.

Anuí. Percebi como ela estava irresistivelmente sexy daquela forma, inquieta e ansiosa; os olhos azuis agitados, como se temesse ser rejeitada. Não resisti e roubei um beijo na descida de sua nuca. Marcela se contraiu toda, afastando o pescoço, tremendo as pálpebras. Desci o olhar para seu braço; arrepios empolavam sua pele. Mas logo tratou de se recuperar, me praguejando.

— Você é uma *peste*!

Dei de ombros, sorrindo.

Felipe e Lucas entraram primeiro, logo segui atrás, deixando-a do lado de fora, esperando a hora certa para entrar.

— Viemos te buscar para o trampo, mascotinha. Hoje mesmo vai colocar a mão na massa, recuperar o tempo perdido. — Lucas, como sempre, se acercou cheio de gracejos.

— Não liga para esse animal. — Felipe completou, animando o ambiente.

Lena sorria feliz, recebendo o abraço de um e depois do outro, sem levar a sério os comentários.

Foi minha vez de chegar perto, correr os olhos em tudo, saber se estava tudo bem.

— Pronta?

— Prontíssima! Oh doutor, o senhor vai me desculpar, mas eu não via a hora de sair desse lugar — Um médico alto e albino, que já estava presente, acenou com a cabeça, sorrindo para ela.

— Boa sorte, mocinha. E cuidado, repouso *absoluto*. — Enfatizou — Não quero te ver por aqui outra vez.

— Pode deixar doutor. — Ela agradeceu e o médico saiu, deixando-nos a sós.

— Tem uma pessoa aí fora, querendo te conhecer.

— Deixa de ser linguarudo, Lucas! — Felipe ralhou, empurrando o amigo.

Lena esticou o pescoço para além da porta e desviou para mim. Seus olhos cintilavam de curiosidade.

— É quem eu estou pensando? — Perguntou.

— É. É a namorada dela — Lucas intrometeu-se mais uma vez, se divertindo às nossas custas.

— Cara, fecha esse bico. Deixa a Nita falar, *mariquinha*.

— Chega! Ou os dois idiotas vão esperar lá fora. — Ralhei e voltei minha atenção para Lena.

— Quer vê-la?

— Mas é claro! Claro que eu quero.

Ela se animou, apoiando-se melhor na muleta; a atenção fixa na porta aberta.

Eu fui até o corredor e chamei por Marcela.

— Vem.

Ela me deu a mão e se materializou na soleira da porta. Lena abriu a boca, encantada, olhos cintilantes, varrendo cada canto da imagem ruiva.

Marcela se acercou, sorrindo também, abrindo logo os braços para um abraço, ao qual Lena prontamente retribuiu.

— Uau! Como você é bonita! Parece muito com aquela princesa do desenho animado. — Apartaram-se sem desgrudar as mãos. — Olha esses cabelos cacheados e grandões, todo vermelho! Os olhos são os mais bonitos, como você falou Nita. — Ela não me olhou, deslumbrada por Marcela — As bochechas pintadinhas são *tão* fofas! Nem parecem de verdade.

Marcela riu, divertidamente, abraçando Lena mais uma vez.

— E é muito cheirosa também. — Ainda ouvimos Lena acrescentar.

— Acho que vou levar você comigo, para a minha casa. Estou muito chateada por não ter vindo te conhecer antes — Disparou Marcela, afastando para o lado mantendo o abraço por cima dos ombros de Lena. Logo me manifestei:

— Assim vou ficar com ciúmes. Está querendo roubar minha pequena, Marcela?

Todos riram.

— Não conheço você, — Lena voltou-se para Marcela — E nem quero parecer aquele tipo de adolescente forçada, mas Nita tem toda razão quando diz que você é especial. Eu senti no seu abraço.

— Ela diz isso? — Marcela perguntou, amorosa, buscando meu olhar.

— O tempo todo! — Lena gracejou.

Senti meu rosto queimar, contra minha vontade, mas ignorei.

— Depois que começou a aprender a ler, essa menina ficou muito melosa. — Lucas reclamou — Não sei se vou suportar. Já basta Felipe, que tenho que aguentar.

Lena o procurou, e mostrou o dedo do meio. Todos riram alto.

Marcela me encarou e deu-me uma piscadela, um gesto que passou despercebido por todos.

— Vamos? Não quero ficar mais nem um minuto nesse hospital. — Lena, apressou-se. — Marcela, você vem com a gente, não é?

— Sim, claro. Com muito prazer. — Ambas sorriram com os olhos brilhantes, gesto que ressaltou ainda mais a boa conexão que



existiu logo de cara.

— Eu te ajudo. — Felipe se prontificou, aproximando-se dela.

— Ta.

Lucas pegou a dianteira, Marcela e eu atrasamos os passos, caminhando mais atrás. Apesar do amparo de Felipe, Lena demonstrou uma postura muito independente, andava bem, mesmo com o auxílio da muleta, sempre buscando meu olhar e o de Marcela, feliz da vida.

Chegamos ao carro, nos acomodamos e partimos. No trajeto, ela não parava de perguntar, curiosa, interessada. E apesar da boa vontade de Marcela em responder, pedi que não a distraísse no trânsito, que deixasse para conversar em casa. Vezes ou outra ela não conseguia se conter, e acabava tirando o foco da ruiva ao volante.

Ela também estava curiosa para conhecer o lugar onde ia ser seu mais novo espaço, sua nova morada.

— Ainda falta muito para chegar?

— Não. É a próxima esquina. — Respondi — Ela estava sentada na borda do banco, entre Felipe e Lucas; as mãos divididas entre meu assento e o de Marcela.

Não demorou mais que um minuto e já estávamos parados em frente das humildes quitinetes.

— Chegamos, mascotinha — Lucas foi o primeiro a sair, seguido de Felipe, que se dispôs a ajudá-la a sair do carro.

— É aqui?

— É. O que achou? — Indaguei.

Ela singrou a vista por todo o perímetro e depois ergueu o rosto para o alto, observando os três andares que se erguiam.

— É bem simples, como vocês disseram, mas não me importo com nadinha disso. Estou muito, muito feliz! Não tenho do que reclamar. Mesmo que fosse apenas uma barraquinha, não importaria, porque eu estaria com vocês. Você, Nita, *Lipe* e esse rabugento metido a besta do Lucas. — Virou para nós, e o brilho do seu olhar era um conjunto de alegria, gratidão e frugalidade.

— Vamos? — Animou-se — Quero conhecer tudo.

Entramos e demos de cara com dona Creuza estendendo roupa na área a céu aberto. O sol queimava a pele em seu horário

de temperatura mais alta.

— Opa, na batalha?

— Sempre. — Ela sorriu, exibindo seus poucos dentes.

— Essa é a Lena, que eu havia mencionado algumas vezes. Lena, essa é dona Creuza. É moradora e proprietária daqui.

— Ah, a famosa Lena. — A senhora sorriu, com gentileza — Seja bem vinda filhinha.

— Famosa é? — Lena replicou, lisonjeada — E, muito obrigada — Acenaram risonhas uma para outra.

Marcela, que estava ao meu lado, observava tudo com descrição. Era também sua primeira vez ali.

Caminhamos em direção ao quarto, todos reunidos. No segundo andar, a mulher que sempre estava plantada na janela, nos observava deliberadamente, passando os olhos em tudo. Sempre vestida em apenas um sutiã preto, com parte da barriga avantajada à mostra.

Seu Camilo também estava na varanda quase no patamar da escada. Eu já estava acostumada a vê-lo naquela posição, sentado na cadeira de espagete; camisa no ombro e a barba cheia. Acenei para ele que, como sempre, não notou. Entrei para quarto seguida por todos.

Durante a semana inteira, conseguimos arranjar pedaços de MDF recicláveis e improvisar bancadas e móveis para guardar nossos poucos pertences. Por sorte, conseguimos em doações dois colchões velhos. Estava tudo bem arrumado, acomodado nos cantos e recostado na parede, esperando por Lena.

Não tínhamos geladeira, apenas um fogão de duas bocas, bem velho, achado em depósitos de lixo, e uma botija de dois quilos que dona Creuza nos cedeu. Havíamos comprado roupas em brechós, os meninos já não andavam maltrapilhos, com roupas se despedaçando e sandálias acabadas no calcanhar.

Trabalhamos duro quase a semana toda, de domingo até quinta como estátuas vivas. Todos os dias lançávamos metas para alcançar. Às vezes conseguíamos ultrapassar, outras não. A segunda parte do aluguel, conseguimos pagar no terceiro dia. E o que ganhamos depois, usamos em prol de nossas necessidades básicas.

Sem a ajuda de Felipe, que sempre se mostrava prestativo, Lena caminhou, vagarosamente, para um dos colchões, com armações improvisadas e sentou. Passou a mão pelo tecido surrado do colchão; ficamos atentos ao gesto dela, que acabou confessando:

— É a minha primeira cama.

Marcela se aproximou e sentou-se ao seu lado, mexida por sua voz emocionada.

— Sabe, Lena, agradeça. Seja sempre grata por ter *tudo* isso. É também na gratidão que somos honrados.

Ela apoiou a cabeça no peito de Marcela e assentiu, concordando feliz.

Já se aproximavam das 12h:00, quando Lucas reclamou.

— Está tudo muito bonito isso aqui, mas estou morrendo de fome. O que vamos comer?

Marcela se manifestou logo:

— Como um presente de Boas Vindas para Lena, convido todos para almoçarem em um dos quiosques na praia. Que tal?

— Oba! — Felipe comemorou.

— *Daora!* — Lucas exclamou feliz, passando a mão no estômago.

— Eu vou adorar. Quero ver o mar. — Lena também aceitou, sorrindo alegre.

Marcela me encarou, temendo minha recusa. Percebeu minha resistência e levantou, me puxando para a área externa, do lado de fora do quarto.

— É a volta dela. Não acha que merecemos comemorar? Ela estava há dias hospitalizada, arrodeada de máquinas e aparelhos, sentindo cheiro de medicamentos, vendo somente pessoas montadas em jalecos brancos. Não seja orgulhosa, Nita. Não dessa vez.

Marcela tinha razão. Lena merecia comemorar. E de um Jeito que todo carioca gosta, com praia, mar e sol. Não tive escolha. Aceitei.

— Certo. Vamos almoçar na praia.

Ela pulou no meu pescoço, feliz, satisfeita:

— Vamos nos divertir, todos juntos, comemorando a volta dessa princesa fofa.

— Ela merece. E por isso vou aceitar que você arque com tudo sozinha. Só dessa vez!

Marcela arqueou a sobancelha:

— Claro que eu quero dar esse mimo para Lena, fazer sua volta ainda mais feliz. Eu já simpatizava com ela mesmo antes de conhecê-la, de tanto que você à mencionava. Mas... — Grudou em mim, mordiscando meu queixo, jogando os braços por cima do meu ombro, apoiando-se na pontinha dos pés. — Também queria passar a tarde com você. Juntas, namorando de frente para o mar. Não namoramos direito desde o sábado passado, quando dona Rebeca nos flagrou no sofá da sala.

— Você sabe que eu estava batalhando para conseguir um lugar para Lena, não é?

— Não estou reclamando.

— Sei que não. Obrigada por sua compreensão. Mas, mudando de assunto, como está a senhora Rebeca? Mesmo ela tendo dito que não tinha nada contra mim, fiquei arisca com toda a situação.

— Ela deve estar na penitenciária nesse exato momento. Hoje é dia de visita. E, ela ficou abalada, sim, quando descobriu sobre nós duas, mas tenha certeza de uma coisa: ela não te odeia, ou sente qualquer sentimento ruim por você.

— Você não me disse como foi sua ida até lá, na quarta-feira. O que aquele... — Reprimi um palavrão. — O que ele queria, que chamou você com tanta urgência?

Marcela ficou séria, de repente, parecia desconfortável, incomodada com o assunto. Olhou-me vacilante.

— Sexo.

— O quê?

— Ele queria sexo. Também fiquei chateada quando cheguei na cela íntima e me dei conta que era isso.

— E você?

— O que tem eu?

— Você...vocês...?

— O que você acha? Acha que eu dei pra ele?

Encarou-me chateada pela minha pergunta mega imbecil. E não a julguei. Fiquei enciumada, só de imaginar aquelas mãos asquerosas em cima dela, deslizando por sua pele, e consumando o ato sexual. Meu sangue esquentou, não pude evitar.

— Desculpa. Desculpa — Lamentei, profundamente, o momento constrangedor que causei. — Fiquei com ciúmes.

Ela serenou a expressão ofendida, mas não deixou de me encarar. Descruzou os braços, quando eu fui para beijá-la. Ficou resistente no início, mas acabou entregando-se em um beijo terno, delicioso e quente.

Mas nosso momento a sós não durou muito. Felipe, Lucas e Lena surgiram na porta, chamando nossa atenção com um grunhido na garganta, pigarreando.

Rimos, esfregando o nariz um no outro. Viramos para o trio e Lucas, para não perder o costume, falou:

— Estamos vendo que o casal já está matando a fome, mas e a gente? Vamos ou ficamos?

Marcela me olhou sorrindo, meio envergonhada. Encrespou o cenho e perguntou em um tom confidencial:

— Ele é sempre assim?

— Não. É pior.

— Sério? — Espalhou ainda mais o sorriso, e depois deu-lhe uma olhadela.

— Vai me dar razão com a convivência.

— Tudo bem. Acho que vai ser engraçado.

— Não tem nada de engraçado em ser inconveniente. Não é Lucas? — Elevei o tom de voz, o suficiente para que ele escutasse.

— Não entendi.

— Não é para você entender, é para confirmar.

Ao que Lucas deu de ombros, Lena se aproximou, cuidadosamente, com a muleta.

— Vocês ficam tão bem juntas. Vão casar?

Marcela e eu nos entreolhamos, pegas de surpresa. Felipe se aproximou, emparelhando-se com ela.

— Será que você pode deixar de ser menos curiosa, Lena? Está parecendo o intrometido do Lucas.

— Chega, crianças, não vamos continuar aqui, perdendo tempo. A praia nos espera.

Lucas, Lena e Felipe perguntaram em coral:

— Então vamos?

— Vamos! — Foi Marcela quem falou, empolgada também.

— Sim. Mas vamos logo, antes que eu desista. — Ameacei na brincadeira.

Organizamos tudo e partimos.

O trio ia feliz, resenhando no banco de trás, fazendo planos para se divertirem na praia. Eu estava na minha, quieta, pouco confortável. Marcela percebeu e tentava me animar, descontraí-la, me deixar menos pilhada. Continuei pensativa, até chegarmos. Era a primeira vez que saíamos juntos, como cheguei a querer um dia. E não podia nem dividir a conta com ela. Nem mesmo pagar um suco. *Porra!* Aquilo me desanimou a ponto de permanecer muda até a praia.

## 27 CAPÍTULO VINTE E SETE

MARCELA.

O SOL, do segundo mês do ano, estava sendo um dos mais quentes dos últimos tempos. A brisa que espiralava no ar, gostosa e refrescante, amenizava a sensação térmica de quase 42°C em pleno meio dia. Paramos em um dos quiosques e reunimos duas mesas em uma só. Sentamos e fizemos os pedidos. Os meninos pediram diferentes pratos, com a ideia de petiscar a refeição um do outro.

Enquanto os pedidos aprontavam, o trio se concentrou na vista da praia. Lena apontava para algo, chamando a atenção de Felipe e Lucas. Os três riam na mesma sintonia, divertindo-se, soltos, bem à vontade.

Concentrei em Nita. Ela continuava séria, entretida, aparentemente, com o cenário tropical, com a imensidão de águas claras que se estendia para além do infinito, tocando o céu.

— Eu queria que você estivesse feliz. Assim como os meninos, como eu — Comentei, segurando na aba do chapéu na minha cabeça, para não deixar o vento levar.

— Estou. — Ela virou o rosto para mim; não muito, apenas o suficiente para me olhar nos olhos. Depois voltou a encarar o horizonte.

— Então sorria. Quero te ver sorrindo, morena.

— Você sabe que não sou de muitos risos e sorrisos.

— Mas também não é assim, tão calada, quieta. Você não é de sorrir muito com a boca, mas seus olhos denunciavam quando está feliz. E não estou vendo isso.

Ela pousou o olhar no chão e, depois de uma curta pausa, virou-se novamente. Dessa vez, menos séria, cedendo ao meu desejo de conversar.

— Lembra da primeira vez que nos vimos?

— Como eu poderia esquecer? — iluminei a expressão, buscando a lembrança na memória — Foi ali — Virei e ela fez o mesmo — Aquele dia eu soube que você era especial.

— Por quê? Por que eu soquei seu marido? — Mirou-me, e não pude deixar de sorrir. Mas a menção do título “marido” saindo de sua boca, me deu um nó na garganta.

— Não fala assim.

— Assim como?

— “Seu marido”.

— É a verdade. — Voltou a fitar o mar; sua feição se fechando outra vez.

— Infelizmente. Mas não precisamos mencionar. Dá para evitar.

Ela firmou os olhos em mim.

— Impossível. Aquele crápula é seu marido. É com ele que você vai dividir a cama quando o pulha deixar a jaula.

— A cama onde tivemos nossa primeira noite de amor?

Nita entreabriu os lábios e soergueu a sobrancelha. Seu olhar para mim era intenso, altivo e misterioso. Domei a vontade de querer pular em seu colo e me grudar nela, e só deixar sua boca quando o ar ficasse impossível de aspirar.

Ela não respondeu minha pergunta, ao invés disso, desviou para o trio que permanecia alheio à nossa conversa, fascinados com o mar, a praia e as pessoas se divertindo, praticando esportes.

— Quando vamos estar juntas de novo? Daquele jeito. — Insisti, provocando, olhando para sua boca, querendo gemer, me dissolver ali. Passei a língua nos lábios; ela não resistiu e arrastou a cadeira, encostando mais. Mas antes que nossos lábios se tocassem, alguém interrompeu, inclinando-se e colocando uma bandeja no centro da mesa.

*Ah, droga.* Praguejei mentalmente.

E a tensão sexual minguou de vez, quando o trio se virou, explanando os olhos pela bandeja aposta, com pratos cheios, bem servidos.

— Pra quê todas essas coisas? Mal consigo pegar em uma colher — Felipe indagou, apanhando o conjunto de talheres.

— Não é tão difícil, cara. É assim, aprende com o mestre — Lucas se empertigou, vindo mais para a beira da cadeira.

Lena o observava também, parecia não saber como manusear garfo e faca.



Todos ficaram parados, imóveis, com a atenção toda em Lucas, inclusive clientes que estavam sentados próximo. E um mix de risadas explodiu no ar, quando ele cortou um pedaço do frango a passarinho, e a carne seguida do arroz e macarrão voou para fora do prato, sujando metade da mesa e parte do chão.

Felipe gargalhou alto, jogando a cabeça para trás. Lena deu uma estapeada no ombro dele, na tentativa de contê-lo, mas ela também não conseguia segurar o riso. Eu e Nita acabamos rindo, porém, mais comedidas, compadecidas pelo próprio Lucas.

— Já chega meninos. Vamos encerrar o show e comer, não foi para isso que viemos aqui? — Nita tentou amenizar a situação, em favor do próprio Lucas.

Ele ficou introspectivo, na dele.

— Acontece, Lucas. Quem nunca cometeu uma gafe dessas na vida? — Comentei, tentando ajudar, dar uma força também.

Felipe não parava de implicar; rindo, zombando.

Lena já se preparava para comer, pegando somente a colher e deixando o resto de lado.

Nita comia daquele jeito! Rápida, esfomeada, parecia que estava tomando sopa rala.

Encarei meu prato; estava muito cheio. Não iria dar conta de tanta comida. Chamei o atendente e pedi uma marmita vazia. Coloquei mais da metade dentro e tampei deixando ao lado, na beirada da mesa.

Comemos tudo. Esvaziamos jarras, limpamos os pratos, nos fartamos. Ao final Lena brincou.

— Se naquele hospital a comida fosse assim, eu não iria querer sair nunca mais dali. — Suspirou, sentindo-se cheia, recostando-se contra a cadeira.

— Eles fazem aquela lavagem que é justamente para os doentes saírem correndo.

— Você acredita mesmo nisso? — Perguntei para Nita, que se reclinou, segredando em meu ouvido:

— Claro!

Sorri, sacudindo a cabeça:

— Vamos descer? Olha só o mar nos convidando.

Todos olharam; as ondas corriam em direção à praia, morrendo na areia branca.

— Vamos meninos, me ajudem. Quero tomar banho de mar. — Lena levantou, auxiliada por sua muleta, mas voltou a sentar, reclamando:

— Meu Deus! Mal consigo ficar de pé. Por que eu fui comer tanto?

— Porque primeiro a gente come com a barriga, e depois com os olhos. Se não for assim não tem graça. — Rimos de Felipe, que contraía o rosto em uma careta também, passando a mão no estômago, empanturrado demais.

— Vamos relaxar um pouco, depois descemos. — Nita demandou.

— Enquanto vocês descansam, vou atrás de água de coco. Alguém vai querer?

Balançaram a cabeça, negando com veemência.

Sorri.

— Aqui não entra mais nada. Até o ar está entrando à força — Lucas se manifestou, desde sua cômica e desastrosa aula de etiqueta.

— Tudo bem, já volto.

Rumei em direção à tenda mais próxima, que vendia exclusivamente o que eu queria. Percebi, às minhas costas, os olhares quentes de Nita sobre mim. Olhei-a e confirmei minhas suspeitas. Dei uma piscadela e meu gesto foi retribuído na mesma hora. Senti um ligeiro rubor nas bochechas, quando ela se aplumou melhor na cadeira, pousando os cotovelos na borda da mesa, e pôs-se a me encarar com mais ênfase. Como se me desnudasse só com o olhar. Ao mesmo tempo, seus olhos brilhavam com ternura, cuidado, e algo perto de adoração. Sorri fácil para ela, que não retribuiu. Manteve os olhos estreitados, daquele jeito, misterioso, de quem queria dizer tudo e nada ao mesmo tempo.

Eu estava com um short confortável, bem tropical, por cima de um maiô azul. Metade dos meus cabelos presos para o alto, em uma mini presilha que cintilava no sol.

Ficamos trocando olhares, uma bem consciente da tensão boa que despertava na outra.

Mas, logo sua expressão se fechou, endureceu. Um homem alto; poste atlético e sorriso largo, se acercou me olhando de cima a baixo, puxando assunto, cheio de más intenções.

Fiquei logo tensa, nervosa. Olhei de relance para Nita; ela havia mudado a postura, ficou mais dura, rija, de olho no homem cuja altura chegava a dobrar debaixo da tenda.

— E aí, delícia? Está acompanhada? — Ele sondou os lados, como se buscasse pelo meu dono. Minha tensão aumentou. Eu não queria confusão, brigas, outro desastre como na vez passada, o dia em que Estéfan apanhara de Nita. Decidi deixar o coco ali mesmo e sair correndo, antes que o pior acontecesse.

Encarei o sujeito, bem bonito por sinal e, por último, mirei na direção de Nita. Ela permanecia rígida, pronta para atacar se fosse preciso. Ergui o rosto para o homem absurdamente alto, e apenas falei:

— Com licença.

Cedi dois passos, e no terceiro a mão forte dele atracou no meu braço, me travando na hora.

— Adoro gatinhas fujonas, sabia? Isso é algum truque para ficarem ainda mais atraentes e gostosas? — Sussurrou.

Senti a boca dele sondar meu pescoço e não foi necessário eu lutar com alguma força para escapar do seu assédio. Meu coração disparou assustado, quando Nita se aproximou e elevou o tom de voz:

— Deixa ela, babaca!

Ela me puxou para seu lado, sem deixar de encará-lo, desafiá-lo. Mirou em mim e depois nela. Intrigado, semicerrou os olhos, balbuciando:

— Vocês...são...?

— Sim. Ela está comigo. Quer fazer o favor de dar no pé?

Ele ergueu os braços malhados para o alto.

— Já entendi. Foi mal.— Apanhou o coco sob a tenda, e arriou os óculos do alto da cabeça para os olhos.

— Esse mundo está perdido mesmo. — Reclamou quando já caminhava a uma certa distância.

Nita fez menção de correr atrás, mas a detive, puxando-a pelo punho.

— Não estraga nosso dia. Deixa esse idiota pra lá.

Ela respirou fundo:

— Certo. Vamos descer. Quero dar um mergulho. E, — olhou-me nos olhos, seu olhar se abrandando — Sim, você tem razão, não vou estragar nada por causa de um imbecil idiota.

— Muito bem. — Entrelacei meu braço no seu. — Imbecil, idiota e escroto.

— Imbecil, idiota, escroto e filho da puta.

Rimos.

Caminhamos rápido, fugindo do calor, voltando para pegar os meninos.

Descemos para a praia com os pés livres, deixando pegadas fundas na areia. Lena, assim como a dupla de meninos, se animou à medida que se aproximava ainda do mar.

— Não sei nadar. — Confessou ela. Logo, Felipe também revelou.

— Eu também não.

Lucas então emendou:

— Eu sei!

Houve uma pausa de breve instantes e Felipe não aguentou.

— Nada tanto quanto sabe comer com talheres?

Lena sorriu, seguida do próprio Felipe.

— Vocês não vão estragar meu dia. Olhem e observem.

Paramos no meio de tudo, assistindo Lucas correr de encontro ao mar. Livrou-se da camisa e mergulhou para dentro das ondas, desaparecendo para o fundo.

— Cadê ele?

Ninguém respondeu à pergunta de Lena. Nita ficou séria, olhos fixos na direção do mar.

E quando ela abaixou o short, às pressas, para correr rumo às ondas, Lucas boiou na superfície, fazendo todos relaxarem os ombros e soltarem o ar, aliviados.

— Eu vou dar uns socos nele. Porque ele faz isso? — disse Felipe, bem mais tranquilo.

— Eu dou um e você dá outro. — Nita também disparou. — Vamos nos organizar naquela barraca, parece que ele está vindo.

E, ainda assim, ela não desgrudou os olhos de Lucas, até os pés dele firmarem na areia.

Ele chegou perto, juntando-se a nós; ela ralhou:

— Pensa que o mar é um prato de frango com macarrão e arroz?

— Avisei que sabia nadar.

— Também falou que sabia comer com talheres. — Felipe cutucou.

— Se eu te conheço bem, você ficou todo preocupadinho na hora em que mergulhei. — Lucas revidou.

— Eu? Está doido.

E, enquanto os dois ficavam de implicância, se alfinetando, Nita, Lena e eu nos acomodamos nas cadeiras, debaixo da barraca, protegidas do sol.

Tirei o chapéu para prender o cabelo, mas Nita interviu:

— Não prende. São lindos demais para ficarem presos.

— Está calor.

— Então vamos dar um mergulho. Só nós duas.

Na hora lembrei da hipoglicemia, da última vez que o mar quase me engoliu viva.

— Esqueci o glicosímetro de medir a glicose. Estou me sentindo bem, mas não sei se no minuto seguinte, continuarei assim. Só aquele copo de suco não vai ajudar. Preciso comer algo que contenha muito açúcar.

— Tipo aquilo ali? — Ela apontou para um vendedor ambulante, cercado por várias crianças, com uma vara enfeitada de algodão doce. Fiz uma careta na hora. Eu detestava aquilo.

— Prefiro que o mar me engula de novo — Despejei, ao que ela me recriminou, olhando-me com uma certa dureza.

— Vai comer sim. Ao menos um algodão doce eu posso comprar para você.

Levantou-se me deixando de boca aberta, pronta para protestar. Mas seria inútil, seus passos firmes, em direção ao vendedor, não recuavam nem que eu ajoelhasse em súplica.

— Que bonitinho!

Virei para a voz doce, de Lena, atrás dos meus cabelos.

— O quê?

— O homem vestido com aquele desenho que eu adorava.

Voltei à posição de frente e observei. O rapaz, de estatura baixa, estava personalizado com um macacão, roxo, dos teletubbies.

— Um teletubbie. — Sorri — Qual era seu favorito?

— A *Laa-Laa*. Eu adorava quando ela cantava. E era muito amiga de todos.

— É verdade, ela tinha um espírito maternal.

— E você? Tinha um preferido?

— Sim a *Po*. Era uma fofa. E boba também.

Sorrimos, curtindo a nostalgia. Depois ela decidiu andar um pouco, se juntar aos meninos. Apoiei, mas adverti que tomasse cuidado, por causa de sua perna em recuperação.

Voltei minha atenção para o vendedor, mas ele já se distanciava. Nita caminhava de volta, com um gigante algodão rosa na mão. Chegou perto e apontou a bomba calórica como uma arma em riste.

— Come tudo.

— É uma ordem?

— É.

Risonha, quase revirei os olhos, sem poder fazer nada.

— Só vou comer essa *coisa* porque não estou vendo nada doce por aqui.

— Quero tomar banho contigo, e se você não comer, não vou querer entrar no mar sozinha — ela se ajoelhou na areia, metendo-se entre minhas pernas, espalmando as mãos na minha coxa.

Sem poder evitar, parte do meu corpo arrepiou e latejou, quando a senti tão perto, numa posição que gritava um convite. Nita percebeu minha reação e exibiu um sorrisinho sacana. Beijou minha pele, bem acima do joelho. E repetiu o gesto na outra perna.

— Hoje você vai ser minha. — Ela sentenciou já me deixando excitada.

— Não vejo a hora. — Falei, sem desviar para nada que não fosse seu olhar.

Nita tinha esse poder. Apenas um toque seu, já fazia com que eu me sentisse nua, cheia de desejos. Abri mais as pernas e ela se encaixou, chegando mais perto do meu ventre, beijando minha

barriga por cima do maiô. Dei um suspiro trêmulo esticando o corpo para cima.

— Quero beijar muito essa barriguinha nua hoje.

— Só a barriguinha?

Ela sorriu, erguendo a sobrancelha para mim. Depois baixou os olhos para o centro das minhas pernas. E, discretamente, me abri um pouco mais. Nita mordeu o canto do lábio e apertou minha cintura. Todo o meu corpo entrou em clamor, exigindo sua boca em cada recôndito da minha pele.

E, então, Lena se aproximou devagar, seguida de Lucas também Felipe.

## 28 CAPÍTULO VINTE E OITO

NITA.

**A FARRA** estava garantida. Debaixo da barraca, Marcela e eu observávamos os meninos se divertirem. Corriam, trapaceavam, davam altas risadas. Lena se enturmou com uma dupla de meninas, quase da mesma idade que a sua. Estavam sentadas na sombra de uma outra barraca, erguendo estátuas de areia; conversavam e riam.

Lucas e Felipe jogavam bola com uma turma de garotos também. Concentrei-me na alegria dos três, na euforia de cada. As implicâncias de sempre, as risadas soltas, a boa energia e diversão, me deixou bobamente feliz, e me fez pensar que eu tinha feito a escolha certa. Na mesma hora, lembranças me levaram para a noite em que os conheci; sujos, desnutridos, fedidos, enfiados em um contêiner de lixo caindo aos pedaços, procurando restos de restos de comida para amenizar a fome. Comecei a comparar os dois momentos. Talvez nunca tivessem enchido a barriga como em instantes atrás. Talvez nunca tivessem se divertido como estavam fazendo. Senti uma paz, vindo de dentro pra fora, uma sensação de quase dever cumprido. O próximo passo era arranjar uma forma de frequentarem a escola. Disso eu não abria mão.

Olhei para a mulher linda ao meu lado, buscando a satisfação completa e, percebi que, embora seus olhos estivessem estendidos para além da amplitude do mar, eles não estavam ali. Navegavam para outra dimensão, outra planície desconhecida. Afastei os cabelos ruivos que o vento farfalhava com leveza, e toquei ternamente seu rosto.

— O que houve?

— Nada. Eu só estava esperando você terminar de babá suas crias.

— Eu estava dando essa mancada?

— Sim. — Sorriu. Depois virou-se para mim, pondo uma perna sobre a minha — Mas e daí? É bom amar, não é? É maravilhoso transcender amor.



Comprimi os olhos; seu rosto muito perto do meu.

— Acha que os amo?

— Eu tenho certeza. E me atrevo a dizer que dificilmente você conseguiria ficar longe desse trio. Demonstra seu amor e apego por eles da forma mais convincente. Por atitudes, gestos. Até quando está brigando, reclamando das implicâncias dos três, a gente vê seu amor, toda sua entrega.

— E o que acha disso?

— Que você é incrível! Não há outra palavra para te descrever, Nita. Tudo o que você fez e vem fazendo por esses garotos, ninguém mais faria. Talvez, alguém com um bom coração chegasse a oferecer uma noite de abrigo, ou uma refeição bem caprichada. Mas se doar em tempo integral, se entregar inteiramente para eles, se dispor... Dificilmente alguém faria, isso para não dizer impossível.

Lutei contra as lágrimas traiçoeiras, mas uma acabou deslizando, furtivamente, me fazendo perder toda a postura de durona. Marcela continuou:

— Eles te adoram — Ela acariciou meu rosto, enternecida — E seriam umas mulas se não o fizessem.

— Você é suspeita para falar. Está envolvida efetivamente comigo.

— Não. Estou te descrevendo como qualquer pessoa que reconhecesse o seu valor, e o que você vem fazendo, faria. Se eu fosse falar como sua... sua...

— Sua o quê?

— Não sei, diz você. O que somos? O que eu sou para você?

— Não sei se tem um nome pra nossa relação. Você é casada, e... mulher daquele...

Em um movimento rápido, Marcela sentou-se em meu colo, com as pernas abertas para os lados e espalmou as mãos no meu rosto.

— Acho que ficou muito claro na nossa transa, de quem eu sou mulher, não é? Olha o meu dedo.

Olhei. Ela não usava mais a aliança. Senti uma mescla de alívio e ternura, que acabou configurando em um sorriso feliz em meus lábios. Nossas narinas se roçaram, e o desejo entumeceu meu mamilo e esquentou meu sexo, quando senti seu hálito

misturado ao perfume dos seus cabelos que caíam em cachos perfeitos pelo contorno do rosto.

Agarrei sua cintura e a trouxe mais para mim, colando nossos seios e nossas bocas. Marcela deu-me um sorriso lento, uma premissa para me beijar.

Abri os lábios para receber os seus e nos reivindicamos, sem nos importar com quem estivesse por perto, ao redor. Era somente nós duas, o beijo e o sentimento arrebatador.

O ar faltou e nossos lábios se apartaram. Marcela me encarou com mais tesão, mais prazer; com um fogo lascivo no olhar, a boca inchada, carente por mais.

— É melhor darmos um mergulho. Ou vamos pegar fogo aqui.

Ao invés de rir, ela me beijou mais. Depois concordou, tentando controlar a respiração ofegante.

Avisamos que íamos nos distanciar, andar pela praia e que logo voltaríamos. Os meninos assentiram e voltaram ao lazer, às brincadeiras.

O sol das 16h:00 já não ardia como o das 12h:00. Andamos até a uma certa distância, o vento forte nos acompanhando, assoviando, desajustando os cabelos de Marcela, deixando-os ainda mais avolumados, cheios de cachos. Meus fios curtos e lisos, em corte quase channel, esvoaçavam por todo o meu rosto, no canto da boca, nos olhos; pareciam cola.

— Está ventando muito. Olha só isso! — Marcela falou, jogando mechas dos cabelos para trás. Mas o vento vinha em direção contrária, bagunçando tudo outra vez.

— Quer voltar?

— Claro que não! Está gostoso. Mas acho que vou amarrar.

Assenti e ela pegou uma presilha engatada no cós do seu short.

Pegou um punhado de cada lado e prendeu para o alto, deixando o resto dos cachos livres para trás.

— Ficou bom?

— Você ficaria bonita até careca.

Sorriu, mordiscando uma parte do lábio.

— Vamos continuar a caminhada.

— Vamos, mas antes tira o short.

— O quê? É uma ordem?

— Não. Jamais. Mas gostaria de ver você somente com o maiô.

Assentiu, fazendo um gesto com a cabeça, quase como uma reverência. Se desfez da peça e me entregou.

— Está bem assim, minha senhora?

Girou, estendendo os braços para os lados, mostrando o corpo curvilíneo. A bunda empinada, com marquinhos de estrias, e as coxas geneticamente grossas.

— Perfeita, amor!

Ela sorriu, muito bobamente, e demos as mãos.

Aproximamos da areia molhada, para refrescar nossos pés; as águas vinham e batiam, fazendo cócegas.

Meus dedos tatearam algo no meu bolso esquerdo, me fazendo recordar do nosso primeiro encontro. Aquele era o momento da verdade, perguntar de uma vez. Parei e ela fez o mesmo, ficando de frente para mim.

— O que foi?

— Gosta de joias com nomes grifados?

— Por quê? Quer me dar uma?

— Já teve alguma?

Seu rosto desviou ao encontro do vento; seus olhos se fecharam nostálgicos. Depois voltou-se para mim.

— Sim. Tive um colarzinho com meu nome grifado dentro de um pingente. Um presente da minha mãe. Mas Estéfan, em um momento de ego inflado, e raiva, arrancou do meu pescoço, porque viu um homem me paquerando. Ainda me acusou, dizendo que a culpa tinha sido minha, que eu estava dando mole para o tal sujeito.

Ergui a sobrancelha; senti vontade de praguejar o mala até a língua criar câimbras. Mas nada, nem mesmo mencionar o nome daquele imbecil, valia a pena. Não naquele momento.

— E seria esse aqui? — Levantei a joia na frente do seu rosto; Marcela arregalou os olhos, boquiaberta, as mãos comprimindo os lábios, sem conseguir disfarçar a surpresa.

— Co-como? Onde você achou...?

— Na lixeira — Respondi, colocando a joia em sua palma — Ficou encarando a peça delicada como se ainda não tivesse

acreditando que ela estava ali, ao alcance dos seus olhos.

— Quando achou? Meu Deus...

— No mesmo dia que nos conhecemos aqui, na praia. Eu estava procurando comida e achei.

Ela ergueu os olhos.

— Estava procurando comida na lixeira?

— Estava. E não precisa me olhar como se eu fosse um cachorro sem dono, largado no meio da chuva.

— Não tem como não ficar tocada, mexida, Nita. Acha normal?

— Claro que não. Mas não vamos falar disso. Não é um assunto agradável e, principalmente, não é um assunto que eu queira ter com você.

— Às vezes me trata como se eu fosse de cristal. Ou como se eu fosse uma princesa que tivesse crescido em uma torre, longe de tudo e todos, imune às coisas ruins ou qualquer tipo de maldade.

Era verdade. Marcela não estava errada. Apesar de eu ver que ela era uma mulher adulta e que, possivelmente, já tivesse vivido e visto muitas coisas ruins, eu procurava poupá-la das coisas. Como se ela fosse um cristal, como bem dissera.

Peguei o cordão de sua mão e a virei de costas para mim.

— Vou colocar no lugar de onde não deveria ter saído nunca.

— Tive certeza que ela não sorriu, mesmo com a bela vista do mar toda para si. E desconfiei que não fosse deixar o assunto de lado. Virou-se, pegando no pingente.

— Não me trata como uma menininha indefesa! Posso não ter vivido as experiências que você viveu, mas não sou tola, sensível ao extremo que acha que eu seja. Quero que nossa relação chegue a um nível em que você me conte tudo. Quero ser sua ouvinte, sua confidente, sua amiga, sua mulher.

— Vamos com calma, *ta* bom? Um dia de cada vez. Vamos aproveitar o que tem para hoje. Olha esse cenário — Estendi o braço, girando numa meia volta, mostrando a paisagem paradisíaca à nossa disposição.

Marcela acompanhou meus movimentos, estendendo os olhos, volteando o corpo também.

— Eu poderia viver aqui para sempre. Montar uma casinha à beira-mar e desfrutar desse cheiro, do céu aberto, dessa arte

incrível que Deus fez e pintou.

Ela me olhava; embora não tivesse dito uma só palavra, seus olhos concordavam com tudo; as íris brilhavam mais azuis que o céu sobre nós.

— Não esquece do que eu falei. — Ela insistiu.

— Não esquecerei. — Pisquei e ela assentiu com um sorriso.

Continuamos o passeio, recebendo o vento forte, que cantava intermitente nos ouvidos, bagunçando nossos cabelos, empolando nossa pele.

Em uma determinada parte da praia, relativamente longe de tudo, paramos e sentamos. Marcela recostou no meu ombro; as águas quase alcançando nossos pés.

— Quero investigar sobre essa possível irmã que eu tenho. Essa história não sai da minha cabeça. Estou inquieta, até já sonhei com isso.

Respirei fundo, estendendo a vista para o mar, que corria em ondas mansas, vindo em nossa direção.

— Voltei ao hospital duas vezes essa semana.

— O quê? Por que não me disse nada? — Marcela me encarou e deduzi que ficara chateada.

— Não queria te causar expectativas. Eu sabia que ficaria ansiosa.

— De novo querendo me poupar. Eu espero que tenha levado a sério meu pedido.

Afastou-se um pouco, o suficiente para me castigar e eu sentir falta do seu contato, seu toque.

— Levei tão a sério que estou te contando.

Olhou-me de esguelha, erguendo a sobrancelha ruiva, sondando:

— O que descobriu?

— Que ela tem 24 anos e é do mês de julho.

— Dia 22?

— Não, 23.

— O quê? Como assim? Eu nasci no Dia 22 do mês sete. Então...

— Então... quer dizer que ela nasceu depois das 00h00. Embora não seja comum entre nascimentos de gêmeos, há casos

parecidos. Então existe, acontece.

Com os olhos emocionados, ela assentiu, gaguejando:

— Si-sim. E o que mais descobriu?

— Somente isso. A recepcionista, não quis me dar detalhes. Mesmo eu jogando todo o meu charme.

— Oi?

— Pois é.

— Não me faz querer te afogar nesse mar.

Sorri, montando em cima dela, abraçando-a forte. Ela escapuliu, caindo de joelhos na areia encharcada; aparou um punhado de água, na concha das mãos, e lançou em minha direção. Ainda tentei escapar, engatinhando para longe, mas os respingos gelados conseguiram me alcançar.

Esparramei o corpo na parte enxuta e fui surpreendida por uma crise de risos.

— Idiota. — Marcela xingou, demonstrando uma falsa raiva.

Olhei-a, ela tentava suprimir o riso, sentada no mesmo lugar. Arrastei-me e aproximei novamente; meus lábios ainda curvados em um leve riso.

— Que loucura foi essa?

— Você ainda não viu nada.

— Ah, é? — Provoquei, ao que ela me deu um empurrão.

— Brinca, e você verá.

Forcei um abraço e ela, aos poucos, foi cedendo, consentindo. Adorei seu ciúme bobo, e a amei ainda mais por isso. Afastei de vez o semblante risonho e, por um breve instante, ficamos apenas ouvindo o canto do mar.

Após a ressaca, extasiante, escutando o ressoar das ondas, indaguei.

— Está pensando nela?

— Sim. Quero encontrá-la. Quero muito encontrá-la.

— Eu sei. Podemos ir na segunda. O que acha?

Concordou, muito animada:

— Você disse que ela estava grávida.

— Sim. E talvez até já tenha dado à luz.

— Então eu tenho um sobrinho? — Indagou-se, a emoção mostrando um sorriso abobado em sua boca.

— Ou sobrinha — Especulei.

Ela sorriu mais. Quando desviou os olhos risonhos, parecia até fantasiar o encontro com sua possível irmã e sobrinho.

— É melhor a gente voltar. Já, já vai escurecer, e o clima vai ficar mais frio, ventoso. E os meninos estão nos esperando. Vamos?

— E aquela ideia de ficar morando aqui para sempre? — Questionou. — Fazer uma casinha à beira mar, desfrutar disso tudo 24 horas?

— Você quer? — Puxei-a pela cintura, atraindo nossos lábios como ímã e metal. — Posso ir agora mesmo atrás de palhas e paus, e armar uma maloca.

— Eu quero. — Sorriu. — Mas antes, vamos aproveitar que o vento cessou e a maré está fraca e dar um mergulho.

— Quer tomar banho?

Assentiu, relando suavemente o nariz no meu. E quando foi tentar me beijar, a peguei no colo e corri, jogando-a no mar.

— Como você tem coragem de fazer isso? — Gritou, entre uma respirada e outra, boiando nas águas.

Comecei a rir novamente. Marcela lutava para me pegar, em vão. Eu era muito mais veloz, nadava muito mais rápido, fugindo dela. Ficou furiosa, tentava me acertar com a água, estapeando em minha direção, e eu simplesmente não conseguia parar de rir. Há muito tempo eu não sabia o que era uma crise de risos, e Marcela conseguiu o feito por duas vezes, em um intervalo menor que trinta minutos, com sua fúria disfarçada de amor e paixão.

Depois disso, ela mergulhou para o fundo, desaparecendo da minha vista. Meu riso travou no rosto, lembrando-me da noite em que me deixou agoniada, desesperada quando desmaiou no mar, bem na minha frente.

— Ei? De novo não, Marcela.

E tudo, absolutamente tudo, ficou em silêncio. Até o chacoalhar das águas se aquietaram, também cheias de suspense e mistério.

— Marcela? Ei? Para, não tem graça.

Ela não respondeu, tampouco apareceu.

— Aparece! Vi quando mergulhou por livre e espontânea vontade.

*Mas...e se de repente passasse mal lá em baixo?*

— Merda!

Mergulhei, induzida pelo medo crescente. Quando desci a uma certa fundura, a enxerguei voltando. Parei, assistindo os cabelos ruivos se esparramarem ondeantes nas águas, como se tivessem vida própria. Pareciam ainda mais ruivos contrastando com a cor oceânica. Continuei parada, em movimento, observando. Tudo o que eu queria era registrar aquele momento, aquela imagem, tirar uma foto. Num repente, ela abriu um sorriso lindo quando chegou mais perto; minúsculas borbulhas saíam de sua boca. Desejei ficar mais tempo ali, com ela, ser um peixe e poder respirar dentro d'água. Marcela apontou para cima, e depois fez uma mímica, insinuando que estava com pouco ar. Apressou-se e a segui.

Seu corpo cortou a superfície com tudo; a boca se abrindo, desesperada por ar. Eu tinha boiado segundos antes para ampará-la.

— Tudo bem? Consegue trabalhar bem as pernas?

Assentiu, sem conseguir falar, se agarrando a mim. Depois, imprimindo uma voz de vitória, ciciou ao meu ouvido.

— Como se sentiu dessa vez?

— Vai ter troco.

Soltou o riso, esbaforida, passando o braço pelo meu pescoço.

— Fez aula de apneia? — Perguntei, curiosa.

— Meu pai era um ótimo nadador — Confessou — Passava mais tempo no mar do que na terra, com minha mãe.

— *Wow!* Que *massa*.

— Morreram em um acidente de lancha.

— Ai, droga. Sinto muito.

— Eu também. Vamos, parece que vai me dar câimbras.

Ela nadou para a borda e eu a segui, cuidadosa, grudada nela.

Esparramamos na areia, uma colada na outra. Marcela respirava de modo descompassado, mirando o alto do céu que começava a escurecer.

— Agora sim, podemos ir. — Ela disse virando-se de conchinha.

— Não é melhor descansar mais um pouco? Ainda está recuperando o fôlego.



Voltou a encarar o céu, concordando comigo.

— Está bem. Só mais um pouco. Faz tempo que não nado assim.

Os segundos e os minutos passaram e acabamos voltando para a multidão. E como eu suspeitava, os meninos pareciam não ter sentido nossa ausência. Ainda brincavam, se divertiam, aglomerados entre o fluxo de pessoas.

Levei um tremendo susto quando vi Lena toda molhada vindo até a gente.

— Entrou no mar?

— Sim. *Lipe* e Lucas me ajudaram. Tiveram o maior cuidado, não precisa se preocupar. Ajudaram até demais. — Revirou os olhos — Fiquei aborrecida, não me deixaram sozinha na água um minuto sequer.

— Mas fizeram o certo, Lena. Você não está bem de uma perna. E não faz ideia da força que o mar tem. Qualquer vacilo ou distração, ele te leva para o fundo.

Ela ficou um pouco assustada:

— Ah, não. Eu amo o mar, mas prefiro ficar aqui com vocês.

Marcela riu.

— Vamos? A noite está chegando, e temos que descansar para amanhã. Eu e aqueles dois implicantes sairemos cedo.

— E eu?

— Você? Ah, claro. Você vai também. Vai ficar no meio do sol quente, vendendo balas de muletas. E se quiser pode alternar comigo no malabarismo.

Ela encarou Marcela e depois a mim. Fiquei séria, observando sua reação.

— Fechou! Estaremos bem cedo no farol então.

— Palhaça!

Deixei as duas rindo e me apressei para chamar Felipe e Lucas, que relutaram em ir embora, deixar os colegas de futebol.

— Vamos voltar, não vamos?

— Claro que sim. E muitas vezes! Essa é só a primeira de muitas.

Balançaram a cabeça, animados, jogando o braço por cima dos meus ombros. Um de cada lado.

Voltamos para casa ao som de Jorge e Mateus. Os meninos cantavam em coral, felizes da vida, mas as vozes era um completo desastre. Mal sabiam a letra da canção. Olhei para Marcela; ela estava feliz também. Percebeu minha olhadela e sorriu da forma que eu mais gostava. Sorriso inteiro, amplo, exibido numa curva perfeita. Relaxei, sem pensar no amanhã, muito feliz. Virei o rosto e elevei os pensamentos, agradecendo por aquele dia, por aquela mulher, por aquela nova chance, mesmo sentindo o medo querendo apertar, gritar mais alto, por vezes.

## 29 CAPÍTULO VINTE E NOVE

MARCELA.

**TRAJADA** em roupas formais, encarei o espelho, enorme, laqueado na parede. Procurei algum feitiço da Marcela de um mês atrás, refletida em todo aquele garbo e elegância e não vi nada. Sentia-me outra mulher! Ali, enxerguei outro olhar, outras nuances. Mesmo tensa e nervosa para a primeira audiência de Estéfan, eu estava tranquila e muito convicta quanto ao que seria nossa relação dali para frente.

Dei mais uma ajeitada no cabelo, bem firme, preso em um rabo-de-cavalo, e abotoei o único botão no blazer. Fiquei na dúvida se a saia lápis estava curta demais para a ocasião, ou se era apenas má impressão minha. Por vias das dúvidas, decidi trocar por outra mais longa, mas antes de alcançar a alça do guarda-roupa, minha sogra interrompeu, adentrando pela porta recostada. Deu-me uma visualizada completa e, mesmo nervosa, sorriu com ternura.

— Está linda, filha. Parece uma advogada.

Sorri do seu comentário:

— Ficou muito curta?

— Está no limite. O caimento desse conjunto ficou muito bom em você. Essa cor ferrugem está perfeita.

— Gostou mesmo?

Ela anuiu, passando os olhos mais uma vez, de cima a baixo. Senti menos insegurança.

— Muito nervosa?

— Sim, filha. Está nítido, não é?

— Sim. Mas é normal, a senhora é mãe.

— Rezei tanto essa madrugada — Ela confessou, afundando-se na borda da cama — Que Deus, nosso pai, o ajude, mesmo que não mereça.

Agachei de lado e segurei sua mão, trazendo para o calor do meu peito.

— Os pais sempre acabam cedendo, ajudando os filhos, mesmo que suas ações não tenham sido de bom grado, mesmo que

estes tenham os decepcionados.

Ela pestanejou e baixou o olhar, sorrindo com pouca vontade.

— É verdade, filha.

— Com Deus também é assim, nos ajuda mesmo que não mereçamos. Com seu filho pode acontecer o mesmo, tenha fé. A súplica que mais toca o coração dEle é o de uma mãe aflita, desesperada.

Olhou-me, meio impressionada, admirada. Falei mais.

— A doutora Mônica vem trabalhando com muita dedicação e, embora seja um dos primeiros casos dela, confio bastante em seu trabalho e preparo; acredito que esteja colocando todo o seu empenho e seus conhecimentos.

— Tem razão, filha. Vamos confiar. Está quase na hora, vamos? Não quero atrasar.

— Vamos. — Peguei minha bolsa e deixamos o quarto.

O trânsito, como sempre, estava um caos, o fluxo esquentando tudo. O ar condicionado tinha dado problema; fiquei tão atolada, cheia de coisas para dar conta, resolver, nas duas últimas semanas, que mal tive tempo para mandar consertar.

Abri todas as janelas; o pouco vento que circulava, amenizava o calor, reduzia um pouco todo aquele desconforto torrante.

— Essa quinta-feira está com cara de feriado. Parece que todo mundo resolveu sair de casa para curtir praias e balneários. — Dona Rebeca reclamou, abanando-se com uma toalha de rosto.

Olhei-a e, todas aquelas reclamações, era, na verdade, nervosismo; a espera das próximas horas. Não tinha nada a ver com o engarrafamento. Já havíamos passado diversas vezes pela mesma situação e ela quase nunca falava nada, pelo contrário; sempre aproveitava o momento para papear com o motorista ao lado.

— Acho que a senhora está mesmo é nervosa.

— Um pouco.

Encarei-a; ela me olhou em seguida.

— Está bem, estou *MUITO* nervosa — agonizou-se — Com os nervos a flor da pele, a garganta seca, tremendo por dentro filha.

Não consegui reprimir o riso. Demos uma pequena pausa, mas depois resolvi falar, quebrar um pouco daquela tensão.

— Como estará o humor dele?

— Espero que menos agressivo do que das últimas vezes.

Meneei a cabeça, sucintamente. O trânsito abriu espaço e coloquei o velocímetro para correr. Em pouco mais de 15 minutos, já estávamos na defensoria do MPF.

Na antessala, a doutora Mônica já estava a posta. Ergui o rosto para cumprimentá-la. Dessa vez ela parecia mais alta, montada em um conjunto elegante, bem formal, e saltos agulhas que me deixou quase na altura da sua cintura. Como de praxe, carregava uma pequena mala em mãos.

Toda simpática, e profissional, retribuiu o cumprimento e depois saudou dona Rebeca.

— E meu filho, doutora? Já viu ele? — Minha sogra perguntou logo, sem poder esconder a ansiedade.

— Hoje não nos falamos. Conversamos ontem, pela parte da tarde. Deixei algumas orientações, expliquei tudo corretamente. Estava muito nervoso, ansioso. Nesse momento, já deve estar a caminho com o delegado.

Fiquei escutando, atenta. A doutora comentou mais; repassou algumas coisas, esclareceu outras, deixando minha sogra ainda mais nervosa que, depois de ter escutado tudo, procurou um assento e tentou se acalmar.

Aproveitei e puxei a doutora Mônica para um canto da sala, longe dos ouvidos de dona Rebeca.

E, quando abri a boca para falar, a porta à nossa frente se abriu, revelando Estéfán algemado, ladeado por dois policiais e mais outro senhor às suas costas, que julguei ser o delegado.

Dona Rebeca pulou rápido, do assento, agarrando-se ao pescoço do filho, gesto que ele reprovou na hora, tratando logo de apartá-la com pressa e rispidez.

— Está tudo bem, filho?

— O que a senhora acha, mãe?

Encarei-o séria, com escrutínio. Ele não tinha mudado nada. Os mesmos modos ríspidos de sempre; o olhar intimidador, a expressão desaforada, fazendo pouca questão e dando pouco valor para quem sempre estava ao seu lado.

Seu olhar bateu em mim, de maneira desafiadora; dura! Como se me culpasse por algo. Depois o mesmo olhar suavizou, resvalando com lentidão por todo o meu corpo. Sua feição mudou imediatamente, tornando-se libertina, devassa. Senti-me como se estivesse nua, arreganhada. Aquela sensação horrível me enojou, me deixou cheia de asco. Desviei o olhar, imediatamente, procurando concentrar em um ponto qualquer. Senti arrepios sinistros subindo pela minha espinha; me abracei, o máximo que pude, espremendo a amarga sensação.

Minha última conversa com Estéfan, se resumiu em ameaças e puxões de cabelo. Não fosse pela intervenção do guarda, ele teria me agredido sem dó, me violentado na sala íntima, na cadeia. Ficou completamente insano, descompensado quando neguei sexo, e mais ainda quando mencionei o divórcio. Não contei nada para dona Rebeca, e menos ainda para Nita. Só falei parte da verdade, quando estivemos na praia.

A doutora Mônica se aproximou dele e eu fiz o contrário, me distanciei para o mais longe possível naquela antessala, me poupando. Ela falava algo que não dava para escutar. Ele assentia o tempo todo, sempre focado em mim, seu olhar obcecado no meu corpo. Incomodada com seus olhares, saí para respirar, tomar ar; me sentir livre da energia ruim que sua presença emanava. Abri os braços sobre o corrimão do corredor e meus pensamentos se encheram de Nita, de nós duas juntas, nossos momentos bons, cada vez mais íntimos e cúmplices. Lamentei não tê-la por perto, ali, do meu lado. Eu iria me sentir mais segura e corajosa se estivesse comigo.

Relaxe um pouco, me preparando para encarar meu marido de novo, bater de frente, cortar cada uma de suas intenções veladas.

Quando me dirigi à porta, para entrar novamente, uma mulher muito bela, com roupas justas nos quadris, chamou minha atenção. Ela estava acompanhada de um advogado e mais duas pessoas; um homem e uma mulher.

Pararam na minha frente, a centímetros da porta.

— Vai entrar, senhora?

— Sim. — Respon-di ao advogado magro, franzino; parecia ter algum tipo de *tique* nos olhos por trás das lentes grossas de alto grau.

Tímido, ele estendeu a mão para o lado, em um gesto de gentileza, e girei a maçaneta.

Entrei e eles me seguiram.

Quando a mulher bonita e curvilínea enxergou Estéfan, partiu com tudo pra cima dele, numa clara tentativa de agredi-lo.

A ação impulsiva, da dona, me sobressaltou.

A mulher praguejava Estéfan sem parar, gritando insolências e palavrões. Os dois policiais presentes contiveram a situação, puxando-a de cima dele.

A desconhecida era a vítima de Estéfan, a que ele espancou, deixara toda marcada, quase morta. Após essa constatação, fiquei ainda mais envergonhada de ser esposa de um crápula agressor. Fui tomada por um desejo de sumir dali, correr para bem longe, para os braços de Nita; rir das piadas do Lucas, de sua implicância com Felipe, e ouvir os galanteios de Lena. Era com aquela turma que desejei estar naquele momento.

Tirando-me do transe de horror e decepção, o delegado esbravejou em alto som, calando a voz de todos. O alvoroço cessou, e os ânimos se aquietaram; cada um no seu assento.

Evitei cruzar com os olhares de Estéfan. Eu tinha certeza que seus olhos estavam me queimando.

O tempo, os minutos, pareciam não passar. Ninguém entrava e ninguém saía da sala de audiência.

Fomos informados que o juiz atrasaria em mais alguns instantes.

*Era só o que faltava!*

Tudo o que eu não queria: ter que ficar à mercê dos olhares indesejáveis do meu próprio marido. Só de imaginar que ele faria tentativas de me tomar à força, outra vez, caso ganhasse a liberdade provisória, já me via em pânico, como uma formiga diante da pata de um elefante-mor.

Suspirei, afastando aqueles pensamentos que não ajudavam em nada.

Logo, a porta discreta, que levava a outro compartimento, se abriu, revelando um homem de terno cinza.

Minha visão periférica buscou por Estéfan; ele ficou nervoso, tensionado, juntamente com Dona Rebeca. Em contrapartida, a vítima se adiantou, levantando-se afoita quando o homem parado na soleira chamou por seu nome. Logo em seguida, Estéfan entrou; a doutora Mônica e o advogado franzino também.

Seria colhido primeiro o depoimento da vítima, e depois suas testemunhas. E, por último, seria a vez do meu marido ser ouvido. Ele estava em desvantagens, pois não havia testemunhas a seu favor.

O ambiente ficou mais leve sem sua presença. Aproximei de dona Rebeca para tentar acalmá-la; ficou mais nervosa depois que o filho entrou.

— Quer um copo d'água?

— Por favor, filha.

Assenti e fui pegar. Voltei e percebi que ela estava pior. Entornou o copo com tudo na boca, engolindo o líquido sem pausa.

— Será que vão demorar muito? — Indagou, preocupada, batendo os pés contra o piso.

— Não sei. É possível que sim.

— Parece que vou ter uma taquicardia. — Confessou, esfregando as mãos sobre o colo.

Não pude fazer nada, além de tentar tranquilizá-la, ficar por perto.

Os policiais ficaram de guarda, cada um posicionados ao lado da porta; sérios, expressões fechadas.

O tempo foi se arrastando e, com ele, toda a tranquilidade de dona Rebeca também. Eu não sabia mais o que fazer, o que falar, para tentar amenizar seu *tique* nervoso.

As testemunhas da vítima já tinham sido ouvidas. Estéfan estava falando no momento. A última seria eu. Não vi muito sentido em depor, já que eu não estava no momento da agressão, mas a doutora Mônica afirmou que meu depoimento era de suma importância, por eu ser sua esposa, por termos um elo conjugal. E, assim, poder afirmar que nunca havia sido agredida fisicamente por Estéfan.



Eu fui interrogada, sondada de todas as formas e, por alguns momentos, me vi obrigada a olhar nos olhos de Estéfan, foi inevitável. Estava frente a frente comigo, sentado no outro lado da mesa, olhos cravados nos meus. A ameaça estava ali, em cada movimento do seu olhar. Senti um profundo desconforto e uma dor na consciência, por ter que defendê-lo, pintar diante de uma autoridade máxima o marido que nunca foi, e que nunca seria.

Tive vontade de gritar, desmascará-lo, dizer que, sim, tinha o instinto agressivo e que embora nunca tivesse me agredido fisicamente, fora abusivo e agressivo verbalmente, com palavras e ameaças explícitas. E que, por várias vezes, estive a ponto de passar pelo mesmo que sua vítima. Minha confissão certamente o prejudicaria, reduzindo as chances de ele sair na primeira audiência.

Pensei em dona Rebeca. Ela não merecia passar por esse tormento. Era por ela que eu estava ali, ocultando a verdade, mesmo eu sabendo que ele poderia tentar fazer da minha vida, com Nita, um inferno quando soubesse a verdade.

Terminei de depor e saí da sala, juntando-me aos demais. Ficaram somente o advogado da vítima, a doutora Mônica e Estéfan. Logo, seriam apresentadas as alegações finais de ambas as partes.

Sentei ao lado de dona Rebeca, e ficamos esperando a sentença final. O silêncio se manifestou de forma incômoda e fúnebre. Meu olhar cruzou com o da mulher, vítima da agressão, e por um breve momento me atrevi a decifrá-los. Eram tristes e ao mesmo tempo duros, inflexíveis. Apesar do corpo suntuoso, bem dividido em curvas generosas e atrativas, tinha um olhar infeliz, penoso; seu interior destoava do belo corpo que exibia. Não desviei. E, por um momento, achei que ela viria até mim, mas não o fez. Então resolvi fazê-lo.

Afastei, com cuidado, a têmpora da minha sogra repousada em meu ombro e atravessei o espaço que me separava da linda mulher.

Ela se afastou, arisca, quando percebeu que eu me sentaria ao seu lado. Ofereci um meio sorriso forçado; como um aviso de paz. Ela não retribuiu. Ficou séria, olhos varrendo os meus. Mantive a postura ereta, quase na beira do assento, virada para ela.

— Sou a esposa dele.

Ela arqueou a sobancelha, muitíssimo bem feita, sem pestanejar.

— Eu sei.

— Sinto muito por você.

Ficou muda; os olhos desconfiados não deixavam os meus. Depois comentou:

— Como mulher desse canalha, você deve ter apanhado muito, não é? Mas aposto que veio aqui defender esse cachorro, assim como a maioria faz.

Ficou difícil argumentar diante de suas palavras cheias de raiva e mágoa. Ela tinha razão. Eu estava ali para defendê-lo, mas não por razões aparentemente óbvias.

— Acredita se eu disser que nunca fui agredida fisicamente por ele?

Ela entortou a boca em um riso gutural de escárnio e gozação. Depois se ajeitou melhor na cadeira, fulminando-me.

— Espera realmente que eu acredite? — Criticou — Mulheres como você, que gostam de apanhar de vagabundos como esse tipo, merecem padecer nessa vidinha medíocre.

Soltei o ar para replicar, mas a porta da sala de audiência se abriu fazendo com que todos se levantassem.

Estéfan cortou a sala, gritando, girando afoito, comemorando. Chegou perto da mulher ao meu lado, e em um tom quase confidencial, tripudiou.

— Perdeu, vadia! Perdeu!

E voltou para o centro do espaço, desta vez, recebendo o abraço de dona Rebeca, que vibrava feliz, dando-se conta que o filho estava livre. Havia conseguido a liberdade provisória, e iria responder as outras audiências em liberdade.

Sua euforia não atraiu nem um traço de alegria ou alívio na minha feição. Pelo contrário; fiquei travada, meus olhos arderam querendo marejar, mas empurrei as emoções de derrota para bem longe. Senti no âmago do meu ser, que aquela felicidade de Estéfan, era como uma faca, abrindo fendas e lacunas que ainda me levariam a muito sofrimento e lágrimas.

A vítima ao meu lado não disse uma só palavra, reagiu como eu, travou em pé, em cima dos saltos altíssimos. Ela observava a vitória de Estéfan com os olhos lampejando de ódio, indignação total. Ainda vi uma lágrima escorrer por seu rosto, antes de ela se virar para mim e desejar um “Boa Sorte” seco e sair em disparada.

Seu braço ainda resvalou no meu ombro, com a pressa raivosa com a qual deixou a sala. Suas duas testemunhas saíram logo atrás, deixando o ambiente mais vazio.

Lamentei por ela, e também por mim. Pensei em Nita, em nós. Agora era vida real, era luta. Era o momento de conhecer a força do nosso amor. Temi não conseguir resistir, ceder à velha Marcela.

## 30 CAPÍTULO TRINTA

NITA.

— **O QUE** está acontecendo, Nita? Já errou três vezes com as bolinhas e os bastões em apenas duas paradas. Você nunca erra — Lucas se aproximou quando me viu sentar no chão do meio-fio, na sombra de uma arborização.

— Estou paranoica.

— É hoje, não é? — Ele sentou ao meu lado e estendeu a vista para a lentidão do trânsito.

— É. — Tomei um gole de água, na garrafinha sem rótulo; a sede estava me matando.

— Fica tranquila, Marcela é louca por você.

— Não é isso, cara.

Encarou-me. Não foi necessário eu olhá-lo para deduzi que sua expressão estava franzida.

— E é o quê então?

— Tudo! Se aquele imbecil tentar encostar nela, eu esfolo ele vivo e dou de petisco para as carniças.

Lucas riu.

— Tenho certeza que ele tentou forçar a barra no dia em que ela foi fazer aquela maldita visita na cadeia. Na quarta, lembra? Ela não me contou, mas saquei que estava me escondendo algo. Não sou boba! — Bebi mais da água e ouvi Lucas comentar.

— Se ela não contou é porque você é esquentada. Deve ter ficado amedrontada, ou algo do tipo.

— É, eu sei. Mas ficar me escondendo as coisas não vai ajudar e nem resolver nada.

Lucas ia falar, mas foi interrompido por Lena, que se jogou ao lado dele quebrando a tensão da conversa, sorrindo animada, trazendo novidades.

— Vocês viram?

— O quê mascotinha?

— Olhem. — Ela estendeu um folheto para o amigo, que se interessou, lendo tudo com atenção:

— Eu quero ir, aqui diz que vai ter competição.

— O que estão fofocando dessa vez? Não é hora de descansar.— Felipe jogou-se ao meu lado, o rosto pingando de suor. Ainda faltava menos de uma hora para às 12h:00.

— Vamos nos preparar, Magrelo. Olha isso, vai ser tipo um campeonato. — Lucas mostrou o folheto para o parceiro, que também leu com atenção. Foi logo falando:

— Tô dentro.

Neguei com a cabeça, puxando o papel das mãos de Felipe. Dei uma olhada rápida; era um anúncio sobre uma apresentação de grupos de luta ao ar livre. O papel informava a data e a hora, bem como o local também. Tudo estava em cima da hora. Seria no dia seguinte, e não tinha como prepará-los direito.

— Estão loucos se acham que vão participar disso aqui. Vão lutar somente pessoas preparadas, que treinam horas por dia. Vocês dois mal sabem dar uma rasteira. Não vamos!

Bufaram, irritados. Lucas principalmente. Mas acabaram entendendo, me dando razão.

— Podemos ir assistir pelo menos?

Pensei um pouco. Não estava com ânimo para passeios, andanças. Além do cansaço físico que foram as duas semanas, intercalando entre a luta no farol e apresentações como estátuas vivas, ainda tinha o fato de que, a essas alturas, Marcela poderia estar em casa com o marido. Só de conviver com essa realidade, eu já ficava alterada, sem cabeça para mais nada. Eu só queria descansar ao final do dia, e esperar que ela me procurasse.

Antes que eu viesse a dar qualquer resposta, Lucas se antecipou.

— Se não quiser ir, eu e Felipe vamos sozinhos. Não tem problema, sabemos onde fica esse endereço. Dá para ir tranquilo a pé.

Olhei para um, depois para o outro; algo me dizendo que não dava para confiar nos dois juntos. *Sozinhos*. Senti-me quase na obrigação de acompanhá-los. Também levei em conta, o fato de estarem há duas semanas trabalhando direto, sem pausas para diversões, um pouco de lazer.

— Certo. Iremos assistir as apresentações. Somente assistir!

Ambos se tocaram, com um gesto de punho fechado, comemorando alegres. Não consegui ficar feliz como eles. Estava tensa demais, querendo saber o resultado da audiência. Marcela havia dito que tinha grandes chances do infeliz sair logo de primeira, e responder todo o processo em liberdade.

Desejei que ficasse mofando na cadeia até o dia do julgamento final. Mas não dava para contar com a justiça, vexatória, de um país que sempre deixou muito a desejar em tudo.

— Nita, vamos comer? Estou com fome.

Escutei a voz doce de Lena, ao lado de Lucas. Ela ainda não estava cem por cento bem da perna, andava devagar, com bastante cuidado. Recusou-se a ficar em casa, era seu primeiro dia nas ruas desde o acidente.

Não deixei que trabalhasse em nem um momento, limitou-se a ficar apenas debaixo das sombras, nos observando.

— Podem ir atrás de alguma coisa para comer, meninos. Estou sem fome. Enquanto isso, vou fazer mais malabarismo, ocupar a cabeça.

E, antes que um dos três interpelasse algo, levantei quase que em um pulo e me aglomerei entre os carros. O sol estava tinindo, torrando tudo.

Tentei focar nas bolinhas, manuseá-las com graças, no ar, sem desviar o pensamento para longe, manter o foco.

Deu uma. Duas. Três horas. E a sensação que me engolfou, foi de que o tempo estava parado, ou se arrastava lentamente.

Lena me chamou ao longe, fazendo um gesto insistente com a mão.

Eu já estava com os braços doloridos, de tanto jogar bastões, intercalando com as bolinhas; para cima e entre as pernas. Dei uma pausa, o suor encharcando toda a minha blusa, meu rosto serenava, pingava.

— O que foi? — Perguntei, me jogando em qualquer lugar, no meio fio.

— Você disse que quando eu estivesse andando sem muletas, nas ruas, iríamos ver o Bob. Podemos ir hoje?

— Por isso insistiu tanto em vir?

— Sim.— retraiu-se.— Mas também já estava cansada de ficar o tempo todo naquela cama, e quando não, olhando para seu Camilo, sentado naquela cadeira, sem me enxergar direito.

Tive vontade de rir, mas, por algum motivo, não o fiz.

— Se formos, temos que ir agora. Você consegue andar até lá?

— Acho que sim. E se eu cansar, podemos parar para descansar um pouco.

— Lena — Virei para ela, para uma conversa séria.— Vamos só tentar vê-lo. Ainda não falei com dona Creuza sobre levar Bob para ficar com a gente, nem sei se pode, se ela vai deixar.

Ela deu um sorriso sagaz, mordendo o canto do lábio de forma travessa.

— Falei com ela durante todos esses dias sobre poder ou não levar cachorros para lá.

Escrutinei os olhos, tentando sondar se estava falando sério.

— E o que ela disse?

— Que pode, desde que ele não faça bagunça pela área e nem perturbe com latidos. E que fique tudo muito limpo, sem cocô e mau cheiro de xixi.

Que *danada!*

Sacudi a cabeça, sem saber o que fazer. Eu também estava com saudades do Bob, e Lena não parava de falar nele desde que deixara o hospital. Todos os dias pedia para ir vê-lo, saber notícias.

— Certo. Vamos até lá.

— E...?

E mais nada, mocinha. Vamos primeiro saber como está a situação dele. Se poderá vir a pé com a gente ou não. E se não for possível...

— Podemos pedir para Marcela buscar no carro dela. E pode ser hoje.

*Marcela...*

A alusão do nome inquietou meu coração ainda mais. Àquele momento, ela devia estar com o marido. Quase revirei os olhos, incomodada, enciumada.

— Marcela deve estar ocupada agora, Lena. Deve estar...

— Com o marido.— Interrompeu-me pela segunda vez.

— Não sou tão bobona quanto imaginam. — Ela inclinou o corpo para trás, apoiando as mãos no chão grosso. — Sei que ela é casada, e que o tal marido vive na cadeia.

É, realmente ela não era nenhum pouco boba. Bem mais esperta que Felipe, que não enxergava um diâmetro à sua frente. Ficou me encarando, com seu jeito esperto, mas também cheio de inocência e doçura.

— Que mania é essa de vocês ficarem escutando conversas alheias? Eu acho que você e Lucas devem ter o mesmo DNA no sangue, porque não pode ser possível que sejam tão parecidos.

Ela sorriu ajeitando a postura, ficando ereta novamente.

— Não entendo muito dessas coisas de casamento, mas entendo do amor.

— Ah, é? E o que a dona Milena entende do amor?

— Que você e Marcela se amam, por exemplo, que se querem muito. Qualquer um consegue ver, até mesmo um cego de nascença.

Virei para o trânsito, à relativa distância, avistei Lucas e Felipe no meio dos carros parados, oferecendo balas. Concentrei no comentário de Lena, refletindo, pensando muito.

Entre as duas semanas que se passaram, Marcela e eu conhecemos mais uma da outra. Eu costumava ser bastante sorrateira quando se tratava de falar sobre minha vida. Sentia-me travada, desconfortável, sobretudo, quando ela sondava minha história com a Drica.

Resumi de forma bem sucinta a relação com minha ex, mas ela nunca ficava satisfeita, sempre queria saber mais, mas eu saía pela tangente, sem dar detalhes.

— Sabe, — falei, focada no nada à minha frente.— Gosto muito dela, mas tenho muitas dúvidas se nossa relação resistirá. Vivemos em mundos opostos, não tenho certeza se todo esse bem querer, que temos uma pela outra, será forte o suficiente, para continuarmos juntas, sem que nada possa estragar, destruir essa magia.

— Bem querer? — Lena repetiu, induzindo-me a explicar. Pisquei, olhando-a de soslaio.

— Sim. Bem querer.



— Se Marcela te ouvisse dizer que, o que vocês sentem uma pela outra é apenas um "bem querer" ficaria magoada, triste. E com razão! Por que não confessa que sente amor por ela?

Semicerrei os olhos, imóvel, sentada na sombra.

— Amor é um sentimento muito forte, mágico, sublime.

— E o que você sente por ela não é forte, mágico e sublime?

Calei-me, com medo de soltar a verdade no ar. Lena me olhava curiosa, com o rosto encaixado nas mãos; fixa em mim.

— Claro que nossa relação não se resume apenas em um "bem querer". É muito mais que isso, Lena. Mas não me sinto segura para afirmar que é amor; e mesmo que seja, só amor não basta, não sustenta. Ela é casada! E com um *puta* de um imbecil; babaca, desgraçado.— Mirei em seus olhos; sentia minhas íris queimando de angústia.— Tudo pode acontecer agora.

— A única coisa que eu acho que pode acontecer, é ela te querer ainda mais. Não vê como olha pra você? — Suspirou, encantada. — Aqueles olhos azuis maravilhosos parecem pegar fogo, brilham mais que... Ah, sei lá... Mais que vagalume no escuro. Que insegurança é essa? Não combina nada com você!

Encarei-a, erguendo a sobrancelha lá no alto:

— Você tem quatorze anos mesmo?

Sorriu, toda convencida. Suspirando, disse:

— Quero viver um amor assim, como o de vocês. Porque eu sei que você ama a Marcela do mesmo jeitinho que ela ama você.

— Marcela é intensa, atrevida, atirada. E isso é apaixonante.— Um sorriso apaixonado travou no canto da minha boca, e não escapei da gozação de Lena.

— Se Lucas estivesse aqui, iria dizer que essa baba escorrendo no canto da sua boca, é ridícula.— E sorriu.

Dei um escorão nela, de leve, e seu sorriso se ampliou de forma divertida, me deixando mais descontraída e menos paranoica, carregada.

Calamos quando os meninos chegaram perto; a gola das camisas pingando de suor. Um sentou ao meu lado e Felipe se emparelhou com Lena.

— Sobre o que as madames tanto conversam e riem? As princesas querem um suco, um café?— Lucas, como sempre, não

perdia a oportunidade de escarnecer.

— Café nesse calor? Prefiro uma coca bem gelada.

— E com pastéis.— Acrescentei.

Lena riu, e eu também. Os meninos bufaram, cansados. Estavam bastante suados.

— Chega por hoje. Vamos embora.— Levantei do meio deles, espanando a sujeira da roupa.

— Está falando sério? — Felipe me olhou de banda.— Não vamos ficar até às seis?

— Não. Decidi atender ao pedido de Lena, vamos ver o Bob.

— Já é! — Ele disse animado, ficando de pé. Lucas também levantou, doido para sair dali.

Minha maior preocupação e resistência, em ter que nos deslocar para aquelas bandas, era o estado de Lena. Ela ainda não aplumava a perna com firmeza, mesmo tentando disfarçar, eu percebia que, por vezes, sentia um leve desconforto.

— Tem certeza que consegue, Lena? Não é tão perto. Pode causar problemas, algum inchaço, coisas do tipo.

— Eu consigo, não se preocupa. — Garantiu.

Mesmo assim não me convenci. Nem que usássemos todo o dinheiro que conseguimos durante o dia todo, iria recorrer a um taxi. Eu não podia arriscar. Lembrei das recomendações do doutor, alertando para que ela não fizesse esforços desnecessários; que não queria vê-la por lá novamente.

— Vamos de táxi. É mais seguro.

— Mas...

— Já está decidido, Lena. Vamos de táxi. Não quero te ver naquele hospital de novo.

Calou-se. Parecia ter ficado um pouco chateada, contrariada. Talvez achando-se uma inútil.

Não liguei, preferi ver sua carinha emburrada, a ter que lutar com ela, novamente, entre idas e vindas do hospital.

Rumamos, sem pressa, para o ponto de táxi, caminhando no meio fio. Quando chegamos próximo à faixa, Lena gritou, eufórica, ao enxergar o carro de Marcela do outro lado, com ela recostada nele, nos observando.

Ela sorriu para mim, quando viu que eu notei sua presença. Mas seu sorriso não era o mesmo; não tinha brilho, aquela beleza e graça que chegava a realçar até sua alma.

Atravessei a faixa de pedestre sem desgrudar os olhos dela. Chegamos perto e Lena jogou-se em seus braços, abraçando com força, toda carinhosa, saudosa.

— Ual, como você está diferente! Parece aquelas moças bonitas que trabalham em aviões.

Marcela riu, assim como Lucas e Felipe.

— Já me compararam com advogadas, e agora aeromoças. — E sorriu de leve.— Você não cansa, não é? Sempre com seus galanteios, me fazendo rir e corar.

Lena retribuiu o riso e se afastou, dando-me espaço. Marcela e eu nos entreolhamos, havia muitas coisas a serem ditas, que transpareciam através do seu olhar. Antes de fazer o que eu estava morrendo de vontade, me permiti suspirar sem ser discreta, aliviada e feliz por ela estar ali. Comigo.

Trouxe-a para um abraço diferente de todos os outros. Acolhi seu corpo pequeno nos meus braços e por mim, o tempo ficaria parado, preso ali, não avançaria. Eu só não queria mais, sequer, pensar na ideia de perdê-la. O medo que eu tinha de confessar aquilo para mim mesma, me deixava em conflitos com minha razão, com meu lado racional; sentia que eu estava perdendo o domínio dos meus próprios sentimentos. Dessa vez não praguejei, não amaldiçoei o que me arrebatava por dentro.

Afastei seu rosto o suficiente para ficar apenas alguns milímetros dos seus olhos, do seu nariz, da sua boca deliciosa:

— Tudo bem, meu amor?

— Agora *ta*.

Sorri, meio travada, preocupada. Ficamos mais um tempo abraçadas, depois Lucas falou:

— Que romântico! Parece cena de novela.

Marcela sorriu, outra vez, moldando-se ao meu lado; seu braço tomando conta da minha cintura.

— E você assiste novela?— Felipe perguntou num tom gozador.

— Claro que não. Mas sei que é assim que acontece.

— Sei. — Ainda ouvimos Magrelo murmurar, distribuindo risadinhas satíricas.

Marcela ficou preocupada por Lena. Também percebeu que ela ainda não estava cem por cento bem para ousar se movimentar, se cansar demais.

— Sabe que não pode abusar, não é mocinha? Quer ficar naquele hospital de novo?

— Não. Nunca! Mas é que eu estava cansada de ficar sozinha naquele quarto, sem ninguém para conversar.

— Eu aproveitaria esse tempo para dormir.— Lucas disse, bocejando. Ele havia dormido tarde e acordado cedo naquele dia.

Peguei Marcela pelos quadris, virando-a para mim.

— Poderia nos levar à casa abandonada? Estávamos indo para um ponto de táxi, mas já que você está aqui...

— Iam gastar o que conseguiram em táxi?

— Eu não podia ir andando com Lena desse jeito. Mesmo ela garantindo que consegue andar todo o percurso.

Marcela balançou a cabeça, reprovando.

— Aceitaria um celular *emprestado* para que a gente possa se comunicar? Até você mesma conseguir um. Assim, quando precisarem de mim, venho correndo para vocês.

E, sem esforço algum, ela fez meus olhos brilharem de um jeito que não tive outra escolha que não fosse beijá-la.

Dane-se Lucas! Dane-se o mundo inteiro! Beije sua boca com prazer e paixão, desejando permanecer em seus lábios até o corpo dar sinais de desfalecimento.

## 30 CAPÍTULO TRINTA E UM

### MARCELA

**EU NÃO** conseguia sorrir, compartilhar da mesma alegria que dona Rebeca e o próprio Estéfan no banco de trás do carro. Estava travada, com o coração pesando uma tonelada no peito. Era como se ali não fosse meu lugar, como se aquela euforia toda não tivesse nada a ver comigo. Dobrei a esquina que levava à rua de casa, querendo chegar logo, me livrar da presença molesta do meu marido. Passei com tudo por cima do quebra-molas; mãe e filho chacoalharam, quase alcançando o alto do teto.

Chegamos em casa e me apressei em entrar e correr para o quarto. Tensionada, me enfiei dentro do banheiro e liguei a torneira no máximo, aparando água e encharcando o rosto; repeti o gesto até a coluna reclamar naquela posição.

Queria respirar direito, me convencer, ter certeza que a presença de Estéfan não iria ser um estorvo na minha vida a partir daquele momento. Mas molhar o rosto, sentir a água morna na pele, não iria me convencer de nada. O que eu precisava para repor minha tranquilidade, e reforçar minhas certezas, era Nita; sua presença, seu abraço, seu olhar magnetizado ao meu, me reconfortando sem dizer uma palavra sequer. Eu precisava dela! Agora!

Decidida, sequei o rosto e deixei o banheiro.

Quando apanhei minha outra bolsinha, pronta para sair, Estéfan apareceu na soleira, escancarando a porta do quarto. Explanou os olhos por cada recôndito e puxou longamente a respiração, como que absorvendo o cheiro familiar do ambiente.

Recuei alguns passos, enquanto ele exibia a expressão de o dono da casa, do quarto; como se houvesse chegado de uma longa viagem e estivesse morrendo de saudades do lar. Observei quando se jogou, com tudo, na cama larga, se esparramando à vontade. Depois me olhou clinicamente:

— Vem aqui, vem minha branquinha. Vamos matar a saudade, voltar aos velhos tempos.

Senti um profundo sentimento de asco, rejeição por aquele homem. Saí correndo, buscando a direção da porta, mas ele pulou como um gato da cama e me agarrou pelo braço, me sacudindo, obrigando-me a encará-lo.

— A gente precisa se entender, meu amor! Você está muito rebelde, arredia. Eu sei exatamente do que você precisa. Muito hormônio, não é?

Tentou roçar a boca no meu pescoço, como um animal faminto, mas o empurrei com todas as forças que me regia, que pulsava em mim.

— Me solta! — Rosnei, quase gritando.

Ele caiu sentado na borda do colchão e corri. Bati a porta com tudo, sentindo uma necessidade urgente de tomar distância dele e procurar meu refúgio. Desci as escadas quase tropeçando em tudo. Passei por dona Rebeca, que tentou formular alguma palavra, mas não dei chance, não parei. Cheguei ao carro esbaforida, coração nervoso demais, batendo desenfreado na garganta; sangue correndo veloz pelas veias.

Girei a chave e acelerei, deixando marcas de freadas bruscas no asfalto. E, quando o carro ganhou uma certa distância, coloquei uma música para relaxar, amainar um pouco aquela tensão toda que me sufocava. Ao som de *Ed Sheeran*, fiquei mais calma, tranquila.

Encontrei Nita e os meninos quase perto de uma faixa de pedestre. Ao longe, enquanto o carro ainda corria, enxerguei quando ela caminhava. Meu coração aquiesceu e, pela primeira vez naquele dia, consegui sorrir. A sensação boa me invadiu, apaziguando a angústia dentro do peito. E quando ela chegou perto e me abraçou, me envolveu no aconchego do seu corpo, dos seus braços, senti que ali era o meu lugar.

E quando minha boca foi surpreendida por um beijo seu, no meio do fluxo de pessoas indo e vindo, só me dei por inteiro, me entreguei. Foi um momento diferente, renovador, porque era a confirmação que eu queria e precisava: Nada poderia ser mais forte que aquele anelo, aquele sentimento que nos preenchia.

Quando nossas bocas se desgrudaram, tive uma imensa vontade de chorar, conversar, resolver nossa situação. Dizer que eu não queria mais voltar para aquela casa, que queria ficar ao seu

lado e não me desvencilhar nunca! Mesmo que eu tivesse que penar, passar pela luta diária nas ruas. Qualquer coisa, menos ter que voltar para aquele homem, respirar o mesmo ar que ele. As lágrimas vieram, mas não desceram, engoli parte daquelas emoções que queriam transbordar.

As mãos de Nita acolheram o meu rosto, como se soubessem exatamente o que me angustiava.

— Quer conversar?

Assenti, sem titubear.

Ela mirou em Lena e se moveu até ela. Depois a conduziu para um canto mais privado, onde conversaram.

— Amanhã vamos ver o Bob, eu e Marcela precisamos conversar. — Ela decretou, depois de se aproximar novamente.

— Não, não. Não precisa cancelar nada. Eu até prefiro assim.

— Falei. — Quanto mais tarde eu chegar em casa, melhor.

— Tem certeza?

— Só quero ficar com vocês, não importa para onde iremos agora, ou o que vamos fazer, o único lugar que não quero estar, é naquela casa.

Lena interrompeu nossa conversa, vindo até mim, me abraçando.

— Por isso que eu te adoro, sabia?

Sorri com ternura para ela, que se manteve ao meu lado, sem se afastar dessa vez. Nita reclamou:

— Lucas tem razão, você está muito sentimental, Lena.

— Eu sempre tenho razão. — Lucas ergueu as mãos, com imodéstia. Felipe revirou os olhos e a própria Lena balançou a cabeça em negação.

— O cara já se acha, e você ainda fica dizendo que ele tem razão.

Lucas riu do comentário do amigo.

Eu não poderia querer mais nada. Adorava aquele clima, estar com eles, rir e me divertir. Mas, ao contrário de mim, Nita não viu graça alguma e disse:

— Vocês, às vezes, são irritantes. Vamos, antes que eu me irrite ainda mais.

E, arrodando minha cintura, ela indagou.

— Quer que eu dirija?

— Só se você quiser, deve estar com os braços cansados de tanto trabalhar com bolas e bastões.

— Sim, é verdade. Mas sabe? Tenho um fetiche.

— Fetiche?— Encrespei as sobrancelhas.

— É. Fetiche.

— Qual?

— Ficar te vendo pelo retrovisor.

Sorri, desmanchando a expressão intrigada, sentindo-me feliz, leve, flutuante:

— Boba!

Nita me virou e me beijou de repente, desta vez, sorrindo também, daquele jeito comedido e sexy.

O céu começava a escurecer, as luzes da cidade se acendiam pouco a pouco, proclamando o anoitecer.

Os meninos conversavam no banco de trás. Felipe e Lucas sempre afastando o silêncio com seus humores ácidos, cheios de implicâncias, me fazendo rir.

Busquei Lena por cima do ombro, ela estava observando a paisagem urbana correr do lado de fora. Distraída, pouco interagia com os meninos.

Nita também percebeu e disse, quando meu olhar buscou o seu.

— Efeito Bob.

Sorri, concordando.

Tão logo chegamos à casa abandonada. Ou o que havia sobrado dela.

— Estamos quase lá, mascotinha.— Felipe anunciou, olhando para o lado de fora, parecia ansioso também.

Animada, ela se ajeitou no assento e esticou o pescoço, querendo enxergar além do que podia ver.

Nita reduziu a velocidade e ficamos a umas seis casas da de Bob.

— Como vamos fazer para chegar nele? — Lena perguntou. Estava afoita, querendo sair.

— Também não sei. — Nita confessou. — Vim pensando o percurso todo, e não me ocorreu nenhuma ideia.



— Eu sei como podemos entrar.

— Como? — Todos perguntaram em uníssono, olhando para Felipe.

— Deixa escurecer mais um pouco. O velho dorme cedo, e Bob deve estar preso na área de trás da casa. Pulo e dou um jeito de trazer ele pra fora. Vocês só vão precisar me dar cobertura.

Houve um silêncio, que pareceu abafar o espaço apertado do carro. Lucas, Lena e Felipe encaravam Nita, esperando que ela concordasse com a ideia. Ela, então, se manifestou.

— É arriscado. Como vai fazer para subir de volta com ele?

— Dou meu jeito. Arrumo alguma coisa para me dar apoio, sei lá, me viro.

Nita franziu os lábios, em dúvidas. Virou o corpo para trás e Lena estava fixa nela, esperando uma decisão também. Depois a morena me encarou e acenei levemente, com a cabeça, em um pedido mudo.

— Certo. Vamos resgatar o Bob pelo muro.

Os três jogaram as costas contra o encosto, e bufaram aliviados. No entanto, Nita ainda completou:

— Mas, quem vai pular o muro sou eu.

— Mas eu...

— Já está decidido. Não tem o que discutir.

Felipe arriou os ombros, frustrado, chateado.

— Toma cuidado. — Roguei, cobrindo sua mão com a minha, sobre a marcha.

— Tomarei. — Deu-me uma piscadela e nos curvemos para um beijo.

A noite já estava em sua completa e absoluta escuridão. Saímos do carro, todo mundo na surdina, com cautela. Nita liderou, caminhando à nossa frente, sempre varrendo os olhos em tudo, perscrutando, sondando alguma coisa suspeita.

Eu ia emparelhada lado a lado com Lena dando-lhe mais apoio, assistência. Eu sentia o sangue acelerar no peito, cheio de adrenalina. A rua estava deserta, coberta pelo manto da noite. Imittei Nita e passei os olhos por tudo. Era a primeira vez que eu me dava conta do quanto aquele lugar era sinistro, parecia existir olhos escondidos em todos os lugares, observando. E, por um momento,

me vi dentro de um livro de fantasia, em uma daquelas cidades satélites abandonada, esquecida. Talvez eu tivesse soltado um riso, ante a analogia, se o medo de sermos pegos não estivesse embrenhado em meu peito.

Lena agarrou um punhado do tecido do meu blazer, no cóis da cintura; parecia ter sentido a mesma sensação que eu.

Paramos em frente a casa arruinada, estilhaçada no chão. Uma cerca mediana e mal feita, erguida de qualquer jeito, com restos quebrados, fazia muro na frente, impedindo que curiosos passassem.

Com um único chute, Nita levou a baixo três ripas, abrindo espaço para invadirmos. Caminhamos por sobre as paredes íngremes, de concreto, tomando todo o cuidado para não nos machucar. Eu ia ajudando Lena, com o auxílio de Felipe e Nita, ela sempre com a mão aposta atrás de mim, nas costas, caso eu precisasse ser amparada.

— Chegamos!— Lucas exclamou, olhando para cima do muro. Ao fundo, a sombra de uma outra casa camuflava a pouca luz da rua, nos escondendo.

— Tem certeza que quer pular sozinha? Duas pessoas do lado de dentro pode trazer o Bob com mais facilidade e segurança. — Felipe tentava convencer Nita a aceitar sua ajuda.

— Ele tem razão. Deixa de ser cabeça dura. Aceita.— Pedi.

— Aceita, Nita. — Lena também rogou.

— *Tá bom, tá bom!* Já vi que se reuniu um motim contra mim.

Eu e Lena, assim como Felipe também, trocamos olhares cúmplices, insinuando no canto da boca, um sorriso vitorioso.

— Eu vou na frente.

Nita soergueu o dedo para protestar, mas Felipe, como um gato, engatinhou o muro antes que ela o impedisse.

Averiguando primeiro os lados, ela subiu logo atrás, e pulou sem dificuldade alguma. Eu, Lucas e Lena ficamos esperando oposto, torcendo para que tudo desse certo.

### NITA

Antes que meus pés alcançassem o chão, Bob já subia em mim, saltitante, grunhindo, feliz da vida.

Apertei seu focinho e levei o indicador à boca, pedindo silêncio.

— Shhh!

Mas ele não obedeceu. Continuou eufórico, se roçando, lambendo meu rosto, e eu fugindo da sua língua espessa e efusiva.

— Rápido, Felipe. Ele vai acabar estragando tudo!

Felipe buscou os lados, tentando encontrar algum suporte para escalar, pois do lado de dentro, o muro erguia-se bem mais alto.

— Como vamos subir? Não tem nada que sirva como apoio.

*Droga!*

Olhei, rapidamente, em volta, e enxerguei no vão entre a casa e o muro, um tambor de ferro deitado no chão. Indiquei o ponto com um gesto de cabeça e falei baixinho.

— Pega e arrasta devagar!

Seus pés moviam-se com cautela, calculando bem os passos para não atrair barulho.

Arrastou o ferro velho com cuidado, e não perdi tempo. Tirei a corrente do pescoço do Bob e subi com ele no colo.

— Pega, Lucas.— Lucas esticou os braços, agarrando-o para depois arriá-lo no chão. Lena agachou e alisou a mão por seus pelos; o animal começou a latir, numa imensa felicidade ao rever sua dona.

*Porra! Ele vai acordar a vizinhança!*

Dei a mão para Felipe e ele se apressou em pular o muro. Pulamos juntos e apressamos o passo, escapando dali. Bob não parava de latir, feliz, lambendo meus braços depois que o peguei no colo. Corremos para o carro, deixando o barulho dos passos para trás. Marcela e Lena começaram a rir na metade do caminho; estavam esbaforidas, com a mão espalmada no peito.

— Rápido!— Ela bradou, abrindo a porta do Fiat para ocupar o volante. Ligou o veículo e partimos dali. Aliviados e fora de perigo, os três riram, acomodados no banco de trás, se divertindo com situação.

— Posso saber qual é a graça? Qual é a parte engraçada disso tudo? — Virei para encará-los; altearam ainda mais as risadas.

— Do meio para o fim achei engraçado. — Marcela sorria também, atenta na direção.

— Então me conta você. Qual é a graça? — Perguntei.

— Conseguir passar pelo perigo, às vezes, é excitante. — Respondeu sem me olhar nos olhos.

— Vocês estão ligados que tudo isso foi uma loucura, não é? — Mais relaxada, recostei inteiramente no assento. — Parecia que a qualquer momento aquela porta se abriria e o velho apontaria uma espingarda lá de dentro disparando tiros para o alto. Está vendo, pulguento? Tudo isso foi por você, seu filho da mãe.— Fiz carinho nele, que se remexeu no meu colo, lambendo meu queixo. Logo tentou se levantar, procurando por sua dona.

— Me dá ele, Nita. Consigo levar no colo.

Lucas, que estava entre os dois, o pegou e entregou à Lena. Ela foi o percurso todo acarinhando os pelos dele, fazendo mimo.

Compadeceu-se de sua magreza explícita, que apesar da alegria efusiva, estava abatido, magro demais.

— Vou cuidar de você. Vou te deixar bonitão. — Ela prometeu, agarrada a ele.

Ao chegarmos, Lena cuidou logo de entrar e apresentar o cachorro para dona Creuza. Felipe e Lucas entraram também, brigando, discutindo para saber quem iria tomar banho primeiro.

Marcela e eu ficamos do lado de fora. A noite começava a esfriar, espiralando uma brisa leve e gostosa.

— São umas figuras. Cada vez mais entendo o porquê você tem tanto cuidado e carinho, é doida por eles.

Cheguei perto, ela estava recostada na lateral do carro, de forma displicente.

— Eu sou *doida* por você!

Marcela afastou os lábios e ajeitou a postura; o azul dos seus olhos brilhando sob a luz noturna.

— Eu também sou muito louca por você. — Ela soltou o ar quente quando minha boca resvalou na sua.

Mordisquei o lábio, sacana, esfregando a ponta do meu nariz no seu, apreciando o beijo de esquimó.

— Vamos conversar?

— Claro. Preciso falar, contar tudo.

Assenti e me afastei.

— Pode começar. Te escuto.— Falei mais séria do que pretendia; a tensão enrijecendo meu corpo.

## 32 CAPITULO TRINTA E DOIS

NITA.

Marcela me puxou de volta, cortando qualquer pequena distância que impus. Pude constatar a angústia por trás das íris inquietas, quando seu olhar firmou nos meus. Havia também desespero, um grito emudecido de socorro.

— Ele voltou.

Já era esperado. Mesmo assim, a notícia foi como um choque, um banho de água fria. No fundo, desejei, até roguei nos mais secreto dos pensamentos, a obstrução dessa realidade. Tive vontade de engolir em seco, mas não o fiz, a saliva ficou presa, travada na garganta. Eu não deveria me sentir tão afetada, abalada, mas não deu para evitar.

— Não quero mais aquele homem. Não vou suportar conviver no mesmo ambiente que ele. Estou...estou desesperada, essa é a verdade.— Seus olhos não conseguiram evitar que lágrimas se acumulassem, embora ela lutasse para se manter forte, resistente.

Senti-me estranhamente confusa; sentimentos se emaranhando dentro de mim. Doe-me ver o desespero contido de Marcela.

— Vem aqui.— Puxei-a para um abraço, apertando-a contra meu peito.

Acaricieei seus cabelos, presos em um rabo-de-cavalo, e encarei a lua crescente no alto do céu. Indo contra tudo o que eu acreditava, e achava uma tremenda bobagem, elevei os pensamentos e roguei àquela lua que, de alguma forma, nos ajudasse, intercedesse por nós.

— Marcela. — Precisei afastar seu rosto para encará-la.— Quer ir para algum lugar? Está confortável aqui para você?

Olhou para um lado, depois sondou o outro; poucas pessoas circulavam pela rua.

— Vamos entrar? — Fiz um gesto, sugerindo que entrássemos no carro.

Ela assentiu.

Entramos e ficamos no banco de trás. Não enrolei, fui logo ao ponto, perguntando, querendo saber tudo.

— Como foi? Fiquei preocupada o dia todo, mal consegui me concentrar no farol.

— Foi horrível! Tudo o que eu queria era sair dali te encontrar, te ver. Não aguentava mais ter que suportar Estéfan me olhando com...

Ela pausou.

— Desejo.— Completei.

— Não! *Você* me olha com desejo. Ele... me olhava, e me olha, com posse, como se eu fosse a dona dele, como se eu fosse uma daquelas prostitutas que ele costumava passar as noites.— Indignou-se entredentes.

Veio a vontade, latejante, de perguntar sobre o dia em que ela visitou o safado na cadeia, mas engoli a pergunta e soltei outra.

— Já estiveram a sós hoje?

Ela me encarou, meio sobressaltada; a boca fez a mímica para a resposta, contudo, se atrapalhou. Parecia procurar as palavras certas. Depois de um breve silêncio, ela respondeu.

— Quando eu estava vindo te ver, estivemos, sim, sozinhos no quarto.

— No quarto?— indaguei incomodada.

— Ele quis me agarrar à força. Não sei como, mas consegui empurrá-lo e sair correndo.

— Desgraçado! — Gritei, dando um soco no encosto do banco. Mordi a própria mão em punho, tentando conter a ira que latejava em cada veia do meu corpo. Senti-me uma inútil, uma miserável, sem poder fazer absolutamente nada!

Marcela colocou em mim e me abraçou, alisando meu braço.

— Calma. — Sussurrou no vão do meu pescoço; sua voz mansa foi como um bálsamo anestesiando minha ira. — Vou ter que contar logo toda a verdade para ele.— Voltou a me encarar, nossos rostos muito próximos, nossas bocas a milímetros.

— Aquele imbecil é louco. Tenho medo por você, que te machuque quando souber que quer dar um pé na bunda dele.

— Só quero que me prometa uma coisa.— Seu olhar inseguro, prendia o meu.

— Fala.

— Que não desista de nós. Seja qual for o problema que vier. Só não me deixa.

— Não é a minha intenção fazer isso.

— Então promete. Só preciso que prometa, Nita.— Olhava-me ansiosa, inquieta. Notei que se sentia insegura em relação a nós duas, se o que sentíamos iria sobreviver às situações adversas. Eu também estava com a mesma insegurança, o mesmo medo. Resolvi tranquilizá-la:

— Eu prometo.

Abraçou-me muito forte, e depois me beijou. Cheia de carinho, entrega e devoção.

— Posso dormir aqui hoje? Não importa que seja no chão, só quero dormir de conchinha com você. Acordar e poder te ver do meu lado.

Fiquei um pouco surpresa, sem saber o que dizer. Eu não estava mais dormindo no chão. Dona Creuza havia me cedido um colchão de solteiro seminovo, o qual troquei com o surrado de Lena. Ela encaixou o valor no pagamento do aluguel, em mini parcelas. O que não ficou tão pesado.

— Estaria disposta a trocar o conforto daquele quarto gelado, a cama macia e confortável, para dormir no chão comigo?— Estreitei os olhos, amaciando sua bochecha, deslizando o polegar com carinho.

Muito a vontade, Marcela desabotoou seu blazer e o resvalou para trás, bem lentamente, sem pressa. Ficou apenas com uma blusinha transparente, por dentro da saia curta. A voz veio quente e macia:

— Eu estaria disposta a isso e a tudo o que eu sentir vontade de fazer com você.

Meu olhar dilatou, fixando-se em seus seios. Estavam rígidos, espetando o tecido fino da blusa. Mal deu tempo de arfar, tragar o ar; ela veio pra cima, me encostando contra a porta do carro; sua boca fazendo compressa na minha. Senti seus lábios inchados, deliciosos, tomando posse dos meus, me beijando, atijando.

— Quero aqui no carro. — Sentenciou.



Arfei baixinho, sentindo uma onda de tesão subir pelo corpo, empolando minha pele; esquentando tudo.

— Acha que podem nos ver? — Consegui perguntar, não sei como.

— É vidro fumê.

— Mesmo assim.

Ela se afastou, espionando o perímetro através dos vidros, ficando quase de quatro no banco; a alça da blusa delicada resvalou por seu braço deixando partes dos seios à mostra. Não resisti. Avancei com tudo, baixando o resto do tecido. Suguei um mamilo e depois o outro. Marcela gemeu, trêmula, pega de surpresa. Ondulou-se na minha boca, estufando o peito, querendo mais.

— Deita. — Sussurrei com a voz desejosa e arfante.

Abri o feixe de sua saia e puxei um pouco seus quadris para mim. Beije a barriga lisa, as pontas dos meus cabelos curtos resvalando por sua pele. Enfiei a língua no burquinho fundo do umbigo; seu abdômen se contraiu pra cima, e sua respiração adensou, ficando cada vez mais descompassada, vítima das minhas torturas. Não baixei a calcinha, apenas afastei o tecido azul e abri mais suas pernas. Meus dedos apartaram os lábios da vulva, mostrando-me a carne macia, latejante, abrindo e fechando, rogando um convite para mim. Pincelei a língua, trazendo o gosto salgado na minha boca. Marcela se retorceu no banco, bamboleando os quadris, gemendo, louca por mais.

— Vem aqui, vem. Quero chupar esses peitos, enquanto essa boceta baba nos meus dedos.— Sentei e a puxei para meu colo.

Abri as pernas o suficiente para meus dedos entrarem no vão entre suas coxas e as minhas. Marcela choramingou antes mesmo que eu triscasse, alcançasse sua entrada. Seus miados, trêmulos, se intensificaram, quando abocanhei um dos seios e meu polegar girou em círculos no outro bico intumescido, espetado.

— Aaah... — Gemeu, quase choramingando, quando meti dois dedos, indo até o fundo no seu canal. Sua boceta parecia ter vida própria, palpitante, quente, toda melada. Meu tesão aumentou e fiquei mais louca, cheia de volúpia. Não parei de chupar, sugar o brotinho dos seios. A respiração ofegante de Marcela quase me fez

gemer, arranhá-la toda! *Caralho!* Meu coração galopava no peito, enquanto eu ouvia seus gemidos e sentia a vibração do seu corpo

Senti que ela estava à beira do orgasmo. E eu, louca para sentir e beber cada gota do seu gozo. Voltei a deitá-la no banco e dei um jeito de ficar o mais confortável possível e lambar, chupá-la toda. Marcela subia e descia com os quadris, empinando-se contra minha boca.

Comi, chupei como se eu estivesse diante do prato mais delicioso. Senti seu corpo entrar em convulsão, vibrar, quando explodiu de vez. Gozou, sacudindo-se toda, engolfada pelo clímax.

Do centro de suas pernas, apreciei a satisfação em seu rosto; o olhar lânguido, a boca arfante. Subi, deixando carícias lentas pela pele do seu ventre, dando mordidinhas nos mamilos e encontrando sua boca.

Apaixonada, Marcela me deu um beijo gostoso e intenso.

— Quero provar você, agora. Estou pronta.

Abri os lábios contra os seus, ansiando loucamente esse momento.

— Eu quero muito. — Falei, minha voz quente soprando na curva do seu pescoço. Marcela fechou as pernas, comigo entre suas coxas, pareceu ter se excitado com o sussurro da minha fala. — Mas aqui não. Está apertado, pouco confortável.

*Mentira, eu nem tinha tomado banho.*

— Mas você não...

— Calma, *ta* bom?! Vamos ter muito tempo. Todo o tempo do mundo.

Suas pernas prenderam-me pela cintura, e então ela confessou:

— Eu te amo. Te amo muito, Morena!

Ficou me encarando, deslizando a costa da mão pelo meu rosto, esperando que eu confessasse o mesmo. Pestanejei, escorregadia, saindo de cima dela.

Ela levantou, sentando-se também. Pegou o blazer e se cobriu, olhando-me meio ressentida, magoada.

— Não me olha assim. — Pedi, sentindo que eu a tinha decepcionado.

— Preciso de um banho. Quero ir para casa. — Fugiu do meu olhar, encolhendo-se na própria vergonha.

— Mudou de ideia quanto a dormir comigo, no chão duro?

Ignorou-me, e começou a vestir a saia de qualquer jeito, apressada.

— Não é isso.

— E é o quê?

Olhou-me.

— Não sei. Às vezes eu me sinto uma anta, uma tola. Acabei de confessar, olhando nos teus olhos, que te amo, que te amo  *muito*.— Frisou.— E você simplesmente ignorou, saindo de cima de mim, fugindo.

Suspirei.

— É uma *DR*?

— Estou começando a acreditar que o que dizem é verdade. Que numa relação, sempre há o que ama mais, se entrega e tolera mais que o outro.

A melancolia em seu olhar era tangível, densa. Encrespei os olhos, fixos nela também, sondando-a.

— Me diz você, Marcela. Você é casada, deveria saber responder seu próprio questionamento, suas dúvidas.

— Nunca vivi uma relação de verdade.— Descansou as costas na poltrona e mirou para o lado de fora.— Desconfio que meu casamento com Estéfan seja alguma espécie de castigo de vidas passadas. Um carma, uma cruz... Não sei qual desses sinônimos seja o mais apropriado para definir o fracasso que foram esses sete anos com ele.

Meus olhos semicerrados continuavam atentos nela. Sua visão para mim era de uma mulher linda, sensual, frustrada por não ter ouvido um "Eu Te Amo"

— É a segunda vez que expresso meu amor em palavras, para você. Que digo claramente que te amo. — Voltou a me encarar.— Que fique claro aqui, Nita. Não estou induzindo você a nada. Só não reclama depois se eu me sentir insegura. — Saiu depressa do carro, empurrando a porta com força. E antes que ela alcançasse a outra porta, para ocupar o volante, a impedi puxando-a pelo braço.

— Eu entendo sua chateação, Marcela. Mas me entenda você também. Porra!

— Entender o quê? Que ainda existe alguém bem vivo aqui dentro? — Espetou meu peito com o indicador.— Uma morta!

— Drica foi muito importante e especial para mim. Se hoje eu estou nessa situação aqui, na merda, é por ela. Ou era, até você passar a existir na minha vida.

Soltou-se de forma brusca. E dessa vez sua voz veio rígida, um pouco alterada.

— Você é cheia de mistério e paradigmas. Nunca conversou abertamente, descentemente comigo sobre sua vida. Eu não sou carta de tarô para adivinhar enigmas.

— Pra tudo tem um momento, uma hora.

— Tem razão. — disse com certa frieza.— Está na minha hora. Na hora de voltar para casa, para minha realidade. — E girou, brava, roçando as pontas dos cabelos no meu peito, se enfiando dentro do carro.

— Marcela! Para com isso, vai. Vamos se despedir direito. Vamos conversar! — Bati no vidro, em vão. Esperei que fizesse a curva e abri os braços no meio da rua, impedindo que partisse.

— Sai desse carro. Não quero que fiquemos nesse clima.

Ela saiu afobada, decidida:

— Talvez seja melhor a gente não se ver pelos próximos dias. — suspirou, dando uma pausa. — Vou conversar com Estéfan, pedir o divórcio, me livrar de vez. Depois quero investigar sobre minha possível irmã.

Ela estava mais calma, com a voz mansa. Mas ainda existia um traço de desilusão, um lampejo de decepção em seu olhar, algo que ela tentou fustigar, mas consegui ver com nítida clareza.

— Não fica chateada comigo. — Supliquei.

Ela se aproximou, encarando-me sem vacilo; a luz que escorregava do poste, contornava seu rosto e refletia claramente em seus olhos.

— Eu sei que forcei a barra entre a gente. Que dei em cima, fui pra cima, insisti... Mas agora, noto que tem dúvidas, Nita. Algo aí dentro de você te divide. Hora te sinto firme comigo, que me quer

tanto quanto eu te quero. E em outras, parece que não tem certeza de nada. Qual é o seu problema afinal?

— O passado.

— A tal da Drica!— Chateou-se, mordendo o lábio.

— Sonhávamos em casar. Eu queria uma família com ela. Filho, cachorros. Uma vida clichê. Fantasiava vê-la com um barrigão, acordar de madrugada para atender seus desejos mais loucos; chegar em casa depois do treino de luta e ficarmos juntas, com nosso filho, gato, cachorro. Transar com loucura depois de uma *DR*. Tudo isso! — Lágrimas raivosas pularam dos meus olhos.— Mas uma filha da... — Pausei, freando a raiva eminente. — Eu tenho medo! *Droga!* E se acontecer tudo de novo? Se...se eu também perder você? — Eu não conseguia prender o choro.— Também te amo, Marcela! Porra! Eu te amo!

Esmurrei a lateral superior do carro, me esvaziando de uma emoção suprimida, camuflada a tempos.

— Nita, eu...

— Não era isso que você queria ouvir? — Virei para ela. — Pois então ouça! Eu. Te. Amo! Marcela Bellini, eu amo você! — Gritei bem alto, de braços abertos, para quem pudesse ouvir. Ela levou as mãos à boca, surpresa, risonha.

— Para com isso, está todo mundo escutando. — Pediu envergonhada.

— Que ouçam! Eu não quero e não vou deixar escapar essa segunda chance que a vida está me dando. Nem aquele cretino do seu marido, nem aquela filha da puta da Renatão, ou mesmo um batalhão com escudos, espadas e armas de fogo, conseguirão nos separar, se assim tentarem.

Marcela sorriu contra meus lábios, e depois me abraçou, chorando emocionada, feliz, encantada.

— Ah, meu amor! Ah, Nita...

Só fechei os olhos, aliviada por finalmente ter conseguido dizer tudo o que eu sentia por essa mulher.

## 33 CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

MARCELA.

**EU DIRIGIA** ao som de *Jorge e Mateus*, sentindo-me a própria personificação da felicidade. Agora mais do que nunca, estava interessada e disposta a contar toda a verdade para Estéfán. Não iria esperar mais; nem um minuto, nem um segundo sequer. Depois de ter certeza que meus sentimentos por Nita eram correspondidos, que tudo era recíproco, uma força inabalável vibrava por meu corpo, meu sangue.

Cheguei em casa e o silêncio me recebeu logo na entrada. Tudo estava mudo, calado. Nem as cortinas farfalhavam na janela. Procurei por dona Rebeca na cozinha, na copa, mas não havia ninguém.

Ainda era cedo. Um pouco mais de 21h:30. Subi as escadas e, pela primeira vez, desejei que Estéfán estivesse em casa, para acabar de vez com toda aquela farsa.

Mas, por outro lado, a ideia de ele não estar, me deixava aliviada. Queria poder suspirar em paz, pelos cantos, ter certeza que, ao menos naquela noite, eu estaria salva, livre dos seus olhares, seus ataques, suas tentativas de me ter de qualquer maneira.

Passei no corredor e encostei o rosto na porta do quarto de dona Rebeca. Presumi que já estivesse dormindo, pois não ouvi o som da tevê ligada.

Segui em frente, rumo ao meu quarto, feliz demais pela confissão de Nita, pelo triunfo.

*“Marcela Belline, eu amo você!”*

Aquelas palavras se repetiam na minha mente, como refrão de um hit musical.

Sorrindo, entrei no quarto e acendi a luz. Aquele sentimento bom e toda a alegria que me preenchia, a ponto de transbordar, se esvaiu, murchou rapidamente. Minha expressão feliz congelou em fração de segundos, quando vi Estéfán deitado no meio da cama; as pernas estiradas, uma por cima da outra; os punhos cruzados sob a

nuca. Sua presença desagradável me encheu de asco, deixando-me paralisada, sem conseguir avançar ou recuar.

— Por onde andava minha mulherzinha? — Ele se ergueu e veio até mim, passando os olhos pelo meu corpo, como a comprovar que tudo estava no lugar.

— Pensei que estivesse em alguma orgia. — Escrutinei o olhar e me mantive firme, sem transparecer medo ou receio.

Com um risinho provocativo, ele levantou a mão ao encontro do meu rosto. Espanei para longe, como se fossem brasas de fogo querendo me queimar.

— Não toca! — Empurrei-o, exigindo passagem.

Joguei a bolsinha na cama e o encarei; sentimentos ruins rebulindo no meu estômago. O coração batendo forte, melindrado.

Ele chegou perto e recuei, procurando com o canto dos olhos alguma coisa para me defender, atacar se fosse preciso.

— Desculpa pelo acidente lá na cadeia, meu amor. Eu estava necessitado, e não soube ser delicado com você.

— Acidente? — Sorri a contragosto. — Aquilo foi uma tentativa de estupro seu animal! — Berrei, revoltada.

— Não exagera! — Exasperou-se.— Você é *minha* mulher, e tem obrigações comigo. — Alterou o tom de voz, mostrando sua verdadeira faceta. Tremendo por dentro, tentei ser firme. Falei sem vacilar.

— Eu quero o divórcio. Não te quero mais, Estéfan Lins. Quero me livrar de você, desse casamento infeliz.

Paralisado, ele não esboçou qualquer reação de surpresa. Era como se já soubesse, calculasse cada palavra que eu fosse dizer; como se lesse, antecipadamente, meus pensamentos. Sua sobrancelha se inclinou e suas mãos se fecharam com violência nos meus braços, me sacudindo.

— Não pensa que vai ser tão fácil, querida. Quer sair fora e me deixar na merda? — Interpelou, contrariado.

— Quem se jogou e rolou na merda foi você, infeliz! Não tenho nada a ver com suas lambanças — bramei entredentes; meus braços latejando de dor. — Me solta — Tentei me livrar, mas suas mãos não aliviavam.

Apertou-me mais, me deixando na ponta dos pés. Seu olhar maléfico e sadista, me fez pensar que eu seria um alvo fácil, sem chance, sem defesa.

Estéfan tentou me beijar à força e reagiu com selvageria, mordendo um pedaço da sua boca, fazendo-o rosar de dor. Ele me soltou na mesma hora. Corri para a porta, mas sua mão me alcançou mais uma vez, me jogando bruscamente na cama; sacolejei para o alto, com a jogada violenta.

— Não vai escapar dessa vez, meu amor. Agora não vou ter pena de você. Não vou ser nenhum pouco delicado.

Furioso, ele montou em cima de mim, abrindo minhas pernas com indelicadeza, se metendo entre elas. Abriu meus braços para o lado, prendendo-me pelos punhos. Sorriu friamente, e eu pude ver no brilho depravado do seu olhar, que ele não cederia jamais.

— Vai foder comigo do jeito que eu quero, minha cadelinha ruiva.

Rosnei, esperneeiei. Eu sentia meus olhos queimarem de repúdio. Ódio, repulsa. E dor.

Cuspi no rosto dele, numa batalha quase perdida, tentando afrouxar suas mãos dos meus punhos; retorcia, tentando sair debaixo do seu corpo. Estava desesperada, coração disparado.

— Tenho nojo de você, Estéfan. Nojo! — Berrei cheia de raiva, rebelde.

Ele soltou meus pulsos e quando fui tentar me levantar, senti sua mão queimar no meu rosto, me esbofeteando com força.

Gemi de dor.

— Não sabe o quanto fiquei com tesão ouvindo sua declaração, meu amor. Acho que vou gozar rápido, mas não tem problema, te fodo de novo depois, vamos passar a noite trepando.

— Argh! — Gritei feito louca, numa ira que me consumia, fervilhava em cada movimento de defesa.

E, em um impulso selvagem, reuni forças e virei o rosto, soerguendo a cabeça para morder seu braço que me machucava, apertava demais.

— Vadia! — Esbofeteou-me novamente, no mesmo lado do rosto. Senti o impacto da porrada arder e latejar; e minha vista vacilar, ficando turva.



— Nunca te dei o tratamento que você merecia na cama, Marcela. Mas nunca é tarde — Ele abriu bruscamente meu blazer, e depois rasgou a blusa fina, que eu usava por baixo. O medo e o desespero se materializaram em lágrimas, nos meus olhos, ao mesmo tempo em que eu me via agonizar de um ódio pungente, que germinava por todo o meu sangue, um combustível poderoso, que me induzia a não me dar por vencida.

— Miserável! Socorro! — Gritei o mais alto que pude. Minha voz saiu rouca, rasgada pela garganta.

Escutei sua risada baixa, arrastada; cruel, depravada.

— Não adianta gritar. Ninguém vai te ouvir, meu amor. Agora cala essa boca e deixa eu te foder, vadia. — Comprimiu meu maxilar, minha boca, com a intenção de abafar meus gritos.

Desesperada, me debati debaixo dele que, com grande facilidade, minava minhas forças, bloqueando meus ataques e tentativas, vãs, de escapar.

A boca dele tentou abocanhar meu seio, mas meu corpo revidou de alguma forma, resistindo, impedindo que me tocasse daquela maneira.

Comecei a chorar, acreditando que não conseguiria sair dali. O medo me enlaçou; enfraqueceu-me. Eu já não conseguia mais lutar.

*Nita, Nita meu amor...!* — Meus pensamentos suplicaram.

— Aaahhh. — Berrei, enchendo-me de coragem, recuperando parte da minha energia.

— Cala boca, sua cadela. Você já está me irritando, filha da puta — Vi a impaciência enraivecendo os olhos dele e o desejo violento de consumir o ato de estupro aumentou.

Ele lutou para beijar meu pescoço, enterrar o rosto ali, na minha nuca, mas consegui morder sua orelha fazendo-o explodir de raiva. Empurrei-o para trás, enquanto se consumia de dor, tirando-o de cima de mim; me joguei para o lado, quase caindo no chão. Meus seios à mostra, minha roupa rasgada e meu cabelo todo bagunçado era o reflexo de um momento de agonia e horror.

Estéfán tentou avançar e ameaçar, pegando o primeiro objeto que vi pela frente. Era uma mini-cômoda personalizada, de madeira, que praticamente coube tudo na minha mão. Uma réplica.

— Se afasta, cretino! — Apontei a arma em riste, com minha mão tremendo.

Ele riu, apalpando a orelha mordida.

— Você vai se arrepender, Marcela. — Avançou em minha direção e atirei o objeto de madeira, contando com a sorte de uma boa pontaria.

Acabei errando.

Estefan conseguiu desviar, com precisão, e a caixa acertou o espelho laqueado. Estilhaços de vidro choveram sobre o piso, atraindo um barulho estrondoso que ecoou por todo o quarto.

Aproveitei a distração dele, ao se voltar para o estrago às suas costas, e corri em direção a porta. Apertei a maçaneta e puxei com tudo. Meu coração retumbou na garganta, ao ver dona Rebeca materializada na minha frente, de pijama, olhando-me assustada quando se deparou com minha imagem toda retalhada, rasgada.

— Filha...— A voz dela fora como um fio trêmulo e frágil.— O que está acontecendo aqui?— Seu olhar se alternou entre mim, Estéfán e o espelho destruído no chão.

— Não se meta, mamãe! Saia daqui! Isso é hora de velho estar dormindo e não se metendo em discussão de casal! — Berrou, se agigantando pra cima dela.

Dona Rebeca encheu-se de altivez e meteu a mão na cara do filho, esbofeteando-o duas vezes. Estéfán reagiu surpreso, boquiaberto; olhos arregalados. Minhas pernas tremiam, lutando para me manter de pé. Cruzei os braços no peito, escondendo minha nudez e fiquei às costas de minha sogra, protegendo-me.

Com um furor estremeceador, ela esbravejou:

— Sai daqui agora! Ou eu mesma chamo a polícia pra te levar de volta para a cadeia! Sai! — Senti o choro reprimido em suas palavras.

Dona Rebeca abriu espaço para Estéfán passar, apontando o braço em direção à porta.

— Sai! Agora! Anda!

Estéfán estava perplexo. Inconformado. Não esperava a reação da mãe. Mirou-me com sangue nos olhos, me chamuscando com o olhar, apertando os lábios, enraivecido.

Saiu e fechou a porta, batendo com selvageria.

Dona Rebeca se virou para mim e me abraçou, apertando-me forte.

— Ah, filha, não posso acreditar. — Chorou no meu ombro, e eu chorei também, muito mais aliviada, agradecida. Apartei-me emocionada, trêmula.

— Graças à senhora, ele não... Ah, meu Deus...— Lamentei.  
— Não sei se eu conseguiria escapar se...

— Eu não tivesse aparecido.

Assenti; sugando o choro pelo nariz.

Sentei na borda da cama; estava cansada de lutar, espernear, de me livrar das garras do meu marido. Desviei para os cacos de vidro, a caixinha que minha mãe havia me dado, desde que eu havia completado 10 anos, estava ali, entremeada entre os estilhaços. Era uma prévia de uma cômoda, com várias gavetinhas. Mal tive forças de me mover para ir buscá-la. Deslizei da cama para o piso, me escorando na lateral de madeira, e comecei a chorar muito, tapando o rosto com as mãos; meus ombros se sacudindo pelo choro que veio sem controle.

Dona Rebeca apanhou meu blazer, jogado no chão, e me cobriu.

— Chora, filha. O choro é um alívio, um anestésico. Eu...sinto muito. Estou envergonhada por meu filho. Como ele pôde? — Perguntou-se, ainda muito descrente, inconformada também.

Sentou-se ao meu lado e me abraçou, engolindo o choro, tentando ser forte para me consolar, me amparar.

— Vou entender se quiser denunciá-lo. Vai me rasgar a alma, mas não posso e nem vou ser condizente com isso.

Eu não tinha forças e nem ânimo para sequer pensar, falar alguma coisa. Ver dona Rebeca desolada na minha frente, também, me deixou ainda mais abalada.

Virei para ela e falei baixinho, polida.

— Obrigada, dona Rebeca. Se não fosse pela senhora... — O choro dificultava a fluidez das minhas palavras, deixando minha voz embargada. — Quero e preciso ficar sozinha. Tentar digerir tudo isso.

— Tem certeza, filha? Não quer dormir no meu quarto, comigo?

— Não. — Limpei o rosto, decidida a não continuar mais chorando. Meus olhos ardiam, avermelhados. — Duvido que ele apareça. Vai pernoitar na farra. E não se preocupe, tranco tudo. Essa noite ele não entra mais aqui.

Dona Rebeca anuiu, entristecida, decepcionada. Saiu do quarto, me deixando sozinha como pedi. Levantei, por trás dela, e tranquei a porta na chave; verifiquei também a janela. Na volta para a cama, pisei em um caco de vidro; o sangue pulou para fora, jorrando no piso.

— Ah...— Gemi, com o ardor desconfortável.

Tateei a parede e sentei no chão mesmo, escorando-me. O filete de vidro estava espetado na carne do polegar.

— Aaah... — Senti um misto de alívio e dor quando retirei a lasca amolada; o sangue derramou com mais densidade, escorrendo por entre os dedos. Tentei levantar, mas minha primeira tentativa foi em vão. Descansei ali mesmo. Meu corpo reclamou, dolorido, pelo desgaste da luta. Rasguei o resto da minha blusa e enrolei no pé, fazendo um curativo.

Bufei cansada, exausta. Encostei a cabeça na parede, para descansar os olhos, mas não consegui. As imagens de Estéfan tentando me tomar à força, bloqueavam qualquer tentativa de descanso mental.

Virei, buscando o outro lado da parede, e me deparei com a caixa. Estiquei o braço e a trouxe para meu colo. Percebi que a parte de trás havia descolado com o arremesso. Desanimada, tentei colar, apertar. Mas notei que tinha um fundo falso, duas placas de madeira embutido dentro do vão apertado. Ajeitei-me melhor e forcei para abrir as gavetinhas.

E entre as duas paredes de madeira, tinha uma fotografia. Intrigada, remexi, forcei ainda mais, puxando a imagem.

Encarei a foto, o rosto bem conhecido da minha mãe passou despercebido, diante de duas crianças recém nascidas em seus braços; uma em cada lado. Duas meninas, com vestimentas simples, sem enfeites.

Trouxe a fotografia para perto da vista, na ilusão de adivinhar quem poderia ser as duas crianças.

Virei a imagem e, esmiucei os olhos, ao me deparar com a caligrafia muito ruim, cheia de falhas e erros de grafia. Mas, à medida que fui lendo e entendendo o conteúdo escrito, não contive a emoção que começou a escorrer pelo canto do olho.

*“Primeira foto das minhas princesa. Com muito amo, vou cuida e protege vocês Marciellen e Marcela”.*

## 34 CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

NITA.

**O RESTINHO** da tarde de sexta-feira estava mais quente que o normal, se comparado aos outros dias da semana que passou. Felipe reclamava da fantasia sempre que tinha oportunidade. Levantava o tecido da roupa até o cume do pescoço, para depois forçar a gola brilhosa até a base, reclamando do calor.

— Não aguento mais, Nita. Já vai dar cinco horas, acho que já podemos ir — Fadigado, ele desarmou-se da postura de estátua e ficou de frente para mim.

— Vamos ficar até às cinco. Falta pouco, relaxa — Não me mexi e nem desfiz a pose do deus buda, sentada na orla.

— Também não aguento mais. Estou com os pés formigando — Lucas se jogou ao meu lado, arriando-se no chão.

— O que está acontecendo com vocês? Estiveram muito desconcentrados hoje. — Levantei, tirando o capacete de latão da cabeça.

— Aposto que é por causa da luta ao ar livre de hoje à noite. — Lena se aproximou, juntando-se a nós — Lucas até sonhou no meio da noite, falando enquanto dormia.

— Não força, garota.

— É verdade — Felipe confirmou, encrencando.— E ainda fazia assim.— Os braços dele se digladiaram no ar, fazendo mímicas de golpes marciais; Lucas revirou os olhos, ignorando, dando de ombros.

As risadas de Lena e Felipe se misturaram em uma dissonância gostosa de ouvir. Não resisti e esbocei uma risadinha também.

— Certo. — Falei — Vamos embora. Minha bunda também está doendo de tanto ficar sentada nesse tapete de concreto.

Ambos comemoraram entre gritos e toque de punhos cerrados.

A movimentação estava cada vez mais densa. Pessoas caminhando, correndo, ocupando a passagem, diminuindo os espaços que levavam à praia.

Organizamos tudo para ir embora. Lena se apressou em pegar Bob amarrado em um lugar próximo.

— Marcela não vem hoje?— Escutei Lucas perguntar. Mirei-o de relance e depois encarei o celular que ela havia deixado para mim no horário de meio-dia.

Nem uma ligação perdida. E isso só reforçava o quanto tinha alguma coisa estranha no ar. Eu sentia, podia farejar. Ela não saiu do carro. Estava com uma maquiagem bastante carregada no rosto. Estranhei, pois não era de se maquiar muito, quase nada. Sua pele natural, as sardas, era o que realçava sua beleza, dando-lhe um diferencial especial.

Voltei a mirada para Lucas.

— Ela estava estranha, muito esquisita.

— Por que não liga?

— Será? Não sei...

— Ela te deu esse troço para vocês se comunicarem, não foi? Anuí.

— Então liga.

Pensei e repensei; Lucas tinha razão. Peguei de volta o aparelho no bolso e fui direto no contato dela. A chamada cantou no meu ouvido, e esperei ser atendida no primeiro toque. Senti que havia alguma coisa de errado com ela. Mal me olhou nos olhos e quando o fez, desviou logo, como se quisesse esconder algo.

Ela não atendeu. A chamada se perdeu caindo na caixa de mensagem.

Guardei o celular no bolso; Lucas falou:

— Tenta de novo. Você ligou só uma vez. E quem liga só uma vez e não insiste, demonstra que não está a fim de falar, está fazendo pouco caso.

— Não. Ela vai ver que liguei. E você está errado, *man*. Quando uma pessoa liga somente uma vez, quer dizer que ela não ligou uma segunda porque não estava querendo incomodar.

Ele riu.

— Por que vocês adultos são tão complicados?

— Porque se não fosse assim, não seríamos adultos.

Ele riu novamente, balançando a cabeça.

Bob chegou perto, todo espalhafatoso, energético, querendo se soltar da corrente. Tudo era novidade para ele. Lena não o largava, sempre mimando, fazendo suas vontades.

— Você vai estragar esse cachorro. Faz tudo o que ele quer.— Felipe reclamou e Lena revidou:

— Está com ciúme, dor de cotovelo porque Bob não tá nem aí pra você.

— Magrelo tem razão, Lena. Você tem que dar limites para esse *marrentão*. — Alertei, passando a mão na testa dele.— Um animal doméstico é como um filho. Há os momentos de carinhos e os momentos de educação, repreensão.— Ficou calada, não disse nada.

Felipe e Lucas comentaram mais, meio enciumados, porque não conseguiam ter a mesma atenção do animal.

Fiquei isolada atrás, enquanto os três se distanciavam, tagarelando pelo caminho. A brisa calma e gelada que rumava do mar, me deixava relaxada, reflexiva; meus cabelos curtos balançavam com graça, se espalhando pelo rosto, grudando no pescoço.

Olhei para as águas; uma vontade repentina de correr até lá me atiçou. Quis dar um mergulho, deixar que as ondas levassem todo o cansaço que pesava no meu corpo. Mas nada teria graça, alegria genuína, se Marcela não estivesse ali comigo. Deixei que o vento, bem presente, levasse para longe aquele desejo.

Caminhei mais devagar; os meninos já andavam a uma certa distância, se divertindo com Bob, que tentava, em vão, se soltar da corrente. Farejava o chão o tempo todo, como se tudo fosse novo para ele. E era. Era seu primeiro dia nas ruas.

Gritei de longe para que tomassem cuidado com os carros, que Felipe o segurasse firme, e que não deixasse Lena pegar a corrente.

Sorri, quase sem mover os lábios, imaginando a boca dela fazendo bico, chateada comigo. Ela ainda não tinha forças e nem habilidade para levá-lo. Bob era esperto, e embora fosse um animal de tamanho médio, era muito forte, e ela ainda estava se recuperando, não tinha energia para lidar com ele solto, mesmo na corrente.



Voltei a atenção para o mar, apreciando a paisagem oceânica, deixando o vento brincar, bagunçar à vontade meus cabelos.

*“Eu não me importaria em viver o resto da vida nesse lugar. Mas com você”*

Era difícil eu sorri abertamente, mas ao recordar das minhas próprias palavras, não consegui me conter. O sorriso veio escancarando os lábios, esquentando o coração. Meti as mãos no bolso e de repente senti o celular vibrar.

Era Marcela.

— Oi, amor.

— *Ainda estão na orla?*

— Estamos a caminho de casa.

Houve uma pausa e, sim, ela estava estranha. A voz não era a mesma. Meu peito se comprimiu, e fiquei preocupada.

— Pode dizer o que está acontecendo, Marcela?

— *Podemos nos ver hoje? Quero te ver. Preciso.*

Dessa vez foi eu quem ficou muda do outro lado da linha, me dando um tempo para respondê-la. Eu tinha certeza que aquele vagabundo de merda, havia feito ou dito alguma coisa. Meu sangue esquentou, ferveu, só de imaginar que ele tivesse feito algum dano a ela; tê-la magoado, ofendido.

— Vou levar os meninos para uma competição de lutas marciais ao ar livre daqui a pouco. Pode nos acompanhar?

— *Que horas?*

— Pode vir o horário que você quiser. Sairemos às dezoito. Depois te passo o endereço por mensagem.

— *Posso ir agora?*

— Claro! Vem voando! Quero te ver. *Tenho certeza que está me escondendo alguma coisa.* — Quase completei.

— *Em meia hora estarei com vocês.* — E desligou às pressas. Desconfiei que havia chegado alguém, pois escutei uma voz longínqua, aos fundos.

Suspirei e bufei baixinho; intrigada, desconfiada. Apertei o passo para alcançar o quarteto. Cheguei perto, me metendo no meio deles. Bob subiu em mim, e um pouco da minha tensão cedeu.

— Vamos depressa, Marcela vai estar nos esperando.

— Conversaram? — Lucas Perguntou?

— Trocamos algumas palavras. Logo, logo vou saber o que está havendo. — Semicerrei os olhos, e passei a encarar o horizonte além dos prédios e do mar.

Eu e Lucas passamos a caminhar um pouco mais atrás, enquanto Lena e Felipe se distraíam com Bob. Ele tentava atrair a atenção do vira-lata, mas acabava falhando em suas tentativas, arrancando altas risadas da amiga.

Lucas ignorou os dois e, em tom galhofeiro, indagou se referindo à Marcela.

— Ela vai lutar?

Não precisei olhá-lo para ter certeza que no canto de sua boca havia um sorrisinho cínico, zombador.

— Talvez já esteja lutando contra seus próprios demônios.

Ficou quieto. Apenas observando os outros dois à nossa frente. Depois de uma pausa comentou:

— Você é cheia de mistérios, Nita. Eu venho de uma família esperta, criminosa, aprendi muitas coisas. — Me olhou e o encarei de soslaio.— Por que viveu esse tempo todo nas ruas? Sei que se quisesse, não estaria na mesma situação que a gente, *perdendo* tempo. Você sabe lutar, faz malabarismo muito bem, podia viver trabalhando como estátua viva. Poderia ter arrumado um lugar para morar. Por que preferiu viver assim?

Lucas era realmente muito esperto, sensível também. Às vezes, aparentava ter o dobro da sua idade. Talvez porque, como bem frisou, vinha de uma família que exigia toda essa esperteza. Não desviou os olhos até eu responder.

— Estava à caça de uma pessoa aí? Uma mulher que fodeu com a minha vida.

Ele crispou a testa numa pergunta.

— Por isso optei por ficar vagando, fugindo por aí, até achar o buraco em que aquela psicopata se enfiou. Eu sempre soube me virar bem nas ruas, é verdade. Fora o frio da noite e os dias de inverno, é meio que moleza.

— Quer dizer que não achou a tal mulher. — Constatou.

— Ainda não. Li em um jornal, há um mês, que a delinquente estava sendo caçada pela federal.

Lucas me olhou, as mãos dentro do bolso, assim como eu.

— Odeia mesmo essa mulher, hein.

— Você não imagina o quanto. — Encarei-o.— Não imagina o quanto!

Ele enrugou a testa; a curiosidade brilhando em seu olhar.

— O que ela te fez?

— Não quero e nem vou falar disso. — Tentei soar polida, mas senti a voz sair ácida, cortante.— Só quero botar as mãos nela e entregar à justiça.

Lucas soltou o ar; parecia ter capitado além.

— Pela forma como você fala, acho que deseja bem mais que entregar a *sujeita* para a justiça.

Era verdade. A sede de vingança não havia morrido. Ainda estava bem viva, me consumindo por dentro. Mas havia algo muito mais importante na pirâmide da minha vida. O amor. Por Marcela, Lucas, Lena e Felipe, eu selei um pacto com o amor e com a justiça. Um pacto irrevogável. Mas nada me faria desistir de encontrar a cretina filha da puta e fazer com que saldasse sua dívida.

— Impressão sua. — Menti.

— Mentindo pra filho de mentiroso, de bandido?

— Bem que você gostaria de estar com ele.— Respondi no calor da conversa, me arrependendo no mesmo segundo.

Minhas palavras foram como uma espécie de fita isolante amordaçando sua boca. Lucas ficou mudo, expressão travada, olhos fixados para além da paisagem urbana à nossa frente.

— Desculpa, cara, eu...

— Relaxa. Está tudo bem.

— Agora quem está mentindo é você.

— Tem assuntos que é melhor deixar pra lá.

— É. Também acho.

Dei uma estapeada no ombro dele, que fechou a mão em punho, em minha direção; fiz o mesmo e tocamos em um gesto rápido, de cumplicidade.

Estava começando a escurecer quando dobramos a esquina de casa. Enxergamos Marcela escorada na traseira do seu carro. Lucas e Felipe a saudaram e entraram em seguida; Lena foi além, abraçando-a demoradamente, feliz como sempre quando a encontrava. Observei-as; especialmente Marcela. Cada gesto seu,

sua feição. Escrutinei se o sorriso era o mesmo de sempre. Não, não era. Estava longe de ser.

— Vai na luta com a gente? — Lena perguntou, risonha e feliz como sempre.

— Claro que sim. — Não perco esse evento por nada. — disse Marcela, esforçando-se para parecer animada.

— Que bom. Não seria a mesma coisa sem você. — Sorriu largamente, dividindo o olhar entre nós duas.

— Lena. — Chamei-a.— Pode ir, vou levar um papo com Marcela.

— Hmmm...um *papo*!? Sei.— E entrou para dentro, numa expressão travessa.

Marcela mirou-me desconfiada e quando cheguei perto, desviou o olhar para um pedaço escuro da rua.

— Por que não me olha nos olhos?

Ela virou, dando as costas para mim.

— Deve ser por causa da dor de cabeça horrível que tive hoje à tarde. Mal consigo sustentar o olhar, minha vista dói, ainda me sinto meio tonta.

Fiquei logo chateada, por ela achar que eu acreditaria nesse clichê. Falei ácida:

— Você teve o percurso todo, até aqui, e mais os minutos que ficou parada, esperando. Poderia ter arranjado uma desculpa melhor, mais original.— Não perdoei, por tentar me fazer de tola.

Virou-se, relutante, me encarando. Olhei-a, sondei as nuances no seu rosto, seus olhos emitiam um brilho triste, melindrado, sobrepondo à luz opaca abaixo do poste.

— O que houve, minha garota?

Marcela piscou, abrindo os lábios para falar, mas desistiu quando levei a mão para tocar seu rosto.

Abraçou-me tão forte, me espremendo, que por um lapso de instantes, achei que pudesse me machucar.

— Posso imaginar o motivo desse abraço tão apertado. — Tentei deduzir.— Aquele miserável não quis te dar o divórcio, não é? Se recusou e acabou te ofendendo, falando um monte de merda, não foi isso?

Vagarosamente, ela foi se apartando dos meus braços, o olhar pousado no chão.

— Ei! Fala comigo. Olha pra mim, amor.

Ergui seu queixo, lágrimas silenciosas começaram a transbordar por seu rosto, lavando toda a maquiagem pesada. Levei as duas mãos para limpar, secar tudo e, no momento em que resvalei os dedos por sua pele, notei hematomas em toda a região da bochecha.

— Você...você está machucada...— Minha voz saiu em um misto de perplexidade e revolta.— Por favor, me diz que você tropeçou e rolou daquela escada, que essas marcas no seu rosto não são das mãos daquele filho de uma puta!— Gritei revoltada, meu olhar chamuscando.

Lacrimando, ela balbuciou.

— Ele tentou...

Eu mal conseguia respirar, conjecturando o restante de sua fala.

— Ele tentou me violentar, Nita. Ele...

Marcela não conseguiu concluir o óbvio.

O choro estava entalado em sua garganta, e eu explodi de uma revolta insana, que me levou ao pico da raiva.

## 35 CAPÍTULO TRINTA E CINCO

### MERCELA.

**O OLHAR** de Nita era como um braseiro vivo, chamuscando em uma ardência crepitante. Temi o pior. Mas não poderia me arrepender de ter contado toda a verdade. Ela merecia e precisava saber. Estávamos juntas, unidas, dispostas a tornar nossa relação sólida e moral.

Encolhi-me, assustada, quando ela explodiu, dando um soco na traseira do carro, esbravejando, xingando alto, muito enervada.

— Filho da puta!— Gritou.— Eu vou esfolar aquele verme, Marcela. Eu juro! — Desferiu outro golpe potente, esmurrando o metal do veículo. Alterada, voltou-se para mim, cravando as mãos em meus braços, de maneira que senti meu corpo inteiro sacudir. Supus que nem ela mesma tivesse noção de toda a energia, toda a força que pusera em sua ação.

— Me perdoa, mas eu vou bater tanto naquele merda, espancar aquele cachorro aonde mais doer.

Estremeci toda, por dentro, amedrontada, quase arrependida de ter contado. Seus olhos flamejavam cheios de furor, de algo mais forte que a raiva, o ódio, a ira em seu estado mais extremo. O desespero me embeveceu quando ela se dirigiu à porta do carro e entrou, ocupando o volante.

Corri e entrei também; meu coração alucinado no peito.

— O que vai fazer? Onde vai? Por favor, não vai sujar suas mãos, meu amor, não vale a pena.

— Vale. Vale muito a pena ver aquele desgraçado todo esfolado. É o mínimo que aquele doente merece. E, nem você, nem ninguém, vai me impedir de fazer isso, Marcela.

Suas palavras firmes e decididas, deram um nó na minha garganta. Fiquei apavorada; a mente trabalhando rápido, tentando achar um jeito de detê-la.

E, em um arroubo impetuoso, pulei em seu colo, quando a vi girar a chave na ignição.

— Escuta.— Moldei o contorno do seu rosto com as duas mãos, e só então percebi que eu tremia. — Ele não está em casa, e não voltará tão cedo. A essas horas deve estar no meio da orgia, da farra.

Nita mirou-me no profundo dos olhos, os movimentos de suas íris lampejavam, na luz fosca do carro. Depois desceu o olhar para as marcas roxas, que maculavam a maçã do meu rosto; ficou ainda mais enraivecida.

— Mas que Porraaaa!— Inconformada, ela esmurrou o volante com força, atrás de mim, jogando a cabeça no encosto.

Seu peito subia e descia, a narina fremia, tudo nela querendo explodir, exigindo alguma satisfação.

E então, dos seus olhos fechados, começou a escorrer lágrimas lentas, vagarosas.

Passei a observá-la. Ainda não tinha visto Nita chorar. Com o braço repousado na testa e o outro arriado em punho trancado, ao lado do corpo, ela permaneceu assim até sentir minhas mãos limpando seu rosto; gesto esse que ela não permitiu que eu continuasse.

— Me conta tudo. Quero saber todos os detalhes, não me esconde nada, Marcela. — Pediu; seu olhar ainda muito revoltado, indignado.

— Está bem. Mas promete...

— Não! Não vou deixar isso pra lá, ouviu bem?— Exaltou-se mais uma vez.— Aquele marginal dos infernos tentou te violentar! Olha como está seu rosto, sua pele! Ele quis fazer com você o mesmo que fez no prostíbulo. Quer que eu esqueça o que a *minha* mulher passou nas mãos de um covarde estuprador do caralho?

*Minha mulher...*

*Minha mulher...*

*Minha mulher...*

Esqueci o resto mundo, por um momento, e cada canto do meu ser vibrou, em meio a todas aquelas batalhas de emoções.

*Minha mulher...*

— Repete.— Sorri feliz, querendo ouvir aquelas palavras mais uma vez.

Nita manteve seu olhar firme em mim.

— Não faz disso um momento romântico. Não é a hora.

— Eu sei, mas...mas você acabou de dizer que sou sua mulher. *Sua mulher!* Eu...o jeito como você falou...me senti tão sua, tão amada, protegida...

— Se sentiu amada e protegida somente agora? Ao ouvir eu dizer que é minha mulher?

Assenti, sentindo meus olhos brilhando, apaixonados demais.

— E das outras vezes? Não te fiz se sentir minha? Não fiz com que você se sentisse amada e protegida?

— Que outras vezes?

— Todas, Marcela. Meus beijos, meus abraços, meus toques,  
— Levantou a mão e, com cuidado, resvalou a costa dos dedos na minha pele arroxeadas; suas pupilas suavizaram enternecidas.— Só se sentiu amada e protegida agora? — Não deixou que eu respondesse e acrescentou:— Acho que ando falhando como sua...namorada.

*O quê?*

Lacrimiei, envolvida por uma miríade de sensações boas e vívidas. As lágrimas acumuladas pularam dos meus olhos, e os apertei com força, absorvendo suas declarações, deixando que se entranhassem em mim.

— Sua mulher...sua namorada... O que mais?

Ela deixou que o silêncio imperasse apenas por meros instantes, para depois falar.

— Meu amor, Marcela. Também é o meu amor. — Sorriu meio de canto, com o semblante bem menos carregado, abalado.

Senti-me como se eu estivesse em uma cena de conto de fadas, vivendo o cume da felicidade transbordando até pela ponta dos dedos, com passarinhos entoando, cantarolando, voando ao redor, no alto da cabeça.

Nita já não dava a dica de nenhum sorriso, apenas me olhava compenetrada, séria. Eu podia sentir a tensão sexual que nos cercava, nos espremia dentro do carro, mesmo depois do mau momento que passamos.

— Não vai atrás dele. Por tudo o que é mais sagrado pra você. Não suja suas mãos, meu amor. — Minhas mãos subiram pelos



seus ombros, encontrando o caminho da nuca. Colei nossas testas, e supliquei.— Por favor!

— Não. Não posso. — Afastou-me o rosto, franzindo os olhos. — Não entende? Se ele ficar impune vai fazer de novo e de novo, até foder com a vida de alguém. Não me peça para deixar isso pra lá, fingir que nada aconteceu, porque não posso, não quero, não vou me sentir bem deixando lá. Vou me sentir uma covarde, e não sou assim, Marcela.

— Você não é Deus!

— Mas que droga! Agindo assim, parece que está contra mim, e defendendo aquele canalha! Qual é Marcela?

Escorreguei do seu colo sentando-me na poltrona ao lado:

— Droga. Droga. Droga!

Ela tinha razão.

Chutei o pequeno vão, dentro do carro, me sentindo uma tola, uma completa imbecil, sem pulso algum.

Esperei ouvir sua voz, sua chateação, no entanto, o embalo do silêncio se estendeu entre nós duas, criando um momento de estranheza.

Encolhi as pernas, me virando para o lado oposto; minhas mãos presas no colo, unidas uma na outra.

Não chorei mais, quis apenas ficar quieta, encolhida ali mesmo, sem me mover.

De costas para ela, comecei a contar tudo.

Narrei a forma brusca e violenta com a qual Estéfan me atacou, me encurralou. As palavras torpes e sujas; os insultos, a forma humilhante como se dirigiu, falou comigo, me maltratando, sendo estupidamente grosseiro e doentio.

Quando acabei de falar, virei buscando por ela, estranhando seu silêncio mordaz. Seu corpo estava inclinado para frente, e a cabeça repousada sobre os braços no volante. Cheguei a pensar que estivesse chorando. Mas, para minha surpresa, ao levantar o rosto para mim, Nita exibia uma expressão impassível, sem emoção alguma. Parecia uma máquina programada, desprovida de qualquer emoção.

Apertei os olhos, tentando captar alguma coisa, entendê-la. Seu olhar, petrificado, mal piscava. A sensação que tive, e que me

amedrontou, era que Nita parecia uma bomba, quieta e perigosa, que se tocada, explodiria a qualquer momento.

— Não vai dizer nada? — Perguntei, meu olhar sondando-a o tempo todo.

Ela curvou, levemente, a sobrancelha e manteve o olhar em mim, séria, de um jeito que me balançou, preocupou. Por um momento, me fez pensar que estivesse planejando alguma vingança na mente.

— Quer saber como estou me sentindo? — Ela não piscou, ao invés disso, estreitou ainda mais os olhos, uma característica comum sua.

— Mal, imagino. — Respondi, num fiasco de voz.

— Não, você não conseguiria imaginar. Tudo isso está doendo, machucando mais em mim, do que em você, pode ter a mais completa certeza disso.

Fiquei desorientada; meus pensamentos indo além.

— Nita, você...você já foi...?

— Não. Nunca fui violentada.

Cortou-me rapidamente; suas íris vagando para longe, para um lugar distante e secreto.

— Ela foi estuprada antes de ser brutalmente assassinada.

— O quê...? Quem?

— Drica.

Recuei o corpo, piscando atenta.

— Se eu tivesse chegado a tempo...

— Sinto muito. — Ofereci minhas condolências.

Ainda que eu tivesse sido sincera em meus pêsames, não pude deixar de me sentir enciumada, incomodada.

Nita saiu do carro, e eu a acompanhei.

— Não tenho clima para passeios. Vou dizer aos meninos que não vamos mais. — Sentenciou.

— Não. — Apertei o passo, passando à sua frente, espalmando as mãos no seu peito.— Não cancela. Os meninos estão bastantes animados, não joga esse balde de água fria neles.

— Se antes eu não estava com ânimo, agora menos ainda. Não, não dá, vou cancelar. — Dirigiu-se para o portão e insistiu.

— Se você não quer ir, deixa que eu levo e trago os três em segurança. Também estou precisando distrair, esquecer o que aconteceu.

Olhou-me, mas não sustentou o olhar. Expressou um franzir de sobrelanceiras que não passou despercebido aos meus olhos.

— Estou tão horrível assim?

— Desculpa. Não estou conseguindo te olhar desse jeito e não poder fazer nada. Sinto culpa por ter deixado você ter saído ontem daqui. Eu poderia ter insistido, mas deixei que se fosse e passasse por tudo isso.— Lamentou.

— Já passou, não se atormenta desse jeito. Ninguém tem culpa de nada, muito menos você. Eu vou ficar bem. E meu remédio é ficar assim, com você — aproximei e me aninhei em peito. — Sentindo teu calor, teu amor.

— Só vou ficar em paz, tranquila, quando eu estiver cara a cara com aquele verme e fazer meu punho craquelar na cara dele.

Suspirei, de mansinho. Não falei nada. Apenas deixei que Nita permanecesse me abraçando, cuidando de mim naquele momento de emoções talhadas.

E, ao final, acabei perdendo o ânimo para contar sobre a foto encontrada.

## 36 CAPÍTULO E TRINTA E SEIS

NITA.

**EU NÃO** conseguia me divertir, me familiarizar com toda aquela euforia, vozes esganiçadas, torcidas gritando contra, apoiando, atçando, vaiando.

Ao meu lado, Marcela esforçava-se para parecer contente também. Interagia, vibrava com os meninos, principalmente com Lucas e Felipe.

Mas, assim como eu, ela não estava bem. Observei-a com mais atenção; seu gesto e interesse por eles era admirável, impressionante. Senti-me muito orgulhosa por tudo que me fazia ser e sentir. Estava claro todo o seu esforço para tentar se distrair, esquecer o mau momento que passou com o vagabundo do marido, mas isso não diminuía a imagem boa e significativa de que gostava dos garotos genuinamente.

Olhou-me num repente, flagrando meus olhares, vidrados, muito conscientes dos seus movimentos, da sua disposição e entrega.

Ela sorriu para mim, e acabei despertando do transe, ao denotar que as marcas roxas em sua pele, inchada, ofuscava seu sorriso, que era a atração maior em seu rosto.

Virei para o público em massa e estrídulo, me contendo para não sair dali e procurar Estéfán até no inferno. Cerrei os punhos para abrir novamente, trabalhando a respiração raivosa.

Sem que eu esperasse, senti o braço dela envolvendo minha cintura. Ficou ali, grudada, rosto se aconchegando no meu peito, olhos buscando os meus.

— Preciso disso. Preciso ficar assim, com você. Só me abraça, Nita; me abraça bem forte.

Uma sensação quente e anestésica, foi dissolvendo todo o torpor que crescia dentro de mim.

Ela sorriu ternamente e ergui seu queixo, trazendo seu corpo ao encontro do meu. E sem pedir permissão, a beijei. Minha língua

procurou a sua, nossos lábios se moviam numa dança lenta, mas sem trégua. Todo o resto ficou esquecido. Marcela arfava contra minha boca, entre uma pausa e outra para a respiração. Senti meu ventre queimar, meu sexo palpitar e o bico dos seios enrijecerem.

— Vamos, vem.

Saí puxando-a, nos livrando do tumulto, levando-a para um lugar mais privativo, onde pudéssemos estar à vontade. Subimos por uma escada improvisada, de poucos degraus, que levava a uma fileira de barracas provisórias, montadas com lonas escuras e gastas. Ali do alto, dava para explicar a visão para todo o público. Acabamos nos escondendo em uma barraca um pouco mais afastada das outras. De dentro do estreito espaço, as luzes do lado de fora penetravam pelas falhas no plástico preto, bem surrado. Mas quem quer que passasse por ali, não conseguiria nos ver

— Senta aqui.

Animada, ela sentou-se de frente, colocando as pernas por cima das minhas coxas.

— Os meninos vão sentir nossa falta.

— Duvido. — Falei, lançando olhares por entre os buracos da lona, observando o entusiasmo dos três. Até Lena parecia se divertir tanto quanto Felipe e Lucas.

— Isso era tudo o que eu estava precisando. — Marcela falou. Virei para ela e acrescentou. — A gente assim, juntas. Você me olhando desse jeito.

— Que jeito?

— Com esse olhar. Você tem uma sensualidade nos olhos que quando estão tomando conta de mim, sinto minha pele e todo o meu corpo sendo explorado, acariciado de maneira que eu seria capaz de gozar somente com você me olhando.

Não falei nada, me mantive com os olhos acesos, intensos. Encarei sua boca e abri os lábios me encostando nela. Foi mais um beijo profundo, de esquentar as entranhas.

Trouxe Marcela para meu colo, quando ela gemeu gostoso. Não aguentei e gemi também, minha respiração cadenciava, pesava a cada toque das minhas mãos mapeando suas costas, sua cintura, os seios por baixo da blusa folheada.

— Quero muito esses dedos em mim. Caralho, como eu quero.

Peguei sua mão, que grudava na minha nuca, e beijei o dorso delicado, sua palma, os dedos — passei a língua quente neles — me excitei ao imaginá-los dentro de mim, me introduzindo devagar para depois meter forte.

— Infelizmente aqui não dá. — Falei, arquejante, e ela sorriu cheia de tesão, com a boca colada na minha.

Quando me afastei, fitando seus olhos, algo oculto, atrás da lona, às suas costas, atraiu minha atenção. Havia alguém nos observando, o rosto da sombra recuou muito sorrateiramente quando se deu conta que eu tinha notado a presença ali. Fiquei em alerta; conjecturando ser algum curioso assistindo a intimidade alheia.

A sombra se mexeu mais uma vez e me vi sendo obrigada a levantar.

— Quem está aí?

Ninguém respondeu. Um. Dois. Três segundos se passaram.

— Acho que já foi. — Escutei a voz, vacilante, de Marcela quando ela se ergueu.

Paralisei no mesmo lugar, esperando ver ou ouvir algum outro barulho. Nos dois anos vivendo nas ruas, aprendi a não ignorar os sinais, ou qualquer movimento suspeito.

Com os sentidos despertados, me movi para averiguar. E, ao afastar o cortinado plastificado, senti um cheiro estranho, muito forte, muito familiar.

Algo revolveu no fundo do meu âmago. Aquele cheiro... Aquele perfume inconfundível...

*Não, não. Não podia ser!*

Comecei a rodar feito louca, farejando o cheiro forte que espiralava no ar. Corri pelo corredor montado, buscando alguma sombra, algum rosto para constatar que não fosse o da pessoa que minha mente imaginava; que não fosse o mesmo perfume masculino que cheguei a sentir diariamente há mais de dois anos. A única que usava aquele cheiro horrível era ela. Renatão.

Marcela estava começando a ficar esbaforida, me acompanhando naquela loucura. Ela mirou-me assustada quando pegou em minha mão e a sentiu gelada, meio trêmula. Engoli em seco, atenta em cada pedaço escuro do hall improvisado. O lugar

estava fosco, como se toda aquela escassez de luz fosse puramente calculada, estratégica.

— Aparece! Está se escondendo por que porra?

Muito excitada, saí abrindo cada pedaço de lona fechada. Era os bastidores da luta. Deparei com pessoas se alongando, se vestindo, outras agarrando-se intimamente. Em cada compartimento, eu via uma cena diferente.

— Para com isso! O que deu em você, Nita? Essas pessoas estão em momento de privacidade.

— Que se dane! — Vociferei.

Marcela tentou me parar pelo braço, mas mal consegui sentir seu contato, muito afoita, adrenalina percorrendo-me toda. Queria saber quem era o dono daquele perfume. A última vez que senti a fragrância, forte e desagradável, foi quando encontrei Drica morta sobre a cama. Nem o teor forte do sangue, se sobrepôs ao cheiro nauseante da colônia.

— Aparece, porra! — Abri os braços; meus olhos correndo em tudo.

Atraídas pelo escândalo, algumas pessoas saíram de dentro das barracas, se reunindo em um motim; me esquadriavam, procurando entender o que estava acontecendo.

— Quem é a líder de vocês? — Perguntei a um dos meninos com a pele marcada por tatuagens tribais.

O garoto sondou-me de cima a baixo, altivo, cheio de marra, como se eu fosse um inseto, pronto para ser esmagado pela sola dos seus pés.

— Perdeu a língua? — Gritei. — Quem é a líder de vocês? — Tornei a perguntar, mais impaciente que nunca.

— Nita, por favor! Vamos embora!

Não dei ouvido às súplicas de Marcela. Meu olhar espreitador se manteve firme no garoto. Armou-se e veio com tudo pra cima de mim. Com agilidade, e extrema facilidade, consegui dominar seus braços para trás, e fiquei às suas costas, apertando-o contra meu peito.

Todos se afastaram, mantendo-se em posição de ataque.

— Minha intenção não é agredir, nem machucar ninguém, garoto.

Ele grunhiu de dor, se sustentando na ponta dos pés. Vozes se misturaram, exigindo, ameaçando para que eu o soltasse. Eu não queria confusão, apenas saber de quem era o perfume que, até aquele instante, estava impregnado no meu nariz.

Acabei empurrando o adolescente para o meio dos demais. Ficou acuado, parecendo surpreso com minhas habilidades.

— Quem é essa louca que está berrando aqui?

Virei para a voz atrás de mim e dei de cara com um homem alto, porte atlético bem acentuado. Dei uma visualizada, rápida, nele, e percebi que todo aquele volume de músculo era efeito bomba, tudo artificial.

Empinei o queixo, dando um passo à frente.

— Você quem está por trás disso tudo? Desse torneio clandestino?— Fiquei rígida, esperando a resposta. Marcela se mantinha afastada, observando; o medo e a confusão cintilavam em seu olhar.

— Não que isso seja da sua conta, mas eu sou o responsável pela apresentação sim. Por quê? Quer entrar para o torneio? — O sujeito moveu a cabeça, me examinando de forma deliberada.— Aqui só pegamos adolescentes, e você já está bem grandinha, não acha?

Era para eu ter ficado aliviada, satisfeita, mesmo diante do tom ironizado dele. Aquele cara estava longe de ser quem eu suspeitava. Mas meu instinto ressoava algo; gritava, alertava. Senti que havia algo muito estranho, suspeito ali. Aquele homem parecia ser um fanfarrão, um típico pau mandado. Ele não tinha porte e nem personalidade para ser líder de nada. Tudo nele aparentava ser falso. O olhar, a postura de macho alfa, os músculos.

Eu queria ir mais além, botar pressão, mas Marcela se aproximou me puxando pelo punho.

— Já chega! Vamos sair daqui. Olha o que você fez? — Ela olhou discretamente, ao redor, envergonhada pelo meu rompante.

Suspirei, mas não de alívio. Gravei bem o rosto do sujeito careca, e saí. Saí sem pedir desculpas, puxando Marcela, segurando em sua mão.

— Tem alguma coisa de errado aqui. Posso sentir.



— Até agora não entendi nada, Nita. O que aconteceu ali dentro? Pode me explicar?

Fiquei agitada, andando de um lado para o outro, sem poder evitar a agonia e o mau pressentimento. Passei a ter a sensação de que estávamos sendo observadas, vigiadas, e aquilo me deixou desarmada, nociva a qualquer ataque.

— Era ela, tenho certeza! Era ela.— Inclinei-me numa barra de ferro, afundando o rosto entre os braços; o sangue inquieto no meu corpo.

— Ela quem? — Marcela perguntou desorientada, tentando me entender. Tocou o meu braço, muito calmamente, trazendo minha atenção para si.

— Renatão. Tudo isso aqui, essa farsa de luta ao ar livre, é coisa dela. Sempre viveu de forma clandestina na luta. Ela...me achou, Marcela.— Minha voz desmaiou para um tom de decepção, um pavor tangível.

— Quem é essa mulher que te tira as estribeiras, Nita? Que te deixa em pânico, fora de si?

Ainda perdida em minhas próprias suspeitas e agonia, abracei minha ruiva, precisando muito senti-la perto, junto a mim.

— Isso é um pesadelo. Não pode ser ela. Eu tenho que estar enganada, louca!— Falei com o queixo colado em seu ombro.— Esperei tanto encontrar essa psicopata, mas... não assim.

Mesmo sem entender nada, Marcela permaneceu ali, sustentando meu abraço no seu, me sentindo, me apertando também.

Depois de eu ter recuperado parte da razão, saímos da penumbra e nos metemos no meio da aglomeração. Lucas, Felipe e até Lena permaneciam alegres, efusivos, curtindo a luta.

Atenta, passei a lançar olhares por todo lugar, procurando o rosto que eu suspeitava. Mas não enxergava nada, além de adolescentes vibrando, gritando, vaiando como loucos.

— Vamos embora. Agora. — Falei baixinho ao pé do ouvido de Marcela e repeti o mesmo para cada um dos meninos.

Recusaram, espernearam, fizeram uma tromba que arrastava no chão, mas ao final, a contragosto, cederam.

À medida que íamos nos distanciando, o barulho ficava mais abafado, longínquo, e as reclamações chegaram sem dó aos meus ouvidos.

— Saímos no melhor da luta.

— O meu preferido já estava praticamente na semifinal e você estragou tudo.— Lucas reclamou seguido de Felipe.

— Eu gostei da chinesa, tenho certeza que ela ia acabar com os dois. — Lena também lamentou, decepcionada.

Marcela apenas ouvia, analisando as expressões fechada de cada um, ainda sem entender nada também, esperando alguma explicação da minha parte. Todos esperavam.

— Olha só, vamos para casa. Está decidido. — Minha impaciência, disfarçada de preocupação, acabou deixando todos ainda mais chateados. Felipe veio pra cima, cheio de coragem e valentia. Insatisfeito, despejou:

— A gente trabalha feito um burro condenado, de sol a sol, fazemos tudo o que você nos pede, Nita, porque te achamos uma boa líder, uma pessoa do bem que, eu reconheço, nos tirou do lixo. Mas às vezes age como se fosse nossa dona. Não podemos ir na esquina sem você, sem sua permissão. Não somos mais crianças, bebezinhos! Se você não podia ou não queria ficar lá, a gente queria, porque esses momentos quase nunca acontecem, e quando temos a chance de nos divertir, você estraga tudo!— Ficou vermelho, quase sem fôlego.

Marcela, Lucas e Lena não falaram nada, nem se moveram. Mal piscavam também, me encarando, querendo uma satisfação. Apenas falei:

— Se você quiser voltar para as ruas, vai, está livre para mendigar por aí. — Estendi a mão para uma direção qualquer, chateada também, sem conseguir me controlar.

Marcela ficou chocada, boquiaberta, bem como o próprio Felipe. Miravam-me surpresos por minha atitude. Dei-me conta que eu tinha me exacerbado e calei. Mas ainda assim, não consegui me desculpar. Dei de ombros e segui o caminho a pé, mas antes, pedi a Marcela que levasse todos em segurança para casa.

Saí dali muito alterada, preocupada.

Eram muitas emoções juntas, se misturando, fazendo alvoroço, me perturbando.

Já não era o bastante a notícia de Marcela quase ter sido estuprada pelo calhorda do marido? E agora, para fechar a noite em grande estilo, o fantasma do passado aparecendo e ficando no ocultismo, para assombrar, perturbar, me deixar louca. Uma voz muito forte dentro de mim gritava, me dando certeza de que Renatão era a cabeça daquela equipe. Não podia ser apenas coincidência. A luta, a fragrância exclusiva do perfume ruim, e sem contar que a maioria dos lutadores adolescentes, naquele torneio, exibiam tatuagens tribais por todo o corpo; uma marca dela. Eram crias sua. Reflexos seu.

Perturbada demais, parei um pouco para respirar, absorver melhor o ar. A noite estava movimentada, agitada, assim como tudo dentro de mim.

Pensei em Marcela, nos meninos; eram agora minha família. E eu sentia o perigo me cercando naquele momento. Fechando o cerco. Temi por cada um deles.

*Droga. Mil vezes droga!*

Sem poder fazer nada, precisando de alguma adrenalina no corpo, troquei a caminhada pela corrida. Naquela área urbana, era normal as pessoas praticarem esportes, se alongarem, fazerem exercícios ao ar livre. Corri sem pressa, apenas com a ideia de extravasar, me movimentar, energizar o corpo. Sem que eu me desse conta, acabei desviando do caminho de casa para outro lugar.

A casa de Marcela.

Atravessei a rua para esperá-la do outro lado, onde sempre ficava um lanche ambulante. Eu queria passar a noite toda com ela, pedir desculpas pelo meu comportamento impulsivo.

Cheguei suada, esbaforida, mas a maratona surtiu efeito. Fiquei mais relaxada, apesar do cansaço físico, e a respiração resfolegante. Ansiei por um copo d'água, mas tive que segurar a sede, até Marcela chegar. Olhei por cima dos ombros, e a sensação estranha que tive era de que haviam olhos atrás de mim, no meu encalço, me seguindo.

Poderia ser apenas paranoia da minha cabeça, mas dificilmente minhas intuições falhavam.

Esperei por Marcela em um ponto escondido, entre as sombras da noite.

Apanhei o celular, para ligar para ela e saber as horas, mas...

*Caramba!* Bateria descarregada.

Marcela certamente tentaria ligar, falar comigo.

*Mas que merda!*

Estufei o peito, buscando um pouco de calma. Queria estar bem, com o ânimo sossegado para quando ela voltasse. Queria, dessa vez, poder contar toda a verdade, sem ocultar uma vírgula sequer.

Calculei que já se aproximavam das 23h:00. Peguei um cigarro no bolso e acendi. Escorreguei as costas pela parede de um edifício que se erguia imenso, e suntuoso, e fiquei de cócoras, relaxando com as tragadas de fumaça, entrando como veneno nos meus pulmões.

Quase dei um risinho de canto, ao lembrar que Marcela odiava aquele cheiro nauseante. Eu também não simpatizava, mas o efeito da substância, anestesiava os nervos, emprestava uma sensação de calma, tranquilidade.

Baixei a cabeça e esperei por ela.

## 37 CAPITULO TRINTA E SETE

MARCELA.

**EU ERA** paciente e tolerante com muitas coisas, mas esperar não era uma delas. Principalmente algo combinado, acertado. Mas minha impaciência e toda minha chateação foi se esvaindo à medida que os minutos se passavam e Nita não chegava. Fiquei preocupada com sua demora, temendo que tivesse voltado para a luta e arranjado encrenca, confusão.

Pisquei descrente, balançando a cabeça, recusando a ideia de que eu estivesse certa. Ela não seria tão inconsequente a esse ponto.

*Ou era?*

Mais uma vez espantei os maus pensamentos, respirando fundo, esperando um pouco mais.

Perdi as contas de quantas vezes tentei ligar para seu celular, o que me deixou ainda mais preocupada, pois só dava fora de área.

*E se tivesse perdido o aparelho em uma possível briga?*

*Ou...se ela tivesse caído em alguma emboscada?*

Céus! Minha mente não parava.

Esperei até às 01h:00 da madrugada. Ela não apareceu. Entrei no carro e fui direto para o local da luta. Não havia mais nada ali. Estava tudo quieto, vazio, me deparei apenas com os rastros da algazarra. A agonia e a preocupação começaram a me deixar inquieta, nervosa de verdade, pensando o pior. Tomei o caminho de casa e decidi que, nas primeiras horas voltaria à quitinete. Pensei em regressar para dormir com os meninos, mas eles estavam mais seguros do que dona Rebeca sozinha. Estéfán poderia voltar a qualquer hora, bêbado, e partir pra cima. A última vez que ele empurrou a própria mãe, ela caíra de mal jeito, e sofreu uma pequena lesão no cóccix. Não fora nada sério, mas a deixou uns dias acamada, de repouso, sem poder se movimentar. Desde então, era uma protegendo a outra, agindo em cumplicidade, sem deixar que ele chegasse perto quando estava alcoolizado, embriagado.

Dobrei na rua de casa; não havia ninguém circulando, tudo estava silencioso, deserto. Bati o olho no ponto onde o senhorzinho do lanche ambulante ficava até mais tarde, mas estava vazio. Havia apenas a sombra de uma pessoa um pouco mais afastada, na penumbra, meio que escondida. Meu coração acelerou melindrado, quando o corpo se levantou e veio na direção do meu carro parado.

*Merda, merda, merda!*

Com a certeza perturbadora de que eu seria assaltada, liguei o alarme e um som estridente reverberou por toda a rua. A pessoa ainda tentou avançar, mas acabou recuando. Nos poucos minutos que se passaram, não vi mais qualquer tipo de movimento suspeito.

Depois de mais um tempo, parada dentro do veículo, o medo de sair era quase palpável. Eu alimentava o medo de que a pessoa estivesse à espreita, escondida, esperando o momento em que eu saísse.

Recostei a testa no volante, pensando em alguma alternativa para abrir o portão.

*Mas como eu iria escapar sem que me visse?*

Concentrei a mente, tamborilando os dedos muito perto da têmpora. Nada. Nem uma ideia me ocorreu. Talvez eu contasse com a sorte e Estéfán aparecesse. Quase ri da minha hipótese absurda. Ele chegava sempre morto de bêbado, não serviria para nada. Voltei a pousar a cabeça no encosto, e foi quando escutei duas batidas fortes no vidro ao lado de fora, próximo ao meu ouvido. Dei um grito, apavorada, levando a mão ao peito; meu coração batendo freneticamente.

— Nita? Mas...que droga!

*Que filha da mãe!*

Enruguei a testa, e só quando tive certeza que era ela, abri a porta e saí desferindo vários tapinha nela, praguejando-a pelo susto.

Ela explodiu em uma risada alta, e fiquei estatizada, unindo as sobrancelhas em indignação. Depois acabei rindo também, mais calma e aliviada, mas ainda com vontade de esganá-la.

— O que houve com seu celular? — perguntei, depois de ela haver cessado o riso.

Nita mirou para um lado, e para o outro, e se encostou em mim, pegando-me pelo braço.

— Vamos, estamos muito expostas aqui.

— Mas só tem a gente na rua.— Também sondei ao redor, e nada se movia, estávamos sozinhas, só eu e ela vagando naquele pedaço da madrugada.

Ficamos camufladas no mesmo lugar em que ela estava a princípio, rés a um edifício lustroso, alto, de muitos andares. Era a referência da rua.

— O celular descarregou. Eu sabia que ia me ligar. E os meninos?

— Deixei todos em segurança, como me pediu. Mas o que está fazendo aqui? Não disse que eu esperasse você?

— Sim, eu sei. — Seus ombros arriaram, relaxando.— Mas resolvi vir pra cá, só que não imaginava que o celular estivesse descarregado. Se eu tivesse visto antes, não teria vindo e deixado você angustiada, me esperando.

— Pois é! — Dei-lhe as costas; minha boca se transformando em uma tromba. Cruzei os braços e ela chegou por trás.

— Me perdoa pelo susto. — Suas mãos alisaram meus braços e quase cedi, aparando-me em seu peito.— Pode perguntar o que você quiser. Não vou mais te esconder nada.

Suavizei o semblante e me virei. Eu não conseguia ver claramente seus olhos, e não me senti confortável para conversar ali, principalmente tratando-se de um assunto sério, de grande importância.

— Uma vez você me disse que não iria me falar sobre sua vida no escuro. Lembra?

Ela assentiu.

— Eu também prefiro te ouvir às claras. Onde posso te olhar nos olhos e ver a verdade.

Ela pareceu ficar um pouco surpresa. Sondou:

— Pensei que sua curiosidade fosse maior que qualquer coisa, inclusive, maior do que esse pedaço de sombra.

— E é.

— Se fosse, iria querer saber de tudo agora.

— E vou.

— Aqui?

— Dentro do meu carro, na garagem de casa.

— Okay. Acho que agora não tenho escapatória.

— Não. Não tem. Vamos!— Puxei-a pela mão; seus olhos varrendo tudo, com ideia de perseguição.

— Você ficou paranoica desde que saímos daquela luta.

— Acredita, tenho razão para isso.

— Razões que você vai me contar agora, suponho.

— Sim.— Respondeu sucintamente.

Entramos no carro e, em menos de um minuto, estávamos na garagem.

— O calhorda imbecil do seu marido, não...

— Não. Quando ele chega, não coloca o carro aqui, deixa lá fora. Chega tão bêbado, que não sei como nunca morreu atropelado por aí.

— O desgraçado é a prova viva de que vaso ruim não quebra. Se fosse algum cidadão de bem, que vivesse para a família, saindo de um dia duro de trabalho, e tivesse parado em um barzinho pra desestressar, certamente já teria levado um fim terrível.

Para Nita, mencionar Estéfan era como anunciar a terceira guerra mundial. Era um assunto que tirava toda sua pouca sutileza.

— Vamos recomeçar de onde paramos? Falar de Estéfan não é nada agradável.— Desviei para o assunto pendente, que nos levou até ali.

Eu também não suportava falar, lembrar dele, me dava asco. Mas tentava não demonstrar o tempo todo, só piorava as coisas, e a deixaria se sentindo na obrigação de fazer alguma coisa para reverter a situação.

Olhei-a, e ela se virou logo para mim, mudando a feição, deixando tudo mais suave, confortável para conversar.

— Você se tornou a pessoa mais importante na minha vida, Marcela. Acredita, eu não esperava conhecer alguém especial novamente.

Sorri de leve, embora minha vontade fosse ampliar o sorriso de orelha a orelha.

— Você me fez enxergar que nem tudo está perdido, que de uma imensa dor pode nascer sim o amor, a esperança, um feixe de luz no final do túnel.



— Nita... — Acabei me emocionando.— Você que me salvou.  
— Mesmo que eu tentasse, não conseguiria dizer o quanto amo você, e o quão grande é a vontade de viver até o fim dos meus dias contigo, ao seu lado.

Ela deu a dica de um sorriso e seus olhos se abriram mais, bem vivos, brilhantes.

— Vamos para o banco de trás? É mais confortável.

— Tenho outra ideia.— Falei, me referindo a um canto paisagístico, à frente da garagem. Era um lugar secreto, primaveril, que dona Rebeca criara para estar quando se sentia em um estado melancólico.— Vem.

Abri a porta e Nita me acompanhou.

Ela não abandonava a feição desconfiada. Olhava para trás, sondava os lados; sua mão estava tensa, distendida. Aproximou-se e se deparou com um modesto espaço florido estendido à sua frente.

— Lindas.

— Minha sogra criou. É estreito, mas muito aconchegante.

Era um espaço pequeno, a céu aberto. A claridade lunar deixava as plantações em uma tonalidade quase cobalto, as paredes eram estrategicamente enfeitadas, por tiaras floridas, uma mistura de cores que ficava ainda mais apaixonante à luz noturna.

Nita se inclinou para sentir o aroma de uma *Amarílis* e, pela primeira vez, contemplei uma serenidade plena, amainando sua feição.

— Minha mãe tem um jardim enorme.— Afagou com delicadeza, a pétala vermelha.— É seu lugar favorito. Sempre que meu pai resolvia se transformar no macho alfa escroto, *deus de tudo e de todos*, ela corria pra lá, se embrenhava no meio do vasto jardim para que as plantas a confortassem. Voltava outra mulher, olhar renovador.

Observei-a enquanto continuava acariciando a flor. Era outra Nita, outra pessoa. Calma, serena. Sua voz era suave, sem armadura. Fiquei quieta, desejei apenas que continuasse falando, se desabrochando. Depois de uma curta pausa, ela me encarou.

— Sou filha de um dos homens mais influente e bem sucedido de São Paulo, Marcela. Um multimilionário. Um pai antiquado,

machista, e fechado para o mundo moderno quando se trata de questões sociais humanas.— Atenta, não pisquei em nenhum momento, fixa nela, em sua expressão, seu olhar que nitidamente fazia uma viagem no tempo, no passado. — Ele sempre me enxergou como uma bonequinha de pano; uma criatura que tinha que casar com quem ele achasse mais conveniente, o *melhor* para mim. — Sorriu. Um sorriso entristecido, quase sarcástico. Colocou as mãos no bolso e mirou a lua alta, no cume do céu.

— Namorei Drica por dois anos. Sonhávamos em viver uma vida juntas. Fizemos planos de enfrentar tudo e todos, a família dela e principalmente a minha. — Engoli em seco, meio travada, com ciúme de um amor que, ao que parecia, foi tão lindo, mágico. Não me senti preparada para ouvir aquela parte, embora fosse a que mais me interessasse. Nita me olhou de relance e percebeu minha inquietação, meu desconforto.

Virou-se completamente para mim, e então me tocou no rosto; sua outra mão ocupando minha cintura.

— Ela era como você. Linda, de uma beleza singular. Tinha um sorriso lindo, arrebatador também. Era ginasta.

Abri os lábios para falar, mas nada saiu. Incomodada, continuei escutando:

— Não precisa ficar enciumada. Ela está morta.

— Mas vive no seu coração, em suas lembranças.

— Ninguém esquece um grande amor, Marcela. Ela vive e sempre vai viver aqui. — Espalmou a mão no peito, mexida. — Mas de uma forma diferente. Você é o meu presente, e quero que seja o meu futuro. — Sua voz era um soneto de tranquilidade, brandura, e muita ternura. Parecia outra voz; era outra mulher na minha frente.

Ela colou a mão na minha nuca, por baixo dos cabelos, e recostou sua testa na minha, a outra mão correu livre por minhas costas.

Muito perto dos meus lábios, ela sussurrou.

— Quer que eu continue falando, ou está melhor assim?

Quase arfei contra sua boca. Ela afastou só um pouco o rosto, para observar minha expressão luxuriosa, meu olhar embriagado.

Sorriu toda sexy, a tensão sexual em cada nuances do seu olhar, do seu hálito, do seu toque. Fixou os olhos nos meus lábios

entreabertos, foi para me beijar, mas tirei forças de onde não sabia que tinha e pedi, quase arrependida.

— Não. Continue.

Ela anuiu, e se afastou, voltando a mirada para o alto.

— Eu era uma boa atleta. Nunca fiquei fora do pódio em campeonatos estaduais. Conheci Drica em uma dessas academias de lutas. Ela estava na arquibancada. Bati os olhos e meu coração avisou: É ela!

A coisa só piorava. Tentei ser muito madura para ouvir tudo, apoiar, não morrer de ciúmes, mas vê-la falando com tanto amor, e adoração da tal Drica, me fez vacilar. *Droga, Marcela!*

— Poderia pular essa parte?

Muito consciente do meu ciúme, ela replicou:

— É a minha história, Marcela. Ouça, para depois não ter nenhuma dúvida, porque não vou querer tocar nesse assunto mais.

— Foi sincera, polida, sem ser fria, agressiva.

Sacudi a cabeça, assentindo. Ela prosseguiu:

— Namoramos, vivemos momentos de descobertas, ela, assim como você, nunca havia se relacionado com mulher alguma, eu era sua primeira experiência.

Não me movi, fiquei com os braços na frente do corpo; minha expressão sem uma definição certa, coerente. Era uma mistura de sentimentos que me deixava confusa, meio que travada. Nita falou mais.

— Meu pai, por várias vezes, tentou me casar com seus amigos, fardados de terno e gravata 24h, carregando uma pasta na mão. Eu não suportava, odiava tudo aquilo. Embora eu tenha formação em Gestão, sempre soube que aquele mundo não era meu, não tinha nada a ver comigo. Eu sempre dava um jeito de me safar, virando o jogo a meu favor. Ao final, além dos caras perderem a vaga de se tornarem meu futuro marido, ainda perdiam o cargo na firma, ou a promessa de subir em ascensão. Eram demitidos sem piedade por meu pai.

— E o que você fazia para que seu pai desistisse de casar você com seus, hã, pretendentes?

— Drica e eu bolávamos planos dando a entender que os caras ficavam com nossas amigas. *Me traíam*. Tirávamos fotos e

saíamos espalhando até chegar em quem realmente interessava: meu pai

— Que loucura.— Consegui ri um pouco.

— Sim. — Ela continuou centrada, sem perder a postura, mantendo o olhar sério.

— Mas tudo mudou depois que Drica e eu, e mais uma galera em massa, passamos uma semana inteira acampados em Araçariguama. Ao voltar, me deparei com uma festa armada na enorme sala da minha casa. Músicas clássicas, de fundo, e um monte de gente que eu nunca tinha visto na vida, circulavam com taças cheias de espumante, outras com vinho e champanhe como se fossem celebrar um grande evento mundial.— Ela arqueou a sobrancelha, dando-se uma pausa. Depois continuou.— Quando entrei na casa, toda desarrumada, vestida numa roupa modesta, displicente, todos me olharam como se eu fosse qualquer pessoa, menos a filha de um Multimilionário, que poderia mandar e desmandar em tudo, inclusive em cada um ali.

Eu tentava não ficar tão surpresa e afetada por Nita ter uma família tão absurdamente rica. Não era um mero detalhe do qual se podia ignorar, não se sentir deslocada. Quase me senti uma plebéia dos contos de fadas, que se encantara pela alta corte.

Rompendo meus pensamentos, ela seguiu falando:

— Subi às escadas o mais depressa que pude, pulando degraus, querendo me enfiar no meu quarto. Já sabia que se tratava de mais uma das tentativas do meu pai de forçar um noivado. Só que daquela vez, eu não havia sido avisada. Ele não me deu a menor chance e tempo para que eu tramasse uma armadilha e saísse ilesa mais uma vez. E o pior, o meu futuro marido, era um velho ridículo, com mais de 60 anos. Foi o que minha mãe detalhou quando chegou por trás de mim, depois de eu ter quebrado móveis, jogado tudo no chão. Fiquei fora da razão, uma revolta que me estremecia por dentro, corroía, me fazia perder o fôlego, a lucidez.— Nita deu mais uma pausa; continuei preparada para seguir ouvindo, muito interessada e bem atenta em tudo.

— Naquele momento, decidi acabar com toda aquela farsa. Decidi revelar quem eu era. Decidi que eu não seria mais manipulada pelo meu pai, que iria lutar por Drica, por nosso amor.

Do canto do olho dela, rolou um filete de lágrimas. Ela estreitou mais a vista e continuou, séria, compenetrada, comovida.

— Quando desci, todos me olhavam embasbacados, trajada em um belíssimo vestido de noiva, o que não tinha nada a ver comigo.

Não consegui evitar um sorriso lento, ao imaginá-la com roupas tão femininas. Nita percebeu minha emoção e deu-me um pequeno riso.

— Todos se voltaram para mim, dando-me atenção. Senti um bolo, intragável, se fechando na garganta, que ia me sufocando, me matando à medida que meu pai me conduzia até ao que seria meu futuro marido, que, até então, eu nunca tinha visto. É assim na tradição, se o pai quiser, pode ou não deixar a filha ou o filho conhecer o noivo ou a noiva antes de casarem.

Semicerrei os olhos achando tudo aquilo muito bizarro, surreal, um absurdo. Parecia que eu estava ouvindo relatos do século XIX.

— Não consigo acreditar que ainda existem pais que obrigam seus filhos a se unirem com quem não desejam, casarem com escolhas que não foram suas. Isso...isso é muito antiquado. E os sentimentos? Não contam?

Nita não disse nada. Não fez um comentário sequer sobre minhas palavras. Ela respirou para falar, e eu me preparei para escutar.

— Gritei na frente de todos que não iria me casar e disse em alto e bom som o motivo.

Depois que me declarei lésbica, ele me chutou para fora de casa, ali no meio de todas as suas marionetes, como se eu fosse uma praga contagiosa.

— E sua mãe? Não fez nada? — Perguntei, mais assustada do que curiosa.

— Fez. Ficou do lado do meu pai.

Murchei o olhar, lamentando, sentindo muito por tudo aquilo.

— Mesmo depois de sofrer aquela terrível decepção, de ouvi-lo berrar para todo o condomínio ouvir, que eu tinha que esquecer que ele era meu pai, corri ao encontro de Drica, procurar consolo em seus braços. Não derramei uma lágrima sequer depois disso. Passei

pela guarita sem olhar para trás, acelerando feito louca, precisando estar com ela.

Cocei a nuca, muito incomodada. Ela continuou:

— Mas quando cheguei em seu apartamento, me deparei com a cena que até hoje atormenta minha cabeça, que me faz ter pesadelos durante a noite. Uma cena que implora por justiça.

Houve um momento de silêncio sepulcral, como se as palavras relutassem para sair de sua boca. Assisti Nita engolindo em seco antes de prosseguir.

— Ela estava morta, de braços sobre a cama. O rosto completamente desfigurado, machucado, olhos inchados, com bolhas enormes ao redor. Drica ficou irreconhecível.

Abri a boca, surpresa demais, condoída, com uma vontade inevitável de abraçá-la. E então o fiz. Comovida, me meti entre ela e a *Amarílis* e apertei-a bem forte.

— Sinto muito. De verdade, meu amor.

— Eu sei. Agora eu sei.

— Desculpa. — Consegui balbuciar, envergonhada por meus ciúmes.

Ela se afastou e aparou meu rosto com as mãos.

— Eu te amo, Marcela. Não precisa sentir ciúme, porque meu coração é todo seu, vida. E tenho certeza que onde Drica estiver, aprova minha escolha. Está feliz por mim, por eu ter tido essa nova chance de amar novamente.

Não consegui falar. Apenas abracei seu corpo mais uma vez, agarrando-a pelo pescoço.

— Por que fizeram isso com ela? Quem fez essa crueldade? Seu...pai?

— Não. Claro que não.

— Quem então? — Perguntei aflita, muito sentida.

— Renata Falcão. Mais conhecida como Renatão.— Vi o ódio pungente, chamuscando por trás dos seus olhos, quando o nome deixou sua boca. Uma ira ferina, dolorida.

— A mulher que você suspeita ter estado envolvida na luta clandestina?

— A própria.

Pisquei desorientada; minhas mãos se erguendo ao encontro do seu rosto.

— Continue.— falei, baixinho, atraindo seu olhar.

— Essa mulher me odeia. Desde que tirei ela do pódio pela primeira vez em uma competição regional. Mas seu ódio se tornou doentio, quando Drica se encantou por mim. Desde então, começaram as perseguições e ameaças.

— Drica tinha alguma relação com ela?

— Não. Nunca. Mas essa doente dizia gostar dela. Sempre quando estávamos juntas, ela resolvia aparecer, fazer ameaças implícitas.

— As duas já se conheciam, ou essa Renata passou a conhecer sua ex...

— As duas já se conheciam há muito tempo. Mas a cachorra resolveu “se apaixonar” por Drica de uma hora para outra, num passe de mágica. Conheci a Drica em uma luta que ganhei da infeliz quando subi na cerca do octógono, segundos depois da vitória, para comemorar, agradecer o carinho do público. E foi quando a vi na terceira fila. Nossos olhares se cruzaram e ela sorriu para mim. Ali, Renatão perdeu duas batalhas, duas lutas. E foi o início das perseguições, ameaças, até armações para ganhar as competições.

— Armações?

— Ela chegou a colocar substâncias na minha bebida que ficou provado *antidoping*. Fiquei uma boa temporada longe das disputas, mas depois ficou comprovada minha inocência pelo registro interno das câmeras de vigilância. Ela foi banida de tudo que envolvia o esporte, o que deixou seu ódio por mim ainda maior, doentio.

— Por isso ela matou sua ex namorada? Porque foi rejeitada?

— Espalhava que Drica não iria ficar comigo. Chegou a dizer isso várias vezes na nossa cara, em tom ameaçador.

— E depois? Depois que Drica foi assassinada?

— Meu mundo caiu. Desabou. Fiquei sem estrutura. Até respirar era dolorido. Nada fazia sentido. O que me moveu a não vegetar no fundo do poço, foi minha sede de vingança de acabar com a raça dessa mulher. Eu quero vê-la apodrecer atrás de uma cela imunda.

Fiquei neutralizada, melindrada diante de tanto ódio e ressentimento. Tive a sensação de que Nita queria bem mais do que fazer justiça.

— Você odeia essa mulher.

— E não tenho razão?

— Sim, mas é claro.

Ela anuiu com a cabeça, e falei mais.

— Seria capaz de matá-la?

— Essa era a ideia desde que decidi morar nas ruas. Não quis viver num lugar fixo, porque ela não iria parar. Eu seria seu próximo alvo. E também nada mais importava para mim. Meu único desejo era fatar a cara daquela vaca.

— E o que mudou, Nita?

— Você — Seu olhar se estreitou para mim, firmes, penetrantes. — Os meninos, e absolutamente tudo o que vocês representam e dão sentido à minha vida.

Fiquei emocionada, me sentindo mais amada, amando-a muito mais. Busquei sua boca para beijá-la, e nos beijamos devagar, com carinho. Nossos lábios se acoplavam em uma em um ritmo terno, cheio de cumplicidade e entrega.

Tudo o que eu passei a querer, depois de ouvir tanto, era confortar, dar amor a mulher que me fazia ficar de pernas bambas somente com um beijo, uma pegada pela cintura, uma mão fechada na nuca.

O momento se encaminhava para o deleite da satisfação total; da paixão cheia de ternura, do desejo cheio de carinho. Mas a voz inesperada, a pouca distância de nós, acabou com a dinâmica romântica e a promessa de uma noite cheia de amor e fogo.

— Que porra é essa aqui?

E, então, eu soube que havia despencado do céu ao inferno, em questão de segundos.



## 38 CAPÍTULO TRINTA E OITO

NITA.

**MARCELA** se afastou, atingida pelo espasmo do susto que quase fez seu coração escapar pela boca. Paralisada, seus olhos não se mexiam, bem acesos, fitos nos de Estéfán estarrecido na nossa frente.

— Que putaria é essa aqui?— Interpelou ele, aos gritos, alarmado, sem acreditar no que constatava; um lampejo ferino, queimava como larva em seu olhar. — Está me traindo com uma...uma mulher sua vadia de merda? — rosnou, muito puto.

Não suportei seu rompante e avancei, encurralando-o contra a parede ornamentada, amassando parte dos arranjos de flores.

— O único vadio aqui é você! Covarde, estuprador!— Não consegui conter a ira que fervilhava em cada molécula do meu sangue.

Dei um soco no estômago dele que o fez se curvar aos meus pés, berrando roucamente. Marcela tentou me deter, mas eu gritei, movida pelo calor da raiva que pulsava em cada canto desconhecido de mim.

— Se afasta!

Ela recuou na mesma hora, quase como num reflexo.

— Vadias desgraçadas!

Implacável, o ergui pelo colarinho, regida por uma força colossal.

— Covarde! — Esbravejei, entredentes, ao pé do ouvido dele. —Vamos ter uma conversinha. Só nós dois. Você é macho, não é? Então vamos lá.

Em um movimento brusco e veloz, o arremessei contra o chão, assistindo seu corpo rebolar até uma parede divisória.

— Parem, por favor!— Marcela gritou, em vão.

O vagabundo tentou se levantar e antes que seu olhar alcançasse os meus, o espremi contra a parede que o aparou e comprimi seu maxilar com força.

— Você é um bosta! Um verme, sabia? — rosnei. — Se eu fosse você, miserável, eu lambria de joelho os pés dela. Porque é por ela que não arranco, agora, esse teu pau imundo e enfio...você sabe onde.

Joguei-o no chão, outra vez, e ele rebolou rangendo alto, até aos pés de Marcela.

— Reage! Anda, levanta!

Marcela se afastou quando ele tentou apoiar a mão em seu tornozelo.

— Não encosta nela! — Gritei, meus dentes se apertaram numa fereza irracional.

— Faz alguma coisa, sua cadela maldita!— Ele gritou cheio de ódio também, lançando um olhar raivoso para ela.

Levantei-o e fiz com que ficasse de joelhos perante Marcela.

— Pede perdão! Anda, porra!

— Nem morto, sua vadia!

Agachei e dei um soco no meio da cara dele; o corpo tombou para o lado, e o canto da boca partiu, gotejando sangue no piso de paralelepípedo.

Agoniado de dor, ele virou-se, ficando de peito pra cima, buscando por ar, piscando forte, tentando dar alguma lucidez aos olhos.

— Chega, Nita! Essa violência não vai resolver nada. Para, por favor.— Marcela se meteu na minha frente, fazendo uma barreira com o corpo ao me ver partir pra cima dele outra vez.

—Não! Ainda não está bom. Ele não pediu perdão a você.— Ignorei-a, me voltando para o safado novamente. Quando tentei me abaixar, com sede de pôr as mãos nele, fui arremessada para trás, pelo próprio Estéfán, em um pisão que me fez cambalear, quase colidindo contra um arranjo de *Dálías*.

— Vai ter que fazer mais do que isso, seu cretino. — Tripudiei, recuperando-me.

Preparei-me para outro golpe, mas Marcela gritou, impedindo meu ataque.

— Parem! Chega! — Ela se interpôs, ficando entre nós dois. Disse mais, com a voz firme, autoritária, virando-se para mim.

— Espancá-lo não vai resolver nada! Não vai fazer eu esquecer o que esse desgraçado tentou fazer comigo, e nem tudo o que me fez passar, não só na noite de ontem, mas durante toda a minha miserável vida com ele. Para!

Meu peito subia e descia, meu nariz fremia, e as mãos em punho duras como barra de ferro.

— Está defendendo esse merda!

— Não estou defendendo esse...esse cachorro. Você não entende? As coisas não se resolvem assim, na força do braço.

— E como é que se resolvem, Marcela? Quer que sentemos os três numa mesa, tomamos uma xícara de café ou um *Milk-shake* e passamos a tecer diálogos passivos, sem alterar o tom de voz?

Ela esmoreceu os ombros, cansada, fadada.

— Olha para ele. É um infeliz! Sente prazer em chutar cachorro morto?

— Está com pena desse desgraçado? Depois de tudo?

Marcela ia replicar, mas foi interrompida pela risada esganiçada e embriagada às suas costas.

— Vocês. São. Duas. Malditas vadias.

E, antes que ele tentasse aprumar-se de pé, desferi mais um soco na mandíbula dele; o filho da puta acabou desabando sobre os vasos de flores, partindo-os, dispersando os ramos no chão, sobre a terra preta.

— Agora sim, vamos!— Peguei Marcela pelo braço, mas ela relutou, travando o passo.

— Mas e ele? Está desmaiado. E se...se morrer?

— Vai ser recebido de braços abertos no inferno, com direito a uma recepção de almas condenadas, igual a dele. Qual é, Marcela?

Ela vacilou, olhando de mim para ele. Percebeu que o infeliz se mexia entre as pétalas esmagadas, murmurando ofensas, lutando para se levantar.

— Vamos. — Ouvi ela dizer, apressada, pegando na minha mão.

— Volta aqui, sua cadela! Vou te matar, Marcela. Eu vou te matar!

— Ainda está com pena desse dejetos? — Não perdoei.

E, pelo seu suspiro de chateação, eu não teria uma resposta.

Entramos no carro e partimos. Minha vontade era de ter ficado e quebrado a cara do canalha agressor, e o teria feito, se Marcela não tivesse intercedido.

No silêncio que nos acompanhava, eu a observava de soslaio. Dirigia concentrada, como sempre, mesmo com o trânsito estando quase deserto.

Depois de uma pausa longa e desconfortável, ela por fim indagou.

— E agora?

Olhei-a, mas não falei nada, até voltar a atenção para a avenida.

— Você não pode voltar pra lá.

— Mas e dona Rebeca?

— Se ela quiser vir, pode ir buscá-la para se juntar a nós.

— Está de brincadeira, não é?

— Eu não brincaria com algo tão sério, Marcela.

Escutei ela esboçar um riso chasco. Encarei-a e a vi menear a cabeça:

— Ela nunca abandonaria o filho, ainda mais pra viver...pra viver...

— Completa.

Paramos na frente do portão velho; ela se soltou do cinto e virou-se, para me olhar nos olhos.

— Eu viveria em qualquer lugar com você, Nita. Nas ruas, numa barraca de lona, ou num simples quarto como esse. Não importa, eu só quero estar perto de você, *com* você.

Não falei nada; não duvidei de suas palavras. Eu podia ver na intensidade de suas palavras e no brilho do seu olhar, o amor que sentia por mim. Ela falava a verdade, e sei que não titubearia em largar a boa vida para viver comigo, se submeter a uma vida limitada.

— Aqui é simples. Não tem ar condicionado no 15, não tem mesa farta. Aqui dormimos no calor, nos abanamos com a própria mão, porque também não temos lençóis, apenas trapos. Aqui não tem nada de conforto, Marcela.

— Não estou entendendo você. Não quer que eu saia de lá?

— Sim, claro. Mas não necessariamente para vir pra cá. Você não tem uma tia? Poderia...

— Minha tia vive no interior. E além do mais, como faríamos para estarmos juntas?

— Não consigo pensar em outra solução que não seja essa. — Falei.

Ela pensou mais um pouco, sua expressão era vacilante, enquanto mordida o canto do lábio.

— Não posso deixar dona Rebeca sozinha. Não posso abandoná-la.

— Uma hora você vai ter que fazer isso. Não tem para onde correr.— Falei placidamente, sem querer parecer fria, intransigente.

— Você está certa. Vou conversar com ela, explicar tudo. Mas vou continuar trabalhando na loja.

— O quê?

— Ainda corro riscos, eu sei, mas veja pelo ponto positivo, não vou mais dormir no mesmo quarto que ele, dividir a mesma cama...

Tranquei os olhos, para abri-los novamente, discordando de tudo aquilo.

— Ele não vai querer você lá, vai te escorraçar.

— Ele não pode fazer isso. Há um contrato regido por lei me respaldando, me dando plenos direitos a 20% de tudo. Não só dos lucros, como também a permanecer trabalhando. Só saio se eu quiser, se for pela minha livre e espontânea vontade.

Ergui a sobrancelha, surpresa, reagindo discretamente. Eu não conseguia ver qualidades naquele verme para que pudesse ter feito algo tão generoso. E eu estava certa. Logo Marcela esclareceu.

— Não foi ele, se é isso que está pensando. Foi dona Rebeca quem colocou tudo sobre os transmisses da lei, me assegurando, me protegendo.

— Essa senhora é realmente surpreendente. Não merece o filho que tem.

— Entende minha relutância em deixá-la só, naquela casa, só com Estéfano?

— Sim. Mas ela é mãe dele, é um fardo que a partir de agora, ela vai ter que carregar sozinha.

— Não é justo!

— Eu sei. Mas você não tem mais nada a ver com ele, estamos juntas agora. O único que te une àquele infeliz, é um papel. Você é também minha família.

Olhou-me de imediato, curvando os lábios em um sorriso pequeno, para depois enlargar-se totalmente.

— Assim que eu gosto de ver você.

Sem que eu esperasse, ela tomou a iniciativa e me beijou. Suave, devagar. Desceu a boca pela linha do meu pescoço, depois subiu de novo para meus lábios, beijando-os, chupando-os deliciosamente.

— É agora? — Perguntei com a voz entrecortada.

Sorriu contra minha boca, depois recuou, deixando apenas uma pequena brecha entre nós

— Podemos ir para um motel. O que acha?

— Não gosto de motéis. Não é nada romântico?

Ela sorriu quase soltando uma risada.

— Você? Falando em romantismo?

— Falo por você.

Seu sorriso foi se fechando lentamente; a boca vindo mais para perto da minha, outra vez:

— Você quer?

— Você sabe que sim. — Respondi.

— Então vamos transar aqui.

— É desconfortável. Quero que fiquemos à vontade. — Lancei um olhar mareado, cheio de desejo.

— Daremos um jeito.

Tentei recuperar a normalidade do fôlego, e me ajeitei no carro, espantando todas aquelas sensações libertinas que desejavam me invadir, me consumir ali mesmo. Desviei para outro assunto pendente, que me interessava muito também.

— Me fala sobre sua irmã.

Marcela recuou, recostando-se no encosto; suas nuances decaindo para um ar mais sério. Depois voltou o olhar para mim.

— Alguma coisa de bom, nisso tudo, serviu para eu descobrir a verdade.

Meu olhar se apertou em atenção:

— O que houve?

— Marciellen é mesmo minha irmã. — Sorriu, enternecida.

— Como comprovou?

— Na noite de ontem, quando eu tentava fugir...das garras de Estéfan.

Fiquei rígida, meu olhar lampejou logo. Não falei nem murmurei nada, esperei que ela continuasse.

— Encontrei uma foto em um fundo falso de uma cômodazinha personalizada. Um presente que minha mãe regalou quando eu ainda era criança. — Suspirou dando-se um tempo.— Quando joguei a caixa na direção de Estéfan, para me defender, ela acertou o espelho e, bom, com o impacto, a parte de trás se rompeu.

Permaneci calada, fixa nela, na emoção emitida no timbre de sua voz e na expressão do seu rosto.

Marcela abriu a bolsinha sobre seu colo e retirou a foto, estendendo para mim. Observei as duas bebês no colo da senhora alta, cabelos negros, bem cuidados.

— Você não tem nem um traço da sua mãe. Ela é morena. Provavelmente seus cabelos ruivos devem ser herança do seu pai, ou de algum outro familiar.

Ela me fitou intrigada, como se minha constatação tivesse despertado algo em seu consciente.

Virei a fotografia e li, com muitas dificuldades, o que estava escrito.

— Como vamos fazer para encontrá-la? — Marcela me perguntou quando voltei a encará-la.

## 39 CAPÍTULO TRINTA E NOVE

MARCELA.

**À MEDIDA** que eu ia abrindo os olhos, também ia me dando conta, tendo consciência de onde estava. Esbocei um riso sonolento, mole, quando vi Nita na borda do colchão, com o olhar cravado em mim.

— Bom dia, vida. — Ela saudou meio séria, mas com um brilho apaixonado nas irises.

Meu sorriso se ampliou, ao escutar a voz terna e gentil, enquanto uma de suas mãos afastava os cabelos embaraçados no meu rosto.

— Desde que horas está aí? — Perguntei feliz, por estar acordando ao seu lado.

— Já faz mais de uma hora. Se tivesse uma câmera, eu teria gravado ela babando em cima de você.

Virei para o lado e Lucas estava deitado no outro colchão, rente a parede; as mãos atadas na nuca e as pernas estiradas uma por cima da outra, balançando preguiçosamente.

— Não consegue calar essa boca, não é seu filho da mãe? — Com toda a sua indelicadeza, Nita embolou um lençol fino e velho, e arremessou nele.

Lucas riu, encolhendo-se, protegendo o corpo com os braços.

Caí na risada, embalada pela graça dos dois. Levantei e sentei, alternando a mirada entre ambos.

— Acho que está faltando mais gente nesse quarto. Cadê Felipe e Lena?

— Foram na frente. — Lucas se apressou em responder.— Felipe quer conquistar o carinho de Bob de qualquer jeito, disse que se passar mais tempo com ele, vai conquistar o mal agradecido.

Sorri, virando-me para Nita, como a confirmar o que Lucas dissera. Ela levantou rápido e colocou um punhado de café em um copo de plástico, pegou três bolachas salgadas e me estendeu.



— Toma enquanto ainda está quente. — Voltou a sentar ao meu lado, querendo estar pertinho de mim.— Não tem leite, *okay!*? E o café está um pouco amargo. O açúcar estava na rapa, só deu para fazer uma miséria.

Olhei para o copo, apenas três dedos de café preenchia o fundo da caneca.

Eu não ligava para nada daquilo. Aquela simplicidade toda não me afetava. Tudo o que me importava, e fiz questão de demonstrar, era estar feliz por aquele momento matinal com ela.

— Sua boba. — Deixei o café e as bolachas de lado e me joguei no colo dela, dando-lhe um beijo estalado, depois mais um e mais outro.

— Vish! — Lucas queixou-se, dando um salto ligeiro do colchão.— Não vou ficar aqui vendo essa palhaçada. — Passou por nós e, antes de bater a porta, nos encarou.— Vou esperar aqui fora. E não demorem!

— Ele é um idiota. — Nita sorriu, divertida.

— Não fala assim. — Sorri também. — Sabe, já percebi que ele é um garoto muito esperto, perspicaz.

— É verdade.— Ela se ajeitou, sentando-se mais ereta .— E muito sensível e especial. — Observei-a com minúcias, sua expressão estava ligeiramente abobalhada. — Parece um adulto, na maioria das vezes. É inteligente e um ótimo conselheiro.

Concordei, confirmando minhas impressões sobre ele. Dei dois beijos próximo a sua orelha, afastando os fios curtos do seu cabelo.

— Tem um favorito?

Ela não demorou a responder. Falou rápido, sem vacilar, sem duvidar.

— Cada um tem seu espaço no meu coração. Felipe é o mais bobão, apesar de ser o mais velho. Lucas é o mais inteligente, antenado, observador; está sempre pronto para te escutar, mesmo com o sarcasmo escorrendo pelos cantos da boca.

Concordei, risonha:

— E Lena?

Ela me encarou, demorando-se no meu olhar, no meu rosto quase colado ao seu.

— Lena não é a mais especial, mas é a que ocupa o maior espaço aqui. — Levou a mão em punho, no peito, tardando em se desvencilhar do gesto. — É meiga, doce, sensível. Carrega dentro de si uma inocência que me faz lembrar o início da minha adolescência.

— Ela é mesmo muito especial. Adoro o Felipe, me divirto com os gracejos do Lucas, mas ela é realmente muito querida, é um amor. Sabe alguma coisa sobre os pais dela, sua família de origem?

— Não. Mas pretendo investigar. Lucas também tem uma história sombria, a qual eu pretendo correr atrás para descobrir detalhes.

Assenti e depois beijei um lado do seu ombro:

— Pode contar comigo. — Ofereci meu apoio. — Só não vai arrumar confusão! — Adverti.

— Confusão é o meu sobrenome. — Puxou-me para seu colo, de repente, e gritei surpresa.

Arrodeeii seus quadris com minhas pernas, e me deixei derreter com seus beijos e pegadas.

— Devo estar com bafo. Como tem coragem? — Fingi uma careta.

— É um bafo bom, gostoso.

Gargalhei, jogando o pescoço para trás, suas mãos me apoiando pelas costas.

— Que mentirosa!

Ela sorriu, contida.

Ficamos mais um tempo aproveitando o momento bom e gostoso. Depois fomos interrompidas por Lucas.

— O casal de pombinhas ainda vai demorar muito? — Perguntou, com seu costumeiro tom gozador, parado no limiar da porta.

— Se você quiser, pode ir na frente. Vou acompanhar Marcela até a loja.

— Preciso falar contigo, Nita. Papo sério. Acha que fiquei te esperando por quê?

Ela estreitou os olhos, muito discretamente, avaliando-o.

Depois voltou seu olhar para mim, falei logo, escorregando do seu colo.

— Não precisa se preocupar, amor. Estou de carro. Vou sozinha.

— Vamos todos juntos. Te deixamos na loja e vamos andando para o farol. — Olhou de mim para Lucas.

— Tudo bem, sem problemas. — Aceitou ele.— Se apressem, senhoras! — E bateu a porta, nos deixando a sós novamente.

No caminho, coloquei uma música castelhana bem romântica. O que não agradou muito Lucas.

— Não tem *rep, rock*?

Acabei rindo, compartilhando olhares com Nita.

Ela também falou:

— Adoro rock também, inclusive conheci amigos que tinha uma banda amadora do gênero.

— Não tenho o hábito de escutar nenhum dos dois estilos, gosto mais de músicas internacionais e de ouvir alguns cantores brasileiros. Também curto sertanejo. Adoro na verdade.

— Você sabe inglês? — Lucas me perguntou, interessado.

— Inglês, espanhol e Francês. Entendo um pouco de Italiano, mas não domino quase nada.

— Que massa! Quero aprender tudo isso um dia.— Ele recostou-se no espaldar, jogando as mãos por trás da cabeça.

— Sério que você sabe Francês? — Foi a vez de Nita indagar surpresa, me observando ao volante.

— Sim. Na verdade, aprendi o idioma primeiro que o inglês e o castelhano. É o meu favorito.

— *Wow!* — Ela exclamou, olhando-me orgulhosa. Disse mais:

— Sei apenas o inglês fluente e o hindi. Acho que você seria facilmente contratada para trabalhar em um dos escritórios do meu pai, ou até mesmo na Matriz.

— Sério?

— Sério.

— Seria maravilhoso! — Comentei, deslumbrada.

— Será?

Encarei-a, rapidamente, e me dei conta de que seu pai era um problema para ela.

— Eu sou uma anta, não é?

Mirou-me e pousou a mão sobre meu dorso, na marcha.

— Uma anta não seria tão absurdamente linda e nem falaria quatro idiomas.

Devolvi o olhar, encantada, sorrindo feito uma boba apaixonada.

— Como vocês conseguem ser tão bobonas? Nita, eu não te reconheço mais. — Lucas caçoou.

— Me erra, cara. Ou eu te jogo por essa janela.

— Não comecem. — Sorri.— Estamos quase chegando.

Quando parei com o carro na frente da *Fashion Star*, uma tensão aterradora congelou minhas entranhas. A alegria que me acompanhou até ali, se transformou em algo que fez minha respiração falhar, pesar contra o peito.

Embora eu lutasse para me manter tranquila, inabalável, percebi que eu falhava miseravelmente. Nita sondou-me de uma maneira que parecia ler até minha alma.

— Vou entrar com você. — disse, decidida.

— Não. Por favor, não. — Supliquei. Contudo, meu pedido foi ignorado. Mal terminei de falar e ela foi logo abrindo a porta e pulando para fora.

— Nita!

Saí também, nervosa. Puxei pelo seu braço antes que se aproximasse ainda mais da entrada da loja.

— Por favor, me ouve. Não piora as coisas! Deixa que vou tentar resolver. Por favor! — Minha voz era um misto de agonia e chateação. Ela titubeou e eu fui além. — Não pense que se você entrar aí dentro e enfiar a mão na cara de Estéfan, enchê-lo de soco, vai resolver o que tem que ser resolvido. Tenho que conversar com ele, dizer tudo o que rola entre a gente. Mas sozinha! Consegue entender?

Ela amoleceu os ombros e bufou. Esgueirou o rosto para dentro da loja, escrutinando o olhar.

— Eu entendo. Mas não aceito. — Refutou.

— Se você entrar vai complicar as coisas. É o que quer? E além do mais tem dona Rebeca. Por favor...

Nita ia persuadir, mas Lucas a chamou, incisivo. Ela suspirou irritada.

— Tudo bem. Mas por favor — rogou — toma cuidado. Não fica um minuto, nem um segundo, sozinha com esse maníaco, entendeu? Se for ao banheiro, tranca!

— Entendi. — Quase sorri de sua preocupação. E achei mais que válida, afinal, passei por uma tentativa de estupro, o que deixaria qualquer um em alerta, sobressaltado, intuindo o pior quando a vítima ainda tem que conviver com seu algoz.

Entrei e dona Rebeca me recebeu quase na entrada. Mostrou-se preocupada, aflita, quando me viu. Dividia o olhar entre mim e o almoxarifado.

— Até que enfim, filha. — disse baixinho, ressabiada.

— O que houve? Por que está nervosa? — Estendi o olhar por toda a loja, mas quem eu procurava não estava ali.

— Cadê ele?

— Quando vi você com aquela moça lá fora, cuidei logo de tirá-lo daqui. Arranjei uma desculpa qualquer e o mandei para o almoxarifado, até *e/la* ir embora. Pensei que fosse entrar com você também. Passaram a noite juntas? — Perguntou na surdina, me levando para um canto escondido entre as roupas.

— Como ele está? — Indaguei o mais baixo que pude.

— Muito alterado. Quebrou quase a casa toda de madrugada, disse que flagrou você com essa...

— Nita.

— Isso. Marcela, filha, não deveria ter vindo.

— Não vou fugir dona Rebeca, não mais.

Balançou a cabeça, discordando, achando tudo uma loucura. Depois completou:

— Poderia ao menos ter dado um tempo, deixado passar uns dias, até os ânimos se acalmarem. Tenho medo do que ele possa fazer com você.

— Vim porque também me preocupei com a senhora. Quis saber se estava bem, se ele a tinha machucado, descontado de alguma for...

— Ah, filha. Não se preocupa comigo. Sei como me desviar dos ataques do meu filho.

— Vem comigo?— Juntei suas mãos na minha, movida por um impulso premente. — Vamos morar com a Nita e os meninos. Não

quero deixá-la sozinha com ele, não vou conseguir ter paz.

— Marcela, mas que absurdo é esse, filha? Não vai mais morar com a gente?

Vacilei diante do seu olhar surpreso e consternado.

— Eu não...

— Ora, ora! Se não é a vadia da minha mulherzinha.

Petrifiquei, sentindo a saliva presa na garganta. Meu coração acelerou, mas me vesti de altivez, virando rígida para Estéfan.

Esperei ver algo como chacota em seu rosto, mas o olhar dele era aço puro.

Empinei o queixo e me aproximei, ocupando o mesmo espaço que ele, perto do balcão. Enchi-me de coragem e respirei fundo, o mais discreta que pude.

— Quero a separação. — Falei, decidida. — Nosso casamento acabou, Estefan, há muito tempo. — Pude perceber sua respiração se alterando, impulsiva, e as veias dos braços pulando, marcando sua pele quando ele cerrou os punhos, deixando transparecer toda a sua cólera. Dos seus olhos pareciam sair faíscas. Não me intimidei e emendei. — Eu tenho asco, asco de você! Só de estar aqui, respirando o mesmo ar, dividindo o mesmo espaço que vo...

Enfeitiçado por uma ira ferina, ele avançou no meu pescoço e forçou minhas costas contra o balcão, me deixando inclinada, com muita dor.

— Nem morto você vai me deixar para ficar com uma vadia de rua! Uma morta de fome. Acha que vou passar por essa humilhação, sua cadela? Antes eu te mato. — Rosnou.

Eu não conseguia respirar; suas mãos me esganavam com uma violência brutal.

Dona Rebeca correu para tentar me ajudar, arrancá-lo de cima de mim, mas antes que ela sequer tentasse, uma voz potente e desconhecida, reverberou por toda a loja.

— Larga ela!

Estéfan se sobressaltou, saltando com tudo de cima do meu peito, aliviando minha garganta.

Escorreguei do balcão e, depois que recuperei o ar, busquei pela mulher parada à nossa frente. Ela comprimia os olhos e percebi que me olhava deliberadamente.

A desconhecida tinha uma estatura mediana, com piercings esquisitos nas sobrancelhas, na entrada do nariz, e em toda a curvatura das orelhas. Seu corpo era praticamente todo desenhado por tatuagens sinistras. Sua cabeça era raspada de um lado, enquanto a outra parte se alongava em dread até ao alcance do ombro.

Notei sua insistência em manter os olhos em mim; sondando-me de maneira que pensei que quisesse me revirar do avesso.

Estéfan resvalou no meu braço, furioso, me xingando, praguejando alto, sem qualquer discrição antes de desaparecer de nossas vistas, me deixando praticamente sozinha com aquela mulher estranha e espantosamente esquisita.

## 40 CAPÍTULO QUARENTA

### MARCELA.

Dona Rebeca não perdeu tempo, emendou atrás do filho ao vê-lo passar enraivecido na sua frente. Fiquei sozinha, tendo que dar atenção à desconhecida.

Encarei a mulher, me esforçando para não deixar transparecer que eu estava desconfortável com sua presença. Empertiguei um pouco a postura, jogando os braços para frente.

— Bom dia. Deseja algo, senhora? —Tentei ser o mais polida possível, mas algo na minha voz, educada e gentil, fez seu rosto se contrair em uma careta.

— Senhora? — Chegou mais perto e recuei, arisca.— Sei que tratar clientes com certas formalidades deve fazer parte do protocolo de um bom atendimento. — Ela encarou-me, franzindo ainda mais o olhar; suas pupilas não se movimentavam, bem fixas em mim. — Mas pode me tratar por “você”.

Fiquei ainda mais cismada. Algo naquela mulher, na voz grave e áspera, fez meus sentidos alertarem. Não conseguia nem agradecer por ela ter intervindo e me salvado da pressão de Estéfan.

Ela empinou o rosto, não muito, apenas o suficiente para me encarar de frente. Seus olhos não desviavam, continuavam me avaliando. Eram olhos tão misteriosos e sombrios, que senti um calafrio estranho escalar por minha espinha, atingindo o topo da nuca. Minha mente reagiu, em um espasmo, saindo do transe que aquela presença inóspita causava. Ela deu-se conta do meu incômodo e desconcerto e se afastou, circulando por entre as araras e os manequins vestidos, sempre atenta a mim, me estudando, captando cada gesto meu. Fiquei olhando de longe, pendente, caso ela precisasse. Busquei a larga porta de saída e clamei aos céus que dona Rebeca ou qualquer outro cliente aparecesse. Mas, para meu revés, ou azar, a esquisita mulher me chamou.

Com uma certa resistência, fui atendê-la. Aproximei, e aquela insólita sensação me varreu novamente, ainda mais forte, poderosa.



Por algum motivo desconhecido, mas existente, seus olhos nunca desgrudavam de mim. Agitei a cabeça, querendo muito que minhas intuições fossem apenas paranoias, um falso pressentimento.

— Está com medo, lindeza?

— Por que eu estaria?— Respondi num tom sutil de confronto, sem saber o terreno onde estava pisando.

Ela forçou um riso de canto, balançando a cabeça. O sorriso funesto que curvou sua boca, me causou um ligeiro mal estar. Embora ela disfarçasse, fingindo querer comprar algo, era evidente que esse não era o seu objetivo. Intrigada, resolvi desmanchar aquele clima falso de boa recepção e bom atendimento.

— O que quer, *Senhora*? Está na cara que não entrou nesta loja com o interesse de levar nada. Muito menos essa lingerie.

Sem apartar o olhar do meu, ela arqueou a sobrancelha, afastando o braço esquerdo para devolver a fantasia erótica junto às outras peças. Ela mudou a expressão e, pela primeira vez, a má sensação, disfarçada de medo, foi dissolvendo, se esvaindo pouco a pouco, quando ela cedeu, dando lugar a nuances mais suaves e gentis.

— Aquele puto é teu marido?

Franzi o cenho, levemente.

— É. Quer dizer...estamos em processo de divórcio. — Repliquei. Achei que devia, de alguma forma, uma explicação a ela, em gentileza.

— Entendo.

Senti algo como desgosto no comentário sucinto.

Ela baixou os olhos até os meus saltos e subiu novamente, voltando a me encarar, dessa vez com mais ênfase, me deixando sem graça, muito desconcertada. Soergueu o braço para tocar-me, e tive a impressão que sua intenção era afastar os cabelos avolumados que enchiam o meu rosto. Mas, em um gesto rápido e impensado, afastei sua mão com rudeza, recuando para trás.

— Senhora, diga logo o que quer e...

— Você é igualzinha a ela. — Cortou-me ligeiramente.

*Igualzinha a ela? Ela quem?*

Não havia nada parecido com ternura em seu olhar, ao contrário. Tornou a ficar sombria, enigmática, com os traços do rosto

rígidos; um olhar tão mortal quanto uma lâmina afiada. Outro arrepio empolou minha nuca, e tive que passar a mão por entre os cachos para massagear a região. Intrigada, continuei a encará-la, tentando captar em algum traço de seu rosto, quais eram, de fato, suas verdadeiras intenções.

Ela pegou de volta a fantasia erótica e estendeu para mim.

— Vou levar.

Apesar da certeza de nunca tê-la visto, sua aparência me soava familiar. Era como se a conhecesse de algum lugar tão estranho e soturno quanto ela. Puxei na memória, mas a mente não revelou nada, nem um lugar, nem um momento que me ligasse à sua figura gótica.

Rumei para o balcão e senti seu olhar varrer cada curva do meu corpo, cada pedaço de mim. Ainda pensei em sondar por cima dos ombros, mas a ideia me pareceu tão desconfortável quanto sua presença.

Ensacolei a peça e entreguei, querendo me livrar daquela tensão incômoda e desagradável.

— Gostei. — Ela visualizou a loja inteira e depois voltou-se para mim, séria, estoica, com um brilho predador nos olhos negros. — Voltarei mais vezes. — Permaneceu parada, como se esperasse meu assentimento. Anuí a contragosto, com um gesto, resistente, de cabeça.

Satisfeita, ela apanhou os óculos de sol, de algum lugar do corpo, e colocou no rosto. Deixou a *Fashion Star* sem dizer mais nada, levando atrás de si, o clima carregado que se estatelou na atmosfera da loja desde a sua entrada.

Roguei, no mais íntimo dos meus pensamentos, que aquela mulher bizarra passasse bem longe dali, e não aparecesse nunca mais na minha frente. Mas algo me dizia que não seria assim.

NITA.

Eu estava ficando quase louca!

Depois de passar a manhã toda e parte da tarde jogando bolinhas e bastões para o alto, feito uma escrava condenada, decidi sair um pouco para ir até o hospital onde descobri a irmã de

Marcela. Eu precisava arranjar um equilíbrio para manter todos os problemas em ordem nos meus neurônios, ou perderia a lucidez.

Ainda não podia acreditar no que Lucas havia me dito no caminho para o farol. E como se não bastasse, também não conseguia ficar tranquila com Marcela praticamente sozinha com aquele patife.

Tive vontade de voltar lá e dar um fim naquele merda.

Respirei fundo e segui em frente, sentindo desgosto de mim mesma por não poder fazer muita coisa. Não consegui nem convencê-la a deixar que eu entrasse na loja.

Perguntei-me que porra de *amante* eu era.

Marcela era adulta, e se optou por continuar trabalhando, mesmo ciente do perigo de ser vítima mais uma vez daquele filha da puta abusivo, eu deveria respeitar sua decisão. Mas eu não conseguia ficar em paz sabendo do risco iminente que ela sofria.

Movida pelo medo e angústia, dei meia volta e fui buscá-la. A desculpa era conveniente para justificar minha presença: convidá-la para irmos juntas ao hospital, investigar sobre sua irmã.

Desliguei o celular, para que pensasse que estivesse descarregado.

A pressa e a preocupação deram a falsa sensação de que eu havia chegado em poucos minutos. Do outro lado da rua, enxerguei ela sentada atrás do balcão, teclando no computador. Linda como sempre; os cabelos avermelhados preenchendo o rosto e ombros. Senti o alívio se disseminando pelo meu corpo como uma anestesia, minguando meus temores e aflições. Ao longe, ela aparentava estar inteira, bem relaxada à frente da tela. Mas não sorri. Deixei para fazê-lo quando chegasse perto, a milímetros de sua presença.

Mas, ao me mover para atravessar a rua, recuei rapidamente, quase que em reflexo, quando enxerguei um sujeito muito suspeito, não muito distante de mim. Com um instinto de raposa, me escondi estrategicamente e passei a observá-lo. Vi quando tragou um nevoeiro de fumaça de cigarro para o alto, e depois esticou o pescoço rumo a *Fashion Star*, espionando. Usava roupas escuras, caras, e tinha um lado do braço todo revestido por tatuagens.

Sondava os lados o tempo todo, como se tomasse cuidado para não ser descoberto.

*Mas que porra é aquela?*

Caminhei, sorrateiramente, rumando até ele.

Ajeitei meus cabelos curtos, jogando os fios finos, que atrapalhavam, para o lado. Aproximei e o surpreendi.

— Perdeu alguma coisa dentro daquela loja, amigo?

Ele virou-se, de remanso, para a minha voz no encalço da sua nuca.

Deu-me uma visualizada, lenta, de cima a baixo e depois deu mais um trago no cigarro jogando-o a dois dedos do seu pé. Amassou-o e falou:

— Quem é a princesa?

— Está me achando com cara de princesa? — Esperei que meu tom tivesse sido ríspido o suficiente para demonstrar que eu tinha me irritado.

— *How!* — Ele ergueu as mãos, mexendo-se do lugar. — Estou vendo que princesas também tem seus dias de cão.

Contive a vontade de revirar os olhos e espocar a venta dele.

— Vou perguntar de novo. — Falei, impaciente. — O que você perdeu ali dentro?

Ele me sondou, dessa vez mais sério, composto, dando-se conta que eu não estava para graças.

— Qual é, gata, estou só de bobeira. Vou pegar o *busão*.

— Só que nessa rua não passa *busão*! Está vendo algum *busão* circulando por aqui? — Eu estava com o sangue efervescente, querendo apenas uma chance para aliviar toda a minha tensão.

Encurralei-o contra uma boutique de acessórios, exigindo pela última vez.

— Se você não falar o que queria, vigiando a loja da *minha* namorada, eu arrebento essa sua cara fina de malandro fracassado.

— *Hei!* Fracassado não! — Ele se saiu, fazendo-se de ofendido. — Sou o segundo melhor! Só perco para o puxa saco do braço de aço. — Ele se empertigou, todo faceiro, varrendo as mãos pela roupa de couro e o cabelo liso, com franja longa.

— Está admitindo que estava vigiando a loja? — Alteei a voz, intimidando-o. — Por quê? Sob ordens de quem?

Ele tentou disfarçar, fugindo do meu olhar, dando-se conta de que tinha se atrapalhado, falado demais.

— Olha só, cara, já entendi que você é um imbecil. O tipo de marginal que só dá desgosto para o chefe.

— *How!* Você está exagerando, gata. Não é bem assim. — Ofendido, ele soergueu as mãos na altura dos ombros.

— Eu vou te dar mais uma chance! Quem é a tua chefe?

Mais intrigado que curioso, ele chegou perto e cochichou, meio que de banda.

— Vem cá, como você sabe que é chefe e não chefe?

Cheguei perto da nuca dele e falei em um tom baixo, dando corda:

— Por causa dessas tatuagens cafonas que você, também, exhibe no corpo.

Ele recuou, encarando o próprio braço.

— Você acha cafona, é?

— Em você não fica bom. Com essa sua cara de paspalho vacilão, não sei... — Dei-lhe uma olhada rápida, fingindo interesse, interação — Você é o tipo de marginal que não tem personalid... — E, pega pelo momento de distração, fui empurrada contra quatro lixeiras recicláveis, anexadas uma na outra, enquanto o sujeito corria, como um foguete, desviando-se na calçada. Ainda lutei, tentando levantar para alcançá-lo, mas meu braço ficou preso em uma parte da lixeira vermelha, que se quebrou com o impacto do meu peso.

— Argh! — Rosnei, sentindo-me tão tola e idiota quanto o malandro.

Com cuidado, fui apartando o plástico que se fechava amolado, na minha carne.

Tive a ajuda de um casal que passava de mãos dadas; mostraram-se muito solícitos e gentis. Agradei quando eu já estava inteira e de pé.

Pensei em ir atrás do infeliz, mas seria inútil, uma perda de tempo. Apenas lamentei e atravessei a rua, me aproximando de quem realmente importava ali.

E, enquanto eu encurtava a distância entre Marcela e eu, senti uma brisa fria soprar contra meu rosto, espalhando meus fios curtos

de trás da orelha.

Parei no centro da rua, envolvida por um espiral de vento estranho, que parecia querer sibilar alguma coisa. Fui tomada por um arrepio inesperado, muito esquisito. E, de repente, eu não conseguia ouvir mais nada. Nem o som dos carros, nem as vozes distantes das pessoas, nem qualquer ruído urbano, apenas o sopro da brisa arrepiante, que parecia querer me envolver em um redemoinho, para me sussurrar um aviso.

## 41 CAPÍTULO QUARENTA UM

MARCELA.

**Passados três dias**, Nita e eu havíamos descoberto, finalmente, onde poderíamos encontrar minha irmã. Ela estava mais perto do que eu poderia imaginar.

Fomos ao hospital, investigamos, sondamos, e descobrimos que ela era médica residente e que atuava naquele mesmo centro médico.

Cada descoberta, cada mínima informação sobre sua vida, me deixava ainda mais ansiosa, louca para conhecê-la, ficar frente a frente, saber se era realmente idêntica a mim como muitas vezes Nita garantira. Algumas pessoas que cumpriam o ofício ali, dentro do hospital, chegaram a me confundir com ela.

Desanimei quando negaram informações muito pessoais suas. Não consegui seu endereço na recepção, e tampouco algum número para contato. A recepcionista aconselhou que voltássemos quando Marciellen regressasse ao trabalho, pois estava de licença maternidade.

Mas meu desânimo não durou. Ao sair para retomar o caminho de casa, fomos surpreendidas por uma senhora fardada, de meia idade. Ela nos chamou na surdina, para contar algo.

Nita e eu escutamos com atenção tudo o que a mulher falava. Aparentava ter uns 50 anos, seu peito chiava ao falar, tossia bastante, e as pontas dos seus dedos continham uma coloração amarelada; desconfiei que fumava muito.

— A doutora Ellen é sempre muito boazinha com todos os idosos que trabalham nesse hospital.— Confessou a senhora, com a voz bem rouca e bastante envelhecida para sua aparente idade.— Já passei mal aqui dentro algumas vezes, e ela foi muito boazinha comigo. Sempre me dá uns *carão*, pedindo que eu pare de fumar. E foi assim que ficamos íntimas. Chamo ela de minha netinha. — Sorriu a senhora, muito simpática e humilde, antes de ter outra crise

de tosse. Eu ouvia com atenção, bem atenta, coração ansioso a cada desenrolar da conversa.

— Você é irmã dela, filhinha? São tão parecidas.

Eu e Nita trocamos uma rápida olhadela, mas ela não esperou que eu respondesse sua pergunta. Retirou um pedaço de papel bem amassado do bolso do uniforme de faxineira e estendeu para mim.

— Estava observando vocês duas nesses três dias seguidos, — tossiu forte, mais uma vez, levando a mão ao peito. — E vi o quanto querem saber da Ellenzinha. Aqui, podem ligar para ela — enrolou o papel na minha mão, de forma discreta, e sorriu gentilmente. — E também, se quiserem, podem dizer que fui eu quem deu seu contato.

Fiquei paralisada e muda no mesmo lugar, encarando o número no papel.

— Eu... é... Muito obrigada mesmo, senhora. — Consegui balbuciar, emocionada, agradecida.

A mulher assentiu, com toda sua simpatia e se afastou, empurrando o carrinho de limpeza.

— Quer ligar?

— Estou nervosa.

— Eu sei.

— Será que ela vai gostar de saber que tem uma irmã? E gêmea?

Nita fez um carinho no meu queixo, depois guardou a mão no bolso:



— Eu não acho, tenho certeza. Impossível não gostar de você, Marcela.

Olhei-a de novo; e ver cumplicidade e amor em seus olhos, fez com que eu me sentisse mais segura, corajosa.

Ela me beijou castamente, e moldou as mãos no meu rosto. Assegurou mais:

— Quem não gosta ou não gostar de você, tem no mínimo um desvio de caráter muito grande.

Acabei rindo, um pouco mais aliviada da tensão que me envolvia, me apertava.

— Obrigada por estar aqui comigo. Você se tornou meu alicerce.

Envolvi meus braços em seu pescoço, dando-lhe dois beijos. Dois ternos beijos, os quais ela apreciou sorrindo sobre meus lábios.

Ainda pelo perímetro do hospital, pedi para que Nita discasse o número e falasse com Marciellen. Temi que minha voz soasse nervosa, trêmula demais, e ela pudesse achar que fosse alguma louca do outro lado da linha.

Enquanto a conversa rolava, eu ouvia tudo pelo viva voz, atenta, encantada. Sua voz era alegre, incrivelmente idêntica à minha e falava com muita educação. Em nenhum momento fora ríspida ou pouco atenciosa. Marciellen titubeou quando Nita disse que precisava falar pessoalmente, que tinha algo para mostrar. Ela ficou pensativa, muda do outro lado.

Minha vontade foi de pegar o celular e falar a verdade. Dizer que eu era sua irmã gêmea e que estava louca para conhecê-la.

Por fim Nita conseguiu convencê-la a nos receber, dizendo que era jornalista e que gostaria de fazer uma matéria sobre residência médica. Ficou bem animada. Deu para sentir que amava a profissão.

Senti um orgulho imenso. Dias atrás eu nem sabia da existência de uma irmã. E de repente já me via sentindo admiração e orgulho por uma pessoa que eu nunca tinha visto, nem falado na vida. Uma outra parte desconhecida minha.

A “entrevista” ficara marcada para o dia seguinte. Às 15h:00. Já eram quase 17h:00 da tarde, não quis esperar nem um só dia, nem mesmo uma hora, nem um minuto. Com o endereço em mãos, partimos para a casa de Marciellen. Nita não se opôs, concordou na mesma hora, sempre me apoiando, ali comigo.

Ela mesma foi dirigindo, embora eu tentasse ficar calma, não demonstrar tanta ansiedade e nervosismo, era inútil. Eu não conseguia me controlar.

— Relaxa, meu amor. Suas mãos estão geladas. — Ela pousou a palma no meu dorso.

— Impossível. Vou conhecer minha irmã gêmea. Gêmea, Nita. Gêmea! É como se eu fosse encontrar um pedaço desconhecido meu. — Dei um sorriso nervoso, a sensação era de que eu estava suando, vibrando por dentro.

— Tudo bem. Eu também estou na ânsia para revê-la. Ela é bem alegre, efusiva. Fala sorrindo o tempo todo.

Mordi o canto do lábio, ainda mais ansiosa para conhecer Marciellen.

— Pode ir mais rápido?

Nita sorriu, balançando a cabeça.

— Pelo endereço, acho que já estamos chegando, apressadinha.

— Sério?

— Sim. — E riu novamente. — É ali. — Nita apontou, ainda com o carro em movimento. Olhou-me e a encarei também. Mal consegui sorrir, nervosa demais.

Era uma casa alta, de dois pisos, mas bem estreita. Pintada de um verde floresta e com acabamentos em cor de vinho. A frente era circundada por uma sacada linda, de blindex, bem como as janelas e portas duplas em cima e em baixo.

— Pronta?

— Não. Vem comigo?

— Quer mesmo que eu te acompanhe?

— Sim. Vou me sentir melhor, mais segura.

Beijou-me na mão e depois deu-me um beijo quente, e por último dois estalados, cheios de amor:

— Vamos?

— Vamos.

Ela saiu por uma porta e eu pela outra.

Começou a passar um flashback na minha cabeça de todas as vezes em que desejei ter uma irmã. Nos meus momentos, sozinha, de solidão, em meio as minhas bonecas, nas datas solitárias do meu aniversário. Nessa data, em especial, eu sentia sempre que faltava algo. Era tomada por um vazio que nunca me deixava completamente feliz, comemorar com alegria com amigos e

convidados. Agora consigo compreender o porquê. Porque a minha outra parte não estava ali, do meu lado, compartilhando e vivendo a mesma felicidade.

Senti a mão de Nita se acoplando a minha, trazendo-me à realidade.

— Não vai desmaiar, vai? — Brincou.

Suspirei, tentando me aliviar um pouco daquele nervosismo absurdo, que só aumentava à medida que eu era levava para tocar a campainha.

— Consigo sentir seu coração batendo forte pelo tecido da blusa. — Nita ajeitou a alça do meu sutiã deixando-a oculta debaixo da manga da roupa.

— Vou tocar. Preparada?

Assenti, apertando firme sua mão.

Quando ela levou a mão para tocar pela quarta vez, uma janelinha anexa ao portão se abriu dando bem no rosto de Nita.

Afastei para o lado na mesma hora. Apenas escutei.

— Sou a... a jornalista de agora a pouco...

— Desculpa, mas marcamos a entrevista para amanhã. Não posso atendê-la agora. Será que poderia voltar no dia e horário combinado?

Nita relanceou para mim, como se não tivesse mais o que dizer. Era a minha vez de entrar em cena. Desencostei do portão e me pus ao seu lado, de frente para o rosto de Marciellen.

Fiquei rígida, imóvel, sem conseguir me mexer quando seus olhos bateram em mim. Petrificaram-se através da pequena portinhola e percebi que o impacto da nossa semelhança havia lhe deixado abismada, com os olhos tontos e ligeiramente arregalados.

— Não sou jornalista. — Nita falou, atraindo rapidamente o olhar dela. — Só queríamos uma desculpa para conseguir seu endereço e vir até aqui. Acho que a agora você pode entender o porquê.

— Quem são vocês? — Ela perguntou, voltando-se para mim.

— Se nos convidar para entrar, minha namorada poderá contar tudo.

Marciellen finalmente piscou, ainda muito chocada do lado de dentro, sem conseguir desviar os olhos.

Eu estava a ponto de chorar, as emoções de agigantaram dentro de mim.

— Vai nos receber? — Nita apelou mais uma vez, apertando minha mão que não desgrudava da sua. Eu estava suando.

Em instantes, ouvimos um barulho de ferrolho destravar e molho de chaves tintilar.

O portão foi se abrindo lentamente, rangendo para as laterais, fazendo um suspense que só aumentava o retumbe no meu peito.

Ainda estava claro. A noite sombreava aos poucos, testemunhando o grande momento.

Marciellen me encarou dos pés a cabeça. Talvez eu fosse a única que entendesse o que estava se passando em sua cabeça. Assim como eu, ela ficou procurando em mim todos os detalhes que

se pareceriam com ela. Chegou mais perto e, com uma expressão risonha e muito feliz, falou:

— Então é verdade.

Sorri também, num misto de nervosismo e felicidade pura. Percebi quando Nita recuou, tomando distância, nos dando um pouco mais de espaço e privacidade.

— Acredita que possa existir pessoas assim, tão idênticas, como nós duas, e não terem nenhum laço sanguíneo? — Foi a minha vez de falar, tensa como uma mola.

— Isso é incrível. Isso é...é incrível! — Ela levou as mãos à boca; sua feição era uma mistura de alegria, confusão e perplexidade. Estávamos a centímetros uma da outra, e pude notá-la ainda melhor. Seus cabelos eram exatamente como os meus, de um ruivo bem avolumado, cacheado. As sardas se concentravam mais na região do nariz, se espalhando bem menos em outras partes do rosto. Seus olhos eram também bem azuis, alegres, de um vibrante intenso.

Em um gesto que me surpreendeu e me comoveu, ela chegou mais perto e me abraçou bem lentamente, quase me apalpando, como a confirmar que eu era real, que eu estivesse ali. Eu estava tão inerte na minha própria emoção que fiquei travada, sem conseguir me mexer. Olhei para Nita; ela fez uma mímica com os braços, pedindo que eu também a abraçasse. Então eu abracei. Fechei os olhos e absorvi tudo o que aquele momento me oferecia. Ela quis se apartar, mas não permiti, deixei-a presa entre meus braços, tateando-a. Tentei segurar o choro, mas as lágrimas começaram a arder nos olhos, então chorei. Minhas pálpebras se apertaram emocionadas, sorri sobre seu ombro, e por fim desvencilhei.

Ela pegou pela minha mão e me conduziu para o *deck*, com uma delicadeza terna, gentil.

Observei rapidamente em volta, era um ambiente acolhedor e muito confortável. Íamos sentar em uma mesa, a céu aberto, com sombreiro, quando a voz de Nita paralisou nosso movimento.

— Estou precisando ir ao banheiro, meninas. Preciso muito.

Tive quase certeza que ela queria nos deixar a sós. Olhei-a de forma que entendesse que eu recriminava sua atitude. Que eu precisava dela. No entanto, só o que ganhei foi uma piscadela bem cínica, enquanto Marciellen explicava a direção ao qual ela *precisava* seguir.

— Ela quis nos deixar sozinhas, acertei?

— Sim. — Falei um pouco tímida, tendo seus olhos fixos nos meus.

Sondou-me por uns instantes, então disse:

— Já deve saber que me chamo Ma...

— Marciellen.

Confirmou, abrindo um sorriso.

— Posso tentar adivinhar o seu?

Sorri encantada, embora ainda muito tensa. Muito nervosa.

— Pode. Claro que pode.

Todos tinham razão. Ela tinha um sorriso sempre à disposição, o tempo todo. Era alegre, contagiante. Desde que abrisse o portão, não se mostrara tensa. Era desinibida, bem mais do que eu.

— Hmm. — Pensou por um instante, observando-me bem.— Você tem cara de Márcia. — Neguei com a cabeça, me soltando mais, achando tudo muito mágico, embora soasse estranho também. — Hmm, Mally? — Neguei outra vez. — Mariellen?

— Não.

Acabamos rindo, como se fôssemos íntimas há muito tempo.

— Marcela. Meu nome é Marcela.

— Marcela... Marciellen....

Sua voz divagou.

Ficou séria pela primeira vez, e eu também fiquei.

— Eu não acreditei quando ela me disse. — deu uma pausa e continuou.— Achei que tudo fizesse parte de sua insanidade. — Marciellen falou, cheia de culpa, enquanto seus olhos marejados vagavam para lembranças distantes. Não fez questão de limpar nem uma gota de lágrimas que escorria lenta e dolorosa.

— Sabia que eu existia? — Perguntei, atraindo seus olhos de volta.

— Achei que não fosse real, que fosse devaneios da doença da minha mãe. Ela sofria de Alzheimer.

Dei um pequeno arquejo, lamentando profundamente.

— Sinto muito.

— Foram três anos de luta. Minha vida era somente ela e a faculdade. Morreu em um estado avançado da doença, bem antes de me ver formada, com o diploma na mão.

Marciellen era extrovertida, contagiante, mas também, ao que se notava, era muito emotiva e sabia ser séria.



— Se eu soubesse, se...se eu tivesse tido certeza, eu teria te procurado. Como descobriu sobre mim?

— Aquela pessoinha, que foi se esconder no seu banheiro, viu você no hospital. Ficou impressionada com a semelhança entre a gente e me contou.

Ela escutava com atenção, os olhos azuis não piscavam.

— No início relutei em acreditar, mas fui juntando alguns fios soltos, e deduzi que poderia ser verdade.

— Fios soltos?

— Conversas paralelas que eu ouvia pelos cantos da casa, da nossa mãe.

— Nossa mãe? — Ela perguntou intrigada, olhando-me desconfiada.

— Sim, nossa. Por quê? Não a considera nem um pouco sua mãe?

Marciellen se calou, mirando para as próprias mãos sobre a mesa. Depois de um curto momento de suspense, levantou.

— Nossa mãe biológica era a minha.

— O quê? — Levantei também.

— Quando o Alzheimer se manifestou em Amélia, *nossa* mãe, surgiram também outras doenças das quais ela precisou de várias transfusões de sangue. Eu fui sua doadora por várias vezes, e de acordo com nossa tipagem sanguínea, não teria como ela não ser minha mãe. E também tenho fotos dela com um barrigão. Você tem fotos da sua mãe grávida de você? Quer dizer, da gente?

Meus ombros desmaiaram e tive que tatear o tampo da mesa para garantir que não fosse cair, desfalecer ali mesmo.

— Q-quer di-dizer que eu sou a filha adotiva? — Gaguejei, sem conseguir calcular o quão grande tinha sido minha surpresa.

## 42 CAPITULO QUARENTA E DOIS

MARCELA.

**O que era** para ter sido um encontro somente de alegria e boas emoções, tornou-se um momento melodramático, com situações inesperadas para mim. Depois que deixei a casa de Marciellen, Nita me levou para dar uma volta na praia. Mal consegui ouvir o que ela dizia em todo o trajeto, da sua suspeita de que havia alguém no nosso encalço. Senti quando acelerou o carro, passando à frente dos demais veículos. Mas não reclamei, não ralhei. Eu estava tão inerte, que não quis me distrair com mais nada naquele momento. Apenas virei o rosto para a janela, pensando no que foram as descobertas das últimas horas. Minha irmã lamentou quando me despedi, mesmo depois de termos conversado por mais de três horas.

Conheci Benjamin meu sobrinho, um bebê, muito fofo, ainda muito pequeno. Fiquei toda derretida quando o peguei nos braços, tão indefeso, alheio à própria existência. Depois mostrou-me sua casa. Era tudo muito acolhedor, confortável, bem espaçoso. A babá que auxiliava nos cuidados com o pequenino era também muito amável e gentil. Eu fui muito bem acolhida, recebida. Era como se Marciellen já estivesse me esperando há tempos. Seu jeito alegre era contagiante. O tipo de ser que irradia, anima tudo que está à sua volta com um sorriso fácil, boa educação e gentileza. Fiquei maravilhada por tudo, além do orgulho inefável de ser sua irmã, sua outra metade.

Foi assim que me senti. Mesmo depois da bomba de saber que, possivelmente, minha mãe não era quem eu sempre pensei que fosse.

A noite estava linda, ampla, mas não contrastava com meu estado melancólico de humor. No percurso até a praia, veio o vazio, as perguntas sem respostas, aquela sensação de que nunca tivesse pertencido a lugar algum. Como se a venda, que eu não sabia que

tinha nos olhos, tivesse caído, me pegando desprevenida, fazendo-me enxergar a verdade. Ou parte dela.

Sentada ao meu lado, Nita brincava com uma mecha definida dos meus cachos. O cenário praiano estava quase deserto, com poucos turistas circulando. Apenas alguns tiravam fotos, procurando a melhor luz, o melhor ângulo para pano de fundo.

— Quer conversar?

Escutei a voz da morena ao alcance do meu ombro, me fazendo desviar do mar para a areia.

— Sabe o que mais está me corroendo, criando um labirinto de confusões na minha cabeça? Não saber minha verdadeira história.

Virei o rosto; seu olhar certo em mim, atencioso, daquele jeito característico seu; semicerrado, compenetrado.

— O que eu faço? Por onde começo a investigar? Saber se a mulher que me educou, com princípios e valores, era de fato minha mãe de sangue?

Nita se ajeitou melhor, logo recostou sua testa na minha, oferecendo seu carinho, beijando a ponta do meu nariz, e depois me dando um selinho gostoso na boca.

— Não sei. A única coisa da qual eu posso te dar certeza, é que estarei ao seu lado para descobrirmos a melhor forma de esclarecer tudo isso.

— Promete?

— Prometo, amor.

Dessa vez eu que me inclinei e a beijei. Suspirei baixinho quando meu rosto colou no vão do seu pescoço. Distribuí beijinhos em sua pele; ela recuou, sorrindo.

— Geralmente as pessoas têm tesão, e não cócegas quando são tocadas no pescoço. — Falei entre risos bobos, quando ela me afastou levemente.

— Eu só queria ver esse sorriso. Faço qualquer coisa para vê-lo assim, tão seu, tão meu.

Acabei rindo mais.

— Que mentirosa!

— Verdade.

— Sei.

A tensão ruim fora minguando aos poucos, dando lugar ao momento divertido que se fundiu entre nós. A brisa refrescante, que vinha do mar, esvoaçava meus cabelos para trás, enquanto trazia os de Nita para frente. Ela estava de costas para as águas, e eu com a vista estendida para negrume oceânico.

— Há quanto tempo estamos sem sexo?

— Há mais de uma semana. — Falei, me encostando nela. Eu também já estava desejando muito seus toques, seus beijos queimando na minha pele.

— Que tal matar agora esse desejo?

— Eu acho perfeito! — Exclamei, enquanto ela me arrastava, colocando minhas pernas em volta da sua cintura.

— Esse é o segundo encaixe mais perfeito que existe.

— E qual é o primeiro?

— Quando estamos nuas, bem encaixadas. — Respondi desejosa, esfregando minha boca na sua, deixando-a excitada também com minha respiração alterada.

— É?

— É.

E nos beijamos de uma vez. O beijo se comungou em volúpia, em um desejo febril e lento. Eu era completamente apaixonada pelo beijo, pelo toque, pelo tesão absurdo que essa mulher despertava em mim.

— A gente podia adotar a ideia de transar todos os dias. — Ela sugeriu com a voz densa, enquanto se livrava da minha blusa, arrancando-a por cima.

Baixei os braços para rodeá-los em seu pescoço, me colando mais em seu corpo, seu abdômen, seu peito. Beijeí sua boca, me aliviando um pouco mais da fome sexual que me enfraquecia.

— Acho que fazer sexo assim, ao ar livre, com olhos nos assistindo não vai ser tão divertido. — Falei, observando os lados, mesmo sabendo que Nita não faria e não queria assim.

— E quem disse que vai ser aqui? Vem, vamos!

Ela levantou e me puxou logo em seguida, me arrastando com certa urgência.

— Para onde está me levando, sua louca?

— Para um ninho de amor.

Comecei a rir, feliz, deixando um pouco os problemas de lado. Quando chegamos perto de um dos quiosques, reduzimos os passos. Eu estava cansada, muito esbaforida, mesmo tendo corrido pouco. Correr na areia era pesado, exigia uma dose extra de adrenalina. E a única adrenalina que eu tinha, era para gastar com outra coisa.

Parei e agachei um pouco, soltando a mão dela para me apoiar nos joelhos.

— Consegue respirar?

— Acho que sim, do contrário eu estaria morta, não é?

— Olha que eu te jogo no mar. Na água gelada.

Acabei rindo, quase morrendo pela falta de ar.

— Vem senta aqui. Já mediu sua glicose? — Ela tirou a camisa e começou a me abanar.

— Esqueci em casa. Estava muito ansiosa para pensar em glicose.

— Meu Deus, Marcela!

Dei de ombros. Ela ralhou mais:

— Precisa aderir a exercícios físicos. Está muito sedentária. Só anda de carro, não faz nenhuma atividade, caminhada. Nada!

— A atleta aqui é você. — Revidei, mesmo consciente que ela tinha toda razão.

Depois de um tempo, ouvindo suas reclamações excessivas de cuidados, levantei dizendo que já conseguia caminhar.

— Vamos andando, nada de correria. — Pedi, quase numa ordem.

— Tudo bem. Qualquer dia desses vou te ensinar uns golpes para sair desse marasmo físico.

Olhei-a, mas não disse nada.

— Não quer?

— Não levo jeito para essas coisas. Prefiro yoga.

Nita riu:

— Posso te ensinar algumas coisas agora. Tem bastante espaço, e não vai se machucar, o impacto da areia vai amortecer qualquer queda perigosa.

Parei de repente, não era algo que despertava meu interesse, mas resolvi arriscar.

— Aceito. Por onde começamos?

— Antes de qualquer coisa, você tem que ter consciência dos seus movimentos. Braços e pernas. — Ela se armou numa posição de ataque, com postura de braços e pernas.

— O segredo não é a força em si, é a forma que você coloca nela. Se posiciona como eu, assim.

Imitei seu gesto, com os braços em punho no ar. Eu me mexia um tanto desengonçada, indo para um lado e para o outro.

— Agora vem pra cima de mim; ataca. Assim, nessa posição. Fecha bem as mãos e tenha consciência de todos os seus movimentos, do que você quer fazer, o que deseja alcançar com ele. Não ataque só por atacar.

— Tudo bem.

Fui pra cima e a soquei como orientou. Nita se defendia indo para trás, para os lados, às vezes me impulsionava para frente, para atacá-la, fazendo com que eu me movimentasse, gostasse do jogo.

— Isso minha garota. Muito bem.

Ela se desarmou e me abraçou por trás, quando tive que virar na direção do vento para que ele mesmo arrumasse meus cabelos; minhas mãos não davam conta.

— Ainda tem fôlego para aprender alguns golpes com as pernas?

— Não. Vamos deixar para outro dia. Uma coisa de cada vez.

— Certo.

Relaxe e, enquanto Nita vestia a blusa, enxerguei uma sombra se esconder por detrás do quiosque.

Travei na hora, lembrando das repedidas vezes em que ela desconfiou de que havia alguém nos seguindo.

— Para. — Falei; meus olhos ficaram imóveis na direção suspeita.

— O que foi? Viu alguma coisa? — Desconfiada, ela olhou para todos os lados, e voltou a perguntar. — Viu alguém? Alguém suspeito?

— Acho que eu vi. Foi...foi muito rápido, mas tenho quase certeza que tinha alguém de olho na gente ali atrás, naquela ponta.

Nita saiu às pressas, quase correndo, na direção do quiosque.

— Nita?

Tarde demais. Quando decidi me mexer, destravar, ela já pulava a divisória que circundava o quiosque e correu.

Merda! Por que eu fui abrir essa boca?

Corri também. Quando cheguei perto, não havia ninguém, além da própria Nita varrendo tudo ao redor.

— Acho que me enganei.

— Não. Tinha alguém aqui. Está sentindo esse cheiro?

— Que cheiro?

— Cheiro de bandido fujão. — Ela se agitou; era perturbador como ficava transtornada com tudo isso. A suspeita de que havia alguém nos vigiando a deixava desnorteada.

— Aparece, Renata! — Gritou. — Sei que é você esse tempo todo. Está com medo? — Ela deu uma risada forçada, funesta.— Aparece, porra! — Sua mão se fechou em punho, desferindo um soco raivoso na lateral do quiosque; estava muito alterada. Fiquei preocupada e intervi.

— Pelo amor de Deus, se acalma. Não tem ninguém aqui.

Ela me encarou, e para a minha surpresa, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Você está chorando?

— Estou com um mal pressentimento. Marcela...

— Calma. — Abracei-a com força, sabendo que precisava daquele abraço. — Você não parece ser do tipo que acredita nessas coisas. — Afrouxei os braços, me apartando.

E quando fui enxugar suas lágrimas, elas já não estavam mais lá. Suas bochechas, bem como os olhos, estavam secas. Nita já estava lúcida novamente.

— Vamos embora. Quero ficar com os meninos, saber se estão bem.

— Vamos.

Sáímos dali apressadas. Eu não poderia afirmar, com certeza, que estava certa sobre ter visto alguém. Foi muito rápido, num relance. Num segundo e a sombra se escondeu. Mas... Não posso estar louca. Havia alguém ali.

Eu quis dirigir, mas Nita pediu que ela mesma fosse dirigindo, que iria por vias alternativas. A viagem toda manteve-se focada nos retrovisores externos.



Toquei seu ombro e ela pareceu se dar conta que eu estava ali. Seu corpo e sua expressão relaxaram mais.

— Desculpa. Essa mulher me tira do sério. Mexe com meu estado de humor de maneira que não consigo manter a calma, a tranquilidade.

— Percebe que deixamos de fazer uma coisa legal, ficarmos juntas, por causa de uma sombra?

— Você não entende. Não conhece essa...essa criatura demoníaca. — Seus olhos voltaram a incidirem ódio e rancor.

— E se for mesmo ela? Essa fulana não pode fazer nada.

— Já assistiu filme de terror? Já leu notícias macabras nos jornais impressos, nos canais de tevê diários? Nunca leu ou ouviu em algum lugar que para uma pessoa fazer maldade com a outra, a vítima não precisa ter feito absolutamente nada?

Calei. Era inútil revidar, responder à altura. Apenas me calei. Ela estava nervosa, e talvez com razão.

E, recostando a cabeça no vidro do carro, lamentei profundamente por nossa noite acabar mal, por não ter conhecido o tal ninho de amor.

Fechei os olhos e só lamentei.

## 43 CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

NITA.

**Acordei pela manhã** e fui logo surpreendida por uma dolorosa e preocupante notícia.

Dona Creuza avisou que não íamos mais poder ficar no quarto alugado. Muito arisca e desconfortável, ela informou antes que eu e os meninos saíssemos para as ruas. Felipe, Lucas e Lena ouviram tudo. E não consegui disfarçar a decepção com a senhora.

— Está nos mandando embora, assim, sem motivo algum? — Indaguei ainda muito descrente.— Pagamos tudo como o combinado. O aluguel, o consumo de energia, e não permitimos que Bob fizesse sujeira na área externa. E tudo para quê? Para sermos escorraçados?— Questionei, indignada, alterando o tom de voz.— Tem que dar um prazo maior para que possamos arranjar outro lugar. Não podemos sair assim, de um dia para o outro.

— Não posso. — A senhora falou com uma estranha tristeza. Eu poderia jurar que suas palavras carregavam culpa, um remorso enorme. — Vão ter que sair amanhã. — Sentenciou, sem sequer me olhar nos olhos.

— Isso é um absurdo! — Levei a mão à testa, inconformada. — Até agora não me explicou o motivo de escorraçar a gente assim, de repente, senhora. Olha para eles, não temos para onde ir. Não vamos arranjar um lugar tão rápido e...e barato assim. — Não me importei em apelar, em ser orgulhosa. Eu não iria suportar ver os meninos passarem pela degradação de viver nas ruas novamente, nem por uma noite sequer.

— Sinto muito.

— Sente muito? — Me indignei.— A senhora sente muito? — Gritei.

Ela levantou e deu as costas, mas antes de subir as escadas que levava à sua quitinete, acrescentou.

— Que Deus os proteja.

E se distanciou, subindo os degraus até seu Camilo, sentado como sempre em sua cadeira de balanço. Ela entrou e ele a seguiu.

— O que vamos fazer, Nita?

— É. O que vamos fazer...?

Lena perguntou, seguida de Felipe. Estavam, também, bastantes preocupados.

Lucas não disse nada, ficou imóvel, apenas observando, absorvendo.

Virei para eles; eu também não tinha nenhuma vaga ideia de como sair daquela situação. Não tínhamos dinheiro sobrando. Pelo contrário.

Havíamos acabado de pagar o aluguel e ficamos sem nada. Uma moeda sequer.

— Vai ter que ser somente a gente, como no começo. Vamos arranjar um jeito. Sempre arrumamos. Lembram?

— Esperei alguma reação de Lucas, mas ele se concentrou estático, pensativo. Felipe e Lena vieram se juntar a mim, Bob pareceu entender o que estava acontecendo, pois murchou as orelhas e deitou, colocando o focinho entre as pernas.

Olhei mais uma vez para Lucas, e agora, mais do que nunca, talvez fosse o momento apropriado para fazer o que havia me pedido ontem.

Eu tinha negado, não queria que passasse por um mal momento novamente. Mas agora...

— Felipe, Lena. Vão na frente. Levam Bob também. —  
Demandei.

Assentiram sem perguntar nada. Apenas se foram. E pela primeira vez, sem implicâncias, sem joguinhos de falsas intrigas. Até o cachorro não saiu afoito, puxando Lena pela corrente, querendo chegar logo na rua.

Lucas se aproximou e olhou para trás, averiguando se ainda havia rastro do trio no portão.

— Não vamos conseguir arranjar um lugar tão barato como esse.

— Eu sei. — Preocupada, penteei os cabelos com a mão.

Lucas me aparou pelos braços, e me surpreendeu com um abraço.

— Pode contar comigo.

Relaxe por um breve instante e até ameacei sorrir, surpreendida por seu gesto inesperado. Afastei e disse:

— Pode ir atrás dela se quiser. As coisas se complicaram, e como acabou de ver, estamos na rua novamente.

— Não. Não vou. Não mais.

— Lucas...

— Nita, eu seria um otário se abandonasse vocês agora, nessa situação. Sou um *moleque* que não sabe nada da vida como você sempre fala para mim e para os dois. Mas isso não é desculpa para que eu me torne um completo ingrato.

— Você é diferente, é muito mais que um moleque, Lucas. Muito mais.

— Sou. — Ele esmoreceu, afastando-se para o lado. — Sou, sim, um moleque que insiste numa família que me despreza. Sou um bobalhão que arruma qualquer desculpa para estar com eles. É, eu sou diferente.

Massageei seu ombro por trás.

— É aniversário dela, cara. Não se sinta culpado por amar demais sua mãe, sua irmã, sua família.

— Minha família são vocês. — Ele virou-se, me encarando firme, sem vacilar. — Você, o idiota do Felipe e boba melosa da Lena. — Esboçou um riso de canto, revirando os olhos. — Aprendi a gostar de vocês como minha família também. Mas...

— Sente falta da sua mãe.

— É. Sinto.

— Entendo. Também sinto falta da minha. Apesar de ela não ter sido uma mãe tão presente, mesmo morando debaixo do mesmo teto, era minha mãe.

Lucas não perguntou nada, como achei que fosse indagar. Apenas anuiu, como se qualquer curiosidade sobre minha vida fosse irrelevante, se comparada a todos os problemas naquele momento.

Quando já íamos saindo no portão, a voz de dona Creuza nos chamou.

Ela chegou perto e estendeu a mão.

— Toma, filha. Vocês vão precisar. E me perdoa.

Era o dinheiro do aluguel que eu tinha dado a um dia atrás. Olhei bem nos olhos daquela senhora, e percebi que sofria. *Com alguma culpa talvez?* Era como se estivesse sendo obrigada a botar a gente para correr dali, nos enxotar. Mas julguei ser um absurdo minha conjectura. Não havia motivos e nem razões aparentes para que ela estivesse agindo assim.

Não fui orgulhosa. Peguei o dinheiro e antes que ela se virasse, dando as costas, falei.

— Achei que fosse boa. Uma senhora digna. Por que não pode ser honesta comigo e dizer o que está acontecendo? — Enveredei para mais uma tentativa de entender aquela palhaçada toda. Mas ela não falou nada. Não respondeu. Nem se esforçou em fazê-lo. Virou-se e foi embora, sem olhar para trás.

Era certo que havia algo de errado.

*Mas o quê?*

O tempo era meu oponente naquele momento, não me permitiria investigar o “X” dessa questão.

— Vamos.

Lucas me tocou pelas costas, levando-me para fora. Trancamos o portão e partimos para mais um dia de luta.

Pensei em Marcela, em sua fuga de tão cedo. E só desejei que estivesse comigo.

### MARCELA.

Sexta-feira era um dos dias mais agitado, movimentado na *Fashion Star*.

Eu havia acordado cedo com a ligação de dona Rebeca, que me ligara dizendo que estava passando mal. Saí da quitinete antes do alvorecer. Corri para lá e a socorri. Perguntei por Estéfan e o infeliz tinha passado a noite na vadiagem, como sempre.

Ela ainda estava um pouco pálida atrás do balcão, se fazendo de durona, tentando manter-se de pé. Sorria e esbanjava gentileza para os clientes que, depois de comprarem comigo, passavam no caixa com ela.

Estávamos sozinhas, sem Estéfan. Aliás, ele já não era mais útil para nada, nem para correr atrás de fornecedores fazia mais questão, não se importava. Era tudo eu. Ele só passava na loja para

pegar dinheiro e arrumar confusão, me xingar; ofender a mim e a própria mãe. Não foi preciso que dona Rebeca me dissesse nada, mas desconfiei que sua queda de pressão se dera justamente pela preocupação com o filho, que morava praticamente fora de casa, nos bares e boates.

— A senhora quer descansar um pouco, sogra?

Mirei-a, enquanto ela terminava de atender uma cliente no balcão. Olhou-me com ternura e disse.

— Nunca deixe de me chamar de sogra. Porque para mim, vai ser sempre minha nora.

Nossas mãos se juntaram, em cima do tampo grosso, e me senti um pouco culpada por seu estado. Ainda que eu não tivesse culpa alguma.

— Ele está se afundando, se destruindo, filha. Ele está... — As lágrimas já pulavam dos seus olhos, e ela teve que tirar os óculos para não molhar.

— Não chore, me parte o coração vê-la assim. — Arrodeei e dei-lhe um abraço forte, protetor. Éramos baixinhas, mas minha estatura sempre sobrepujava a dela por poucos centímetros.

— É meu carma. Como eu poderia evitar? Amo o meu filho, apesar de ele ser como é.

— Nem sei o que dizer.

Ela me apartou, cuidando logo de secar o rosto e pôr os óculos.

— Não diga nada.

E foi o que eu fiz.

Fiquei calada, de costas para a rua, arrumando roupas novas no cabide das araras. Foram segundos, quase um minuto, em que o silêncio permeou, durou. Logo um vozeirão adentrou pela porta dupla e quebrou a quietude e o manto de paz que não se prolongou.

— Demorei? — A voz audaciosa, cheia de intimidades, perguntou. Não foi preciso urgência para me virar de imediato. Eu já sabia de quem era o rosto, dono daquela voz.

Quando virei o corpo e meu olhar cruzou com o da mulher toda tatuada, meu estômago gelou, algo dentro do peito pesou, incomodou.

Ela estava de volta.

— Posso ajudar? — Dessa vez não fiz questão de ser tão receptiva; soar gentil. E pelo tom da minha voz, acreditei que ela tivesse entendido.

— Entrei em quase todas as lojas, mas nenhuma vendedora tinha olhos tão azuis e sardas salpicadas pelo nariz. — Ela arrodeou o cabideiro de roupas e não se intimidou em me olhar bem dentro dos olhos.

Limpei a garganta. Comecei a achar que aquilo estava se tornando algum tipo de perseguição. Recuei.

— Vou chamar outra pessoa para atendê-la, *senhora*. — Frisei — Com licença.

E, antes que eu me movesse, sua mão incisiva e espessa, bloqueou qualquer iminente movimento meu, impedindo-me de sair, escapar de sua presença.

— Calma, Marcela. Não sou nenhum bicho papão.

Olhei-a mais assustada ainda, falando comigo com se tivesse alguma intimidade.

— Com licença! — Puxei meu braço, com brusquidão, de sua mão; ela soltou um riso chasco, quase funesto.

— Estou lidando com uma fera. Isso é muito excitante.

— Você é alguma espécie de louca maníaca? Que fugiu de algum lugar e está me perseguindo?

Ela riu mais. Um riso falso, perigoso.

Gesticulei, abrindo a boca para falar, mas o celular tocou no bolso da minha calça.

Era Nita.

Antes de atender, me afastei querendo mais privacidade. Senti passos no meu encalço. Não liguei, apenas curti, sorri quando escutei a voz que alargava meu sorriso, mudava meu humor sempre para melhor.

— *Oie*. — Falei baixo, para ninguém escutar.

— Oi, amor.

— Será que você pode vir me salvar, estou com uma cliente chata aqui.

Escutei um suspiro baixo, parecia um lamento, logo ouvi:

— Vem aqui na hora do almoço. Papo sério.

Fiquei preocupada. Seu tom de voz estava estranho, sério demais, carregado de tensão.

Quando virei, me assustei recuando em um salto para trás; a figura fantasmagórica da mulher bizarra estava parada, bem na minha frente.

— Se você falar de uma vez por todas o que quer aqui, ou o que quer de mim, talvez a gente possa resolver e você pare de me perseguir. — Falei, irritada.

— Tem uma namorada? Pensei que fosse casada.

— Isso não é da sua conta. Quer fazer o favor de sair daqui? — Apontei para a rua, mas meu gesto não a intimidou.

— Uma gatinha ferina. — ironizou séria.

Finalmente eu havia entendido o jogo dela. Estava tentando algo comigo, seu objetivo era me conquistar.

*Mas do nada? Por quê? Com que intenção?*

Olhei-a com minúcias, não consegui evitar a expressão enojada que me reboia por dentro ao ter aquela mulher estranha tão perto de mim. Por trás dos seus olhos havia algo ruim, que arrepiava, metia medo.

— Não sou atraente? — Ela indagou, como se tivesse notado que eu já havia entendido seu jogo de conquista.

De repente, lembrei que estava falando com Nita. Levei a tela do celular até a vista e a chamada ainda estava rolando. Ela estava escutando tudo. Coloquei o aparelho no ouvido e me afastei.

— Nita?

— Marcela, essa mulher... — Sua voz parecia tensionada; eu podia sentir seu peito subir e descer.— Conheço essa voz... É ela, é Renata Falcão. Sai daí. Agora! — Nita vociferou, alarmada.

Meu braço foi escorregando aos poucos, desligando e fechando celular, enquanto todo o meu corpo se virava lentamente.

E, como num passe de mágica, a estranha não estava mais ali. Havia sumido, evaporado. Consegui soltar o ar aliviada, ainda que meu coração batesse acelerado contra o peito.

Rumei para o balcão; meus olhos correndo para o lado de fora da loja, através das vitrines. Nita estava certa. Aquele ser bizarro, e sorrateiro, só podia ser quem ela suspeitava.



Um arrepio forte e angustiante me empolou dos pés a cabeça  
ao constatar que o perigo esteve tão perto de mim.

## 44 CAPÍTULO QUATRO

NITA.

**Era muita coisa** para minha cabeça. Eu mal conseguia respirar; a carga de tensão e preocupação estava tentando me tirar do eixo, sufocar. Fiquei fora de mim, louca de pedra quando ouvi a voz bem conhecida do outro lado da ligação, perto de Marcela.

— Porra! Era ela. *Eu sei que era ela.* Larga, Felipe. Merda!

Felipe tentava me acalmar, enquanto eu retirava os últimos aparatos da fantasia de estátua viva. Todos estavam fantasiados de planta buxinho, sentados sobre tocos de madeira que personalizamos como se fossem vasos.

— Está descontrolada, vai acabar fazendo uma besteira.

— Vou até lá.

— O que aconteceu? — Lena perguntou, chegando mais perto, segurando Bob pela corrente.

Eu ia falar, botar pra fora, mas Lucas me deteve antes que eu continuasse.

— Não está raciocinando. Como acha que vai bater de frente com alguém, assim?

Bufei feito um animal violento, com garras afiadas, prontas para atacar. Mas meu alvo estava longe, e eu sequer tinha reencontrado ainda, encarado de frente. Sentei com tudo, na calçada grossa; o coração batendo forte, nervoso dentro o peito, tudo em mim pedia extravasão.

Lucas agachou e pegou na minha mão; estavam trêmulas. Ele apertou, me fazendo olhar para a calmaria dos seus olhos.

— Ficaremos aqui. Eu, Felipe e Lena.

Ele lançou olhares para um e depois para o outro. Concordaram.

— Mas precisa se acalmar. Com esse seu jeito impulsivo, não vai resolver nada.

— Eu sei.— Fechei os olhos permitindo que a calma entrinhasse pelos meus poros.— Tudo o que eu quero, agora, é

ficar cara a cara com aquela mulher. Não sei se vou poder me controlar. Está tudo reprimido aqui dentro, me sufocando de maneira que não vai ter outro jeito a não ser me aliviar.

Levantei, rapidamente, dessa vez já estava conseguindo pensar direito, com sagacidade.

Consegui me livrar de vez da fantasia. Andei às pressas, pelo calçadão, mas algo se apequenou dentro de mim, me induzindo a olhar para trás.

O trio estava parado, olhando em minha direção.

Senti-me tão cruel em ter que deixá-los sozinhos, ainda mais sabendo que aquele ser horrendo estava à espreita.

Voltei e pedi que viessem comigo, me acompanhassem. Alegraram-se no mesmo instante. Felipe cuidou logo de se livrar de toda a fantasia, bem como Lucas também. Até Bob ficou animado, subindo pelas minhas coxas, com a língua comprida de fora e o rabo sempre efusivo.

O sol havia dado uma trégua. Embora fosse quase meio dia, o tempo estava se fechando, nuvens grossas e cinzentas manchavam o azul do céu. Era um prenúncio de chuva, mas confiei e esperei que não passasse de um clima nebuloso.

O trio vinha calado, como se respeitasse meu momento, a tensão que me emudecia. Lucas e Felipe pouco faziam graça. Olhei para trás, caminhavam quietos, sem a costumeira implicância e picuinha. Lena vinha mais atrás com o cão. Senti que estava um pouco cansada e que uma das pernas, precisamente a que sofrera a lesão, se apoiava mais no calcanhar. Parei, esperando que se aproximasse.

— Por que não me disse que estava com todo esse desconforto?

— É...eu...

— Responde, Milena.

— Não queria preocupar você. Já anda com muitos problemas, e...

Caralho!

Minha vontade era dizer poucas e boas, ralhar, chamar sua atenção. Contudo, havia outro assunto que estava tomando todo o

meu auto controle. Decidi poupá-la e me poupar também; ao menos naquele momento.

— Felipe, pega o Bob. Lena, monta aqui.

Virei e me curvei para que ela subisse em minhas costas.

— Não, é um exagero, Nita. Consigo andar, só precisamos ir devagar.

— Sobe!

Ela suspirou a contragosto. Montou como pedi e continuamos. Lucas reagiu:

— É a bebezinha da mamãe.

Felipe riu.

— Cala essa boca garoto chato! — Ela revidou.

Continuaram se alfinetando. E mesmo que Lucas se mantivesse ocupado, enchendo o saco de Lena, eu sentia seus olhares sobre mim, preocupado, querendo ajudar de alguma forma. Não dei confiança, deixei pensar que eu estava bem, ou lutando para isso.

Eu estava tão focada em chegar à loja, que o peso de Lena nas minhas costas, passaram quase que despercebido.

Eu sempre fazia exercícios pesados, com barras de ferro velho, que eu mesma montava para não deixar os músculos enfraquecerem, atrofiarem.

Entre uma pausa e outra chegamos, por fim, na esquina que levava a *Fashion Star*. Arriei Lena no chão, e só então senti o real peso das minhas costas.

— Aposto que essa magrela deve pesar mais do que eu e Felipe juntos.

Ela revirou os olhos dando de ombro.

Continuamos andando, e não demorou muito para chegarmos.

— É aqui?

— É. — Parei rápido, somente para responder a pergunta de Lena.

Depois ignorei tudo à minha volta, adentrando pelo limiar, passando os olhos por cada espaço livre da loja. Em um canto, aos fundos, estava Marcela, atendendo uma cliente qualquer. Sondei, na expectativa de encontrar o rosto esperado, mas não havia ninguém mais, apenas sua sogra por trás do balcão.

Ela se afastou da cliente e veio apressada até mim.

— Eu sabia que viria. Você não toma jeito. Estou bem, como pode ver. — Ela me levou para um canto mais escondido e me beijou, ficando na ponta dos pés. Sorriu e disse mais.

— Mas eu adorei.

— Não brinca. Fiquei igual uma louca, quase infartei. Era ela. Tenho certeza, Marcela. Vamos, vem.

Tentei tirá-la dali, mas se recusou.

— Agora não posso. Espera lá fora. Já, já te encontro lá. Vou só terminar de atender a cliente.

Assenti e saí, me juntando ao trio que ria dos manequins rechonchudos, expostos nas vitrines e à frente da loja.

— Que *maneiro!*— Foi Felipe quem falou.

Depois foi a vez de Lucas, que ergueu a camisa do manequim e passou a mão na barriga bem avantajada da estátua:

— Eu me vejo assim daqui a alguns anos: casado e com filhos.

Lena e Felipe riram. Em outro momento eu teria ensaiado uma risada, mas eu não estava de bom humor para compartilhar nada parecido com a vibe boa que trocavam entre si.

Não demorou muito e Marcela apareceu, quase saltitante, agarrando-me pelo pescoço, me dando outro beijo. O cheiro dos seus cabelos foi como uma carícia na alma que relaxou um pouco meus sentidos.

Lucas grunhiu com a garganta. Marcela se desgarrou e olhou para ele, atento em nós, com os braços cruzados e pernas abertas.

— Oi para você também, Lucas.— Ela riu.

Eu não conseguia me libertar da inquietação que me acompanhou até ali. Olhei em cada um, inclusive em Marcela, e estavam todos soltos, à vontade. Lena e Felipe riam entre si, dos manequins alinhados um ao lado do outro.

Girei Marcela para mim, com tudo entalado na garganta querendo sair.

— Conta. Como ela era? Cor, altura, se tinha...

— Tatuagens?

Cortou-me ficando mais séria, também mostrando-se preocupada.

— Tinha. Muitas tatuagens.

— O que mais? Fala, amor. — Aquietei para escutá-la. Estava tensa a um nível perturbador. O ar que entrava e saía do meu peito, pesava, inflamava. A mente e o corpo se recusavam a encontrar a paz, até que tudo estivesse esclarecido.

Marcela deu uma checada ao redor, primeiro, e depois mirou em cada um dos meninos. Lucas já havia se juntado a Lena e Felipe, mas, pelas suas olhadelas de canto, suspeitei que ainda estivesse preocupado. Mantinha-se sempre de olho.

— Bom, ela não se parece em nada com uma mulher. — Marcela começou a contar.— Não tem voz, nem formas de mulher, o corpo é bastante masculino e tem um olhar estranho, muito assustador.

Não assenti. Nem pisquei. Estava vidrada.

— O que mais? O que ela queria?

Marcela pensou por um instante, senti que ficou vacilante, escorregadia. Encarou-me e disse:

— Só queria comprar uma lingerie. Foi o que disse, apenas.

Escrutinei seu olhar, eu sabia que estava mentindo. Mentia muito mal.

— Foi a primeira vez que ela veio aqui?

Marcela vacilou mais uma vez, fugindo dos meus olhos.

— Não sei. Entram e saem muitas pessoas por essa porta, o tempo todo, e não sou muito boa para memorizar rostos.

Fiquei intrigada, me perguntando por que estava mentindo. Eu não iria ficar com mais uma dúvida latejando na cabeça, resolvi bater de frente.

— Já falei uma vez e vou repetir, você é uma péssima mentirosa. Não conseguiu sequer plantar uma semente de dúvidas na minha cabeça.

Ela arquejou ameaçando tomar a palavra. Mas não dei chance e continuei.

— Por que está mentindo?

Sua expressão murchou e seus ombros caíram. Meu olhar inquisidor fez com que ela engolisse em seco.

Fez menção de explicar, mas acabou se enrolando.

— Se está tendo dificuldades para contar a verdade é porque tem algo comprometedor a esconder. Fala, Marcela!

Não conseguiu. Esquivou-se, dando-me as costas.

— Acho que gostou do assédio dela. Porque sei que ela te paquerou. Conta, ela é boa?

No mesmo instante virou-se surpresa, manifestando seu assombro. Depois firmou o olhar, recuperando a postura.

— É sério isso?

Não me intimidei com seu tom indignado. Na verdade, a raiva e o ciúme estavam ali de passagem, e eu não estava querendo bancar a madura e ignorá-lo.

— Me diz então por qual motivo esconde a verdade?

— Porque você não consegue se controlar, por exemplo? Porque você consegue ser extremamente impulsiva, especialmente em se tratando daquela mulher!

— Esse discurso novamente? Vai resolver tudo na base da omissão porque sou um pouco explosiva?

— Um pouco? — Sorriu.

Não rebati mais. Fiquei quieta, estudando-a. Depois de uma pausa e com o ânimo mais calmo, resolvi cortar o silêncio.

— Tem noção do perigo que está correndo? Que todos nós estamos correndo? Tem noção do quanto aquela psicopata é perigosa, Marcela?

— E se não for ela? Se for uma pessoa qualquer?

— Você acredita mesmo nisso? Das vezes em que olhou dentro dos olhos dela, acreditou que ela era uma pessoa qualquer?

Calou-se. Até ameaçou replicar, mas pareceu que as palavras se perderam no caminho e apenas se manteve calada.

— Fomos despejados. Vamos ter que sair amanhã lá do quarto. — Falei de uma vez, mudando de assunto, embalada pelo clima ruim que já nos envolvia.

Marcela ergueu o rosto; seus olhos azuis se refletiam céticos e tristes ao mesmo tempo. No momento em que se preparou para falar, uma voz muito conhecida e enjoada nos interrompeu.

— Minha loja agora virou puteiro para vadias ficarem plantadas aqui na frente? — Olhei de banda e dei de cara com Estéfán.

Movido por um rompante de raiva, ele partiu pra cima de mim, dando-me um soco certo no canto da boca.

## 45 CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

MARCELA.

**Mal tive tempo** de reagir, e me afastar, quando vi a pancada forte que Nita levava. Seu corpo cambaleou sem rumo, mas ela conseguiu se equilibrar, evitando a queda. Os olhos de Estéfan se assemelhavam aos de um touro feroz; a ira purgava, apossando-se de si.

Veio para cima de mim, bufando, trincando os dentes a ponto de quebrá-los. Agarrou-me firme pelo braço, afundando os dedos na minha carne, apertando com uma força agonizante, fazendo com que meu rosto se contraísse de dor.

— Você é uma putinha que merece porrada até morrer. Eu vou acabar com sua raça, sua filha da puta.

E quando sua mão fez o movimento para trás, tomando arranco para me esbofetear, Nita foi mais rápida e bloqueou a ação dele, travando-o pelo pulso. Estéfan me soltou e acabei me desequilibrando, desabando no chão próximo aos degraus.

Gemi de dor, quando senti o impacto forte da queda que machucou parte da coxa. Fui amparada por Lucas e Felipe, que se apressaram em me erguer do chão.

Perdi as contas de quantos socos Estéfan já havia levado nesse meio tempo. Quando o mirei, ele já estava quase desmaiando, apanhando muito.

Reuni forças e corri, tropeçando, me metendo entre Nita que, levada pela fereza do momento, acabou acertando forte o meu rosto sem querer. Desabei, quase desmaiada; tudo ficando turvo. Eu mal conseguia entender o que ela proferia quando caiu sobre mim, agoniada, sacudindo meu rosto. Mas minha cabeça pendeu para o lado, e tudo virou breu.

Acordei mareada, recostada na parede externa da loja, rente aos degraus.

Forcei a vista; não foi preciso estar enxergando cem por cento para saber que quem estava na minha frente, tapando minha visão,



era Nita. Os fios lisos dos seus cabelos caíam à frente do seu rosto, aparando a luz do sol.

Tombei a cabeça para trás, nauseada, mas fui amparada pela rapidez dos seus braços no segundo seguinte. Pegou-me pela nuca, me trazendo para seu peito.

— Como se sente, minha garota?

— Viva. — Falei um pouco grogue, com uma dor terrível na cabeça

Só então me dei conta que se formava uma meia lua de pessoas à minha volta. Lena, Felipe, Lucas e também dona Rebeca.

— Ai...

Reclamei da dor atordoante, ao tentar levantar.

— Ainda está sob o efeito da pancada, se tentar ficar de pé pode desmaiar novamente. — Nita falou, muito preocupada, toda atenciosa, cuidadosa.

— Você bate forte, hein.

Ela plantou um sorriso fraco, mas logo voltou a ficar séria, atenta a mim, em minhas reações.

— Vem, vou te ajudar a levantar. Devagar. Isso, assim.

Joguei o braço por cima do seu ombro; ela me arrodeou pela cintura, levantando-me com cuidado e relativa facilidade.

À medida que eu voltava à lucidez, percebi o alívio na feição de cada um que me cercava. Nita lamentou:

— Desculpa, meu amor.

Olhei-a e sorri.

— Será que todas as vezes que eu quiser te ver assim, tão amorosa, vou ter que pedir para me dar um soco?

Lena riu. Enquanto ela parecia não ter achado nenhuma graça.

— Está mesmo bem, filha? Não quer ir ao hospital.— Dona Rebeca se manifestou.

— Estou bem. Só estou com dor de cabeça e parte do rosto dolorido. E Estéfân?

Nita ficou lívida, e se afastou aos poucos. Percebi que em respeito a minha sogra, ela não falara nada. Mas o incômodo estava ali, entalado.

— Não sei, filha. Ele negou até um curativo no rosto. Entrou na loja e pegou todo o dinheiro do caixa.

Sua voz de lamento não passou despercebida por ninguém. Dona Rebeca olhou para Nita e desviou rápido para mim; estava desconfortável com a presença da morena.

— Está a recriminando?

Tirou os óculos e depois de limpá-los voltou a usá-los.

— Vou entrar. A loja está sozinha.

E se virou, decepcionada, levando uma tristeza profunda, que rasgava a alma.

Nita chegou perto outra vez, e antes que dissesse qualquer coisa, pedi.

— Não liga. Ela sabe que você não tem culpa, que apenas se defendeu. Mas mãe é mãe. Está ferida, dolorida. Muito mais do que eu que acabei de ser nocauteada.

Ela quase riu. Depois assentiu, muito compreensiva, e acariciou minha bochecha.

— Não vamos mais falar desse pulha.

Concordei.

Os meninos nos assistiam, observando tudo. Lucas chegou perto e falou logo.

— Vamos comer. Meu estômago não está mais aguentando.

— Quanto tempo fiquei desacordada?

Nita refletiu, calculando o tempo aproximado.

— Acho que um pouco mais de trinta minutos.

Encarei-a de forma deliberada:

— E como vai me pagar essa porrada?

— Como você quiser.

— De qualquer forma?

— Qualquer forma.

Lucas revirou os olhos e sorrimos. Depois falei

— Vamos almoçar. Eu também estou com fome.

Felipe, pela primeira vez, se animou de verdade:

— Vamos naquele, parece bom. — Ele apontou para um restaurante do outro lado, quase chegando na bifurcação, onde assavam carnes e frangos à brasa.

Nita me puxou na surdina, perguntando:

— Vai pagar a conta de novo?

— Vou. E não reclama. Não esqueça que está me devendo com essa pancada. Vai me pagar em parcelas, e com juros!

— Então quer dizer que o primeiro pagamento é eu aceitar que pague tudo de novo? Sozinha?

— Exato.

— E tenho outra alternativa?

— Não.

Ela dera um sorriso torto, gesticulando em negação.

— Okay. Okay.

Conduziu-me, grudando-me nela, querendo saber se meu rosto estava doendo. Respondi que não, mas que já sentia o inchaço iminente.

Lamentou-se e esfregou a mão, que arroteava minhas costas, no meu outro braço.

— Acho que essa dívida que terei que pagar em parcelas serão bem merecidas.

— Pode apostar que sim.

Sorri e ela também, daquele jeito sempre comedido, com os fios lisos dos cabelos se espalhando de qualquer jeito pela testa.

Chegamos ao restaurante e sentamos na área externa, que dava uma visão ampla da rua, quase perto da enorme churrasqueira.

Acomodamos à mesa e logo um moço alto, bem franzino, com roupas de garçom, nos atendeu.

Fizemos os pedidos e dessa vez, diferente da primeira vez na praia, todos pediram a mesma coisa. Carne assada, sem exceção.

O trio conversava animado, esperando a refeição.

— Meu estômago está doendo de fome.

— Você, como sempre, nunca mata essa sua fome canina, Felipe. Não sei para onde vai tanta comida.

— Tanta comida? — Ele se ofendeu com o comentário do amigo — A gente quase nunca se alimentava direito, vivíamos iguais hienas, só comíamos restos e, na maioria das vezes, tudo estragado, azedo. Só soubemos o que era encher a pança e comer decentemente quando conhecemos Nita.

Olhei para a mulher ao meu lado e assim como eu, ela também havia ficado tocada com o desabafo de Felipe. Não falou

nada, ficou quieta. E eu fiquei admirando-a, orgulhosa demais. Não resisti e a beijei no canto dos lábios.

Ela virou o rosto de mansinho e dessa vez sorriu tão gostoso, tão genuíno, que me derreti. Dei mais um beijo, agora em sua boca, e só me desgrudei quando Lucas arranhou a garganta num som esganiçado.

— Em que momento da relação essa melação toda acaba?

Ajeitei-me no assento, sentindo as maçãs do rosto purpurearem. Lucas recolheu a perna quando sentiu um chutão forte, de Nita, debaixo da mesa.

— Vocês ficam pagando de adolescentes apaixonadas e ninguém pode zuar?! Ah, me poupem! — Ele zombou numa expressão burlesca, mas também sentindo a dor do chute na canela.

Olhei para Felipe e ele não sorria, nem mesmo parecia se divertir. Mais parecia chateado.

— Tudo bem, Lipe? — perguntei.

Ele levantou o rosto parecendo mesmo zangado.

— É que às vezes Lucas fala umas coisas muito sem noção. Nem parece que também já passou o pão que o diabo amassou. Idiota.

Lucas deixou morrer a expressão divertida, alegre, e olhou para o amigo.

— Ei, cara, eu estava zoando. Relaxa.

— Tem horas que não dá pra engolir essas suas piadas cretinas.

— Calma, gente. Lipe, Lucas estava brincando. O que deu em você? — Lena interferiu, numa tentativa de apaziguar os ânimos, mas teve um resultado contrário.

— Vai ficar do lado dele também? — Ele se irritou, encarando-a. — Já não basta a Nita? Que vive de segredos com ele, falando baixo pelos cantos, e agora você, querendo dar uma de advogada, Lena?

— Você está fazendo tempestade em um copo d'água, Magrelo. Que bicho te mordeu?

— Acho que o bichinho da fome.

— Cala a boca! — Felipe rosnou para Lucas, que se recolheu e se calou, erguendo as mãos para cima.

Nita apenas assistia, atenta. Mas depois acabou se manifestando, quando o clima estranho entornou de vez na mesa.

— Lucas, Felipe tem razão. Você foi bem infeliz em seu comentário.

— Ah, fala sério. Aposto que se eu tivesse zoadado num momento em que Felipe estivesse de pança cheia, ele não estaria todo ofendidinho.

— Talvez. — Nita respondeu espalmando a mão na direção de Felipe, quando percebeu que ele revidaria — Mas falar o que você disse, em um momento em que o estômago está a flor da pele, não foi nada agradável.

Lucas olhou para Felipe e, como se as palavras de Nita o tivessem tocado, baixou os olhos e refletiu. Refletiu como se estudasse uma solução. E, em um intervalo próximo de 10 segundos, Lucas deixou a mesa e se moveu em direção a um montante de caixas de papelões bem no canto do restaurante, do lado de fora. Revirou o lixo reciclável e apanhou alguns ramos de flores, que escorregavam pelas bordas das caixas.

Escolheu a menos murcha, entre as demais, e dirigiu-se de volta à mesa. Estendeu a flor na direção de Felipe ao mesmo tempo em que se agachava, ajoelhando-se em um pedido de desculpa.

— Me perdoa.

Ficamos todos em silêncio, sem reação, sem piscar. Até o churrasqueiro se voltou para nós, assistindo tudo.

— Que palhaçada é essa, Lucas? — Nita indagou, ao passo que Lena ria.

Felipe recuou o corpo para o lado; seu cenho muito franzido, dividindo o olhar entre a flor mole e o amigo.

— Você não leva as coisas a sério, não é seu filho da mãe. Que merda, Lucas, vaza daqui!

Ele empurrou o braço estendido, com a flor, e começamos a rir. O homem gordo e bem simpático que estava à frente da churrasqueira, também se empolgou e gargalhou, achando graça de tudo.

Percebi que Felipe se esforçava para não rir. Não queria dar o braço a torcer. Manteve a postura zangada, chateada, por tudo o que ouvira do amigo. Mas haviam nuances maleáveis em sua expressão. Mostrou-se chateado com o que viu, embora eu tivesse certeza que tinha mesmo era gostado.

— Agora que já está tudo bem, podemos esperar pela comida em paz, não é? — Lena também falou, chamando a atenção para ela. Bob, ao seu lado, dormia com a cabeça entre as patas, alheio à nossa conversa e ao mundo à sua volta.

— Vocês não sabem que Felipe adora um drama? Às vezes consegue ser mais dramático que a mascotinha.

— Você é uma mala sem alça. Te odeio, cara.

Lucas riu do amigo:

— A recíproca é verdadeira.

Nita recostou-se no espaldar, quase bufando, e buscou por meu olhar. Retribui na hora.

— O que eu faço com eles?

Sorri, afagando parte do seu braço, e depois resvalando para sua mão.

— Eles se amam.

Ela abriu os lábios para um sorriso, meneando a cabeça.

Logo fomos servidos. Pratos e talheres ocupavam as beiradas da mesa, sucos e refrigerantes se misturavam de ponta a ponta.

— Consegue comer?

Nita indagou; seu olhar indo direto no meu rosto. A região da bochecha estava ficando cada vez mais dolorida.

— Meu queixo está doído, sensível. Parece que ao invés de um soco, você me deu dez.

Virou-me, para olhar melhor o hematoma.

— Vou pedir gelo. Está inchando.

— Tá.

Ela estalou os dedos no ar, chamando o atendente. Ele veio, anotou e trouxe o pedido rapidamente.

— Vem aqui, vem.

Inclinei, meio de banda. Acabei falando:

— Eu mesma posso fazer isso.

— Não. Fiz a cagada agora deixa que eu limpo.

Quis sorrir, mas a dor não deixou.

— Tudo bem, mas todo esse cuidado não vai te livrar da dívida.

— E nem eu quero. Estou muito curiosa para saber o que mais vou ter que fazer para pagar o que devo a você. — Olhou-me brevemente e voltou a massagear o inchaço com cubos de gelo.

— Precisamos de um momento a sós. Quero muito. — Falei e ela parou o que estava fazendo e me encarou já com a mão na minha nuca.

— Quer, é?

— Quero.

Abri os lábios, querendo-a, louca para beijá-la. Mas relanceei para os demais, ante a mesa, e me contive. No entanto, Lucas ainda comentou.

— Vocês não iam fazer o que eu achei que vocês iam fazer. Iam?

Senti quando Nita cerrou a mão em punho, repousada na alça da cadeira.

— Vamos comer. É melhor. — Falei, já sentindo-me esbaforida, com a boca salivando e as pupilas mareadas.

— Felipe, agora eu entendo seu ódio por ele. — Nita soltou.

Acabei rindo, e o próprio Lucas também.

Comemos em paz e harmonia. Embora eu tivesse sentido Nita tensa e preocupada em muitos momentos. Não disfarçou. Manteve-se atenta, checando os lados vazios da rua quase que o tempo todo. Em algumas vezes eu a acompanhava com o olhar, mas como sempre, eu não via ninguém estranho ou suspeito.

Mas para ela estavam ali, escondidos em algum lugar.

## 46 CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

NITA.

**Depois que** deixamos o restaurante, Marcela, eu e os meninos fomos passar um momento de diversão juntos. Rebeca decidiu dar por encerrado o expediente. Optou por não trabalhar mais o resto da tarde, estava entristecida e avoada, por conta do infeliz do filho. Marcela insistiu, quase implorou para que aceitasse sua companhia, mas ela recusou, dizendo que não queria e nem iria atrapalhar sua vida ou qualquer que fossem seus planos para aquele resto de tarde. Não parecia fazer drama ou algum jogo de manipulação. Aparentava estar bem tranquila, embora o seu olhar não conseguisse esconder a melancolia profunda que transcendia.

Marcela ficou abatida, com o sentimento de culpa, principalmente depois que a senhora recusou, também, que a deixasse em casa. Preferiu pegar um táxi. Disse que queria e precisava de um momento sozinha.

Decidimos partir para casa. Ainda tínhamos algumas horas para desfrutar debaixo de um teto, antes de ter que deixar o quarto. Nem tinha conversado direito com Marcela sobre o assunto. Ela estava dormindo apenas algumas noites comigo, e lamentei profundamente que toda aquela situação fosse afastá-la de mim.

Eu a observava ao volante, estava serena, mais séria que o normal. Tinha prendido os cabelos volumosos para o alto, apenas algumas mechas cacheadas contornavam o seu rosto.

Deu-me uma olhadela, mas não fez o de sempre: Sorrir. E só então me dei conta do quanto estava realmente afetada pelo estado emocional de Rebeca.

— Vamos parar em algum lugar? — Sugeri tentando animá-la.

— Onde?

— Onde você quiser. Escolha.

Sondou-me, demorando os lindos olhos azuis nos meus, e depois voltou a se concentrar no trânsito.



Manobrou para uma via oposta a que nos levava para casa. Senti que na mesma hora seu semblante ficara mais leve; áurea mais risonha.

O trio ia calado atrás, enlanguescidos, esparramados no assento. Minutos antes, reclamaram de terem comido demais, exagerado na hora da refeição. Acabei me divertindo com Felipe, que disse não estar conseguindo respirar direito. Lucas também ficou cheio de lamúrias, afirmando que estava com ânsia de vômito devido a quantidade absurda que havia comido. Lena lamentou-se também, por não ter dividido um pouco mais com Bob, e que se assim tivesse feito, não estaria tão afrontada. Ficaram largados, um se apoiando no outro, mirando o mundo se mover do lado de fora. Apenas Felipe, sentado no meio, não desfrutava da mesma visão.

Tão logo chegamos em uma praça bem conhecida, fechada, mas, aparentemente, não muito frequentada.

Lena desceu do carro e soletrou a placa grande, bem na frente: Praça do pomar.

Comportava-se assim, desde que começara a aprender a ler e escrever. Vivia soletrando qualquer palavra que visse pela frente. Tudo era novidade, aprendizado.

— É a primeira vez que venho aqui e consigo ler o que está escrito nessa placa.— Ela ainda comentou toda orgulhosa de si.

— Já veio muito aqui, Lena? — Marcela perguntou, entrando de vez na praça, passando os olhos por todo lugar como a reparar que tudo estivesse no lugar. Era uma praça imensa, bem espaçosa, com ruas de terra que levava a outros pontos de lazer dentro da área.

— Sim. — Lena respondeu com uma feição que me fez pensar que não teve uma experiência muito boa. — Mas eu fui, praticamente, expulsa, enxotada daqui.

— Expulsa? — Marcela quis saber. Felipe e Lucas se entreolharam, como se soubessem a verdade.

— Deixa pra lá. — Ela despreendeu-se de todo ou qualquer rastro de melancolia e voltou a iluminar tudo, com a alegria de sorrir de sempre. Também me permiti relaxar completamente, sem aquela obsessão de sondar, vigiar os lados, desfrutando do ambiente.

Olhei em volta; bancos coloridos, de madeira, se espalhavam pelos cantos. Árvores baixas, outras altas, preenchendo tudo, trazendo o vento fresco, e silencioso, que parecia dar Boas Vindas a quem chegasse e ficasse.

Passamos por um casal sentado sobre o gramado, com uma cesta de frutas e outras variedades de petiscos. Olhei rapidamente e vi um pote de doces que me deu água na boca. Quase passei a língua nos lábios e, por uma fração de segundos, me imaginei ali com Marcela, só nós duas, naquela paz, curtindo o cheiro da paisagem verde, do clima que serpenteava, que dava um ar de tranquilidade plena.

Lena enxergou o parquinho e correu, rumando para lá. Alegrou-se como se fosse uma criança de 5 anos. Como se nunca tivesse experimentado momentos assim.

Lucas apontou na direção dela, que já voava alto no balanço. Seus cabelos iam e vinham, fustigados pela velocidade dos movimentos. — Como ela tem coragem? E se aquilo arrebentar? — Indagou. Seu comentário soou mais como uma preocupação do que como uma dura crítica.

— É seguro. Vou lá também. Vamos, medroso.

Felipe apertou o passo e foi se enfiar no meio da diversão. Havia poucas crianças, a maioria acompanhada de algum responsável à espreita.

— Eu é que não vou para aquele troço. Sou muito novo para perder uma perna ou um braço.

Acabei recriminando-o, achando-o um bobo. Concentrei em Marcela, somente nela. Esqueci o resto do mundo. Os olhos azuis miravam fixo em Lena, observando-a com certo temor. Preocupada também. Toquei em seu braço, puxando-a toda para mim, querendo ver seu sorriso que deixava tudo mais leve.

Trouxe seu rosto só com uma mão. A outra já tomando posse do seu quadril, colando seu corpo no meu.

— O que foi? — Ela perguntou depois de me ver muda, com os olhos totalmente pendente dos seus.

— Estou esperando ver a Marcela sorridente que conheço. Por quem eu fiquei loucamente apaixonada. Sorrir para mim, amor.

Seus olhos brilharam com ternura, cheios de sentimentos. E sem esperar que o sorriso viesse, roubei um beijo lento, quente e profundo.

— Vocês são... Ah, tchau!

Lucas, enfim, nos deixou em paz, sumiu do nosso encalço. Saiu resmungando coisas que não consegui escutar muito bem.

— Já foi tarde. — Falei e Marcela sorriu balançando a cabeça. Minha boca se abriu para se perder na sua, mas por algum motivo ela não se sentiu confortável para continuar.

Sentamos ali mesmo, na grama verdinha.

— Se nem meu beijo conseguiu tirar você desse marasmo, é porque a coisa está feia.

Marcela saiu do meu lado e sentou-se de frente para mim, circundando as pernas no meu quadril, deixando apenas um pequeno vão entre nosso sexo.

— Estou morrendo de pena dela, me sentindo mal, uma completa inútil.

— Ei. — resvalei o polegar por seus lábios, impedindo que continuasse falando todas aquelas besteiras.— Para com isso. Você não é uma inútil. Numa situação dessa, não há muito o que fazer por ela, Marcela. Não se culpe.

Baixou a cabeça para depois voltar-se para mim.

— Talvez. Mas... Acho que sempre há algo que a gente pode fazer.

— Você já faz. Está ali, todos os dias na loja com ela, vai ao seu encontro quando te necessita, quando está passando mal. Tenho certeza que ela entende seu lado e suas escolhas.

— Sei disso. Mas é que dói, incomoda não poder fazer mais.

— Entendo. Só que ninguém está imune de sofrer, passar por lutas, por inconvenientes, coisas ruins.

Mirou um ponto à distância e esmoreceu. Impotente, insuficiente.

Entrelacei minha mão na sua e beijei seu dorso.

— Esteja pendente dela, mas vivendo sua vida, sendo feliz. Comigo.

Ela sorriu. Um sorriso melancólico, mas ainda assim, me fez feliz, me alegrou.

— Eu te amo, Nita. Quero viver tudo o que tiver que viver com você. Tudo! — Envolveu os braços no meu pescoço; sua testa colada na minha, seus lábios a milímetros dos meus.— Promete que vamos estar sempre assim, juntas? Dividindo os momentos bons e os ruins?

Afastei o rosto o suficiente para responder olhando em seus olhos.

— Quero dividir tudo com você, meu amor. Até a escova de dente se você quiser.

Ela soltou uma risada boba.

— *Tá*, não exagera.

Sorrimos juntas, com os lábios colados, grudados um no outro.

Feliz e relaxada, me dei àquele lugar, àquele momento. Trocamos beijos ternos e cheios de paixão, lentos e vorazes. Pessoas passavam e olhavam.

Marcela já não se importava com os olhares atravessados e enviesados. Nem as vozes baixas e disfarçadas.

— Viu?

Chequei as duas mulheres que haviam acabado de passar por nós. Estavam paradas, olhos fixos, atentos em nossa direção. Cochichavam ao pé do ouvido; as mãos quase coladas à boca, não se importavam em fofocar na cara dura.

Embora as preocupações e as paranoias estivessem me consumindo, pesando demais, eu estava feliz, ali, naquele momento com Marcela, amando tudo o que ela me dava e recebia de mim.

— Quer ver como vão ter ainda mais motivos para fofocar?

Marcela mirou-me de banda; uma ruga sobressaltou-se em sua testa. Sorriu dizendo:

— Explica.

— Não vou explicar, vou fazer.

E a beijei de novo. Parei e olhei em volta e voltei a reivindicar sua boca, seus lábios, sem dar tempo para que tomasse um último fôlego. Enroscamos lábios e língua, sem nos importar com nada à nossa volta. Era frenesi, fogo e paixão.

Minha vagina palpitou quente, cheia de tesão, querendo loucamente a língua e os dedos de Marcela ali. Gemi, com a respiração densa, só em imaginar.

Ela se afastou, olhando-me embriagada, com seu jeito de gatinha safada e carente.

— O que a gente faz? Eu quero muito. Meu Deus, como eu quero.

E nos beijamos de novo. Com calma, sem pressa.

Busquei sua orelha, minha boca mapeou seu pescoço longo e quase desceu para o colo se não fosse a voz súbita que soou de trás.

— Olhem só como já vivemos a depravação da modernidade. Temos aqui um motel a céu aberto.

Aquela voz... Aquela maldita voz me paralisou, fazendo eu perder a coordenação dos músculos por um curto momento.

Mirei por cima do ombro...

*Filha da puta.*

Virei de uma vez, levantando com tudo; meu corpo petrificou na hora, e o cérebro processava, com lentidão, que a imagem da mulher na minha frente, que tanto desejei encontrar e acertar as contas, era real, estava ali ao meu alcance. Senti os olhos queimarem, arderem corrosivos.

Apertei as mãos em punho, como se todas as juntas dos dedos fossem craquelar.

E avancei. Saltei como fera ferida, rangendo os dentes com uma ira reprimida que ia destravando tudo, cada parte de mim.

## 47 CAPÍTULO QUARENTA E SETE

MARCELA

**O clima leve** e romântico que cirandava no ar, se transformou em um pesadelo de filme de ação.

Nunca senti tanto medo e agonia. Nunca senti meu coração acelerar tão desesperado e nervoso. Ver aquela mulher novamente, ladeada de capachos, todos trajados de preto, cabelo engomadinho e braços e pernas desenhados de tatuagens, me deu um nó no peito e na garganta. Fiquei sem reação, sem conseguir tomar alguma frente.

O ataque feroz que Nita disparou, foi facilmente bloqueado pelo braço forte de sua oponente. Era como se o antebraço todo tatuado fosse uma barra de aço inviolável. Nita soltou um arquejo rouco quando levou um soco forte no estômago e depois outro no rosto, e mais um, e mais outro. Seu corpo inteiro tombou contra a grama verde; sua expressão se contraindo numa dolorosa careta. A viscosidade do sangue que escorria de sua boca e nariz, me fez desabar em desespero, prostrando-me de joelho no chão.

Antes que eu sequer a tocasse, um dos caras me ergueu por baixo do braço, me jogando com brutalidade para o lado. Não pude reprimir o grito estridente que acabou escapando da boca.

— Levanta, Lakshmi! Estou mandando, porra!

*Lakshmi...? Ah...*

A dor forte que me engolfava, deixou-me zozza, com todos os sentidos abalados. Mas lutei contra o sofrimento com todas as forças. Virei-me para Nita; ela estava sendo massacrada, golpeada sem dó pela inimiga.

— Solta ela...

Pedi, numa tentativa fracassada de me erguer. Meu braço queimava de dor. Ainda assim, consegui me arrastar depois de ela ter levado mais um golpe nas costelas.

Joguei-me ao seu lado. Quis muito chorar, me desesperar, mas Nita precisava de mim, e eu tinha que ajudar de alguma forma ou

aquela mulher acabaria matando-a.

Ao redor, formou-se um círculo de curiosos. O burburinho se espalhou e, junto com o embaralhar de vozes e expressões boquiabertas, deu-se palco para um show sangrento ao ar livre. Mas, notava-se também, por trás da falsa espantosidade dos curiosos, o deleite nos olhos de uma maioria. Estavam excitados, vidrados, querendo mais. Lena, Felipe e Lucas foram arrancados de perto, quando tentaram ajudar, socorrer Nita e a mim. Dei de cara com as duas mulheres que nos miravam e fofocavam minutos atrás. Estavam bem ali, na minha frente, com um sorrisinho no olhar.

Vê-las satisfeitas, de alguma forma, me abasteceu de coragem. Não me deixei intimidar ou amedrontar e menos ainda envergonhar. Quando um dos homens fez menção de chutar Nita mais uma vez, me adiantei e, mesmo com toda a dor que dilacerava meu braço, me interpus na frente dela, e espalmei a mão no ar, trêmula, frágil demais.

— Não, por favor! Não a machuquem.— Implorei.

Escutei Nita ranger, às minhas costas, e notei que era da dor e da raiva que a sucumbia.

Reuni forças e levantei de vez.

— Não a machuquem mais, por favor.— Busquei pelo olhar de cada um.— Por favor...

Quase me vi ajoelhando aos pés daquela mulher.

— Marcela, não! Fica...fica fora disso. — Escutei a voz sofrida atrás de mim, mas não obedeci. Não dei ouvidos. Eu só queria que tudo aquilo acabasse e eu estava disposta a qualquer coisa para conseguir.

— Que impressionante! — A mulher falou num tom escarnecedor. — Como você tem sorte, Lakshmi. — Ela moveu-se, me arrodando. Eu a acompanhava por cima dos ombros. Dolorida, trêmula. E, em mais um ato de covardia, ela desferiu um chute nas costelas de Nita, que gritou ofegante, tentando engatinhar.

Pedi, implorei, cheguei perto, mas parecia que minhas súplicas só irritavam ainda mais a tal da Renatão.

Ela pulou no meu pescoço e enforcou-me com força, quase me suspendendo em uma só mão.

— Cala essa boca, porra! Ou vou fatiar esse seu rostinho de Lady. Entendeu? — E me empurrou, irritada, fazendo com que minhas costas colidissem contra o peito de um dos seus comparsas. O sujeito me agarrou; ouvi quando esboçou um riso safado ao pé do meu ouvido. Tentei me desvencilhar, sair dele, mas seus braços eram maiores e mais fortes. Virou-me e tentou se aproveitar, buscando o meu pescoço, esfregando-se em mim. Não pensei muito. Enfastiada, dobrei o joelho e o soquei contra o centro das pernas, acertando a região íntima e avolumada.

Afastei rapidamente, cambaleava, buscando por Nita, mas o desgraçado conseguiu me alcançar.

— Larga ela, porra! — A voz grossa da mulher ordenou.

O sujeito tentou argumentar, até gaguejou, mas a tal Renata foi ainda mais incisiva.

— Larga ou estouro teus miolos, filho da puta.

E arrancou a arma da cintura, apontando na direção da testa do próprio cúmplice. Um mix de vozes se exaltaram, apavoradas. Quem assistia de muito perto, se afastou ligeiramente, deixando a roda bem mais ampla e espaçosa.

O cara se afastou com um punhal na mão.

Ele deu um soco no ar, muito irritado, contrariado. Mas não disse nada, apenas obedeceu.

Mirei rapidamente para Nita, percebi suas costelas muito abatidas, cheias de hematomas feios, bem evidentes. Ela tentava juntar forças para se reerguer, mas a dor visceral a definhava cada vez mais.

Notei que Renatão me vigiava de esquelha, com o canto dos olhos, o tempo todo. Um olho em Nita e outro em mim.

— Pare. Faça o que você quiser. Qualquer coisa.

— Marcela, não! — Nita rosou.

— Que perigoso. — A mulher exibiu um sorriso frio, metálico, e chegou mais perto, gostando da conversa.— Sua gatinha é inteligente, Lakshmi. Deve gostar mesmo de você. — Ergueu uma sobrancelha, desgostosa com próprio comentário.— Sacrifício de amor. Que brega!

Ela estava incomodada. Mirou-me, vasculhando com o olhar. Recuei e ela avançou.



— Aceito deixar Lakshmi *viva*, se aceitar ir comigo.

Abri a boca para falar; o medo tomando as rédeas da minha mente.

— Q- quê? — gaguejei.

No momento em que Renata se distraía, erguendo a mão para me tocar, Nita levantou-se e saltou em suas costas, se jogando, levando a mulher ao chão, prendendo o corpo da rival em um golpe preciso pelos quadris. Nita ainda soltou um grito de dor, sentindo as costelas, por causa do movimento abrupto que teve que fazer, mas conseguiu o controle da situação pressionando os braços tatuados para trás, em cima das costas, sem que a mulher conseguisse sequer se mover.

Seus dois comparsas ameaçaram atacar, mas Nita foi firme e ameaçadora.

— Se chegar perto, eu torço o pescoço dela. Vazem daqui! — Gritou, inclinando a cabeça no rumo deles; o rosto de Renata estava vermelho, e sua boca se esmagava contra o capim da grama.

— Vai ter troco, Lakshmi. — Ela tentou ameaçar.— Vou ferrar com você, com suas crias sebosas, e esse rostinho bonitinho da sua ruivinha.— Ela tentou alcançar meu olhar, mas Nita não permitiu, pegando pelo dread dos cabelos dela, e puxando sua cabeça para trás.

Renata rosnou sob o corpo de Nita, que também estava resistindo a dor.

Os dois homens ainda permaneciam ali, resistentes, em posturas de ataque.

— Saem daqui seus imbecis.

Entreolharam-se, ainda hesitantes. Tentaram argumentar, mas foram humilhados por Renatão mais uma vez, que ainda gritou.

— Vão embora, porra! — Descontou toda a sua fúria, e dor, nos dois comparsas.

Obedeceram.

Depois de ter certeza que Renata estava só, Nita aliviou a pressão no braço dela. Mas antes, apanhou a arma na cintura da mulher e torceu seu punho, quebrando-o, fazendo a algoz se contorcer em um intenso grito de dor.

O corpo de Nita escorregou para o lado, exausto, afastando-se para o mais distante que conseguira. Corri até ela, da mesma forma que Lucas, Lena e Felipe também.

Ela estava com muita dor, ainda saía sangue de sua boca, do nariz, o hematoma em sua costela cada vez mais roxo e alarmante. Mal conseguia respirar.

— Ah...

Gemeu baixinho, mas ainda assim, se esforçava para manter-se de pé.

Olhei para trás e Renata estava à margem, segurando a mão caída e quebrada, lutando para não expor o rombo da dor.

— É bom que suas moedinhas mendigadas no farol, dê para comprar os quatro caixões, porque vou te matar, Lakshmi. Vou acabar com cada um dos seus. Assim como fiz com sua adorável Drica. Isso é uma promessa.

Nita rosnou, entredentes, enquanto encarava a rival.

Pensei que fosse atacar novamente, até armou as mãos em punho, mas tudo o que fez foi dar dois passos cambaleantes, ao encontro de Renatão.

— E eu também prometo, prometo justiça pela morte de Drica. E, por tudo o que aconteceu aqui, eu prometo *VINGANÇA!* Eu prometo! — Sua voz era fria e extremamente vingativa, vil.

A mulher apertou os olhos; resvalou os olhos por cada centímetro de Nita, sem pressa. Esboçou um riso mordaz, horripilante, que me fez lembrar cenas de filmes de terror.

Deu as costas, esbarrando no aglomerado de pessoas que, sem mais nada pra fazer ali, se dispersaram, nos deixando a sós. O trio, Nita e eu, ainda assistimos Renata tomar distância, até ser amparada pelos seus dois comparsas, que a esperavam do lado de fora da praça.

Nita desabou no chão, sentando sobre as próprias pernas. Também me pus ajoelhada à sua frente; os meninos também a circundaram.

— Vamos embora daqui meu amor. Vamos.

Meu braço também estava doendo, a dor consumia o resto de força que ainda me mantinha de pé. Minha vontade e necessidade era também desmontar ali, esperando por algum alívio.

Nita entrou em estado de choque. Permanecia olhando para o nada. Não se mexia, não derramava uma gota de lágrima, seus olhos nem ameaçavam chorar. Sacudi seu ombro numa tentativa de tirá-la daquele estado quase hipnótico.

— Nita.

Não reagiu.

— Nita!

Piscou e soltei o ar, colando nossas testas.

Levantou-se e encarou o rosto de cada um dos meninos, muito profundamente; senti emoção em cada movimento de suas íris. Mas não chorou. Não ali, em pé.

Depois deu as costas e se jogou de quatro no chão. Gritou. Berrou. Praguejou, enquanto socava o gramado, arrancando palhas de grama entre os dedos.

Gritou mais, extravasou, até não ter mais forças na garganta. Encolhi-me no meu próprio abraço, sem conseguir resistir às lágrimas que queriam sair. Chorei ao ver a cena tão perturbadora, ao ver minha Nita fora de controle. Lena se achegou, afundando o rosto no meu peito, se negando a assistir tudo.

— Faz ela parar por favor. — Escutei sua voz abafada e chorosa.

Pisquei demoradamente; eu também estava desconcertada, mal sabendo como devia agir.

Felipe e Lucas olhavam sem saber o que fazer. A verdade era que não tínhamos muitas opções, apenas deixá-la extravasar, botar tudo pra fora.

Afastei Lena com delicadeza e me ajoelhei ao lado dela, agarrando-me ao seu corpo, chorando, consolando-a, com vontade de chorar. Não dei atenção à dor que ardia no meu braço, só quis dar tudo de mim naquele momento.

— Meu amor, pare. Por favor...

Lena, Felipe e Lucas também voltaram a se aproximar, fazendo o mesmo que eu. Nita não se fez de durona, se deixou amparar, consolar. Depois de tudo, ela chorou. As lágrimas foram como uma descarga, aliviando-a, limpando os resíduos do caos.

Ficamos todos em um monte, um apoiado no outro.

A partir dali, soube que todos os dias ao lado de Nita, seriam perigosos. Mas se esse era o preço pelo galardão de viver aquele amor, eu estava disposta a correr todos os riscos.

Fechei os olhos e chorei junto com ela.

## 48 CAPÍTULO QUARENTA E OITO

NITA.

**Desde que tive** certeza que Renatão estava envolvida na apresentação ao ar livre, de luta, eu vinha me preparando para o confronto entre nós duas. Sabia que ela tinha me encontrado e, a partir dali, eu soube que o reencontro seria inevitável. Por isso eu me atentava, o tempo todo, a qualquer movimentação, procurando algum rastro ou evidências de sua presença. Eu sabia que o momento do *cara a cara* estava próximo, eu sentia a vibração no ar, avisando que ela estava perto, sondando, vigiando meus passos, minha vida. Mas nada me preparou para confrontá-la ali, naquele momento de total distração. Um momento especial, com Marcela e os meninos.

Foi a luta mais vergonhosa que eu havia perdido. Logo de cara me deixei dominar, fraquejar. Ter sua presença tão real na minha frente, me cegou; me fez partir pra cima como uma lutadora sem noção, inexperiente, que só queria atacar e bater. Não pensei, não bolei nenhuma estratégia de ataque, de golpe.

Foi tudo muito rápido, minimamente calculado, planejado por ela. Eu tinha perdido a batalha, tinha perdido o nosso primeiro confronto. Ter quebrado a mão assassina, no instante final, não minimizou o sentimento de derrota que eu estava sentindo.

Eram 22h:00 quando mirei na tela do celular sobre o colchão. Lucas, Lena e Felipe já dormiam, foram vencidos pelo cansaço.

Marcela passava um café; seus olhos me espreitavam o tempo todo, cheios de perguntas, aflitos, preocupados:

— Quer falar?

— Pergunta.

Ela tomou um gole de café, devagar. Um pouco titubeante, deixou o copo sobre o fogãozinho de duas bocas, que já só funcionava uma, e se aproximou novamente.

— Primeiro...hã...Por que ela te chamava de... Lakshmi?

Era a hora de Marcela saber mais um detalhe da minha vida. Dei uma pausa, o que ficou parecendo mais como um suspense.

— Meus pais são indianos.

Ela meio que sorriu de leve, admirada, seus olhos buscando cada traço no meu rosto.

— Por isso esse olhar marcante, cabelos lisos e bem pretos. Tipicamente indiano. — Olhava-me, gostando de saber aquela outra parte minha.

— É. Acho que sim. — Consegui soltar um riso efêmero. Em outro momento a encheria de beijos e carinho, que terminaram em sexo, mas eu sequer conseguia me animar para isso.

— Você tem cara de Lakshmi. Se colocar um véu na cabeça, e um pontinho brilhoso na testa, deixaria de ser completamente a Nita. — disse, conseguindo sentir um pouco de alegria. — Por que escolheu Nita? É um pseudônimo tão... diferente.

Eu não estava com cabeça para explicar nada daquele assunto. Tudo rodava, embaralhava na minha mente. As imagens de Renata chegando em mim, me atacando, tomando o controle de tudo, me ameaçando, deixou-me mórbida.

Peguei na mão de Marcela, fazendo um carinho antes de falar:

— Prometo que em outro momento te falo tudo. Cada detalhe. Agora não dá, não consigo.

Assentiu. Seu intuito era me animar, me descontraír, mas não pude, eu não conseguia.

Ela também acariciou minha mão por cima da sua, devagar, embalada pela presença do silêncio e da cumplicidade entre nós duas. Depois de ter levantado e pegado mais um pouco de café, sentou-se de novo, um pouco mais afastada.

— Não sabe o orgulho que estou sentindo de você.

Fiquei quieta, recostada na parede, com os antebraços sobre os joelhos dobrados. Muito séria, cabisbaixa.

— Vamos procurar a polícia. Fazer um boletim de ocorrência, pedir pa...

— Estou cansada, Marcela.

— Está doendo muito as costelas? Posso fazer mais uma compressão com água gelada. — Ela se aproximou toda atenciosa.

— Está doendo sim, mas não é na costela. Essa dor cura rápido.

Interrompi seu movimento de levar a mão no ferimento. Sondou-me.

— Deixa eu cuidar de você. Eu quero cuidar de você meu amor.

Olhei-a. Foi uma troca de olhar profunda, genuína. Apesar do momento ruim, que me dilacerava, mirar tão intimamente nos olhos de Marcela, aplacava um pouco do sofrimento, me acalmava, me trazia alento, conforto mental e emocional.

— Vou atrás de um lugar para a gente. — Falou, seus belos olhos azuis bem fixos no meu rosto. — Quero pagar um lugar para vocês ficarem. Um lugar seguro. Confortável.

Rígida, me preparei para recusar na mesma hora, mas ela não me deu a menor chance.

— Olha para eles. — Marcela gesticulou para cada um dos meninos dormindo nos colchões. — Vai permitir que durmam nas ruas, correndo perigo com essa mulher à solta? Eu quero acreditar que seu orgulho não é maior do que seu cuidado por eles.

Soltei o ar; cansada, muito exausta. Ela tinha toda razão.

*Droga!*

— Não, claro que não. Tudo bem. Depois vou te pagar mesmo.

— Vou cobrar. E com juros.

Esperou um sorriso meu, ainda que fosse triste, sem vontade. Mas não sorri. Olhei para a laceração em seu ombro; a culpa me deixando ainda mais arrasada, recolhida, me sentindo uma fraude absoluta.

— Já passou. — disse, ao perceber meu olhar de culpa.— Pensei que tivesse causado uma luxação, mas foi apenas uma jogada de mal jeito. O analgésico que dona Creuza deu passou em poucos minutos, só está um pouco dolorido, não se preocupa.

— Não cuidei de você. Podia ter sido pior.

— É, mas não foi. E sabe por quê? Porque você tomou as rédeas na hora certa.

— Fiquei fora de mim quando a mão daquela mulher quis te tocar. Não sei como, mas tive que reunir forças e não sucumbir à

dor que eu sentia. Ela ia tocar em você, e isso eu não iria permitir jamais.

Marcela se arrastou para mais perto e se meteu entre minhas pernas, ficando bem aconchegada no meu peito, me arrodando com os braços, tomando cuidado para não forçar minhas costelas.

— Amo só você. Só tenho olhos e tesão em você, Nita. Minha Lakshmi. — Senti quando sorriu de mansinho, com carinho. Olhou-me.

Nossos olhares se prenderam um no outro; minha mão se ergueu para afagar sua pele.

— Preciso tanto de você.

— Está falando de sexo? — Sorriu mais abertamente.

— De tudo. De sexo, do que vem depois do sexo. — Eu continuava séria. Mas não mais fechada.

Marcela afastou o rosto:

— E o que vem depois do sexo?

— Aquele momento em que os corpos nus ficam abraçados. O chamego, os beijos, as carícias lentas; os olhares satisfeitos, ou então querendo, pedindo mais.

— Nita...

Olhou-me encantada. Olhos brilhando. A boca se aproximou da minha e me beijou. Bem lento, gostoso e estalado.

— Amo você, minha morena.

— E eu a você. Muito! — Toquei seu queixo, bem suave, gentil, adorando seu olhar apaixonado no meu. Seu sorriso maravilhoso. Único. Exibindo as covinhas que eu amava.

Meu corpo todo estava rígido, tenso. Eu não queria admitir para mim mesma, mas era o medo que me impedia de sorrir de volta para Marcela. O medo de perdê-la. Perder cada um ali. Mirei para o lado, Felipe e Lucas roncavam, esquecidos no mundo do sono. Busquei por Lena, estava adormecida, encolhida como se estivesse sendo castigada por um frio terrível.

Marcela pareceu ler meus pensamentos. Também buscou por cada um, demorando-se em Lena.

— Não vai acontecer nada. Eu não vou deixar. Eu prometo. — Dei um riso débil, quase sem mover a boca, diante de sua promessa ingênua, mas genuína, pura, cheia de significado. — Vou cuidar



deles junto com você. Vou ser mais presente, mais amiga, mais parceira, Nita. E não diga que não porque o momento é de cuidado, proteção. União.

— Você não precisa fazer mais nada, só me amar e estar ao meu lado.

— Quero fazer mais. Quero te dar mais do que momentos íntimos. Quero estar contigo nos momentos bons e nos ruins, como aconteceu hoje. Estar bem presente.

— Você é incrível.

— Ter prazer em ajudar quem amamos é o mínimo. Isso é amor. Amar.

Sorrimos cúmplices, uma para a outra. Marcela recostou-se no meu peito e adormeceu logo em seguida com o afago que eu fazia em seus cabelos, descendo e subindo pela pele do seu braço, delicadamente.

Eu continuava sem sono. Os olhos secos, pesando, tentando pensar numa estratégia para pegar aquela porra.

A dor no corpo ainda latejava forte. Ainda não podia acreditar que todas as minhas costelas estavam inteiras, intactas. Pensei em sorte, mas pela primeira vez acreditei ter sido protegida por *Ganesha*.

Mesmo tendo usado técnica de defesa na hora da agressão, pensei que eu iria ficar com alguma fratura interna.

Algo dentro de mim mudou.

Tive vontade de sair do Rio, fugir, correr pra debaixo das asas do meu pai, da minha mãe. Levar todos comigo, protegê-los do ódio daquela filha da puta. Colocá-los dentro daquela imensa casa, protegida por muros altos e seguranças em tempo integral. Por eles, por cada um deles, eu seria capaz de qualquer coisa. Não queria perder um fio de cabelo de nenhum.

*"É bom que suas moedinhas no farol, dê para comprar os quatros caixões, porque vou te matar, Lakshmi. Vou acabar com cada um dos seus. Assim como fiz com sua adorável Drica. Isso é uma promessa".*

Cerrei as mãos, nada naquele momento, nem mesmo a dor insistente que queimava, ardia nas costelas, se comparava ao sentimento ruim que oprimia, chegava a encher meu peito.

Eu já não tinha certeza de que, ao me expor em um novo confronto com Falcão, conseguiria deixá-la viva.

Marcela ressonou nos meus braços; fiquei olhando-a quando seu pescoço pendeu para trás.

Dei um selinho em sua boca, beijei seus olhos e aspirei o cheiro dos seus cabelos.

— Que sortuda eu sou de ter você, vocês. — Olhei para cada um dos meninos que dormiam.

Com cuidado, ajeitei seu corpo sobre o colchão e a cobri da cintura pra baixo, com um lençol fino, todo rasgado.

Quis sair um pouco do quarto, respirar, pensar em tudo o que aconteceu e no que poderia acontecer. Levantei, e quando alcancei a maçaneta, virei de repente. Em poucos meses eu tinha formado uma família, amores que as ruas me deram. Eram meus. Meus meninos. Minha namorada. *Minha mulher*.

Deixei o quarto e fiquei ali mesmo, pela área terrena, em um espaço mais escuro, escondido. O céu estava limpo, solitário, sem brilho algum.

Sentei em um objeto velho, no meio de tantos outros, num canto qualquer, ao final do muro. Logo escutei passos se aproximando.

— Como vai a costela? Passou a dor no braço da sua namorada?

Não dava para entender aquela senhora. Preocupou-se de forma exagerada quando eu e Marcela chegamos mal, correu logo em cima, querendo ajudar.

— Vamos embora amanhã daqui. A senhora praticamente nos escorraçou sem dar nenhuma satisfação, nenhum motivo. E agora demonstra preocupação. — levantei, com um pouco de dificuldades, e continuei.— Qual é o seu problema? Gosta de brincar de morde e assopra?

Ela recuou mas não titubeou, mesmo diante do meu olhar lívido e acusador.

— Fui ameaçada. Ou eu mandava vocês para o olho da rua, ou matavam meu velho e a mim. Colocaram uma arma na cabeça dele.

Crispei a testa, muito levemente; ela não parecia mentir ou inventar. O que me assustou.

— Continue.

Ela ajeitou o pijama largo e florido, e completou:

— Não sei de mais nada, menina Nita. Só fizeram a ameaça e foram embora. Mas antes, disseram que iriam ficar de olho, para ver se eu iria cumprir o que exigiram.

— Sabe o nome?

— Não.

— Como era essa pessoa.

— Tinha o corpo estranho, cheio de tatuagens negras, sem cor. Fiquei apavorada. Eu tremia perto daquela mulher, ela era má, sem escrúpulos.

— Filha da puta!

Chutei uma pilha de utensílios velhos, ao meu lado, depois esmurrei a parede, movida por uma revolta escomunal.

O movimento brusco aumentou em quase dez vezes mais a dor física que eu estava sentindo. De repente, a escuridão da noite tornou-se turva. Meus olhos reviraram, piscaram forte. Olhei para dona Creuza, mas não conseguia enxergar seu rosto com clareza.

E só senti quando meu corpo tombou contra o chão batido, e desmaiei.

Tudo escureceu.

## 49 CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

MARCELA.

**No dia seguinte**, bem cedo, Nita estava mais estranha que nunca.

Ela estava mais fechada, calada, respondendo com evasivas, como se tivesse me escondendo algo.

Não perguntei nada. Achei que não fosse responder nenhuma das minhas perguntas. Deixei que ficasse com seus turbilhões de pensamentos. Os meninos estavam por ali também, querendo entender toda aquela desgraça. Mas limitaram-se a falar, questionar qualquer coisa. O melhor era deixar que as coisas se acalmassem.

Fui para loja e encontrei outra moça atendendo. Dona Rebeca estava no balcão como sempre. Estéfán, para minha surpresa, também estava presente, circulando entre as araras, de olho na moça bem bonita e muito atraente, cercando-a feito mosca varejeira.

Não ligou quando adentrei. Nem parecia o homem que me fuzilou e tentou me agredir pela última vez. Ao contrário. Sorria perto da jovem que dava corda, gostando dos olhares insinuantes que ele oferecia.

Quando me viu entrar, deu-me apenas uma piscadela cínica, e voltou-se para a garota que vestia os manequins ao fundo.

Fiquei observando-o por um bom tempo, a ânsia revirando meu estômago. Reagi, desviando o olhar. Dona Rebeca veio até mim, parecia mais animada; de certo por ter a presença do filho ali, a poupando de preocupações. Seus olhos bateram no meu ombro, foi logo perguntando:

— O que aconteceu, filha?

— Nada de mais. — respondi; meu olhar voltou a se concentrar nos dois, ao final da loja. Ela percebeu e foi logo adiantando:

— Ele quem contratou. Disse que a loja precisava de um rosto novo, e que logo, logo você iria deixar de trabalhar aqui.

— Ele disse isso?

— Disse.

Fiquei intrigada. Suspeitei que Estéfan estivesse aprontado algo, tramando alguma coisa para que eu saísse dali.

— Acha que ele está tentando me fazer ciúmes? — Continuei a encará-los, achando tudo aquilo extremamente ridículo. E mais ainda se minha suspeita estivesse certa.

— E se for? Ele está conseguindo?

Quase tive vontade de revirar os olhos ao ouvir a pergunta. Acabei expelindo um sorriso esnobador, com um meneio de cabeça.

— Eu tenho pena dessa pobre infeliz. Será só mais uma vítima do seu filho.

Dona Rebeca não ficou chateada. Acabou concordando, me dando razão.

Desvencilhei dos dois, dando atenção a ela.

— Não vai me contar o que aconteceu? — Indagou, observando a laceração no meu ombro.

— Caí de mau jeito.— Dei de ombros, colocando a bolsa sobre o balcão.— Passei na farmácia para comprar antibióticos mas o único cartão que eu levava na bolsa, recusou. Vou até o banco para ver o que houve. Liguei para lá, mas não consegui falar com alguém. Vai ser o jeito enfrentar fila para sacar dinheiro.

Ela me sondou; não parecia ter acreditado em uma só palavra sobre eu ter falado da queda de mau jeito. Mas me poupou de mais perguntas.

Mudamos de assunto e perguntei o que tinha achado da nova funcionária. Disse que era uma moça muito subserviente e bastante receptiva, gentil e paciente com os clientes.

— Se quiser pode voltar amanhã, filha. Hoje é terça, o movimento é fraco, como você sabe. Não tem necessidade de ter que lidar com...com essa situação. — Relanceou para o filho, e flagrou quando ele apertou o queixo da nova atendente, sorrindo safado, se oferecendo. Ela lutou para não revirar os olhos ao assistir a cena.

Era tão bom, e seguro, saber que eu tinha em dona Rebeca uma amiga, uma mãe compressiva e muito protetora. Sem dúvidas foi o que o casamento com Estéfan me deu de mais valioso e especial.

Eu tinha decidido ir até a loja, naquela terça-feira, para avisar que eu não iria trabalhar àquele dia, pois além de levar Nita e os meninos para a mudança, visitaria também minha irmã. Eu já estava ansiosa para revê-la, falar com ela, saber mais coisas, ter intimidades.

Levei-a para um cantinho; doida para contar a novidade.

Dona Receba ficou espantada, emocionada e confusa. Tudo ao mesmo tempo. Sempre soube do meu desejo de querer ter tido irmãos, e sempre presenciou muitas das minhas lamentações por ser filha única, do vazio que era não poder compartilhar nada, ter momentos comemorativos em família. Natal, festa de aniversário. Até as brigas inevitáveis entre irmãos era algo que sempre fantasiei e jamais tive a sensação de experimentar, conhecer.

— Meu Deus, filha. Eu quero conhecê-la, como ela é ?

— Idêntica a mim. Altura, cor dos cabelos, dos olhos.

— Até o sorriso com covinhas?

— Sim.— Sorri.— As delas são ainda mais evidente, porque sorrir com mais vontade, o tempo todo. Precisa ver.

— Está indo para lá?

— Estou.

— Posso ir com você? Estou farta de ver o flerte desses dois, e fiquei curiosa. Quero conhecer sua irmã.

— Mas é claro, dona Rebeca. Ela ligou, dizendo que tinha algo muito importante para dizer e que tinha que ser hoje.

— Vou pegar minha bolsa.

Ela arroteou o balcão, toda entusiasmada, alegre, como a muito tempo eu não a via. Dirigiu-se até Estéfán, que ao perceber que eu rumaria para a saída, aproximou-se.

— Saudades, esposinha adúltera? — Seu olhar cínico e devorador, passeou por minhas curvas, enchendo-me ainda mais de aversão e asco.

— Você é tão patético! Não cansa nunca de falar tanta imbecilidade? — Meu olhar se comprimiu; eu não estava tentando ser sarcástica, soltando palavras para serem entendidas em tom irônico. E acho que ele entendeu muito bem.

— Não vai demorar muito para você vir se rastejando aos meus pés, meu amor. — Encarou o pulso, como se contasse as

horas.— Aposto que ainda hoje vai vir com o rabo entre as pernas, com a voz aveludada, macia. Do jeito que eu gosto.

— Estefan! — Dona Rebeca ralhou. —Vamos, filha. E você, vê se toma juízo e cuida da loja. Vou sair por algumas horas. Logo estarei de volta.

Dona Rebeca me puxou, tirando-me dali. Não me deixei atingir pela repulsa de ter passado por aquele mau momento. Eu iria ver minha irmã, e de quebra ainda teria a companhia da minha sogra.

Fomos animadas no carro. Ela me encheu de perguntas, querendo saber da minha experiência com meu primeiro encontro com Marciellen. O trânsito lento permitiu que eu contasse tudo, nos mínimos detalhes.

Percebi sua feição mudar um pouco, ficar mais séria e travada quando mencionei Nita como a detetive daquela história toda. Então decidi talhar por aquele caminho.

— Ela acha que a senhora está com raiva, ou culpando-a por tudo o que vem acontecendo entre seu filho e eu. O fato de ter deixado a casa para ir morar com ela, e tu...

— Claro que não, filha. — Negou. — Explicou que não é nada disso?

— Sim, a defendi, mas acho que não acreditou muito.

Ouvi um suspiro; na certa se sentindo culpada.

— Vamos ter oportunidades de nos entender. Não se preocupe.

Assenti. Aquela era uma boa oportunidade para dispensar maus entendidos. Ainda ameacei pegar o celular e mandar uma mensagem para Nita, para que se juntasse a nós, mas depois pensei que ela não estava com ânimo para nada que não fosse a mudança e aquela mulher, Renatão. Quando saí pela manhã, estavam ensacolando as coisas, arrumando tudo para a mudança. Falei que não precisava, que eu iria comprar tudo novo, mas soou quase como uma ofensa para ela. Deixei para lá, ao menos aceitou que eu arcasse com o aluguel. Um passo de cada vez. A senhora, dona do quarto, deu até doze horas para deixarmos a quitinete.

Chegamos na casa de Marciellen; estava louca para saber o que queria me falar. Não deu para entender muito bem quando me ligou, estava agoniada, tentando acalmar Benjamin que chorava

alto, sem parar. Logo depois mandou uma mensagem pedindo que eu comparecesse em sua casa. Eu estava precisando de um momento bom, alegre, depois da tarde horrenda de ontem.

Dona Rebeca esperava inquieta, esperando que abrissem o portão. Decepcionou-se quando o rosto à sua frente não era o idêntico ao meu.

— Entrem. A senhora Marciellen está com o bebê, logo vai vir para estar com vocês. Pediu que entrassem e esperassem.

Seguimos a moça gentil, de cabelos afros e corpo esguio.

Entramos e nos acomodamos no sofá bem espaçoso, de tecido macio; brinquedos se espalhavam pelo tapete felpudo. Agachei, peguei um chocalho e batuquei contra a palma da mão.

— Ele é lindo, precisa ver. — Comentei com minha sogra, me referindo a Benjamin.

— Elogio típicos de tias babonas. Não conta muito.

Acabei rindo, e com isso sentindo um desconforto no braço. Não sei como consegui dirigir. Dona Rebeca ia falar, saber mais sobre minha irmã, mas Marciellen apareceu.

Levantei e fui logo abrindo os braços para um abraço, me demorando ali, junto dela.

— Estou curiosa para saber o que tem para me contar. É sobre a gente? Nossa origem? O que descobriu?

Animada, nem percebi que ela estava séria demais, não havia sorrido desde que aparecera.

Ao meu lado, dona Rebeca olhava para minha irmã, comparando cada detalhe físico entre nós duas. Ficou impressionada, comentou:

— Como pode duas pessoas se parecerem tanto?

Marciellen ainda continuava estranha, mesmo depois de ter soltado um riso de canto, muito discreto, para dona Rebeca.

— Essa é dona Rebeca. — Apresentei, prestando mais atenção nela, em como estava diferente da última vez que nos vimos.

Cumprimentaram-se, estendendo as mãos. Eu estava pasma. Marciellen não era a mesma, destoava completamente da pessoa que vi no primeiro encontro.



Séria, ela me puxou para sentarmos no estofado espaçoso. Sentamos as três. Minha irmã manteve-se o tempo todo estranha, irrequieta. Apertei sua mão acoplada à minha, quando percebi que respirou fundo para falar. consegui tirar um riso genuíno seu. Tão logo, já não existia mais nada em seu rosto, além de rugas entristecidas e melancólicas. Minha testa vincou, e senti meu peito se apequenar. Ajeitei-me no sofá, ficando de frente para ela.

Eu não estava preparada para vê-la chorar. Ergui seu queixo; suas írises azuis estavam imersas em lágrimas.

— Está chorando. Eu...o que aconteceu, Ellen? — Aflita, intui que o problema era sério demais, que nada por ali estava bem.

Minha pergunta pareceu tê-la feito chorar mais. Chorou copiosamente, desabando no meu ombro. Abracei-a forte, afligida, querendo absorver um pouco da sua dor, saber logo o que estava havendo. Meu olhar bateu no de dona Rebeca, que também não sabia o que fazer. Mesmo assim se aproximou e mostrou-se muito solícita, dizendo que iria pegar um copo d'água para tentar acalmá-la.

Marciellen entornou todo o copo na boca, ingerindo o líquido de uma só vez. Deu-se uma pausa e, depois de uma longa respiração, me encarou; os olhos se enchendo de lágrimas novamente.

— Estou doente, Marcela. Tenho três meses de vida. — Disparou, sem enrolação.

Dona Rebeca tragou um ar de susto, enquanto me recusei a acreditar que eu tinha escutado direito. Uma sensação, inóspita, de pavor, me assolou, me tirou do chão.

— Você...? O que disse?

Ellen apertou as pálpebras, as maçãs do seu rosto estavam encharcadas.

— Estou com um tumor maligno no cérebro; se eu me submeter a uma cirurgia, morro. E se eu não tentar operar, morrerei do mesmo jeito. Estou desenganada.

## 50 CAPÍTULO CINQUENTA

NITA.

**Eram quase** 10h:00 da manhã e nada da Marcela aparecer. Fiquei preocupada com sua demora, conjecturando o pior.

Agoniado, Lucas desgrudou os braços do espaldar da cadeira, vindo agitado na minha direção.

— Dá pra parar? Já perdi as contas de quantas vezes veio nesse portão nos últimos 10 minutos.

Notava-se, também, a angustia por trás do seu olhar. A preocupação latente, disfarçada. Lena e Felipe deixaram a pequena área e juntaram-se a nós.

— Ela está demorando, Lucas. Não há como negar. Aconteceu, sim, alguma coisa.— Felipe garantiu.

— Vira essa boca pra lá, Lipe! — Lena se chateou, dando uma cotovelada nas costelas do amigo.

Enquanto os dois discutiam, Lucas chegou sorrateiramente e sondou baixo.

— Acha que Felipe pode ter razão?

Eu não queria acreditar que sim. Ter deixado Marcela sair sozinha, foi um ato de descuido, e até negligência. Eu me sentia responsável por sua segurança, seu bem estar.

— Eu não devia ter deixado ela sair sozinha. — Lamentei, afastando a ideia de que Renatão poderia ter alguma coisa a ver com sua demora.

— Ela foi visitar a irmã. Não podemos ficar nos escondendo o tempo todo dessa mulher horrorosa.

— Eu sei, Cara. Mas devemos tomar cuidado. Não vacilar até eu pegar aquela cachorra e entregar à justiça. Tenho que cuidar e proteger vocês.

Dei mais uma esgueirada para a rua, na esperança de ver o carro dela, mas para minha decepção não tive nem um vislumbre do Fiat.

— Você não tem super poderes para querer proteger todo mundo.

Mirei em Lucas; sua expressão era uma mescla de consternação e resignação.

— Todo mundo não, só vocês.

Ele se afastou, desistindo de qualquer argumento, qualquer tentativa de me convencer.

Estava possuída pelo cansaço. A noite mal dormida, e o peso de saber que tinha uma assassina no meu encalço, querendo acabar comigo — mais uma vez, — Não aliviava. E depender de Marcela para sair dali me deixou muito incomodada. Com isso, não pude deixar de me sentir egoísta, por resistir em aceitar ajuda e apoio em um momento tão necessário e urgente.

— Liga de novo pra ela.

Escutei a voz preocupada de Lena, no mesmo instante em que levei a mão ao bolso.

— É exatamente o que eu vou fazer.

Busquei a entrada do portão, como se precisasse de mais ar, uma atmosfera mais leve que pudesse aliviar um pouco da agonia, da tensão que enrijecia cada fibra muscular do meu corpo.

Quando dei um salto para fora, buscando a borda da rua, o alívio veio com tudo, dissolvendo a inquietude que me oprimia. Era Marcela. Guardei o celular, esperando o carro estacionar ao meu lado.

Quase bufei de alívio, e só não o fiz porque fui surpreendida com a imagem de Marcela completamente desolada, tomada pelo pranto.

Ela abriu a porta, atônita, com os olhos vermelhos, mareados e bastante inchados; estava devastada.

Logo sua sogra deixou o veículo também, amparando-a, dando-lhe suporte e apoio, falando palavras consoladoras.

— Não me diz que...?

Tive medo de continuar. Mas depois vi a senhora preocupada e um tanto arrasada também, e por algum motivo concluí que Renatão não tivesse nada a ver com as lágrimas que jorravam compulsivamente dos olhos de Marcela.

— O que aconteceu? Por que está chorando assim, meu amor? — Perguntei, muito preocupada.

Marcela não reagia, não conseguia sequer abrir a boca para argumentar. Encostada na lateral do carro, foi escorregando devagar para o chão, como se suas pernas não pudessem se firmar.

Agoniada, não me importei em ajoelhar na poça d'água que havia ali. Suspendi seu queixo, querendo entender o motivo de tanto desconsolo.

Ela me encarou, contudo, não conseguia sustentar o olhar nos meus. Recostou a testa no meu peito, soluçando. Estava muito abalada. O trio quis se aproximar, inquietos também por alguma explicação, mas espalmei a mão pedindo que mantivessem distância. Ela mal conseguia respirar, afogada no próprio choro. Os meninos recuaram e encolheram-se no muro, assistindo tudo à distância.

Tomei fôlego para perguntar novamente, mas a mão da senhora Rebeca no meu ombro, fez com que eu levantasse o rosto de imediato.

— Ela não vai conseguir falar, filha. Está muito abalada.

— Mas o que houve? — Indaguei, cheia de aflição.

— Acho que ela mesma deve falar

— Como? Não vai conseguir. Está muito emocionada.

Rebeca baixou o olhar, era evidente também que estava sensibilizada, afetada.

Ergui Marcela do chão e tentei, de alguma forma, acalmá-la, fazer com que parasse de chorar. Coloquei-a para sentar na calçada, fazendo um esforço para que conversasse comigo. O que não aconteceu. As lágrimas cessaram, os soluços foram embora, mas ela não conseguia abrir a boca para nada, seus olhos se perdiam em um ponto além do meu ombro; arrasados, inertes.

— Ela não vai conseguir falar.

Levantei. Rebeca comentou:

— Está em choque.

— Mas isso é evidente.— Não quis parecer grossa, mal educada, mas eu estava aflita, angustiada ao vê-la desconsolada.

A senhora também se viu sem saber o que fazer. Não sabia se contava ou permanecia calada. Quase irritada, perguntei.

— Tem a ver com a irmã, ou o sobrinho?

Rebeca assentiu, engolindo em seco. Começou a chorar também, e me angustiei de vez.

*Mas que droga!*

— Ela vai morrer, acredita? — Marcela finalmente falou, sorrindo num misto de ironia e dor; o olhar mortificado, perdido na mais profunda tristeza .— Acabei de descobrir que não sou sozinha nessa droga de mundo, e no final das contas, ela vai morrer. Não é hilário! — Esboçou mais uma risada incongruente, destoadada.

Busquei novamente alguma explicação em Rebeca, mas ela se manteve calada; havia muita pena em sua expressão.

Passei os dedos pelos cabelos, querendo saber logo de uma vez.

A senhora penalizou-se da minha angustia e disparou.

— A moça a qual ela acabou de descobrir que é irmã, está desenganada, tem apenas três meses de vida.

Vinquei a testa, descrente, meio perplexa. Movi a boca, ameacei falar, mas permaneci muda. Rebeca continuou:

— Marciellen tem um tumor maligno. Não tem como retirar, está muito grande. Caso passe por uma cirurgia, as chances de morrer antes de removerem o câncer são de quase cem por cento . Ela mostrou duas ressonâncias, explicando toda a gravidade da doença.

Meus ombros caíram, incrédulos. Joguei-me aos pés de Marcela, e não pude conter a emoção. Lacrimejei, lembrando da vez em que estive na casa de sua irmã. Era tão alegre, divertida...

*Céus! O que está acontecendo? Só desgraça!*

— Lamento muito, muito amor. Eu... Meu Deus...

Compadecida, acolhi seu corpo no meu, abraçando-a muito forte, ensopando os joelhos na poça d'água.

Ela continuou sem reação, não disse nada, sequer se moveu, nem mesmo piscou. Estava inerte.

Esmoreci também, sem ter como poder ajudá-la, me sentindo impotente. Marciellen passou a ser uma parte extremamente importante e especial para Marcela, e se ela estava arrasada com a notícia, não tinha como eu também não ficar.

Mantive o abraço, sem pressa para soltar. Lena, à minha frente, negava com a cabeça, Lucas e Felipe também.

Ela fez um gesto, pedindo permissão para se aproximar. Assenti fracamente. Ajoelhou-se na calçada grossa, por trás de Marcela, e a envolveu em seus braços finos, dizendo palavras de consolo, de um jeito somente dela.

Os dois também se acercaram, e fizemos uma roda, cercando Marcela, abraçando-a, oferecendo nosso apoio e carinho.

Bastante abalada, ela engoliu um soluço que trouxe espasmos por todo o seu corpo.

Toquei seu rosto, com delicadeza, e beijei a maçã do seu rosto, enxugando suas lágrimas com meus lábios.

— O que posso fazer pra te ajudar, minha vida? Me diz que eu faço correndo.

— A cura da minha irmã. Você pode?

Emudeci, sem nada para argumentar diante da sua cara de derrota e infelicidade.

Mesmo ante aquela tragédia inesperada, precisávamos sair dali, deixar o quarto. Eu queria poder não ter que perguntar para onde iríamos. Queria tirar Marcela dali sem ter que perturbá-la com mais um problema. Mas tinha que tocar do assunto.

— Precisamos ir embora. Sair daqui. Consegue?

Olhou-me demoradamente; e aos poucos parecia dar-se conta que o mundo não havia parado seu curso para assistir sua dor.

Percebi o esforço que fez para tomar coragem, alguma migalha de ânimo. Tentou ficar de pé, apoiando-se em mim. Ergueu o queixo, recobrando resiliência.

— Vou ajudar com as coisas. — Piscou; seus olhos ainda bastantes abatidos, desolados.

— De forma alguma!— Neguei, categórica — Fica aqui, quietinha. Eu os meninos damos conta de tudo, amor.

Engoliu em seco, acabada, exausta pelo cansaço emocional. Lutava para manter-se firme, não desabar.

— Preciso me ocupar. — Sussurrou com a voz rouca, inerente da emoção. — Droga! — Ensaiou mais um choro, mas manteve-se forte, decidida.

— Ela tem razão. — Rebeca falou. — Precisa ocupar a cabeça. Vamos, filha. Eu ajudo vocês. — Adiantou-se, puxando Marcela pelo braço, com cuidado, conduzindo-a portão adentro.

Em pouco tempo, tudo estava devidamente arrumado dentro do carro. Apenas um colchão não coube. Era grosso, não conseguimos enrolar.

Pedi para dirigir, mas Marcela não quis. Insisti, pedi, insisti mais uma vez, mas ela estava irredutível. Fiquei com receio, temendo que se descuidasse ao volante, pois era evidente que não estava bem.

Durante a viagem, ela se mostrou mais compenetrada que o normal. Parecia que dirigia no automático. Não exprimia reação alguma.

Não era a mesma Marcela. A dor da perda iminente, bloqueou sua forma natural de ser. Diante das circunstâncias arrasadoras, que estavam acontecendo, não se podia esperar olhares brilhantes e sorrisos largos dela, ou até mesmo que fingisse algum auto controle, mas eu não estava preparada para ver Marcela assim.

A voz do silêncio protagonizou o percurso inteiro. Ninguém quis ou teve ânimo para interagir, falar nada. Estávamos apertados, entremeados no meio de bagulhos, e todo tipo de tralha.

O carro parou em frente a um prédio mediano. Era um hotel bem modesto, simples, sem muitos floreios.

Marcela e eu fomos na frente, para fazer o *Chek-in*.

Esperamos a moça fazer os transmites da hospedagem e, por último, pedir o cartão.

Marcela estranhou quando o primeiro não passou. Comentou, vagamente, de não ter conseguido comprar remédios na farmácia mais cedo também.

Ela ofereceu outros.

Assistimos a recepcionista tentar por várias e várias vezes e, assim como o primeiro cartão, o segundo e o terceiro apresentaram o mesmo problema.

— Senhora, seus dois cartões estão bloqueados. Lamento, mas não vai ser possível efetuar a hospedagem.

## 51 CAPÍTULO CINQUENTA E UM

MARCELA.

**Era muito difícil** processar tudo o que estava acontecendo. Era duro, uma judiação do destino, do universo. Estava no meu limite, tentando me sustentar com uma faísca de força que havia sobrado. Tudo parecia um pesadelo, daqueles em que a gente luta e se debate para querer acordar e não consegue. Mas não era um pesadelo. Era tudo realidade. Uma realidade em que me obrigava a perguntar o tempo todo, “O que eu fiz para merecer isso?” Estéfán ter bloqueado todos os meus cartões foi o golpe da derrota.

Mas eu precisava reabastecer minhas forças, tomar algum impulso, ainda que minha vontade fosse gritar para o mundo inteiro ouvir o tamanho da minha dor e, assim, alguém arranjar uma solução. Mas não havia solução. Marciellen iria morrer. Ela estava com os dias contados. Como levantar e superar uma rasteira dessas? Como seguir em frente diante de tão pouca força, com as emoções quebradas?

Queria lutar contra o sofrimento de perder minha irmã, contra a perseguição de Estéfán, contra o fato de não poder ter condições de pagar um lugar digno para as pessoas que se tornaram as mais importantes da minha vida.

Estava me sentindo fraca, devastada, com o peito pesando uma tonelada. As tragédias acontecendo de um segundo para o outro. Sem benevolência.

*Seria um castigo dos Céus?*

Ignorei as súplicas de Nita, pedindo para que eu me refugiasse na casa de Marciellen. Estávamos na rua da amargura, literalmente.

Admirei seu gesto de querer me proteger. Não querer me deixar ter a experiência de pernoitar ao relento.

Mas como eu poderia ter paz, dormir no conforto, sabendo que estariam em condições horrendas, no frio, à mercê do perigoso?



Uma parte minha quis sim viver a experiência, sentir na pele. Mas outra parte, a maior, não queria abandoná-los, deixá-los sozinhos. Ainda que me ter ao seu lado, naquele momento de dor, não ajudasse nada, não servisse para muita coisa. Eu só queria demonstrar meu apoio. E me refugiar na casa de Ellen, também não me faria bem. Sucumbiria em tristezas ao ter que olhá-la, tê-la tão perto e lembrar que em alguns meses não estaria mais aqui. A alegria de saber que eu tinha uma irmã durou tão pouco, que cheguei a questionar se o melhor não seria esse detalhe da minha vida ter ficado em oculto. Nunca ter vindo à tona.

Dona Rebeca também se mostrou indignada com a minha decisão de ficar com Nita e os meninos nas ruas. O único cartão que ela tinha, também estava bloqueado. Estéfán pensou em tudo, agiu como um pilantra magistral. Ela ainda tentou me persuadir de todas as formas, mas me mostrei irredutível. Bati o pé e fiquei. Ir para o mesmo lugar que Estéfán Lins estava fora de cogitação. Eu não queria vê-lo nem pintado.

Mareada nos meus próprios pensamentos, a voz, ainda inconformada, de Nita, me libertou do devaneio.

— Ainda dá tempo. Não pode ficar aqui, é um absurdo!

Era pouco mais de 21h:00. Lena dormia dentro do carro, que estava estacionado bem em frente do motim que fizemos; Felipe e Lucas estavam recostados no muro público, debaixo de uma arborização baixa, que lembrava um lindo bonsai.

— Se ainda tem alguma esperança de me convencer, desiste.  
— Falei; meus olhos enxergando além do Fiat.

— Pensa que dormir na rua é brincadeira, Marcela? Você está tentando se manter durona, mas dá pra ver que está frágil, quase pra desabar. Vai pra casa, toma um banho e descansa.

— Chega! — Gritei, farta, levantando num só arranco. — Para de me tratar como se eu fosse uma boneca de porcelana! Para de querer dizer o que é melhor para mim! O melhor para mim é estar com vocês. Se estiverem na merda, é lá que eu vou estar também. Por favor, pare! — Falei num fôlego só, sentindo o rosto ruborizar e o coração acelerar em muitas oitavas.

Minha respiração subia e descia, enquanto eu via uma Nita parada, sem reação. Depois de uma curta pausa, ela se aproximou

e balançou a cabeça ao mesmo tempo em que abria os braços para me abraçar.

— Desculpa. Só quero te pro...

— ...teger. Eu sei. Mas eu só quero estar com vocês. Com você. Eu preciso disso mais do que nunca.

Nita me apertou forte, envolvendo-me em seu abraço, fazendo de fato, eu me sentir protegida.

— Me proteja. Mas aqui, do seu lado. Se eu for, não vou me sentir protegida, vou me sentir uma covarde por recuar no primeiro obstáculo.

— Você é corajosa.

— Não, não sou. Estou morrendo de medo. Medo de estarmos sendo vigiados por aquela mulher. Medo de alguém passar e cometer alguma maldade. Medo de chover e molhar todas as nossas coisas. — Dei uma pausa, tomando um pouco de fôlego. — Mas mesmo assim, quero ficar aqui, quero estar ao seu lado. Pode entender isso?

Ela deu a dica de um sorriso, e seus olhos brilharam de emoção.

— É claro que sim. — Beijou o dorso da minha mão.— Eu faria o mesmo.

— Disso eu não tenho dúvidas.

Seu polegar fez um carinho no meu queixo e depois voltou a me abraçar para então dizer:

— Mesmo assim, não posso deixar de me preocupar; me entenda.

— Eu entendo, claro. Mas entenda também que não é nos separando em situações de crises que vamos ser um casal. Eu ainda sou casada com aquele patife, mas é com você que estou. Não pode se esquecer disso, Nita. Não queira que eu seja sua parceira, sua mulher somente em momentos bons. Espero que essa seja a última vez que tenta me afastar de você para me proteger.

Olhou-me orgulhosa, reprimindo um riso:

— Está certo. — Ela resignou-se com um suspiro. Encerramos o assunto e nos acomodamos no meio das coisas velhas. Espalhamos dois colchonetes e ficamos sentadas, escoradas uma na outra, vigiando, vendo a noite passar.

Fechei os olhos na ilusão de conseguir dormir, em vão. Nem o cansaço daquele dia, nem a ardência nos olhos, provocada pelas muitas lágrimas, venceram minhas preocupações. Eu não conseguia parar de pensar em Marciellen, em seu bebê que tão logo ficará sem a mãe.

Suspirei exausta, inconformada, sentindo-me apunhalada.

— Tenta dormir. — Nita recomendou também muito cansada; vigiava os arredores o tempo todo, sem sossego.

— Tenta você. Não dormiu a noite toda. Deve estar cansada.

— Vou ficar vigiando.

— Podemos revezar. Você dorme um pouco, depois é a minha vez.

Ela não falou nada, em vez disso, encarou Lucas e Felipe dormindo encolhidos. Depois mirou no Fiat onde Lena dormia. A princípio, ela se negou a dormir dentro do carro, protegida, enquanto os demais ficavam ao relento. Mas Nita, como sempre, a convenceu, afirmando que se acontecesse alguma coisa, ela poderia ligar para a polícia e ajudar.

— Está começando a ficar frio. — Notei, recolhendo as pernas e buscando mais aconchego e calor em seu corpo. — É sempre assim?

— É pior.

— Posso imaginar.

— Não, não pode.

Na mesma hora me afastei, olhando-a.

— Posso sim. — Afirmei, não muito convincente.

— Já sentiu frio ao extremo, a ponto da sua carne tremer e seus ossos doerem? Doerem tanto e não ter um farrapo velho para amenizar a dor e as tremedeiras no queixo e ombros? — Sua voz e palavras, não soaram como uma crítica à minha ignorância. Ainda assim, não tive como responder. Fiquei calada. — Por isso eu insisti tanto para que não ficasse aqui. Não precisa passar por isso, Marcela.

— Tem coisas que é preciso a gente vivenciar para se tornar mais humano.

— Para se tornar mais humano, não é preciso passar uma noite de frio nas ruas. Você é o tipo de pessoa que não precisa

passar por essa experiência. Você é boa, generosa. Quer ser mais humana que isso?

Não respondi. Ela voltou a insistir.

— Você não precisa disso.

— Talvez.

Ela quase riu, diante da minha incerteza.

Busquei mais incisivamente por seu olhar, que se sustentaram firmes no meu, mesmo debaixo da sombra noturna da árvore.

— São por essas coisas que não quero mais viver longe de você. — Falei séria, imaginando que perdê-la algum dia, seria o pior que poderia me acontecer.

— Que coisas?

— Não vou ficar enumerando suas qualidades, porque são muitas. Você também é boa e, no entanto, viveu por dois anos na rua. E sei que se quisesse, poderia estar de boa, sem amarras ou responsabilidades com alguém. Eu já aprendi e estou aprendendo muito com vocês.

— Deixa de bobagem. — Meneou a cabeça, ignorando o quanto era maravilhosa.

— Já pensou em montar algum projeto social?

Ela limpou a expressão; o olhar brilhando pertinho dos meus.

— Sim. Muitas vezes. O que sugere?

Embora sua pergunta tivesse soado intimista, ela pareceu muito interessada em saber minha opinião.

— Não sei. Talvez você focasse em algo que goste de fazer e que ajudasse outras pessoas. — Você sabe lutar. Acho que poderia correr atrás de patrocínios para abrir uma academia de luta.

Nita entreabriu os lábios, entortando-os pensativos. Mas desconfiei que essa ideia já havia povoado sua mente. Depois sorriu, muito delicadamente, dando-me dois beijos.

O momento não era para romantismo ou paparicos. Mas pintou um clima. E naquele momento senti necessidade de beijar e ser beijada. Foi lento, cheio de amor, cumplicidade e muita ternura.

Eu só me dei. Não era difícil se dissolver nos lábios e braços de Nita. Sua pegada era viril e, ao mesmo tempo, terna, carinhosa. Quente, voluptuosa.

Depois do beijo, roçamos nossas narinas, sorrindo devagar. Ela me beijou na pontinha do nariz e me trouxe para seu colo, com cuidado e gentileza.

Foi aí que me perdi de vez; me deixei ser dominada pela nuca e cintura, abrindo a boca para receber sua língua, seu sabor, me embriagando com seu hálito bom. Relaxei cada músculo, cada pedaço do corpo enrijecido pela tristeza ainda bem presente.

— Céus! — Ouvi Nita sussurrar ainda contra minha boca. — Podíamos fazer isso mais vezes.

Mordi uma parte do lábio; não sorri. Recostamos novamente nossas testas; nos permitimos ficar assim, sentindo e precisando uma da outra.

— Ainda bem que você não foi.

— Está vendo! — Empertiguei a voz, entrando no clima bom, leve. — Da próxima vez, pense que pode perder um sexo bem gostoso.

Ela riu.

— Você é impossível.

Mantive meu olhar no seu:

— Obrigada.

— Pelo beijo?

— Também. Mas por ser quem é. Por me fazer sentir tanto amor e despertar em mim um tesão absurdo, a ponto de eu esquecer um pouco a angústia aqui dentro.

Ela arqueou a sobrancelha, sondando-me com intensidade, gostando de ouvir minhas pieguices.

— Continua.

Recolhi-me, meio envergonhada:

— Por que sempre olha assim?

— Assim? Assim como?

— Não sei. Assim, tão séria, como se tivesse desvendando minha alma.

— Talvez procurando sentir e ver o seu “Eu” de verdade.

— Como uma leitura.

— Exato.

Pensei por um instante:

— E consegue ler minha alma.

— Às vezes.

— E agora, nesse exato momento?

Nita sondou minhas nuances; a palma da mão indo ao encontro do meu rosto.

— Não é preciso ser nenhuma espécie de sensitiva, ou *expert*, para perceber que está sofrendo, Marcela. Seu olhar e o sorriso que nunca vem, te denunciam. — Não falei nada, deixei que minha mudez falasse por si só. — Não posso imaginar o tamanho da sua dor e desilusão. — Ela continuou.— Mas admiro sua força, sua raça e empenho em querer sair dessa.

— Eu não conseguiria se eu não estivesse você. Os momentos difíceis se tornam suportáveis, quando temos quem amamos ao nosso lado. — Falei, com muita gratidão. — Se tudo isso tivesse acontecido enquanto eu estava com Estéfan, não sei se estaria tão lúcida. Talvez eu estivesse depressiva, enrolada em posição fetal em cima de uma cama ou em qualquer lugar, afastada de tudo e todos.

— Você é forte. Muito valente e corajosa. Se sobreviveu a um casamento grotesco, com um calhorda vil, como aquele pulha do Estéfan, consegue superar qualquer coisa.

— Perder você não seria uma delas.

— Tudo bem, eu sou inesquecível, eu sei. Mas estamos falando da sua irmã Marciellen e o fato de você estar passando essa noite ao relento.

— Esse jeito narcisista não combina com você.

Ela riu um pouco, concordando na mesma hora.

— Quer dormir? Fico de olho nas coisas, nos belos adormecidos e, também, em você.

— Não. Estou sem sono. — Falei a verdade.— E se vai ficar acordada, te faço companhia.

— Tudo bem, eu desisto.

— Eu acho bom! — Escorreguei de seu colo e me escorei no muro pichado, encostando a cabeça em seu ombro.

À medida que a noite avançava, o frio ia incomodando mais, castigando. Não reclamei, mas Nita percebeu meu desconforto todas as vezes que eu remexia, me encolhendo nela, abraçando-a, procurando o calor do seu corpo.

Bob estava ao lado do carro, quase do outro lado, esparramado.

E tudo piorou quando o céu clareou longe, prenunciando que iria chover. Só então me dei conta que Nita havia cochilado, pois se sobressaltou com o ribombar de trovões e relâmpagos.

Cristo!

Ela mirou na mesma direção que eu; sua mão aposta no peito.

Levantou, avaliando as nuvens negras agitada no céu:

— Precisamos sair daqui.

O vento soprou mais forte, frio, como a confirmar a chuva iminente.

Acordamos os meninos; Nita apressou-se em despertar Lena para dar lugar dentro do carro, e agasalhar todas as coisas que retiramos do banco traseiro.

Mas, quando a porta do Fiat se abriu, o assento do carona estava vazio.

Lena havia sumido, e Bob estava morto, babando pelo canto da boca.

## 52 CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

NITA.

**O choque instantâneo**, ao perceber que a parte de trás do carro estava vazia, fez meu sangue gelar pelo corpo inteiro.

Tentei manter a calma, não explodir, quando minha mente alcançou um único nome.

*Renata Falcão.*

Engoli em seco, sentindo o bolo enorme na garganta.

À medida que meu olhar varria tudo em volta e não via Lena, ficava quase impossível oprimir a angústia que já tomava de conta.

— A culpa é minha! Meu Deus... — Marcela se desesperou, cheia de culpa.

Eu também havia dormido. Maldição! Dedilhei a mão pelos cabelos, perneando de um lado ao outro. Meu peito parecia preso em um calabouço de agonia e medo.

Corri em volta, gritando a plenos pulmões.

— Lena! — Olhei, chamei por seu nome incontáveis vezes, vasculhei cada pedaço do perímetro, mas não havia nenhum sinal, nenhum resquício, nenhuma sombra dela por perto. Marcela, Lucas e Felipe fizeram o mesmo.

— Merda! Merda! Merda! — Dei um soco no nada, descontrolada, imaginando o pior.

Corri de volta para o carro e verifiquei a porta.

— Filha de uma puta! — Gritei, chutando a parte inferior do carro.

Marcela chegou perto; também estava muito atingida. Não tentou me conter, nem me acalmar. Deixou que eu extravasasse, me esvaziasse, colocasse tudo pra fora.

— Foi ela, não foi?

Apertei os olhos, com força, ao ouvir a pergunta ao meu lado.

— Que inferno! Desgraçada! Vaca!

Bati mais três vezes, na extremidade do Fiat, com o punho duro feito barra de ferro.



Felipe já chorava muito. Lucas estava atônico, mas era o único que mantinha algum auto controle. Ele recostou-se no capô e encarou o além, absorto, descrente. Não falava nada, nem uma só palavra.

— Qual é a tua hein garoto? Vai ficar aí de braços cruzados olhando para o nada? — Felipe se alterou, muito inconformado, chateado com a aparente falta de sensibilidade e preocupação do amigo. O empurrou com força, pelo ombro, mas Lucas parecia decidido a não reagir, exprimir qualquer comoção inerente ao sumiço de Lena.

— Você é um merda sabia? — Felipe gritou mais alto; a voz era um combo de emoções. — Aquela mulher horrorosa levou nossa mascote e mesmo assim esse... — mirou-me com um olhar aniquilador, enquanto o braço se estendia em riste a milímetros do rosto de Lucas. — Ele não se importa, demonstra nenhum sentimento. Não fala nada! Não está nem aí! Se fosse sobre aquela família de marginais, estaria todo desesperado.

Lucas, então, se moveu para revidar, mas fui mais rápida, me enfiando entre os dois.

— Chega! Chega porra! — Gritei alto, de forma que achei ter acordado o Rio de Janeiro inteiro. — Busquei encarar os dois, estava muito abalada e perturbada.— Vão começar a brigar agora? Lena foi sequestrada e vocês estão aí, brigando para saber quem consegue demonstrar mais sofrimento? Quem chora mais? Hein, idiotas?

Silenciaram. Mas Felipe ainda se mantinha muito agitado, andando sem parar, como se buscasse uma solução. Do outro lado, Lucas manteve a aparente tranquilidade. Dominava suas próprias emoções.

— O que vamos fazer? — Ouvi Marcela perguntar. Ela estava esgotada, os traços do semblante cansados. Os olhos que estavam se recuperando das lágrimas do final da tarde, agora estavam cheios novamente, a ponto de esborrar. Não a culpei em nenhum momento. Sabia que estava débil, tinha acabado de saber que a irmã que acabara de conhecer, iria morrer. Ela não merecia e nem era culpada de nada.

Não tive ânimo para respondê-la . Não sabia o que responder. Minha mente não conseguia raciocinar, pensar com clareza numa solução.

Soltei o ar, na ilusão de descomprimir o peito, disseminar para longe a angústia que não aplacava, não dava trégua. Céus! Dei mais uma esgueirada pelos arredores, mas nada passava, nada se mexia àquela hora da noite. Acabei me afastando do grupo, não muito, apenas alguns metros para tentar pensar melhor. Acalmar os ânimos.

Manter a postura de durona, estava difícil.

Renata havia conseguido pegar Lena num curto momento em que vacilei. Eu tinha dormido e não sabia por quanto tempo, mas foi o suficiente para que ela conseguisse agir através de um dos seus maiores truques

Arrombar carros era só mais uma de suas habilidades no crime. Para Renatão, conseguir abrir a porta de qualquer veículo, era tão fácil quanto bater carteira.

Depois de me afastar, pensar com mais calma, cheguei a óbvia conclusão de que não iria fazer nada com Lena. Era a mim que queria.

Ainda assim eu não poderia esquecer que eu estava lidando com uma assassina fria e calculista. Lena era apenas uma isca que Renatão iria usar para me parar, me ter nas mãos, sob controle. Com a posse de alguém que amo em seu domínio, sabia que eu iria ceder, fazer qualquer coisa para que não machucasse alguém.

*Maldição!*

Trinquei os dentes; e uma vontade urgente de fumar me agitou. Senti Marcela às minhas costas, chegando perto, de mansinho. Sua mão se ergueu para um afago no meu rosto, mas recusei.

— Eu sabia que isso poderia acontecer. — Falei revoltada, inconformada. — Por isso não queria me amarrar a alguém. Não queria me apegar, criar laços. Por isso eu ficava pulando de galho em galho pelo Rio, fugindo das pessoas, de qualquer coisa que pudesse me comprometer, tirar do foco. Não estava nos meus planos sentir essa droga chamada amor. — Despejei dolorida.

Lágrimas pularam dos meus olhos, mas eu às expulsei imediatamente, como se fossem ácidos queimando meu rosto.

Marcela chorou também. Encarou-me com um olhar de culpa, logo a peguei pelos ombros, sacudindo-a com leveza.

— Não ouse dizer que a culpa é sua! Não faça isso! Aquele ser horrendo age na covardia, sem deixar rastro, Marcela. Não se culpe, eu suplico!

Arriei as mãos de seus ombros, mas ao notar sua palidez evidente, e o mareo dilatando suas pupilas, tive que ser rápida para apará-la entre meus braços. Seu corpo desfaleceu no segundo seguinte, quase desabando na beirada da rua deserta.

— Marcela?

Lucas e Felipe correram em cima, tentando ajudar.

— Peguem a bolsa dela.

Felipe se apressou e correu, voltando no instante seguinte.

— Vê se tem insulina aí dentro.

As mãos brancas dele tremiam nervosas, enquanto o rosto estava praticamente enfiado na boca da bolsa.

— Achei! É isso?

— É.

Destampou rápido e me deu.

— Sabe mexer com isso? — Indagou desconfiado.

— Isso responde sua pergunta? — Injetei a agulha no braço de Marcela; Já havia visto ela se aplicar algumas vezes. Ambos observavam com atenção, surpresos.

Lucas manteve-se calado. Olhei dentro dos olhos dele vi o medo lá dentro, por trás das cores castanhas.

Foquei em Marcela novamente; carreguei seu corpo mole para a calçada e fiquei de vigia, esperando que reagisse à medicação.

— Isso tudo é uma desgraça! — Felipe reclamou ainda mais nervoso, assustado. — Estava tudo bem até essa tal de Renata aparecer! Primeiro fomos expulsos do quarto, depois a tragédia com a irmã dela. — mirou em Marcela, adormecida em meus braços.— Depois o sumiço da nossa mascote! Temos que achar Lena, Nita. Temos que encontrar nossa garota!

Felipe não parecia se importar em demonstrar suas emoções. Ao contrário. Ele não costumava ser tão agitado, impaciente. Mas,

quase sempre, quando o assunto era Lena, comportava-se de forma alterada, nada polida. Seu extremo desespero me fez desconfiar que pudesse estar sentindo muito mais que uma preocupação de amigo. E pelo vinco que se formou no rosto de Lucas, concluí que ele também passou a pensar o mesmo.

— Vamos esperar. Não faço a mínima ideia de onde ela possa estar, Felipe, temos que nos acalmar.

— Droga! Maldita hora em você cruzou nosso caminho. A culpa é sua Nita! Você quem trouxe essa mulher para nossas vidas. E se acontecer alguma coisa com a Lena, a culpa será sua. — Explodiu, afastando-se para longe, muito zangado.

— Sabe que ele está nervoso, não é? — Lucas tratou logo de defendê-lo. — Que não está dizendo coisa com coisa.

Anuí, buscando a visão de Felipe em um ponto escuro do outro lado da rua.

Marcela se remexeu nos meus braços; seus olhos se abriram, tateando o meu rosto.

Observei como ainda estava muito sonolenta, pálida, provavelmente não havia se alimentado direito, cuidado da hipoglicemia que vinha muito bem controlada nos últimos dias, sem nenhuma crise.

— Cadê a Lena? — Foi a primeira coisa que perguntou. Ergueu as costas e olhou em volta. Seus ombros decaíram, ao constatar que ainda vivia um pesadelo.

— Vamos ter que esperar. Não temos outra alternativa. — Falei.

— E Felipe? — Também quis saber.

Troquei um olhar com Lucas, e foi ele quem decidiu falar.

— Está do outro lado da rua. Estava muito nervoso, acho que queria ficar sozinho.

Marcela não disse mais nada. Depois tentou levantar; estava muito fraca, debilitada, a expressão completamente abatida.

— Vamos esperar a ligação, se ainda conheço bem Renata Falcão, vai querer brincar com nosso psicológico, tardando qualquer contato.

— Mas e se ela não ligar, Nita? Se-se... decidir fazer alguma maldade com Lena? — Lucas perguntou muito preocupado.

Não dava para confiar, achar que tudo o que Renatão queria era chamar minha atenção, usando Lena. Existia a chance de que fizesse alguma atrocidade, mas ainda assim, garanti.

— Ela não vai fazer isso. Ela quer me torturar, me punir. Vamos ter que dançar a música que ela tocar. Porque não estou a fim de perder Lena.

Assentiram e nada mais foi dito.

As horas passaram se arrastando pela madrugada. A chuva desceu em um torrencial forte, implacável. Ninguém se animou para arrumar as coisas e agasalhar no porta malas. Deixamos molhar tudo. Ficamos protegidos dentro do carro, exceto Felipe, que ficou ilhado no outro lado da rua. Recusou-se a entrar e juntar-se a nós. Fiquei de olho nele. O tempo todo. Ninguém dormiu, esperando uma chamada que nunca vinha. O celular na minha mão não tocou, não vibrou. E tudo se assomava à angústia da lentidão com a qual as horas pareciam passar.

Lá fora, Felipe não parecia sentir frio, o vento que rugia curvando tudo. Estava inerte, sentado debaixo da casinha da parada de ônibus, recostado na coluna cilíndrica, abraçado ao próprio joelho.

Quando a chuva aplacou, já era dia. O tempo estava preguiçoso. O amanhecer se resumia em cores cinzentas, nevoentas, e o sol não ameaçava aparecer nas primeiras horas.

— Vou falar com ele.

— Não. Deixa que eu vou. — Marcela se dispôs, pousando a mão em meu braço, ao mesmo tempo em que desgrudava as costas do assento. Depois buscou meu olhar, esperando uma aprovação.

Mirei através da janela; talvez eu fosse única pessoa que ele não quisesse conversar. Assenti, sabendo que Marcela também faria um ótimo papel.

— Traz ele.

— Pode deixar. — Curvou-se e me beijou na ponta do nariz e depois na boca. Duas vezes.

Observei atenta, quando ela se aproximou dele.

Felipe parecia querer resistir à aproximação de Marcela, dando de ombros, virando a cara.

Virei de banda, dentro do carro, me esforçando para não perder nenhuma mímica da conversa, nenhum gesto.

E quando relaxei, em menos de um segundo, senti o celular vibrar forte, atracado à minha mão. Tomei um sobressalto, sentindo o coração esmurrar o peito. Olhei na tela e li “chamada desconhecida”.

*Era ela. Renata Falcão.*

## 53 CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

NITA.

**Fiquei imóvel**, sem conseguir piscar; meu olhar vidrado na tela minúscula. Sentia a pulsação correr veloz por todo o meu corpo, coração retumbando a mil por hora. Aceitei a chamada e permaneci calada, escutando a respiração agitada do outro lado.

— Nita...

Meus ombros relaxaram, assim como tomo o resto do corpo, quando ouvi Lena balbuciar meu nome; sua voz estava trêmula, melindrada, mas era ela.

Mas a sensação boa não se prolongou. A mente cuidou de alertar quem era a inimiga do outro lado, e do que era capaz. Lena estava viva e, aparentemente, bem. Ouvir sua voz, foi um alento suave, um consolo gentil.

No momento em que consegui domar as emoções e falar com ela, Renata tomou a frente, impondo-se do outro lado da chamada.

— Era só para ter certeza que a pirralha está viva, Lakshmi. Sabe qual é a cabeça que eu quero. Você sabe, não sabe?

Cerrei o punho, contendo a vontade de perder o controle. Mas o cérebro alertou, pedindo calma.

— Que quer a mim eu sei, psicopata doente! Mas teremos algumas condições.

Ela soltou um riso escarnecedor, fazendo-me avaliar o erro na minha própria fala.

— Você não sabe de nada! Sempre foi uma besta. Você é uma completa idiota. E burra! Caralho, você é muito burra!

Um vinco formou-se entre minhas sobrancelhas. Encarei Lucas, como se ele também tivesse escutando a conversa. E embora tenha percebido meu desconcerto, não disse nada, manteve-se calado, apenas observando, dando-me atenção.

— Não vai falar nada? Sequestrei a pirralha chorona e você não reage? Que espécie de filha da puta você é? Estou decepcionada. Muito desapontada com você, Lakshmi!

— Está muito nervosa. Um chá talvez possa te ajudar. — Ironizei, embora não estivesse com humor para isso.

Ela sorriu de novo, de forma funesta, nada intimista.

— Não quero você. Quero sua ruivinha princesinha. A única coisa que quero de você, sua imbecil, é te ver sofrer. Tanto ou mais do que quando viu Drica morta naquele quarto. Ainda lembra, Lakshmi?

*Ela estava lá? Ela...*

Saí feito um raio de dentro do carro seguida por Lucas.

— Estava lá, miserável? Você...

— Ouvi tudo. — Interrompeu-me.— O choro. A raiva. E nada me deu mais prazer do que ver seu projeto de futura família feliz, destruído. — Sorriu de novo, como se tivesse tudo sobre controle. *E tinha.*

Não consegui barrar as lágrimas. Apertei os olhos, tremendo de raiva e revolta. Eu estava cansada. Tudo aquilo era demais. Era o passado e o presente guerreando contra mim, montando nas minhas costas, querendo me derrubar, me esfaquear. Aquela mulher estava tentando me tirar tudo de novo. Tudo!

Comecei a andar de um lado para o outro, magoada, doída; tudo voltando para a cena da morte da Drica.

Havia alguma coisa que eu não estava conseguindo enxergar. Deixei alguma coisa passar todos esses anos. Não vi, não prestei atenção.

Não era normal tanto ódio. Tinha algo a mais, invisível aos meus olhos. Mas o quê?

Olhei para o alto em busca de uma resposta, alguma luz, mas não consegui ver nada além de um céu que se amplificava todo cinzento.

— Vamos resolver isso, Renata. Vamos resolver isso do jeito certo.

— Jeito certo?

— Exato. Jeito certo. Sempre quis me vencer no octógono. Então vamos resolver lutando. *Mano a mano.* Vai ter a chance de ganhar de mim. Como sempre desejou.

— Acha que está em condições de ditar o jogo, Lakshmi?

— Não é isso que você quer, porra?



Calou-se. Sua respiração se alterou; não consegui prever se realmente cederia.

— Se eu ganhar?

Dessa vez eu que me calei. Busquei a visão de Marcela; a vi com Felipe em um abraço caloroso e fraterno. Eram meus. Minha família. O que a rua me deu. Era loucura. Eu não tinha o direito de apostá-la. Eu não lutava a mais de um ano, mesmo que eu mantivesse um nível bom de exercícios, no dia a dia, não era a mesma coisa. Eu não treinava, não lutava, as chances de me tornar um alvo fácil nas mãos de Renata eram enormes.

— Não! — Neguei firme, decidida. — Isso tem que ser somente entre nós duas! Se eu perder, poderá fazer o que quiser comigo, me mata se quiser e depois joga meu corpo em qualquer vala. Ou então pode me manter em cativeiro. Mas deixa Marcela e os meninos fora disso!

Houve um longo silêncio. O que me deixou ainda mais apreensiva, numa espera agonizante. Esperei algum riso atravessar a linha, mas não veio. Não esperei alguma reação do outro lado.

— Vai amarelar? Agora quem está decepcionada sou eu! Que espécie de psicopata é você?

Decidi jogar, mesmo com poucas cartas nas mãos. Era arriscado, perigoso, mas pela vida de Lena eu não me importaria de curvar e lambe os pés de quem quer que fosse. Minha dignidade, e meu orgulho, não valia mais do que a vida dela, ou a de qualquer um ali.

— Está apostando alto, Lakshmi. Quem garante a você que, depois que eu te ter nas mãos, não vou acabar com a raça da sua ruiva e dos seus três mulambos de rua?

— Sei que você não presta. Que não vale nada! Mas se isso acontecer, não vou ter nada a perder e aí sim, vou te perseguir até o inferno.

— Isso é uma ameaça, suponho.

— Exatamente.

— E se eu perder?

— Se perder vai nos deixar em paz.

— Não pode contar com isso. Sabe muito bem que bandido não tem palavra.

— Não vai ter opção, se perder vai ter que nos deixar em paz. E sabe por que? Porque do contrário, vai assistir o sol nascer quadrado dentro da cadeia, porque é pra lá que você vai.

— Não me diga? — Burlou séria, sem provocações.

— Vamos, Renatão, honre suas cuecas.

Ela não respondeu. A mudez que atravessou a linha permaneceu até o fim. Pensei que estivesse pensando, avaliando minhas condições, mas em vez disso, encerrou a chamada.

Suprimi um suspiro exaurido, assistindo Marcela e Felipe se aproximarem, abraçados um no outro. A altura dele sobrepujando em muitos centímetros a dela.

Consegui soprar baixinho, aliviada pela cena. Ao menos algo bom, para amainar o péssimo momento.

### MARCELA.

Não foi difícil conversar com Felipe. Conheci um lado seu que pouco demonstrava. Ou eu nunca tinha dado atenção o suficiente para enxergar a fundo a outra parte de sua essência.

Ao longo da conversa, minha percepção de que havia mais que um carinho fraternal dele por Lena, me surpreendeu ao mesmo passo que me deixou feliz e encantada.

Havia um interesse romântico da parte dele por ela e, a partir daí, comecei a entender sua preocupação aterradora pelo sumiço dela. Todos estávamos bastantes angustiados, mas Felipe estava muito nervoso, descompensado.

Conversamos, nos aliviamos um pouco da dor, do medo que sentíamos de perder alguém que amávamos tanto. Ele se despojou e chorou. E eu fui no mesmo embalo também. Confessou que estava se preparando para se declarar, falar com Lena do amor que sentia. Foi uma avalanche de emoções. Da minha parte e muito mais da dele. Eu ainda estava muito afetada, abalada pela doença de Marciellen, e por saber que em poucos meses iria perdê-la e ficar sozinha como sempre estive: sem uma irmã. E toda a minha miserável dor acabou se assomando ao desaparecimento da pobre Lena.

Mas foquei em Felipe, em mais ouvir do que lamentar. Ele estava muito confuso, perdido em suas próprias emoções. Disparando e apontado para a pessoa que sempre quis o melhor para ele.

Quando toquei no nome de Nita, fechou logo a cara descontráida que manteve ao longo da conversa.

— Nita é muito autoritária. Quer ser nossa mãe.

— E ter uma mãe não é bom?

— Vivo nas ruas desde que me entendo por gente, não saberia te responder.

— Acha que Nita tem culpa do que está acontecendo com Lena?

— Se ainda fôssemos somente o trio, nada disso estaria acontecendo. Ela estaria bem com a gente.

— Quem garante?— Olhou-me; seu olhar se demorando no meu.— Sim, é isso mesmo. Quem garante que Lena, ou qualquer um de você, estariam bem? Quem pode garantir que ainda estariam juntos?

Refletiu por um momento, pousando os olhos no chão.

— O que quer dizer exatamente?

Puxei o ar, me preparando para falar.

— Não pode garantir que estaria tudo bem se continuasse sendo só vocês três, Felipe. — Toquei em seu braço, com ternura.— Talvez, veja bem, *talvez* Lena tivesse sofrido um acidente e estivesse num leito de hospital, ou talvez alguém de má fé tivesse feito alguma maldade com ela ou com qualquer um de vocês dois, vindo, assim, a separá-los. Ou talvez a própria circunstância em que vocês viviam, tivesse se encarregado de afastá-los um do outro. Não dá para saber. O dia de amanhã é imprevisível. Culpar a pessoa que dispôs de todo o seu tempo por vocês, que preferiu seguir com vocês, é ingratidão, é cruel até.

— Estou cansado dessa vida miserável. Eu quero ser gente de verdade.

— E acha que vai ser gente de verdade colocando a culpa, de toda essa desgraça, nas costas de Nita? Acha que vai ser gente agindo assim?

Observei seu olhar rumando em direção de Nita; se manteve atento nela, que falava ao telefone. Depois voltou-se para mim. Encarou, mas não disse nada.

— Ela ama vocês. — Continuei. — Às vezes quando estávamos a sós, nós duas, ela falava do carinho, do apego e do bem querer que sente por cada um de vocês. Eu tenho certeza que se ela pudesse escolher, estaria no lugar de Lena.

Minhas palavras o deixaram mudo. Voltou a mirar na direção dela novamente, demorando-se mais que da primeira vez.

— Sei que ela fez e vem fazendo muito por nós. Mas também tudo de ruim acontece quase que ao mesmo tempo, não temos paz. Tenho consciência que estou sendo um babaca de nível maior, um imaturo filho da mãe, e que Nita não merecia e não merece que eu tenha tido esse tipo de comportamento. Mas tudo isso está mexendo muito comigo. Estou apavorado com a ideia de nunca mais ver Lena. E se isso acontecer, vai ser por causa daquela mulher que odeia a Nita.

— Te entendo. Mas temos que ficar unidos. Precisamos reunir forças para o que vai vir, Felipe. Acha que vamos conseguir ajudar Lena, e até mesmo a Nita, estando nesse clima?

— Eu queria ajudar, mas não sei como.

— Voltando para lá. — Apontei com um aceno de cabeça. — Vamos. Nita precisa de você. Tudo o que não pode acontecer agora é uma desunião, conviver num clima estranho, cheio de culpas e acusações.

— Não sei se consigo. Estou envergonhado, prefiro ficar afastado, ao meu canto. Essa espera do cão vai acabar comigo, não quero voltar a ser injusto com alguém.

— Quando ficar nervoso, agitado, é só olhar para mim. Conversa comigo, me puxa para um canto e fala. Só não desconta neles. Estamos todos agoniados, reféns de uma pessoa que vai tentar nos fazer mal de qualquer forma.

Dito isso, levantei e dei a mão, insistindo mais uma vez para que viesse e se juntasse a nós. Ele levantou e me abraçou forte, sussurrando-me um agradecimento no ouvido. Depois se desvencilhou e serenou mais o semblante.

— Não sei qual de vocês duas têm mais sorte. Se é você, de ter a Nita, ou se é ela por ter você. São mulheres muito bacanas.

Acabei rindo, e dessa vez foi eu quem o abraçou. Não consegui evitar o marejo nos olhos.

— Vamos!

Agarrei sua mão e apertei firme, levando-o junto comigo. Senti-me mais aliviada, com uma batalha ganha.

## 54 CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

NITA.

**Marcela se aproximou** mais e sua presença me acalmou, trouxe um pouco de conforto e brandura. Felipe me encarava tímido, envergonhado, mas ainda assim, resistente.

— Vem aqui, moleque.

Puxei-o para um abraço ao qual ele não rejeitou. Pelo contrário, deixou-se abraçar e também abraçou. Marcela sorriu, vindo se juntar a nós, nos abraçando, deitando o rosto em minhas costas.

Lucas ficou imóvel no mesmo lugar. Mas seu olhar brilhava contente, foi algo que não conseguiu disfarçar. E desconfiei que não tivesse tido nenhum interesse em esconder.

— Chega dessa melação! — Falei, me remexendo entre os dois, afastando-os. Marcela não cedeu, permaneceu grudada, acoplado seu braço no meu.

— Está frio. — Confessou baixinho. — Deixa eu ficar aqui.

Como resposta, ajustei o entrelaço do seu braço ao meu, deixando-o ainda mais seguro, firme.

— Desculpa. — Felipe se desculpou sem saber onde enfiar a cara. — Estava nervoso.

— Todos estamos. Mas vou relevar, porque devemos tentar entender uma pessoa apaixonada.

Ruborizado, ele olhou de um lado para o outro, constrangido.

— Sabia?

Troquei um olhar cúmplice com Lucas e Marcela. Felipe, então, não teve nenhuma dúvida.

— Ah, vocês sabiam. Todos! — Corou.

Eu tinha tantas coisas para dizer. Até tirar onda, zoar, mas o momento não permitia. Apenas o toquei pelo ombro, garantindo:

— Prometo que terá ela de volta. Estou prometendo isso para você, Felipe. É uma promessa. Seja a que preço for.

Marcela apertou minha mão, como uma advertência.

— O que vamos fazer? — Ele quis saber, seus olhos brilhavam com ânsia.

Soltei a mão que apertava a minha e fiquei de frente para os três. Falei a verdade:

— Falcão ligou.

— O que ela disse? Falou com Lena? Ela está bem? Ela na...?

— Está, Felipe. — Tratei logo de acalmá-lo. Voltou a ficar pálido, tresloucado.

Marcela mirava-me apreensiva, querendo saber mais detalhes da ligação.

— O que mais? — Questionou, inquieta.

Não enrolei, fui clara e sucinta.

— Ela quer você em troca de Lena.

A ruiva abriu os lábios, soprando um arquejo surpreso. Esforçou-se para falar, até fez a mímica, mas desistiu. O impacto da revelação a mobilizou. Cheguei mais perto e apanhei sua mão.

— Claro que não aceitei. Eu não seria louca. — Arrumei um punhado dos seus cabelos para trás da orelha; o dedilhar dos meus dedos não suavizou os vincos em sua expressão. Depois de ela refletir, pensar por um breve tempo, assisti sua garganta engolindo em seco. Falou, sem titubear.

— Eu vou! Eu troco de lugar com Lena!

Comprimi os dentes, rejeitando categoricamente.

— Não! Claro que não! Marcela, você não conhece aquela mulher. Não sabe do que ela é capaz.

Fiquei logo angustiada, tentando convencê-la de que o que falara tinha sido um absurdo. Mas sua decisão se manteve irrefutável. Não recuou.

— Sabemos que ela...tem interesse por mim. Posso usar isso a nosso favor. Eu vou! Posso dar corda e fazer co...

— Não! — Protestei.— Não aceito!

— E o que disse a ela? O que conversaram? — Perguntou, confrontando-me, querendo saber se eu havia pensado em alguma outra alternativa melhor.

— Disse o óbvio, que *eu* iria trocar de lugar com Lena. Que o problema era entre nós duas, e mais ninguém.

— Me chama de louca por eu querer trocar de lugar, mas como define o seu comportamento? Quer ser uma heroína morta? — Vi o medo dominar seu olhar, com ímpeto.

— Não temos escolhas. A vida de Lena é mais importante do que qualquer coisa.

— Não aceito esse discurso ultrapassado. Por que temos que abrir mão de uma coisa para ter outra? — Movia-se de um lado para o outro, insatisfeita. Depois apontou-me o dedo em riste.— Eu adoro tanto aquela garota, que estou disposta a ficar no lugar dela, mas não vem dizer que a sua vida é menos importante que a dela, Nita. Não vem com essa retórica pra cima de mim, eu também não aceito!

Esprei que tomasse fôlego, para depois dizer:

— Ela é uma menina, Marcela. Não tem como se defender das garras daquele demônio. Posso lutar contra eles, tenho chances, ela não. — Virou a cara, quase que em desespero. Parecia ter se dado conta que eu tinha razão. Meneou a cabeça, resistindo, repelindo a ideia. — Sabe que estou certa. — Falei. — Sabe que tenho razão.

Recostei nela, por trás, acariciando seus braços com delicadeza, tentando tranquiliza-la, convencê-la. Virou-se para mim; os olhos já marejando, me encarando sem pestanejar.

— Você tem que me prometer que não vai acontecer nada com você! Está me ouvindo? Tem que me prometer, Nita. — E me abraçou forte, aconchegando o rosto no meu peito. Ficamos assim. Afaguei seus cabelos, devagar. Depois desgrudamos e espalmei as mãos em seu rosto, limpando as lágrimas com os polegares.

— Precisa ser forte, vida. Só mais essa vez.

— Não sei se consigo. Não sem você.

— Mas é claro que consegue. Acha mesmo que vai se livrar tão fácil de mim? Não vai não dona Marcela.

— Você é que não vai se livrar *nunca* de mim.

Tive vontade de xingar. Porra! Eu odiava vê-la assim; me vi melindrada, tensa por dentro. E tudo piorava, se tornava mais denso ao ver Marcela tão frágil, sem conseguir controlar suas emoções. A responsabilidade cresceu, e o medo ganhou espaço.

— Amo você. Não vou desistir. Não vou recuar.



— Fala como se estivesse indo para uma guerra medieval, onde as pessoas lutavam com escudos e espadas. — Foi Lucas quem falou.

Estava demorando! Ele estava recostado no capô do carro, com os braços e pernas cruzadas, explanando uma serenidade que, diante do que estava acontecendo, podia-se considerar anormal.

— Devo considerar isso uma piada? — Perguntei intimista, por cima do ombro.

— Quem poderia fazer piada em um momento desses?

— Você! — Felipe se adiantou; Torci pela primeira vez que que Lucas conseguisse distraí-lo com suas bobagens. Mas ao invés disso, começaram a conversar amigavelmente. Ouvi até um pedido de desculpa de Felipe para o amigo.

Quase pasmei.

Deixei os dois de lado e voltei-me para Marcela.

Ainda estava tensa, não tirava os olhos de mim, não desviava, não queria saber de mais nada. Eu poderia ficar horas olhando-a com adoração. Às vezes, até em momentos críticos, a cor vívida das suas írises conseguia me prender, me calar para apenas olhá-la, apreciá-la.

— Tem que ter outro jeito. Não pode ir até aquela mulher, se entregar, sabendo que ela se alimenta do ódio que sente por você. Por favor meu amor, não vá.

— O que sugere? — Perguntei quase desistindo também, só de pensar que nunca mais fosse vê-la, estar com ela.

Ela desviou os olhos para meu peito, pensando rápido. Mas pareceu não ter chegado a nenhuma ideia.

— Não sei. Talvez chamar a polícia.

— Não. — Felipe se manifestou, receoso. — Pode ser perigoso, se ela descobrir pod...

— Já entendi, já entendi. — Marcela se angustiou. — Vamos pensar todo mundo junto. — Caminhou para aproximar-se de Lucas, mas acabou recuando para o mesmo lugar, quando a vibração e o toque, agudo, do celular cantou.

Era Renata Falcão mais uma vez.

## 55 CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO.

MARCELA.

**O toque alto**, no bolso de Nita, me fez girar nos calcanhares e voltar para perto dela. Ela encarou um a um, e anuiu, como a dizer que estava preparada.

Só de pensar na ideia de que ela iria se entregar, se sujeitar às insanidades daquela mulher, me enchi de mais medo ainda. O fato de eu não poder fazer nada, me deixou enraivecida, inconformada. Tentei não me deixar enfraquecer, me encher de esperança e não me deixar levar pelo pessimismo, mas quando minha mente recordava daquele ser, surrando Nita, cheia de ódio, era difícil não pensar que poderia acontecer o pior.

Desejei arrancar o celular de suas mãos, alimentada por um impulso que estava cada vez mais difícil de segurar. No entanto, a ideia não saiu do pensamento. Ela atendeu a chamada, firme, sem vacilar na própria voz.

Os meninos se aproximaram mais, atentos. Ficamos em silêncio, ouvindo Nita falar.

— Já disse, ela não vai porra!

Quase gritei a contrariando. Pois sabia que falava de mim.

*Eu vou! Eu quero ir, caramba.* — Ameacei falar.

Mas fiquei quieta, embora minha vontade fosse implorar para que Nita não fosse. Eu daria um jeito de me safar, estando nas mãos da tal Renata. Talvez seduzi-la, distraí-la com meu falso interesse. Não era difícil fazer isso.

Meu cérebro trabalhava a mil por hora, conjecturando, tecendo ideias, alguma solução para resolver a situação. Eu estava aflita, preocupada com Lena, sozinha, a mercê de uma mulher odiosa e maléfica. Mas também desesperada por saber que logo, logo Nita estaria nas mãos dela também.

A troca não aliviaria nossa preocupação. Mesmo que Lena voltasse para a gente, a ida de Nita traria preocupações maiores, e que me afetaria muito.

Enquanto ela discutia ao telefone, tratei de raciocinar, achar uma luz no fim do túnel.

Lucas se aproximou; dividia a atenção entre o que dizia Nita e em mim.

— Temos que impedir que ela fique no lugar de Lena. Não podemos deixar que faça essa loucura.

— Tem alguma ideia? — Perguntei agoniada, vendo em Lucas um aliado.

— Sempre tenho. — Envaideceu-se, checando os lados.

— Fala. Fala logo, estamos sem tempo.

Passou os dedos pelas laterais dos cabelos; seu olhar indo de Felipe para Nita.

— É a ideia mais óbvia. Temos que chamar a polícia.

— O quê? Mas iss...

— A polícia não é tão idiota, Marcela. Não são principiantes; se a gente explicar, falar tudo o que está acontecendo, vão proteger Lena. Fazer com que fique bem. Vai por mim. É a única chance que temos.

Era loucura. Não dava para confiar, depositar toda fé. Existiam policiais corruptos. Renata, ao que aparentava, estava prevenida com uma gangue. E não dava para vacilar, pisar em falso. Passei as mãos no rosto, o peito apertando cada vez mais.

Cheguei mais em Lucas quase sussurrando:

— Já tem tudo em mente? Já sabe o que vamos falar na delegacia?

— Você não, eu. Vou sozinho. Para Nita não suspeitar.

— Mas não...

— Shh. — Sussurrou. — Deixa comigo. Só me dá cobertura.

Ele se distanciou, caminhando, sorrateiramente. Felipe estava praticamente dependurado na orelha de Nita que, ao que parecia, tentava entrar em um acordo com Renatão.

Quando desligou o celular, ela xingou alto, muito alterada. Arrisquei perguntar:

— E aí? — Ela me encarou estudando meu nervosismo também. E percebi que se esforçou para manter a calma:

— Nada resolvido.

— Mas como? Parecia que el...

— Ela quer trocar a Lena pela Marcela, Cara! — Cortou a reclamação de Felipe.— Mas não cedi. E pretendo não ceder.

— Mas que merda! — O próprio Felipe se exaltou dando um chute no capô do carro.

Nita moveu-se do lugar; estava penalizada por ele.

— Acho que se for parar pra pensar, você tem razão, Felipe. A culpa de tudo isso é minha.

Felipe ergueu a cabeça do vão dos braços, apoiados na parte superior do carro, e mirou em Nita.

— A essa altura vai querer me convencer de que eu não estava sendo um babaca, te culpando por tudo? Sério isso?

Nita me olhou por cima do ombro.

Foi então que me veio a ideia mais louca e absurda.

Segurei em seu braço, trazendo-a para mim.

— O que ela disse exatamente?

— A filha da puta vai ligar daqui a meia hora novamente. Disse que se eu não resolvesse trocar você pela Lena, a mataria e mandaria... — vacilou. — Os miolos numa bandeja.

Fiquei horrorizada. Felipe ficou engessado no lugar.

— E se fôssemos juntas, eu e você?

Nita encarou-me como se não tivesse entendido muito bem, ou simplesmente ainda estivesse processando a ideia.

Felipe se aproximou, curioso, querendo saber mais. Olhei de um para o outro, e me esforcei para explicar de forma que entendessem bem e não precisassem perguntar novamente.

— Acho que ela não vai recusar se Lena for trocada por nós duas. Já que não quer me deixar ir sozinha, vamos as duas. Você e eu. Uma protegendo a outra. O que me diz?

Nita balançou a cabeça em negação, mas ficou evidente que minha ideia trabalhava em sua mente. Não tínhamos mais tempo para pensar, bolar um plano, uma boa estratégia. Estava todo mundo nervoso, com a cabeça cheia, borrando.

Ela trocava passos entre Felipe e eu, estudando, analisando o que eu dissera.

Agoniado, Felipe mirava fixo em Nita.

Ela continuava pensando. A cabeça parecia fritar. Era como se estivesse diante de duas portas fechadas e estivesse em dúvidas

sobre qual empurrar para entrar.

Perguntei-me se realmente não estava sentindo a ausência de Lucas. Busquei-o às minhas costas e nem sinal dele. Não comentei nada. Mas Nita, com certeza, já havia notado.

Depois de avaliar, pensar, desviar o olhar, resistir um pouco mais, chegou em mim e me abraçou, beijando o topo da minha cabeça. Foi um alívio. Pois aquele gesto dizia que, assustadoramente, eu estaria ao seu lado, nas mãos daquela mulher inescrupulosa.

Desgarrou-se e tratou logo de sustentar seu olhar no meu. Com carinho, seus dedos deslizavam pela minha pele ainda inchada por causa do choro. Seus olhos umedeceram e percebi que lutava para que lágrimas não se acumulassem.

— Vai dar tudo certo.

Foi a única coisa que consegui murmurar diante de toda aquela tensão.

— Vai sim, dar tudo certo. — Felipe também apostou alto.

Havia incerteza na voz dele. Mas era bonito vê-lo tentando ser maduro sem dar vexame. Era notória sua preocupação, o terror do medo que sombreava seu olhar, mas ainda assim, decidira ser resiliente.

— Claro que vai. — Reforcei uma vez mais; só que, por algum motivo, me senti mais segura para afirmar de novo.

— Tem que dar tudo certo! — Nita exclamou, enfática.— Porque não estou disposta a perder nenhum de vocês. — Fitou o meu rosto e o de Felipe, e quando não encontrou o de Lucas, voltou a me encarar com um olhar sondador.

Passei a mão na nuca, denunciando minha culpa:

— Ouvi ele reclamar de estar apertado. Acho que foi se aliviar em algum canto.

Ela demorou os olhos nos meus, e desconfiei que não tivesse acreditado em uma só palavra.

— A verdade, Marcela. A essas alturas, não dá pra ter surpresinhas.

Meu olhar vacilou, se desviando culposamente, e ela teve certeza.

— Mas que merda! Onde ele está?

— Na delegacia.

— O quê? Como pôde ter decidido sem me consultar?

— Eu estava desesperada! — Gritei. — Não queria que fosse sozinha sem que tivesse algum respaldo por trás.

Nita deu as costas; a mão se erguendo para pentear os cabelos curtos.

— Precisamos ir atrás dele, impedir que abra a boca.

— Tudo bem. Vamos. — Não recusei.

Apertamos os passos sem perder tempo. Entramos no carro e partimos.

Torci para que Lucas ainda não tivesse chegado à delegacia. Dirigi depressa, muito concentrada, agradecida pelo trânsito não estar o caos de quase todos os dias.

Quando chegamos ao 13º distrito policial, Lucas já atravessava a porta que levava para dentro. Nita praticamente pulou do carro quando o Fiat ainda estava em movimento.

Assustada, quase soltei um palavrão por sua imprudência. Mas me atentei em estacionar o veículo direito e me apressar também. Cheguei por último, ouvindo Nita declarar.

— Nada seu delegado. Ele não veio fazer nada.

Ela estava esbaforida, tentando recuperar o fôlego enquanto olhava para Lucas; que àquela altura já havia entendido que era para recuar.

De pé, o delegado avaliou cada um. Seu olhar desconfiado em minha direção, parada quase na soleira da porta, me fez retesar, prender a respiração. Depois voltou-se para Lucas e Nita; a cara cismada que ele não fez questão de esconder, deixou a sala quieta, cheia de suspense e tensão.

Ao final, sem questionar absolutamente nada, o homem, de quase 50 anos, assentiu e sentou-se na cadeira couraçada. Sério, olhou mais uma vez para cada um, antes de dispensar todos dali. Um policial que estava de guarda, dentro da sala, ensaiou algum comentário de protesto, mas o delegado espalmou a mão na direção do agente, mandando-o se calar.

Nita, Lucas e eu trocamos olhares desconfiados também, mas não dissemos nada. Fomos liberados e saímos juntos dali.

Quando atravessamos a porta de saída, ainda olhei uma última vez para trás. Nita também fez o mesmo. Comentou discretamente,

próximo a minha nuca, após vermos o delegado cochichando ao pé do ouvido de um dos policiais.

— Você está pensando o mesmo que eu?

— Sim. Acho que sim. — Observei que no canto da sua boca havia um sorriso discreto.

Não havia como prever se as próximas horas seriam de glória ou de lágrimas. Mas apertei firme sua mão. Não importava onde eu estaria, contanto que eu estivesse ao seu lado.

E quando entramos no carro, o celular tocou.

## 56 CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

NITA.

**Atendi a chamada** na mesma hora.

— *Gosto de pessoas que atendem no primeiro toque. Vejo que já tomou uma decisão, Lakshmi.*

Pude imaginar um sorriso mordaz tracejar a boca de Renata. Fui sucinta e fria na resposta.

— Já.

— *Muito bem.*

— Escuta, sua doente — minha voz alteou, quase furiosa. — Marcela vai trocar de lugar com Lena.

Escutei um riso de vitória atravessar a linha e chegando aos meus ouvidos. acrescentei:

— Mas irei junto.

Esperei alguma reação, e ela só veio muitos segundos depois.

— *Aceito.*

Percebi algo a mais em sua voz; um tom diferente, quase de alegria genuína, felicidade.

— Vamos fazer a trocar hoje mesmo!

Mas ela não cedeu à minha exigência.

— *Amanhã à noite.*

Ainda abri a boca para negar, reclamar, mas a filha da puta desligou na minha cara.

— Vaca!

Marcela pousou a mão na minha coxa; um gesto para me tranquilizar. Lucas e Felipe perguntaram em uma só voz.

— Como foi?

Falei, expliquei enquanto Marcela dirigia. Fomos para a praia, esperar o outro dia chegar.

O dia passou arrastado. O sol apareceu quase no final da tarde, pondo-se no horizonte bem além do mar.

Não havia praticamente ninguém na praia. Estranhei que a maioria dos quiosques estivessem fechados. O cenário colorido, de



verão, estava pálido, sem cor. Parecia que, ao invés de uma noite, qualquer, de muita chuva, houvesse ocorrido um temporal histórico. O mar parecia mais cheio e, ao mesmo tempo, inquieto, soprando uma névoa densa acima das ondas.

O vento batia forte, frio, e em cada lufada de ar, eu me recolhia, apertando Marcela contra meu corpo. Lucas e Felipe não quiseram descer, ficaram por ali mesmo, no calçadão. Um estava muito desanimado e o outro preocupado, chateado. Quase não interagiam entre si, tendo que suportar a expectativa da espera, assim como todo mundo.

— Não precisa ficar aqui.

— Não começa.

— Tudo bem. — Falei. — Mas acho que precisa resolver seu problema financeiro com o calhorda do seu marido.

— Ele não é o meu marido.

Desviei o olhar do mar para ela; seus olhos fitos nos meus.

— É. Ainda é.

— Somente no papel. Que Droga. Eu sou tua mulher. Só tua.

Marcela enfiou a mão na minha nuca e me beijou com ímpeto, como a provar cada uma de suas palavras. As últimas horas impediram que tivéssemos um momento de intimidade. O sabor do seu beijo, a calidez da sua língua macia, foi enchendo-me de arrepios, me relaxando, dando o que eu precisava.

Meus músculos foram se libertando de uma tensão e se enchendo de outra. Sentia que Marcela estava preparada para fazer aquele sexo que eu sempre esperei e desejei. Suas pegadas, o beijo quente e gostoso, e sua respiração desejosa, diziam que ela estava mais que pronta.

— Está com vontade?

— Muita. — Falei logo em seguida, voltando a beijar sua boca com sofreguidão.

Estávamos precisando de um momento bom, a sós. Não pensei em mais nada, apenas me entreguei, me embebedei daquele momento, do calor que Marcela provocava com sua entrega e sua paixão.

Sussurrou um gemido quando minha mão rumou para dentro de sua blusa e se espalhou sobre o seio durinho, aliciando o bico

entumecido. O coração de Marcela retumbou elétrico, a pele do seu pescoço, e todo o resto que descia para baixo, estava arrepiada.

— Meu Deus... eu seria capaz de gozar por dentro das calças só com você me tocando, me beijando assim, meu amor.

— Não, não goza. — Parei o movimento, encostando minha testa na testa dela. — Se gozar vai ser um desperdício. Quero poder te chupar, te lamber, engolir seu gozo e depois te beijar para você sentir o próprio gosto e nunca esquecer o quanto é gostosa.

Ela se afastou um pouco, olhando-me cheia de desejo, amor, paixão pura. Deu-me outro beijo, um mais intenso. Primeiro começou devagar, seducendo, para depois me devorar.

— Calma. — Tive que afastá-la quando percebi que Lucas e Felipe se aproximavam. — A dupla de intrometidos está vindo.

Marcela rosou entredentes e acabei rindo de leve.

— Por que eles fazem isso?

— Odeio esses dois. Odeio! — Falei brincando e Marcela sorriu, dando-me mais um beijo antes que encostassem.

— A gente agradece por nenhuma de vocês terem pau. Iria ficar muito constrangedor ter que desviar o olhar para não ver o volume no meio das pernas.

— Qual é o problema de vocês? — Marcela perguntou para Lucas, em especial.

Levantou-se limpando-se da areia molhada e grudenta. Notei um leve rubor em seu rosto, o que me deu vontade de rir.

— Falei que era para esperar lá em cima. — Felipe, ao que parecia estava ali a contragosto. — Mas vocês já conhecem o Lucas. Ele é um chato de galochas. — Estava sério, sem gracejos, sem ânimo algum.

— Tudo bem, gente. — Levantei, observando Felipe se afastar para a borda do mar. Olhou em volta, e seu olhar se deteve onde Lena esteve pela última vez na praia.

Assistimos ele se mover até o lugar e se agachar. Lena adorava fazer estátuas de areia, era o que mais gostava quando íamos à praia, além de mergulhar no mar. Felipe desenhava algo no chão, que, à distância, parecia ser um coração.

Ficamos quietos, observando-o, em silêncio; o mar bramava alto, em toda a sua imponência.

## MARCELA.

Era estranho olhar para a casa onde vivi por mais de dois anos e não me sentir à vontade para entrar. Perguntei-me se era por medo de Estéfán provavelmente estar lá dentro. Mas não. Não era.

Senti-me como se, de repente, estivesse desfamiliarizada com tudo ali dentro. Salvo por dona Rebeca. Olhei para a janela do quarto, ainda de dentro do carro, resistindo para sair. O desconforto me abraçou e tudo o que eu queria era ir embora dali. Mas duas coisas me detiveram: lembrar o quanto Nita fora insistente para que eu resolvesse minhas pendências, e a saudade de dona Rebeca.

Respirei fundo; as mãos firmes, grudadas no volante.

Lá do alto, a cortina na janela balançava com o ressoar do vento, empurrando-a para trás. Uma parte estava desarranjada, caída para o lado. Perguntei-me se Estéfán teria levado alguém para quarto que fora nosso por tantos anos.

Aquilo, de toda forma, não me abalou, não me incomodou.

Deixei os pensamentos de lado e entrei de uma vez. A porta principal estava recostada, como na maioria das vezes. Esperei ver dona Rebeca sentada no sofá, lendo alguma revista de moda diante da televisão ligada, mas ela não estava ali. Havia um silêncio estranho, como se aquele lugar tivesse sido abandonado a tempos, e não houvesse nada ali além de móveis cheios de poeiras e teias de aranha.

Mas foi apenas uma falsa impressão. Pois tudo estava limpo, brilhando, como sempre. Resvalei o dedo pelo rick da tevê e, ao que parecia, havia acabado de ser lustrado. Até a atmosfera do ambiente já não era mais familiar. Em poucos dias fora dali, me senti como uma intrusa, uma visitante mal educada que entrara sem ser convidada.

Subi a escada, devagar; os olhos por cima do ombro, insistindo no piso inferior.

Talvez fosse besteira me sentir mal, deixar que sensações tolas me abraçassem. Mesmo que eu não morasse mais na casa, ali foi meu lar, minha morada por muito tempo.

Espantei de vez a atração ruim que me revolia por dentro e avancei para o corredor que levava aos dois únicos quartos do piso.

Ouvi sons, vozes diferentes. Parei e, por um momento, cheguei a pensar que dona Rebeca estivesse assistindo algum filme pornô.

Colei o rosto na porta, me recusando a acreditar que aquele volume vinha do quarto dela.

A tevê estava ligada, alta, como sempre gostava de assistir, mas os gemidos e gritos não vinham dali. Avancei mais um pouco e abri a próxima porta com uma velocidade violenta.

Deparei com uma cena sexual típica de filmes pornográficos. Estéfan estava atravessado na cama, transando com duas prostitutas. Uma morena cavalgava em cima dele, de costas, e a outra gemia alto, esfregando-se em sua cara.

— Fora daqui as duas! — Falei alto, fechando a porta, com força, às minhas costas.

As belas mulheres pularam, quase caindo da cama, movidas mais pelo susto do que pela minha presença. Estéfan também se apressou em esconder a parte íntima, dura, e aproximou-se muito irritado.

— O que você está fazendo aqui, Marcela? — A fúria vulcânica em seu olhar não me intimidou. Caminhei para o centro do quarto, tomando mais espaço, impondo minha presença. Olhei para as duas lindas mulheres; uma loira e outra morena, cabelos lisos escorridos. Corpos belíssimos, estonteantes. Olhavam-me sem medo, no entanto, curiosas.

— O que estão esperando? Vão embora! Quero conversar com esse verme.

Saí catando peças de roupas espalhadas pelo carpete e arremessei na direção delas. Depois de estarem "vestidas", encararam Estéfan que logo abriu a carteira e jogou no chão duas notas de 100.

— Vazem, vadias.

Saíram, uma seguida da outra, em saltos altíssimos e vestes minúsculas, que cobriam o mínimo.

— O que você quer aqui, porra? Já não fodeu com minha vida o suficiente me trocando por outra vadia? — Chegou perto, querendo mais uma vez me intimidar, me acuar.

Descruzei o braço e falei alto também, mostrando que eu tinha voz e vez.

— Vim para exigir que desbloqueie meus cartões. O que pretende, Estéfan?

Um sorriso escarnecedor contraiu os lábios fino dele.

— Está aqui por dinheiro! — Abriu os braços, se afastando; o riso se transmutando em fúria e despeito. — Você não é diferente das duas cachorras que acabaram de sair daqui. É igualzinha a elas.

— Está desperdiçando seu latim se acha que me ofende comparando-me às suas prostitutas.

— O que quer, sua cadela? — Avançou novamente, dessa vez mais agressivo. Fiquei em alerta, precavida. Querendo ou não, eu estava em desvantagem, sozinha, no quarto com ele.

— Já disse. Desbloqueia meus cartões e te deixo em paz. Poderá trazer um prostíbulo inteiro se quiser para esse quarto. Eu não me importo.

Pareceu se irritar com minhas palavras e veio pra cima, trincando os dentes, fincando os dedos no meu pescoço.

— Se acha melhor do que aquelas vadias, não é? — Me prendeu contra a parede, forçando meu rosto com dureza.— Pois saiba que você não chega nem aos pés de nenhuma delas, meu amor. Aliás, você é péssima na cama, eu te fodia pensando nelas, nas orgias. Eu gozava imaginando estar comendo uma delas.

Enojada, ergui as mãos entre o vão que ficou entre a gente, e o empurrei para longe.

— Babaca! Seu cretino!

Furioso, ele fez mais uma tentativa, vindo para cima, mas rolei para o outro lado da cama me armando com um abajur.

Ele riu.

— Vai ter que me recompensar por ter estragado minha noite, querida esposinha. — Cedeu dois passos, aproximando-se, diminuindo a distância. — Era isso que queria, não é? Ficou louca de ciúmes quando viu as vadias em cima de mim, confessa?

Percebi que tinha sido ignorância a minha ida ali. Obviamente eu não conseguiria nada, além de mais estresse e aversão.

Atravessei a cama novamente e quando ele também tentou, se jogando para me alcançar, lancei o abajur aceso contra seu corpo nu; corri em direção à porta, sumindo dali.

— Que idiota eu fui!

*Droga Marcela!*

*O que pensou? Que ele iria facilitar pra você?* — A mente zombou.

Desci o último degrau; não me dei ao trabalho de olhar para trás. Só lamentei não ter falado com dona Rebeca. Mataria a saudade outra hora.

Coloquei o carro para correr dali, às pressas. E mais uma vez, Estéfan havia ganhado uma batalha.

Droga. O que iria fazer sem dinheiro? Não tinha nada, nem um centavo.

Parei um pouco, em um lugar qualquer, e recostei a testa no volante; acabada, exausta.

Mirei no marcador de combustível; deduzi que não daria para chegar até Nita e os meninos.

— Droga! Droga! Droga!

Bufei, soprando os cachos para longe.

— Maldito Estéfan!

Joguei as costas contra o assento; o pescoço pendendo para o lado. Estreitei a vista ao notar uma placa grande, em forma de faixa, estirada de um canto a outro.

*“Compra-se veículos para retirada de peças”*

## 57 CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

NITA.

**Marcela estava** demorando demais.

Agitada, comecei a trocar passos de um lado para o outro. Minha cabeça parecia tic tac de relógio, girava sem pausa, pensando se poderia ter acontecido algo com minha ruiva.

Tentei ligar para o seu celular incontáveis vezes, mas as chamadas se perdiam na caixa de mensagem. A ideia de que, talvez, houvesse esquecido o celular no carro enquanto estava na casa, conversando com o imbecil do ex marido, não aliviava minha aflição.

Irritada, comecei a me culpar por ter pedido que procurasse o calhorda e exigisse seus direitos. Não queria que ficasse pendente o tempo todo do caso de Lena, querendo ou não — gostando ou não — ela tinha que resolver seus próprios problemas.

Voltei a questionar do porquê tanta demora.

Estaria conversando com Rebeca? Não havia dúvidas de que as duas se queriam e se gostavam muito.

Tentando manter a calma, me resignei àquela ideia. Era a mais próxima da realidade, pois eu duvidava que o avarento de Estéfan aliviasse as coisas para Marcela. A intenção dele era basicamente ferrar com ela, se vingar. Foi insensatez, e estupidez da minha parte, ter insistido para que fosse procurar aquele verme.

Sem saída, sentei debaixo da arborização, juntando-me a Felipe e Lucas. Os dois escoravam-se no caule de uma arborização pública, um de frente para as ruas e o outro mirando além do mar escuro. Sentei entre os dois, recostando-me também. Aquietando.

— Como consegue ficar tão calmo? — Resolvi falar, interagir, ou ficaria louca.

— Não adianta se desesperar. — Lucas respondeu; seu olhar se estendendo para uma boa parte da vista urbana.

Ele estava certo. Não adiantava ceder tanto ao desespero. Sempre tive o controle das minhas emoções, especialmente depois que comecei a peregrinar pelas ruas em busca de vingança. Mas,

ao que parecia, eu não era tão boa em esconder, ocultar minhas debilidades emocionais.

— E você? — Olhei por cima do ombro, Felipe nem se movera. — Como está se sentindo?

— Sempre gostei dela.— Ele enveredou para o assunto, sem que ninguém esperasse. — Desde que *vi ela*, sozinha, escondida atrás de um camburão velho, após ter roubado meio saco de frutas. Estava cansada, parecia que tinha corrido uma maratona.

Interessada, me encostei relando o ombro nele, querendo saber mais. Ele continuou:

— Estava assustada, parecia que iria morrer. Não de fome, mas por ter ficado quase sem fôlego, de tanto correr.

Sua voz era baixa, um misto de nostalgia e algo a mais reprimido. Lucas veio mais para perto, interessado também. Escutamos em silêncio. Apenas o barulho de veículos atrapalhava.

— Quando vi Lena toda suja, cabelo duro e fedido, e o sujeito escondendo a cor do seu rosto, tive vontade de proteger ela com a minha vida. — Deu-se uma pausa, estava muito emocionado, sua voz o traía. — Depois do episódio do saco de frutas roubado, começamos a andar juntos. No início parecia um animalzinho assustado. Conquistei sua confiança e, quando conhecemos Lucas, já éramos amigos. Muito amigos.

Mirei de soslaio, Lucas se pronunciou.

— Pensei que fossem irmãos. — Felipe não comentou, manteve o silêncio. — Algumas vezes cheguei a desconfiar que gostasse dela, assim, desse jeito. Mas sei lá, cara, você nunca demonstrou muita coisa, sempre ficava na mesma. Então acabei chegando a conclusão de que era malícia da minha cabeça. E, em nenhuma das vezes que voltei a perguntar se eram irmãos, vocês negaram. Pelo contrário, deram a entender que sim. Deixei pra lá.

— Quando descobriu que gostava dela? — Perguntei a Felipe, achando tudo muito fofo. Puro.

— Foi amor à primeira vista. Pode parecer coisa de contos de fadas, mas gostei de Lena desde que *vi ela* naquele dia, roubando para comer.

— Amor bandido.— Lucas disparou; quase dei-lhe uma cotovelada, mas Felipe pareceu não ter dado importância à burla



fora de hora.

— A única coisa que eu quero, é poder ver Lena de novo e dizer tudo isso a ela.

— Você vai dizer. — Fui firme, convincente, segurando seu antebraço.— Eu prometo para você, Felipe. Prometo!

Ouvi-lo daquela forma, emocionada e genuína, foi bom. Suas palavras me encheram de resistência e mais coragem.

Nos minutos seguintes, enquanto Marcela não voltava, aproveitei para meditar. Depois fiz exercício de pernas e flexões de braços para fortalecer os músculos. Precisava me preparar de alguma forma. Eu não era mais a atleta ativa. A surra que Renatão me dera foi uma prova disso. Aderir a exercícios alternativos, foi também uma boa tática para tentar esvaziar a mente, espantar os maus pensamentos, a preocupação com Lena. O fato de Marcela ainda não ter chegado, não queria dizer que tivesse acontecido algo ruim. Pelo menos foi nisso que resolvi apostar.

Fiz exercícios de equilíbrio, resistência, e intensas séries de polichinelos até a exaustão, até a falha. Ao final, precisei ingerir líquidos, beber bastante água. Mas não tinha. Meu estômago começou a reclamar também, pois não lembrei de ter comido o dia todo. Nas últimas horas, não havia sobrado espaço para a fome, estávamos bastantes debilitados emocionalmente, sem apetite. Já não havia mais dinheiro, o que sobrara, tivemos que encher o tanque do carro de Marcela.

Com a boca completamente seca, e o coração elétrico, voltei a sentar no mesmo lugar, entre Lucas e Felipe.

Lucas me sondou, como a avaliar se não iria ter uma síncope.

— Você exagerou.

— Temos uma batalha amanhã. — Respondi.

— Não vamos ter se morrer agora.

Silenciei por um instante. Depois continuei.

— Não tentariam resgatar Lena? Mesmo sem mim?

— Talvez pedíssemos ajuda ao meu pai e, como recompensa, eu entregaria minha alma para ele.

Eu ia responder, mas Felipe tomou a vez:

— Fala por você. Eu nunca iria me juntar a um fora da lei.

— Ele seria nossa única chance. — Lucas protestou, mantendo o mesmo tom de voz.

— Nossa única chance seria a polícia. — Felipe replicou.

— A polí...

— Okay! Já chega. — Interrompi o duelo verbal.

Calaram-se.

Embora não tivessem discutido seriamente, e que a implicância fora um reflexo das horas exaustivas, eu não estava a fim de presenciar qualquer discussão.

— Voc...

Minha voz minguou e meu olhar se estreitou cismado, quando um taxi parou bem na nossa frente, a poucos metros.

Pensei em levantar para reagir, caso fosse preciso, mas relaxei quando vi Marcela saltando do carro com pressa.

Levantei intrigada, sobretudo, aliviada. Ela estava bem, inteira.

Olhando de um lado para o outro, ela correu apressada em nossa direção; as mãos firmes na bolsa contra o peito. O táxi continuava parado no mesmo lugar.

— Vamos. — Ela demandou.

— Mas o que es...

— No caminho eu explico, vamos!

Felipe e Lucas levantaram e obedeceram sem titubear. Ainda tentei argumentar, pedir explicações, mas acabei obedecendo também.

— Cadê o seu carro? — Indaguei, quando já estávamos dentro do táxi, tomando distância da praia.

— Quando chegarmos ao hotel explico tudo. — Virou-se parcialmente, olhando para trás.

*Hotel?*

Óbvio. Marcela havia vendido o carro, ou algo semelhante.

Paramos e descemos, direcionando para a entrada do hotel; dei pouca atenção aos detalhes, intrigada, querendo explicações.

— Aqui. — Ela voltava da recepção, erguendo uma chave no ar para Lucas e Felipe. — Vocês vão dormir em um quarto, Nita e eu dormiremos em outro. A semana está paga. Ficaremos hospedados por sete dias, depois veremos.

Felipe pegou a chave e deu de ombros, como se explicações não lhe interessassem.

— Vai dizer finalmente o que houve? Como viemos parar aqui?

— Vou. Mas lá em cima.

Pegou pela minha mão e saiu me levando em direção do elevador. Já no corredor, em frente aos quartos, Marcela confirmou o que eu já suspeitava. Disse que havia vendido o carro para uma oficina clandestina.

— Vou para o quarto, estou cansado. — Felipe enunciou.

— Não vai entrar com a gente? Saber os detalhes?

Cabisbaixo, ele respondera que não. Deu as costas e rodou a maçaneta. Entrou e fechou a porta

— Também vou entrar. Vou ver como posso animar esse cara.

— Quer dizer *irritar*. — Corrigi. Lucas ergueu a sobrancelha grossa, dando de ombros. Antes de atravessar para o lado de dentro do quarto, ainda disse.

— Amanhã vou querer saber de tudo. Sobre a noite de núpcias. — E adentrou, com um riso burlesco no canto da boca.

— Não seria melhor levar ele para trocar pela Lena?

Marcela negou com a cabeça, exprimindo um ar risonho.

Entramos e nos acomodamos no aposento confortável e Clean. Agora, mais relaxada, dei atenção aos detalhes. Acabei me distraíndo um pouco, verificando tudo. O espaço, o aroma, a cama larga que rogava um convite irrecusável. E, ao mirar na direção do banheiro, procurando por Marcela, ela estava parada, seminua, me olhando de forma insinuante e provocante.

— Não vai ficar chateada se eu tomar um banho antes? Quero ficar relaxada para *conversar* com você.

Sorri de leve.

Meu corpo reagiu aceso, e um calor escaldante subiu por minha pele.

Céus!

Marcela estava igual uma gata selvagem. Os cachos ruivos e avolumados contornavam seu rosto; alguns caracóis cobrindo os seios, deixando-a ainda mais sedutora e atraente.

Tirei a roupa, ficando apenas de calcinha. A blusa que eu usava era confortável, dispensava sutiã.

Observei quando seu corpo se contraiu e o peito subiu ao me ver quase nua.

Cheguei perto; uma mão apossou-se da sua cintura e a outra cravou em suas costas. Senti ela amolecer.

— Estou esperando.

— O quê? — Marcela perguntou, ofegante.

— Você me convidar para tomar banho. — Falei, mal conseguindo me conter, desejando fazer com ela tudo o que eu tinha vontade debaixo do chuveiro.

— Vem. — Puxou-me pela mão em um sorriso maroto.— Preciso mesmo de alguém para ensaboar minhas costas. Devem estar bem sujas.

Sorri outra vez.

E então entrei, levada por ela, sabendo que a última coisa que eu faria, dentro daquele banheiro, seria lavar suas costas.

## 58 CAPITULO CINQUENTA E OITO

MARCELA.

**Liguei o chuveiro** e a água desceu quente e refrescante, resvalando pelo corpo todo. Apartei os lábios e inclinei o rosto para cima, recebendo a sensação boa de alívio que escorria pela minha pele, limpando, levando o suor e a sujeira impregnada. Mas não foi precisamente a sensação relaxante da água que fez eu me sentir bem, maravilhada. O olhar ardente de Nita, escorrendo pelas minhas curvas molhadas, fez com que eu me sentisse a primeira maravilha do mundo.

Eu apreciava seu olhar louco de desejo. Sentia-me bem amada, desejada, toda dela.

Peguei um frasco pequeno de sabonete líquido e jorrei na mão, meus olhos desviaram-se, para logo estarem fixos nos dela novamente.

A volúpia espiralava na atmosfera do boxe. Comecei a passar o líquido cheiroso pelas curvas dos seios, provocando-a. Perguntei-me quanto tempo mais ela aguentaria parada, se segurando, como se testasse sua própria capacidade de resistência ao me ver ali, tão vulnerável ao prazer, pronta para ser toda dela.

Minha dúvida não se prorrogou. Ao fazer menção de arriar a calcinha, ela interrompeu-me, erguendo um dedo para o alto. Seu pedido me paralisou, e eu já fazia ideia de tudo o que faria comigo.

Pendi a cabeça para trás, inebriada e latejante, quando suas mãos tocaram na minha pele molhada. O tesão percorreu-me toda, comichando na carne, deixando-me bamba, mole, sem conseguir lutar contra o desejo que já me consumia.

A água que descia, cúmplice e testemunha, não poderia apagar o fogo que Nita incendiava em cada lambida, cada chupada, cada toque e resvalar de suas mãos e boca.

Seus lábios desceram pelo meu abdômen deixando uma trilha de beijos molhados. Arqueei, muito excitada.

Ela abaixou minha calcinha, bem devagar. Encarou o brilho nos meus olhos, quando se deparou com meu sexo. Nita subiu novamente e deu-me um beijo estremeecedor, feroz, quase me engolindo viva. Encurralou-me contra a parede lisa; sua voz desejosa ordenando:

— Abre.

Abri as pernas e ela se agachou novamente.

— Aahh... — Miei, num gemido trêmulo, antes de sentir a ponta da língua penetrando minha fenda.

Agarrou-me pelas coxas e aprofundou mais os movimentos na carne excitada, explorando as dobras macias.

Rebolei devagar, sentindo minha vulva pegando fogo. Senti que não tardaria a chegar ao orgasmo inevitável.

Ondulei os quadris, mais acesa, deslizando, indo e vindo, esfregando-me em sua boca. Sua língua, lábios e dedos não paravam, dando-me prazer. E então o gozo veio. Alucinante. Explodindo tudo.

Nita se ergueu, me aparando da languidez, beijando-me, engolindo meus arquejos. Sua mão continuou no meu sexo, massageando, relando o dedo com delicadeza, brincando com a lubrificação misturada à umidade da água.

Puxou-me para debaixo do chuveiro, me rodopiando, mordiscando meu queixo, me beijando mais uma vez, e mais outra. Tomamos banho juntas, entre beijos e carícias.

Depois do momento quente e relaxante, ela voltou a exhibir a expressão tensa e preocupada.

— Vem. Vamos deitar um pouco, tentar descansar. — Agarrei-me a ela, deitando meu rosto em suas costas. Estava pensativa concentrada na vista urbana que se abria para além da janela.

Baixei as mãos para seu abdômen, senti sua respiração sair prolongada. Virou, me encarando.

— Estou preocupada.

— Eu sei. Eu também estou.

— Tem que dar tudo certo amanhã.

Soltei um suspiro, concordando.

— Tem um plano em mente?

— Não exatamente. Não sei quantos capangas estarão lá.

Anui, em concordância.

Eu também estava agoniada, melindrada com o por vir. A ideia de que algo desse errado era apavorante.

— E você? Já se conformou com a doença da sua irmã? — A mão de Nita se aconchegou no meu rosto, também se preocupando com minha dor particular.

Aspirei forte, abraçando-me ao seu corpo, sem querer largar, incapaz de falar do assunto. Era muito dolorido, quase chegava a ser insuportável. No fundo do meu ser, eu nutria a ilusão de que estava sobrevivendo a um pesadelo e que a qualquer momento eu iria acordar. Que o estado de doença terminal da minha irmã era irrereal, e que Lena não estava nas mãos de uma meliante. Mas eu sabia que não era pesadelo de sonhos, era pesadelo real.

Ela entendeu minha mudez e não perguntou mais nada. Afastou meus cabelos e beijou-me na têmpora, na maçã do rosto e por último na boca. O momento de paixão que havíamos acabado de compartilhar, cedeu à agonia das próximas horas que se arrastavam sem pressa.

Olhei-a nos olhos e vi o medo contido no brilho das pupilas negras. Queria poder mudar suas nuances aflitas, nem que fosse por um momento, por uns minutos, uma horinha. E a melhor forma era o prazer.

Sexo.

Era bom, gostoso e relaxante.

— Vem.

Agarrei seu pulso e a conduzi até a borda da cama. Nita olhou-me de forma penetrante, e terna, ao parar na minha frente. Ergueu os braços quando levei as mãos para livrá-la da blusa.

— Deita.

Sua sobancelha se ergueu e o brilho no seu olhar ficou mais intenso. Senti um latejar quente entre as pernas só de imaginar minhas mãos, minha boca, meu corpo todo dando-lhe prazer.

— Vou fazer uma massagem em você.— Minha voz saiu baixa, ciciada, quase rouca na garganta. — Deita de bruços. — Ordenei.

Ela deslizou o polegar pelo meu lábio inferior, em um gesto de ternura, carinho. Depois assentiu com leveza e deitou-se como pedi.

Nita estava apenas com uma calcinha box, que modelava bem sua bunda. Montei em cima; meus dedos se enfiando por baixo dos cabelos curtos, na raiz, afagando, acariciando num vai-e-vem suave e gentil.

Minhas mãos escorregaram para baixo, nos ombros, trabalhando com firmeza e maciez. A carne estava dura, tensa demais. Na minha bolsa, ao alcance do aparador ao lado, peguei uma amostra de óleo corporal e respinguei em sua pele. Em toda a região da lombar.

Nita ia relaxando à medida que a massagem deixava seus músculos mais distendidos. Já dava para notar o alívio em seu rosto, o sorriso de remanso.

Meu corpo se ouriçou, empertigando-se, quando me concentrei nos seios à mostra amassados contra a colcha. Melei mais as palmas e os dedos, e deslizei para os lados, buscando o que eu queria.

Nita remexeu-se; senti sua respiração adensar contra a almofada. Seus dedos se atracaram aos lençóis, quando sentiu o toque das minhas mãos nos seios. Arfou, se ondulando lentamente, quando brinquei com os mamilos durinhos, enrijecidos.

Tomei mais segurança para continuar, ao ver seu corpo respondendo às minhas pegadas lentas e provocantes. Sem deixar de aliciá-la, me curvei e beijei suas costas. Depois busquei a curva do seu pescoço e por último o lóbulo da orelha. Nita arrepiou-se e meu sexo se comprimiu, quando meu quadril ganhou vida própria, rebolando em um vai-e-vem lento, em cima dela.

E, sem que eu esperasse, o corpo sob o meu virou-se de imediato. Os olhos escuros encontraram os meus, estavam mareados, cheios de paixão selvagem.

— Isso não é massagem, é tortura.

Não respondi, tampouco quisera, muito concentrada, disposta a dar tudo de mim.

Deslizei as mãos por suas curvas, sem desviar do seu olhar quente e predador. Continuei a massagem, lenta, vagarosa. Em movimentos excitantes, eróticos. Seu peito subia e descia, frenético, alucinado.



Ao fazer o movimento de subir novamente, circulando os seios e sugando os mamilos espetados com os dedos, ela jogou o pescoço para trás e ofegou baixinho. Lambi e chupei a pontinha entumecida.

— Aaah...

Por um instante, acreditei que suas mãos rasgariam o tecido do lençol. Seu abdômen se contraiu; sua pele estava quente, febril.

Eu estava pingando por dentro da calcinha. Tirei a blusa e o short-saia e seus olhos bateram em mim; seu olhar sobre o meu corpo era como labaredas vivas, crepitantes. Tirei sua calcinha; ela se abriu mais, me observando.

Passei dois dedos em sua boceta; senti a lubrificação quente e lisa. Meu corpo esticou-se desejoso, vivo. Ter Nita tão vulnerável, encheu-me de um tesão novo e selvagem. Livrei-me do sutiã; com uma mão explorei o bico dos meus seios e com a outra continuei deslizando pelas suas dobras.

Passei a língua nos lábios, louca para provar do seu sabor que empapava os meus dedos. Tudo acontecia sem pressa, de modo lento e torturante.

Nita se abriu mais, me convidando. Aceitei o convite mudo e me coloquei de vez entre suas coxas.

Arregacei suas pernas e pincelei a língua arrastando até o ponto do clitóris.

— Aah... aah...

Nita estremeceu, ondulando-se para cima, rebolando o sexo na minha boca. Enchi-me de ânsia, de desejo. Seu sabor me embebedou, deixou-me sedenta, com uma vontade torturante de aprofundar as arremetidas da língua em seu sexo e explorar, lamber, beijar.

Explorei a carne interna dos pequenos lábios, lambendo de dentro pra fora, de fora pra dentro. Minha língua acariciou a parte mais sensível, do pequeno nervo. Meu sexo palpitava, inchado, aceso.

A mão de Nita agarrou um punhado dos meus cabelos, mas afastei seu pulso e aproveitei para prender seus braços ao lado do seu quadril. Ela se deixou prender e dominar, dando-me toda a liberdade para fazer do jeito que eu quisesse.

Fiquei mais atizada ao vê-la naquela posição, sob meu controle, vulnerável, aberta para mim. Senti-me cheia de poder, dominando. Continuei seguindo meus instintos, afastando de vez a inexperiência e alguma timidez. Meti um dedo e depois outro, deslizando da vulva para dentro. Fiquei extremamente excitada quando senti seu canal quente, liso, engolindo meus dedos. Fiquei insegura nas primeiras incursões, mas seus ofegos e movimentos, dissiparam todo ou qualquer resquício de insegurança que ainda investia em mim.

Arremeti devagar, para depois meter com força. Seu corpo se contraiu e sua boca gemeu meu nome. Chupei sua boceta, explorando os lábios, lenta e profundamente, tomando o líquido, bebendo o que era meu.

Subi e mamei os seios pontudos e arrepiados. Meu corpo ficou preso no dela quando ela me apertou, contraindo-se. Movida pela tortura do prazer e do desejo, Nita girou com rapidez, ficando por cima. Mas girei de volta, não permitindo que tomasse as rédeas. Aquele momento era meu.

### NITA.

Meu corpo todo estava à beira do orgasmo. Minha pele comichava, pulsava, de forma que me vi desesperada por um alívio. Não aguentei e girei com Marcela grudada mim. Também queria sentir prazer, dando-lhe prazer. Também me vi com a necessidade de lamber, sugar tudo dela. Minhas entranhas latejavam de tesão, anunciando explodir a qualquer momento.

Marcela beijou-me e agarrou as pernas no meu quadril, e com agilidade, rebolou comigo voltando a ficar por cima. Meu peito subia e descia e a ardência do desejo e do orgasmo acumulado, crescia vertiginosamente.

— Shhh... Não se mova.

Os cabelos ruivos se amotinaram sobre o meu peito e ombros, quando os lábios inchados beijaram minha boca mais uma vez.

— Marcela...aah...

Mordi o canto do lábio, reprimindo um palavrão.

O pescoço dela pendeu para trás; quando seus quadris começaram a rebolar sobre o meu sexo, relando sua buceta na

minha. E o inevitável veio, explodindo violentamente em um orgasmo longo, e intenso, vibrando até a ponta dos pés. Apertei a cintura de Marcela, enlouquecida, em convulsão. Toda a minha pele empolou-se, chegando à glória do prazer.

Ela também gozou, cantando gemidos na curva do meu pescoço, arfante, quente. Desabou, exausta, sobre mim, mole; o coração em disparada.

Girei novamente, ficando por cima dela, escorregando para o centro de suas pernas, tomando tudo para mim.

Foi a melhor maneira de terminar aquele sexo gostoso demais.

## 59 CAPITULO CINQUENTA E NOVE

NITA.

**Depois da intensa** noite de amor nos braços de Marcela, meu corpo amanheceu relaxado, com energia e disposição para qualquer coisa. O relógio biológico despertou às 5:00 da manhã. Escovei os dentes, passei uma água no rosto e comecei a fazer uma série de flexão, no quarto mesmo.

Marcela dormia nua, enrolada no lençol alvo que cobria apenas partes do seu corpo. Os cabelos ruivos se destacavam, emaranhando-se lindos e cacheados, na almofada branca.

Ameacei várias vezes acordá-la com beijos e chamegos, e fazer amor mais uma vez. Ela estava linda e sexy, estendida meio de bruços na cama larga.

Concentrei no exercício, desviando os olhos dela. O celular ao alcance da minha vista ainda não havia tocado. Era o dia do tudo ou nada.

Aumentei a velocidade e a intensidade das flexões nos braços tentando pensar positivo, confiar em mim mesma. Já havia me safado de muitos perrengues, escorregado de situações macabras em que, cujas pessoas, despertei a vontade de cometerem assassinatos.

Resistindo ao cansaço, fiz uma série mais curta. O suor escorria por todo o corpo, pingando do alto da testa e molhando o piso vinílico.

Marcela espreguiçou-se entre os desarranjos dos lençóis, começando a despertar, exibindo um riso lânguido e feliz.

Corri para o banheiro, antes que ela me visse toda banhada de suor.

Não demorei mais do que 10 minutos no banho.

Ao sair, ela já estava bem acordada, lendo o jornal matinal, arrodada de uma mesa farta de café da manhã.

Olhou-me menos do que um segundo, estava lendo concentrada, provavelmente alguma notícia ruim. Seu rosto

levemente franzido despertou minha curiosidade.

Aproximei e a peguei pelo queixo, dando-lhe dois beijos. Um curto e outro mais demorado.

— Qual a tragédia da vez, amor?— Sentei ao seu lado, na cama, secando os cabelos na toalha.

— Meu Deus! — Ela exclamou aterrorizada. — Quanta desgraça...

Não olhei para a página de capa. A menção da palavra desgraça fez com que, inevitavelmente, eu pensasse em Lena.

— Quem matou quem? — Perguntei frugalmente, sem me deixar levar pelo assombro em sua voz.

— Não foi aqui. Foi em São Paulo.

— São Paulo? — Fiquei curiosa, de repente. Mas evitei dar atenção à notícia. Levantei e estendi a toalha em um lugar qualquer.

— Coitada dessa gente, essa senhora... está desolada.

Marcela continuava estarecida; a mão espalmada no peito, sem desviar do jornal. Decidida a ver do que se tratava, voltei a sentar ao seu lado novamente.

— Hmm, deixa eu ver.

De início, ignorei o título grande em negrito. Foquei na imagem macabra que enchia a primeira página.

Na cena, havia a figura de uma mulher ajoelhada, em posição decadente, de desespero. Não dava para identificar seu rosto, estava escondido entre os retalhos de seus cabelos longos caídos para frente. Um homem com o rosto e peito todo ensanguentado, estirado no chão, e mais dez pessoas espalhadas, caídas em volta de uma poça sangue, era o retrato de uma verdadeira cena de horror. Um massacre.

Ao olhar com mais atenção, notei que o cenário me soou familiar. *Muito familiar*. Puxei o jornal da mão de Marcela com uma velocidade espantosa, esquecendo os bons modos da educação. Levantei, ao mesmo tempo em que meu coração deu um salto aterrorizador contra o peito. O ar faltou subitamente quando a mente processou o lugar da tragédia estampada à minha frente.

Céus! Era de dentro da *Holdings* do meu pai.

Passei os olhos no título acima; meus dedos apertando firme a borda do jornal.

*“O empresário, dono e sócio de uma das maiores Holdings de São Paulo, Manu Bhagat, foi assassinado a tiros, na noite de Domingo, dentro da própria empresa, por uma quadrilha armada até os dentes. “*

A notícia sobreveio como uma onda de choque mortal, toldando minha respiração, meu corpo e minha mente. Travei perplexa, sem me mover, diante da notícia espantosa.

O jornal escorregou da minha mão enquanto me vi completamente desorientada.

*Não!*

A mente negou, recusando-se a acreditar.

Pisquei pela primeira vez, balançando a cabeça veementemente; meu coração descompensado, aos pulos no peito.

Peguei o jornal novamente; minhas mãos tremiam. Marcela veio pra cima, espantada pela minha reação.

— Conhece esse empresário?

Não respondi; meu peito retumbava de forma louca, eu estava gelada, muito trêmula.

*“Na noite de Domingo, o renomado e poderoso empresário Manu Bhagat, e mais dez dos seus executivos sócios, foram cruelmente assassinados, à balas de fuzil, enquanto se reuniam em uma junta corporativa.*

— Nita?

Ouvi longe o chamado atrás dos meus ombros. A bolha de água que se formou nos meus olhos, turvou minha visão, impedindo que eu desse continuidade à leitura.

— Nita, meu amor, o que está acontecendo? Conhece esse homem?

Marcela ficou aflita, quando percebeu meu choro petrificado, a emoção transbordando pelo rosto.

*De acordo com recentes apurações, a quadrilha, organizada, vinha estudando uma maneira eficaz para conseguir ter acesso à parte interior da Holding do multimilionário. Tudo apon...*

— Nita? Por favor, fala comigo. Nita?

*...Tudo aponta para um possível traidor de dentro da própria Holding. Segundo os dados de segurança, não havia possibilidade de inv...*”

— Por favor, me ouve!

Marcela se colocou à minha frente, levantando meu rosto incisivamente ao ver que lágrimas densas, molhavam toda a lauda do jornal. Um choro mudo, perplexo.

— Me diz o que está acontecendo. Nunca vi você...assim...

Com a garganta embargada, tentei dizer alguma palavra, esboçar alguma reação, em vão. Depois de um momento, fiquei hipnotizada, imersa, olhando além do que os olhos podiam ver. As lágrimas cessaram deixando meu rosto duro, inflexível.

Reagi, levantando da cama; o peito pesando mais do que eu poderia suportar

— Não vai dizer que...

— Não é nada, amor. — Falei, colocando alguma firmeza na voz.— Foi apenas um rompante emocional. É que uma notícia dessas mexem com a gente.

Tentei disfarçar. Claro que Marcela não era idiota a ponto de acreditar nesse conto. Mas decidi não falar que, sim, eu conhecia aquele homem. Manu Bhagat era o meu pai.

De olhos fechados, e de costas para ela, só consegui pensar na minha mãe, na dor imensurável que devia estar sentindo.

### MARCELA.

*“Foi apenas um rompante emocional, notícias como essas mexem com a gente”.*

Eu poderia acreditar nessa fábula, se não conhecesse Nita tão afundo a ponto de saber que não desmontaria por pessoas desconhecidas, ao qual não nutrisse algum afeto.

Meu Deus...

Fiquei sem saber como agir. Insistia ou recuava? Não queria parecer enxerida. Soltei o ar ameaçando me aproximar, mas paralisei de repente. Nita virou-se para mim; seu semblante, sua expressão, completamente abatida. Ela não conseguia disfarçar, embora lutasse para isso; estava travada, suas narinas freMIAM, e observei quando as mãos se fecharam ao lado do corpo.

— Está tudo bem. Não há motivos para preocupações. Precisamos concentrar na ligação e pegar Lena. Ela é a única coisa que importa no momento. A única que ainda tem solução.

*A única que ainda tem solução?*

Eu ia argumentar, iniciar uma conversa. Fiquei sentida com sua falta de confiança, mas mais que isso, preocupada. Até me movi, para acercar-me mais, no entanto, dois toques na porta me fizeram desistir.

Nita passou a mão no queixo, rumando para a porta. Lucas entrou com tudo, espalhando-se na cama desarrumada, enquanto que Felipe cedeu alguns passos, tenso, sem tomar muito espaço.

— Hmmm. — Lucas escarneceu a voz, passando a mão deliberadamente pelos lençóis.— A noite foi boa por aqui.

Em outro momento, eu teria ficado ruborizada com as palavras dele, mas o ignorei completamente, desviando a atenção para Nita que ainda estava dura, resistente, tentando camuflar a dor por atrás do seu olhar. Desconfiei que sorrir do comentário de Lucas, seria a última coisa que ela faria naquele momento.

— Estão com fome?

Ela desviou do meu olhar, e caminhou até o banquete matinal servido na mesa.

Sentei na ponta da cama, sem conseguir gesticular uma só palavra, atenta em cada gesto, movimento dela.

Lucas passou a mão pelo estômago; a fome o deixando afoito. Felipe sentou-se ao meu lado, incapaz de disfarçar a tensão que o acometia.

— Não vai tomar café?

— Estou sem fome. Na verdade, toda essa espera ridícula está me causando mal estar.

Não respondi, imediatamente, observando-o bem. Parecia não ter tido uma Boa Noite de sono.

— Tem que comer, Lipe. Como vai ajudar Lena quando chegar a hora? Ela vai precisar de toda energia que podemos dar. — Fui sincera.

— Não consigo. Não passa nada na garganta.

— Toma ao menos um copo de suco.

Mostrando-se ainda relutante, pensou por um instante e acabou aceitando, assentindo brevemente.

— Tem razão.



Juntou-se aos demais, e esforçou-se para comer de tudo um pouco. Eu apenas me limitei a observar, ainda muito ligada na reação de Nita sobre a chacina com o tal empresário de São Paulo. Ela olhou-me de soslaio, bem consciente da minha cisma. Procurei pela página de notícia semiescondido entre os lençóis e quando recomecei a leitura novamente, Nita se aproximou e, embora seu pedido tivesse a intenção de soar gentil, a voz saiu ríspida e autoritária.

— Pode me dar, por favor? Quero terminar de ler.

Engoli em seco erguendo os olhos para ela. Sua sobrelanceira se ergueu; o olhar não vacilou nem por um momento. Ela queria o jornal, e eu teria que entregar.

Entreguei.

Ela dirigiu-se à porta e, antes de girar a maçaneta, murmurou:

— Volto logo.

O silêncio tomou espaço, ampliando-se pelo ambiente do quarto.

Desconfiado, Lucas afundou-se na beirada da cama, ao meu lado, e com a boca cheia indagou:

— O que ela tem?

Aspirei e expirei o ar, demorando um tempo para entender o que ele havia dito.

— Também gostaria de saber.

Terminando de engolir o que comia, Lucas avaliou minha expressão e ficou calado. Trocou olhares com Felipe, que não disse absolutamente nada.

Pensei em ir atrás de outro jornal, mas me mantive ali, quieta por um tempo, reflexiva. Já havia muita coisa acontecendo para ocupar a minha mente. A iminente morte da minha irmã, o sequestro de Lena, minhas contas bloqueadas, o carro que teve que ser vendido e Estéfán que me negava o divórcio.

Horas mais tarde, já quase em horário de almoço, Nita apareceu indo direto para o banheiro. Entrou rápido, de forma sorradeira.

Quando saiu, por fim, notei que havia chorado. Chorado muito. Seus olhos estavam inchados, debilitados. Arquejei, quase levando a mão à boca, angustiada demais.

— Não me olhem assim, como se eu fosse digna de pena.

Ninguém se arriscou a falar. Talvez, assim como eu, Lucas e Felipe não estivessem preparados para verem Nita naquele estado.

— Somos uma família, Nita. Podíamos ter oferecido o ombro para você chorar. — Quebrei o silêncio e percebi que minha voz havia saído com uma dureza não premeditada.

Ela encurtou a distância entre nós e, ao levar a mão ao encontro do meu braço, o celular em seu bolso tocou.

Felipe pulou longe, ansioso, chegando perto. Lucas ergueu-se da cama, e ficou imóvel, rente ao colchão.

Nita atendeu imediatamente no primeiro toque.

— Fala.

## 60 CAPÍTULO SESSENTA

NITA.

**Atendi impaciente.** Minha mão arriada ao lado do corpo se contraiu em um aperto duro e inflexível, bem como meu maxilar.

— *Quero as duas agora.*— A voz ordenou, estranhamente, suave. Um trago de fumaça chiou do outro lado, e quase pude sentir o cheiro intragável da droga pura.

— O endereço. — Pedi; minha voz soou dura como uma barra de aço.

Ouvi tudo com uma raiva contida, meu corpo era pura tensão. Não senti medo, apenas uma certeza — incerta — de que Lena sairia sã e salva de tudo aquilo.

— Em duas horas estaremos aí.

— *Quero as duas agora, porra!* — Ajeitei a postura, torcendo o pescoço, ao escutar o grito furioso e autoritário zunir no meu ouvido. — *Ou...*

Ela deixou a ameaça no ar.

— *Ou...?*

— *Ou...* — ouvi mais um chiado longo de cigarro soprar.— *Ou vai ficar sabendo da notícia de uma adolescente que foi encontrada em morta por aí. Morta!* — Houve um silêncio de um. Dois. Três segundo. Ela continuou. — *Essa cidade anda muito perigosa, devemos proteger nossas “crianças”.* — E soprou outra lufada de fumaça.

— Entendo. — Trinquei os dentes, a vontade que me espetou foi de arremessar o celular contra a parede. — Em poucos minutos estaremos aí.

— *Em 20 minutos!*

— Está louca? Nem que eu pegasse um avião daria par...

— *Lakshmi, Lakshmi* — Ela interrompeu-me, voltando com a falsa brandura na voz.— Eu não queria ter que machucar a pirralha chorona. Estou me esforçando para não arranhar um fio de cabelo

da fedorenta por consideração e grande estima que tenho por você, mas precisa colabo....

— Já entendi, porra!

Um riso maquiavélico ressoou nos meus ouvidos.

— *Excelente.*

— Em 20 minutos.

— *E sem gracinhas! Há um batalhão do lado de fora e aqui dentro também. É que caprichei para receber você com todos os mimos que merece. Sinta-se honrada.*

Desliguei o celular lutando contra a vontade de sair chutando tudo. Mas não havia tempo para rompantes. Olhei de Lucas para Felipe e ordenei.

— Esperem aqui.

— O quê? — Felipe se indignou vincando a testa.— Quer que fiquemos aqui? Sem poder fazer nada?

— Calma, Magrelo. — Lucas chegou por trás, segurando-o pelo ombro. — Essa foi a condição para libertarem a mascotinha.

— Mas iss...

— Vem aqui. — Com certa brusquidão, Lucas arrastou o amigo para um canto e segredou-lhe algo.

— É agora, não é?— Marcela indagou, desviando meu olhar para si.

Reprimi um longo suspiro e assenti, dando toda atenção a ela, mirando-a no fundo dos olhos.

— Quero que saiba que fa...

— Shhh. Não. — Ela levou, subitamente, dois dedos aos meus lábios, cortando minha fala.— Não começa com um desses discursos que mais parecem uma despedida.

Sua mão apertou a minha, e depois seu rosto recostou-se mansamente no meu peito. Soltei o ar, e dessa vez o medo adensou, acelerando meu coração. Ainda assim, não cedi ao desespero, à ânsia, a tudo que impedia de me manter lúcida, centrada.

— Vamos.

Com um único aceno de cabeça, ela assentiu. Embora o medo gritasse em cada movimento do seu olhar, Marcela também estava

decidida, disposta a tudo, com tanto que Lena ficasse livre e eu estivesse ao seu lado.

Antes de atravessarmos a porta, Lucas murmurou um "muito cuidado". Anui firmemente e deixamos o quarto de hotel.

Marcela pagou um taxi que nos deixou a uma relativa distância do endereço; um galpão muito antigo e abandonado.

Chegamos o mais rápido possível, cortando caminho e desviando de grandes engarrafamentos. Mas, ainda assim, a viagem se estendeu em mais de 40 minutos. Mais da metade que inquiriu Renatão para estar diante da nossa presença.

O caminho até o local era íngreme, o que dificultava, atrasava ainda mais nossa chegada.

Olhei para Marcela, seus dedos suavam frios, gelados, entrelaçados à minha mão. Apertei-os mais firme. Não havia tempo para uma pausa, para tranquilizá-la, garantir mais uma vez que iria ficar tudo bem.

Já passavam das 12h:00 da tarde. À medida que andávamos, ficávamos mais distantes da civilização, do ar urbano.

*Como Lena vai conseguir sair daqui sozinha?* — A mente questionou.

Uma coisa era certa: não dava para confiar em Renata.

— Espera.

Parei, subitamente, no meio da rua de terra. Marcela olhou-me confusa, apertando os olhos sob o sol ardente.

— Vamos esperar ela ligar.

— O quê? Mas...

— Está vendo esse lugar? — Dei meia volta, explanando os braços.— Lena não vai conseguir sair daqui. Não sozinha. A intenção daquela mulher não é cumprir com o combinado. Ela quer nos ferrar, Marcela.

Marcela passou a mão na nuca, por baixo do volume dos cachos, pensativa.

— Essa troca — Continuei, decidida.— Terá algumas condições.

— Você está certa. O tempo todo ela ditou as regras, aproveitando-se do nosso emocional, do medo de perdermos Lena.

Recuamos para o ponto onde o taxi havia nos deixado, e esperamos que Renata ligasse.

O celular tocou instantes depois. E, para a minha surpresa e agonia, foi Lena quem atendeu. Mas mal pude entender qualquer tentativa sua de falar. Sua voz estava tomada pelo pânico e o medo, e seu choro embargado na garganta me encheu de pavor.

— Lena?

— Po-por favor...Nita...

— Lena?

Merda!

— Ela está co-com uma faca no meu pe-pescoço... Nita...

— Você está bem? Está ferida?

Não consegui dissimular o desespero. A agonia crescente fez com que minha mão apertasse o celular com tanta força, que acreditei ter amassado o aparelho a ponto de ele ter parado de funcionar.

Mas não. Foi apenas o silêncio funesto que se instalou na linha.

— Ela está bem. Ainda! — Renata tomou a palavra, com uma calma sombria.— Se não cheg...

— Não. Não vamos! — Fez-se outro silêncio, antes de Renata reagir.

— Como é?

— Está surda, porra? Já disse! Não vamos até que Lena esteja a salvo.

— Perdeu a noção do perigo, Lakshmi? Sabe que se não vier, mato essa...

— Não! — Vociferei. — Sei que não vai triscar um dedo nela, e muito menos matá-la. E sabe por quê? — Ela não respondeu, na certa atenta e surpresa pela minha postura.— Porque é a mim e a Marcela que você quer, sua doente! — Esbravejei, dona finita da situação. — Porque se você matar ou fazer qualquer coisa com essa menina, não vai ter o prazer de ter a mim e minha namorada nas mãos.

— Está brincando com fogo, Lakshmi. Já esqueceu do que sou capaz?

Sua ameaça já não tinha a mesma firmeza de antes. Aproveitei e desapareci.

— Traz ela agora! Estou aqui na entrada. Ou é isso ou vai ficar só com o gostinho de ter nós duas nas mãos.

— Está blefando.

— Vai doer se eu tiver que perder Lena. Mas vou superar. Assim como superei a perda da Drica. — Renatão escutava sem chiar, quieta, desconfiada. Foi doloroso demais ter disparado palavras que denotavam minha suposta rendição, ou pouco caso, à vida de Lena. Mas precisei ser firme, pensar com uma mente insana como a de Renata. — Decide, merda!

— Você é muito corajosa, devo admitir. — Escutei atenta, ansiosa demais por uma resposta. — Mas tem razão. A cabeça que eu quero não é a dessa fedelha fétida. Vou mandar dois homens para entregar seu pacote fedorento, Lakshmi. Mas sem gracinha, ouviu bem? Você será muito bem recepcionada, não esqueça.

Desliguei e, por fim, consegui inalar uma lufada de ar para os pulmões, sentindo o alívio dando-me uma folga. Procurei me manter acalma, passível; Marcela estava o tempo todo ao meu lado, e mesmo sem entender muito bem, me apoiou e me acalmou por simplesmente estar ali comigo.

— Vamos esperar.

— Vai dar tudo certo. — disse ela, mais para si do que para mim.

Assenti, e ficamos à mercê da espera sufocante.

Nesse meio tempo, pedi para que Marcela parasse um táxi e deixasse esperando. Esperta, ela foi mais além. Deu à taxista o endereço exato para onde deveria levar Lena caso não desse tempo de falar depois e Milena só precisasse correr.

Até então, tudo estava fácil demais. Caso Lena conseguisse entrar no táxi, uma batalha estaria ganha. Talvez, de quebra, Marcela escapasse também enquanto eu ganhava tempo lutando para dar cobertura. Amadureci a ideia; seria mais fácil escapar estando sozinha com Renata. Encarei os olhos *turmalinos* tão próximos de mim; ficavam ainda mais vivos na claridade do dia. Antes que eu sequer chegasse a alguma decisão, enxerguei Lena vindo em nossa direção muito emocionada, chorando muito, sendo

puxada por dois brutamontes. O esforço que fiz para não arquejar de emoção foi absurdamente grande. Mas não consegui conter o marejo nos olhos. Marcela se permitiu chorar também. As lágrimas desciam silenciosas pelo seu rosto, enquanto assistíamos nossa pequena chegando mais perto. E mais perto.

Engoli a vontade de chorar e procurei não perder o foco, não distraí. Apesar da gana enorme em querer abrir os braços para receber Lena, foi Marcela quem o fez. Fiquei atenta nos dois caras, e eles também em mim. De soslaio, eu observava a emoção das duas. Lena estava visivelmente abatida, mais suja que o normal. Cabelos desgrenhados, parecia que, ao invés de dois dias mantida em cativeiro, tivesse passado um mês.

Ela ainda tentou me abraçar, mas se assustou quando um dos caras puxou Marcela, discretamente, pelo braço, insinuando a arma na cintura por baixo da roupa.

— Corre Lena! Entra naquele táxi, ele vai te levar para junto de Felipe e Lucas. Corre!

Chorando, ela relutou em me obedecer.

— Se manda!

Ela queria protestar, mas não havia tempo. Seus olhinhos brilhavam numa mistura de medo e alívio. E então ela correu. Correu enquanto fiquei de olhos vidrados, atenta aos dois sujeitos, preparada para lutar e até mesmo matar se fosse preciso, se reagissem à fuga dela. Meu peito ardeu, se apequenou, mas também bateu menos agoniado quando o táxi dobrou, desaparecendo ao final da curva.

Um dos capangas me puxou pelo braço e empurrou-me para frente. Apontou a arma em riste e mandou que eu caminhasse.

Mirei em Marcela; seus olhos brilhavam em um pânico contido.

E então eu soube que teria que lutar com a minha vida para salvá-la dali.



## 61 CAPÍTULO SESSENTA E UM

NITA.

**Com impaciência** e uma indelicadeza bruta, os dois capangas saíram arrastando meu braço e o de Marcela, quando já estávamos na metade do caminho.

— Ei. Está machucando.

— Cala essa boca e anda. — O que me segurava apertou-me com mais força, deixando Marcela com o outro carrasco para trás.

Estudei-os bem, calculando as chances de, num repente, lutar contra os dois e conseguir escapar. Eram altos, fortes. Mas eu sabia que a força não era tudo.

*Se ainda não estivessem armados...* — Minha mente lamentou.

Precisava pensar em alguma coisa, aquele momento seria a melhor oportunidade para escapar. Dentro do buraco para onde estavam nos levando, certamente as chances seriam poucas, quase nulas.

Eu só conseguia pensar em Marcela, em sua desvantagem contra toda a situação. Consegui ensinar alguns golpes básicos para ela, mas nada que desse para usar em uma situação real, tensa. Era muito provável que todos os que estavam à nossa espera soubessem lutar bem. Fiquei ainda mais angustiada, com ideia de ter que vê-la atacar para se defender, ou mesmo se arriscar para me proteger.

Eu lutaria com tudo de mim, com tudo que sei e aprendi, para conseguir que Marcela escapasse. *Pelo menos ela.*

Na mesma hora a notícia da morte do meu pai quis me abalar, ganhar espaço, enchendo-me ainda mais de aflição e temor, com o pensamento de que eu poderia perder mais alguém que eu amava.

Afastei a imagem do jornal da mente e me mantive focada em tentar escapar de qualquer jeito dos dois brutões.

Contraí os músculos, avaliando a intensidade da força que me agarrava. Percebi o olhar de soslaio do cara imensamente alto. E

como se pressentisse o que eu estava prestes a fazer, ameaçou:

— Não tenta nenhuma gracinha, ou vai se ferrar, entendeu? — Os dedos dele se fecharam ainda mais impiedosos abaixo da minha axila.

Encarei Marcela mais atrás, os cachos ruivos esvoaçavam com as descidas bruscas, escondendo a frente do seu rosto. Mas ainda assim, consegui ver a dor física denunciada em sua expressão.

*Filhos da puta!*

Apertei a mandíbula, a revolta me corroendo por dentro.

Dobrando uma última rua de terra, avistamos o galpão. Tinha um batalhão na entrada. contei rapidamente e havia três mulheres e três home...

Estreitei os olhos, me recusando a acreditar no que eu via.

*Não podia ser. Não podia.*

— O quê? — Ouvi a voz incrédula de Marcela atrás de mim. Assim como eu, ela também se negou a crer na presença de quem, agora, nesse exato instante, estava a centímetros da gente.

— Oi meu amor. Bem vinda. Estava ansioso por sua chegada. Como foi a viagem? Esses trogloditas trataram você bem?

Marcela empalideceu com a imagem de Estéfan estatizada bem na sua frente. Com as mãos enfiadas no bolso, e um sorriso cafaeste no canto da boca, ele se deleitava com a espantosidade nos olhos dela.

— O que voc...

— O que estou fazendo aqui? — Ele ampliou o sorriso e acercou-se de mim. Ficamos cara a cara. — Vim buscar *minha* mulher.

E, antes que eu conseguisse ler seus movimentos, ele desferiu-me um soco atordoante na boca do estômago, fazendo com que eu me curvasse e gemesse com a dor dilacerante que falhou minha visão e me faltou o ar.

MARCELA.

Nem em meus piores pesadelos eu poderia imaginar que Estéfan estaria precisamente naquele lugar, em conluio com aquela

mulher. *Aquela maldita mulher*. Eu ainda tremia, sentindo um misto de raiva e temor.

Quando ele avançou pra cima de Nita, minha reação, súbita, foi lutar para escorregar das mãos que apertavam o meu braço e atingir Estéfan no meio da cara, estapeá-lo, empurrá-lo, afastá-lo dali. Para longe. Mas não tive sucesso em minhas tentativas. Então eu fiz o que estava ao meu alcance. Esperneeí, o xinguei, tentei chamar sua atenção de qualquer maneira, para que não a atacasse mais.

Deu certo.

Estéfan moveu-se até mim; dessa vez não expunha o ar falsamente amável. Sua expressão desgostosa e irritada, fez-me aplumar o corpo e lutar contra a respiração desgovernada que fazia meu peito subir e descer.

Fingindo um sorriso paciente, ele tentou erguer a mão ao encontro do meu rosto mas rosnei, enraivecida, tentando meter o pé entre suas pernas; seu reflexo foi bom dessa vez, e conseguiu desviar-se a tempo. O homem que me segurava, tentou me arrastar para dentro, mas Estéfan se interpôs na nossa frente, fazendo um gesto autoritário com a cabeça.

Olhou-me cheio de certezas:

— Você vai voltar a ser minha esposinha mansa, meu amor. Ter andado com a ralé deixou você violenta, primitiva. Mas te entendo. — Ele movimentava os dedos da mão com alegria, trocando passos à vontade, indo e vindo na direção de Nita, que ainda estava se recuperando do soco.— Mas vou te dar uma segunda chance. Todo mundo merece uma, não é mesmo?

— Vai pro inferno!— Vociferei sem conseguir disfarçar todo o meu desprezo.

— Shhh. — Ele moveu parcialmente a mão, pedindo que eu me calasse.— Sei que vou ter que fazer um sacrifício para ter um pouco mais de paciência com você, querida.

— Qual é o seu problema, Estéfan? — O enfrentei, sem calcular as consequências depois.— Já esfregou na minha cara que não fodo direito, que gozava pensando nas suas vadias, nas orgias. Qual o seu problema, imbecil?

Cuspi as palavras, amargurada, querendo pular no seu pescoço. Ele levantou meu queixo, apertando-o, inclinando meu rosto para cima.

— O meu problema é aquela cadela sarnenta, minha querida esposa. — Rosnou ele, se referindo à Nita.

Forcei o rosto para olhar na direção dela, mas ele apertou ainda mais minha mandíbula. Não consegui suprimir uma careta.

— Ela vai morrer hoje, sabia? Essa mulambenta vai arder daqui a pouco.

— Você é o pior dos vermes. Tem consciência disso? — Nita disparou, já bem recuperada do golpe.

Ainda expelia um ligeiro incômodo, e notava-se o esforço que fazia para transparecer que estava bem. O homem às suas costas apertava seus pulsos com força, como se prendesse algo valioso nas mãos, que não poderia de forma alguma deixar escapar.

Estéfan foi para agredi-la mais uma vez, mas o homem o afastou, impedindo que aproximasse.

— A patroa quer as duas em perfeito estado. Você ouviu. — A voz advertiu.

Mas Estéfan ignorou a advertência do outro e tentou, inutilmente, colocar as mãos em Nita.

— Acabou a festa! — Uma voz se manifestou, oculta, atraindo a atenção de todos.— Chega dessa algazarra.— A mulher bem conhecida, com braços cobertos por tatuagens, materializou-se na soleira da porta, correndo os olhos em cada um.— Entrem com as duas.

Engoli em seco, quando o olhar da tal Renatão desviou-se do meu, e se digladiou ferozmente com o de Nita.

## 62 CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

NITA.

**Quando bati** os olhos em Renata tão perto mim, senti uma vontade insana, doentia, de pular na garganta dela e matá-la como um inseto invertebrado. Todo sentimento de injustiça e ódio reprimido adensou, cresceu, querendo sair para fora como uma alma atormentada querendo encontrar a paz.

— Lakshmi. — Sua sobrancelha se arqueou, incisivamente, e seu olhar varreu-me de cima a baixo, bem lentamente.

Não respondi, em vez disso engoli em seco, fulminando-a; meu olhar travando uma batalha sangrenta, enquanto que Renata mantinha-se séria, como se buscasse algum detalhe novo no meu rosto, na minha expressão, dentro dos meus olhos. Remexi os ombros, em um inútil esforço de tentar ter as mãos livres; o ressentimento e todo o meu amargor foi amplificando conforme eu ia me sentindo mais impotente.

Num impulso raivoso, choquei a cabeça contra o nariz do que me segurava por trás; ele cambaleou para longe, e avancei em cima de Renata, empurrando-a porta adentro, até colidirmos em algo que eu não soube identificar.

Foi tudo muito imprevisível, impetuoso, selvagem. Armei a mão e a soquei, botando tudo pra fora. Tudo o que havia se acumulado há dois malditos anos.

— Filha da puta! — Rosnei, entredentes.

A dor e a revolta pelo assassinato de Drica, explodiu gritando por justiça em cada soco desferido, em cada ataque violento. Eu queria mais. Muito mais. A satisfação e o alívio não vinham, sequer amenizavam toda ira que eu carregava, que me deixava primitiva, irracional.

Estranhamente, Renata não revidava, não contra atacava, apenas tentava se defender.

Esperneeii feito louca, quando duas mulheres tentaram me tirar de cima dela. Lutei com ambas, enquanto a desgraçada se

recuperava. Foi fácil demais botar as duas pra dormir. Pouparam-me de esforço e energia.

Quando minhas garras tentaram avançar em Renata novamente, um dos seus homens bloqueou meu ataque, e conseguiu me arrastar, mantendo-me à distância, juntando meus braços para trás. A dor enrugou o meu rosto, e lutei contra o grito que quis escapar.

— Nita!

Ouvi a voz, aflita, de Marcela em algum lugar. Procurei loucamente por ela, meu olhar buscando tudo.

— Marcela?— Chamei-a quando não vi nenhum rastro seu. — Marcela?

Nada.

— Cadê minha mulher, sua assassina? — Voltei-me para Renata; meu coração retumbava nos ouvidos. Contraindo o maxilar, ela se aproximou e encarou-me rapidamente, desviando de mim para seu capanga, que me segurava firme.

— Coloca pra dormir.

E, antes que eu sequer pensasse em reagir, senti uma dor insuportável nos ombros. Minha visão turvou e não vi mais nada.

### MARCELA.

Assustada, tentei me acalmar quando fui levada para outro lado, longe da visão de Nita. Apesar do clarão do sol lá fora, o antro daquele lugar emitia uma escuridão lúgubre. A escassez de luz emprestava ao ambiente um ar úmido, e o cheiro de mofo antigo, misturado ao de cigarro puro, poluía o ar.

— O que vão fazer com ela? — Indaguei, procurando o rosto do homem que me amarrava a uma pilastra em ruínas. Torci o rosto quando a corda apertou meus pulsos com exagerada força.

Esperei uma resposta, mas ao que ele terminara de me apertar apenas disse:

— Fica quietinha, boneca. Ou vou ter que colocar uma fita nessa boquinha linda.

Eu ia protestar, perguntar, mas minhas palavras ficaram presas na garganta quando o pequeno cubículo recebeu a presença da

anfitriã. A mulher encheu o espaço apertado, fitando-me analiticamente.

— Vaza. — A mão tatuada chacoalhou no ar, expulsando o rapaz todo montado de preto.

— A senhora é quem manda, patroa.

Ele saiu assoviando e retirando um cigarro do bolso, me deixando sozinha com o verdadeiro perigo.

— Está com medo, Marcela?

Permaneci muda. Ela deu a volta na pilastra, parando no outro lado do meu ombro.

— Sinto o cheiro do seu medo.

Meus olhos se apertaram e me vi obrigada a lutar contra a verdade. Contra o que dissera Renatão.

— Não vai falar? — Escutei o ruído de um isqueiro acender, a ideia de que seria chamuscada ali mesmo, sozinha, me apavorou, fez meu coração alucinar no peito. Olhei por cima do ombro e... Droga! Era apenas um cigarro. Um maldito cigarro.

Renata avançou, pondo-se na minha frente novamente, chegando mais perto. Seu rosto estava machucado, um pouco inchado, mas nada muito alarmante.

— Não quer que eu perca a paciência, quer? Pode sobrar para sua querida Lakshmi se resolver não interagir, falar comigo.

Meu corpo reagiu na hora. Fiquei inquieta, o nervosismo e a tensão ocupando espaços maiores que a confiança e a doce ilusão de escapar.

— O que fez com ela? Cadê Nita?

— Nita? — Ela sorriu, um riso zombador que alargou sua boca em uma breve risada. — É algum pseudônimo de guerra?

— Por favor, não a machuque. É a mim que você quer, não é? — Lutei para que a voz não saísse trêmula, mas acreditei ter sido um esforço em vão.

— Você a ama? Morreria por ela?

Fiquei calada diante de suas indagações.

— Responde, porra!

— Sim! — A resposta saiu como um reflexo do susto misturado à tortura. — Eu a amo! E sim, eu morreria por ela. — Esbravejei

emocionada, e orgulhosa demais dos meus sentimentos por Nita, de tudo o que ela representava para mim.

A mulher me avaliou, uma ira sombria queimava por trás das suas retinas.

— Mas você não vai tê-la nunca mais, entendeu? Nunca mais!  
— Enfatizou, pausadamente.

Os olhos esgazeados estavam a milímetros dos meus. Arrepiei-me, quando virei o rosto, e sua respiração raivosa bateu na curva do meu pescoço. Mesmo assim, secundarizei o medo e pedi.

— Então solte-a. Deixa que se vá. Tem pessoas que dependem e precisam dela. Por fav...

— Cala essa boca, garota estúpida! Você não sabe de nada! Você é uma idiota. Igualzinha a imbecil da Drica.

Sua mão esquerda se fechou na minha mandíbula, me espremendo, obrigando-me a ficar na ponta dos pés. Quando parecia que iria xingar mais, Estéfan apareceu afoito; olhos pulando pra fora

— Já posso levar minha mulher? Não aguento mais um segundo nesse chiqueiro.

Desgraçado! Eu preferiria levar um soco daquela mulher, a ter que ser levada por Estéfan Lins. Meu olhar oscilou entre a repulsa e o medo; o afrontamento e a intimidação.

— Traz a Lakshmi. — Renatão ordenou.

Ele ameaçou falar, parecia querer recusar, mas Renata foi mais enfática.

— Traz a porra da Lakshmi!

Contrariado, o peito dele subiu e desceu ao passo que suas mãos se fecharam rígida, contendo a vontade explícita de avançar em Renata que, ao final, acabou tendo sua ordem acatada, sustentando um olhar intimidador e ameaçador, sobre Estéfan.

Lançando uma última olhadela em minha direção, ele deixou o cubículo nitidamente insatisfeito e enraivecido. Não por ter que pegar Nita, supus, mas por se ver obrigado a se sujeitar às ordens de uma mulher.

— Como pôde ter ficado casada por tanto tempo com esse lixo? O nível de imbecilidade dele é intolerável.



Novamente fiquei calada, sondando seus movimentos, observando o fumaceiro de cigarro sair por suas narinas. Parecia se divertir com meu azar de ter sido esposa de um lixo, como ela bem definiu.

— Todo mundo erra. — falei a verdade.

Sondou-me ainda mais, a passos lentos, chegando mais perto. Pensei que fosse falar, indagar algo, ou agarrar no meu pescoço. Mas não, não fez nada disso. Como uma cobra peçonhenta, ela soprou uma quantidade asfixiante de fumaça no meu rosto, levando-me a ter uma crise de tosse.

— Aqui está a sua mendiga vadia. Agora pode desamarrar a minha vadiazinha. Porque tudo isso já está se estendendo além do combinado. — Estéfán a enfrentou, como se pressentisse que fosse ser desapontado, passado pra trás.

Parei de tossir na mesma hora. Mas que droga de combinado poderia haver entre as duas cobras? Desde quando estavam juntos?

Deixando as perguntas sem respostas de lado, foquei em Nita. Ela parecia estar sob o efeito de alguma substância muito forte. Era bem possível que a tivessem dopado, visto que em sã consciência dava bastante trabalho. De certa forma, eu sentia um orgulho inefável por ela lutar muito bem. Mas o medo de que pudessem machucá-la à covardia, me paralisava.

Com brusquidão, Estéfán a sentou numa cadeira qualquer e jogou os braços dela para trás, prendendo seus pulsos com algemas.

Busquei, minuciosamente, por algum arranhão em seu corpo, mas para meu alívio ela estava fisicamente bem.

— Nita? Amor? Acorda.

Inclinei-me para frente, para que minha voz chegasse até seus ouvidos. A dor em meus punhos começava a incomodar, e tive que me mexer o menos possível para que os movimentos não me machucassem demais.

— Posso pegar minha mulher e dar o fora daqui? — Estéfán perguntou novamente, cheio de impaciência.

— Dá o fora daqui.

Cético, Estéfán indagou:

— Isso é alguma brincadeira?

— Eu estou com cara de quem está brincando, porra? — O grito súbito reverberou pelo espaço do antro.

— Mas não foi esse o com...

Mas antes que Estéfan completasse sua indignação, Renata o pegou pelo colarinho e saiu arrastando-o até encurralar as costas dele contra a parede suja e envelhecida. Tirou uma arma da cintura, debaixo da roupa, e encostou na têmpora dele.

— Vaza daqui antes que eu estoure seus miolos, verme imbecil. Cai fora e me deixa a sós com as duas. E avisa lá fora que não quero ser interrompida por ninguém. Eu fui clara?

Meu nervosismo triplicou e me vi agoniada. Eu odiava Estéfan com todas as minhas forças, mas não a ponto de querê-lo morto.

— Entendeu, seu filho da puta?

Assustado, ele teve que assentir. O pavor brilhava nos olhos dele.

— Agora some daqui!

E então Renatão o empurrou; ele cambaleou quase colidindo contra a lateral da porta. Ela botou a arma no lugar, dentro da roupa, e nos trancou, girando a chave na maçaneta.

*Acorda, meu amor. Acorda.*

Renata aspirou e expirou profundamente, como a recuperar a paciência, a calma. Agachou-se de frente para Nita e desferiu dois tapinha em seu rosto.

— Já está na hora da bela adormecida despertar. Não vai ter príncipe encantado para acordar você, Lakshmi. E nem princesa. — Relanceou para mim, e engoli seco.

Notando que Nita não acordava, Renata jorrou meio litro de refrigerante, sem gás, na cabeça dela.

— Nita? — Chamei-a à medida que a embriaguez ia lhe deixando.

— Marcela...? Marce... Ai...

Ela ajeitou a postura e contraiu os ombros. Percebi que sentia um incômodo muito forte naquela região.

— Tudo bem, amor? Você está bem?

Não me respondeu. Piscou algumas vezes até seu olhar colidir com o meu.

— Marcela?

Lutei para transparecer que estava “tudo bem” quando deu-se conta da minha situação e tentou soltar-se da cadeira para me ajudar.

— Ei. Calminha, meninas. — Renata falou, saindo de trás da cadeira de Nita. — Vocês estão muito agitadas. Que tal se conversarmos um pouco? Botar o papo em dia...

— Solta ela, sua cretina!

— Você não muda, não é Lakshmi? — Renata ridicularizou a ordem, soltando uma breve risada. — Sempre marrenta, autoritária. Mandona.

— Se tocar em um fio de cabelo dela, da *minha* mulher, eu juro que acabo com você, Falcão. Eu juro! — Nita a fulminou com um olhar ameaçador.

Mas Renata não se deixou intimidar. Não parecia assustada, nem remotamente abalada.

— Sabe porque deixei que você fizesse isso aqui? — Ela perguntou, mostrando os ferimentos no rosto, depois de ter arrastado uma cadeira e sentado frente a frente com Nita. — Porque eu estava te testando. Testando suas habilidades, sua técnica comigo e com minhas garotas.

As narinas de Nita fremiram, o olhar purgou. Seus lábios se uniram numa camada fina, apertada. Estava cara a cara, a milímetros do rosto reclinado da rival.

Eu mal conseguia respirar direito. Tinha a impressão de que se meus olhos piscassem, uma bomba explodiria e eu não veria.

— Você é muito boa. Sempre foi, não é? — Continuou Renata, levantando-se da cadeira, atraindo o olhar de Nita para onde se movia. — Você tem força, habilidade, raça. Você é realmente admirável, Lakshmi.

Nita apertou os olhos, algo em sua expressão mudou.

— Vou fazer o que você quer. Soltarei ela. — A mulher cheia de piercing veio em minha direção, arrodando-me por trás da pilastra velha. — Ela está livre. — E senti a corda soltando meus pulsos e minhas pernas correrem para Nita.

— Não quero ir. — Falei, depois de tê-la beijado na boca. — Quero ficar com você, meu amor. Não vou. — E me atraquei a ela,

atingida por um desespero maior do que quando estava amarrada, já sofrendo antecipadamente pela separação.

— Se não sair daqui *agora*, vai morrer.

Assustada, olhei por cima do ombro ao ouvi o som da arma engatilhar às minhas costas.

## 63 CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

NITA.

**Parecia bom demais** para ser verdade.

Ela iria soltar Marcela? Deixá-la livre? A que preço?

Não me intimidei quando a arma foi engatilhada. Afastei Marcela para o lado, convicta de que havia algum truque por trás de tanta *generosidade*.

— Era à Marcela que você queria. Está dispensando ela assim? Facilmente? Por quê?

— Porra, Lakshmi! Quem entende você? Não era isso que queria? Que eu soltasse a coisinha?

— A troco de quê? — Semicerrei os olhos; a arma em sua mão agora estava apontada para o chão, ao lado do corpo; o dedo longe do gatilho.

Renata contorceu os lábios, o olhar pousou no piso sujo, úmido, cheio de imundícias. Depois volveu a me encarar novamente. Acercou-se exigindo que Marcela se afastasse.

— Sai.

Resistente, Marcela não cedeu, agarrando-se ainda mais em mim.

— Sai, sua cadela, se afasta!

Ela apontou a arma em riste; a boca do cano encostando no volume dos cachos ruivos.

— Por favor, amor. — Pedi com calma, cautela.

Com a respiração em descompasso, ela me obedeceu, mantendo-se à uma distância máxima de três metros.

Satisfeita, Renata voltou a sentar-se de frente para mim, olhando-me intensamente.

Desnorteada, abri os lábios para dizer algo mas percebi que não havia palavras, não havia argumentos. Continuei sem desviar os olhos, fixa nela. Percebi seu olhar correndo pelo meu rosto, analisando as mechas curtas que caíam, descendo até o meu queixo.

— Por que cortou o cabelo?

O quê...? Mas que merda ela estava querendo?

— Responde, porra!

Mirei em Marcela, ela estava tensa feito uma mola.

— Tive que cortar.

— Teve?

— É! — Quase gritei.— Tive.

— Por quê?

— O que pretende com esse joguinho de perguntas, sua verme infeliz? — Perdi a paciência, elevando o tom de voz. — Por que não me solta e resolvemos as coisas do jeito que têm que ser?

— Acredite, você não me venceria.

— Se tivesse tanta certeza disso, não estaria me mantendo presa numa cadeira, com algemas e mais uma arma em posse como garantia.

— Ah, cala a boca.

— Estou te achando muito covarde. Na verdade, mais covarde do que você sempre foi.

— Ah é assim? Vai mesmo por esse caminho? Vai querer me irritar? — Ela desviou para Marcela inquirindo um olhar ameaçador.

Calei-me, avaliando-a. Marcela alternava a mirada entre mim e Renatão.

— Última chance. — Renata atraiu minha atenção. — Se ela não sair agora, vai morrer aqui, na sua frente.

— Por que tanto ódio? Ter acabado com a mulher que eu amava não saciou nenhum pouco sua ira? — Indaguei querendo ganhar tempo, mas também tentando entender o porquê de tanto ódio.

Renata me encarou de modo insistente, mais que isso, de forma intensa, estranhamente intensa.

*Droga, droga, droga! Não podia ser o que eu estava pensando.*

— Você nunca entendeu, Lakshmi. — Seu olhar escorregou para minha boca, permanecendo pouco menos que dois segundos. — Nunca gostei, e nunca senti qualquer tipo de atração por aquela criatura sem graça e sem gosto que você dizia amar.

— Eu a amava!

— Cala a boca! — Esbofeteou-me.

Virei o rosto; meu olhar encontrando com o de Marcela. Ela negou com cabeça, como um pedido de calma e paciência. Voltei a encarar Renatão; meu sangue borbulhava.

— Acha que eu vou acreditar nessa mentira absurda? Me acha tão idiota assim?

— Idiota não, cega. Acho você uma filha da puta muito cega. Como nunca percebeu, Lakshmi? Odeio você por nunca ter percebido o que estava o tempo todo na sua cara, sua imbecil!

*Não. Não podia ser! Era espantoso demais para ser verdade.*

— Mas que espécie de doente você é? De que porra está falando? — Meu coração batia acelerado, estourando nos ouvidos, e eu me negava a acreditar no óbvio.

Renata avançou, pousando as mãos no braço da cadeira; seus olhos a milímetros dos meus.

— Você sabe do que eu estou falando. Olhando agora, nos meus olhos, você sabe exatamente o que eu estou querendo dizer. — Seu olhar escorregou para a minha boca, demorando-se ali; uma ânsia terrível me fez querer vomitar. — Estou falando que não matei aquela cadela da Drica porque eu estava de quatro por ela. Matei porque não queria você com ela. Não queria você com ninguém que não fosse *comigo*.

Marcela soltou um grito de surpresa, levando a mão em concha até a boca. Ficou estarecida, petrificada.

Continuei sustentando o olhar em Renata, completamente desnorteada. A perplexidade havia me paralisado também, sem conseguir falar. Imóvel na cadeira, só percebi que meus olhos marejavam quando a visão ficou turva, e vi apenas um borrão à minha frente.

— Me senti atraída por você desde que lutamos pela primeira vez. — Alucinada, não consegui mais sustentar o olhar e desviei; a repugnância me embrulhando por dentro. — Quando você ganhou a luta, te procurei para dar os parabéns, mas meu interesse virou raiva, fiquei ensandecida de ciúmes quando te vi aos beijos com outra logo depois, quase fodendo a cachorra no corredor do banheiro.

— Você é doente! — Explodi. — Você... Voc... Não pode ser...

O nojo e o horror, a agonia e a aversão que eu estava sentindo por aquela mulher me atordoavam, me perturbavam. Até respirar tornou-se um ato de resistência estando a centímetros desse ser odioso.

— Depois — ela continuou.— Meu ódio se multiplicou quando percebi que Drica não seria apenas mais uma foda qualquer. Você estava apaixonada por aquela vadia do mesmo jeito que está agora por essa outra vadiazinha sem graça. — O indicador dela apontou em direção de Marcela. — E agora, assim como da primeira vez, também sei que não tenho a menor chance. Porque essa... água de salsicha está no meu caminho.

— Você é uma louca psicopata! Um monstro! — Berrei entredente, tomada pela indignação. Tentei me soltar, levantar da cadeira que me prendia, recusando a ficar um minuto sequer no mesmo ambiente, inalando o mesmo ar que essa mulher.

— Me solta! — Gritei feito uma fera, lutando contra as lágrimas que ardiam nos olhos.

— Por que não me dar uma chance? Não vai se arrepender, Lakshmi. Garanto.

— Você é uma doente! — Tentei avançar, expurgando toda a minha denegação. — A única coisa que vou te dar é uma morte bem lenta e dolorosa.

— Nita. — Marcela chamou; sua voz saiu trêmula e arrasada. — Acalma meu amor.

Ao que ela acabara de falar, Renata levantou e a esbofeteou. Marcela caiu na hora, batendo o rosto contra o chão.

Enraivecida, e completamente louca, fora de mim, levantei com a cadeira grudada no corpo, tentando me mover até ela. Meu peito batia alucinado, impotente. E eu não soube o que gritava mais forte, se a vontade de tirá-la daquele lugar, socorrê-la, ou acabar com Renata.

Foi então que a porta se abriu com tudo, batendo contra a parede, revelando um Estefan possesso, apontando uma arma em direção de sua, agora, oponente.

— Devolve minha mulher, sua marginal! Não foi esse o combinado. Devolve. Minha. Mulher! — Vociferou, os olhos castanhos dobrando de tamanho.



— Só passando por cima do meu cadáver você sairá daqui com Marcela, seu verme. — Falei, enervada, com sede de sangue nas mãos.

— Vai ser um prazer atirar no meio dessa sua cara de vadia.

E então o braço com a arma empunhada se virou contra mim. Um tiro explodiu no ar, seguido do grito desesperado de Marcela.

Tive que me jogar no chão com o corpo preso, desconfortável na cadeira, para me proteger dos dois disparos que se sucederam quase que ao mesmo tempo. A dor agonizante quase me fez perder a lucidez. A luta para permanecer lúcida, exigia tudo de mim. Ouvi mais dois disparos e, ao erguer o pescoço, Renata estava com a arma canalizada no meio da testa de Estéfan.

— Você disse certo. Esse não era o combinado: você entrar aqui e apontar uma arma para mim e tentar atirar em minhas prisioneiras. E só por causa da sua rebeldia, vai antecipar sua ida para inferno.

Estéfan ainda tentou erguer um dos braços abertos no chão, mas foi tarde demais. Recebendo um tiro à queima roupa, o rosto dele pendeu para o lado, morrendo milissegundos depois; seus olhos ficaram abertos, com as pupilas dilatadas em minha direção.

Marcela desabou de joelhos, aos prantos.

Com a tentativa fracassada de me levantar, fiquei mais impotente que nunca. Procurei no meu corpo algum dos tiros disparados, mas não havia nada além de uma dor aguda, que queimava nos meus braços e costas, ocasionada pelo impacto da queda.

— Ele não atirou em você. Não deu tempo. — disse Renata, massageando o cano da pistola. Não havia culpa, nem remorso, ou qualquer traço de arrependimento em sua expressão. — Eu não iria permitir, de forma alguma, que morresse pelas mãos de outra pessoa, Lakshmi.

Ela se agachou analisando minha posição decadente, enrolada na cadeira, com os braços exorcizado.

— Você pode escolher. Viver comigo ou morrer agora.

— Prefiro a morte! Por mais lenta e sofrida que possa ser.

Ela sorriu. Um riso seco, mortífero.

— Muito bem. Mas antes, vai assistir sua princesinha morrer primeiro. Pelas *minhas* mãos. Acho que já vi esse filme antes — Ela alisou o cano da arma novamente, o prazer da maldade cintilava em seu olhar.

*Merda!*

— Me solta! Essa batalha não está sendo justa. Não comigo amarrada aqui.

— A vida não é justa, querida Lakshmi.

— Quero lutar com você. — Pedi entredentes, a dor espezinhando meus braços nas algemas.

— Você não tem nenhuma chance.

— Tem que pagar pra ver, porraaa! Ou está com medo de uma lutadora enferrujada ganhar uma de você? — Desafiei, jogando com o seu ego.

— Vai morrer. Sabe disso.

— Prefiro morrer lutando do que por um tiro. Seria uma morte sem emoção alguma. E se tem tanta certeza que vai ganhar, que não tenho chance alguma, lutaremos então.

Ela pareceu pensar, logo seu olhar me encarou.

— Se eu ganhar...?

— Só vai ganhar se conseguir me matar. Só uma sairá viva dessa luta.

— Não, Nita. Não...

Marcela se negou a aceitar, resistente. Na posição em que eu estava, não dava para visualizá-la nem mesmo com uma visão periférica.

— Se eu ganhar, mato você e saio livre daqui com ela, sem a interrupção de nenhum de seus capangas.

— Aceito.

— Certo. Agora me solta. Preciso estar em condições decentes para uma luta justa.

— Sem gracinhas, Lakshmi.

— Tem a minha palavra.

Ela assentiu, e assoviou para alguém do lado de fora.

Um de seus homens adentrou o local, o reconheci na hora. Era o mesmo cara que flagrei vigiando a loja de Marcela, e que por descuido meu, deixei que fugisse às carreiras.

— Tudo bem gata? Que prazer em rever você de novo.— disse ele, descaradamente, enquanto levantava meu corpo para me livrar das algemas. Depois deu-me uma piscadela quando o encarei deliberadamente. Demonstrava ser o tipo de bandido cheio de graça, que engana à primeira vista, fazendo qualquer um pensar que é inofensivo.

— Se eu não fosse gay, abandonaria essa vida do crime por você, morena. Você é muito gata.

Ele me confidenciou baixinho ao pé do ouvido.

— Cai fora — Renata apontou a arma na direção dele, chateada por suas palavras.

— Você é quem manda, chefe.

Metido em trajes pretos, encouraçados, observei-o deixar o quarto caminhando a passos largos, subserviente à ordem de Renata.

— O que vai querer agora, Lakshmi? Um banquete para ficar bem alimentada e, por fim, bem resistente?

Ignorei a ironia, sucumbida pelo desejo de avançar nela e acabar com tudo aquilo de uma vez. Mas eu estava muito fraca, o desconforto da cadeira me deixou debilitada fisicamente, e parte do meu corpo estava bem dolorido. Mirei em Marcela, ela estava em um canto, os olhos úmidos, vermelhos. Percebi que se esforçava para conter o choro reprimido, as lágrimas que queriam sair.

— Não.

Renata ordenou ao perceber que minha clara intenção era ir até Marcela.

Quase ameacei partir pra cima, movida pela ânsia de atacar. Mas mais uma vez contive minhas emoções.

— Vamos.

— Onde?

— Só vamos, porra! Sem perguntas.

Acenei para Marcela passar à frente; ela liderou o caminho e logo marchei atrás.

*Vai dar tudo certo meu amor, confia em mim.*

Mentalizei quando ela olhou para trás.

— Parem.

Marcela parou de imediato e eu cedi mais dois passos para ficar lado a lado com ela.

— Se afastem.

Mirei por cima do ombro; minha algóz estava bem atrás. Fiquei rígida na mesma hora, o sangue fervendo, todo sentimento ruim se acumulando para explodir; a contragosto, obedeci. *Mais uma maldita vez.*

Escutei um riso de pura satisfação quando fiquei distante de Marcela. Parada, Renatão nos observava com uma tranquilidade perversa.

E então eu soube que virar uma assassina, talvez fosse minha única saída.

## 64 CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

MARCELA.

**O eco dos tiros** disparado em Estéfan, ainda zuniam nos meus ouvidos de forma que eu não conseguia conter as lágrimas que desciam, silenciosas, pelo rosto. Eu só conseguia pensar em dona Rabeca. Na dor que a sucumbiria. Lamentei, profunda e imensamente por ela.

E, todo o horror que me embrulhava as entranhas e a náusea que eu estava sentindo, somava-se ao fato de saber que essa mulher nojenta nutria um amor doentio por Nita.

Já estávamos todos do lado de fora, ao ar livre. Três mulheres e dois homens estavam apostos em uma linha reta, metidos em uniformes pretos, que lembravam anti heróis ninjas. Estavam sérios, sisudos; os braços jogados para trás e as pernas ligeiramente abertas.

Um pouco afastada, mas com uma visão ampla de tudo à minha volta, me vi em uma situação bem delicada. Mas por algum motivo, o cara atrás de mim, com o cano da pistola recostada nos cachos dos meus cabelos, não soava ameaçador, não metia medo. Era o mesmo que me amarrou na pilastra e que também soltou Nita da cadeira.

Meu total assombro e pavor era Renata. Apenas ela alimentava o medo que crescia dentro de mim, me causava pânico, fazia meu peito inflar.

Aterrorizada, olhei rápido ao derredor, não havia saída, era tudo ermo, não tinha como fugir sem que arriscássemos a levar um tiro. O sol brilhava tão quente, que ardia na pele, no rosto e nos meus olhos que eram sensíveis à luz.

O desespero me assolava, o coração batia tão forte, que eu estremecia por dentro, minhas mãos tremiam, meu corpo todo vibrava como se uma doença letal estivesse se apossando da minha carne. Minha vontade era romper o choro silencioso e chorar

histericamente, gritar, me ajoelhar perante a maldade daquela mulher e rogar clemência.

E quando a mente ordenou que assim eu fizesse, corresse e me atirasse entre as duas, a voz no meu pescoço sussurrou:

— Sabe rezar? — Olhei de soslaio; tentei falar algo, mas nada passou pela garganta, nem um gaguejo sequer.— Pois reza, ruiva, reza muito. Sua namoradinha não tem nenhuma chance.

Não conhecia aquele sujeito, mas tive quase certeza que ele sorria de canto, mesmo depois de tocar o terror. Para ele, tudo não passava de um joguinho, uma brincadeira, um passa tempo.

Voltei a concentrar em Nita, aposta no centro do chão poeirento, pronta para a luta. Fechei os olhos, virando o rosto, me negando a ver o que estava prestes a acontecer. Nita era forte, atlética, mas aquela mulher psicótica era bastante musculosa, braços e coxas bem definidas, bíceps malhado, notava-se à longitude que era boa de briga. Eu não queria ser pessimista, até agourenta, mas o medo de perder o amor da minha vida me deixava com as pernas bambas, fracas como gelatina. Ali, no meio daquele lugar esquecido, sem movimentação alguma, só havia uma opção para Nita e eu sairmos vivas: Ela teria que lutar e vencer. Não somente vencer e sair ilesa, Nita teria que matar sua algoz. E isso me assustava, me aterrorizava até ao desconhecido da alma.

### NITA.

Em posição de ataque, Renatão e eu girávamos em círculos, estudando os movimentos uma da outra. Focada, eu não piscava em momento algum. Tentei não desviar para Marcela sob a mira de uma arma, sua situação era meu ponto fraco, minha total distração. Mirei no meu alvo, na vitória, na única chance de sair com Marcela dali.

Eu tinha um ponto a meu favor. Renata não conhecia minha principal habilidade: A capoeira. Era um esporte que eu praticava fora dos jogos de competições, porque nunca esteve incluída entre os outros tipos de luta. Eu costumava praticar com amigos íntimos, que transitavam fora do mundo esportivo e técnico, e que também simpatizavam com a arte.

Ter essa carta na manga me deixou mais segura, pronta. Lembranças do passado dançavam na minha mente. O corpo morto de Drica sobre a cama, todo o meu sofrimento, o sequestro de Lena e o fato do amor da minha vida estar sob a mira de uma arma de fogo a poucos metros, me potencializava, me resumia a coragem e gana de lutar pra vencer

— Pronta para morrer?

Não respondi a provocação. Era uma clara tentativa de intimidação. Ao invés de replicar, parti de uma vez pra cima, buscando o alto do peito de Renata. Finquei o pé e ela desabou no chão; poeiras levantaram ao seu redor. Renata foi muito cuidadosa em não transparecer surpresa, mas notei que ficara assustada. Ela não esperava receber um golpe tão certo, e preciso, logo de cara. Erguendo-se com facilidade e rapidez, ela espanou as mãos, uma na outra, expulsando a poeira amarela; seu olhar se estreitou analítico, frio e vingativo. Foi sua vez de me testar.

Eu girava e recuava na defensiva. Ela estava afoita para me golpear, me ter sob controle. Meus sentidos mantinham-se em alerta o tempo todo. Cautelosa, eu me movia atenta, ligada. Denotei um aborrecimento cáustico em seus olhos, que brilhavam no ardente calor do sol. E então ela avançou num movimento brusco e veloz, lançando um soco potente por baixo da minha mandíbula. Senti tudo girar, a lassidão me enfraquecendo. Rodopiei, quase desabando na poeira, mas antes que isso acontecesse, suas mãos me giraram pelos ombros, prendendo-me em uma chave de braço. O fôlego faltou quando senti seu antebraço firme no meu pescoço. Não pensei muito. A falta de ar me obrigava a um Contra Ataque. Curvei-me para frente e arremessei meu corpo para longe, levando-a ao chão mais uma vez. Suas costas colidiram, fortemente, contra a terra empoeirada, e ouvi seu primeiro grito de dor.

Ao passo que Renatão tentava levantar, eu lutava contra a fraqueza que espremia minhas forças e enfraquecia meus músculos. O coração batia em descompasso; agoniado, cansado demais.

Ergui as mãos em punho, minha garganta estava seca, como se um nó estivesse atravessado. Senti um medo incipiente, que trouxe mais adrenalina para o corpo.

— Você é uma desgraçada, Lakshmi. — Ela soltou um riso pérfido, fulminando-me, encurtando a pouca distância entre nós. — Prefere morrer a ter que ser minha.

Suas palavras revolveram-me por dentro causando uma raiva corrosiva. Eu não poderia admitir, jamais, que essa vaca pudesse sentir atração por mim.

Arrisquei uma olhadela por cima dos ombros, para Marcela, querendo saber dela, do seu estado, se mantinha a esperança e fé em sairmos vivas dali. Eu precisava atacar, não perder o foco. Tudo por ela, por nós, pelos meninos. Lembrar da importância que todos tinham na minha vida, me induziu a um novo ataque contra minha inimiga. Em outro giro que quase beirou a perfeição, projetei a perna para o alto, buscando a curva do pescoço tatuado. Atenta, ela leu meu movimento antes que o golpe atingisse a região desejada. Ela bloqueou minha ação com o antebraço esquerdo e, com a velocidade da outra mão, girou-me com tudo no ar. Caí de bruços, por cima dos braços, sem conseguir me proteger. Apertei o maxilar, sentindo uma dor lancinante. Renatão abaixou ao meu lado, levando a mão fechada para socar o centro das minhas costas, mas rolei para o lado livrando-me do seu ataque.

Eu mal conseguia respirar.

Afastando a dor pungente, pus-me de pé, lutando para recuperar o fôlego. Rodamos em círculos novamente; minha boca estava seca, meu corpo ameaçando pedir arrego. Foram horas amarrada desconfortavelmente em uma cadeira, e o soco que Estéfan desferiu-me na boca do estômago ainda incomodava. Os braços estavam doloridos, e as pernas reclamavam com insistência.

Renata me encarava, seu olhar era uma mistura de loucura e maldade.

— Depois que eu matar você. — ela manteve o olhar fixo no meu. — Vou amarrar sua ruivinha e fazer meus dois homens comerem aquela vadiazinha até o pau deles não aguentar mais. E enquanto estiverem se divertindo com ela, vou fazer com que grite seu nome até a morte. — A boca dela se curvou em um sorriso maníaco, doentio. Não era uma piada, não houve qualquer traço de escárnio em suas palavras. Apenas ódio, loucura pura.



Meu coração deu um salto que espalhou adrenalina por todo o corpo; o terror e a raiva violenta me consumindo, me testando. Apertei os dentes e soltei um grito esganiçado, partindo com uma fúria louca também, lançando-me contra Renata e acertando-a com força e precisão. Ela desabou para o lado e montei em cima, desferindo uma série de socos. O nariz cheio de piercing começou a sangrar, mas não parei, não cedi. Meu peito subia e descia, resfolegante, como se eu estivesse no pico de uma maratona.

— Nita!

Meus sentidos se dividiram, conscientizando-se da voz melindrada às minhas costas. Marcela gritava meu nome repetidas vezes, como um incentivo para que eu não parasse. Continuei socando, descarregando, aliviando tudo o que pesava no peito. O que eu carregava há anos.

Renata parou de se defender com um dos braços, arriando-o. Manteve somente o esquerdo na frente do rosto. A ideia de que ela estava dando-se por vencida, fez peito acelerar. Mas antes que eu comemorasse a vitória, me vi pendendo a cabeça para trás soltando um berro de dor, insuportável. Eu havia sido atingida na costela com algum objeto pontiagudo e cortante. Caí para o lado, deixando o abdômen dela livre.

Escutei os gritos intensos de Marcela ecoando nos ouvidos, chegando cada vez mais perto. E mais perto. E, quando percebi, ela já se jogava sobre mim, aos prantos, com o volume do cabelo tomando a frente do seu rosto e do meu.

Renata a empurrou de forma bruta, e montou em meu peito, enforcando-me sem dó. Meus olhos se arregalaram, buscando a visão do céu límpido e azul. A dor minava qualquer resquício de lucidez. Ouvi o desespero de Marcela longe. Imagens do passado e do presente intercalavam-se na minha cabeça como num filme em cores sépias e real, vívidas.

E, então, como nos mundos fictícios, entendi que era a minha hora. Meus olhos foram se fechando a contragosto, enquanto meus pulmões já não conseguiam resistir à falta de ar.

MARCELA.

Quando vi a morte, iminente, de Nita na minha frente, escapei das mãos que me seguravam e pulei nas costas de Renatão. Atraquei meus braços no pescoço dela, enroscando-os como uma corrente inviolável. Renata levantou-se no mesmo instante, tentando se livrar de mim, furiosa, demoníaca, praguejando alto. Grudei as pernas na base da sua cintura e rodopiamos juntas.

— Sai de mim sua cadela. — xingou alterada. Eu sentia o ódio vibrando em sua carne, em cada tentativa de me jogar no chão.

Decidida, e tomada pelo desespero, não saí, não afrouxei. Movi o pescoço, buscando a visão de Nita; meu coração encheu-se de alívio quando a vi tossindo. Estava viva, se recuperando. Foquei em me manter grudada nas costas de Renatão. Uma força especial corria quente por minhas veias. Eu não cedia, não afrouxava um milímetro sequer.

— Maldição!

Ela se enfureceu ainda mais, girando e pinotando como um touro violento. Procurei Nita novamente, com o olhar, vi que o esforço que fazia para se erguer era abissal, doloroso. Sua costela sangrava, e percebi que a dor a maltratava, a limitava. Fiquei ainda mais agoniada. O desespero deu vazão à raiva e fiz a única coisa que estava ao meu alcance. Eu já estava ficando tonta, de tanto ser girada de um lado para o outro. Comportando-me como uma verdadeira selvagem, abocanhei o lóbulo da orelha de Renata com toda a força me regia naquele momento. Ela berrou de dor. Senti a viscosidade do sangue na minha boca, mas o gosto ruim não me impediu de atacar, morder uma vez mais.

— Sua vagabunda filha de uma puta! — O rosno saiu ainda mais furioso que da primeira vez. Pois minha boca havia lacerado parte de sua orelha.

Sentindo ânsia e nojo, do sangue na minha língua, cuspi na mesma hora, enojada.

Envenenada pela fúria, Renata jogou-se com tudo no chão, fazendo minha cabeça bater com força.

— Aaahhh! — Gemi muito alto, sentindo como se todos os ossos do meu crânio tivessem quebrados.

Afrouxei-me do seu corpo, levando a mão na região da cabeça onde tomei o impacto. Lutei para me manter lúcida, mas não

consegui desviar do soco furioso de Renata.

Meu pescoço pendeu, e desmaiei.

NITA.

Não consegui me jogar a tempo contra Renata, impedindo-a de desferir o soco que acabou apagando Marcela. Ainda assim, me lancei agarrando-me a ela. Rolamos mais uma vez pela areia poeirenta.

Mesmo com a laceração na costela, empurrei a dor para longe e batalhei contra a inimiga.

*Eu iria matá-la. Eu iria matá-la. Eu iria matá-la.*

Repeti três vezes, depois mais incontáveis vezes em pensamento até as palavras se tornarem um eco na minha cabeça.

Mas a mente não aceitou. Meu subconsciente refutou a ideia de assassinato.

Senti raiva e decepção de mim mesma.

Mirei em Marcela, de esguelha; seu corpo estava jogado, no meio do sol torrante, ardido. E então a ira voltou com força, novamente, sobrepondo ao sentimento que queria ter vez. Bufante, comprimi os lábios, bloqueando a dor que tentava me sugar, me enfraquecer ainda mais.

— Desgraçada! Vai morrer, sua doente! — As palavras saíram sem piedade da minha boca, enquanto era a vez de Renata ser asfixiada pelas minhas mãos. Ela se debatia sob meu corpo, e apesar de ser fisicamente muito forte, a força dos seus músculos não eram mais fortes que todos os sentimentos de injustiça e aversão que guerreavam a meu favor.

Seu corpo começou a dar-se por vencido, e seus olhos se multiplicaram de tamanho quase sem vida.

Eu já me imaginava vencendo e gritando a vitória, levando Marcela dali.

Mas... droga!

Um barulho de sirene reverberou por toda a atmosfera erma do lugar.

Eu ainda tinha o poder nas mãos. Eu poderia matar Renata Falcão e ela sabia disso. Teve certeza ao sentir minhas mãos firmes

e implacáveis em sua garganta. Eu tinha a chance de pagar na mesma moeda.

## 65 CAPÍTULO SESSENTAE CINCO

NITA.

**A morte para** Renata Falcão seria um galardão.

Ela merecia apodrecer numa cela. E minha vingança seria mostrar que eu havia refeito minha vida com solidez, que construí uma família maravilhosa, linda demais.

Pressionei-me ainda mais sobre seu corpo, de forma que ela não conseguisse rolar ou tentar se erguer, e afrouxei as mãos de sua garganta. Ela inalou o ar com força, desesperada.

Bufei, cansada. Mas eu queria mais. Qualquer sofrimento seria pouco, até a polícia encostar.

— Me mata sua filha da puta! Me mata porra! — Ela ainda conseguiu dizer, antes que eu voltasse a pressionar as mãos com mais força no seu pescoço. O barulho ensurdecedor de sirene encheu meus ouvidos. Quando ergui o rosto pelas imediações, e meu olhar se deteve em Marcela, minhas mãos cederam, vacilaram por muito pouco. Renata aproveitou e chocou com a cabeça na minha testa. Depois deu-me uma cotovelada na região da costela. Tombei para o lado, cheia de dor.

Tiros ecoaram, ao passo que eu tentava levantar.

Os comparsas de Renatão começaram a travar uma guerra de tiros contra o grupo de policiais. Procurei por Renata, e vi apenas um vulto escondendo-se atrás do galpão em ruínas. Dei um passo incerto, rumando naquela direção, mas o murmúrio de Marcela me fez recuar imediatamente.

*Merda! Ela não poderia escapar!*

A troca de tiros entre bandidos e policiais tornou-se mais perigosa. Era ariscado ficar ali. Com dificuldades, arrastei Marcela para dentro do galpão e a encostei na parede escura. Estava lânguida, lutando para manter-se lúcida, sóbria. Seus cabelos emaranhavam-se suados na pele do rosto. Levantei o volume dos cachos para o alto e fiz um coque rápido, torto; a dor nas minhas costelas ardia, latejava.

Minhas mãos escorregaram pelo seu rosto; sondei preocupada.

— Tudo bem?

Mas é claro que não estava tudo bem! O que eu esperava era que aquele mareio fosse nada grave, que o baque na cabeça não resultasse em algo mais sério e comprometedor.

— Estou com...

— Dor de cabeça. — Falei preocupada, ao passo em que eu passava os olhos em tudo, procurando alguma sombra de Renatão. Passei a mão na costela, estava sangrando, dolorida.

Fiz compressa com os dedos, diminuindo a intensidade do sangue.

— Tenho que ir, meu amor. Já volto, eu prometo. Fica aqui. Estará protegida atrás dessa muralha de lixo. Preciso ir atrás...

— De mim?

Olhei por cima do ombro, como na velocidade da luz.

*Merda, merda, merda!*

Contraí os lábios e soergui devagar, virando lentamente.

O cano da pistola triscou na minha nuca antes mesmo que eu me virasse completamente.

— Eu disse que você iria morrer, não disse? — As palavras saíram altivas, num tom de triunfo. Engoli a secura na garganta, para depois entreabri os lábios. O gatilho acionou, e o meu coração disparou. — Não vai ter um final de contos de fadas, Lakshmi. Aqui, nessa história, quem vence é o vilão. — Um sorriso escapou baixo e vitorioso de sua boca. E então ela afundou ainda mais o cano na carne da minha garganta.

— Não. Não...

Renatão ainda mirou com o rabo de olho, mas não moveu o rosto para a voz alucinada, de Marcela, que tentava formar alguma súplica.

— Nita... Amor...

Marcela tentou levantar, mas caiu nos destroços de lixo reciclável. E então ela voltou a desmaiar novamente.

Os tiros do lado de fora não cessavam. Era sirene cantando e balas disparando.

— Veja só. Que má sorte a sua, Lakshmi. Sua gatinha não presta pra nada. Vai apodrecer aí, no meio do lixo. E aqueles imprestáveis de farda, não conseguem dar conta de meia dúzias de principiantes. A sua sorte é uma piada, querida Lakshmi. — Ela não sorriu. Não curvou o canto da boca em escárnio. Era ódio puro, algo que nem eu mesma conseguiria mensurar.

Minha mente pensou rápido, buscando uma alternativa. Esperar que os policiais cumprissem com seu papel de salvar a minha vida e a de Marcela, não era uma boa ideia. Não havia tempo para isso.

*Pensa, Nita. Pensa!*

— Sabe o que vai acontecer agora? — Ela perguntou, ameaçadora, diante do meu silêncio. — Vou estourar seus miolos com sete balas. E para sua *namoradinha*, — silabou, entredentes. — Vou deixar apenas uma. Ela já está quase morta, só vou apressar as coisas. Depois irei atrás do trio de arruaceiros e acabo com a raça de cada um.

*Droga! Desgraçada!*

Eu tinha que ganhar tempo. Enrolar a infeliz.

— Você disse que me amava, mas nunca me fez saber disso. — Iniciei o assunto sentindo uma ânsia perturbadora. — Como poderia saber que eu te rejeitaria se você tivesse falado dos sentimentos que diz ter.

Ela sorriu, expulsando a expressão má do rosto. Quase relaxei os ombros. Quase.

— Você é realmente uma cadela. Acha que não sei que está tentando me enrolar, ganhar tempo para que eu não estoure seus miolos?

Voltou a se irritar, quase babando de raiva. O cano da arma rumou para minha têmpora e senti os músculos do corpo travarem. A impressão que eu tinha era que se eu ousasse puxar a respiração mais densamente, ou piscasse, o dedo tatuado apertaria o gatilho.

Praguejei, xinguei mentalmente, roguei a *Ganesha*.

Busquei a visão de Marcela, mas não a vi.

Cerrando os punhos com força, fiz uma última tentativa de distrair Renatão.

— Acha que a culpa é minha? Talvez eu tivesse gostado de você se...

— Cala a boca! — Ela gritou furiosa, sabendo que eu não havia desistido de tentar ganhar tempo.

Limpei a garganta, cansada de tudo aquilo. Minha costela ardia, minava sangue, a dor não havia dado trégua em momento algum.

— Tudo o que eu queria era você. — os olhos dela marejaram, doentios, vidrados nos meus.— Eu só queria uma chance. Eu só queria você, Lakshmi. — A voz baixou para um tom mais suave, aparentemente gentil. Um alívio se espalhou pelo meu peito, quando o indicador de sua mão se juntou aos outros dedos, abandonando o gatilho da pistola. — Causo tanta aversão que sequer pode olhar para mim?

Meu estômago revirou, embrulhou. Eu só sentia asco, nojo.

— Responde, Lakshmi. — Apelou, com alguma maciez na voz.

Ao observar as lágrimas escorrendo pelo rosto dela, pensei que, por algum instante, eu me comoveria, sentiria pena. Mas não. Suas lágrimas não abrandaram ou amenizaram o desprezo que eu sentia. Não consegui mentir:

— Eu sinto um profundo nojo de você, Renata. Ainda mais agora, sabendo do amor doente que sente por mim.— Despejei a verdade, nua e crua, com uma tranquilidade assustadora.

— Eu não ouvi.— Ela voltou a engatilhar a arma, engolindo o choro, voltando a me encarar com absoluta frieza.

— Eu ten...

— Quieta! — Uma voz demandou, baixinho.— Se atirar nela, eu atiro.

Um choque inesperado me atingiu quando escutei a voz tão familiar às costas de Renata. Tentei ver o rosto que manuseava a arma apontada para a nuca dela, para ter certeza que eu não estava delirando pela dor nas costelas, mas foi impossível.

— Solta a arma! — a voz ordenou.

E então não tive dúvidas quando o corpo girou para o lado com a arma em riste.

— Lu...Lucas? — Gaguejei, boquiaberta.— Lucas, sai daqui. — Me agoniei, aflita. — O que você faz...



— Eu chamei a polícia e Lena mostrou o caminho.— Ele explicou com a arma apontada, sem deixar de encarar Renata, que o observava com os cantos dos olhos.

Ela ameaçou um riso cômico, quando percebeu que estava a mercê de um adolescente.

— Então é isso? Estou sob a mira de um moleque fedorento?

Renata mal teve tempo de ampliar o sorrisinho escarnecedor. Lucas baixou o braço que segurava a arma e disparou duas vezes no pé de Renatão. Ela se curvou, rangendo de dor; corri e lutei para tirar a pistola de sua mão. Lucas disparou uma terceira vez, no ombro direito da desgraçada, que se desequilibrou e tombou por cima de Marcela.

Os policiais invadiram o local, apontado o revolve para todos os lados, vasculhando tudo. Ergui as mãos para o alto; Lucas fez o mesmo.

Meu coração estava alucinado, mal aguentando dentro do peito.

## 66 CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

MARCELA.

**Eu não conseguia** raciocinar direito com a dor que latejava forte na cabeça, me obrigando a piscar várias vezes para me manter acordada. Senti uma náusea terrível, que denegria todos os meus sentidos. Eu só queria que aquela dor insuportável passasse.

— Não vê que ela não está bem, seu delegado? Veja seu estado. — Nita se pôs por atrás de mim, delegando a meu favor depois de termos respondido uma bateria de perguntas.

Depois de todo o horror que passamos nas mãos de Renata, estávamos livres. Foram momentos de verdadeiro terror ainda antes de sermos levados para a delegacia. Renata ainda tentou se safar, mesmo com o pé e o ombro baleado. Sua tentativa de me fazer de refém, para conseguir fugir, falhara. Seus comparsas foram mortos pelos 14 policiais em ação, foram todos vencidos pela justiça. Um ainda fora socorrido, mas chegou sem vida ao hospital.

Renata estava escoltada em um dos hospitais mais próximos da delegacia. Depois que se recuperasse, iria responder pelos inúmeros crimes que cometera. Segundo o delegado interino, Elsom Guimarães, Renata Falcão era caçada pela justiça há quase um ano e meio. Liderava uma facção criminosa de porte de armas em uma aparente academia de luta e explorava adolescentes de menor idade.

— Por favor, delegado, precisamos ir ao médico. Estou quase desmaiando e Marcela também.

Ele trouxe o corpo mais para a borda; parecia jovem demais para ocupar um cargo daquele.

— Ok. Estão liberadas. Mas vão ter que voltar aqui novamente. Preciso de mais detalhes sobre a morte de Drica Moraes. Podem ir, uma de nossas viaturas levará vocês para cuidarem dos ferimentos.

O delegado levantou, era alto, esguio, e nos acompanhou até a porta.

Na ida até o hospital, limitamos a falar qualquer coisa. Felipe, Lucas e Lena haviam sido levados para o conselho tutelar. Nita e eu íamos abraçadas; minha cabeça recostada em seu ombro e sua mão acariciando meus cabelos. Escutei um fungado escapando do seu nariz, levantei o rosto, seus olhos estavam inundados, com lágrimas prestes a cair.

Pisquei cheia de tristeza, sem poder evitar a dor que sentia. Não a dor nas costelas, mas a de ter ficado sem os meninos. Eu não entendia nada de adoção, mas pelos muitos casos que pude ver por aí, deduzi que seria difícil recuperá-los, ter a guarda deles. Sem um lar e uma vida profissional estável, era praticamente impossível que Nita conseguisse.

Lamentei profundamente tudo aquilo. A ausência do trio me afetava muito também. Já havia adotado os três como minha família, já os amava a ponto de fazer qualquer coisa por eles. Não pude evitar o choro e nem o vazio que a ausência dos três deixara. Colei mais em Nita e recostei a testa na testa dela. Beije sua boca, como a confirmar que tudo ficaria bem, que iríamos nos reerguer como águia depois de uma tempestade.

Abracei-a pela cintura; ela sobressaltou-se com meu toque, quando minha mão encostou no ferimento.

— Desculpa, meu amor. Machucou?

Ela suspirou cansada, esgotada. Erguendo os dedos para triscar em meus cachos, disse quase sem voz.

— Está tudo bem. Com você ao meu lado, tudo ficará bem.

Seus lábios se insinuaram em um sorriso fraco, bem forçado.

Beije-a de novo. E de novo. E mais uma vez. Eu queria dizer tantas coisas, mas eu também estava fadada, a exaustão física e emocional me consumindo. E assim fomos para o hospital, caladas, a mente em frangalhos, cheia de perguntas soltas, sem respostas.

Lena, Lucas e Felipe. O que seria deles? Não consegui nem fazer conjecturas. O cansaço não deixava, não permitia.

Depois que fomos devidamente atendidas, rumamos para o hotel. Mas não foi na porta do nosso quarto que Nita parou.

— Vai entrar?

Ela me olhou de soslaio, mantendo-se assim por alguns segundos. Depois encarou a maçaneta e por fim girou e empurrou.

Adentrou e ocupou o espaço, detendo-se ao pé da cama larga e bem arrumada.

O silêncio nos acompanhou ficando a longo prazo. Nita sentou na ponta do colchão e agachou a cabeça, brincando com dos dedos da mão.

— Eu falhei.

Na mesma hora me joguei aos seus pés, a dor na cabeça já não existia mais, o analgésico injetado sortiu efeito logo que fora aplicado.

— Vamos tirá-los de lá.— Falei, mesmo sem ter certeza de nada.— Compreendo esse momento de fraqueza e desesperança, mas eu e você sabemos que isso passa. Não esmoreça, por favor, minha vida. — Minhas mãos encheram o rosto dela, erguendo-o na altura dos meus olhos.

Nita negou com a cabeça, depois de ter tomado uma longa respiração:

— Todo esse sofrimento, essa peleja, para no fim ficarmos sem os meninos.

— Pense pelo lado positivo. Os três estão seguros e protegidos.

— Será? — Ela duvidou.— Ouvi dizer que dentro de alguns desses centros de proteção, a droga rola solta.

Surpresa, franzi o cenho. Encarei o piso lustroso, refletindo sobre suas palavras.

— Eu não sabia.

— Não tenho certeza de nada. Mas já ouvi algumas coisas. No mundo da rua ficamos sabendo de muitas informações. — Explicou preocupada, lamentosa pela situação.

Depois me olhou profundamente, como se quisesse ou tivesse que me dizer algo.

Sacou um papel do bolso frontal, era parte do jornal matinal que lemos naquela manhã. Parecia que aquelas horas de horror haviam se transformado em dias, semanas. Ela desenrolou o papel e antes de dizer qualquer coisa, demorou o olhar na imagem do assassinato estampado.

— Esse homem — encarou-me para depois voltar a mirada para o noticiário novamente.— É meu pai.

— Seu pai? — Indaguei em seguida, pega de surpresa.

Ajoelhada à sua frente, sentei sobre as próprias pernas, arriando os ombros, processando tudo bem lentamente.

— Se-seu pai? — Repeti, gaga, sem poder acreditar.

Ela anuiu diante da minha total descrença.

Enquanto eu tentava absorver a notícia, Nita manteve-se neutra. Piscou algumas vezes enquanto o olhar passeava por cada detalhe do jornal, mas não denotava qualquer emoção. Ela estava indiferente. Talvez cansada seria a definição mais correta.

— Deve estar se perguntando o porquê, no mínimo, meus olhos não estão se derramando em lágrimas.

Não respondi. Fiquei numa espécie de transe, choque, perplexão. Alguma parte de mim lamentou, a outra ficou sem saber como agir.

Era seu pai. Aquele homem tão importante, morto de forma premeditada e cruel, era o pai da mulher da minha vida, e embora ela estivesse impassível, sei que estava abalada, se importava.

— Já chorei tudo o que tinha que chorar por ele. — Ela continuou, dissipando meu silêncio. — Você sabe.

Era verdade. Antes de partimos para o resgate de Lena, Nita havia saído para chorar. E pelas bolhas inchadas no contorno dos seus olhos, tinha chorado muito. Extravasado, se derramado.

— Como se sente? O que... vai fazer?

— Vou embora. Vou pra Moema. E você vai comigo.

Meus olhos brilharam de emoção.

Nita escorregou com cuidado, encaixando-se entre minhas pernas.

— Não te deixo por nada nesse mundo, Marcela; se quiser, levo o Rio de Janeiro inteiro dentro da mala, só para você não ter a desculpa de não vir comigo.— Sua mão rumou para minha nuca, a outra aparando-me pelas costas, puxando-me para seu peito. Minha respiração falhou na hora, meu olhar mareou tão perto do dela.

— Claro que eu vou, meu amor. Mas é claro! — Exclamei, sorrindo. Inacreditada. Encantada.

Sua boca encostou nos meus lábios, e beijou-me com amor, ternura. Uma carícia cheia de promessas. Ficamos assim,

absorvendo tudo uma da outra, cheias de carinho. Afastei meu rosto e empurrei uma mecha fina de seu cabelo que roçava em sua testa.

— Mas e os meninos? Como vamos...

— Não sei... não sei. — Ela abaixou a cabeça, muito mexida, frustrada.

— Não pretende tirá-los de lá?

— Acha que eu tenho alguma chance? Que temos alguma chance?

Não respondi, pensativa, sem deixar de mirá-la.

— Qualquer pessoa que tenha dinheiro nesse país, tem chances de conseguir qualquer coisa. — Respondi, depois de uma pausa.

— Não tenho dinheiro, Marcela.

— Você tem sim! Você tem, Nita.

— Não, não tenho.— Ela se levantou incomodada com minha insistência.— Quem tem é meu pai. Ou melhor, tinha. — Afirmou ela, enfraquecendo a voz.

Procurando não rumar para uma discussão boba, levantei e me pus às suas costas, as mãos buscando seus ombros.

— Está bem. Não vamos discutir. — A virei para mim, acoplando meu corpo ao seu, o rosto pousando na curva dos seus seios. — Tudo o que não quero agora, é ter um desgaste emocional com você.

Ela correspondeu ao meu abraço, me abraçando também, beijando o topo da minha cabeça.

— Acho que precisamos de um banho. Não acha?

— Pois, sim. Um caprichado e demorado banho. — Sorri, divertida, ainda grudada nela.

— Toma comigo?

Desprendi-me, e depois de encarar seu olhar malicioso — quase tentada por sua proposta— Neguei, incerta.

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.— Menti.

Ela assentiu, com um sorrisinho, nada convencida. Acrescentei:

— Você não está muito bem — mirei para a costela enfaixada.  
— Para ficar tomando banho a dois. Fazendo estripulias.

O sorriso em sua boca se ampliou e fiquei timidamente boba ao vê-la se despir, mesmo que por um segundo, de toda a opressão instalada no peito.

Nita dissipou os centímetros de distância que existia entre a gente e buscou o vão entre meu ombro e o pescoço, roçando seus lábios, me torturando. Quase desfaleci com seu toque e pegada forte, meio bruta, rústica.

— Aah...

Soltei um gemido curto, mole; minha boca ficando seca, o bico dos seios recebendo arrepios e o coração disparando feito um louco. Nita encostou-me contra a parede ao lado do espaldar da cama, deixando-me mais afogueada, acesa com as trilhas de beijos lentos que sua boca deixava. Quando ela afastou o tecido da blusa e acariciou o mamilo com a língua, meu corpo recebeu latejos por toda parte, meu sexo abria e fechava, palpitante, excitado.

— Acha que esse buraco nas costelas seria um impedimento para fazer sexo com você?

Com dificuldades, abri os olhos embriagados, e uni os lábios.

— Você é uma desgraçada. — Ela sorriu, buscando minha boca e me devorando com paixão, ânsia, amor e devoção. Ergueu uma das minhas pernas e tentou enfiar as mãos por dentro do short.

— Não. — Minhas mãos se espalmaram em seu peito. Fugi daquela tortura, tentando recuperar a normalidade da respiração.— Temos muito tempo para isso. E além do mais, estamos sujas e feridas. Você mesma não gosta de fazer...

— Já entendi, já entendi. Estou levando um fora.

— É. Está.

Rimos.

Ao resvalar por mim, Nita estapeou minha bunda e cuidou de atravessar a porta do banheiro quando me viu pegar a almofada para lhe arremessar.

Com o sorriso desaparecendo dos lábios, me vi sozinha no amplo quarto. Sentei na beirada da cama; os pensamentos se enchendo de dona Rebeca.

Levantei, andei pelo espaço, sentei novamente.

*Meu Deus...*

Encarei o teto, nada me ocorria, nenhum discurso, nenhuma retórica ensaiada.

Como dizer que seu filho estava morto? Eu não estava preparada para dar essa notícia.

E mesmo que eu não quisesse aceitar, ainda tinha que lidar com a parte final daquele pesadelo.



## 67 CAPITULO SESSENTA E SETE

NITA.

**O dia esmaecia**, e no horizonte o céu se matizava de cores afogueadas, apresentando um pôr-do-sol deslumbrante.

A brisa do entardecer soprava os cachos, úmidos, dos cabelos de Marcela, espiralando o perfume do banho tomado que entranhava no meu nariz. Um cheiro agridoce, que me inebriava, mantinha meus sentidos o tempo todo despertos, sempre ligados nela.

Ela estava com um vestido diáfano, todo branco, leve, que esvoaçava ao ressoar do vento. Arrodee o braço em volta de sua cintura e deixei um beijo em seu ombro nu, depois busquei a base do pescoço.

Marcela fechou os olhos; suas pálpebras estremecendo, a pele do braço arrepiando-se discretamente. Apesar da reação despertada, ela pouco se moveu. Minha carícia não a libertou da agonia que a tomava em silêncio. Seu olhar voltou a se concentrar, por completo, no infinito do mar, e eu também ampliei a visão para a imensidão oceânica a se perder de vista.

Havíamos saído para tentar diminuir a tensão que a perturbava, antes de ela ir contar à sogra a tragédia que se deu àquele dia: Noticiar a morte de Estéfan. Protelei, insisti para que esperasse o dia seguinte, depois de uma Boa Noite de sono e descanso, mas Marcela preferiu não esperar. Não me sobrou outra alternativa que apoiá-la e acompanhá-la.

Minha mente também estava cheia, um turbilhão. A ausência dos meninos e a tristeza de não poder ir ao velório e enterro do meu pai, me tirava o sossego, me afetava demais. Tentei me distrair com o vai-e-vem de pessoas circulando pela praia, umas apreciando e registrando o espetáculo de cores colorindo o horizonte, e outras namorando, curtindo, papeando.

Respirei fundo, limitando-me a pensar demais. O dissabor estava ali, amargando-me a alma, mas alguém tinha que ser forte,

amparar. Mirei novamente em Marcela, seu olhar ainda perdido no nada.

— Tem certeza que quer ir hoje, agora? Pode esperar até amanhã. Sei que está cansada, Marcela. — Tentei movê-la.

Suas pálpebras tremeram, piscando levemente. O corpo e o olhar permaneciam inertes.

— Não sei como vou fazer isso, Nita. — A voz sibilou, cansada, impotente. — Como vou dizer à mulher que cuidou de mim como uma mãe, e me protegeu, que o único filho dela está morto? Morto!

Virou-se para mim, lágrimas despencavam dos seus olhos.

— Vou te ajudar, minha princesa. Vou te ajudar.

Com os dois polegares, sequei o rosto molhado e a beijei.

Marcela se aconchegou no meu peito e a amparei com meus braços, abraçando-a, tentando dar o meu melhor.

— Que egoísta estou sendo. — O corpo pequeno se afastou, as mãos lutando contra as mechas cacheadas que o vento bagunçava em seu rosto.— Você também está sofrendo pela morte do seu pai, e nem por isso fica me enchendo de lamúrias.

Balancei a cabeça, puxando-a, querendo-a de volta no meu peito.

— Acho que não deve se preocupar com isso. — Falei enquanto minha mão afagava suas costas.— Vamos? Daqui a pouco escurece.

Assentiu, o rosto erguendo-se para encarar o meu:

— Obrigada. Acho que seria mais difícil se não estivesse comigo.

— Sempre vou estar. Não vou te largar, nem te deixar nunca, minha cacheada.

Ela sorriu. Um riso melancólico, entristecido.

— Eu é que não vou te largar, e nem desistir de você nunca. Nunca, nunca, nunca. — Repetiu, categórica.

Sorri, sentindo-me muito amada. Inalei o ar com força, antes de dizer, nostálgica.

— Lembro bem o que você disse na vez em que estivemos juntas, comendo aquele tufos maravilhoso. — ela esboçou um sorriso bobo, o que me fez parar para mirá-la.— Que não iria desistir

de mim, que sabia que eu também te queria, que estava afim. Obrigada por não ter desistido. Por ter sido mais fiel aos seus sentimentos do que eu naquele momento.

— Ah, meu amor.— os olhos turmalinos marejaram outra vez; os braços se abrindo para mim.— Eu te amo, Nita. Amo você.

Arrepiei-me, sentindo aquele frio gostoso no estômago. Fechei os olhos, me deliciando com o perfume doce dos seus caracóis ruivos e úmidos.

— Não mais do que eu. — Gracejei e ela sorriu sobre meu ombro.

— É?

— É.

Sorrimos, melancólicas.

— Temos que ir. Antes que eu perca a coragem.

— Vamos. — Encorajei.

Seguimos pelo calçadão, juntas, aninhadas uma na outra. O silêncio nos fez companhia, o vento gostoso também.

Quando o taxi parou em frente à casa de Rebeca, vimos a senhora varrendo pétalas de flores rente ao portão. O carro parado despertou sua curiosidade, e assim que deixamos o táxi, ela retirou o avental e as luvas, caminhando para nos receber.

Vi Marcela engolindo em seco, tensa, gelada. Sua expressão encheu-se de compaixão quando Rebeca nos recebeu com um largo sorriso de orelha a orelha. Naquele instante, também fiquei entristecida, quase chegando a lastimar a morte daquele miserável. Percebi, então, o quanto seria difícil dar a notícia.

— Oi, filha. Tentei ligar para você o dia todo hoje. Tenho novidades. Por que está de taxi? Cadê seu carro? — Indagou a senhora sem abandonar a alegria no rosto.— Oi, moça. Nita, não é?

— Sim. — Confirmei, estendendo a mão. Ela ignorou meu gesto puxando-me para um abraço. Dando-me uma atenção especial, acrescentou:

— Se algum dia culpei você ou fui incompreensiva com o relacionamento de vocês, quero que me desculpem. Entendam que fui pega de surpresa, e...

— Não, não. Não se preocupe, senhora. — falei desconcertada, sentindo-me mal ao vê-la tão feliz para depois

receber a pior notícia de sua vida.

Marcela não se movia. Os olhos negavam-se a encarar os de Rebeca.

— Tudo bem, filha. — disse ela, olhando de mim para Marcela.  
— Agora vamos entrar, quero que saibam logo da novidade.

Tomando a dianteira, ela nos conduziu para dentro da residência com muita gentileza.

Entramos e o cheiro de bolo caseiro dançava no ar. Ainda muito alegre e receptiva, ela nos ofereceu o sofá e depois se retirou, dizendo que iria desligar o forno.

— Pronta?

— Não.

Anui à resposta evasiva e apreensiva de Marcela. E então, antes que eu piscasse outra vez, Rebeca estava de volta. Sorridente e muito feliz.

### MARCELA.

Mal talvez fosse uma sensação muito rasa para definir o que eu estava sentindo ao ver que dona Rebeca ainda sorria contagiante, contente. Ela sempre fora uma pessoa alegre, que não dava brecha para tempo ruim, salvo pelos momentos de agonia e aflição, aos quais Estéfan esteve quando foi preso. Troquei um olhar com Nita enquanto ela colocava o bolo de milho sobre a mesinha envidraçada, o meu favorito. Eu não conseguia me mexer, respirar sem que o peito doesse, pesasse, batesse cheio de culpa, ainda que esta, fosse incongruente.

— Olha filha, seu preferido. Parece que eu estava pressentindo sua visita. E os meninos, por que não vieram? — Solicita, ela indagou ao passo que fatiava todo o bolo e servia em pires apostos à mesa, a expressão risonha ainda muito evidente no rosto.

Fui engolida pela mudez, sem conseguir responder e nem fingir qualquer forma de interação. A saliva passou rasgada pela garganta, o coração ansioso demais, querendo se acovardar.

— Filha? — Dona Rebeca chamou, mingando a feição .— Está tudo bem com as crianças?

— Si-sim! — Minha voz falhou em um lapso de tremor. — Estão bem.

*Assim eu esperava.*

Ela anuiu em um gesto de alívio e paz; voltou a sorrir novamente, estendendo o bolo para mim e depois para Nita.

— Parece estar uma delícia, como sempre. — Encarei a fatia, generosa, sabendo que não passaria nem um mísero pedaço na garganta.

— Pois então coma, filha. Fiz pensando em você e, bom — deixou o pires sobre borda da mesinha e limpou a boca, depois de haver comido metade do pedaço que colocara em seu pires.— Tenho uma novidade que vai gostar. — E sem fazer suspense disparou.— Estéfán disse, disse não, garantiu que vai desbloquear seus contões, que vai dar a você o divórcio, que vai deixar vocês em paz. Que depois iria viajar só por uns dias com a permissão da justiça, para colocar as ideias em ordem. Conversou muito seriamente comigo, chegou até a chorar, filha. Acho até que já tenha consertado tudo. — Minha sogra confessou emocionada, aliviada, completamente alheia à verdadeira realidade.

Meu corpo inteiro travou. Meu olhar desviou para um ponto qualquer, agoniado. Não sabia como manejar a situação. Nita, em um gesto de apoio, tocou minha mão.

— Filha. — Dona Rebeca, continuou.— Meu filho quer se tornar um novo homem, acho que agora se deu conta que ficar fazendo besteiras seguidas de besteiras, e sendo um tremendo irresponsável, não vai levá-lo a nada de bom. Pelo contrário. — Suspirou, bebericando na boca da xícara fumegante de café.

Abaixei a cabeça, arrasada, me sentindo muito mal. O esforço que fiz para não chorar foi absolutamente em vão. quando ergui o queixo, eu só conseguia enxergar o rosto de dona Rebeca turvo, as lágrimas borravam tudo.

— O que está acontecendo, Marcela? — Ela levantou e sentou-se ao meu lado. — Você está pálida e abatida, filha.

Tentei não soluçar, e consegui. Respirei fundo, tomando coragem para falar de uma vez. Busquei o toque do olhar de Nita, ao meu lado; ela moveu a cabeça, assentindo discretamente, me incentivando.

— Fala, filha. Aconteceu alguma coisa? Pelo amor de Deus, Marcela, não me deixa nervosa.

Peguei sua mão, que aflagava meu braço, e acoplei à minha, gelada, fria.

— Sua mão está suando. — Ela constatou.

— Sinto muito. Lamento por ter que causar a pior dor que uma mãe pode sentir, dona Rebeca. — Minha voz saiu embargada, trêmula, sentida.

Ela enrugou; nuances de preocupação enchiam seu rosto, seu olhar. A expressão risonha já não existia mais.

— O que...? — Houve uma pausa.— Do que está falando, filha?

— É uma longa história. E a senhora merece e precisa saber de tudo, cada detalhe, para poder entender.

Ela tirou os óculos, a tensão pairava densa no ar. Nita não largava minha mão, apertando, vibrando força.

— Pois fale, estou ouvindo. — Limitou-se a falar, observando-me bem, mais atentamente.

Suspirei pela última vez.

*Céus, como era difícil!*

— Antes de mais nada, — Comecei.— Não atendi aos seus telefonemas porque eu e Nita estávamos em apuros. Lena foi sequestrada.

— Cristo! — As mãos enrugadas, que envolviam as minhas, subiram para a boca, abafando o susto instantâneo. — Meu Deus! Como está a coitadinha?

— Bem.

— E vocês? Se machucaram? Procuraram a polícia? E o sequestrador? Já está preso?

Pisquei. Depois engoli em seco pela milionésima vez naqueles minutos.

— Só um escapou. Uma, na verdade. Todos os outros estão... mortos. Morreram no confronto com a polícia. — Falei, adiando contar a única parte que realmente interessava.

— Machucaram você? — Ela me varreu com o olhar, procurando arranhões, ou qualquer tipo de escoriações.

— Estou bem. Nós estamos bem. — Nita e eu nos entreolhamos.— Tudo pela graça e permissão de Deus. — falei, aliviada, muito agradecida.

— Ainda não acredito, filha. — Minha sogra levantou-se muito assustada, descrente. — Como eu não soube de nada? Vocês correndo perigo e eu aqui, toda feliz.

— Que isso, senhora.— Nita falou, tomando a palavra.— A senhora e nem ninguém poderia fazer nada. Além do mais, fomos coagidas, ameaçadas a não contar absolutamente nada.

— Meu Deus, tudo isso parece coisa de filme. Vocês estão mesmo bem?

*Não, não estávamos.*

— Sim. Não se preocupe.

Ela negou com a cabeça.

— Sente-se, senhora Rebeca. Acho que vai precisar estar sentada para receber a notícia que viemos lhe contar. — Nita disse, tomando cuidado com as palavras, sendo gentil.

— Ainda tem mais? O que estão me escondendo? O que ainda não me contaram? — Dona Rebeca voltou a sentar-se ao meu lado, dando toda atenção, assustada.

— É sobre Estéfan.

— Estefan?

— Sim. — Confirmei firme, sem vacilar. — Ele a enganou. Não desbloqueou meus cartões coisa nenhuma, e nem iria me deixar em paz como garantiu à senhora. Ele... — dei uma pausa, buscando um pouco de ar, o coração galopava no peito.— Ele estava em conluio com a marginal que sequestrou Lena. Ele estava sendo cúmplice dela, dona Rebeca. Estéfan fez a senhora acreditar que iria viajar, mas a verdade é que a intenção dele era me levar para longe, me sequestrar.

— Não, não e não! — Minha sogra levantou-se outra vez e comprimiu as mãos trêmulas contra o espaldar da poltrona ao lado. — Não, filha. Isso não! — Negou ela, recusando-se a acreditar.

E, tomada pelo sentimento de decepção e desespero, ela escorregou pela poltrona e começou a chorar. Sua mão tremia e, praticamente, me joguei ao seu lado, dando-lhe suporte.

— Por favor, filha.— A voz saiu falha, muito dolorida.— Não me diz que... que meu filho... — Não se atreveu a terminar a frase. Ergueu o rosto para me encarar; as lágrimas acumuladas cintilando em seus olhos.

— Sim, dona Rebeca. Estéfan foi um dos que foram mor...

— Não! — Ela não deixou que eu terminasse. Desabou em prantos, encolhendo-se em sua própria dor.

— Eu lamento muito senhora. — Foi Nita quem falou, juntando-se a nós. — Seu filho foi morto pelas mãos da própria cúmplice.

— *Nããão!*— Desesperada, ela negou mais uma vez; a expressão à beira da loucura. — Eu quero o meu filho.

E ao tentar se levantar, dona Rebeca não aguentou e desmaiou sobre o braço da poltrona; seu corpo resvalando mole no colo de Nita.



## 68 CAPÍTULO SESSENTA E OITO.

NITA.

— **Corre!** — Marcela pediu, agoniada. — Sobe até o quarto e pega o remédio da pressão dela. Deve estar na mesinha. Rápido Nita.

Subi as escadas pulando os degraus de dois em dois. Senti o ferimento na costela, mas ignorei.

Revirei, passei os olhos em tudo e não vi nenhum remédio. Escutei os gritos desesperados de Marcela lá de baixo, pedindo que eu me apressasse. Recomecei a procurar, novamente, pelos mesmos lugares.

Nada.

Não tinha qualquer tipo de medicamento ali. Quando eu já havia desistido de procurar, sacando o celular para ligar para a emergência, capturei um frasco minúsculos entre o vão da cama e do criado. Com pressa, apanhei o vidro e conferi o nome no rótulo. Corri descendo escadas abaixo.

— Aqui.

— Traz água.

Peguei.

Com alguma dificuldade, fizemos com que Rebeca engolisse o comprimido.

— Melhor chamar uma ambulância. Ela pode não reagir.

Marcela titubeou, diante da minha sugestão.

— Vamos esperar. Daqui a pouco ela reage. — disse, sem muita certeza.

— Está certa disso?

— Não.

— Tudo bem, vamos esperar. Vem, ajudo a colocá-la no sofá.

Marcela ofegava, aflita. Colocou a cabeça de Rebeca repousada em suas coxas, torcendo para que ela acordasse, reagisse. Fiquei ao seu lado, esperando que a senhora tomasse alguma reação.

— Ela vai acordar. Já passou por isso algumas vezes. — Falou incerta, sem muita convicção.— Eu devia ter imaginado que isso poderia acontecer. Meu Deus...!

— Não Adianta se lastimar, amor. De uma forma ou de outra ela teria que saber.

— Mesmo assim. Ela não merecia isso, Nita, não merecia.

— Eu sei. Mas pense que tudo o que você pode fazer, está fazendo. Está aqui, ao lado dela, cuidando, dando todo suporte.

Ela assentiu. Depois se inclinou e beijou o auto da testa de Rebeca apagada em seu colo.

— Em quanto tempo ela acorda?

— A última vez despertou rápido. Em alguns minutos.

— Quantos?

— Não sei, não lembro com exatidão. 15, 20. Ou um pouco mais. Não sei. — declarou, confusa.

— Certo.

Busquei o celular no bolso e estudei o tempo mais próximo em que despertaria. Caso não acordasse em meia hora, recorreria à emergência.

Nesse meio tempo, auxiliei Marcela no que precisasse, mas sem esquecer de mim, das minhas dores, minhas angústias e aflições. Fui até a janela, preocupações surgiram na minha mente.

Lena. Felipe. Lucas.

Recostei-me na lateral envidraçada, e cruzei o braço. Embora meus olhos estivessem pousados no chão, não miravam nada em específico, viajavam no tempo, estacionando na exata lembrança em que encontrei os três em um contêiner de lixo. Naquele instante meu peito bateu mais forte por eles, por mim. Meu coração escolheu aquelas três criaturas para fazerem parte da minha vida.

Logo depois, vieram as lembranças do convívio com meu pai. Os termos rígidos que ele implantava da moral e dos *bons costumes*.

Nunca imaginou que eu pudesse me rebelar, me tornar a ovelha perdida. A única. E ainda assim, “perdida”. Nunca me vi fazendo parte da cultura hindu. Os mesmos costumes no qual meu pai foi criado, educado. Eu era uma variante. Sempre o enxerguei como um imortal. Tão poderoso, abrangente, dono de tudo e de

todos, vivendo e dando ordens do topo da pirâmide, negando-se a descer por nada. E nem por ninguém. *Nem por mim.*

Saber que estava morto me fez compreender que nem todo o dinheiro do mundo pode nos livrar de uma sina. Eu queria estar ao lado da minha mãe naquele momento, viver a transição da dor junto com ela. Era meu pai. Ainda que sua atitude de ter me escorraçado de casa tivesse mudado minha vida, ainda assim, era meu pai. E estava morto. Eu não teria a chance, não poderia sonhar com um momento em que chegaria comigo e dissesse que estava arrependido. Que eu era sua filha, que minha felicidade estava acima de qualquer relação religiosa ou social. Sonhei com isso durante todos os dias em que vivi dias difíceis na rua, quando me vi encrencada, ameaçada, querendo voltar pra casa e esquecer a vingança contra Renata Falcão.

Parte do meu passado estava morto, literalmente. Drica e meu pai. Estavam mortos. E meu presente mais vivo que nunca. Olhei para trás, Marcela me olhava ainda com a senhora no colo. O azul do seu olhar era aflito, mas também ansioso para saber em que planeta eu orbitava. Voltei a me aproximar; ela falou cheia de culpa:

— Desculpa.

— Pelo o quê? Por eu te amar demais? A ponto de nada ser mais importante do que estar ao seu lado, te apoiando, te querendo perto de mim?

Os olhos turmalinos umedeceram, acompanhando eu sentar ao sofá.

— Poderia estar com os meninos, ou pelo menos tentando arranjar uma forma de falar com eles.

— Uma coisas de cada vez, amor. — A tranquilizei afastando seus cachos para trás.— E também não quero reencontrá-los com essa cara. Preciso de pelo menos uma noite de descanso, para poder conseguir pensar numa forma de tê-los de volta.

— Você é incrível.

— Não há nada de incrível em cuidar, querer por perto quem você ama.

— Você entendeu o que eu quis dizer, não é?

— Mas é claro, meu amor. — Sorri de leve.— É que eles são muito importantes para mim. Não posso e nem quero esgotar todas

as tentativas de conseguir que estejam de novo ao meu lado.

— E vou estar com você, juntas nessa.

Marcela escorou a cabeça no meu ombro; suspirei orgulhosa e ainda mais encantada.

— Eu sei que vai. Obrigada.

— Obrigada por quê? Por eu te amar demais? A ponto de nada ser mais importante do que estar ao seu lado, te apoiando, te querendo perto de mim?

Rimos. Com leveza. Com apego.

E quando a exata meia hora se passaram, Rebeca chamou nossa atenção em meio a alucinações.

— Ela está reagindo.— Marcela constatou contente, mas não menos preocupada.

— Meu filho...Estéfan...? Meu filho...

— Está perturbada. — Falei.

Aos poucos ela voltava à lucidez. Mas quando isso aconteceu de fato, Rebeca deu vazão ao pranto, à dor terrificante. Chorou, lamentou, profunda e dolorosamente, sem poder evitar o sofrimento que a consumia.

Marcela sofria junto, já não sabia mais como dar consolo, como desafogá-la do tormento.

Perder um pai, que te renegara e expulsara de casa, já era difícil, perder um filho que saíra de suas entranhas devia ser mil vezes muito pior.

Não ousei medir ou imaginar o quão grande estava sendo o desespero de Rebeca. E como Marcela bem disse, ela não merecia isso.

Perguntei-me como Estéfan poderia ser filho de uma mulher de tão bom caráter. E novamente me indaguei se valia a máxima de que, os filhos são o reflexo dos pais, seja para o bem ou para o mal. Ali havia uma exceção. Estéfan não era o reflexo da mãe. Ele era mau. Enquanto aquela senhora, atormentada por sua dor, era bondosa e o amava.

Ela desmaiou de novo. E de novo. E quando acordava, era atormentada pelas lágrimas que não à deixavam em paz. O martírio, a dor inconsolável e as lágrimas que faziam seus olhos inchar, era palco de um espetáculo de luto, agonia e sofrimento.

Penalizada, Marcela quis dar um calmante para que ela descansasse, parasse de sofrer. Mas intervi, não achei uma boa ideia. Por mais doloroso que estivesse sendo, ela teria que manter-se sóbria, lúcida. Tínhamos que tratar do corpo de Estéfan, velório e enterro.

A noite transcorreu desoladora. Eu e Marcela ficamos o tempo todo pendentes de Rebeca. Houve umas horas da madrugada em que meus olhos pediram arrego. Sem poder resistir, apaguei acordando já ao raiar do dia.

— Nita? — Ouvi meu nome distante, longínquo. — Nita?

Assustada, saltei rápido do sofá, o coração saltando alarmado. Era apenas Marcela me chamando.

*Que susto! Puta que pariu.*

Voltei a desabar no assento, revirando os olhos em alívio, levando a mão contra o peito; a cabeça reclinada para o teto.

— Desculpa ter assustado você. — Lamentou ela, com a voz fanha, rouca.

— Como você está? Não pode mais chorar, se derramar mais uma lágrima, pode não conseguir falar, de tão rouca.— Brinquei. Mas a verdade era que eu estava preocupada.

— Dona Rebeca quer ir ao IML. Quer ver o filho e trazê-lo para cá. — Informou sem rodeios, séria, acabada.

Seus olhos estavam cheios de olheiras, inchados. Levantei a mão e acaricieei sua bochecha.

— Mesmo com essa cara destruída você continua linda, meu amor. Linda!

Marcela soltou *aquele* sorriso. E então não me restou nenhuma dúvida de que qualquer noite mal dormida ao seu lado valeria a pena.

## 69 CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

MARCELA.

**Uma semana** se passou desde a morte de Estéfan.

Eu e Nita estávamos passando por dias difíceis, cansativos. Uma correria louca.

Eu vivia na peleja com dona Rebeca, tentando lidar com a depressão que a sucumbiu após a perda do filho. Além de ter que dar conta da loja, praticamente sozinha, pois, apesar do auxílio muito bem vindo que Nita prestava em alguns momentos, não era o suficiente para aliviar a sobrecarga dos dias exaustivos. A funcionária que Estéfan contratou, pediu demissão, desistiu de permanecer no emprego quando ficou sabendo da morte dele. Era uma aproveitadora.

Por outro lado, Nita não parava. Ela estava louca atrás de um advogado da vara de família para tentar ficar com os meninos. Todos os doutores com os quais conversou, deixaram claro que as chances de ela conseguir a guarda do trio eram mínimas, quase nulas. Foi bem informada de que o fato de ser muito jovem também, além do principal fator de não ter uma moradia e nem trabalho fixo, contribuía muito para que juiz nenhum cedesse a guarda definitiva a ela.

Ainda assim, não se deu por vencida. Segredava um plano. Não chegou a comentar do que se tratava, apenas me garantiu que teria os três de volta.

E seria em menos de um ano. Assim verbalizou muitas vezes naquela semana.

Insistentemente, Nita tentara visitar e falar com Lena, Lucas e Felipe durante todos os dias, mas o empenho do diretor do orfanato em não ceder a qualquer uma de suas tentativas, era desmotivador, irritante.

Já eram quase 16h:00, o fim de mais uma cansativa sexta-feira.

Nada de ela aparecer.

Eu me preocupava quando chegava desanimada, ou quando vinha de mais uma conversa com outro advogado. *Mais um*. Ela não se conformava. Todos a desesperavam. Mas, quando saiu do último consultório naquela tarde, disse por telefone que quando chegasse queria conversar comigo. Muito seriamente. Fiquei o dia todo pensando no que dissera. Ou no que não dissera. A cada pausa no atendimento, de um cliente para o outro, me vi pensando, tentando adivinhar o que de tão importante queria me dizer.

Não cheguei a nenhuma conclusão. Eu realmente não fazia ideia do que poderia se tratar a tal conversa. Também não esquentei cabeça com aquilo, eu confiava em Nita, o que quer que pudesse ser, eu aceitaria, concordaria.

Quando o ponteiro do relógio se aproximou das 17h:00, apressei em colocar os manequins para dentro da loja, organizar tudo para ir embora. Talvez Nita não chegasse a tempo para que fôssemos juntas. O trânsito àquele horário era caótico.

Pensando nisso, eu não quis esperar. Pedi ajuda ao meu velho amigo zé, o concorrente ao lado, para me ajudar a puxar o rolo pesado da porta de aço. Ele também já estava encerrando o expediente e, assim como eu, estava exaurido, nitidamente cansado. Os dias de sexta e sábado costumam ser os mais movimentados, parecendo final de ano. Apesar de toda a correria, eu estava sentindo falta daquela adrenalina, reviver tudo de novo. Deu-me uma sensação de satisfação. Mesmo com a morte tão recente de Estéfan, pude desfrutar do dia intenso de trabalho, me sentindo útil.

— Obrigada seu Zé. — Agradei ao homem com calvície bem aparente. — Hoje o dia foi puxado. — Sorri ainda em agradecimento por sua gentileza.

— Sim, menina Marcela, estou quebrado. Quero chegar em casa e descansar com minha Margarete. — Ele desanuviou a expressão de esgar, referindo-se à esposa que o esperava ao lado do possante amarelo.

— Até mais. E obrigada novamente.

— Não tem de que querida.

E acenou, despedindo-se, rumando para sua esposa.

Caminhando para o ponto de táxi, senti meus pés latejarem dentro do salto alto.

Ai...

A mente reclamou.

— Isso não é de Deus. Sapatos desse tamanho não são de Deus. — Reclamei baixinho, só para eu ouvir.

Os calos nos dedos mindinhos estavam incomodando, afetando a postura ao andar. A gana que tive foi de me livrar no mesmo instante dos saltos e ir a pé até o ponto. Alguns dias longe do comércio, e eu já havia perdido o fio da meada. Foram horas em pé, sem descanso.

A poucos metros de uma pracinha, bem discreta, quase esquecida, senti passos me seguindo. Mas mal tive tempo de olhar por sobre ombros. Antes de girar o pescoço, mãos fortes e firmes enfaixaram meus olhos, apertando-me com relativa força.

Mas o cheiro do perfume, da pele e do suor, denunciou.

Era Nita.

Ela sorriu virando-me ao seu encontro.

— Palhaça, filha da mãe! — Xinguei, fingindo estar irritadíssima, meu coração falhando as batidas.

Quase infartei.

Manquei até o banco de concreto, quase em ruínas, acompanhada por ela.

— Tudo bem? — Preocupou-se ao observar eu retirar os sapatos.

— Eu só queria ter alguns centímetros a mais, sabe. Só para não ter que usar essas coisas.

Nita sorriu.

— Não gosta?

Suspirei aliviada, sentindo os pés respirarem ar puro.

— Gosto. Mas sabe como é, não dá para ficar muito tempo com saltos tão altos assim. O dia todo, por exemplo.

— Você fica linda neles. Muito gata. Muito gostosa.

Encarei-a. Depois sorri e falei.

— Você também ficaria se usasse.

— Não gosto. Nunca gostei.



Desviei o olhar; uma brisa calma e suave soprou contra meus cabelos. Fechei os olhos, sentindo o aroma do vento.

— Você não está esquecendo de nada? — Perguntei, fingindo chateação.

— O quê?

— Meu beijo. Chegou e não me deu nenhum mísero beijo.

Nita sentou-se no meu colo e me abraçou tão forte, que esqueci até o desconforto dos calos.

— Que mulherzinha reclamona eu tenho. Devo me preocupar?

— Deve.

— É? Me diz então o que devo fazer para evitar que fique assim, tão reclamona?

— Hmm... — fingi pensar, mordiscando o canto do lábio. — Deve me dar muitos beijos logo pela manhã. E depois, hã... muitos mimos seguidos de muitíssimos outros beijos pelo resto do dia.

— E a noite? — Perguntou, a voz maliciosa acariciando meu queixo. — O que vai querer que eu faça à noite?

Arqueei a sobancelha, entre a excitação e a diversão.

— À noite? Aí é por sua conta. Pode fazer o que quiser.

— Tudo o que eu quiser?

— Tudo. — Sorri entre seus lábios.

Depois ela afastou um pouco o rosto; os olhos negros brilhavam tão perto dos meus que chegavam a iluminar tudo dentro de mim.

— Posso lamber você? Todas as noites? A hora que eu quiser? Morder cada pedaço da sua pele, do seu corpo?

Fiquei sem ar, as pupilas dilatadas.

— Amo você, Marcela. Consegue mensurar o quanto eu te amo?

— Claro que eu consigo. — Sussurrei, terna, vibrante. Meus olhos reagindo embriagados. — E você? Consegue mensurar o quanto eu sou louca de pedra por você?

Ela sorriu, negando com a cabeça.

— Louca de pedra eu sei que você é. Porque para uma comerciante, linda como você, sentir algum tipo interesse romântico por uma *Zé ninguém* briguenta como eu, tem que ser louca de pedra mesmo.

Acabei não resistindo e sorri à vontade, jogando a cabeça para trás.

— Deixa de ser besta! — Falei entre risos.

Ela ficou me observando até o sorriso morrer em meus lábios.

— Vem pra São Paulo comigo?

— Já disse que eu vou. Não disse?— Depositei um selinho em sua boca. Duas vezes.

— Amanhã. Vamos para São Paulo amanhã.

Séria, afastei o rosto. Tive que piscar algumas vezes, para ter certeza que eu tinha entendido direito.

— Amanhã?

## 70 CAPÍTULO SETENTA

NITA.

**Havia resistência** no tom de voz de Marcela. Mais que isso, sua indagação foi uma clara negação.

— Sim, amanhã. Vem comigo. Não quero ir sem você.

Ela baixou o olhar, pensativa. Mas eu soube, tive certeza qual era sua resposta. Escorreguei para o lado, saindo do seu colo, sem desgrudar os olhos do seu rosto, da sua expressão surpresa.

— Por que quer ir amanhã? Não me disse que tinha decidido ir assim, às pressas. — Virou-se para mim, a expressão franzida.

— Estou contando agora. E não foi decidido às pressas. Já tem uma semana que meu pai morreu, Marcela. Quero ver minha mãe, saber como ela está. Não posso adiar mais. Quero que venha comigo.

— Não, não... Não dá, Nita. — Ela ergueu-se, ligeiramente, alterada; a mão deslizando pela testa.— E dona Rebeca? E minha irmã? Como vou deixá-las aqui? E os meninos? Você vai abandoná-los? Vai deixá-los para trás?

Tomei um longo fôlego e cocei a nuca. Aquela conversa parecia se encaminhar para uma curva íngreme e difícil.

— Tenho que ir, Marcela. Minha mãe está sozinha. Deve estar precisando de mim.

— Pois aqui há quem precise de mim também, Nita. Ou não reparou? Minha sogra, minha irmã, meu sobrinho, a loja... — Sorriu, incrédula.— Acha que posso deixar tudo para trás e ir embora para São Paulo, assim, sem planejamento, de hoje para amanhã?

Fiquei muda, sabendo que tinha toda razão. Continuou:

— Ainda não me respondeu. E os meninos?

— Estou indo justamente por causa disso também. Para tirá-los daquele lugar.

— Não entendi.

Peguei-a pelo braço e a conduzi de volta para o banco. Confusa, ela não deixou de me fitar.

— Quero voltar para São Paulo, para saber como está minha mãe, claro, mas também para pedir que ela adote o trio.

— O quê? — Ela balançou a cabeça, atônica.— Explica.

— Tenho certeza que se ela entrar com o pedido de adoção, as chances de ela conseguir são maiores.

— E acha que ela vai topa entrar nessa loucura? Sim, porque é uma loucura.

— Tenho que tentar. Essa é minha única chance de tê-los de volta comigo. Com a gente.— Corrigi.

Marcela sorriu pasma e admirada ao mesmo tempo.

— Mas... e se ela não aceitar?

— Não quero pensar nessa possibilidade. — Esmoreci os ombros.— Vou persuadi-la, tentar convencê-la de todas as formas. — Ela assentiu, animada. Mas logo desceu o olhar para meu colo, entristecida.— Por isso não posso perder tempo. Você consegue entender?

— Claro. Mas você sabe que não posso ir, não sabe?

— Podemos levar Rebeca. — Sugeri.

— E a loja? E minha irmã? Ela tem menos de três meses de vida.

E mais uma vez me vi muda, sem argumentos.

— O que sugere que façamos então, amor? Porque não pretendo ir daqui sem você. Quero descer do avião e pisar em solo paulista de mãos dadas contigo. Entrar naquela casa com você do meu lado e dizer com orgulho para minha mãe, que você é minha namorada, futura noiva e mulher.

Ela sorriu. Daquele jeito bobo, que me derretia, me aquecia.

— Ah, meu amor... — Lamentou.— Pode ir curtir sua mãe, ter um tempo só para vocês duas. Se atualize de tudo o que aconteceu em sua ausência, reencontre seus amigos...Enfim, pode fazer uma série de coisas.

— Nada disso terá graça, e nem sentido, sem você. Como vou fazer isso? Como vou conseguir passar um dia sem você? Sem sentir o cheiro dos seus cachos, sem ver esse sorriso, esses olhos, essa boca. Como?

— Quando foi que você se tornou essa pessoa tão piegas?

— Estou falando sério.

— Eu sei. — Suspirou.— Para mim também vai ser difícil. Mas temos que pensar que é por uma causa maior. E vamos ter muito tempo para apresentações familiares. Ou você pretende me esquecer lá para São Paulo?

— Idiota.

— Ei?! — Ela me repreendeu entre risos divertidos. Acabei rindo também, mas de nervoso, e sofrendo antecipadamente pela saudade.

— Tenho outra solução. — falei, ansiosa, querendo resolver as coisas de qualquer forma. — Podemos levar sua irmã também. Pensa comigo: Ela não tem muito tempo, então não vai fazer diferença se for com a gente.

— Acha que ela iria deixar de viver seus últimos dias de vida no conforto e na tranquilidade do seu lar, para morrer na casa de alguém que nem conhece? Se fosse você, aceitaria?

— Está tornando as coisas impossíveis assim.

— Você que está agindo com emoção.

— Pode pelo menos sondar sua irmã? Perguntar, assim, como quem não quer nada, o que ela acha de passar uns dias fora de sua zona de conforto? — Não consegui evitar uma dose de escárnio na voz ao terminar a frase.

— Não custa nada tentar.

— Posso estar com você nessa hora?

— Deve. Afinal, a sugestão é sua.

— Obrigada. Vai dar tudo certo.

Inclinei-me e a beijei com ternura e amor.

— Vamos. Acho que esses pés precisam de uma massagem.

Marcela levantou e apoiou o braço na minha cintura. Apanhei seus sapatos e direcionamos para o ponto de táxi. Em poucos minutos estávamos na frente de sua casa. Já era noite.

Enquanto Marcela pagava o taxista, meu olhar capturou um par de pernas, longas e magras, debaixo da sombra de uma primavera que derramava galhos floridos por cima do muro. Metade do corpo estava escondido entre as sombras da plantação.

Estreitei os olhos, a pessoa ameaçou se mover até mim, mas recuou quando decidi avançar.

— Quem está aí? — Aproximei apertando os punhos. O rosto do suspeito estava escondido com uma camisa encapuzada, preta. Olhando por cima do ombro, observei se Marcela estava por perto.

— Perdeu a língua? — Indaguei, mais arisca que impaciente.

— Sempre marrenta. — A boca sorriu, zombeteira. E minhas mãos se desarmaram quando escutei a voz gracejar debaixo da sombra florida.

— Felipe?

## 71 CAPÍTULO TRINTA E UM

NITA.

**Mesmo depois** de Felipe ter se revelado, tirado o capuz e vindo para a claridade da luz, não acreditei na imagem tão real na minha frente. Havia se passado apenas uma semana, mas ele parecia mais alto, queixo marcado, roupas e sorriso diferentes.

Recebendo seu abraço demorado, ainda resisti acreditar em sua presença tão viva. Vi-me boquiaberta, olhar surpreso e brilhando feliz.

— O que aconteceu? O que está fazendo aqui? — Desgarrei, meus olhos percorrendo-o todo.

Ao que ele ia responder, Marcela aproximou-se e, assim como eu, também oscilou entre a surpresa e a alegria.

— Fe-Felipe? É você mesmo ou estou tendo alucinações?

Ele sorriu mais uma vez; parecia se divertir com nosso espanto.

— Sim, sim, sou eu. Em carne e osso. — Estendeu os braços, rodopiando.

Nita e eu nos entreolhamos.

— Fui liberado do orfanato hoje. — Explicou mediante nossos olhares especuladores.— Ontem completei 18 anos! — Vibrou.

Marcela levou as mãos à boca e depois abriu os braços em comemoração. Abraçaram-se, sacudindo-se de um lado para o outro.

Fechei os olhos soltando um suspiro de alívio, muito feliz pela maravilhosa notícia.

— Ah, moleque. — Abracei-o novamente, distribuindo tapinhas por suas costas. — Que bom ter você de volta, Felipe.

— Fui ao hotel, atrás de vocês, mas não estavam lá.

— Sim, tivemos que voltar para a casa de Marcela. — Expliquei trocando uma olhadela com ela, lembrando de tudo o que aconteceu naquela semana.— Vamos entrar, te explico tudo. E você também vai me dizer direitinho sobre essa história de ter 18 anos.

Cadê sua certidão de nascimento? Como sabe que tem dezoito anos se nunca teve nenhum documento?

Felipe coçou a cabeça enquanto o conduzíamos para dentro.

— Primeiro quero comer alguma coisa, estou quase morrendo de fome.

Assenti.

— Deixa que eu preparo alguma coisa para comermos. Acho que dona Rebeca não fez nada. Já, já eu volto.

Marcela se retirou, muito animada com a volta de Magrelo. Enrolou o volume dos cabelos nas próprias madeixas, e rumou para a cozinha.

E antes que eu indagasse qualquer coisa, Felipe se adiantou:

— Lena mandou para você.

Com o braço parcialmente erguido, ele segurava um bilhete dobrado em várias camadas.

— Ela está muito triste, Nita. Não para de falar em você, em Marcela. Todos os dias acorda cedo e se arruma, acreditando que vocês vão aparecer a qualquer momento para buscar ela. — Felipe deu uma pausa, depois seguiu contando. — E quando o dia acaba, e a noite chega, ela fica numa tristeza de dar dó. Não come e nem se distrai com outras meninas.

Meu coração se comprimiu de forma que, ao invés do ar fazer bem para os pulmões, pesava, doía.

— Lena nunca vai conseguir se adaptar naquele lugar. — disse entristecido. Depois ainda acrescentou. — Eu queria ter fugido com ela, mas é praticamente impossível fugir dali. Falei que iria *ver ela* toda semana, e assim vou fazer, até você conseguir tirar os dois de lá. Vai tirar os dois, não vai?

— É complicado demais, Felipe. Não é tão simples adotar, e ainda mais quando se trata de dois.

— O que quer dizer?

— Quero dizer exatamente isso que estou dizendo, que é difícil um processo de adoção.

— Vai deixar os dois lá? — Indagou preocupado, receoso.

— Vou fazer tudo, tudo o que for possível para conseguir, Magrelo. Mas para isso vou precisar viajar, vou precisar da ajuda de outras pessoas.



Vincando o cenho, ele sondou:

— Quem? E vai viajar para onde?

Relaxe, dando uma longa pausa.

— Vou para Moema, São Paulo.

Expliquei tudo, da ideia de querer que minha mãe adotasse Lucas e Lena. Felipe reagiu surpreso, mas muito feliz, confiante. Disse que contaria aos dois na primeira oportunidade.

— Sabe que pode contar comigo, não sabe? — Ele reforçou ainda mais o elo fraternal que já existia entre nós.

— Obrigada, cara. Sei que irar se empenhar em ajudar no que for preciso para tirá-los de lá, afinal, não vai querer ficar longe da *sua* Lena. — Suprimi um riso, gracejando com a situação.— Já contou a ela?

Felipe ruborizou, ajeitando-se no sofá. Marcela o salvou, voltando da cozinha.

— Acho que isso aqui vai matar sua fome. E se não matar, aleija pelo menos.

Fiz uma careta, ao passo que ela sorria alegre, avançando na minha boca, beijando-me cheia de graça; os cabelos presos no rolo desajeitado desmancharam-se, cobrindo todo o meu rosto.

— Se Lucas estivesse aqui, iria dizer que vocês são duas atoadas. — Felipe comentou, quebrando o clima bom.

— E você? Acha isso atoa? Acha o amor, hã, ridículo?

Ele balançou a cabeça, fazendo uma cara de esgar.

— Às vezes sim. — deu de ombros, arrastando a farofa de ovos com calabresa. — Vão querer? — Perguntou, depois de ter entupido a boca de comida.

— Pode comer. — Foi Marcela quem falou, divertindo-se com a forma selvagem com a qual ele comia. — Só não pode se engasgar.

Acabei rindo também, lembrando da primeira vez em que ela me viu comendo sem moderação.

Conversamos um pouco mais, depois que Felipe saciou a fome canina. Ele contou da rotina dentro do orfanato, e se foram bem recebidos e acolhidos. Insistiu no assunto da adoção de Lena e Lucas, botando pressão, reagindo à possibilidade da permanência definitiva dos dois amigos no abrigo. Entendi seu medo. A ideia de

ficar longe dos companheiros devia deixá-lo atordoado, impotente. Porque era assim que eu me sentia também. Deixando o medo de lado, migrei para outro assunto.

— Vai me dizer, explicar sobre sua idade? Data de nascimento...

— Eu não tinha nenhum documento que comprovasse o dia que nasci, como você mesma está suspeitando.

— Você nunca me contou sua história, Felipe. Só disse que está nas ruas desde os sete anos. Depois não falou mais nada, mesmo eu tendo perguntado diversas vezes.

Ele suspirou, resistente à minha tentativa de querer ouvir mais sobre sua vida.

— Não lembro de muitas coisas. — Seu olhar viajou no tempo, inerte, melancólico. — Mas o que importa isso agora? Hoje sou um cidadão, sou gente. — Ele se dispersou das dolorosas lembranças e deu de ombros.

Mas me vi cheia de curiosidade mediante sua recusa de falar. Subindo o primeiro degrau da escada, paralisei. Ficamos frente a frente, meu olhar fixo nos dele.

— Todos que vivem nas ruas, têm uma história triste para contar. Ou esconder, como é o seu caso.

Sério, ele ergueu a sobrancelha clara e depois baixou os olhos.

— Qual é a sua? O que te levou a viver nas ruas durante todo esse tempo?

Depois de uma curta pausa, ele começou a subir os degraus espiralados, sem pressa, agarrando-se no corrimão.

— Minha mãe era professora. — disse; o segui logo atrás. — Não lembro a profissão do meu pai, só sei que ele era mais novo que minha mãe, e que passava dias fora de casa. Quando voltava era todo sujo, magro, fedido.

Ele pausou. Talvez esperasse que eu dissesse algo, mas não o fiz. Continuei em silêncio, ouvidos atentos. Então continuou:

— Eles brigavam muito, discutiam. Meu pai quebrava tudo dentro de casa. Xingava minha mãe, agredia, maltratava. — Uma centelha de lágrima umedeceu os olhos dele. — Até que um dia, enquanto eu brincava de futebol na frente de casa, de tardezinha,

duas motos pararam quase ao meu lado e quatro homens entraram portão adentro, às pressas, com rostos encapuzados.

Ele deu mais outra pausa.

Chegamos na entrada do quarto vazio, Felipe não quis entrar. Escorregou as costas na parede, próximo à porta, e sentou-se no piso. Também fiz o mesmo. Ficamos ali, no hall estreito, um de frente para outro, na mesma posição.

— E depois?

Ao suspirar prolongadamente, ele olhou para além das paredes, acima do meu ombro, e voltou a viajar no tempo.

— Depois escutei vários tiros.

Minha intenção foi reagir com espanto, mas suprimi qualquer reação e continuei escutando.

— Quando a sessão de tiros acabou, os caras saíram com as pistolas ainda em mãos, montaram nas motos e voaram. Soltei a bola debaixo do braço e corri para dentro de casa. Quando vi meus pais caídos no chão, com o corpo como se fosse uma peneira, e lavados de sangue, não tive nenhuma reação. Eu era um menino. Apenas um menino. Só fiquei parado. Eu não conseguia me mexer. Logo meus amigos entraram também, uns gritaram assustados, e outros correram de lá. Eu fiquei.

— Felipe. — Penalizada, passei a mão em seu dorso sobre o joelho dobrado. — Lamento. Lamento muito.

— Nunca esqueci aquela cena. Parece que foi ontem que tudo aconteceu. — Ele deixou uma bolha rolar pelo canto do olho.

— E depois? O que aconteceu depois?

— Com eles? Não sei. Mas eu fugi. Fugi para bem longe daquela casa, daquele lugar. Fiquei assustado, então fugi. Corri dali, até minhas pernas cansarem. Vaguei sozinho, e só no outro dia eu chorei. Chorei com a imagem dos meus pais lavados de sangue. Chorei por estar com fome, sede, frio. Chorei porque eu estava sozinho, sem ninguém. Eu só chorei, Nita. Eu era uma criança que, num dia, tinha uma família, brincava com os amigos na frente de casa, e no outro estava à própria sorte. Apanhei de pessoas ruins, até aprender as regras das ruas. E quando eu aprendi a ser esperto, velhaco, passei a me livrar de muitas coisas, me esconder,

não estender a mão para o crime, apesar de que minha situação era favorável, aberta para isso.

— Você poderia ter virado um bandido, um criminoso como a maioria. Um batedor de carteira. Um viciado. — Falei, reticente.

— É, eu sei. — Ele murmurou, pensativo. — Me vi em várias situações que me empurravam para um desses becos escuros, sem saída. Você sabe que não é fácil resistir às coisas "fáceis" que oferecem.

— Sei. Mas você foi valente, Magrelo. Você é um entre mil.

— Depois que entendi o motivo de terem assassinado meu pai, e junto minha mãe, senti mais aversão a tudo que envolve essa podridão de crimes e vícios.

— Entendo.

Ele me encarou nos olhos pela primeira vez, desde que sentamos no hall.

— Depois que encontrei Lena e o intragável do Lucas — ele riu de leve, balançando a cabeça.— Passaram a ser minha família. Viramos um trio inseparável, formamos um laço. E todas as vezes que um passava mal, porque o estômago não suportava a comida muito estragada, prometíamos um ao outro que tudo ia melhorar, que não íamos nos separar ou deixar ninguém para trás. — Ele ficou em silêncio, seus olhos bem fixos nos meus. — Não posso deixar eles para trás, Nita. Mesmo que você se vá com Marcela, que deixe o Rio, eu vou permanecer aqui, não vou embora, estarei lá toda semana, até atingirem a idade que eu tenho. Vamos ser sempre um trio. Para sempre.

Meus olhos ameaçaram lacrimejar, mas me fiz de durona. Limpei a garganta, emocionada.

— Agora mais do que nunca vou fazer o impossível para tirá-los de lá, Felipe. Prometo!

Ele anuiu a cabeça, o olhar brilhando, cheio de esperança.

Marcela apareceu no começo do hall e juntou-se a nós, avisando que a louça da janta já estava lavada.

Sentou-se ao meu lado e formamos um trio. E assim terminou nossa noite. Conversamos sobre o passado, o presente e o futuro.

## 72 CAPITULO SETENTAE DOIS

MARCELA.

**Mais uma semana** e alguns dias se passaram.

Tudo ainda era muito nebuloso e difícil para dona Rebeca, que permanecia isolando-se no quarto. Tentei distraí-la, bem como Nita e Felipe, mas ela não aceitava nenhuma companhia que não fosse a solidão.

Vigilantes, nos mantemos à distância, respeitando seu luto, sem importuná-la, forçar alguma presença.

Dei uma folga das obrigações e fui ver minha irmã, passar o dia em sua casa, eu estava louca para estar com ela. Nita e Felipe ficaram a cargo da loja. Conteí à Marciellen o trauma pelo qual passei, o caos que tinha se tornado minha rotina por causa da morte de Estéfán e a depressão de dona Rebeca. Foi um dia agradável, memorável, apesar das lágrimas derramadas, da dor de saber que iria perdê-la. Falou sobre o pai de Ben, da história conflituosa entre os dois, o casal, e o que eu deveria fazer quando ela já não estivesse nesse mundo. Saí dali com o coração do tamanho de um grão de areia, derrotada. Era para ter sido momentos somente de alegrias, mas a tristeza também esteve muito bem presente.

Ainda era duro, difícil aceitar. Eu não conseguia.

Dois dias se passaram, desde então, e segui com minha rotina, dividindo meu tempo com a loja, fornecedores e, claro, dona Rebeca. Eu tinha agora a ajuda integral de Nita e Felipe, o que tornou tudo menos cansativo, me desafogando de tantas funções.

No dia seguinte, às primeiras horas da alvorada, meu coração acordou inquieto e muito agoniado. Estava chegando a hora da separação. Eu já sofria antecipadamente a cada passo cedido para dentro do aeroporto Santos Dumont. Agarrada ao braço de Nita, também senti na mudez que nos acompanhava o dissabor da despedida. Era hora do “até logo”. Do “até breve”. Limpei a garganta, me agarrando, apertando-me ainda mais nela ao

aproximarmos de uma determinada ala com vários outros passageiros.

— Ainda não acredito que não vem comigo.

— Não imagina o quanto eu queria me enfiar nesse avião e partir com você. — Falei, sonhadoramente, sem encarar um ponto específico. — Chegar na casa onde você viveu, olhar em volta, segurando em sua mão, e correr os olhos procurando algum detalhe que pareça contigo. Conhecer sua mãe, observar a reação dela ao te ver, ao saber da gente. Será que ela iria gostar de mim? — Perguntei a mim mesma. Depois voltei-me para o olhar de Nita, atenta a mim, ao meu momento de fantasia. — Mas infelizmente não depende da minha vontade, e sim da realidade. Temos raízes aqui.

— É. — Ela sorriu, orgulhosa, as mãos enfiadas no bolso. — Somos uma família, não é?

— Sim, vida. Somos uma família.

Nita anuiu e beijou-me enternecida. Duas vezes. O olhar brilhava, já cheio de saudades, mirando-me intensamente:

— Me espera, *ta* bom, me espera. — Sussurrou baixinho; nossa testa colada uma na outra, e nossos corações batendo em ritmo de despedida.

— Te espero. Mas é claro que te espero.

Ela assentiu:

— Vou ligar toda hora.

— Toda hora?

Ela anuiu mais uma vez.

— Não faça isso, ou te bloqueio.

Rimos.

— Quero me sentir perto de você. O tempo todo. — Nita ofegou ainda com nossas testas coladas, nossas bocas quase se tocando numa carícia.

— Podemos fazer sexo virtual. O que acha? — Sugeri.

Sorrindo maliciosa, ela falou:

— Eu acho ótimo. Uma maravilha.

— Safada.

— Você propõe o ato e eu é que sou a safada? Bonito hein, muito bonito, dona Marcela.

Acabei perdendo a compostura e soltei uma alta risada, chamando a atenção de quem estava por perto.

— Estão olhando. — Ela avisou rindo também, mas de modo civilizado.

Averigui ao redor, todos nos miravam. Mas ignorei, jogando meus braços por cima dos ombros dela, ficando quase na ponta dos pés. Sem abandonar totalmente o riso da boca, falei:

— Vou comprar uma lingerie bem sexy para nosso primeiro sexo virtual.

— Por que está me torturando assim? Quer me deixar louca? Quer que eu te coloque dentro dessa bagagem e te leve à força?

Ampliei o sorriso e toquei minha boca em seus lábios, envolvendo-a em beijo curto e profundo.

— Quero viver todas as experiências com você. — Dessa vez sorri, tímida, encolhendo um pouco o peito. — Não vamos deixar essa chance passar, não é?

Emoldurando as mãos no meu rosto, Nita me encarou por um breve instante.

— Hoje mesmo começamos os trabalhos, minha ruiva pervertida. Esteja bem linda para hoje à noite.

Senti a pele do rosto ruborizar. Mas seu olhar amoroso e sem frescuras, acabou me deixando à vontade para agir ou falar qualquer besteira.

— Vai ter uma surpresa, já aviso.

— *Wow!* — Ela se animou. — Vai ter stripes these?

Mas antes que eu respondesse, a voz feminina, no auto falante, ordenou que os passageiros, do voo aguardado, destinassem para o portão de embarque.

Ficamos sérias. O sorriso desapareceu e nossos olhos murcharam no mesmo instante. Não aguentei e me deixei levar pela vontade absurda de abraçá-la, aproveitar aqueles últimos segundos dentro do seu abraço. Apertei-me à Nita o máximo que pude, sorvendo seu perfume e o acalento do seu corpo.

— Volto logo. — Ela disse ainda mais séria, acariciando meus cabelos e depois meu rosto. — Se cuida. Não vai deixar de se

alimentar como se deve, cuida da sua glicose.

— Pode deixar. Dá um abraço bem forte na minha sogra. E diz que não vejo a hora de conhecê-la.

Nita sorriu de canto.

— Vou falar tão bem de você, que ela não vai ter outra alternativa que vir correndo te conhecer.

— Tá, mas não exagera.

Beijamos outra vez, sorridentes, e nos despedimos. Estava frio. E quando meu corpo perdeu o contato com o corpo dela, minha pele regelou, sentindo a falta, a necessidade de permanecer grudada, abraçada.

O longo suspiro que me tomou, trouxe uma sensação estranha de perda e vazio. Meus braços me envolveram, afastando a friagem do amanhecer. E sem que eu sequer me desse conta, já chorava de saudades.

Só desejei que chegasse a noite, para *estar* com Nita novamente.



## 73 CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

NITA.

**O voo não durou** mais que uma hora do Rio até São Paulo. A saudade de Marcela já apertava, fazendo-me recolher dentro do táxi. Observei a visão urbana, a suntuosidade espelhada dos prédios em movimento, e me perdi no silêncio, na quietude da corrida. O coração começava a bater de ansiedade. Idealizei e esperei muito tempo por esse momento, desde que estive fora de casa, fora do lar onde cresci. Bateu o desejo de ter tido uma família grande, irmãos, irmãs para reencontrar, abraçar, contar das minhas experiências.

Não queria ter que encontrar uma casa enorme e vazia, que espiralasse tristeza e solidão em cada recôndito do ambiente.

Mas era exatamente isso que me esperava. Além, também, de me deparar com uma mãe sucumbida ao luto ainda muito recente. Eu quase podia imaginar a vida de dona Estela sem o meu pai. O que me deixava aliviada, era a subserviência do meu tio Lorenzo aos negócios da família. Era o administrador e também irmão dela adotivo.

Quando o carro entrou no bairro de Moema, me ajeitei no assento; o frio do ar climatizado ouriçando-me a pele.

Tudo ainda continuava do mesmo jeito. As residências imponentes e luxuosas, cercadas por muros invioláveis, deu-me uma sensação de estranheza, mas também de pertencimento àquele lugar. Lembranças passadas reavivando minha memória a cada metro corrido. E quando o carro passou pela guarita e estacionou em frente à grande mansão, lágrimas turvaram meus olhos, mas lutei com ímpeto para não deixar nenhuma gota cair.

Mas meu esforço foi em vão.

Com o rosto úmido, desci do táxi e ergui o olhar para cima, para a estrutura que se erguia suntuosa e belíssima, exclamando a luxo. Observei que o majestoso portão se abria para mim, meu coração deu um salto que pensei que arrebentaria as paredes do

peito. Pensei em ver a imagem da minha mãe, mas era apenas um dos seguranças. Ele ficou surpreso ao me ver ali, paralisada; me reconheceu na hora. Sorridente, limitou-se a me cumprimentar e deu passagem. Trocamos meras palavras educadas e adentrei; os olhos tomando conta do terreno com gramado verdinho e bem aparado enquanto eu caminhava para a porta de entrada da mansão. Nada mudou. Tudo continuava bem cuidado, até mais que antes.

Quando soergui o braço para tocar a maçaneta, lembrei de uma coisa. Minha mãe costumava estar todas as manhãs, àquela hora, no enorme jardim da casa. Ainda era muito cedo, a luz preguiçosa do sol começava a se esgueirar lentamente, tomando conta do dia.

Seguindo minha intuição, desviei para o jardim, o coração batia nervoso, fazendo minhas mãos suarem. Respirei fundo. Duas vezes.

Varei na outra área ao ar livre, que se abria para o jardim cheio, com diversidades finitas de flores. Expandi o olhar, a visão mágica que eu tive me fez suspirar, encantada. O perfume que transcendia naquele lugar, trazia uma sensação de paz, conforto espiritual, uma conexão com o natural, o genuíno.

Não havia ninguém ali. Eu conseguia ouvir a voz do silêncio sussurrando nos meus ouvidos, e o perfume das flores me libertando de toda tensão e inquietude.

Explorei mais a planície florida, passando a mão pelas pétalas vívidas, coloridas, me infiltrando no meio delas, apreciando as cores, as diferenças entre cada espécie.

Uma, em especial, chamou-me a atenção. Concentrava-se quase no centro do majestoso jardim. Era como se me olhasse, me escrutinasse dos pés a cabeça, como se sorrisse para mim dando-me Boas Vindas. Inclinei e toquei a ponta do nariz nas pétalas arroxeadas, umedecidas ainda pelo orvalho da noite.

— As outras vão ter que me perdoar, mas você é a mais linda.  
— acariciei com delicadeza.— Qual será o seu nome?

— Dália. É uma Dália.

Abri os lábios, para respirar melhor, quando escutei a voz mansa e suave em algum lugar por perto. Tive quase certeza que

meu coração escaparia pela boca.

— Mãe...? — Virei, procurando-a.

Sua fisionomia era a mesma que eu recordava. Suave, tranquila. Mas também havia uma miríade de sentimentos por trás do seu olhar, que naquele momento fundiu-se em lágrimas ao me ver estatizada a menos de um metro de distância.

— Filha... — A voz sussurrou muito emocionada.

Soprei o ar; o coração batia mais forte, cheio de emoção, como se quisesse sair e pousar no colo de dona Estela. Aproximei e a envolvi em um abraço, sendo correspondida com a mesma intensidade, com a mesma saudade. Cerrei os olhos e senti como se flutuasse no meio das belas flores.

— Perdão, filha. Perdão, perdão... Ah, meu Deus...Vo-você está aqui. É você mesma. — Ela me apertou com força, apalpando-me como a comprovar que não delirava. Que eu era real.

— Eu sabia que iria voltar. Eu...sabia... — Confessou sobre o meu ombro, entregando-se ao pranto, aos soluços.

— Calma, mãe. — Esbocei um riso feliz, porém preocupado pela carga de emoções que a tomava.

Esforçando-se para recuperar o fôlego, ela foi deixando de soluçar pouco a pouco, afrouxando o abraço, desvencilhando-se.

Encarou-me enternecida, e com suas mãos carinhosas afagou o meu rosto.

— Você está tão... diferente Lakshmi. Está...uma mulher. Onde você estava, filha?

Com carinho e ternura, deslizei as mãos dela que estavam no meu rosto e acolhi entre as minhas, segurando firme, sem querer largar.

— Vim pelo papai. — Meus olhos encheram-se de lágrimas, às quais tratei logo de expulsar. — Li nos jornais, mãe.

Ela me puxou pelos ombros e me abraçou novamente. Com calma e lentidão.

— A única coisa boa que eu sabia que iria acontecer, com a morte do seu pai, era que eu tinha certeza que você voltaria, filha. Eu sabia.

— Sabia?

— Sim. — Ela me olhou profundamente e sorriu. — Eu tinha certeza.

— Por quê?

— Porque meu coração dizia. Porque eu sabia que sua mágoa não era maior que toda a tragédia que aconteceu. Que quando você soubesse, viria correndo.

Esmacei os ombros baixando o olhar.

— Eu queria ter vindo logo. Ter vindo para o velório, o enterro. Ter ficado ao seu lado, mãe. Imagino como foi difícil ter que lidar com tudo sozinha.

Com um riso singelo, ela passou a mão no meu braço, repetidas vezes. Revelou:

— Ainda não enterrei seu pai, filha.

— O quê? Mas...mas como? Já faz quase um mês, mãe?

— Eu sei. — Suspirou baixinho. — O corpo dele está conservado. Lorenzo cuidou de tudo para mim. Falei que ele só seria enterrado quando você voltasse. E você voltou. Você voltou!

Meus olhos brilharam surpresos, um misto de felicidade e descrença tomando conta de mim.

E então abri os braços para abraçá-la novamente. Feliz, feliz. Naquele momento, só desejei que Marcela estivesse ali, para a alegria ser completa.

## 74 CAPITULO SETENTA E QUATRO

MARCELA.

**Os cinco dias** que se arrastaram, sem a presença de Nita, deixaram-me com os ânimos variados. Durante o dia, eu gastava toda a minha energia trabalhando, cuidando da loja. Ainda tive problemas com fornecedores, o que trouxe um desgaste a mais. Felipe me auxiliava como podia, era muito inexperiente com vendas e atendimento, mas, ainda assim, trabalhávamos para que tudo saísse bem. A rotina, agitada e cansativa, amainava a saudade que eu sentia pela ausência de Nita. Mas à noite, não tinha como escapar. Eu me via sozinha, sentindo sua falta, cheia de amor pra dar. Ficava horas na janela, recebendo o vento noturno que sempre vinha me fazer companhia.

Havíamos conversado apenas cinco vezes naqueles dias. A primeira foi por vídeo chamada, as outras por linha telefônica, sempre durante à noite, antes de dormir.

Assim como eu, ela também estava muito atarefada, resolvendo situações laborais, familiarizando-se com os negócios da família.

Ela estava muito emotiva por causa do enterro do pai. E mais ainda por saber que ele nunca havia se arrependido de tê-la expulsado de casa, a renegado.

Ainda não havia conversado sobre a adoção dos meninos. Nem sondado. Nada. Fiquei entristecida, pois o que eu mais queria era que tudo se resolvesse logo e ela voltasse. Felipe também, todas as manhãs perguntava se Nita já tinha resolvido algo. Chegava a lamentar, desanimando-se, ao ouvir a mesma resposta de sempre.

Eram exatas 19h:00. Estávamos no sofá da sala, eu e ele, assistindo um programa diário na tevê. Dona Rebeca ainda permanecia isolada no quarto, tricotando e, por vezes, lendo revistas. Eu ficava sempre à sua disposição, pendente quase que o tempo todo. Ela ameaçava reagir, às vezes, e até chegava a sair do

quarto para ficar na área do pequeno jardim, mas quando voltava era arrasada, com os olhos inchados. Era penoso vê-la destrocada, incumbida no luto que se estendia eterno. Mas eu não podia fazer muito, além de cuidar, amparar, como eu tinha certeza que faria comigo. Mas sempre mantinha minhas esperanças de que toda aquela tormenta silenciosa passaria, e eu teria de volta a sogra alegre e de bem com a vida que eu conhecia.

— Estão jantando.

Escutei Felipe dizer, de repente, sem fazer ideia ao que se referia.

— Quem?

— Lena e Lucas. É a hora da janta no orfanato. — Pontuou.

Mirei no relógio de parede, os ponteiros marcavam 19h:15. Descruzei as pernas e me ajeitei no sofá, virando para ele.

— Sente muito a falta deles, não é?

Felipe apontou o controle para a tevê e apertou no botão "Mudo". O silêncio recaiu como um manto sobre nós.

— Eu penso neles 24 horas. Principalmente em Lena. — Ele revelou, cabisbaixo. — A imagem do rosto dela quando saí de lá, fica repassando o tempo todo na minha mente. — Desviou o olhar; as íris imersas. — Me olhava cheia de esperança, como se dissesse: "Confio em você, sei que não vai me decepcionar".

— Vamos conseguir, Felipe. Vamos confiar, vamos ter fé.

— Sei que Nita vai fazer de tudo para trazer os dois de volta. Mas e se todo o esforço não for o suficiente? E se...

— E se, e se, e se... Não vamos por esse caminho. Não vamos arruinar nossas esperanças com "E se".

— Estou inseguro. Estive pesquisando, essas coisas não são fáceis.

— E não são. Mas Nita tem respaldo financeiro para deixar as coisas mais "fáceis"

Inseguro, ele assentiu.

— Vai ficar tudo bem. Vamos aguardar e confiar.

Ele anuiu mais uma vez, suspirando e relaxando os ombros, antes de dizer.

— Tudo bem, não nos resta outra saída.

— Não, não nos resta.

Dei um riso de lábio cerrado, e puxei o controle de sua mão.

— Vamos assistir enquanto esperamos a vídeo chamada de Nita. Já estou morrendo de saudades.

Ele fez uma cara de esgar. Falei:

— Eu tenho pena da Lena.

— Por quê?

— Por que ninguém merece um namorado que faz careta para um assunto de amor.

Felipe pigarreou:

— Lena não é minha namorada.

— Ainda.

— Você está parecendo o inconveniente do Lucas.

— E você está vermelho.

Sem poder evitar o constrangimento, Felipe levantou-se deixando a sala, praguejando enquanto subia os degraus em espiral.

Abri um sorriso divertido, ajeitando-me à vontade no estofado.

E, antes que eu devolvesse o áudio da tevê, o notebook à minha frente apitou.

Era Nita.

Joguei o controle para o lado e me inclinei para agarrar o notebook sobre a mesinha, sorrindo feliz.

## 35 CAPÍTULO SETENTA E CINCO

NITA.

**Essa foi a melhor** parte do dia, poder falar com Marcela, ver seu rosto, ouvir sua voz como se estivesse pertinho de mim. A saudade que eu sentia sufocava, ardia o peito, causava uma sensação terrificante de incompletude, como se algo estivesse fora do lugar. E estava. Marcela estava longe. Longe do meu toque, da minha boca.

Depois de tomar um banho relaxado, coloquei um roupão e me acomodei no meio da cama com o notebook. Estava eufórica para falar com ela.

Quando o rosto delicado encheu a tela, e vi os cachos lindos e avolumados caindo para os lados, meus olhos sorriram contentes, sentindo milhões de borboletas no estômago.

Então abri um sorriso amplo, que quase senti os cantos dos lábios alcançar a ponta das orelhas:

— Olá, vida.

— *Oiee* meu amor.

Demos uma pausa enquanto namorávamos a imagem uma da outra. Sorrisos abertos e olhares apaixonados, iluminava o momento de saudade.

— Não aguento mais, Nita. Não sei como estou conseguindo passar esses dias sem você. Está sendo uma tortura.

— Se te serve de consolo, também não aguento mais. Hoje toquei uma pra você.

— Você o quê? — Marcela riu.

— Eu estava na seca, meu amor. Muito necessitada.

Marcela ruborizou, mas seguiu rindo, negando com a cabeça.

— Está sozinha? Porque sua mãe, ou alguém, pode chegar e te escutar.

— Estou sozinha e precisando muito de você. Amanhã mesmo vou conversar com minha mãe sobre o que realmente vim fazer aqui.



Assisti quando ela respirou aliviada, feliz do outro lado, oferecendo o seu melhor sorriso.

*Put a que pariu! Que mulher linda da porra!*

— Está tão sexy com esse cropped, amor. Quero ver você, se inclina mais para trás, vai.

Mordiscando o lábio inferior, marcela afastou-se o suficiente para que eu a visualizasse melhor. Estava linda, gostosa demais.

Senti meu sexo latejar por baixo do roupão.

— Assim está bom para você? Consegue ver? — Perguntou com a voz sedosa, deslizando a alça fina da blusa e revelando um lado do seio.

Arfei, já toda quente, coração inquieto. A boca salivou, louca para sugar, lambe o bico espetadinho.

— Tira a saia. Quero ver você seminua. Dança pra mim?

Marcela virou o rosto, sondando em direção à escada enquanto ajeitava a alça caída. Exclamou baixo, sussurrante:

— Está louca! Estou na sala. E além do mais, não sei dançar. Dança você. Dança pra mim.

— Vamos entrar num acordo. Você dança e depois eu danço. Que tal?

— Não, não, não. — Negou veementemente, toda tímida. — Já disse que não sei fazer nada disso.

Acabei rindo e mudando de assunto, antes que eu começasse a arder e pegar fogo naquela cama. Ela ter ficado tão desconcertada a deixara mais atraente, com um *sex appeal* irresistível, tentador. E aspirei e inspirei fundo, afastando as sensações de volúpia. Conversamos amenidades, rimos bastante, falamos sobre o dia exaustivo uma da outra e, ao final, no momento da despedida, lamentamos muito a distância e a saudade.

— Vamos tentar nos falar por vídeo chamada todos os dias.

— A conexão é horrível. Tentei ontem, mas infelizmente não consegui.

— Eu tento, você tenta. Se não conseguirmos...

— Falaremos por ligação. — Concluí.

— Sim.— Confirmou, consternada.

Depois de encerrar a vídeo chamada, troquei-me e desci para me juntar à mesa. Dona Estela havia convidado meu tio Lorenzo e

sua esposa, e mais duas amigas. Não comentei nada com Marcela para não deixá-la ansiosa, mas naquela noite eu iria falar sobre nossa relação.

Desci as escadas, metida em um jeans frouxo, largado, e uma blusinha larga mostrando o abdômen. Os cabelos curtos, bagunçados, roçando no pescoço e na testa, e sem maquiagens no rosto. Eu detestava!

— Filha, não te serviu o vestido que deixei estendido na cama?  
— Minha mãe perguntou, tentando esconder o desconforto em me ver naqueles trajes displicentes.

Meu tio apenas riu, enquanto sua esposa e as duas mulheres elegantes, muito bem vestidas, olhavam-me como se eu fosse qualquer coisa, menos um ser humano sentado ante uma mesa que servia um manjar.

— Mãe, aquele vestido não tem nada a ver comigo. E aquela fenda no lado? Desculpa, mas entre colocar *aquilo* e andar pelada, eu prefiro a segunda opção.

— Lakshmi!

Meu tio Lorenzo sorriu abertamente e me segurei para não rir também.

— Não acredito que em um pouco mais de dois anos tenha esquecido os bons modos, filha. — Ela continuou ralhando, enquanto eu enchia o prato de comida.

Suas duas amigas entreolhavam-se depois me olhavam horrorizadas, pelo meu comportamento solto, sem filtro. Continuei ignorando-as, como se fossem duas pessoas insignificantes para mim. E eram.

— Mãe, vamos comer, porque depois quero ter uma conversa séria com você, muito mais importante do que vestir um vestido com uma fenda daquelas. — Exprimi uma careta.

— Não, essa definitivamente não é minha filha Lakshmi. — Ela retrucou em um tom dramático, quase teatral.

*Tem razão, mãe, é a Nita. Mas aos poucos você vai conhecendo e se acostumando a ela.*

Sorridente, meu tio trocou uma piscadela comigo e voltou a comer sua refeição.

Não houve mais nenhum assunto importante, ou crítico, enquanto comíamos. Cortei qualquer comentário ou insinuações das duas fofoqueiras, esnobes, sobre minha vida enquanto estive fora de casa. Ainda fui repreendida por dona Estela, que não se sentiu mais à vontade para seguir com o jantar e dispensou a sobremesa. Ficou constrangida com as perguntas impertinentes de suas duas convidadas e mais ainda com minhas respostas secas e duras.

Quando finalmente estávamos a sós, pedi para que sentasse no sofá retrátil. Sentei na mesa espelhada, de centro, e mudei a expressão. Passei a olhá-la séria, com um fio de tensão dando um nó no coração.

Minha mãe ergueu a sobrancelha bem feita, analisando cada traço no meu rosto.

Ela soltou um risinho gutural, quase que inaudível, e meneou a cabeça.

— Pode estar vestida nessas roupas esquisitas, sem fineza alguma, mas ainda reconheço esse olhar pedinte. E pelo o que posso deduzir, através dessas pupilas inquietas, trata-se de algo muito, muito importante e bastante sério. O que está acontecendo, filha?

— Mãe. — Me mexi no assento, vindo mais para a beirada da mesa. Segurei sua mão sem perder o contato visual com ela.— Se eu estou aqui, cheia de coragem para te pedir o que tenho que pedir, é porque eu acredito que ainda tenha aquele lado generoso, altruísta, que sempre teve. — Ela remexeu os ombros, curiosa. Com o olhar esmiuçado, permaneceu atenta a mim.— Sou uma outra pessoa, mãe. Uma nova mulher. O que vivi durante esse tempo que fiquei longe de casa, me amadureceu, me renovou. Fui presenteada com amores que me faz querer um mundo melhor, muito melhor.

— Filha...

— Não, ouça mãe. Só ouça por favor. É importante que você me ouça. E mais do que isso, que me entenda e ajude no que eu precisar. No que vou te pedir. Ou implorar se preciso for.

Ela assentiu. Depois ameaçou dizer algo, mas se arrependeu no último instante

Continuei falando. Falei dos momentos turbulentos que passei nas ruas, das encencas que arranjei, das lembranças que me

perseguiam pela perda de Drica e, por fim, mencionei Felipe, Lucas e Lena. Quando cheguei nessa parte da história, minha voz vacilou. Percebendo minha emoção, dona Estela deu-me um sorriso genuíno, massageando o meu dorso, tranquilizando-me.

Senti-me mais segura para prosseguir.

— Antes de continuar falando deles, quero que saiba de outra pessoa tão importante quanto os três para mim.

— Fala, filha. Te escuto.

Comprimi os lábios, amedrontada, receando uma possível má reação sua. O coração batia mais que nervoso. Respirei fundo.

— Estou namorando.

Minha mãe abriu a boca, ligeiramente surpresa.

— Quem é?

— Marcela. Minha namorada, e futura noiva, se chama Marcela. Marcela Bellini.

Dona Estela me olhava de forma que não consegui definir, decifrar no primeiro instante. E isso me angustiou. Estava séria, não piscava. Num repente, começou a lacrimejar, suavizar a feição. E para minha surpresa, ela ajoelhou-se no piso luxuoso e me abraçou, expulsando as lágrimas para fora.

— Me perdoa, filha, me perdoa por não ter defendido você do seu pai, quando revelou que estava namorando uma mulher, naquela maldita noite.

Abracei-a também, tomada pela emoção. Era como se ali, naquele momento, naquele abraço, ela tivesse dando o meu lugar no mundo.

## 36 CAPÍTULO SETENTA E SEIS

NITA.

**Eram emoções** entremeadas que se disseminavam e tocavam fundo. As lembranças que eu tivera da minha mãe nunca fora a de uma mãe participativa, que tinha interesse em ouvir minhas confidências. Sempre vivia pendente e subserviente ao meu pai, às condutas religiosas e morais que ele seguia.

Nunca pude partilhar momentos íntimos com ela. Falar sobre o primeiro beijo, a primeira transa, a primeira decepção amorosa. E ao tê-la em um abraço cheio de perdão, e concessões de arrependimentos, por suas falhas como mãe, fez-me sentir valorizada, bem querida, amada como nunca fui.

— Eu nunca fui uma mãe como deveria ter sido. — Confessou ainda sobre o meu ombro. — E não sei se ainda há tempo para ser, filha. — Afastou-se, mirando-me emocionada.

— O laço entre uma mãe e um filho é para sempre, mãe. Um filho sempre vai precisar de seus pais, ainda que este venha ter sua própria família um dia.

Concordou, consternada. Depois enxugou o rosto com as pontas dos dedos; seus cabelos lisos e, imensamente, longos caíam livres sobre o colo.

— Como é sua namorada? Quero conhecê-la, saber se é digna da minha filha. — Sorriu em meio as lágrimas remanescentes. — Por que não a trouxe?

Exibi um riso feliz; parte da tensão que me afligia desaparecera no instante em que minha mãe proferiu tais palavras.

— É complicado mãe. Eu queria muito que ela estivesse aqui, ao meu lado, me ajudando nessa conversa. Mas infelizmente, por razões de força maior, não pôde vir.

— Mas por que, filha? — Dona Estela perguntou intrigada, com o cenho quase franzido.

Com cautela, comecei a narrar tudo. Por partes. Expliquei como, e em que circunstância, conheci Marcela. Na relutância que

tive de me envolver com ela por conta da vingança que me cegava e o fato de ela ser casada. Em como meu coração não acreditava em viver um novo e puro amor.

Enquanto eu descrevia como tinha sido minha passagem no mundo das ruas, das dificuldades e privações pelas quais passei, juntamente com os meninos, dona Estela reagia abalada, surpresa, comovida demais. A ponta do seu nariz estava vermelho de tanto esfregar, tentando controlar as emoções que escorriam com facilidade.

— Mãe, criei um amor e um apego tão grande por esses meninos, que não consigo me imaginar longe deles. São minha família, a que Deus me deu. Precisam de mim, assim como preciso deles.

— Mas estão em um orfanato, Lakshmi. Filha, vão permanecer lá até atingirem a maior idade. O que pretende fazer?

Sem enrolação, fui direto ao ponto.

— Quero que você entre com o pedido de adoção. Por mim, mãe. Por mim.

Minha mãe ficou pálida, imóvel, sem reação. Depois levantou-se, como se disso dependesse que o cérebro processasse minhas palavras. Levantei também, muito atenta na mudez que se instalou, na inquietude dos seus passos.

— Filha.— A voz dela melindrou, muito baixa, descrente. — Você tem noção do que está me pedindo, Lakshmi?

— Nunca estive tão certa, mãe. — Aproximei, envolvendo-a pelas mãos, conduzindo-a ao sofá novamente.— Pode fazer isso por mim? Pode viajar até o Rio e entrar com o pedido de adoção? Pode, mãe?

Assisti quando engoliu em seco. Seu olhar era vacilante, muito receoso. Fiquei nervosa também, pois eu tinha consciência da magnitude de tudo isso. Talvez o mais justo seria dar um tempo para que ela pensasse, analisasse e decidisse.

— Apesar de eu ter pressa para resolver tudo, dou um tempo para você pensar. É o mais certo. Foi pega de surpresa, então o ideal é que pense com resp...

— Eu aceito.

— A-Aceita?— Gaguejei.

Minha mãe fez um carinho no meu queixo enquanto curvava os lábios em um sorriso gentil, generoso.

— Para você estar me pedindo algo dessa natureza, é porque deve ter muita importância e significar muito para você. Quando viajamos para o Rio? Agora fiquei muito curiosa para conhecer essa turminha que fisgou o coração da minha filha. — Sorriu mais abertamente, apesar de ainda estar um pouco assustada.— Conversa com Lorenzo. Peça para que ele indique os melhores advogados do país.

Acometida pela forte emoção, lancei-me com tudo em cima da minha mãe, abraçando-a, beijando-a em toda parte, extasiada por uma felicidade que pensei nunca poder sentir na vida. Não naquele grau de importância e intensão.

## 77 CAPITULO TRINTA E SETE

MARCELA.

**Felipe estava** radiante durante os dois dias que transcorreram.

Depois que voltou do orfanato, naquela tarde de terça-feira, contou como Lena e Lucas receberam a notícia de que Nita e a senhora Estela viajariam naquele mesmo dia para a capital do Rio. Eu também estava irrequieta, nervosa.

*Será que a Senhora iria gostar de mim?*

A dúvida ficou vagando na mente e, por mais esforço que eu fizesse, não conseguia afastar a sensação de tremedeira nas pernas e suor frio nas mãos. Já era finalzinho de tarde, mas o sol parecia não querer se pôr, era como se quisesse testemunhar a chegada do voo que só pousaria às 19h:00. Animado, Felipe colocava os manequins para dentro da loja, assoviando sem parar. Ria com as paredes. Os olhos brilhavam mais que qualquer raio solar de verão.

Fechamos a loja e partimos para casa. Ele tagarelava o tempo todo dentro do carro, cheio de ilusões.

— Tenho certeza que com a mãe de Nita à frente da adoção, Lena sairá daquele lugar logo, logo.

— Lena e *Lucas*, não é Felipe? — Sorri.

— Foi o que eu quis dizer. Lena e Lucas.

— Sei.— Neguei com a cabeça, sorrindo, muito feliz também.

Ele deu de ombros e voltou a papear sobre o assunto. Concentrei no trânsito que começava a abrir, cedendo espaço para a viela que levava ao bairro de casa. Dirigir no carro de Estéfan me causava um certo desconforto, mas depois que tive que vender meu Fiat, não tive alternativa.

Chegamos e, pela primeira vez, desde a sua morte, presenciei dona Rebeca sentada no sofá da sala, assistindo tevê. Felipe e eu relanceamos um para o outro e depois voltamos a dar atenção a ela, quieta no estofado. Acenei para Felipe, pedindo que subisse e nos



deixassem sozinhas. Ele assentiu e subiu as escadas, sumindo no hall superior.

— É bom ver a senhora fora daquele quarto. Sinal que está reagindo. Tentando, pelos menos. — Baixei e dei um abraço e um beijo em seu rosto, por trás do sofá.

Dona Rebeca continuou em silêncio. E não ameaçou, nem por um instante, quebrar a mudez.

— Poderia me ajudar com o jantar? — Sugeri, arrodando o assento, juntando-me a ela.— Lembra que contei que Nita chega hoje com a mãe dela? Queria fazer alguma coisa especial. O que minha sogra sugere?

Ela desviou o olhar da tevê para o piso acarpetado. Depois, muito mansamente, virou-se para mim.

— Não sou mais sua sogra, Marcela.

— Sempre vai ser minha sogra. — Falei sem vacilar.— Não consigo e nem quero vê-la de outra forma. E foi a senhora mesma quem pediu que eu nunca deixasse de chamá-la assim. Então, não repita nunca mais que não sou sua nora, e que não é minha sogra. — A emoção ficou entalada na garganta, querendo sair, mas me mantive resistente.— A senhora ouviu o que eu disse? — Indaguei, incisiva, sustentando meu olhar firme ao dela. — Mesmo que a mãe de Nita venha me tratar a pão de ló, mesmo que ela me considere uma pessoa querida, mas a senhora, dona Rebeca, sempre vai ocupar o lugar *mais* importante no meu coração em se tratando desse "parentesco".

E, como se minhas palavras tivessem o efeito de brasas aquecedoras em dias inverniais, ela sorriu enternecida, abrindo os braços para mim.

— Filha...

E ficamos assim, aconchegadas no abraço uma da outra pelo tempo que foi necessário.

Apartamos e, decidida, a ergui pelos cotovelos inquirindo-a a me seguir até a cozinha.

— Vamos. Vai me ajudar a fazer algo delicioso para as duas que vão chegar daqui a pouco. E não aceito NÃO como resposta, dona mocinha.

Minha sogra riu pela primeira vez desde há muitos dias; o som do seu riso ainda muito atingido pela tristeza do luto.

— Todos temos um espírito jovial dentro de nós. — Falei, referindo-me à palavra “Mocinha”.— Mesmo que os anos passem e a pele enrugue, a coluna dobre e a visão se turve, o espírito lúdico não desaparece, não muda.

Ela riu ainda mais, me deixando muito feliz por estar reagindo.

— Mas nesse momento estou mais para uma mãe que perdeu seu único filho.

Senti o peso de suas palavras, parei e a encarei.

— Não posso imaginar o quão grande é a sua dor, dona Rebeca, mas o que, sim, sei é que a senhora é muito forte.

— Não há fortaleza que permaneça intacta em uma mãe que perde seu único filho, filha.

Anuí, sabendo que ela tinha razão. Massageei seu braço, oferecendo um sorriso complacente.

— Vai ficar tudo bem. Não há absolutamente nada que o tempo não resolva, não ajuste.

Ela limitou-se apenas em assentir.

— Consegue me ajudar?

— Consigo, filha. Só toma cuidado para que eu não troque o sal pelo açúcar.

— Pode deixar. Ficarei atenta.

Pisquei e em seguida fomos para a cozinha. Depois de decidir o cardápio, coloquei a mão na massa, sempre com o seu toque experiente.

Queria ter ido receber a senhora Estela e Nita ao aeroporto, mas a própria Nita pedira para que as esperassem em casa. Sua mãe preferira assim, pois dissera não se sentir confortável em me ver pela primeira vez em um local tumultuado, sem sossego.

— Não precisa ficar nervosa e nem ansiosa, filha. — A voz de minha sogra era um pouco mais animada. *Só um pouco.* — Tenho certeza que a mãe da menina Nita vai morrer de amores por você.

— A senhora acha mesmo?— pausei o que eu estava fazendo, me virando para ela.

Sorrindo, dona Rebeca reafirmou.

— Sim, certeza absoluta.

Pisquei abobalhada, confiando nas palavras de dona Rebeca. Depois retornei às verduras.

Em menos de uma hora o filé Mignon, ao molho madeira, estava pronto. Para colorir a mesa, fiz uma saladinha simples. O arroz, com lentilha, dona Rebeca quem fez.

Tirei o avental e fui às pressas para o banheiro. Meu coração acelerava ansioso. Antes de subir o primeiro degrau, ainda mirei no relógio de parede.

E, àquelas alturas, Nita e a Senhora Estela já deviam estar a caminho.

## 78 CAPÍTULO TRINTA E OITO

NITA.

**Chegamos e eu** fui logo varrendo os olhos pela casa toda, procurando por Marcela, na ânsia de vê-la.

Rebeca disse que ela tinha corrido para o banho, e que logo, logo estaria presente.

No instante em que a Senhora acabara de proferir tais palavras, fui atraída pelo cheiro do perfume que eu adorava. Olhei para o patamar da escada e...

Marcela estava linda lá do alto!

Trajada em um lindo vestido acetinado, drapeado na cintura, sorriu para mim enquanto descia os degraus deslizando a mão pelo corrimão. Seus cabelos pareciam mais lindos e longos que nunca, presos, parcialmente, em um penteado delicado e romântico.

Tive que fazer um esforço sobre humano para não avançar em sua boca, trilhar beijos e carícias por seu pescoço, me embriagar com seu cheiro doce que já atiçava os meus sentidos.

Com polidez, minha mãe a estudou de cima a baixo. Com seu garbo e elegância, dona Estela abriu um sorriso gentil e acolhedor e cumprimentou Marcela com dois beijos no ar. Um em cada lado do rosto.

— Minha filha não errou. Você é realmente uma princesa.

— Minha princesa. — Falei, orgulhosa, cheia de saudades, me acomodando ao seu lado, envolvendo-a pela cintura, a tomando para mim.

Percebi um leve rubor fulgurar nas bochechas da minha mãe, mas tratei logo de fazer com que se sentisse à vontade.

— Mãe, sei que nunca estive diante de uma situação assim, em me ver com uma namorada. Mas por favor, não fique envergonhada ou qualquer coisa do tipo. Com o tempo você acostuma.

— Será que consigo? Acho que vou ficar com ciúmes.— Gracejou, arrancando sorrisinhos de todos.

— A senhora é...é muito bonita. Elegante, chique...— Marcela se manifestou, dizendo a verdade.— Parece até uma rainha contemporânea.

— Por favor, tire o "Senhora" chame apenas por "você" minha querida. — Minha mãe pediu, placidamente, com sua voz mansa e muito educada; parecia flutuar, de tão imponente e refinada.

Marcela assentiu com um riso fraco, esforçando-se para parecer natural, solta, interativa. Seus olhos *turmalinos* o tempo todo em minha mãe, deslumbrada, observando-a. Às vezes alternava entre mim e dona Estela, como se buscasse alguma semelhança física, ou algum traço de personalidade entre mãe e filha.

Fiz as devidas apresentações. Todos se cumprimentaram com simpatia e gentileza. Percebi Felipe um pouco tenso, olhava-me como se não existisse ninguém mais naquela sala, como se quisesse fazer mil e uma perguntas. Rebeca, apesar de ter sido muito receptiva amável, estava ainda muito abatida, semblante marcado pela dor da perda. Era visível seu esforço para manter-se locada, bem presente.

Logo depois nos acomodamos à mesa. Comemos, dialogamos entre uma garfada e outra e, ao final, minha mãe não poupou elogios ao filé mignon.

— Sei que pode soar como um comentário machista, mas não posso deixar de brincar com a ocasião: Já pode casar, Marcela.

Rimos, naturalmente, e minha mãe acrescentou:

— Estava divino! Depois você me passa a receita por escrito. Vou repassar para Michele, minha cozinheira.

— Obrigada. Mas não é justo o mérito ser somente meu, minha sogra ajudou.

Marcela voltou-se para Rebeca, na cabeceira da mesa; minha mãe perguntou, limpando o ar risonho.

— Sogra?

Marcela ia explicar, colocando uma mecha imaginária atrás da orelha.

— Mãe, expliquei tudo pra você, lembra?

— Claro que lembro. Desculpem-me se estou sendo inconveniente. Percebo que há uma conexão muito forte entre vocês duas, um carinho que se nota à primeira vista. E sem dúvidas, é

algo que se pode apreciar. — Dona Estela falou olhando de Marcela para Rebeca.— Isso é muito bonito, além de ser raro uma relação tão proveitosa e sem conflitos entre nora e sogra.

— Marcela é mais que uma nora. Considero como uma filha muito amada. — Foi a vez de Rebeca se manifestar, atraindo todos os olhares.

— E a senhora como uma mãe.

As duas se olharam, enternecidas, tocando-se nas mãos sobre a mesa.

— Devo ficar com ciúmes? — Minha mãe gracejou mais uma vez.

— Claro que não. — Marcela sorriu, ruborizada. — A senh...Você e eu ainda vamos ter a oportunidade de construir uma relação de nora e sogra.— Riu, comedida, mas muito sincera.

— Assim espero. — Minha mãe disse, dando uma piscadela cúmplice.

A conversa fluiu animada por mais um tempo. Na hora de retirar a mesa, Marcela se lastimou, levando as mãos à boca.

— Senh... Estela, perdoe minha falha de ter esquecido a sobremesa. Meu Deus, que vergonha.

Minha mãe riu.

— Não se preocupe, querida, estou de dieta mesmo.

— Sempre está, não é mãe? — Falei risonha.

— Mesmo assim. Afinal, o que é um jantar para convidados, sem uma sobremesa, gente?

— Deixa de bobagem meu amor. Minha mãe não liga para essas coisas. Apesar de ela ter ficado com água na boca, após eu ter dito que você faz um pudim de leite maravilhoso.

— Não, não, não. — Marcela negou com as mãos, veementemente.— Vou agora mesmo fazer esse pudim. Não posso deixar essa má impressão, assim, de primeira, logo no primeiro encontro co-com minha sogra. — Gaguejou.

Rimos, enquanto ela rumava para o depósito de alimentos na cozinha.

Minha mãe ainda fez menção de tentar intervi-la, mas a segurei.

— Deixa, dona Estela, ela está nervosa, agitada. Fazer o pudim fará com que se sinta melhor, se redima da "falha".

— Está certo, filha. — Minha mãe disse, leve e solta. — Eu posso entendê-la.

— Vamos para a sala. Acho que cabe todo mundo no sofá.

Nesse momento, Rebeca se pronunciou pela segunda vez naquela noite.

— Vocês me dão licença, mas vou subir e descansar. Senhora — disse ela, amavelmente, referindo-se à minha mãe. — Pode ficar à vontade. A casa é sua.

— Obrigada. Meus pêsames por seu filho. Lakshmi me contou.

— Quem? — Rebeca perguntou, de rosto franzido.

— Eu. — O rosto confuso virou-se para mim.

Ficou divagando seu olhar no meu, mas não perguntou nada. Parecia cansada demais para indagar sobre o nome que ouviu. Assentiu e se retirou. Felipe quis ficar, passeava de um lado ao outro; agoniado, afobado. Eu sabia que queria conversar sobre a adoção, sobre Lena e Lucas, mas tive que pedir que nos deixasse a sós. Ele aceitou, com a condição de que eu contasse a conversa no dia seguinte.

E assim aconteceu. Minha mãe, Marcela e eu ficamos sozinhas na sala, saboreando o delicioso pudim de leite.

— Quando viajam para São Paulo? Aquela casa enorme está esperando pelas duas! Pedi para Ana arrumar um dos quartos antes de eu embarcar. Eu mesma renovei a decoração. — Minha mãe falou, contente, depois de raspar o último pedaço de pudim no fundo do pires.

Marcela, que sorria feliz, depois de termos conversado seriamente sobre a adoção, congelou o riso e deixou a metade da sobremesa de lado.

Ajeitou-se ao meu lado e, antes de responder, deu-me uma rápida olhadela.

— Fez tudo isso antes de me conhecer? Arrumou um quarto para me receber antes mesmo de tirar suas primeiras impressões a meu respeito? — Ela indagou, quase emocionada.

— Sim. — Minha mãe respondeu. — Claro que me incomodava a ideia de que você fosse uma moça que não merecesse o amor da

minha filha. Mas mais do que isso, confiei no bom gosto da Lakshmi, em escolher alguém de bom caráter acima de tudo, e que tivesse como único propósito fazê-la feliz. E pude notar que você é tudo isso quando desceu daquela escada, Marcela.

Os olhos de Marcela marejaram. Ela piscou, expulsando a emoção materializada.

— Obrigada, Estela. Suas palavras significam demais.

— Agradeça fazendo minha filha muito feliz.

— Isso ela já faz muito bem, mãe. — Puxei o rosto de Marcela ao encontro do meu e a beijei. Por um momento ela correspondeu, muito apaixonada, mas logo se esquivou, encolhendo-se. Minha mãe também teve um leve rubor. Era tudo muito novo para as duas. Não pude deixar de sorrir da situação.

— Vou precisar beijar essa mulher muitas vezes na sua frente para que possa se acostumar, não é dona Estela? E posso começar agora mesmo se quiser. — Provoquei.

— Nita! — Marcela repreendeu.

— Nita? — Minha mãe questionou, unindo as sobrancelhas, ignorando minha provocação descarada.

— Sim.— Dei de ombros.— É o nome que escolhi quando vim para as ruas. Você sabe que nunca, sequer, simpatizei com Lakshmi, mãe.

— Filha, Lakshmi é a representatividade da vitória e do sucesso. E esse nome Nita, o que significa?

— Ah, não sei. Escutei por aí e adotei.

— É, já percebi que você gosta de adotar.

Rimos.

Depois, dona Estela voltou a insistir para que Marcela e eu mudássemos para Moema.

— Ainda não me responderam. Quando viajam para São Paulo?

— Estela — Marcela disse, apreensiva, carregando um certo cuidado na voz. — Eu agradeço pelo convite para ir morar com você na sua casa. Mas não posso, infelizmente. Minha vida está aqui. Tenho a loja, dona Rebeca que se encontra com as emoções um caos, e os meninos no orfanato.



— Acredite, eu entendo. — Sensibilizou-se minha mãe. Mas não deixou de se sentir entristecida.— Mas pense que pode ser muito conveniente para essa senhora se ausentar daqui, respirar novos ares, conhecer um novo ambiente onde possa afastar as más lembranças.

— Pode ser. E acredito que você tenha razão. Mas acho que ela não aceitaria. Quem sabe com o tempo eu a convenço pelo menos a visitar a capital paulista, mas agora, por esses meses, não creio que seja possível.

Vencida, minha mãe balançou a cabeça.

— Tudo bem, querida. Eu já imaginava que isso poderia acontecer quando Lakshmi me contou tudo, mesmo assim mantive a esperança e preparei o quarto.

— Continue mantendo a esperança. Quem sabe um dia. — Marcela esticou o braço, cobrindo o dorso de dona Estela com a sua mão.

— Além de simpatizar muito com você, passei agora a te admirar. Não é qualquer pessoa que faria o que você está fazendo.

— Por isso, e muitas outras coisas, que eu amo essa mulher, mãe. Agora você entende?

— Sim, filha.— Minha mãe respondeu, sorridente, assistindo o beijo apaixonado que eu deixava no canto da boca de Marcela.

Eu não sabia como iria fazer para assumir o legado do meu pai e ficar à frente da *Holding* em São Paulo, mas se Marcela decidira viver no Rio, eu também ficaria ao seu lado.

## 79 CAPÍTULO TRINTA E NOVE

MARCELA.

**De pé, atrás** do balcão da loja, estiquei o braço e apanhei o calendário de mesa e comecei a folheá-lo. Bem lentamente. Recusei a acreditar que exatos 11 meses havia se passado.

Estávamos em fevereiro de 2011.

A discussão que eu e Nita tivemos logo pela manhã, tinha me deixado cabisbaixa, ária. Fez-me questionar se eu realmente estava sendo o que ela acusou. Uma egoísta.

Poucas vezes chegamos a discutir com tanta intensidade, chegando a magoar uma a outra.

*"Você nunca vem aqui me ver. Sempre com a desculpa de que não pode, que tem a loja. Que não quer deixar Rebeca sozinha. Caramba, Marcela. E nós?"*

*"Não posso ficar me deslocando de São Paulo para o Rio toda semana"*

*"Tenho negócios para resolver e assinar todos os dias!"*

*"Você não quer se sacrificar também"*

*"Se não quer mais, se não quer vir para Moema, vamos terminar!"*

*"Lena sente sua falta"*

*"Lucas reclama da sua ausência, por não poder implicar com nós duas juntas"*

*"Você tem que se decidir, não dá para ficar desse jeito"*

Todas as coisas, as palavras, sua voz fadada, cansada, tudo ecoava na minha mente, me torturava. Deixava-me inquieta, em guerra com minhas próprias indecisões, sem realmente saber o que pensar.

Eu não queria deixar o Rio. Não porque eu resistia em trocar os cenários praiense, da cidade maravilhosa, por uma capital infestada de prédios enormes e ares poluídos, mas por causa de dona Rebeca que se recusava a me acompanhar. Dizia que eu tinha que seguir com a minha vida, que ela iria ficar bem, caso eu fosse

para longe. E ainda tinha o meu sobrinho. Eu estava esperando a chegada de Sandro Benner, do Sudão do Sul, da África. O pai de Ben. Ele era médico também, e havia deixado o Brasil para fazer parte da organização humanitária MSF — Médicos Sem Fronteiras — e essa espera já estava perdurando há mais de dois meses.

Minha irmã havia falecido a cinco meses. Conviver com sua perda estava sendo mais difícil do que eu imaginava. Estava me preparando para esse dia, tentando me resignar. Mas toda a fortaleza que construí durante a progressão da sua doença, desmoronou no momento em que ela deu a última lufada de ar, acamada, a centímetros de mim. Então me vi mais sozinha que nunca, questionando o universo e o dono dele. Nita estava ausente, não pôde estar comigo.

A verdade era que eu queria minha Nita de volta. A mulher simples que eu conhecera, que tinha tempo para mim, para nós. Não a mulher atolada de compromissos e tarefas laborais, arrodeada de papéis, e que se preparava arduamente para tomar a frente do império da família.

As circunstâncias mostravam que eu estava perdendo espaço em sua vida. O medo de ser substituída pelo poder empresarial, que a consumia a cada dia, me deixou insegura, indecisa. Questionei por várias vezes se eu conseguiria suportar tanta pressão.

Eu não tinha dúvidas do meu amor por Nita. Mas estávamos vivendo momentos diferentes. Ela já não era mais a Nita, era a Lakshmi.

— Filha. — Dona Rebeca aproximou-se do balcão, chamando minha atenção. — Pega o Ben e vai atrás dela. Para de se torturar achando que tem obrigações comigo.

Fiquei logo chateada.

— Não quero mais falar disso. — Falei, arrodeando o balcão. — Não vou embora daqui sem a senhora, já decidi.

— Deixa de ser teimosa, Marcela. Eu estou bem. Aos poucos irei me recuperando. Estou fazendo terapia toda semana, trabalhando, cuidando de mim. Faça o mesmo, cuide de você, filha.

— Não. Não e não! — Neguei, categórica. — A senhora e Benjamim são a minha família também. Não posso abandonar um

para estar com os outros. Não terei paz, tranquilidade, se eu for embora e a senhora ficar sozinha.

— Filha...

— Não. Já chega. Não tente me persuadir.

— Está jogando fora sua felicidade por causa de uma bobagem. E de São Paulo para o Rio são apenas algumas horas de carro. Pode vir quando quiser.

— Mas e a loja? Quem vai lhe ajudar? Onde encontrar alguém de total confiança para ajudá-la?

Dona Rebeca pensou por uns instantes, o olhar pousando no chão. Não teve nada a dizer.

— Está vendo! — Exclamei, cheia de razão.— Não pode ficar aqui sozinha. Cuidando disso tudo, so-zin-ha!

— Calma, filha. Você está tremendo. Olha sua hipoglicemia. — Ela se aproximou pegando em minha mão.

— Não quero perder minha namorada, mas também não posso e nem quero que a senhora fique de fora da minha vida. Não minto quando digo que é como uma mãe para mim.

— Tá, tudo bem. Suponhamos que mudemos para São Paulo, que eu venda tudo aqui. Nossa casa, a loja, tudo! Me diz, o que vou ficar fazendo lá? Tomando chá com sua sogra? Fofocando o dia todo com as pernas cruzadas e vendo revistas de modas? Ou mesmo lendo livros de Auto Ajuda?

— Pode montar sua boutique. Do jeitinho que sempre quis.

— E continuar morando em uma casa que, provavelmente, dá para se perder dentro? Ah, não, não Marcela. Não tem nenhum sentido, filha. Já ouviu o ditado, “cada macaco no seu galho”?

Eu iria retrucar, mas o choro de Benjamim nos interrompeu.

Ele estava esperneando, agoniado, dentro do carrinho. Corri para pegá-lo.

Quando o coloquei no ombro, senti cheiro de alojo, urina e côco. Tudo junto.

— Como você pôde fazer isso, Ben? — Fiz uma careta, torcendo o nariz; dona Rebeca ameaçou um riso, mas reprimiu.

— Por que ele não pode fazer uma arte de cada vez?

— Porque um bom artista é assim, filha. Faz várias artes ao mesmo tempo.

Eu não queria, mas sorri.

— Deixa eu ajudar. Troca a fralda que eu limpo o vômito.

— Vai ficar com o mais fácil. — reclamei.

Ela riu, divertindo-se com meu péssimo jeito em lhe dar com a situação.

— Já devia ter aprendido, se acostumado. Afinal, já tem cinco meses que está com ele.

— Eu sei. Mas é que ainda me atrapalho.

— Não é tão difícil trocar uma fralda.

— Com uma criança como o Ben, que fica o tempo todo esperneando, se retorcendo, é quase impossível. Somente com a senhora ele fica quietinho assim.

Ela negou, risonha, passando o último lenço umedecido no bumbum já limpinho.

— Pronto. Está cheirosinho agora. — Minha sogra falou, satisfeita e feliz. Ela tinha adoração por Benjamim, que quando estava em seu colo, ficava quieto, aconchegado, tranquilo.

— Acho que ele não gosta de mim.

— Bobagem, filha. É um bebê ainda.

— Os bebês sentem. São como os cães.

Ela negou com a cabeça outra vez, como se minhas palavras não passassem de bobagens.

— Vamos. Toma ele. Já está na hora de irmos. Amanhã tenho que acordar cedo para minha terapia.

Peguei-o no colo e fomos embora.

Meu dia terminou com uma sensação estranha, inóspita; um vazio que doía e apertava.

Esperei a ligação tão desejada e esperada, de Nita, mas não veio. Já era muito tarde, passavam das 23h:00.

Deitada de lado, ainda fiquei encarando o celular quieto sobre o travesseiro; meus dedos tamborilando na frente do rosto.

E com os minutos e as horas passando, meus olhos não conseguiram resistir à espera e se fecharam de vez, mergulhando num sono profundo.

## 80 CAPÍTULO OITENTA

NITA.

**Eu havia acabado** de sair do banho, cansada, com um humor péssimo depois de um dia intenso de trabalho. Tive a ilusão de que uma longa e quente chuva, aliviasse a sobrecarga das mais de 12 horas arroteada por uma dúzia de executivos. Mas, dessa vez, não aconteceu. Recusei a sentar à mesa para jantar, pois estava sem apetite algum para comer. Lena, Lucas e Felipe insistiram, mas eu permaneci irredutível.

A única pessoa que eu queria ali, que poderia extravasar todo o peso e desânimo que me consumia era Marcela. As costas suplicavam por uma massagem.

Eu não aguentava ficar um dia mais sem tê-la por perto. Já fazia duas semanas que eu não viajava para o Rio de Janeiro. Chegou em um ponto que não dava mais para conciliar. Estava tudo muito apertado, uma correria louca. Tudo perdia o sentido sem minha ruiva por perto.

Quando eu fechava os olhos para dormir, na escuridão do silêncio, a imagem dela enchia minha mente. O sorriso, a cor turmalina dos seus olhos, o perfume natural da sua pele, a voz doce e por vezes retraída na intimidade, causava um vazio e uma estranheza desoladora no peito e na alma.

Levada pela necessidade de ouvi-la, apanhei o celular e liguei. Eu só queria ouvir sua voz, saber como tinha sido o dia na loja, com Ben, pedir desculpas pela ligação de mais cedo na qual eu, levada pela saudade, a chamei de egoísta.

Já era bem tarde, mais de 23h:00. Liguei uma, duas, três vezes e nada. Marcela não atendeu. Preferi acreditar que estivesse muito cansada, e adormecido, e não que tivesse se recusado a me atender.

Com a frustração se aliando ao cansaço do dia, desliguei o abajur e deitei, lamentando o outro lado da cama larga estar vazio.

Desejei com todas as forças que ela estivesse ali, comigo, abraçadas ou fazendo amor, sexo, sacanagens.

No outro dia acordei bem tarde, era domingo, mas ainda assim tinha que resolver algumas pendências laborais pelo computador. Delegar funções era, basicamente, a pior parte de tudo

Depois de ter feito a higiene matinal, desci para cumprir a promessa de levar os meninos para passear, ter um pouco de lazer.

Minha mãe estava em um cruzeiro com mais duas amigas, estávamos sozinhos na imensa mansão. Os meninos passavam o dia fora. Depois de cumprirem o horário escolar, cada um seguia com suas outras rotinas. Felipe e Lucas iam para a academia de artes marciais, e Lena para suas aulas de inglês e francês. Ela adorava estudar, dedicar-se aos estudos e a tudo que englobava a literatura em geral. Tinha fascínio em conhecer e aprender coisas novas, interessantes. Em contrapartida, a outra dupla de fanfarrões só queria saber de lutar. Eu ficava de olho, orientando, sempre, que estudar devia ser prioridade. Pois a educação ainda é a única esperança desse país.

— Ainda bem que você chegou. Não aguentava mais ter que assistir essa melação. — Lucas reclamou, me encontrando no último degrau da escada.

Sentados, Felipe e Lena arremessaram duas almofadas na direção do amigo, e Magrelo ainda mostrou o dedo do meio. Lucas desviou-se, e um dos objetos acabou me acertando.

— Se dona Estela visse vocês jogando as almofadas dela assim, iria botar os dois pra correr daqui. — Falei, me jogando no outro lado do estofado.

— Esse é o único dia que temos para conversar direito e esse mal amado fica de graça o tempo todo.

— Conversar não, *se pegar* você quer dizer. — Lucas retrucou, sem a menor intenção de parar com suas rabugices.

— Chega, gente. — Levantei, caminhando para a sala de estar.— Quero pelo menos forrar o estômago para poder começar a ouvir as implicâncias de vocês.

Os três me seguiram e sentaram-se à mesa também.

A mesa estava farta. Um verdadeiro manjar matinal, com tudo laminado. E mais uma vez, sentada em frente a tanta fartura, me

veio lembranças da nossa vida nas ruas, do perrengue, da miséria, dos riscos, de toda a luta para sobreviver. E também da dificuldade que foi para conseguir resgatar Lena e Lucas do orfanato. Não fossem a doutora Katherine e o doutor Daniel, não teríamos conseguido em pouco menos de seis meses. Há casos que perduram anos quando se trata de adoção.

— Sei que já fiz essa pergunta, mas quero ouvir vocês novamente. Como se sentem com tudo isso aqui? Não só isso, mas a vida que vocês têm agora. Estudos, o esporte, e todo esse conforto.

Os três entreolharam-se, e como da primeira vez que fiz quase a mesma pergunta, há cinco meses, ficaram sérios, sensíveis ao responder.

— Para falar a verdade, custo a acreditar que seja real. — Foi Lena, a primeira a falar.— Quando estou nas minhas aulas, com um monte de gente legal, e também pessoas não tão legais, penso que estou sonhando. Aí aproveito cada instante. Estudo muito, foco no que tenho que fazer, aprender, porque acho que vou acordar a qualquer momento.

— Também não acredito. — Foi a vez de Felipe responder, segurando na mão de Lena sobre a mesa.— E eu sou muito grato a Deus, a minha mãe lá no céu, e a você Nita. E claro, à sua mãe também.

— Às vezes acho que não mereço nada disso. Mas nem tudo são flores aqui. — Lucas falou, fazendo com que todos enrugassem a testa. — Ter que suportar a melação desses dois quando estão juntos e mais os suspiros de Felipe na hora da luta, é o preço que eu tenho que pagar por estar recebendo tanta graça.

— Cara, você é ridículo. — Felipe disparou, jogando uma bolota de massa de pão no amigo. — Vou ferrar com você amanhã na luta.

Lena e eu sorrimos dando de ombros. Depois comentei.

— Mas você tem razão, Lucas, nem tudo são flores.

O trio percebeu que eu me referia à ausência de Marcela. Lamentaram-se.

— Ela vai acabar mudando de ideia, Nita, confia.

— Ela não quer deixar a velha lá.



— Tudo vai ficar bem, vocês se amam, e o destino não pode conspirar contra um amor como o de vocês, tão bonito. — Lena foi a última a falar, tentando me confortar.

Assenti para todos, mesmo com a esperança abalada. Acabei dando o assunto por encerrado e partimos para um domingo de lazer.

## 81 CAPÍTULO OITENTA E UM

MARCELA.

**Acordei às 5h:09** da manhã com os resmungos de Ben. Pulei sonolenta, da cama, e corri para o berçário.

— O que foi dessa vez, meninão? — Perguntei, ao que ele tentava alcançar o brinquedo dependurado no móbile do berço. Estava irritado por não conseguir tocar na guitarra de LED, as perninhas curtas esperneavam e os braços se agitavam para o alto.

Afrouxei mais a cordinha e ele aquietou, quando as mãozinhas conseguiram agarrar o brinquedo neon.

Rumei os olhos para a janela, a claridade do dia ainda era pálida, minguada.

Deitei na cama e varri o braço pela espessura da colcha, tentando tatear o celular.

*Eu tinha certeza que havia posto em cima do travesseiro.*

Nada. Nem sinal do aparelho. Coloquei a cabeça para fora da cama e apalpei o piso no escuro.

— Arrá! Te peguei. — Falei baixinho, quase em sibilo, para não alarmar Ben.

Rolei no colchão, ficando de peito pra cima, e acendi a tela para saber as horas. E quando me deparei com três chamadas perdidas de Nita, dei um salto da cama retornando na mesma hora.

*Meus Deus, ela ligou...*

Sorri, espantando de vez o resquício de sono que eu ainda sentia.

A ligação se perdeu antes da primeira chamada. Encarei a telinha novamente e...

*Aparelho desligando...*

— Argh!— Rosnei, irritada comigo mesma.

Praguejei repetidas vezes, apalpando a estante, procurando o carregador com pressa.

*Ela me ligou. Três vezes. Não está brava comigo.*

Sorri, toda atrapalhada.

Imprensei o aparelho contra o peito, enquanto eu procurava o que precisava; coração saltitando alegre, feliz.

Eu não sabia lidar com brigas e desavenças. Ficava me sentindo péssima, ansiosa, querendo fazer as pazes.

Peguei o carregador e enfiei na tomada. Deixei carregando e fui trocar Ben.

A fralda estava cheia. Desajeitada, me enrolei como sempre para limpá-lo, mas acabou dando tudo certo. A fralda sempre ficava torta, mas não o bastante para vazar cocô e xixi.

E seu pai, hein, meu amorzinho? — Indaguei, os olhos pequenos brilhavam tão perto dos meus.— Quando ele chega? Não quero me apegar a você mais do que já estou apegada, Ben, para depois ele vir e levar você. — Ele choramingou, empurrando as perninhas. — Sei que sou desastrada com você, meninão, mas não sei se consigo acordar e olhar para o lado e não te ver, meu pequeno. Acordar aos pulos e correr para o berçário. Já acostumei com suas reclamações *fora de hora*. — Ralhei.

Ben parou de remexer nos meus braços e passou a me observar; os olhinhos brilhavam inocentes. Sorri para ele, ele sorriu de volta. Voltamos a papear.

Depois que o celular havia carregado 5% , retornei a ligação para Nita. Estava animada, louca para fazer as pazes de vez, resolver nossos problemas e ficar num clima bom. Fiquei tão feliz, que não lembrava que ela sempre deixava o aparelho desligado antes de dormir.

Deu caixa postal.

A frustração me levou a afundar na ponta da cama, arriando os ombros, desapontada.

Tombei as costas para trás, e puxei o ar, chateada, lamentando as três chamadas perdidas que não atendi.

— Está vendo? Devia ter esperado um pouco mais, Marcela. Por que você foi dormir? Por quê? — Me recriminei em voz alta, estapeando a cama.

Esfreguei o rosto e parei de lamentar. Era domingo e, possivelmente, Nita acordaria tarde. Levantei e aproveitei que Ben estava quieto, distraído com a luz do pisca-pisca, e tomei um banho

rápido para assistir alguma coisa na tevê. Ainda era muito cedo, mas eu não iria conseguir dormir mais. E nem Benjamin deixaria.

Depois do banho tomado, descemos para a sala. Fiz sua mamada, e enquanto ele mesmo segurava a mamadeira, sentado em seu banquinho cintado, liguei a tevê e estreitei os olhos para a enorme legenda abaixo.

*“A criminosa, e agora ex detenta, Renata Falcão, fugiu nesta madrugada de domingo após enforcar uma das carcereiras de plantão com seu próprio cacetete”.*

Boquiaberta, inclinei o corpo para frente, espalmando a mão tensa no peito. O coração já batia desgovernado, num misto de pânico e profundo medo. Levada por um instinto de alerta, corri até a janela, esquadrinhando o lado de fora. Não havia ninguém à espreita. Nenhum carro suspeito, ninguém estranho.

Reforcei ainda mais a segurança da janela e a da porta principal, que costumava ficar sempre encostada.

*Meu Deus, não é possível!*

Minha mente se recusava a acreditar.

— Será possível? — Balbuciei, muito assustada. — Não pode ser...

Fiquei atenta ao noticiário. A foto de Renata enchia a tela da tevê.

*Sim, era ela. Não havia qualquer dúvida.*

Meus olhos não piscavam, vidrados, secos, acompanhando o repórter que noticiava em frente a penitenciária.

— Droga, não pode ser! Isso...isso... Não, não pode ser.

Ainda muito chocada, eu não conseguia aceitar mesmo com os fatos na minha frente.

— O que foi, filha?

Dona Rebeca apareceu por trás de mim, me assustando, causando mais alvoroço na minha pulsação.

Depois do susto, arfei aliviada por ela ter aparecido de repente, estar presente. Mas a boa sensação não durou. Logo ouvi mais relatos de que Renata havia assassinado mais três policiais de guarda. Segundo o jornalista, ainda não se sabia nada sobre seu paradeiro.

Soltei o ar; minhas mãos estavam geladas, úmidas.

*Meu Deus, não pode ser, não pode ser.* — A mente repetia, em polvorosa.

— Filha, o que você tem? Parece que está vendo um fantasma e não mais uma dessas notícias pavorosas, de violência, que nunca acabam. É chocante, eu entendo, mas não...

— É ela... Ela fugiu, dona Rebeca, ela...

— Ela quem? — Minha sogra ajeitou os óculos, mirando para a tevê. — Quem fugiu, filha?

— Aquela mulher. A que sequestrou Lena e depois tentou acabar comigo e com Nita.— Virei para ela, muito assustada, olhos alarmados.— A mulher que... matou seu filho.

Dona Rebeca abriu a boca, em choque, jogando-se no sofá. Senti a dor se misturar à revolta, em cada traço que se enrugava no seu rosto.

Negou, veementemente, ao olhar com bastante atenção para a tela. O jornal voltou a mostrar a imagem, estampada, de Renata novamente.

*"Quem ver, ou tiver alguma informação do paradeiro dessa meliante, pode ligar para o número disponível no inferior do seu vídeo. Manteremos sua identidade em total sigilo"* — Finalizou o âncora do telejornal local.

Estarrecida, levantei e andei pelo espaço da sala.

— Como podem ter deixado essa assassina escapar assim? — Ouvi a voz inconformada de dona Rebeca; lágrimas marejando seus olhos. Levantou-se agitada.

— E se ela vir atrás da gente? Como vamos viver tranquilas? — Perguntei, amedrontada, os pensamentos e coração a mil.

— Acha que ela pode vir atrás de você?

— Tenho certeza. Essa mulher é muito perigosa! Me odeia de graça! Me odeia porque sente um amor doentio por Nita. Ela quer vingança!

Dona Rebeca baixou a cabeça, parecia pensar, encontrar uma saída. Depois disse:

— Não podemos ficar presa dentro de casa por medo, Marcela. Temos que ir até a delegacia e contar tudo. Pedir que nos mantenham seguras, sob proteção policial.

— Acho que a senhora não entendeu a gravidade da situação. Essa louca maníaca seria capaz de ludibriar meia dúzia de policiais, facilmente. Não viu do que foi capaz? Matou uma carcereira, três policiais e fugiu de dentro de uma penitenciária. — Alteei a voz, histérica.

— E o que faremos? Não podemos ficar enclausuradas aqui dentro, filha, em nossa própria casa.

Tentei me acalmar, clarear as ideias.

Nesse meio tempo, dona Rebeca passou a me observar. Depois aproximou-se atraindo meu olhar assustado.

— Não vejo solução mais segura que você viajar para São Paulo. Você tem que ir, Marcela. Você e Benjamin. Não se preocupe comigo, filha, passo um tempo na casa da minha irmã, no interior do Rio, depois quando as coisas se acalmarem...

— Não. A senhora não vai pra interior algum. — Falei, decidida. — Ou vamos juntas para São Paulo, ou ficaremos aqui, *enclausuradas*.

## 82 CAPITULO OITENTA E DOIS

NITA.

**O domingo** foi uma farra!

Passeamos no shopping mas a atração maior foi a visita ao Catavento, o novo museu da capital inaugurado há quase dois anos. Felipe e Lucas se encantaram logo de cara. Ficaram afoitos quando deparamos com veículos de épocas em exposição. Aeronaves, locomotivas, e várias réplicas de carruagens históricas se exibiam no enorme salão de entrada.

Mais adiante, passamos por todas as seções interativas de artes, ciências e conhecimentos. Foi, literalmente, uma viagem pela criação do universo, da física, e da natureza com sua diversidade e beleza infinita de animais históricos e contemporâneos.

Lena ficou deslumbrada quando entramos num simulador de nave espacial e depois em um submarino. Viajamos pelo universo intersidereal, com todos os seus cosmos e astros, e depois pelo misterioso mundo da biologia marinha. Ela se emocionou, apaixonada por tudo.

Pude me permitir um pouco de diversão e distração também, mas sempre imaginando Marcela ali comigo, ao meu lado. Meu fascínio em querer ver seus olhos apreciando a riqueza em cada arte, tornou-se quase uma vertigem.

Ao final, não pude deixar de lamentar sua ausência, a saudade que pesava, a melancolia sempre presente no final de um riso meu. A decepção, juntamente com a desilusão, deixou-me a maior parte do passeio introspectiva, por mais esforço que eu fizesse não conseguia evitar. Senti-me sozinha no meio de uma multidão.

Relanceei para o lado, Lena e Felipe estavam de chamego; olhares e sorrisos inocentes de um para o outro. Aquela era a fase mais bonita do amor; as primeiras descobertas, as sensações mágicas, despertadas, a pureza do sentir, do tocar, da entrega.

Fiquei absorvida na cena fofa dos dois. Lena era encantadoramente tímida, enquanto que Felipe se atrapalhava todo

ao tentar demonstrar o que sentia, ao fazer um carinho, dar-lhe um abraço. Quase sorri, ao vê-los no mundinho bobo e inocente deles.

— Eles não cansam?

Lucas emparelhou-se ao meu lado e cruzou os braços; os olhos fitos no casal.

— Não começa, *man*, deixa os dois. E logo vai ser você. Não dou um ano para aparecer com um rabo de saia. Ou um par de calças.

— Deus me livre! — Ele alteou um pouco a voz, fazendo o sinal da cruz.

— Que tolice, Lucas. Olha. Observa bem. Vê como são felizes juntos. Já reparou em como Felipe olha para Lena? O cuidado que sempre tem com ela?

— Claro. Pode ser bonito para vocês todo esse *mela-mela*, eu acho tudo muito cafona.

— Eu desisto de você. Quero ver se vai ficar sozinho para sempre.

— Quero ser astronauta.— Ele empertigou a postura, todo vaidoso.— Passar meses, anos, viajando pelo espaço. Ser astronauta é muito mais fácil do que ser...hã...chefe de uma família. E se eu tiver que chorar por alguém, lá de cima, pelo menos as lágrimas não vão melar o meu rosto.

— Você não existe. — Acabei rindo.

— Eu sou uma raridade.

Eu ia respondê-lo, mas o celular de Lena, tocando, chamou-me a atenção. Ela se afastou de Felipe para atender. Fiquei atenta, achando que fosse Marcela, pois sempre mantinham contato, conversavam, riam ao telefone. Meu coração até falhou as batidas, e se Lucas disse mais alguma coisa, eu definitivamente não havia escutado, prestado atenção.

— Quem era? — Perguntei, ansiosa, quando ela encerrou a conversa e voltou a se aproximar — Era...?

Ela negou com a cabeça, para minha total frustração.

— Era a Anna, uma novata do curso de francês.

Meus ombros decaíram, desanimados.

Meu olhar subiu do chão para Lena novamente e ela me ofereceu um sorriso confiante, cheio de esperança.



Com pouco ânimo, recusei o pedido de Lucas para ir ao zoológico. Falei que iríamos em outra oportunidade. Ele pareceu entender e dessa vez não fez nenhuma piada. E, além do mais, já eram quase 16h:00, não aproveitaríamos muito por lá com a chegada do anoitecer.

Tivemos que lanchar antes de voltar para casa. Não havíamos almoçado nada, distraídos com a visita ao museu. Senti Lena estranha, misteriosa, conversando por mensagens ao celular. Tentava disfarçar, mas percebi sua inquietude e ansiedade. Perguntei do que se tratava, mas ela repetia o mesmo, que conversava com Anna. Desconfiei, mas também não insisti. Não estava a fim de enchê-la de perguntas. Pelo menos não naquele momento.

Duas horas depois fomos para casa. E dentro do carro, Felipe também estranhou a inquietação da namorada.

— Sua mão está gelada. Por que está balançando a perna? Está nervosa, ansiosa com o quê, mascotinha? — Perguntou ele, mas carinhoso do que realmente preocupado.

— Não é nada. — Restringiu-se ela, a responder.

— Está parecendo um daqueles casos de novela em que a mulher recebe a ligação do amante na frente do marido, e daí fica pra sempre nervosinha.

— LUCAS! — Gritamos todos de uma só vez.

— Invejoso! — Felipe retrucou, quase chateado. Na verdade, ele estava muito feliz para dar vazão às bobagens do amigo.

Lucas riu.

— Gente, parem. Não comecem. — Lena tentou, como sempre, dispersar o clima.

— Não vejo a hora desse cara se apaixonar e nos deixar em paz. — Felipe desabafou, abraçando a namorada pelos ombros, beijando sua têmpora esquerda.

Acabei ignorando a confusão dos três, ou perderia a concentração no trânsito. Foram trocando farpas até chegarmos em casa. Não costumava ser nada sério, apenas Lucas que adorava manter sua língua sempre afiada e desnecessária.

Os três desceram, enquanto fui deixar o carro na garagem. O motorista estava de folga àquele domingo, mas guardar meu carro

no estacionamento era algo que eu gostava de fazer.

Passar pelo jardim, me fez sentir uma saudade repentina de dona Estela. Apesar de minha mãe viver no mundo da futilidade, sempre acabava me surpreendendo com seus modos altruístas e filantrópicos de, também, viver a vida. E assim, acabava ganhando minha admiração sempre. O lado humanitário acredito que herdei dela. E o de ter prazer em trabalhar, do meu pai. *O de brigar também*. O equilíbrio que todo mundo precisava ter na vida.

Por puro instinto, peguei uma rosa branca e a torei. Foi inevitável não lembrar de Marcela. Recordei a primeira vez que a ofereci uma tão bela quanto a que preenchia minha mão.

— Não aguento mais viver longe de você. Amanhã mesmo pego o primeiro voo para o Rio. Vou te trazer comigo, meu amor.

— Não precisa, minha morena. Estou aqui.

## 83 CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

MARCELA.

**No momento** em que os olhos de Nita se encontraram com os meus, me perguntei como fui capaz de ficar tanto tempo longe dela. Eu já sentia seu cheiro, o arrepio tocar minha pele, antes mesmo do abraço esperado, do entrelace, da junção dos corpos. Sem esperar um segundo sequer, rompi a curta distância que nos separava e me joguei em seus braços. Pela primeira vez em muitos dias, senti que encontrava a paz, a calma, a sensação plena de pertencimento. Senti que em seus braços era e sempre seria o meu lugar. Ela me recebeu, abraçou-me, como se eu fosse a coisa mais importante e preciosa do mundo. Apertou-me, se enterrou no meu pescoço e inalou o perfume dos meus cabelos. Eu podia sentir seu coração vibrando, com a mesma velocidade que o meu.

Aquele abraço foi o momento de sentir e entender, que não seria mais possível viver longe uma da outra nem que toda ou qualquer distância conspirasse contra. Sua boca voltou a encostar no meu pescoço, quente, saudosa.

— Olá minha delícia. — sussurrou ela, me apertando mais, beijando-me no ombro nu.— Não faz mais isso. Não fica mais longe de mim desse jeito. — Nita afastou o rosto para me olhar nos olhos. — Você merecia um castigo, Bellini. Vai ter que se esforçar muito para que eu possa te perdoar.

Não falei nada, não sorri, não graciejei.

Colei minha boca na sua e a beijei. Com paixão, saudade e total entrega. Ela recostou-me em um arbusto alto, e florido, e acomodou o joelho no meu centro, roçando no meu sexo. Afastei um pouco mais as pernas, toda mole, coração derretendo enlouquecido, pele arrepiando-se. Nita aprofundou o beijo e senti a força do desejo selvagem que exclamava dela, do tesão reprimido que parecia queimar.

— Não, calma. — Reuni forças, não sei de onde, tentando desgrudar meus lábios dos seus. — Alguém pode aparecer...

— Não aguento, juro que todo o meu corpo está queimando por dentro. Pega aqui, sente como estão.

Entreabri os lábios e deslizei as mãos por baixo da sua blusa solta, sem pressa, sentindo o calor de sua pele subindo pelos gomos do abdômen, firmes e fortes. O peito de Nita entrou em descompasso, quando meus dedos encontraram os mamilos duros. Depois apertei os dois seios pequenos que coube praticamente dentro das minhas mãos.

Minha vagina latejou forte quando ela arfou tão intensamente, entregue, jogando a cabeça para trás.

Recuperando uma migalha da razão, balbuciou:

— Vamos sair daqui...vamos para a garagem. Vem.

E saiu me puxando por entre as folhagens e flores do jardim, levando-me para uma área bem espaçosa, onde havia seis carros luxuosos. Recostou-me num Jeep verde-musgo e levantou minha regata com ânsia, desespero. Fiz o mesmo com sua blusa. Tínhamos pressa em apagar a larva vulcânica que queimava por dentro e por fora.

Arquentes, nos beijamos novamente, como duas lobas no cio, comendo, explorando lábios e línguas. A boca de Nita escorregou pela pele do meu pescoço, pela clavícula, e encontrou o seio durinho, pedrado. Levei uma chupada intensa e delirante que fez minha pulsação disparar e o sangue correr vivo pelo corpo.

Ela abocanhou o outro bico retesado causando um desequilíbrio desnorteante em minhas pernas.

Levantou minha saia jeans, até a cintura, e suspendeu minha perna esquerda. Inclinei mais o quadril para frente para que sua boca tivesse livre acesso a minha boceta, que pingava, latejante, inchada.

— Ah meu Deus... Ah...

Choraminguei sem poder evitar, louca, insaciada, querendo e tomando mais. Fiquei mole, com os sentidos bambos ao sentir a língua quente e experiente explorando minha entrada. Nita afastou a boca e escorregou dois dedos pelas minhas dobras até chegar na entrada e meter para dentro.

Fiquei alucinada, sendo devorada, consumida pelas arremetidas que me enchiam de prazer. Os dedos compridos me

fodiam com força, enquanto a outra mão erguida aliciava o meu seio. Miei como uma gata manhosa; sentindo o ventre em chamas.

Quando a ponta da língua acariciou o clitóris endurecido, explodi em um orgasmo alucinante. Gemi alto, trêmula, apertando as mãos em punho. Quase desfaleci quando sua boca bebeu, sugou devagar o gozo que derramava quente e espesso para fora. Senti como sua língua gostava, trabalhava para meu total prazer.

Apertou-me pela cintura e subiu, arrastando os lábios pelo meu abdômen, mordicando; depois pelo vão dos seios, até chegar a minha boca. Fez-me provar do meu próprio gosto, me beijando gostoso, fazendo com que eu engolissem a respiração ofegante.

Arrebatada pela sensação incrível do momento de prazer, me recriminei mais uma vez por ter ficado tanto tempo longe.

Mas não quis pensar muito naquilo. Estava ocupada demais.

Foi a minha vez de devorá-la, saciar o desejo que eu sentia arder em sua pele, na boca faminta, deliciosa. Empurrei-a contra um Hyundai, a pouco mais de um metro, e deixei-me levar pela saudade, pela ânsia visceral de dar prazer à mulher que me amava. Queria ouvi-la sussurrar, gemer também, entregue a mim.

Mas, antes que meus dedos tocassem sua boceta, senti meu punho sendo agarrado de repente. Nita paralisou, capitando alguém muito próximo nos chamando.

Era a voz de Lucas.

— Mas o que ele está fazendo aqui? — Ela perguntou-se, resfolegante, com os braços parcialmente abertos. Seu peito subia e descia, acelerado, arquejante.

— Dá para vestirem a roupa? Sei que estão aí atrás. Nuas!

— Isso só pode ser brincadeira. Puta que pariu! — Praguejou, indignada.

Tive a impressão de ouvir risinhos abafados do outro lado. Apressada, saí catando minha blusa e o sutiã do chão e me vesti.

*Por que ele é assim? Meu Deus! Por quê?*

Nita fez o mesmo. Vestiu-se e me puxou, arroteamos o capô e aparecemos. Ele estava recostado em um dos veículos, com os braços cruzados e uma das pernas dobrada, alcançado a parte inferior do *Porsche Cinza*.

— Eu sabia. Por isso não deixei que a mascotinha viesse.  
Vocês duas são tão previsíveis. — A voz escarniu .

— Você me paga, fedelho! — Nita espumou.

Lucas gargalhou muito alto, desencostando-se do carro.

Arrancamos dali, de mãos dadas, deixando as risadas galhofeiras para trás.

## 84 CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

NITA.

**Após algumas** semanas, Marcela conseguiu persuadir Rebeca a ficar de vez em São Paulo. Ela resistiu até o último instante, principalmente depois que soube da morte de Renatão pelo principal telejornal do país. Renata Falcão morrera em um confronto armado pela polícia Civil e Militar, que se uniram para conseguir pegar a marginal.

Rebeca foi cedendo aos poucos e, ao final, acabou aceitando morar de vez na capital. Mas, sob algumas condições. A primeira era não permanecer vivendo na mansão. A segunda, era ter sua loja de volta de alguma forma. Providenciamos as duas coisas. Ela optou por viver em um bairro mais afastado, e simples, de Moema. Marcela a visitava todos os dias, sem falha, durante os três meses que passaram voando.

Eu já estava à frente da *Holding*, mas ainda auxiliada pelo meu tio Lorenzo e também por um casal de chineses do setor econômico, que chegaram a comentar do desejo e necessidade de deixarem a empresa para voltarem a viver na China.

Marcela ficou a cargo de ser minha secretária pessoal. Não aceitou dividir um dos cargos de secretária executiva. Não se achou capaz, apta, sem antes estudar. Iniciou um intenso e longo curso para se preparar, o que me deixou muito orgulhosa de todo o seu empenho e máxima dedicação. Por vezes, eu me sentia culpada por ter insistido para que trabalhasse ao meu lado, comigo, convivendo no mesmo âmbito profissional. Mas essa foi a única maneira que achei para que ficássemos sempre juntas, aproveitássemos as sobras do tempo. Ela queria permanecer do lado de Rebeca, sempre pendente, auxiliando a ex sogra. Mas tive medo de que, por conta das minhas responsabilidades na *Holding*, toda a sobrecarga de deveres e compromissos do dia-a-dia, acabasse nos afastando, ou esfriando nossa relação. E o fato de ter uma equipe feminina de muita confiança e disposição trabalhando com Rebeca, em sua

nova loja, contribuiu para que eu conseguisse convencê-la a estar ao meu lado, tornando meus dias menos atormentados quando eu deixasse uma daquelas reuniões ou supervisões chatas e cansativas.

As horas em que Marcela tinha que sair para o curso, eram as piores do dia. Ter que ficar sem vê-la, mesmo que por poucas horas, já causava estranheza, o ambiente deixava de ser o mesmo.

Benjamim já não estava mais com gente. Marcela não queria entregar o sobrinho. Nutriu um amor e um apego muito grande pela criança. Ela estava disposta a ficar com ele, criá-lo. Era uma maneira de ter Marciellen por perto, de alguma forma. Mas, assim como ela, o pai também o amava e, sobretudo, o queria. Ele decidiu pausar, dar um tempo em sua missão na África para incluir Ben em sua vida, tê-lo bem presente.

Sobre o trio, bom, esses estavam cada vez mais independentes.

Felipe e Lucas permaneciam firmes nas aulas de artes marciais. Eu sonhava com ideias futuras de montar uma academia, para que ambos tomassem a frente quando tivessem maturidade e responsabilidades. Esse sempre foi um desejo meu, que alimentei, idealizei por muito tempo. Mas eu não contava com a morte precoce do meu pai, em ter que suceder seu lugar tão rapidamente. Na verdade, eu não esperava nunca. Apesar de eu ter estudado para ocupar seu lugar, torci para que esse dia não chegasse jamais.

Eu sonhava com o mundo da luta, dos octógonos, ser reconhecida como uma boa lutadora, ser referência, inspirar multidões de meninas e também meninos. E continuei com essa esperança até voltar para Moema e perceber, entender, que minha mãe não tinha a menor condição de comandar uma empresa de grande porte e movimentação financeira absurda. Sempre fora submissa às “futilidades” domésticas e ao casamento. Seu prazer era tomar chá e conversar frivolidades com amigas esnobes e de nariz empinado. O fato de estar em um cruzeiro foi ideia minha, pois percebi que a viuvez estava pesando em suas costas. Então ela se foi.

Meu tio Lorenzo era braço direito do meu pai, mas já está avançando em idade, cansado, querendo e precisando trabalhar



menos e descansar mais. E eu não podia fugir das minhas responsabilidades como herdeira. Não poderia virar as costas, fingir que sempre vivi nas ruas e viver uma vida comum, sem grandes incumbências e obrigações. Não estava fazendo o que eu tinha verdadeira paixão, que era estar envolvida no mundo do esporte, da luta. Mas, em contrapartida, eu tinha ao meu lado pessoas que eu amava, eram minha adoração.

Era final do mês de junho, noite de São João. Adiantei tudo na empresa, nos três últimos dias, trabalhando até tarde, para ter meia folga na quinta-feira. A tarde tinha sido uma correria. Tivemos que correr contra o tempo para comprar fantasias juninas para a festa da ocasião.

Já se aproximava das 19h:00 quando Marcela desceu a escada. Ela estava metida numa saia caipira curta, graciosa, bem avolumada, e um top xadrez no estilo ciganinha; os cabelos longos e trançados estavam jogados sobre os ombros, ornados com fitas de cetim coloridas.

— Ainda nem botaram os olhos em você e já estou morrendo de ciúmes. — Fingi estar enciumada, quando meu olhar parou na barriga à mostra e depois resvalou para as coxas dentro da meia calça. Estava uma gata. Sexy e gostosa. E toda minha.

— Estou tão feliz! — Exclamou, radiante, explanando o sorriso. — Vocês me fazem imensa e completamente feliz.

— Você está linda. Parece uma boneca. — Lena elogiou; estava fantasiada de chapeuzinho vermelho, com adereços juninos espalhados pela capa vermelha.

— Está muito bonita, mesmo mostrando demais as coxas. — Foi a vez de Felipe elogiar, cheio de pudores, ajeitando sua fantasia de lobo mal.

— E você Felipe? Como se sente com a ideia de que hoje a noite vai comer a chapeuzinho vermelho? — Lucas não perdeu a oportunidade de sacanear.

Antes que a confusão se alastrasse, intervi, chamando todos para ir festejar.

— Devia ter vergonha nessa sua cara. Inveja mata sabia? — Lucas não ligou. Continuou com o sorriso burlesco na boca, se divertindo às custas da irritação do amigo. — Está horroroso com

essa fantasia de astronauta. Muito cafona.— Felipe ainda zombou por cima do ombro quando atravessou a larga e alta porta.

Revirei os olhos, mas não exatamente pela corriqueira discussão dos dois, mas por estar me sentindo muito feliz. Já estava acostumada com esse morde e assopra de Lucas e Felipe, que sempre viviam entre tapas e beijos.

*Muito mais tapas do que beijos.*

— Você está um arraso meu amor, e muito, muito deliciosa. Que vontade de te morder. — Marcela falou, depois que todos já haviam entrado no carro. Ela ajeitou a gravata do meu terno caipira, todo enfeitado, e resvalou a mão pelo o meu cabelo lambido para trás.

— Está vendo? Somos um casal perfeito.

Ela assentiu enquanto sorria feliz, reluzente.

— Vamos?

— Vamos.

Piscou para mim e arroteou o capô. Partimos, para apanhar Rebeca, ao som de *Arrasta Pé*. O trio ia cantarolando alto, muito animado.

Chegamos e tudo estava incrível! Nos fartamos das típicas iguarias, assistimos as explosões das danças, dançamos juntos, divertimos como nunca. Até Lucas deu uma trégua, sumindo no meio da multidão. Enquanto que Felipe e Lena ficavam quase sempre ao alcance de nossas vistas, namorando, no cantinho deles.

Rebeca manteve-se à distância, nos dando privacidade. Mas parecia se divertir também, prestigiando as competições de danças, afastando a melancolia que sempre a perseguia.

Abraçada à minha namorada, com o queixo sobre sua cabeça, fechei os olhos e permiti que a mente viajasse no tempo.

Há dois anos, depois de toda a tragédia que acometeu minha vida, que me arrancou a fé no amor e na justiça, nunca imaginei que voltaria a alcançar a felicidade, a completude. Eu não era somente feliz, eu era completa e plenamente feliz.

*"A felicidade aparece para aqueles que choram.  
Para aqueles que se machucam.*

*Para aqueles que buscam e tentam sempre".*

Clarisse Lispector.

OBRIGADA A CADA LEITURA.

Rede social da autora. @rozze\_olliver ( instagram)

## Depois do fim – Epílogo.

09 anos depois.

Lena.

Sentada à mesa, esperando meu marido chegar, eu observava a agitação dos convidados que comentavam e se alegravam com o grande e tão esperado evento.

Era o dia do casamento de Lucas.

Com um sorriso de lábios cerrados, eu o assistia andar nervoso pelo amplo espaço do *deck*, dando ordens para que tudo saísse perfeitamente bem.

Marcela, sentada no colo de Nita, também o observava mais à distância. E assim como eu, se divertia com o nervosismo do noivo inquieto.

— Oi meu bem. Demorei?

Olhei por cima do ombro, tomando um leve sobressalto, quando Felipe chegou por trás, dando-me um beijo no pescoço.

— Não. Estava te esperando. Vamos tentar distraí-lo, antes que venha a ter uma taquicardia. — Falei, levantando-me e sorrindo.

Felipe era absurdamente alto, e teve que se curvar para selar minha boca num leve beijo, enquanto caminhávamos em direção a Lucas. Chegamos perto e meu marido não aliviou:

— E aí? Como está o coração da princesinha? Digo, do príncipe.

— Hoje não, Felipe. Não vê que estou nervoso, cara? — Lucas passou a mão na testa, limpando o suor inexistente. Puxou Felipe para um cantinho e girou, erguendo ligeiramente os braços.

— Como estou? Ficou bom esse terno? E a cor? Não seria melhor o preto?

Felipe soltou um riso, se divertindo às custas do nervosismo do nosso amigo.

— Relaxa cara, você ficou muito bem nesse cinza. Está um pouco amassado, mas não...

— Felipe! — Não aguentei e sorri também.

Marcela e Nita chegaram perto, grudadas uma na outra. Marcela estava linda, com o cabelo chapeado, bem liso e brilhante; o vestido longo arrastava-se com elegância, e leveza, pelo piso lustroso do deck.

Nita havia cortado o cabelo no dia anterior, deixando-o ainda mais curto que de costume, e estava trajada de forma mais casual.

— Quem era que fazia o sinal da cruz, dizendo que nunca iria casar? Quem, gente? Vocês lembram?

Todos riram, ao passo que Lucas revirou os olhos. Nita disse mais:

— Já pode ir chorar no espaço.

Ele ia se defender, até gesticulou para tentar, mas foi interrompido pelas mãos animadas que o agarraram por trás, depositando-lhe um beijo quase ao pé do ouvido.

— Não quis me alienar à tradição das noivas atrasadas, meu amor, já estou aqui, podemos casar agorinha mesmo. — Gracejou Marcos, virando Lucas para si e beijando-o na boca, de forma bem espalhafatosa.

— Ainda bem. — Lucas quase soprou um alívio. — Pensei que fosse me dar esse desgosto.

Todos riram.

Lucas ainda deu uma olhadela de cima a baixo para Marcos, e disparou apaixonado.

— Você está lindo. Perfeito!

— Eu escolhi o terno laranja. — Marcela confessou. — disse a ele que iria gostar.

— Ficou maravilhoso. — Ele voltou a elogiar, girando o noivo que sorria de orelha a orelha; beijaram-se mais uma vez.

Instantes depois, o juiz pediu que os noivos se aproximassem. Todos se acercaram, amotinando-se para assistir a cerimônia.

A senhora Rebeca e dona Estela vieram se juntar também, pareciam conversar muito animadamente, sorrindo e gesticulando o tempo todo.

E para a completa alegria de Marcela, Benjamin estava conosco também. Durante duas vezes ao ano, ele vinha do Sudão da África para passar as férias com a tia. Ela fazia questão, e sentia-se imensamente feliz com as visitas longas do sobrinho tão amado e

querido. O juvenzinho havia acabado de sair da sala do buffet, pela terceira vez, com as mãos e a boca cheia de doces.

Tudo estava impecável. Bem ornamentado, com músicas instrumentais de fundo.

Depois de tudo, apreciamos a festa, dançamos e, quase ao final, não perdi a oportunidade de noticiar para todos, inclusive para Felipe, que estávamos esperando nosso primeiro filho, após anos de tentativas. Ele explodiu de felicidade, abrindo uma garrafa de champanhe que acabou borrando no meu vestido *Tie dye*. Depois carregou-me aos gritos. Rodopiamos ao som de palmas e felicitações de todos os convidados presentes.

Nita, Marcela e Lucas se aproximaram e, juntos, sob festejos dos demais, nos envolvemos em um longo e especial abraço, pois foram testemunhas do quão grande era meu desejo de me tornar mãe e Felipe de ser pai.

Rede social da autora:

@rozze.olliver ( instagram)



